



Ilusão

TRILOGIA OS MONTENEGRO I



JAS SILVA



Ilusão JAS SILVA
TRILOGIA OS MONTENEGRO I

ILUSÃO

Trilogia *Os Montenegro*

Vol. I

JAS SILVA

Copyright © 2016 Jas Silva

Capa: Dri K. K.

Revisão: Valéria Avelar

Revisão Final e Copidesque: Carla Santos

Diagramação Digital: Carla Santos

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[*Prólogo*](#)

[*Capítulo 1*](#)

[*Capítulo 2*](#)

[*Capítulo 3*](#)

[*Capítulo 4*](#)

[*Capítulo 5*](#)

[*Capítulo 6*](#)

[*Capítulo 7*](#)

[*Capítulo 8*](#)

[*Capítulo 9*](#)

[*Capítulo 10*](#)

[*Capítulo 11*](#)

[*Capítulo 12*](#)

[*Capítulo 13*](#)

[*Capítulo 14*](#)

[*Capítulo 15*](#)

[*Capítulo 16*](#)

[*Capítulo 17*](#)

[*Capítulo 18*](#)

[*Capítulo 19*](#)

[*Capítulo 20*](#)

[*Capítulo 21*](#)

[*Capítulo 22*](#)

[*Capítulo 23*](#)

[*Capítulo 24*](#)

[*Capítulo 25*](#)

[*Capítulo 26*](#)

[*Capítulo 27*](#)

[*Capítulo 28*](#)

[*Capítulo 29*](#)

[*Capítulo 30*](#)

[*Capítulo 31*](#)

[*Capítulo 32*](#)

[*Capítulo 33*](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Epílogo](#)

[Obras da autora](#)

[Biografia](#)

[Contato](#)

Prólogo

MARIANA

Lisboa, Portugal.

Meu rosto se contorceu em uma careta inevitável, a notícia que Guilherme havia acabado de me dar do outro lado da linha me deixou apavorada e todos aqueles sentimentos confusos que há muito tempo não me incomodavam apareceram com força. Eu me vi obrigada a procurar algum apoio por causa do choque repentino e quando dei por mim já estava deslizando pela parede e envolvendo os meus joelhos buscando por conforto.

— Mariana? — Guilherme chamou ao perceber que eu me mantinha em silêncio. Nós dois nos conhecíamos desde que eu era uma garotinha, mais precisamente desde quando convenci meu irmão a me deixar ter aulas de equitação no haras do pai dele. Quatro anos mais velho do que eu, ele passou o restante das nossas férias me ensinando tudo sobre cavalos e montaria, e depois, quando comecei a participar das minhas primeiras competições, eu o tomei como meu treinador. — Você escutou alguma coisa do que acabei de te dizer?

— Eles parecem felizes, Gui? — perguntei ao invés de responder, ciente do quanto isso deveria estar sendo difícil para ele. Guilherme sempre foi bastante protetor comigo e isso piorava consideravelmente quando esse assunto vinha à tona.

— Eu não sei, e você sabe como sua irmã é, Mariana — Gui falou tentando me poupar de mais sofrimento enquanto eu lembrava da frieza de Isadora sem conseguir entender a razão pela qual nós nunca conseguimos nos dar bem. Isadora sempre foi mais ligada ao Marcos, nosso irmão mais velho, ela fazia tudo para agradá-lo e nunca precisou se esforçar muito para ser o centro das atenções. Sua beleza e elegância faziam isso sem que minha irmã precisasse sequer abrir a boca.

Não que eu tivesse inveja dela, longe disso. No fundo, a personalidade de Isadora era contida demais e eu me orgulhava dessa diferença gritante entre a gente, gostava de não ter amarras, de correr riscos e nunca me importei com o que os outros pensavam a meu respeito. Seria terrível ser alvo de toda a atenção que ela recebia como porta-voz da Montenegro, a mídia e a alta sociedade a retratavam como se ela fosse a pessoa mais perfeita de todo o universo. Mal sabiam eles que por trás de toda aquela segurança e educação não existia nada mais do que uma mulher oca por dentro.

Que outro motivo haveria para ela agir por todos esses anos como se não me suportasse?

— E ele, Guilherme? Você acha que... — Parei, tendo dificuldade de admitir a possibilidade de que ele poderia sentir algo por ela. — Será que ele a ama? — Gui respirou fundo do outro lado da linha, não aceitando a ideia de que eu ainda pudesse sofrer pelo Henrique.

A questão é que, no fundo, eu sempre imaginei que teria mais tempo para resolver minha situação com o Henrique e que, quando conseguisse finalmente voltar ao Brasil, seria apenas para lutar pelo nosso futuro, juntos. Mas pensando melhor agora, com mais calma, eu sabia que o que me fez adiar a minha volta, não era só o risco do Marcos não me aceitar em casa, o problema era que eu tinha medo de ser rejeitada novamente.

— Eu não sei — Guilherme respondeu e eu fechei meus olhos deixando minha mente ser arrastada para o passado. Um passado que eu vinha ignorando por quase cinco anos, desde que Marcos, Isadora e Henrique me expulsaram de suas vidas.

Cinco anos antes...

Eu não entendia o que estava acontecendo essa tarde, mas estava começando a ficar preocupada. Depois de horas treinando com Zeus, eu não estava nem um pouco contente, meu cavalo parecia mais cansado do que eu e seu desempenho ao saltar os obstáculos de costume não fora nada bom.

Puxei a rédea para que ele recuperasse o fôlego, Guilherme já havia pedido para que eu diminuísse as horas de treinos, toda essa pressão não estava fazendo bem a nenhum de nós dois. Mas teimosa como eu era, não sossegaria até ter de volta a confiança em meu cavalo. Então, mesmo exausta, eu me inclinei sobre ele e acariciei sua crina macia, o acalmando.

Como uma das amazonas mais promissoras de Santa Catarina, eu tinha medalhas de ouro suficiente em meu currículo para ser a principal aposta no campeonato nacional que Zeus e eu participaríamos dentro de alguns meses. Isto é, se meu cavalo cooperasse e se Marcos não cumprisse a ameaça de cortar os custos dos cuidados necessários dele e das viagens que fazíamos juntos.

— Uma última volta, amigo, e eu prometo que te deixo descansar — falei e voltei para a posição, eram apenas doze obstáculos, nós já havíamos feito isso tantas vezes hoje, que eu já nem sentia mais minhas coxas e bunda. Tudo que eu queria era tentar uma última vez, liberar Zeus e ir direto para casa, me enfiar em uma banheira quente, com sais de banho relaxantes e esquecer do mundo.

Assim que finalizamos o circuito cavalguei até a cerca de onde Guilherme me observou pela última hora, ele era, sem dúvida alguma, a pessoa em que eu mais confiava nesse mundo, tanto como treinador quanto como amigo. Ainda de longe fui capaz de notar seu olhar na direção da sede do haras e a curiosidade me fez virar para conferir o que tanto prendia sua atenção. Contive minha respiração sem esconder a felicidade ao me deparar com Henrique, parado, em frente ao seu carro esportivo me encarando.

Minha boca ficou seca e, de repente, senti como se milhares de borboletinhas voassem dentro do meu estômago, meu coração acelerou me deixando agitada e eu imaginei, mais uma vez, como seria a sensação de ser tomada por aquele homem, como seria tê-lo se movendo sobre mim. Eu não era ingênua, com meus dezenove anos já tinha tido um namorado e feito esse tipo de coisa, mas o desejo que sentia pelo Henrique era diferente, ele acendia meu corpo de tal maneira que eu achava impossível que ninguém a minha volta notasse.

Ele me deixava tonta, com a adrenalina a mil, minhas partes mais íntimas respondiam à sua presença sem o menor pudor e por vezes eu fazia questão de deixá-lo inteirado sobre cada um dos meus desejos. Não via motivos para esconder minha paixão dele, mesmo sabendo que Marcos me mataria caso descobrisse o quanto meus sentimentos eram intensos e impuros em relação ao seu amigo.

— O que ele está fazendo aqui? — perguntei ao Guilherme, que agora me encarava com uma carranca no rosto. Gui era o único a saber sobre a minha paixão e eu sabia que ele não gostava nada, nada, dessas loucuras que eu fazia para estar perto do Henrique. Acho que no fundo, ele tinha era medo de que eu passasse dos limites e acabasse me metendo em encrenca, mas eu sabia me cuidar, sempre soube e por mais difícil que o Henrique fosse, eu tinha absoluta certeza de que um dia ele seria todinho meu.

— Negócios, meu pai tem dois puros-sangues que o interessou, eu acho. — A preocupação do meu rosto se dissipou dando lugar a um sorriso de satisfação.

Eu adorava o fato dele compartilhar a mesma paixão por cavalos que eu, sempre acreditei que esse fosse algum tipo de sinal, mas Henrique nunca levava a sério os meus achismos e declarações. E da mesma forma como eu nunca perdia a chance de correr atrás dele, ele nunca perdia a chance de me rejeitar e de me colocar em meu devido lugar. Não que isso me desanimasse, eu era louca por ele há tanto tempo que nada disso me chateava mais.

— Eu vou levar o Zeus para o estábulo, Gui — disse rapidamente sem nem sequer esperar por uma resposta e corri em direção aos estábulos. Se eu conseguisse ser rápida, talvez o convencesse a me dar uma carona até minha casa. Tinham dois dias que eu não aparecia por lá e que acabava passando a noite no casarão do haras após os treinos, esse era o meu refúgio, o único lugar onde eu me sentia acolhida, principalmente quando minha própria casa ameaçava me sufocar. Apesar de ser meu lar, eu nunca me senti à vontade, a casa era uma antiga mansão localizada em um dos bairros mais nobres de Joinville, mas tudo o que eu conseguia ver era uma prisão.

Depois da morte dos meus pais, foi Marcos quem assumiu a minha guarda e a de Isadora, e consequentemente o controle da empresa que ele insistia ser o nosso legado. Só que eu discordava, não sentia como se nada daquilo tivesse a ver comigo. Minha paixão eram as competições, os desafios e os riscos que tudo aquilo envolvia, isso sim fazia meu sangue ferver, me fazia sentir viva. E eu só tinha que rezar para que, em algum momento, meu irmão entendesse que tirar isso de mim, seria como tirar a minha vida.

Ao me aproximar do estábulo, desmontei de Zeus e o levei para dentro, ali ficavam apenas alguns dos melhores puros-sangues do haras. A família do Gui era bastante conhecida na região pela criação de cavalos de excelente linhagem, além de possuírem uma das melhores pistas para treinamento de hipismo. E Zeus, além de ser o presente mais especial que ganhei em toda a minha

vida, dado pelo Guilherme, no meu aniversário de quinze anos, também era um puro-sangue inglês legítimo.

Como de costume, escovei sua crina e o recompensei com alguns cubos de açúcar mascavo que ele tanto gostava enquanto memorizava rapidamente os pontos em que precisaria me focar no próximo treino. Por fim, passei as mãos pela calça de montaria para limpá-las e me virei pronta para ir atrás da minha carona, quando um baque forte quase me fez cair para trás. Eu tinha acabado de bater de frente no Henrique e se não fosse por suas mãos firmes me segurando, eu estaria estatelada no chão a essa hora.

Quando me dei conta de que era ele e do quanto estávamos próximos, eu tentei fazer com que meu coração não me envergonhasse tanto, mas as batidas estavam tão altas, que eu juro que qualquer pessoa a metros de distância conseguiria escutá-las.

Aqueles olhos escuros me lançaram, me atraíram e seu cheiro invadiu todos os meus sentidos, fazendo meu corpo derreter por inteiro em suas mãos, ele tinha o típico cheiro de homem... *O meu homem.*

HENRIQUE

Analisei o rosto de Mariana enquanto a segurava, tendo total consciência do erro que cometi ao vir atrás dela no estábulo. O que eu deveria ter feito após fechar o negócio e adquirir dois bons exemplares de *PSI*^{III}, era ter entrado em meu carro e saído daquele lugar sem olhar para trás, porque essa garota era sinônimo de problemas.

Me irritavam esses seus jogos, os flertes descarados e as tentativas de sedução que ela não fazia questão de esconder de ninguém. Minha vida já andava demasiadamente complicada nesse momento para que eu me deixasse levar pelas ilusões de uma garota que não só era 12 anos mais nova do que eu, como também não fazia a menor ideia das bobagens que dizia. Como ela podia dizer estar apaixonada por mim se não me conhecia a fundo? Se nunca tinha estado em minha cama? Isso simplesmente não entrava na minha cabeça.

Como atual diretor financeiro da Montenegro, eu tinha um compromisso com o Marcos, encostar um dedo sequer nela poderia pôr tudo a perder: a minha carreira e o meu autocontrole. Ela não valia isso tudo. Fora que eu não passei todos esses anos à sombra de um Montenegro, para chegar agora e perder a cabeça por uma garota de dezenove anos, que não fazia a menor ideia de quem ela estava provocando.

Depois de ver meu pai perder tudo o que tínhamos por causa da bebida, eu jurei que reergueria o nome da nossa família, trazendo de volta o respeito que merecíamos. Não que fôssemos abastados como os Montenegro, mas sempre fizemos parte da alta sociedade, pelo menos até que todos ao nosso redor nos virassem as costas e passassem a nos desprezar, por estarmos falidos. *Esses malditos ricos esnobes agiam como se a pobreza fosse uma doença contagiosa.*

Por isso, agora estando tão perto de tudo o que eu almejava, não deixaria ninguém se impor em meu caminho. Claro que ser um dos principais diretores da Montenegro me dava bastante poder, isso deveria ser o suficiente, levando em conta a vida desgraçada que eu tive, mas eu queria mais. Nunca fui de me contentar com pouco. E era por isso que eu tinha que manter distância dessa garota a todo custo, ela era um desastre prestes a acontecer e eu não me deixaria ser arrastado para esse mesmo caminho.

Claro que eu precisaria ser cego para não ver o quanto ela era deliciosa. Seus esforços em me seduzir não surtiam muito efeito, mas isso não significava que eu não reparava em cada pequeno detalhe dela, aquela cabeleira longa e preta, sempre domada por um alto rabo de cavalo, o seu corpo curvilíneo definido pelos anos de equitação... A forma como ela se movia e corava, como se tivesse acabado de sair de uma boa noite de sexo selvagem. Ela era agressiva quando queria algo e isso não era bom, me excitava e distraía, me obrigando a manter em mente, o fato de que ela nunca seria o tipo de mulher que esquentaria a minha cama. Eu fugia de complicações atualmente e meu tempo era dividido entre trabalho e mais trabalho, e tudo o que eu podia oferecer a qualquer mulher que fosse, era uma ou duas noites na minha companhia, não mais do que isso.

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou, ainda atordoada por causa do choque. — Meu irmão te mandou? — disse desconfiada, e eu a xinguei internamente. *Eu não era a porra de mensageiro nenhum!*

— Não sou o garoto dos recados do seu irmão, Mariana — falei irritado, mas sem soltá-la. *Por que raios eu não a soltava?*

MARIANA

Sorri satisfeita pensando que se ele não tinha mensagem nenhuma para me dar, então só podia estar aqui por minha causa. Com a boca seca, eu o encarava como se ele fosse o único capaz de suprir todas as minhas necessidades: sede, fome e luxúria... porque não tinha outra explicação, eu já tinha desistido de compreender as reações do meu corpo a ele, era como se um campo de força existisse e seu magnetismo sempre me levasse até ele, me puxasse. Independente de quantas pessoas estivessem em um salão, eu sempre acabava sendo atraída exatamente para o seu lado.

— Está aqui por mim, então? — Não consegui disfarçar a excitação em minha voz, enquanto procurava em seu rosto rígido algum sinal de que ele se sentia igual. O sangue queimava em minhas veias e toda a minha pele formigava. Incrível, mas essa era a mesma adrenalina que se apossava do meu corpo durante as competições.

— Pelo amor de Deus, Mariana! — Ele me afastou como se eu tivesse falado algum absurdo e do nada seguiu para fora do estábulo do Zeus. Consciente de que essa era a melhor oportunidade que tinha aparecido até hoje, eu o segui decidida.

— Eu quero você, Henrique — murmurei, fazendo-o parar bruscamente. Dei alguns passos me aproximando dele por trás e passei minhas mãos pelas suas costas firmes, até chegar a lapela da

frente do seu terno feito sob medida. Desejei que não houvesse roupa nenhuma entre a gente, que fosse apenas pele com pele, suor com suor. — E eu quero tanto que dói, eu... — Me assustei com a rapidez que tudo aconteceu, de repente ele se virou e me empurrou novamente para dentro, fechando a porta de madeira com a perna ao passar. Apesar de alarmada com a sua reação brusca, eu senti prazer ao ser pressionada contra a cerca que dividia as cabines, foi selvagem, quase proibido... E minhas pernas já cansadas fraquejaram ainda mais.

— Porra, garota, você tem pedido por isso... — Henrique rugiu ainda com o quadril colado ao meu, segurei minha respiração agitada enquanto o olhava boquiaberta. Sua ereção foi forçada contra minha barriga, e nem mesmo as nossas roupas conseguiam impedir que eu o sentisse. *Meu Deus!* Tentei falar alguma coisa, mas não consegui, eu estava presa encarando aquele homem, a forma como ele me olhava... Nunca ninguém havia olhado assim para mim e eu não sabia se deveria me deleitar ou sentir medo.

Cada pensamento que rondava minha cabeça, desapareceu quando ele desceu seu rosto e tomou o controle dos meus lábios, a maciez da sua boca se contrapondo com o beijo agressivo que ele me dava, e por um momento eu me senti tola, nada que eu tinha experimentado até hoje se comparava a forma como Henrique estava me fazendo sentir. O poder que emanava dele, a dureza dos seus músculos escondidos sob a roupa, a barba roçando a pele do meu rosto. Isso o tornava único. Me contorci em seus braços, agoniada pelas mordidas que ele deixava em minha boca e em um ímpeto fui virada de costas enquanto sua mão me levava a arquear sobre a cerca. Um único sussurro em meu ouvido e ele me tirou sons que eu sempre me achei incapaz de fazer, gemi como se nunca tivesse sido tomada... como se ele fosse a minha última salvação... Não me importei um só minuto por estarmos prestes a transar no estábulo do haras, nem por saber o que Marcos faria comigo se descobrisse, tudo o que eu consegui pensar era em tirar proveito do seu lapso e tomar tudo o que ele estava disposto a me dar. Depois de tanto tempo tendo meus sentimentos rejeitados, eu me dei conta que essa talvez fosse a única forma de me aproximar dele, fazer com que ele enxergasse a verdade sobre a gente.

Encolhi-me surpresa, quando ele passou os braços em volta do meu corpo, pressionando seu membro duro contra a minha bunda, e com as mãos desabotoou minha calça, forçando-a pelo quadril, até que estivesse em meus joelhos, seguida pela minha calcinha que ele demorou um pouco mais para descer. Pude sentir seu olhar sobre o meu corpo e quando o som rouco do seu gemido preencheu o lugar, eu fechei meus olhos perdida nas sensações de desejo.

Senti uma vontade inexplicável de implorar, de pedir para que ele fosse rápido, que não demorasse a me dar o que eu tanto queria, mas não consegui e permaneci apoiada sem coragem de me virar, sem coragem de olhar naqueles olhos e descobrir o que ele realmente estava sentindo.

HENRIQUE

Desci sua calcinha lentamente e com uma perna afastei as coxas de Mariana, deixando-a aberta para o que eu tinha em mente, o fato de ela estar tremendo me deixou fora de mim. Por instinto, conferi se ela estava úmida o bastante para me receber e quando senti sua lubrificação se espalhando

por suas coxas eu me enterrei dentro dela de uma só vez. Eu fui do céu e ao inferno ao sentir seu corpo em volta do meu, minhas mãos seguravam seu quadril, a empurrando para frente e para trás, o som das estocadas se misturavam com os que ela fazia enquanto nossos corpos se uniam. Mariana começou a se contorcer desesperada sob mim, porque eu não a soltava e nem diminuía o ritmo, indo cada vez mais fundo, comecei a senti-la me sugando, se abrindo para me receber e se fechando para que eu não saísse de dentro dela.

— Puta que pariu! — xinguei alto quando me dei conta da merda que estava fazendo, nós estávamos simplesmente ultrapassando todos os malditos limites, e mesmo transtornado eu teria que ser um louco para afastá-la. Não sei se Mariana conseguia sentir a minha raiva, mas seus gemidos estavam cada vez mais roucos e fracos, seu corpo mole sendo segurado pelas minhas mãos, e mesmo assim, tinha certeza de que esse era o sexo mais ardente que eu tinha tido até hoje.

Quando ela gozou, vi seus dedos ficarem brancos de tão forte que ela os apertou contra a cerca em que estava apoiada, senti todos os seus tremores e gozei em seguida, saindo daquela nuvem que havia me cegado completamente. *Só que agora a sensação era pior do que a de antes...*

MARIANA

Com as pernas bambas, eu me virei para ficar de frente para o Henrique enquanto subia minha calcinha e calça. Minha cabeça estava zozua e tudo o que eu queria, era escutar sua voz e ser abraçada por ele. Eu queria passar a noite ao seu lado, fazer amor novamente e descobrir todos os segredos daquele homem que tinha acabado de tomar tanto o meu corpo quanto a minha alma de uma forma definitiva.

— Henrique...

— Merda! Nem pense em abrir a boca agora, Mariana — ele esbravejou antes que eu dissesse qualquer coisa e se afastou como se eu o enojasse, não me importei em um primeiro momento, eu sabia que seria difícil para ele lidar com tudo isso, mas talvez se nós dois tentássemos conversar nos entenderíamos, não é?

Só que por azar, os sons de passos no corredor nos deixaram em alerta e a situação saiu do meu controle, quando a figura tensa e grande do Guilherme apareceu.

— Eu não acredito que você tocou nela, seu desgraçado! — o grito ecoou pelo estábulo, e tudo o que eu consegui ver foi Guilherme avançando no Henrique. *Merda!* Em um impulso me coloquei entre os dois e apoiei minhas mãos no peito do Gui para que ele parasse. — Eu vou quebrar a sua cara, seu filho da puta! — ele gritou novamente.

— Não, Gui, por favor — pedi, e por alguns instantes o senti tentando se controlar.

— Não pense que eu me sinto orgulhoso do que acabei de fazer, porra! A questão toda é que ela vem implorando para isso acontecer e não é de hoje... — Tentei não levar suas palavras a sério, e percebi que elassó deixaram Guilherme mais irritado. O corpo alto do Henrique se dirigiu à saída e

antes que Gui avançasse nele como pretendia, eu segurei seu rosto e o fiz olhar diretamente para mim.

— Me escuta Gui, deixe ele ir. — Uma briga entre os dois só iria piorar a minha situação com o Henrique agora, eu pensei.

— Como você pôde deixar ele fazer isso com você, Mariana? — Eu não senti vontade de responder, a única coisa que eu via nesse instante era Henrique se afastando sem nem ao menos me olhar. *Porcaria!*

HENRIQUE

Escutei as últimas palavras do Guilherme e me fiz a mesma pergunta. Como um homem como eu, foi capaz de possuir aquela garota daquela forma? Eu havia me comportado como um animal com ela.

— Maldição! — esbravejei acelerando o carro pela estrada de blocos ao sair do haras. Até a maldita camisinha, eu tinha esquecido. Soquei uma e outra vez o volante, irritado, buscando pelo controle que tinha perdido essa noite, isso nunca tinha acontecido antes. Mas aquela voz... e aquelas palavras... Eu era um filho da puta, mas que Mariana vinha buscando por aquilo ela vinha, fora que eu já estava cansado de ser provocado. Bom, eu tinha acabado de lhe dar o que ela praticamente implorava para ter, então por que eu sentia como se tivesse cometido o maior erro da minha vida?

Cheguei ao meu apartamento, joguei meu paletó no sofá e arranquei a gravata que me sufocava, fui até o bar pegar uma bebida, de uma passaram para duas, depois três... *Assim como o seu pai, seu idiota!*, uma voz amarga sussurrou em minha cabeça, me mostrando que eu não era tão melhor assim como pensava. Quando dei por mim, estava embaixo do chuveiro, completamente bêbado e com o membro duro só de me imaginar dentro daquela *bruxinha* de novo.

MARIANA

Guilherme me tirou do estábulo e me levou para o quarto de hóspedes onde eu costumava ficar quando dormia no haras, eu sabia que, além de muito puto, ele também estava muito preocupado comigo. Por isso, encontrá-lo na cama me esperando assim que saí do chuveiro, não foi nenhuma surpresa. Me embrulhei no roupão quentinho quando o vi e sequei os últimos fios molhados do banho. Seu rosto ainda estava vermelho de raiva e era tudo minha culpa, mas eu teria que ser muito louca para estar arrependida do que fiz essa noite, tudo o que eu conseguia pensar era que finalmente tinha quebrado uma das inúmeras barreiras que o Henrique colocou entre a gente.

— Valeu a pena, Mariana? A forma como ele saiu e te deixou, valeu realmente a pena deixar ele

te usar? — Valeu, porque eu apreciei cada detalhe do que fizemos, foi desejo mútuo, incontrolável... e eu queria muito repetir!

— Você pode não entender, mas eu acho que o amo, Gui. — Não tinha outra explicação para a conexão que eu sentia, nunca tive isso com nenhum outro homem, pelo menos agora conseguia entender toda essa atração, não era só sexo, não podia ser, não é?

— E ele? Você acha que ele também se sente assim? — perguntou incrédulo, mas eu preferia acreditar que mesmo que ainda não fosse amor da parte dele, nós estávamos caminhando para isso.

— Ele veio atrás de mim, não veio? Eu não o obriguei a transar comigo... Henrique nunca vai admitir, Gui, mas eu duvido que ele não tenha percebido que existe algo mais entre a gente — falei otimista enquanto penteava meu cabelo.

Guilherme se levantou, e eu me dei conta de que não saberia o que fazer sem ele. Gui era o meu único conforto depois das brigas com meus irmãos, era para os seus braços que eu corria quando algo dava errado e era ele quem cuidava de mim quando me metia em encrencas. Eu o amava muito e sabia que ele se sentia da mesma forma.

— Eu me preocupo tanto com você, morena. — Gui me abraçou por cima do roupão. — Odiaria te ver saindo machucada dessa história. — Eu também odiaria, mas quase nada me fazia desistir de algo que eu realmente desejasse. E eu desejava o Henrique, agora mais do que nunca.

Nós tínhamos feito o sexo mais explosivo de toda a minha vida, isso significava alguma coisa, não é?

— Eu te amo, caubói — murmurei baixo e me virei para abraçá-lo de frente. — E eu sou forte... você sabe.

— Pessoas fortes também caem, morena, elas também caem.

No dia seguinte...

Acordei com o meu celular tocando e para não atender enfiei a cabeça embaixo do travesseiro, não estava preparada para o mundo real ainda. Eu tinha ficado com o Gui até de madrugada jogando conversa fora e precisava de mais algumas horas de sono, se quisesse estar animada para o treino dessa tarde. Suspirei aliviada quando o toque parou, mas a entrada brusca do Guilherme no quarto, me mostrou que hoje definitivamente não seria o meu dia. Ele passou seu próprio celular e eu temi atender já sabendo que era o Marcos na linha.

— Estou aqui, Marcos — respondi e a tensão que o rosto do Gui refletia, provavelmente era a mesma que a do meu. Os gritos começaram, a raiva de Marcos era grande e tudo porque eu não tinha voltado para casa na noite passada, como prometido. Afastei o telefone e coloquei no viva-voz, o deixando despejar todo seu ódio.

— Eu volto hoje, tive um imprevisto ontem...

— Você tem uma hora para estar aqui, Mariana, nem um minuto a mais — ele falou em tom ameaçador. Era assim que ele lidava comigo, à base de ameaças e me deixando com medo.

— Estou indo. — Saí da cama e comecei a reunir minhas coisas, eu estava sem carro, e até atravessar a estrada de terra e o pequeno trecho de rodovia para chegar na cidade eu teria que ser rápida. Uma ordem não cumprida de Marcos significava alguma privação para Zeus e para mim.

— Relaxa, eu te levo — Gui falou e eu quis agarrá-lo para não soltar nunca mais, mas isso teria que esperar.

— Obrigada.

Minutos mais tarde, eu estava em frente à mansão em que morei a minha vida inteira, portões de ferro bronze se abriram e se eu não soubesse o quanto essa casa era enclausurada, eu poderia dizer que esse lugar se parecia muito com o paraíso. Havia árvores e jardins por todo o caminho e uma fonte circular no centro ao estilo romântico inglês que era completamente incrível. A casa de três pavimentos, com enormes janelas e colunas romanas era extravagante em muitos aspectos, e já estava na família há tantas gerações que era um dos maiores orgulhos do Marcos. Suei frio ao ver o carro dele e de Isadora estacionados na garagem externa, pensando que um confronto com os dois era tudo o que eu não precisava para começar meu dia.

— Boa sorte — Gui desejou e antes de sair do carro eu voltei.

— Você vem hoje, não vem? — perguntei esperançosa.

— Não sei, Mariana... — Eu era uma egoísta por pedir isso também, ele tinha passado os últimos três dias comigo, sua *namorada do mês* deveria estar querendo me matar com toda certeza.

— Tudo bem, eu me viro. Vá curtir sua namorada — falei incomodada, sabendo que se insistisse um pouco mais ele a deixaria e me acompanharia essa noite, mas não seria justo. Pelo menos, não depois da raiva que eu o fiz passar na noite anterior. Dei um beijo em seu rosto e sorri para deixar claro que eu estava bem e saí para *o meu julgamento*.

Entrei em casa e o silêncio me deu boas-vindas, fui direto ao escritório do Marcos para acabar logo com o tormento e poder me ver livre. Bati na porta e quando me deixaram entrar, encontrei uma Isadora impassível e um irmão furioso andando de um lado para o outro.

Senti-me mal por um instante e observei o escritório ao meu redor. Havia sido nessa sala que eu descobri que tinha perdido a única pessoa que parecia me amar nessa casa: meu pai. Marcos não morava com a gente na época, ele estudava em São Paulo e quando nossos pais morreram se viu obrigado a abandonar tudo e se tornar responsável não só pelos negócios da família, como também por duas garotinhas que se odiavam. Aqueles foram os piores dias da minha vida, e mesmo em um momento trágico como aquele, minha irmã parecia saber exatamente como se portar e agir. Ela não chorou, não gritou... Muito diferente de mim. Eu me vi sozinha de repente, meu irmão quase não ficava em casa, Isadora me ignorava como se eu não existisse. E quando a dor pela perda se tornou insuportável demais para uma garota de sete anos lidar, eu não aguentei e tentei buscar conforto nos braços dela, quis que ela me abraçasse, que agisse como qualquer irmã normal agiria em um momento como aquele, mas ao invés de me consolar, Isadora apenas me afastou e pediu que eu não a tocasse, nunca.

— Estou aqui — falei dizendo o óbvio e quase não me incomodei com o fato de ela não se dar ao trabalho de se virar e me olhar. Seu cabelo liso, alinhado sem nenhum fio fora do lugar, suas pernas cruzadas e um vestido de linho azul-marinho que ia até altura dos seus joelhos, eram a prova de que tinha algo muito errado com minha irmã, ninguém conseguia estar sempre tão meticulosamente... perfeita.

— Três dias, Mariana, por que não pega todas as suas coisas e se muda logo para aquele maldito haras? — Marcos rugiu como um leão, nem todo o dinheiro do mundo escondia a sua brutalidade, sua barba grossa sempre estava por fazer e seus olhos castanhos eram tão duros quanto os da nossa mãe, pelo menos era assim que eu me lembrava dela.

— Eu posso? — perguntei, porque se ele achava que isso seria um problema, estava muito enganado. Eu não via a hora de me ver livre dele e dessa casa desde que me entendia por gente. Mas, ao invés de me responder, sua boca formou uma linha fina e eu não voltei a provocá-lo.

— Estou cansado da sua falta de compromisso, Mariana, seu lugar é ao meu lado. Não vou deixar você jogar seu futuro fora dessa maneira, isso vai acabar. — O *isso* em questão eram as minhas competições.

— Você prometeu, Marcos. — Ele balançou a cabeça. — Só mais essa competição, por favor, se não ganhar eu nunca mais insisto.

Isadora se levantou da cadeira e eu juro que seria capaz de bater nela se ela viesse com aquela ladainha de sempre.

— Quantas vezes você já prometeu isso, Mariana? Marcos tem sido paciente, mas você também não coopera. — Que novidade, quando foi que ela abriu a boca para me defender mesmo? — Nós precisamos de você essa noite e olha o seu estado... — Ela me olhou com desprezo e eu me perguntei qual o problema com o meu estado. Eu era humana, tinha olheiras, meu cabelo precisava ser domado constantemente, e apesar das escolas de elite e das aulas de bons modos ao qual fui obrigada a participar, eu não tinha uma educação tão refinada quanto a dela. Meu sangue era quente e eu reagia às situações conforme era provocada.

— Eu deixo a perfeição para você, Isadora, prefiro ser feliz.

— Marcos! — Isadora o olhou chocada como se eu a tivesse ofendido de alguma forma.

— Calem a boca as duas. — Ele se virou para a minha irmã e disse: — Eu preciso de você no escritório, Isadora, tenho negócios a resolver e quero que esteja lá se algo acontecer. — E se virou para mim logo em seguida. — E você, trate de dar um jeito na sua aparência e, por favor, nem pense em aparecer no jantar essa noite como se tivesse passado o dia inteiro montada naquele animal.

— Claro, senhor — falei séria, escondendo o meu sarcasmo e dei as costas aos dois.

Enquanto subia para o meu quarto, eu me perguntei se era um pecado muito grande odiar meus próprios irmãos, quer dizer, eles me odiavam, era meio que uma via de mão dupla, não era?

— Senhorita, por favor, Marcos está impaciente lá embaixo, me diga que já está pronta. — Revirei os olhos. *Marcos, Marcos...*

— Ainda não estou pronta, avise ao meu irmão que eu desço quando terminar, a menos que ele queira que eu desça nua. — Arqueei a sobancelha e a empregada escapuliu em um piscar de olhos.

Joguei a toalha sobre a cama e coloquei meu vestido, a expectativa de ver o Henrique era a única coisa que me animava nesse momento. Essa noite, Marcos iria realizar um jantar para o lançamento da nova cartela de vinhos e espumantes da Montenegro e os convidados eram seletos. Desde empresários abastados da elite catarinense, que idolatravam meus irmãos como se eles fossem deuses, até a indesejada imprensa.

Nossa família era uma das mais antigas da região e eu nunca conheci ninguém que não respeitasse nosso sobrenome. Por anos meus descendentes vinham fazendo de tudo por essa cidade, investindo dinheiro, atraindo novas indústrias e todo tipo de crescimento. O problema era que eu não sabia lidar com nada disso, eu nunca podia ficar até tarde fora de casa, nunca pude sair e me divertir como minhas amigas faziam. Eu não era livre, assim como minha irmã também não era, a diferença era que ela parecia não se importar.

Reprimi a sensação ruim dentro de mim, puxei o zíper do vestido e arrumei o decote comportado da peça, meu cabelo ondulado agora estava escorrido e bem penteado, as olheiras da noite maldormida escondidas pela maquiagem e eu usava um delicado colar com uma pérola negra em meu pescoço, tão negra quanto os olhos do Henrique e o pelo escuro de Zeus.

O vestido verde destacava meus olhos também da mesma cor, engraçado que essa era a única característica que eu tinha em comum com a Isadora... A cor dos olhos que tínhamos herdado de nosso pai. E enquanto ela era a cópia quase identifica de nossa mãe, alta, magra e com uma beleza surreal, eu era uma garota normal, não estava tão contente assim com algumas curvas do meu corpo, mas os anos de montaria me deixaram mais confiante e segura com a pessoa que eu era.

Retoquei meu batom e ensaiei um sorriso confiante para todos os convidados do andar inferior.

— *Sorria Mariana, sorria. Cumprimente as pessoas, seja educada, pergunte como seus filhos e família estão. Ofereça uma bebida. Nunca discorde deles e, claro... sorria mais um pouco.* — Essas eram as regras que a minha professora de etiqueta se esforçou para colocar em minha cabeça.

Desci a escadaria principal da casa, normalmente eu usava a dos fundos para me esconder de todo mundo, e segui em direção ao salão onde todos estavam reunidos. Um garçom passou por mim segurando uma bandeja com alguns champanhes, procurei pelos meus irmãos e ao não encontrar nenhum dos dois à vista, peguei uma taça. Beberiquei um pouco apenas para sentir o sabor forte do espumante e relaxei. Não tinha como nada dar errado essa noite, eu faria tudo que Marcos quisesse, e depois de deixá-lo feliz iria atrás do Henrique.

Cumprimentei grande parte dos convidados, conversei com alguns que conhecia há mais tempo e sorri de verdade quando me perguntavam sobre a minha próxima competição. Marcos me apresentou aos filhos dos seus amigos e parceiros de negócios e eu tentei não aparentar estar sendo forçada a nada. Circulei por algum tempo e evitei as rodinhas onde Isadora estava, todos sempre pareciam

encantados com tudo o que ela dizia e eu preferia deixá-la *reinar* sozinha. Com outra taça na mão, dessa vez só para ter o que segurar, eu segui com o olhar os passos do Henrique e observei quando ele e Marcos entraram no escritório da mansão, esperei não sei por quanto tempo enquanto fingia prestar atenção ao que um velho advogado da Montenegro dizia e quando meu irmão saiu indo em direção a modelo deslumbrante que o acompanhava essa noite, eu fui até o escritório sem nunca deixar de verificar se alguém prestava atenção em mim.

— Henrique — o chamei e me pareceu que ele imaginava ser o meu irmão a entrar. Henrique verificava alguns documentos, provavelmente da empresa e gelou ao me ver, sua expressão ficou carrancuda, o que fez minha confiança diminuir consideravelmente.

— Sai daqui agora, Mariana! — ele esbravejou, mas ao invés de me afastar eu me aproximei ainda mais.

— Nós precisamos conversar.

— Eu não tenho nada para conversar. Será que o que aconteceu ontem já não basta, merda? — Franzi o cenho confusa, eu pensei que ele estaria mais suscetível, sei lá, que talvez fosse pelo menos admitir que sentiu desejo por mim.

— Eu pensei que você tivesse gostado.

Ele se levantou e veio até mim, pegou meu braço com força e me levou até a porta, eu me recusei a sair e, antes de me forçar para fora da sala, ele disse cruelmente:

— Não gostei, Mariana, me senti um filho da puta depois, eu nunca deveria ter tocado um só dedo em você, não entende? Isso aqui... — ele falou e apontou para nós dois. — não existe, Marcos me mataria se soubesse o que eu fiz com você.

— Ele entenderia, Henrique. Se a gente quiser ficar junto, eu o faço entender — falei desesperada, tentando convencê-lo.

— Só que eu não quero, isso é o que parece que você não entende. Eu não quero nada com você, nunca quis, e o que fizemos ontem não mudou isso. — Não, eu não acreditava nele. Eu... senti a conexão, senti o quanto foi intenso, ele foi *meu*, de forma bruta, mas foi, e eu não iria abrir mão dele agora. Soltei meus braços e o beijei segurando a lapela do seu terno, eu o faria sentir aquilo de novo.

— Eu amo você, Henrique — falei desesperada e ele me afastou nervoso, continuei a segurá-lo e odiei o descaso que encontrei em seus olhos.

— O que você sente por mim é tesão, Mariana, não confunda as coisas — ele falou e eu discordei, não era só tesão. Henrique tinha que parar de achar que sabia o que acontecia ou não dentro de mim... Mas antes que eu pudesse dizer isso a ele, as portas se abriram como um *déjà vu* e tudo desmoronou.

Marcos e Isadora demoraram a entender a cena que presenciavam, as mãos do Henrique me empurraram para trás e tudo o que restou em seu rosto foi ódio.

— Eu estou farto da sua irmã se jogar em cima de mim, Marcos, farto! — foi o que ele disse ao ser questionado pelo meu irmão. Tive vontade de gritar quando percebi que estava sendo *jogada aos*

lobos, no caso meus irmãos, mas contar toda a verdade só iria fazer com que ele me rejeitasse ainda mais. Quando a mão de Isadora me puxou pelo braço, eu implorei para que Marcos me escutasse.

— Me deixe explicar, Marcos, por favor... — falei enquanto tentava afastar Isadora. — Eu o amo. — Foi a minha última tentativa, mas os três me olhavam como se eu fosse estúpida ou coisa parecida. Fui arrastada por todo o salão pela minha irmã, deixando Henrique e Marcos para trás e...

Uma semana depois, eu me vi sendo obrigada a pegar um voo para Portugal, sem passagem de volta.

Dias atuais...

— Está me ouvindo, morena?

— Eu vou voltar, Guilherme. — Marcos iria querer me matar, mas eu não me importava. Quando ele me mandou para fora do país, eu perdi tudo. Perdi as competições, perdi Zeus, perdi a chance de convencer o Henrique a ficar comigo. Tive que ficar longe do Gui e lidar sozinha com todas as consequências que aquela noite trouxe. E agora, depois de escutar Guilherme dizer que minha irmã estava prestes a se casar com o único homem que fez meu coração bater mais forte, eu não sabia se conseguiria deixar isso para lá.

— E a Sofia? Você já pensou no que eles vão fazer com você quando descobrirem? — Eu tinha alguma ideia, claro que tinha, e apesar do medo de expor ela aos lobos, mais cedo ou mais tarde eles teriam que saber de qualquer maneira. — Eu não voltaria se fosse você, Mariana, as coisas estão diferentes agora.

— Eu sou forte Guilherme, lembra?

E eu precisava arriscar, não sossegaria até descobrir de uma vez por todas, se o que eu sentia pelo Henrique era ou não real... Além disso, meus motivos não eram tão egoístas assim, a minha filha merecia ter uma família.

Capítulo 1

GUILHERME

Santa Catarina, Brasil.

Ainda não conseguia acreditar que estava prestes a deixar Mariana cometer essa loucura, ela não deveria estar aqui. Não deveria ter voltado ao país, e o pior, trazendo a Sofia com ela. Houve um tempo em que a notícia de que a teria por perto novamente me deixaria feliz, mas agora, com tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo e sabendo os reais motivos para ela querer estar aqui, eu ficava preocupado. Mas quando foi que eu não estive, não é?

Nunca entendi direito essa paixão que Mariana dizia sentir por aquele bastardo, essa loucura em que ela ficava toda vez que o via não podia ser normal. Sempre tive que controlar meu ciúme e protegê-la dele, cuidava quando seus irmãos a feriam e fazia de tudo para vê-la sorrir, mas depois daquela noite em que eu a peguei no estábulo, se deixando ser usada daquela maneira, eu meio que comecei a me dar conta de que algumas coisas simplesmente não eram para ser.

E quando toda aquela confusão a tirou do país, eu não vou negar, fiquei imensamente aliviado por saber que só assim ela estaria longe daquele filho da puta. Não foram poucas as vezes em que larguei tudo aqui, minha faculdade, meu trabalho e meu pai, para poder pegar o primeiro voo e estar ao seu lado. Principalmente depois que ela descobriu estar grávida, minha vida social ficou inexistente por um tempo, o que dirá as mulheres...

Elas existiam, claro, eu não fazia o tipo celibatário. Eu gostava de sexo, porra, e gostava muito. Mas isso meio que deixou de ter importância com o passar dos anos, sempre era a mulher errada, ou não existia química ou eu simplesmente fazia por fazer. Apenas para saciar um desejo que eu sabia que Mariana não poderia suprir.

Talvez meu erro, tenha sido colocar nossa amizade em primeiro lugar, ignorar o desejo que eu sentia todas as vezes em que estávamos juntos e deixá-la acreditar que meu ciúme nada mais era do que uma forma de proteção. Só que não era, e não foram poucas as vezes em que quase perdi a cabeça e a reclamei para mim. Mas, e se algo desse errado? Se acabássemos não ficando juntos? Isso destruiria a relação que tínhamos e quem cuidaria dela? Eu melhor do que ninguém, sabia que Mariana não podia contar com seus irmãos... *Então, por que raios você foi contar sobre o noivado, seu idiota?*, me questionei, sem encontrar nenhuma resposta aceitável, sabendo que já não adiantava

mais me arrepender a essa altura dos acontecimentos.

O estrago já estava feito e, apesar de todas as circunstâncias, ela merecia saber, eu só não contava com a sua súbita decisão de querer abandonar sua vida em Portugal para poder voltar para o Brasil.

Não era assim que as coisas deveriam acontecer.

HENRIQUE

O incômodo da dor de cabeça que eu vinha sentindo nos últimos dias, estava pior essa manhã e isso me irritou, me fez perder a concentração no que era verdadeiramente importante e me deixou com um mau humor dos infernos. Isadora sabia disso e eu era grato por ela não ser o tipo de mulher que falava demais. Olhei novamente os papéis que vinha tentando ler e quando minha cabeça latejou, eu desisti, daqui a pouco começaria a reunião com todos os diretores da Montenegro e tudo em que conseguia pensar era em pular essa obrigação e desaparecer por algumas horas.

Não queria ter que admitir e muito menos analisar o que isso significava, mas essas dores e desconforto começaram no mesmo dia em que meu noivado com Isadora foi oficializado, não que meus sentimentos tivessem mudado, não era isso. O problema era que... desde então eu não conseguia tirar Mariana da minha cabeça e quanto mais eu pensava sobre isso, mais ridículo parecia.

Se apenas fechasse os olhos, eu seria capaz de reviver aquela última vez em que a vi, o seu rosto assustado como se estivesse implorando para que eu intervisse e a ajudasse, Isadora a arrastando e ela pedindo incansavelmente para que alguém dentro daquele escritório a escutasse. — *Eu o amo... Me deixem explicar, por favor...* — Lembrei que havia passado os dias seguintes a esse episódio preocupado, com medo de que ela fosse acabar dando com a língua nos dentes e colocando tudo a perder.

Quanto ao Marcos, ele nunca soube o que realmente aconteceu entre a gente aquela noite, mas isso não impediu que ele me desse um maldito de um sermão. Algo sobre não tocar na irmã caçula dele, era um dos poucos alertas que eu mantive comigo por todos esses anos, porque, merda, eu tinha tocado, eu tinha transado com ela... E sabia que independente do tempo, se algum dia ele soubesse eu seria um homem morto.

Não era comum perder meu tempo pensando ou me preocupando com a Mariana, no começo pensei que pudesse ser culpa, mas eu já tinha enterrado toda aquela noite há anos, tanto é que sempre consegui fingir que nada daquilo tinha acontecido. *Então, por que eu não conseguia tirá-la da minha cabeça nesses últimos dias?*

— Merda! Eu só posso estar ficando maluco — murmurei para o nada enquanto passava a mão pelo meu cabelo. A porta do meu escritório se abriu no mesmo instante e eu tentei não parecer tão perdido ao ver o sorriso de Isadora.

— Posso entrar, Henri? — Sua voz me arrancou do meu inferno pessoal e eu segui seus passos

quase silenciosos pelo meu escritório. Seu rosto sempre sério se suavizou e ela corou me deixando com a certeza de que estava com imagens do que tínhamos feito essa manhã em sua cabeça.

Era fácil entender porque todos a consideravam perfeita, ela era impecável e sempre muito educada. Mas eu a conhecia, sabia de todos os seus defeitos e crises, e entendia perfeitamente por que ela mantinha essa barreira entre ela e o mundo. Isadora era fria, inatingível emocionalmente e a menina dos olhos do Marcos. E isso só a tornava mais... valiosa.

— Marcos pediu que eu o avisasse que a reunião foi adiada para o final da tarde, Henri. — Observei a escolha calculada das suas palavras e me perguntei se ela sabia para onde seu irmão ia quando deixava o escritório nos momentos mais inoportunos. Isa idolatrava Marcos e eu não via a hora de poder derrubar essa imagem que ela tinha do adorado irmão.

— Eu acho que preciso de uma daquelas suas massagens, Isa — falei ciente de que isso não melhoraria em nada a minha dor, mas ter suas mãos em mim me acalmaria de certa forma. Quando se aproximou e me tocou, seu perfume fresco não foi a distração que eu esperava e eu me vi sendo novamente bombardeado pelo passado.

Lembrei-me de como Isadora e eu nos aproximamos depois que Mariana saiu do país, de como era fácil conviver com ela. Nós tínhamos muito em comum, os mesmos objetivos e aspirações. Demorou um pouco até que chegássemos a nos envolver e que ela confiasse em mim, foi um trabalho árduo, mas que valeu a pena. Nossa união deixava tudo mais fácil.

— Você tem estado tão tenso, sua dor voltou, não foi? — perguntou com a voz suave enquanto massageava minha nuca e ombros. Concordei com um aceno de cabeça e pedi que ela continuasse a massagem.

— Mais forte, Isadora.

MARIANA

Você não devia estar aqui..., uma vozinha irritante sussurrou dentro da minha cabeça. Tentei ignorá-la, mas na situação em que me encontrava era praticamente impossível. Sofia estava sentada ao meu lado, balançando as perninhas inquietas e com os grandes olhos verdes arregalados como se estivesse pensando a mesma coisa que eu. Essa era a primeira viagem longa que fazíamos e, como mãe, eu conseguia sentir quando ela não estava particularmente à vontade.

Conciliar faculdade e uma gravidez não planejada em um país que eu não conhecia ninguém, tinha sido uma das coisas mais assustadoras pela qual tive que passar, mas eu não me arrependia nem por um segundo das decisões que tomei ao longo dos últimos anos em prol da minha filha. Eu me apeguei a ideia de ser mãe tão fortemente, que posso dizer com toda certeza que foi isso que me fez superar os longos meses que se passaram, depois de ser completamente ignorada por aqueles que deveriam ser minha família.

Claro que Marcos arcou com todos os custos do meu exílio, ele era responsável por mim e pela

minha irmã financeiramente até que completássemos trinta anos. Ou então, até que nos casássemos. Até lá, ele tinha todo o controle da Montenegro e principalmente sobre nós, tudo porque meu pai, apesar de ser um bom homem, era um machista de primeira e temia que acabássemos destruindo o seu legado.

Bom, eu estava prestes a desestabilizar um pouco as coisas, e já podia imaginar os gritos do meu irmão, e a cara de “*Eu disse, Marcos, ela só sabe nos envergonhar*”, da Isadora. Ambos me olhando como se eu fosse um maldito erro.

Deus, seria assim que eles olhariam para a minha filha?, pensei e afundei desanimada na poltrona da sala de desembarque do aeroporto. Guilherme tinha me ligado há alguns minutos avisando que estava preso no trânsito e que demoraria a chegar, mas eu sabia que estava mais segura aqui do que do lado de fora.

Porque quando eu saísse desse aeroporto, seria definitivo. Meus irmãos saberiam que eu estava de volta ao Brasil sem a autorização deles, saberiam que eu deixei tudo para trás. E por quê? Porque eu era uma boba que nutria a esperança de que quando Henrique finalmente nos visse, a mim e a nossa filha, seu coração despertaria e ele confessaria o seu amor.

— Gui, mamãe! Gui! — Sofia pulou da poltrona animada e correu para o homem caminhando em nossa direção. Não consegui esconder o sorriso que brotou em meu rosto, porque eu acho que me sentia da mesma forma que ela ao vê-lo.

Nervosa eu me levantei e o observei sorrir daquele jeito todo especial, Sofia o abraçou e ele beijou seu rostinho, afastando a franja que caía em sua testa. Eu tentei não reparar no quanto ele parecia bom e nem no fato de que meu coração estava batendo acelerado dentro do meu peito. Meus olhos lacrimejaram e quando ele se aproximou, eu o abracei também, rezando para que a gente nunca mais tivesse que se separar.

— Eu senti a sua falta... — falei como uma tonta, ciente de que há exatos três meses ele tinha passado quase uma semana com a gente em Portugal. Mas não era o bastante, nunca era, e quando ele partia, nossa casa ficava tão solitária que tanto eu quanto Sofia passávamos uns bons dias suspirando pelos cantos. Acho que se tinha alguém no mundo que o amava mais do que eu, esse alguém era a minha filha.

— E eu a de vocês. — Gui se inclinou para beijar minha bochecha, mas a alegria da Sofia em seu colo o fez errar o alvo e por um ou dois segundos nossos lábios se tocaram. Foi rápido, quase eletrizante e eu o vi estudar minha reação, da mesma forma com que eu estudei a dele.

Guilherme e eu nunca ultrapassamos barreira alguma, e acredite, eu já me perguntei o porquê disso um milhão de vezes. Nós costumávamos ser tão inseparáveis, que muitas das suas namoradas me acusavam de tentar roubá-lo delas. E para ser bem sincera, eu também morria de medo de que algum dia, ele fosse encontrar a *tal garota certa*, que o faria se apaixonar loucamente e o afastaria de mim para sempre.

Mas isso nunca aconteceu, e se uma parte minha ficava feliz, muito feliz por sinal, a outra se perguntava, por que ele não conseguia mantê-las por mais de três ou quatro semanas. Gui era incrível, tinha os olhos castanhos quase esverdeados, um sorriso assassino, que eu podia jurar que deixava as mulheres loucas. E se ele fosse com suas namoradas, a metade do homem que era comigo,

eu tinha certeza de que elas não tinham como não se apaixonar. Fora que... bem... ele era grande, tinha músculos bem definidos que eram difíceis de esconder até mesmo sob a roupa.

— Você vai morar com a gente? — Sofia perguntou, puxando seu rosto com as duas mãozinhas para que ele olhasse para ela.

— Eu vou morar sim, minha pequena, pelo menos, grande parte do tempo — ele respondeu e me soltou suavemente, para poder pegar a mala com a outra mão. Com um friozinho na barriga, eu peguei o carrinho com o restante das nossas bolsas e o segui para fora do aeroporto escutando a conversa entre os dois.

— Eu vou ter um quarto?

— Claro que vai, você pensou que eu te deixaria dormir aonde?

— E a minha mamãe?

— Sua mãe... também vai ter um.

Uma hora depois, chegamos em frente ao prédio onde Gui mantinha um apartamento no centro da cidade. Ele normalmente passava as noites da semana com seu pai, já que atualmente era ele quem cuidava dos assuntos burocráticos e financeiros do haras. Mas nos outros dias era aqui que ele se escondia.

— Tem certeza de que eu e Sofia não vamos atrapalhar seus... encontros? — perguntei, já dentro do seu apartamento. O lugar era muito bem decorado, tinha uma cozinha interligada à sala e eu confesso que não sei se conseguiria conviver com suas garotas saindo e entrando aqui a torto e direito. Sofia, por sua vez, estava mais curiosa do que eu, e marchou na minha frente olhando todos os cantinhos, avaliando o lugar onde passaríamos as próximas semanas. Ou meses.

— Vocês não irão atrapalhar, Mariana, eu posso me virar, além disso, minha caminhonete é grande o suficiente para...

— Não, por favor, me poupe dos detalhes — disse séria, enquanto minhas bochechas queimavam. Podia dizer com toda certeza que não era de vergonha, é que inevitavelmente imagens dele fazendo esse tipo de coisa dentro do seu carro invadiram minha mente e...

— Cadê meu quarto? — Sofia perguntou, conseguindo afastar os pensamentos libidinosos da minha cabeça.

GUILHERME

Eu não poderia dizer qual das duas estava mais feliz com a surpresa que preparei. Tirando a preocupação em que estive nos últimos dias, eu tentei fazer o possível para tornar todas essas mudanças mais fáceis e isso incluía dar a Sofia o seu próprio quarto. Eu tinha pedido a uma decoradora que o organizasse e preparasse tudo ao gosto de uma criança de quatro anos e a julgar

pelas expressões das duas garotas à minha frente, eu tinha feito a coisa certa.

— *Obigada!* — Sofia falou e agarrou minha perna com força. — Eu vou viver para *sempe* com você! — ela disse e eu não pude deixar de admitir que gostei da ideia. Gostei mais do que deveria. Mariana não me olhou, ela ainda estava absorvendo tudo, e a única coisa que eu sentia vontade de fazer desde que pus os olhos nela naquele aeroporto, era abraçá-la e acabar com essa maldita saudade dentro do meu peito. — Vou *compa* um gatinho *pa* gente... um peixinho... — Sofia continuou a falar como se isso fosse me convencer a deixá-la ficar e conforme ela cortava os *erres* das palavras, eu me lembrei do que Mariana tinha me dito sobre ela pular a letra quando ficava nervosa ou muito emocionada.

Eu escutei a tudo o que ela dizia atentamente, mas também observei minha morena do outro lado do quarto encarando o porta-retratos com a foto de uma das últimas competições da qual ela e Zeus participaram.

— Isso é... — Ela se virou emocionada e eu aproveitei que Sofia agora estava dispersa com os brinquedos e me aproximei mais. — Ele jogou fora tudo o que eu tinha do Zeus, Gui... não me restou nada, eu não tenho nem ideia de onde meu cavalo possa estar. — Eu tinha e isso me enfurecia, porque não foram uma ou duas vezes que tentei comprá-lo do Marcos, foram várias. E quando descobri que ele o havia vendido, eu simplesmente perdi a cabeça e o confrontei, só para comprovar o óbvio, Marcos era um canalha frio, que só se importava com as aparências.

— Na hora certa nós iremos resolver o assunto do Zeus, confie em mim. Por que não descansa agora? Vocês devem estar cansadas da viagem e...

— Você tem que voltar a trabalhar, eu sei. Fique tranquilo que eu dou um jeito em tudo, mas vou ter que ir atrás de uma cama para a Sofia, Gui, nós não podemos dividir aquela... — ela disse se referindo à de solteiro.

— Vocês não irão dividir, esse é o quarto da Sofia. Não quero que essa mudança seja mais difícil do que o necessário, vai ser bom ela ter o seu próprio espaço.

— Mas, e eu? — ela me perguntou enrugando o nariz da mesma maneira que a filha fazia quando não entendia algo. As duas não poderiam ser mais parecidas nem se quisessem.

— Você fica comigo. No meu quarto.

— Gui, não...

— Como não? Eu só fico aqui aos finais de semana, e posso te garantir que meu sofá é bastante confortável...

— Sério? Existe algum lugar em que você não tenha transado, seu descarado? — ela sussurrou. — Será que eu preciso me preocupar em ser contaminada com seus... seus fluídos corporais? — Gostei de vê-la nervosinha assim, Mariana podia até negar de pé junto que o que sentia não era ciúmes, mas eu convivi muitos anos com essa garota para saber que ela odiava o fato de que outra mulher colocasse as garras em mim.

— Não sei qual é o problema, algumas mulheres até que são bem receptivas em se tratando dos meus... fluídos corporais.

— Você é nojento! — ela exclamou e saiu do quarto contrariada, enquanto Sofia continuava alheia à nossa conversa. Consegui alcançá-la no corredor e a puxei para os meus braços ignorando seu pequeno surto.

— Eu sei que você pensa que não, morena, mas eu estou feliz por ter você aqui comigo — murmurei obrigando-a a olhar para mim e passei os dedos pela sua cabeleira negra que estava ainda mais comprida. O contraste que ela fazia com o verde dos seus olhos era impactante, ainda mais porque sua pele era de um dourado natural, como se estivesse sempre bronzeada.

E podia até parecer exagero dizer algo assim, mas desde a primeira vez em que cruzei com ela no haras, eu sabia que estava perdido. Que uma parte importante dentro de mim tinha sido reivindicada por aquela garotinha teimosa.

— Não quero ser um fardo para você, Gui, Sofia não é fácil e você sabe que meus motivos para estar de volta não são os melhores...

— Esse é um assunto que nós precisamos conversar, mas não agora. Eu prometi a meu pai que estaria de volta antes do meio-dia e não gosto que ele passe tanto tempo trabalhando. — Ela assentiu e envolveu as mãos em minha nuca.

— Obrigada por tudo, caubói, pelo quarto da Soff, e por cuidar tão bem da gente. — Mariana não tinha noção do perigo ao me dizer essas coisas assim tão próxima de mim, eu tentei sorrir como se estivesse tranquilo, mas era impossível. Meu corpo reagia a ela em desespero e se ela apenas olhasse para baixo se daria conta da reação que seu corpo curvilíneo causava em mim.

Quando finalmente consegui deixá-las, peguei a estrada que levava em direção ao haras pensando sobre as tais razões da Mariana estar de volta. Ela chegou a jurar para mim que não cometeria nenhuma loucura para atrapalhar o noivado da Isadora, que tudo o que queria era que todos soubessem da verdade, mas o que ela não parecia entender é que a verdade traria consequências que fugiriam do seu controle.

Mais tarde, naquele mesmo dia eu voltei a cidade, não gostando muito da ideia de que elas passassem a primeira noite no Brasil sozinhas. Ainda não tinha dito ao meu pai que Mariana estava na cidade, porque não cabia a mim dizer, pelo menos não até que ela pudesse contar pessoalmente aos seus irmãos que estava de volta.

Cheguei ao apartamento, um pouco depois das nove da noite e o encontrei em completo silêncio, alguns brinquedos já estavam espalhados pelo lugar e eu sorri vendo meu apartamento transformado em tão pouco tempo. Passei pelo quarto da Sofia e vi o pacotinho pequeno debaixo do cobertor dormindo profundamente. Meu quarto foi o próximo lugar ao qual eu fui e não me surpreendi ao ver Mariana já deitada, eu sei que deveria me virar e sair para que ela descansasse da viagem, mas um impulso me fez tirar as botas e puxar a camisa pelos ombros. Me deitei ao seu lado e a abracei por trás, deixando o lençol fino entre nossos corpos.

— Eu sabia que você voltaria... — Mari sussurrou e relaxou em meus braços, assim como antigamente, quando ela passava a noite no haras e inventava desculpas esfarrapadas para escapulir para a minha cama no meio da madrugada. Eu não consegui evitar e a puxei um pouco mais, juntando seu corpo ao meu e afundando meu queixo em sua nuca e, claro, sono era a última coisa que eu poderia sentir. Então permaneci ali, por uns bons minutos, apenas escutando o som baixinho da sua respiração até que em algum momento eu apaguei.

Capítulo 2

HENRIQUE

Saí de cima da Isadora, com meu corpo ainda pulsando, sabendo que nem todo o sexo do mundo com ela era capaz de tirar a tensão latente presa em mim. Eu não suportava ter que controlar meus impulsos quando se tratava de sexo, sentia falta de trepar, foder, comer alguém... Nada dessa merda suave que Isa e eu fazíamos. Quase sempre na mesma posição, ela não gemia, não gritava e eu juro que sentia vontade de sacudi-la em alguns momentos e perguntar se ela era capaz de sentir algum prazer estando comigo.

Não que sua apatia na cama a tornasse menos atraente, ela era o meu desafio particular e algum dia eu faria ruir todos esses muros que ela erguia ao seu redor. Porque tirando o sexo frio, Isa tinha tudo o que um homem como eu poderia querer. Ela era a minha garantia dentro de um mundo rodeado de ricos esnobes e abastados. E para ser bem sincero, eu apreciava a sua inteligência, seu tino nos negócios e admirava ainda mais a maneira como todos pareciam respeitá-la.

Dos três irmãos, ela era a única que eu poderia enxergar como aliada e esperava que não estivesse errado. Assim que terminei o banho, fui até o escritório no andar inferior do meu apartamento. Isadora e eu teríamos uma reunião essa manhã junto ao banco que trabalhava para a Montenegro então eu tinha que ser rápido. Fiz algumas ligações importantes e telefonei para um velho amigo, dono da transportadora que atualmente fazia negócios com a gente, graças ao meu empurrãozinho.

A conversa foi rápida, apenas para me atualizar dos nossos assuntos e eu logo desliguei, não querendo me comprometer mais do que o necessário. Fiz outra ligação, dessa vez para o contador da Montenegro e lembrei de me enviar os relatórios atualizados para a reunião.

Depois de alguns minutos revendo todos aqueles números, dei-me conta da Isadora parada no batente da porta com o que parecia ser uma xícara de chá em sua mão. Ela sorriu ao ter minha atenção e eu acenei para que entrasse, o robe de seda abraçava seu corpo delgado suavemente, me dando uma amostra daquelas longas pernas e por um momento, desejei que ela estivesse nua por baixo. Não seria ruim ter um pouco mais de sexo antes de enfrentar o dia de merda que eu teria hoje.

Curiosa, ela se sentou na minha frente e puxou alguns dos documentos que estavam sobre a mesa, dando uma olhada distraidamente em cada um deles mesmo sabendo o quanto me irritava sua intromissão.

— Os convites começam a ser entregues essa semana, Henri, e ainda não tive uma posição sua

quanto a sua mãe... — ela disse calma e voltou a alinhar a papelada do escritório. — As pessoas vão comentar se ela não estiver presente e eu não quero que nossos amigos tenham a impressão errada.

— Minha mãe não tem condições nenhuma de comparecer ao nosso casamento, Isadora, já lhe disse um milhão de vezes — falei, tentando mascarar a raiva que sentia ao tocar nesse assunto. Há anos que minha mãe se encontrava internada em um asilo, enquanto esquecia aos poucos todas as suas memórias. Marcos e Isadora eram os únicos que sabiam do problema de saúde dela e se dependesse de mim nada mudaria. — E pouco me importa o que *seus* amigos irão dizer.

— São *nossos* amigos Henrique, não seja tão dramático. Eu só queria resolver logo essa situação e já que ela não estará presente, será que não teria nenhum outro familiar seu que gostaria de convidar? Marcos acha estranho que você não tenha mais ninguém.

— Serei apenas eu, Isadora, se isso não agrada a você e ao seu irmão, eu lamento, mas não há nada que eu possa fazer. — Ela me estudou com aqueles olhos verdes.

— Tanto faz, eu também não sei se sua família se sentiria à vontade com os nossos amigos, a imprensa e todo o resto. Talvez não tê-los presentes seja o melhor mesmo. — Eu sorri irônico por conta da sua maldita arrogância, mas não me irritei. Não era culpa dela ter crescido em berço de ouro. — Outra coisa — ela disse antes de se retirar do escritório. — Eu estou planejando um pequeno jantar lá em casa no sábado, nada muito formal, então não faça planos, ok? — *Como se eu tivesse alguma escolha*, pensei assim que ela saiu.

MARCOS

— Rachel, pare. — A afastei, já de saco cheio das suas reclamações, quase todas as noites depois que saía da Montenegro eu tinha o costume de ir para o apartamento que *eu* mantinha para ela na cidade, nós nos divertíamos e eu voltava para minha casa. Ponto. Só que nos últimos tempos, Rachel parecia não entender como as coisas funcionavam, quando duas coisas eram certas: a primeira era que ela nunca frequentaria a minha casa como algo além de minha assistente e a segunda era que, enquanto estivéssemos em modo patrão e funcionária, ela não deveria tomar certas liberdades, e era exatamente o que ela estava fazendo agora.

— Não vou esperar por você essa noite, Marcos, desse jeito não dá para continuar. Eu estou cansada de dormir sozinha. — Meu celular vibrou, me alertando da chegada de uma nova mensagem da Isadora que dizia que, assim que chegasse à empresa, precisava falar comigo imediatamente, ela havia ficado incumbida de acompanhar Henrique em uma reunião no banco e iria aproveitar para verificar alguns investimentos da empresa. — Escutou, Marcos?

— Me faça um favor? — Larguei o celular na mesa e a olhei calmamente. — Prepare a sala de reuniões, faça café, limpe a mesa... Qualquer coisa que te deixe entretida por algumas horas.

— Eu sou *sua* assistente, não uma...

— E eu sou o seu chefe, não me importa pelo que eu te pago, porque nesse momento eu quero

você fazendo exatamente o que te pedi. — Sexo nenhum daria o direito de mulher alguma interferir na minha vida assim, o salário que eu pagava a Rachel era mais do que justo, mas não bancava o seu alto custo de vida, se ela tinha um bom apartamento e um bom carro era graças a mim. Se ela usava essas roupas com valores exorbitantes, ainda era graças a mim. Então, se eu quisesse que ela lavasse a porra do chão do banheiro desse lugar, ela lavaria.

— Nesse momento... eu te odeio! — ela falou furiosa e saiu como uma louca da minha sala. Preocupado com a mensagem de Isadora, eu não me dei ao trabalho de me incomodar com o *tal ódio* dela, e apostava que se saísse daqui agora e fosse para o seu apartamento ela me receberia do mesmo jeito.

Quase quarenta minutos depois, Isadora entrou em meu escritório mais pálida do que o normal, sua calma habitual estava sendo forçada e eu podia apostar que ela estava se controlando para não perder a compostura.

— O que aconteceu?

— Eu fui verificar alguns de nossos investimentos pessoais, como faço todos os meses, e pedi para que o gerente me atualizasse do fundo da Mariana. — Foi nesse momento que eu comecei a me preocupar, esse fundo não fazia parte da herança da Mariana, era apenas um dinheiro para que ela se mantivesse em Portugal sem que precisasse recorrer a mim a todo momento. — Bom, e para a minha surpresa ela transferiu uma quantia bem alta para uma conta aqui no Brasil, Marcos, tentei convencer o gerente de me passar os dados da conta ou qualquer tipo de informação, mas, como você sabe, isso é impossível.

— Sente-se, que eu vou tentar falar com ela — pedi enquanto discava o seu número que estranhamente caía na caixa postal, liguei para a o seu apartamento, mas deu no mesmo, porque ninguém atendia.

— Nada, não é? — perguntou nervosa.

— Vou pedir que Rachel tente mais tarde, em algum momento ela terá que atender. Tenho certeza de que deve existir uma boa razão para isso, fique calma, tudo bem? — Tentei tranquilizá-la porque sabia exatamente o que estava se passando em sua cabeça.

MARIANA

Acordei em uma cama vazia e sem a menor coragem para levantar, Guilherme já não estava ao meu lado e eu me deixei ficar ali por algum tempo, sentindo o seu cheiro nos lençóis e pensando em tudo o que eu tinha que resolver. A ansiedade me consumiu quando pensei que em breve teria que enfrentar um encontro com meus irmãos e com o Henrique, e temi ainda mais a reação deles ao descobrir sobre a Sofia.

Não gostei da ideia de expor minha pequena aos lobos, e nem de colocá-la à mercê do controle do Marcos. Mas também não conseguia enxergar nenhuma outra alternativa que não a de dizer a

verdade, e lutar para que Henrique ficasse ao nosso lado.

Da primeira vez, há cinco anos, quando eu esperei que ele me defendesse tudo o que eu tive foi desprezo, e de certa maneira eu o perdoei pela sua reação, mas agora não era só a mim que ele teria que defender, era também a nossa filha e eu contava para que a opinião do Gui em relação ao caráter do Henrique não fosse nada mais do que implicância, porque eu não sei o que faria se tudo em que acreditava estivesse errado.

O som que veio do lado de fora do quarto me despertou totalmente e decidi me levantar e ir ver o que estava acontecendo. Passei pela sala que estava com a TV ligada em um canal de desenho, daqueles que Sofia gostava, e fui direto para a cozinha onde acabei encontrando Guilherme no fogão e minha filha segurando um pedaço de bolo com os dedinhos cheio de farelos.

Ela sorriu de boca cheia ao me ver e eu me aproximei, beijando sua testa e limpando a sujeira que ela fez. Até mesmo no seu cabelo eu tinha encontrado pedaços de bolo, o que me fez questionar como uma pessoinha tão pequena assim podia fazer tanta bagunça.

— Bom dia, meu amor — disse, e ela retribuiu o beijo. Com fome, eu peguei um pedaço do bolo da sua mão e mastiguei enquanto voltava a olhar para o Guilherme, ainda de costas. Deixei meu olhar percorrer suas costas e descer até o cós da calça larga de moletom que ele estava usando. Fiquei chocada com os pensamentos que rodearam a minha mente e me perguntei quando foi que o meu Guilherme tinha se tornado esse homem assustadoramente grande do outro lado da cozinha.

Estava tão centrada nos seus... atributos e músculos que não reparei ele me encarando. Quando percebi que tinha sua total atenção, meu rosto ardeu de vergonha e eu olhei para baixo. Deus, eu estava secando o meu melhor amigo como se ele fosse um pedaço suculento de carne.

— Dormiu bem? — ele perguntou com um sorriso desavergonhado no rosto e eu acenei em resposta. O que mais eu poderia fazer? — Que bom, porque eu tive uma noite incrível... — O encarei confusa, tentando assimilar o que eu tinha acabado de escutar, isso tinha sido a porra de um flerte?

— Eu também *domi* bem. Sonhei com meus peixinhos, nadando no mar. Mamãe diz que eles estão morando no céu agora, junto dos papais dela. Mas eu acho que eles querem voltar para casa... — As palavras da Sofia me fizeram desviar o olhar do Gui, e eu logo percebi o que minha pequena estava tentando fazer. Há meses que ela tentava me convencer a lhe dar outro peixinho e eu sempre dizia que daria quando ela tivesse idade suficiente para cuidar deles, mas esse papo dos peixinhos querendo voltar para casa? Isso era novo para mim. — Só que ele não sabe que eu *tô* aqui agora, como eles vão me achar mamãe?

— Peixinhos são inteligentes, Soff. Se algum dia eles decidirem voltar, eles vão saber onde te encontrar, tudo bem?

— Eles podem morar com a gente, Gui? — ela perguntou esperançosa e ele, claro, não negou auxílio aos pobres peixes. Aproveitei que agora ele estava longe do fogão e terminei de preparar nosso café da manhã, qualquer coisa era melhor do que a tentação de contar os gominhos do seu abdômen, ou então de tentar imaginar o que tinha por baixo daquela calça. Me atrevi a pôr a culpa desse pequeno surto no calor desse país.

— Está com calor, não está? — Me encolhi quando sua voz surgiu atrás de mim, e ele estendeu

o braço para pegar algo na prateleira ao meu lado. Sua outra mão estava em meu quadril e eu podia jurar que ele era capaz de sentir a minha calcinha por baixo do blusão que estava vestindo. Deus, o que estava acontecendo comigo? Guilherme conhecia meu corpo quase melhor do que os dois únicos caras com quem eu estive. Ele já tinha cansado de me ver de biquíni e uma e outra vez me flagrou terminando de me vestir, enquanto eu, por minha vez, sempre fui íntima do seu corpo. Nós dormíamos juntos, eu confiava nele, mas nunca, nunca mesmo, deixei meus pensamentos irem desenfreados por esse caminho.

— Um pouco, acho que é a mudança de temperatura.

— Você está vermelha.

— Vai passar.

— Hum-hum... — ele ronronou como se não acreditasse. — Nós precisamos conversar, antes que eu tenha que voltar para o haras, Mariana. — Ele estendeu o prato para que eu colocasse a omelete que preparei.

— Eu sei, daqui a pouco ela se distrai e nós conversamos — disse e me sentei ao seu lado, nós dividimos a omelete sem nem nos darmos conta, enquanto Sofia continuava entretida com seu bolo e suco.

Assim que terminamos de tomar nosso café, Guilherme voltou ao quarto para tomar um banho e eu fui para a sala com Sofia, que logo deitou a cabecinha em meu colo e começou a assistir a TV. Deixei meus dedos passearem pelo seu cabelo escuro sabendo que o carinho a faria dormir rapidinho.

Não demorou até que sua respiração ficasse lenta e constante, e eu parti para o quarto a fim de ter a tal conversa com o Gui. Entrei no cômodo sem bater, ele já estava vestido com seu jeans apertado e camisa branca, e se não fosse pelo cinto de couro grosso e pelas botas pesadas qualquer um poderia dizer que ele era um homem típico da cidade.

Curiosa eu me coloquei ao seu lado, em frente ao espelho no canto do quarto, e observei o quanto éramos diferentes.

— Quando irá falar com seus irmãos? — ele foi direto ao ponto e eu tremi.

— Ainda não sei, quero resolver isso o quanto antes, mas não tenho a menor ideia por onde começar.

— Como assim?

— Já pensou que talvez fosse melhor conversar com o Henrique antes? Ele é a pessoa que será mais afetada pela minha volta, afinal de contas.

— Não acho que seja uma boa ideia, converse com o Marcos primeiro, Mariana, explique tudo o que aconteceu. Conte que foi o Henrique o único a ir atrás de você aquela noite e...

— Eu não posso fazer isso, já falei mil vezes que foi consensual, Guilherme. Que eu não só procurei como desejei que aquilo acontecesse. Não vou destorcer aquela noite como se ela não tivesse significado nada — disse na defensiva.

— O que você espera que aconteça, morena? Você acha que o Henrique vai descobrir sobre a Sofia e que vocês viverão felizes para sempre?

— Não seja cruel!

— Não estou sendo cruel, estou sendo realista.

— Você nunca vai entender, não é? Eu me apaixonei por ele, Guilherme, não fiz mais nada do que pensar em como as coisas poderiam ter sido se Marcos não tivesse me obrigado a sair do Brasil. Eu fui forte até onde pude, mas estou cansada de estar sozinha. Quero ter alguém que cuide de mim e da minha filha, quero alguém que nos ame... Não posso deixar minha irmã tirá-lo de mim, simplesmente não posso. — Estranhamente Guilherme não me contra-atacou nem tentou me convencer de estar errada. Ele apenas pegou sua carteira e celular de cima do criado-mudo e me deu as costas. — É isso? A conversa já acabou? — questionei enquanto o seguia para fora do quarto. — Gui.

— Foi exatamente por esse motivo que eu não queria você de volta, não pense que eu vou ficar aqui e assistir você destruir a sua vida e a da sua filha por aquele pedaço de merda, porque eu não vou. Eu estou aqui por vocês duas há quanto tempo? Quantas malditas vezes eu saí do país sem me importar com mais nada porque você precisava de mim?

— Eu não quis...

— Quantas vezes, Mariana?

— Muitas.

— Eu me preocupo com você, até mais do que deveria... Só tente não ferrar com tudo dessa vez porque eu não tenho mais a menor vontade de consertar o que aquele desgraçado quebra. — O tom com que ele usou me deixou abalada, e eu senti uma vontade repentina de chorar, como há muito tempo não sentia.

Passei o restante do dia vagando pelo apartamento como uma sombra, eu estava magoada com o Guilherme, com as coisas que ele disse, fazendo-me sentir como se eu fosse um peso nas suas costas. Me esforcei para manter a cabeça no lugar, tentando pensar em uma estratégia sobre o próximo passo a dar, mas minha mente sempre acabava voltando ao Gui e a nossa discussão.

Me perguntei se ele viria essa noite, Sofia também perguntou e eu odiei não ter a resposta que ela gostaria de escutar. Então, quando deu 18h, ao invés de continuar angustiada pelos cantos eu a arrumei e saí para dar uma volta pelo quarteirão. Nós tomamos sorvete, passeamos pela praça onde eu comprei dois saquinhos de pipoca e nos sentamos em um banco observando as pessoas passarem.

Sofia olhou tudo com uma curiosidade natural enquanto enchia as mãozinhas de pipoca e enfiava na boca, senti inveja da sua tranquilidade e, pela primeira vez, desde que decidi voltar ao Brasil, eu passei a questionar a minha decisão. Minha filha era uma garotinha incrivelmente sensível e sentimental, até mesmo as pequenas coisas a abalavam, e nós duas éramos tão ligadas que, infelizmente, ela sempre percebia quando eu não estava bem. E isso era o que mais me preocupava, porque a vida que levávamos até agora estava prestes a mudar e eu não tinha a menor ideia de como ela reagiria a todas essas... novidades.

— Vamos para casa? — perguntei algum tempo depois, mas Sofia não respondeu, sua atenção estava toda voltada aos dois menininhos brincando no parque com um homem, que possivelmente era o pai deles. — Você quer ir brincar, também? — Ela negou com a cabecinha e enfiou mais pipoca na boca.

Eu não voltei a perguntar nada, porque acho que nós duas ainda estávamos cansadas da viagem e da mudança. O caminho de volta para o apartamento foi curto, e ela adormeceu em meu colo antes mesmo que chegássemos ao prédio. Sei que não deveria, mas fiquei desapontada ao não encontrar nenhum sinal do Guilherme quando voltei ao apartamento.

— Cadê ele, mamãe?— ela choramingou na cama, agora lutando contra o sono.

— Ele teve que ficar com o papai dele essa noite, Soff. Lembra que eu te falei que o Gui trabalha em um haras? Então, ele dorme lá algumas vezes...

— Mas... eu não quero ficar sozinha.

— Você não está sozinha, meu amor, eu não estou aqui? — disse enquanto me deitava ao seu lado, sentindo-me uma idiota por também não querer ficar nesse apartamento sem ele. Sofia relaxou ao me ver deitando e puxou uma mecha do meu cabelo que ela costumava enrolar no dedinho até cair no sono. Sem coragem para me levantar, eu passei a noite ali, abraçada com meu anjinho carente.

Capítulo 3

HENRIQUE

Entrei na sala de reunião no dia seguinte e encontrei Isadora e Marcos em seus respectivos telefones, possivelmente tentando resolver a greve que tinha explodido essa manhã com a terceirizada responsável pela distribuição dos vinhos. Os prazos para a nova produção eram curtos, o que impossibilitava a existência de imprevistos. E se eu não estava enganado, a empresa não enfrentava um problema como este há, pelo menos, dez anos.

Se a greve continuasse mais um dia que fosse, haveria multa por conta dos contratos assinados e isso afetaria diretamente a credibilidade da Montenegro, e em um momento como esse, em que Marcos estava trabalhando pesado para expandir os negócios por toda a Europa, só posso dizer, que isso arruinaria todos os esforços dos últimos meses.

— Nós não vamos alterar o contrato, Fred! — Marcos gritou com o coitado do outro lado da linha e eu apenas observei de longe o *todo-poderoso* agindo como se fosse o dono do mundo. Como se, por ser um Montenegro, ele fosse melhor do que todos os outros seres humanos. — Eu não vou voltar atrás, que garantia você me dá que isso não voltará a acontecer?

— O que está acontecendo? — perguntei ao me aproximar da Isadora, que tinha encerrado sua própria ligação e agora estava em pé, de frente para a janela que cobria toda a parede.

— Marcos acha que eles estão tentando pressioná-lo, que a greve é apenas para que façamos o reajuste antes da expansão.

— E o que você acha?

— Eu penso como meu irmão, Henrique. Se cedermos agora, quem garante que depois eles não voltarão a fazer o mesmo?

— Eu conheço o Fred há anos, Isa, ele nunca passou por uma situação como essa. Talvez... esteja mesmo na hora de revermos o contrato que temos com ele.

— Você está dizendo que devemos pagar mais?

— Você conhece alguma outra transportadora que atenda a nossa demanda em tão pouco tempo?
— Ela analisou, mas não respondeu nada.

— Fred está sendo irracional, nós discutimos esse contrato há menos de um ano e agora ele quer

um reajuste? — Marcos disse após terminar sua ligação.

— Marcos, se a greve persistir nós é que sairemos prejudicados — Isadora tentou apaziguar.

— E o que você me sugere? — ele a questionou.

— Nós não podemos nos dar ao luxo de ter um problema como este agora, temos prazos a cumprir. — Eu não precisei nem abrir minha boca, Isadora era esperta o suficiente para resolver essa situação sem que eu precisasse me envolver diretamente. Mesmo assim, Marcos me encarou querendo saber minha opinião. — Além disso, esse valor nem é significativo, você está relutante por conta do seu orgulho. — Tentei não rir, porque o que poderia não ser significativo para a Isadora poderia significar muito para o restante do mundo. Mas...

— Marcos — Nós três olhamos para a tonta parada na porta, e Marcos fechou o semblante por estar sendo interrompido. Como Isadora, não percebia o que essa garota sentia por seu irmão? —, eu não queria interromper, mas é importante — Rachel disse e Marcos, mesmo parecendo irritado, pediu licença para ir ver o que estava acontecendo.

Aproveitei o momento e me aproximei da Isadora por trás, beijando sua nuca e seu pescoço. Ela odiava que fizessemos esse tipo de coisa no trabalho, e eu adorava o desafio que era convencê-la a ceder.

— Eu poderia foder você aqui... contra essa mesa — provoquei tentando lhe arrancar alguma reação.

— Se eu fosse uma qualquer, talvez, mas não vou me rebaixar a esse ponto, Henrique.

— Claro que não — falei e ela vidrou seus olhos nos meus. — Você é melhor do que isso, Isadora, é por esse motivo que será minha esposa. — Isa gostou do que escutou e se virou, exibindo seu belo sorriso.

— Eu não vejo a hora disso acontecer — admitiu, e antes que eu pudesse me inclinar para beijá-la, Marcos estava de volta.

— O que foi, Marcos? — Isadora perguntou assim que viu a expressão séria no rosto do irmão.

— Avise ao Fred para estar aqui essa tarde, Henrique, quero que você resolva esse problema com ele e me passe o que decidirem. Agora me deixe sozinho com minha irmã. — O estudei sabendo que algo deveria estar muito errado e saí, contrariado.

Deixei os dois sozinhos, mas não gostei da sensação esquisita que senti. Algo bem sério tinha acontecido para ele ter decidido deixar para que eu lidasse com o Fred. Só me restava descobrir o quê.

— Rachel, quem telefonou? — perguntei assim que a encontrei no corredor entre o meu escritório e o do seu chefe.

— Isso não é da sua conta — ela respondeu e seguiu andando, suas bochechas estavam vermelhas e seus olhos desviavam dos meus.

— Você o interrompeu só para dar uma escapadinha? — Ela parou e se voltou para me encarar.

— Claro quer não, eu nunca faria isso. — Ah, eu duvido.

— Então, me diz quem foi que ligou... — pressionei, sabendo que ela iria dar com a língua nos dentes. Rachel morria de medo que eu contasse a Isadora sobre o seu casinho com o Marcos, e acabasse estragando tudo entre os dois.

— Eu não sei, era uma ligação internacional, acho que... de Portugal.

— E?

— E que eu não sei o resto, Marcos atendeu na sala dele. — Portugal... Mariana... isso cheirava a merda.

GUILHERME

Quase no fim da tarde voltei ao apartamento, e fui surpreendido pelo meu pacotinho olhando para a porta pela qual eu tinha acabado de passar. Seu nariz enrugou ao me ver e ela apertou os lábios, exigindo muito de mim para que eu não risse da situação. Se Sofia não fosse uma garotinha de quatro anos, eu poderia jurar que a reação dela se assemelhava a de uma esposa quando o marido passava a noite fora.

— Estava me esperando? — perguntei carinhosamente, e a peguei no colo, seu olhar foi até o corredor onde ficam os quartos e depois voltou para mim.

— Mamãe tá *tiste*... — falou fazendo um biquinho. — Mas não fiz bagunça, fiquei quietinha... Por que ela tá assim?

— Aonde ela está? — perguntei ao me dar conta de que seus olhos se enchiam de lágrimas. O que me fez revirar o estômago, porque percebi que não era só a sua mãe que me tinha na palma da mão. Sofia também tinha.

— No quarto — ela respondeu baixinho.

— Vamos resolver isso, tudo bem? — prometi e ela engoliu o choro, fui com Sofia até o quarto e encontrei Mariana terminando de se arrumar. Seu rosto vermelho, revelava as lágrimas agora secas e eu estranhei sua agitação.

— Vai sair?

— Você se importa de ficar com ela um pouco? — perguntou sem me encarar, seu rosto estava sem maquiagem, o cabelo preso em um rabo de cavalo comum e ela vestia jeans e regata branca. Nada estranho até aí.

— Mariana...

— Só por uma ou duas horas, por favor? — Ela me encarou nesse momento e eu não gostei do que vi.

— Você vai me deixar aqui, mamãe? — Sofia perguntou quase desesperada e Mariana se aproximou dela passando a mão pelo seu cabelo.

— Eu não vou demorar, meu amor. Além disso, você não queria ver o Gui? — Ela olhou confusa para mim e depois para a mãe e eu me controlei, o que Mariana estava fazendo não era certo.

— Mas...

— Eu prometo que vou estar aqui logo, tudo bem? — Ela beijou o rosto da filha, e saiu do quarto antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

A vontade que eu tinha era de ir atrás dela, e arrastá-la de volta para esse apartamento, mas a esperta me deixou em uma situação sem saída. Com Sofia no colo, o melhor que eu podia fazer agora era fingir estar tranquilo e tentar melhorar o humor do meu pacotinho. As horas passaram, Sofia jantou e adormeceu sem muito trabalho, enquanto eu ficava cada vez mais impaciente por não saber o que estava acontecendo.

Minha mente deu voltas e mais voltas, sempre chegando a mesma conclusão... Ela só poderia ter ido atrás daquele filho da puta!

MARIANA

O táxi parou em frente ao prédio e eu respirei fundo, tentando encontrar coragem para descer e fazer o que eu tinha vindo fazer. A garoa fina que começou a cair quando saí de casa já havia aumentado a essa altura e se transformado em um pequeno temporal.

— A senhorita irá descer? — o motorista perguntou impaciente. Também irritada, eu peguei o dinheiro na bolsa, o entreguei e saí do carro, correndo para dentro do prédio. Eu não tinha estado aqui antes, mas pelo pouco que Guilherme me contou ao longo dos anos, eu sabia que Henrique não tinha se mudado.

— Boa noite, eu... Qual é o apartamento do Henrique Farias?

— Eu não posso dar essa informação.

— Sim, eu sei. — Revirei os olhos e sorri. — Eu sou a irmã da noiva dele — disse, já tirando a identidade da bolsa. — Eu vim apenas fazer um favor aos dois, minha irmã me deu as chaves com o número, mas não lembro onde as coloquei e como eu não sei se o Henrique está aí...

— Ele acabou de chegar — o porteiro informou mais receptivo.

— Eu poderia subir?

— Claro, eu vou avisar a ele, só um momento.

— Não, não precisa. Só me diga o número, porque, pelo que eu conheço do meu futuro cunhado, ele vai querer me matar quando descobrir que eu perdi as chaves. — O homem assentiu,

provavelmente conhecendo a personalidade do *dito cujo*.

Após descobrir o número do apartamento, peguei o elevador e me dirigi até a cobertura, claro, que coisa mais óbvia, pensei.

Meu coração acelerou no caminho, batendo forte, voltando à vida. Eu podia sentir todo o meu corpo despertar. Um frenesi tomando conta... Eu me sentia como uma viciada, prestes a consumir a maior dose do seu vício.

O elevador finalmente parou, e eu andei até a porta completamente nervosa. E com os dedos tremendo toquei a campainha, rezando internamente para que Henrique ficasse do meu lado, que ele me aceitasse em sua vida.

Os segundos se passaram me deixando apreensiva, toquei mais uma vez e aguardei. Quando estava prestes a desistir, dar meia volta e fugir, a porta se abriu e eu dei um passo atrás. O homem na minha frente era o mesmo por quem eu me apaixonei loucamente há mais de cinco anos: Alto, com uma beleza absurdamente masculina e... olhos negros como carvão.

Não resisti ao impulso, eu era fraca quando se tratava desse homem e, apesar da maneira severa com que ele me encarava, como se estivesse vendo um fantasma do passado, eu esqueci de todos os motivos pelo qual deveria me manter longe dele e o beijei faminta e apaixonadamente.

Henrique demorou a reagir, resistindo ao meu avanço como uma parede fria. Suas mãos seguraram firmemente os meus braços e quando eu achei que ele estava prestes a me afastar e interromper meu ato de loucura, ele me puxou com força e tomou minha boca com avidez.

Seu cheiro me deixou tonta, sua boca exigente me fez perder a maldita razão e eu estremeci como um animalzinho indefeso prestes a ser deliciosamente devorado.

Foi selvagem, quase violenta a maneira como ele me agarrou e, de repente, da mesma forma como começou, terminou. Infelizmente, eu percebi que nunca teria o suficiente dele, nem dos seus beijos, nem das suas carícias.

— Henrique... — murmurei dolorosamente afetada.

— Você perdeu o juízo, porra?! — ele gritou, me pegando de surpresa, e me puxando para dentro do apartamento, chegando a machucar meu pulso com a força com que me apertou. — O que você pensa que está fazendo aqui? — Sua voz saiu fria, nem um pouco calma, e sua raiva desabou em mim como um trovão desgovernado, deixando-me mais nervosa. — Responde, Mariana! Seu irmão ao menos sabe que você está de volta?

— Na-não... eu... eu precisava te ver antes, Henrique — falei vacilante, ainda abalada pelo beijo.

— Maldição, não me venha com essa porra de obsessão novamente!

— Não é obsessão! Eu o amo... eu voltei por você! — Henrique se afastou descontrolado, passando a mão pelo cabelo, como se não soubesse o que dizer ou fazer comigo. Permaneci apoiada contra a parede, em completo silêncio e com o coração alucinado.

— Voltou por mim? Você é maluca? Eu estou prestes a me casar com a sua irmã, Mariana! —

rosnou e no segundo seguinte apertou meu rosto com seus dedos, me forçando a encará-lo. Seu corpo rígido pressionou o meu, e eu juro que podia sentir algo duro e latejante contra o meu quadril. Ele estava excitado?! — E nada do que você diga ou faça vai mudar isso. Porque Isadora é a mulher que eu escolhi, eu a amo. Então, por que você não me poupa tempo e paciência e desaparece novamente? — O que ele disse me chocou a ponto de me fazer esquecer por alguns instantes de como respirar.

Era tudo um erro, eu sabia, mas não consegui recuar quando a sua boca me procurou ferozmente, arrancando de mim os últimos resquícios de sanidade, e eu queria fazer isso, queria provar a todos eles que eu não era a única a me sentir dessa maneira. Que o desejo era intenso das duas partes.

— Você não pode amá-la... não pode! — disse ofegante.

— Pare com essa merda, Mariana. — Ele apertou meu rosto. — E preste bastante atenção ao que eu vou te dizer, se você se atrever a abrir essa maldita boca e contar a alguém o que aconteceu naquela noite, eu juro que faço você se arrepender. Está entendendo?

— Isso vai ser impossível. — Ri da ironia mesmo estando assustada com a sua ameaça. Henrique não gostou muito da minha resposta e me arrastou em direção à porta. — Espere Henrique... nós temos que conversar.

— Nós não temos nada para falar um com o outro, nunca tivemos! — Ele abriu a porta enquanto eu me debatia.

— Por favor, me escuta, é importante... — implorei, mas foi inútil.

— Nada do que você tem a dizer me interessa. Nada. Agora suma da minha frente e entenda isso de uma vez por todas! — Tropecei como uma idiota quando ele me jogou para fora do seu apartamento, e por um segundo, antes que ele batesse a porta em minha cara, eu o vi hesitar. Mas foi tão rápido que chegou a ser insignificante.

E Deus, a sua atitude me machucou como o inferno, doeu tão intensamente que eu tive medo que essa sensação de desespero dentro de mim nunca mais fosse embora, que ela se agarrasse a minha alma e me afundasse definitivamente.

A humilhação não me permitiu chorar, por mais que eu tenha tido vontade, e quando eu me vi fora daquele maldito prédio eu me encontrei tão vazia por dentro que não me importava de estar bem no meio de uma tempestade... Porque por dentro eu também estava desmoronando.

Levei cerca de meia hora até chegar ao apartamento, sentindo-me pior do que quando saí. Encontrei Guilherme dormindo no sofá, a sala totalmente escura e não tive forças para fazer mais do que me sentar e olhar para ele. E foi assim que passei os próximos minutos, a próxima hora... Encolhida em uma poltrona e louca de vontade de correr até ele e pedir colo.

Mas eu não podia continuar agindo assim. O Guilherme merecia mais do que as minhas migalhas danificadas... Muito mais!

No dia seguinte...

— Não vai perguntar aonde eu estive ontem? — questionei Guilherme, já que aparentemente ele e Sofia tinham decidido me dar um gelo. Mesmo assim, isso não o impediu de me levar para a minha cama depois de passar a noite inteira naquela poltrona desconfortável. E enquanto Gui me dava o seu voto de silêncio, Soff me lançava olhares como se eu tivesse partido seu coraçõzinho frágil. — Vocês dois realmente estão me ignorando? — insisti. — Gui. — Ele finalmente largou o café e me deu sua atenção.

— Não quero saber onde você esteve, porque sei que isso vai me deixar putado. Eu só não fui embora ainda porque estou preocupado com a Sofia. Você, por acaso, já se deu conta do quanto ela se preocupa com você, Mariana? Não acha que é muita responsabilidade para uma criança de quatro anos?

— Eu sei que o que fiz foi errado, mas... eu precisava tomar uma atitude Guilherme, ficar presa nesse apartamento pensando em tudo o que eu tenho que resolver está me deixando louca.

— E o que você resolveu? Henrique por acaso vai assumir vocês duas? — Abri a boca para responder algo, qualquer coisa, mas não consegui. Por que ele estava sendo tão mau? Balancei a cabeça e saí da cozinha o deixando lá... esperando por uma resposta que eu não daria. — Você não contou, não é? — Não percebi que ele me seguia.

— Eu não quero falar sobre isso e pare de me tratar dessa maneira. Nós não somos assim Guilherme, você não é assim!

— Já pensou que eu posso estar cansado? — Percebi que ele se arrependeu do que disse assim que as palavras saíram da sua boca, mas nem por isso elas doeram menos. — Merda, Mariana, se você não contou nada a ele, o que foi fazer lá, então? Me diga, porque eu não entendo, você prometeu que não cometeria nenhuma loucura.

— Eu tentei, está bem? Ele não quis me ouvir, disse que... disse que ama a Isadora e... me jogou para fora do apartamento. Eu não sei se vou suportar vê-los juntos, Gui, não sei! — Resignado, ele desistiu do castigo de silêncio e me envolveu em seus braços.

E em um lampejo de razão, o pensamento de que se Henrique era o meu vício, Guilherme só poderia ser a minha cura... porque não tinha outra explicação para o que eu sentia quando ele me abraçava. Gui tinha o estranho dom de me salvar quando eu estava à beira do precipício.

— Você pode sim e vai, porque eu não vou deixar você passar por nada disso sozinha.

— Mas você disse que está cansado...

— E estou, mas não é cansado de você, é cansado dessa ideia fixa que você enfiou na cabeça de que ama aquele desgraçado. É essa a situação que eu não suporto mais, entende?

— Ah, Gui, eu fiz uma coisa horrível... o Henrique...

— Não, Mariana, nem continua porque não quero me irritar com você. Eu vou estar aqui ao seu lado, já falei, mas quando se trata do Henrique eu prefiro não saber.

— Você ainda o odeia, não é?

— O que você acha?

— Eu não...

— Olha, que tal esquecer esse assunto por hoje? — Concordei. — Além disso, eu tenho um convite a te fazer. Eu recebi a ligação de um amigo da época da faculdade e ele tem um Mangalarga no qual eu já estava interessado há algum tempo, o cavalo vai estar presente em uma exposição em Florianópolis esse fim de semana, e ele me convidou para ir até lá vê-lo. Eu confirmei que iria, mas gostaria que você e Sofia viessem comigo.

— Por quê? — perguntei surpresa.

— Porque vai ser bom para as duas, Sofia vai enlouquecer naquele lugar e você também poderá matar um pouco da saudade. O que acha?

— Tem cinco anos que eu não... — Deus, tinha todo esse tempo que eu afastei tudo e qualquer sentimento relacionado às competições da minha mente. Não porque não era importante, eu fiz porque era doloroso demais pensar no Zeus e em todos os sonhos que eu nunca iria realizar. — Eu vou adorar, Gui! — disse emocionada. — Muito, muito, muito! — Passei os braços pela sua nuca e beijei seu rosto várias e várias vezes, não me aguentando de tanta felicidade.

— Foi o que eu imaginei.

— Sofia já sabe?

— Não, talvez seja melhor você mesma contar.

— E quando nós partimos?

— Amanhã à noite, tenho que deixar tudo resolvido antes de viajarmos e isso vai dar um tempo para que vocês arrumem tudo.

Não demorei a contar a Sofia sobre a viagem e sobre os cavalos que ela teria a chance de ver, e ela mais que depressa esqueceu que havia me colocado de castigo. Senti-me mal mesmo assim, por saber que minhas atitudes influenciavam tanto o seu humor e isso me preocupava, porque, lá no fundo, eu tinha a impressão de que os próximos dias não seriam nada fáceis para nenhuma de nós duas.

O restante do dia, eu a tive me seguindo por todo o apartamento, como se estivesse me vigiando para que eu não fugisse ou a deixasse sozinha. Meu coração se apertou quando, quase perto de tirar seu cochilo da tarde, Sofia me prometeu que não iria fazer nada para me deixar triste de novo. Eu tentei explicar que ela não tinha culpa, disse que estava apenas cansada por conta dos últimos dias, mas eu não sei se ela acreditou em mim.

Fiquei em seu quarto por mais alguns minutos, apertando meu anjinho tão forte quanto era possível enquanto ela dormia profundamente. Hoje, até mesmo a sua semelhança com o pai me afligia, era inevitável, por mais que eu tentasse ignorar o quanto do Henrique existia nela: o sorriso, os traços fortes, o tom de pele... Chegava a ser assustador.

HENRIQUE

Levei um dia inteiro esperando pelo próximo passo da Mariana, algum sinal do que ela pretendia fazer — além de me enlouquecer — agora que estava de volta ao Brasil, mas a julgar pela calma habitual da Isadora e da correria do Marcos, nenhum dos dois tinha a menor ideia de que aquela bruxinha estava na cidade.

E conhecendo essa família como conhecia, eu sabia que um passo em falso arruinaria toda a minha vida. Por isso esperei, e esperei... E quando me dei conta de que o meu futuro poderia estar nas mãos daquela garota, que ela poderia dar com a língua nos dentes e acabar com a minha vida, eu mesmo decidi contar. Até porque a minha versão seria bem mais interessante.

Não deu outra, e no final do dia, já cansado de ser atormentado pela lembrança daqueles malditos beijos, eu contei tudo o que tinha acontecido aos dois e me liberei do problema, deixando-os cuidar desse inconveniente sozinhos.

Isadora, como sempre, permaneceu apática, e nem mesmo quando as palavras — *Sua irmã veio me procurar na noite passada* — saíram da minha boca ela mostrou alguma reação. A única vez em que seu controle vacilou foi quando deixei claro que Mariana tinha se insinuado mesmo sabendo do nosso noivado. Marcos, por sua vez, estava a um passo de ir atrás dela e confrontá-la, o *todo-poderoso* odiava ser contestado ou enganado, e se eu não estivesse errado, poderia apostar que a bruxinha tinha cavado a própria cova.

Marcos não a perdoaria, por tomar uma decisão como essa sem consultá-lo.

Enquanto eles decidiam o que fazer com a informação que lhes dei, eu tentava aparentar indiferença. Agir como se Mariana não me afetasse nem um pouco. Quando na verdade, ela despertava o animal irracional dentro de mim. Aquela garota teimosa e mimada que não sabia escutar um *não* tinha se transformado em uma mulher fatal. Seu olhar felino parecia ainda mais intenso, sua boca estava suculenta e aquele corpo? Mariana tinha uma vantagem quando se tratava de curvas que Isadora nunca teria. Quadril largo, bunda grande e cintura fina. Não que esses atributos fossem fortes o suficiente para me desviar do meu caminho, eles não faziam a menor diferença, porque era com a Isadora que eu permaneceria, independentemente do quanto sua irmã fosse gostosa.

— O que você sentiu ao vê-la? — Isadora me pegou de surpresa ao perguntar algo assim bem no meio do restaurante onde estávamos jantando essa noite.

— Não senti nada, quantas vezes já não te falei que sua irmã e eu nunca estivemos juntos? Essa obsessão dela por mim sempre me incomodou, Isa, e eu não estou com a menor paciência para passar por essa merda novamente. Espero realmente que seu irmão consiga colocar um pouco de juízo na cabeça dela dessa vez — disse tranquilo enquanto ela degustava concentrada a sua taça de vinho.

— Marcos está furioso e eu ainda não tenho a menor ideia do que ele fará. Meu medo é que ele acabe decidindo incluí-la nos negócios.

— O que tornaria nossa vida um inferno. Mariana nunca mostrou interesse algum pelo que acontece na Montenegro, diferente de você. Eu não sei, mas talvez seu irmão deveria começar a pensar na possibilidade de comprar a parte dela na empresa e deixá-la livre, Isadora.

— Ele nunca faria isso — ela disse veemente. — A Montenegro é tudo na vida do meu irmão, e ele acha que deveria ser o mesmo para nós duas. Marcos nunca vai aceitar que vendamos a nossa parte, esse é o nosso legado.

— Um legado que ela não quer, pense no nosso futuro, nos filhos que teremos e que um dia até mesmo poderão assumir a presidência da Montenegro.

— Se meu irmão não tiver filhos.

— Seu pai foi bem direto em seu testamento, Isadora, eu tive a chance de estudá-lo minuciosamente e até onde eu sei, apenas herdeiros legítimos poderão assumir a presidência, desde, é claro, que sejam homens. Então, pode ser que nossos filhos ainda tenham alguma chance.

— Eu não sabia disso.

— Pois o seu irmão sabe de todas as cláusulas, e nunca se preocupou em dividir isso com você.

Não me preocupei com o caminho onde seus pensamentos estavam indo, porque no final eles sempre tomavam a mesma direção que os meus. E para falar a verdade, Mariana era o que realmente me preocupava nesse momento. Eu me recusava a ceder, mas porra eu não conseguia tirá-la da minha mente desde o momento em que coloquei minhas mãos nela novamente.

O gosto da sua boca, o seu cheiro... Aquela garota cheirava a sexo, sexo indecente e selvagem... Caralho, eu estava muito fodido!

Capítulo 4

GUILHERME

— Tem alguma coisa te preocupando? — Mariana murmurou ao meu lado enquanto eu colocava sua mala dentro do carro, prestes a pegar a estrada. Sofia estava parada, em pé na calçada, nos observando, com sua bota *country* que ela havia insistido para sua mãe comprar durante as compras, que elas fizeram essa tarde.

— Seu irmão andou fazendo perguntas ao meu pai hoje.

— Então... ele já sabe? Mas como?

— Henrique, Mariana. Ou você acha que ele ficaria calado? O desgraçado se adiantou e contou tudo. Marcos estava furioso ao telefone, insinuou que eu a estava acobertando, enfim foi um inferno.

— Seu pai ficou muito bravo? — Bravo foi pouco, o velho até podia adorar a Mariana, mas não era a favor dos meus sentimentos por ela. Para ele, eu merecia uma mulher completa, sem passado e que correspondesse ao meu amor plenamente.

— Um pouco, eu deveria ter me preparado para isso, mas não pensei que Marcos ligaria para a sede procurando por você. Como eu não estava no escritório, naquele momento foi meu pai quem acabou atendendo e o resto você já sabe.

— Eu sou uma estúpida! — ela disse revirando os olhos enquanto se afastava indo em direção a Sofia, eu rapidamente me coloquei ao seu lado e murmurei de volta:

— Meu pai quer conhecê-la — disse indicando a Sofia, que segurava uma boneca de cabelo rosa com uma mão e um cobertor desbotado com a outra.

— Ele quer?

— Sim, ele ficou louco quando descobriu que você estava de volta e que eu não tinha contado nada, mas aquele coração velho amoleceu quando eu contei sobre a Sofia.

— Contou a quem *sobe* mim? — meu pacotinho perguntou.

— Ao papai do Gui, ele está ansioso para te conhecer.

— Todo mundo tem papai? — ela questionou com o cenho franzido.

— Nem todo mundo, o meu está no céu.

— E o meu?

— O seu não está no céu.

— Quem escolhe o meu papai? Sou eu? — As perguntas vieram uma atrás da outra e Mariana não vacilou. Eu acho que ela já estava preparada para esse momento.

— Não é você quem escolhe o seu papai — respondeu e prendeu a filha na cadeirinha.

— Então quem é?

— Imagine... dois peixinhos, um macho e uma fêmea. Os dois se gostam muito, muito mesmo, e o amor entre eles é tão forte que um dia, eles têm um peixinho bebê. Ninguém escolhe o papai ou a mamãe, simplesmente acontece.

— E cadê o meu então? — Sofia soou nervosa.

— O seu peixinho?

— Não, mamãe, o meu papai!

— Você vai conhecer ele, Sofia, só que na hora certa, tudo bem? — Mariana falou com cuidado e Sofia hesitou, pensando no que a mãe tinha acabado de dizer.

— E o Gui? — Sem entender onde ela queria chegar, nós dois nos olhamos ao mesmo tempo.

— O que tem o Gui?

— Ele é papai de alguém?

— Ainda n-não. — Isso afetou Mariana mais do que a pergunta sobre o Henrique, e ela mais do que depressa desviou o seu olhar do meu.

Antes de dar a partida na caminhonete, verifiquei Sofia no banco traseiro e a peguei dando um sorriso sapeca de todo o tamanho para mim. O mesmo sorriso que eu via no rosto da Mariana quando ela conseguia se livrar de alguma namorada minha.

No dia seguinte, já devidamente hospedados no hotel e depois de uma boa noite de sono, Mariana, Sofia e eu descemos para tomar nosso café da manhã e planejar o dia. O quarto em que dormíamos era conjugado, elas tinham ficado com um e eu com o outro, até aí nada de mais, se eu não tivesse sido acordado por um corpo quente e delicioso no meio da madrugada procurando aconchego, que eu não neguei, é claro.

— Deus, eu tô com tanta fome... — Sofia interrompeu meu devaneio nos fazendo rir de imediato. Ela disse séria enquanto apertava a barriga com as mãos e olhava ao redor do hotel curiosa. E assim como ontem, ela ainda usava as tais botas amarelas, o cabelo trançado e agora um vestido vermelho. Totalmente a caráter.

Mariana, por sua vez, vestia um jeans escuro abraçando a curva tentadora do seu quadril e uma camisa branca, com botas de montaria. Seu cabelo estava preso em um coque bagunçado, que a deixava ainda mais sexy. Eu tinha uma tara fodida pelo seu cabelo e acho que ela sabia disso.

— Você sempre está com fome, pacotinho — falei um pouco à frente dela e da Mari, mas Sofia correu e entrelaçou sua mãozinha na minha.

— Por que você me chama de pacotinho? — perguntou.

— Porque você é pequena, parece um pacotinho de gente.

— Eu não entendo...

— Nem tente, Sofia, nem tente — Mariana falou e nós seguimos para o restaurante do hotel. A manhã foi tranquila, nós passamos um tempo na Avenida Beira-Mar Norte para que Sofia conhecesse mais da cidade, e depois partimos para o Centro de Eventos, que já estava lotado.

Todos os anos, exposições como estas reuniam criadores de cavalos de raça de toda a região, alguns possuíam expositores próprios, como os do nosso haras, e outros vinham apenas para fazer negócios e participar das pequenas apresentações que agradavam ao público. Esse ano não estávamos participando de eventos menores como estes, porque já tínhamos garantido espaço na associação equestre que organizaria o maior evento dessa área, com visibilidade nacional e internacional.

Chegamos ao centro, cumprimentei alguns amigos e parceiros de negócios e até que Sofia não passou de estande a estande, sorrindo para cada cavalo que encontrava e montado nos pequenos pôneis, ela não sossegou. Aproveitei o momento em que ela e Mariana foram assistir à apresentação de adestramento e fui fechar negócio com o Renato, meu amigo dos tempos na universidade.

— Então, quem é aquela deusa que veio com você? — Renato perguntou ao me passar uma cerveja.

— Esquece, ela não é para o seu bico.

— Tem certeza? Ela parece ser o meu tipo. — Cerrei o maxilar e pensei que se tinha uma coisa que Renato não tinha era *um tipo*. Para ele qualquer mulher era interessante, desde que fosse bonita.

— Certeza absoluta, além disso, ela é minha — disse sério, o que o fez me encarar por um tempo, enquanto tentava descobrir se eu estava ou não brincando. Bom, eu não estava.

Mariana era minha, de uma maneira ou de outra. Eu só estava esperando o dia que ela iria acordar para a vida e perceber isso.

— É ela a garota que lhe tinha nas mãos na época da faculdade? A de olhos verdes... gostosa? — Concordei com a cabeça, lembrando o tempo em que eu costumava explicar porque não conseguia dar certo com garota nenhuma. Era porque eu tinha uma feiticeira em casa me esperando, de grandes olhos verdes e um corpo assassino. — Então, vocês estão juntos agora?

— Ainda não.

— Sério, Guilherme, não acha que está na hora de partir para outra? Há quanto tempo você é louco por ela? Cinco, seis anos? — Porra eram quase dez anos, eu tinha dezoito anos na primeira vez em que senti vontade de beijá-la, lembro até hoje, nós tínhamos acabado de discutir por causa de uma namorada que eu tinha e que ela não suportava, eu defendi a garota, dizendo que se ela não fosse tão ciumenta as duas poderiam chegar a se entender, mas Mariana mandou eu enfiar a *idiota do mês* onde

eu bem entendesse, desde que fosse bem longe dela. Eu não sei se ela se lembrava daquele dia, nem da maneira como eu a segurei em meus braços e por muito, muito pouco, se meu pai não tivesse nos interrompido tenho certeza de que não teria resistido e a teria beijado.

— Por aí — respondi e logo desconversei. — E a Sara? Eu pensei que ela estaria aqui. — Renato tinha uma irmã gêmea, que acabou se tornando uma grande amiga também. Nós saímos algumas vezes nos últimos meses, ela o ajudava no rancho da família e poderia ser facilmente o tipo de mulher por quem eu me interessaria seriamente se não fosse... pela Mariana.

— E vai, deve estar chegando a qualquer momento. Ela estava bem animada para te encontrar, eu fiquei sabendo da viagem que vocês fizeram a São Paulo há alguns meses... — Tinha sido uma viagem profissional, mas que nos rendeu um bom momento.

— Sim, ela me ajudou bastante. Você sabe que eu tenho um carinho enorme por ela, não é?

— Eu sei cara, relaxa, e outra, eu conheço a peça que eu tenho em casa. Ela não é fácil.

— Definitivamente não. — Nós dois rimos, Sara era Sara e não havia nada que podíamos fazer a respeito disso.

— Aí vem as suas garotas — ele disse de repente, e eu me virei para ver Mariana e Sofia vindo empolgadas em nossa direção.

MARIANA

Enquanto Guilherme e Renato conversavam, eu olhava encantada o Mangalarga que ele tinha acabado de comprar. O cavalo era maravilhoso, com um porte de competidor e a pelagem macia e brilhante. Ele era definitivamente uma boa aquisição para o haras do Gui, pensei saudosa.

— Ah, é tão bom te ver! — Desviei minha atenção do animal para a voz estridente que surgiu e ao olhar na direção eu dei de cara com uma loira abraçando efusivamente o Guilherme. Sofia estava ao seu lado, olhando a cena com a mesma testa franzida que eu provavelmente estava agora. — Que tal sairmos essa noite? Eu tenho tanta novidade para te contar... — ela continuou e eu demorei a decidir o que fazer, por fim fui até eles caminhando lentamente, ganhando tempo para observar a reação do Guilherme a ela. Ele não parecia indiferente aos seus sorrisos e toques e isso me incomodou um bocado.

A loira olhou para a minha filha, como se estivesse se perguntando de onde aquela criança tinha saído, Renato deu de ombros e Guilherme se deu conta de que eu estava logo atrás dele. Meu caubói sorriu sem graça, e nos apresentou educadamente, mas esqueceu de fazer o mesmo com Sofia que não gostou nem um pouco do ser deixada de lado.

— É um prazer conhecer você, Mariana — Sara disse desconcertada, e isso a entregou.

Eu não estava acreditando que Guilherme tinha transado com essa mulher. Seu rosto era impecavelmente maquiado, ela usava botas de salto alto e roupa justa, mas eu não podia deixar de

notar que ela fazia muito o tipo do meu amigo. Descontraída, bem-humorada e linda.

— Eu sou Sofia... — Minha filha chamou sua atenção, entrando na minha frente e estendendo a mãozinha para a loira, que demorou a repetir o gesto.

— Ah, ela é sua filha? — Isso pareceu deixá-la aliviada.

— Sim.

— E seu marido, onde está? — A sonsa olhou em volta, procurando por alguém que não existia e isso me irritou.

— Eu não sou casada, no momento somos só eu e a Sofia.

— E o Gui, mamãe — ela se intrometeu. — A gente mora com o Gui.

— É verdade? — Sara indagou, olhando diretamente para o Guilherme. Será que eles estavam juntos e eu não sabia?

— É recente, Sara, as duas chegaram de Portugal essa semana e estão ficando no meu apartamento por um tempo. — Por que raios ele estava se explicando?

— Sara — Renato a chamou, mas ela continuou a encarar a mim e a minha filha.

— Então, vocês são uma família?

— *Sim Não* — Sofia e eu respondemos juntas e eu a olhei chocada pela resposta que ela tinha dado. Ela parecia decidida a provar alguma coisa a essa mulher e se eu não estivesse tão sem graça com essa situação com certeza teria achado graça.

— Eu posso falar com você por um instante, Guilherme? — Sara pediu escondendo sua raiva e os dois se afastaram, deixando Soff e eu confusas.

— Quem é ela, mamãe?

— Eu não tenho a menor ideia, meu anjo.

— A gente gosta dela? — Sofia me perguntou e esperou paciente pela minha resposta. Do outro lado do expositor Guilherme riu de algo que a loira disse e isso me embrulhou o estômago.

Não, acho que a gente não gosta, pensei comigo mesma.

Quase no final do dia, uma boa parte dos visitantes se concentraram na arena onde havia um palco montado especialmente para o show sertanejo dessa noite, o que era comum em eventos como esses aqui pela região.

O local estava mais animado agora que tinha anoitecido, as barraquinhas estavam começando a encher e eu passei por vários rostos conhecidos da época em que o Gui e o seu pai me traziam junto com eles às exposições.

Fiquei surpresa por me sentir tranquila e com o coração leve, eu estava decidida a não deixar o que aconteceu comigo e com o Henrique estragar esse final de semana, e mais tarde, quando a

primeira dupla começou a se apresentar, levando vários casais a arriscarem alguns passos de dança, eu desejei voltar aos meus dezesseis anos. A idade em que eu pensava que minha vida sempre se resumiria ao Gui, ao Zeus e às minhas competições.

— Vem, vamos dançar Guilherme. — Sara o arrastou antes que ele pudesse dizer qualquer coisa e eu fiquei para trás com a Sofia e o Renato. Ele foi gentil e arrumou uma mesa para que nós pudéssemos sentar e nos comprou duas cervejas, enquanto sua irmã flertava descaradamente com o Guilherme.

Sofia não quis comer nem beber nada depois que Sara se juntou a nós, ela parecia tão confusa ao ver o Gui com outra mulher e, pela primeira vez, eu percebi o efeito que toda essa situação estava tendo em sua cabecinha. Ele sempre foi o único referencial masculino dela, sempre foi o nosso suporte. Soff o adorava, assim como eu, e deu para ver que estava sendo difícil dividir sua atenção com alguém além de mim.

— Então, você e o Guilherme se conhecem há quanto tempo? — Renato perguntou, e eu não sei se ele estava tentando ser educado e puxando papo ou verdadeiramente interessado.

— Nossa, quase a minha vida inteira — respondi sorridente.

— Engraçado, eu acho que já escutei tudo a seu respeito, sabe? Guilherme costumava falar sobre você o tempo inteiro, eu até mesmo cheguei a pensar que vocês dois, algum dia, acabariam juntos. Loucura, não é? — Eu o encarei por um instante querendo entender o sentido dessa conversa.

— Sério?

— Por que a surpresa?

— Sei lá, é só que o Guilherme é apenas meu amigo. — *Meu único e melhor amigo*, pensei, e me virei o procurando entre os casais. Gui estava se divertindo com a Sara, não tinha a menor dúvida disso, bastava olhar para os dois dançando e rindo ao som da música. — Ele e a sua irmã, eles estão juntos? — Renato sorriu como se tivesse acabado de descobrir algo do qual eu não tinha a menor ideia, e quando abriu a boca para responder a minha pergunta, a irmã dele nos surpreendeu e voltou para a mesa com cara de poucos amigos.

O que será que tinha acontecido?

— Quer dançar, meu anjinho? — Olhei para o lado ao escutar uma voz rouca que eu conhecia melhor do que ninguém e meu coração amoleceu quando eu vi Guilherme estender a mão para a Sofia, que retribuiu o gesto timidamente. Minha filha arrumou o vestido ao ficar em pé e eu juro que ao olhar para mim ela estava vermelha.

Os dois se afastaram, ele disse algo para ela, e a rodopiou arrancando risos da minha pequena.

— Sua filha é bem apegada a ele, não? — Sara comentou com visível desaprovação, mas eu não entrei em seu jogo.

— Eles se adoram. — Dei de ombros e continuei a observá-los encantada. Sofia tentava acompanhar seus passos e ele... Bem, ele estava sendo o Gui de sempre. Um perfeito cavalheiro mesmo com toda essa marra de caubói.

— Percebi, mas não acho isso saudável para a menina. Fico pensando como ela irá reagir quando ele formar a sua própria família, entende? — Própria família? Isso foi algum tipo de indireta? Será que eles...

— Não dê ouvidos a minha irmã, Mariana, ela tem o péssimo costume de se intrometer em assuntos que não dizem respeito a ela.

— E quem disse que Guilherme não me diz respeito? — ela indagou confiante e eu juro que podia escutar o sibilar de uma cascavel prestes a dar o bote.

Revirei os olhos e cruzei os braços decidida a ignorar seu comentário, se Gui e ela tivessem alguma coisa tenho certeza de que ele teria me contado. Não teria?

Renato e eu continuamos conversando, Sofia agora estava no colo do seu parceiro de dança, e os dois pareciam estar tendo uma conversa bastante séria a julgar pela maneira como ele franzia o cenho ao que ela dizia.

Recusei a segunda cerveja que Renato me ofereceu, eu não estava mais acostumada a beber e a única garrafa que tinha tomado era mais do que o suficiente para me deixar zonza.

Não levou tanto tempo, e Sofia voltou correndo na minha direção, me puxando para que pudesse cochichar algo em meu ouvido:

— Agora é a sua vez mamãe, vai lá. — Eu olhei na direção em que Guilherme estava e o encontrei parado me encarando, as mãos por dentro dos bolsos do seu jeans e um sorriso vacilante no rosto.

Ah, Guilherme, até parece que eu recusaria.

Entendi quando ele murmurou um *Vem aqui* e mais do que depressa eu me levantei e fui até ele. Olhei para trás apenas uma vez para verificar Sofia, mas ela estava mais preocupada com a Sara.

Gui pegou minha mão e me puxou com a outra, colando seu corpo ao meu de uma maneira bastante íntima. Mas eu gostei. Deus, eu gostei mais do que deveria.

Sem saltos eu não chegava aos seus ombros, e olha que eu não era pequena, mas tinha a impressão de que perto dele qualquer mulher se sentiria miudinha. Todos aqueles músculos meio que intimidavam.

— Então, você nunca me falou dessa tal Sara — murmurei, me esforçando para não soar ciumenta, ou louca.

— Essa tal de Sara é uma amiga, Mariana, e eu gostaria que você tentasse ser gentil com ela.

— Que tipo de amiga? — insisti.

— Do tipo que você não é. — Eu entendi o que estava insinuando e antes que pudesse reclamar ele me girou inesperadamente, me fazendo bater contra o seu peito com força no final do passo. Senti seu perfume nesse momento, ele estava impregnado em todo lugar: camisa, pele, cabelo. Gui cheirava a homem gostoso. Daqueles que passam e nos fazem virar o pescoço, sabe?

— Então, é só sexo? Ou você a ama? — a pergunta o pegou de surpresa.

— Não *foi* só sexo — ele frisou bem o *foi*. — E não, eu não a amo, quer dizer, eu gosto muito dela, mas não é o suficiente, entende? — Não sei se eu entendia, e para falar a verdade o *gosto muito dela* me incomodou profundamente.

— Certo.

— Tão ciumenta... — ele murmurou tão baixo a ponto de eu chegar a me perguntar se realmente tinha escutado isso. — Será que algum dia você irá gostar de alguma amiga minha?

— Acho que não, você tem um péssimo gosto para escolher suas companhias.

— É porque eu estou esperando a garota certa me notar. — Gui me olhou intensamente ao dizer e, mais uma vez, eu senti como se fosse a única a não entender o que estava acontecendo.

Sua íris estava mais escura do que o normal e enquanto eu estudava os detalhes do seu rosto, como por exemplo, a barba por fazer, o queixo quadrado e masculino e os lábios grossos, senti inesperadamente sua mão descer por entre as minhas costas e parar na lateral do meu quadril. Bem no ponto onde minha camisa terminava e a calça começava. Seu polegar ficou ali, acariciando o pequeno feixe de pele exposta.

— E se ela não existir?

— Ela existe — ele disse completamente seguro, com um tom de voz rouco que eu nunca tinha escutado antes. Pelo menos, não direcionado a mim.

O momento pareceu durar uma eternidade, e foi a coisa mais estúpida e confusa que já nos aconteceu. Nós não estávamos mais dançando apesar da música, e ficamos apenas ali parados, um olhando para o outro, esperando e esperando... por algo que eu não sabia se deveria querer.

— Acho melhor a gente voltar para a mesa. — Ele foi o primeiro a dizer e eu assenti atordoada. Será que ele teria tido a coragem de me beijar? Era nisso que ele também estava pensando?

Segui atrás dele, sua mão segurando a minha com força e eu fiquei agradecida porque não queria que ele me afastasse, não agora quando minha cabeça estava uma bagunça.

E se ele tivesse me beijado, será que eu teria correspondido?

Capítulo 5

MARIANA

— Você é *adilosa* mamãe? — Sofia perguntou quando eu a coloquei na cama, já de pijama e com o cabelo penteado, a porta entre o meu quarto e o do Guilherme estava aberta, mas eu duvidava muito que ele conseguiria escutar nossa conversa.

— Claro que não Soff, onde escutou isso?

— Aquela mulher falou que você é *adilosa*... e falou também que o Gui é dela, mas eu falei que ele é meu, aí ela mandou eu fechar o bico.

— Ela falou isso?

— Hum-hum.

Que idiota, quem ela pensava que era para dizer a minha filha o que fazer? Esperei Sofia adormecer, e marchei furiosa até o quarto do Guilherme. Ele estava ao telefone e ficou todo sem graça ao me ver entrando.

Não preciso nem dizer que a visão daquele homem sem camisa era uma maravilha, mas, enfim, não era com isso que eu devia estar preocupada.

— Se for a sonsa da sua amiga, avise a ela que na próxima vez que ela mandar a minha filha fechar o bico e me chamar de ardilosa eu vou pegar aquele cabelo seco dela e...

— Sara, eu te ligo depois. — Ele encerrou a ligação e me olhou nervoso. — O que foi dessa vez, Mariana?

— O que foi? Essa mulherzinha falou para a Sofia que eu sou ardilosa Guilherme, e ainda mandou ela fechar o bico, como se a maldita tivesse algum direito de dizer a minha filha o que fazer.

— Sara não faria isso. — *Uau*, o fato dele não acreditar em mim meio que surpreendeu até porque depois de todos esses anos eu pensei que existisse confiança entre a gente.

— Pense o que você quiser desde que ela não volte a encher a cabeça da Sofia de merda. Estou pouco me lixando se você acredita em mim ou... — Gui relaxou e sorriu ao ver minha explosão, ele sabia que essa não seria a primeira nem a última vez que eu faria algo assim.

— Morena, me escuta — ele me interrompeu. — Eu vou ligar para a Sara e perguntar a ela

sobre isso, ok? — Gui deixou o celular em cima da mesinha ao lado da cama e se aproximou de mim. — E olha, eu realmente acho que você fica linda quando está assim, toda nervosinha, mas eu te trouxe aqui para que pudéssemos ter um bom tempo, não para que brigássemos.

— Eu sei, mas não gostei do que ela fez, e para ser bem honesta não fui com a cara dela também. Se algum dia vocês se casarem, aquela mulher vai te obrigar a se afastar de mim... — Guilherme riu e entrelaçou os dedos em meu cabelo, fazendo um carinho que era mais do que bem-vindo. Dizer que eu gostava da sensação áspera das suas mãos me tocando, era muito pouco perto da verdade.

Ele tinha mãos grandes, dedos longos e fortes, e eu sabia que era porque ainda pegava no batente quando não estava ocupado resolvendo os assuntos burocráticos do haras.

— Isso nunca vai acontecer, pare de pensar besteiras — ele me assegurou e eu me senti como uma gatinha carente ao ter seus dedos afagando meu cabelo, estava tão gostoso que por pouco não ronronei. Pouco mesmo. Minha raiva já tinha passado, e eu nem lembrava mais o que a Sara cascavel tinha feito.

Fechei os olhos e apoiei minha cabeça em seu peito, deixando claro que eu queria que a carícia continuasse. Guilherme estava sem camisa e eu gostei da sensação quente dos seus músculos contra o meu rosto.

Arrastei minha mão pelo seu abdômen até chegar ao peitoral, não pensei muito no que estava fazendo e nem percebi que isso poderia afetá-lo de alguma maneira até que sua respiração ficou irregular.

— Acho melhor você ir para o seu quarto — murmurou sério.

— Eu não quis... você sabe... — gaguejei confusa, me sentindo culpada. Tinha sido apenas um toque, e ele havia ficado todo... estranho.

— Vai Mariana, agora. — Fiz o que pediu, ou melhor ordenou, e marchei de volta para o meu quarto querendo entender o que tinha acabado de acontecer.

GUILHERME

Porra, esse seria o pior caso de bolas azuis dos últimos tempos. Não sei qual foi a intenção da Mariana, mas sentir seus dedos se arrastando pelo meu abdômen e a unha me arranhando levemente, foi como uma maldita e dolorosa provocação.

Eu era tão suscetível a ela, e a desejava há tanto tempo, que não tinha a menor ideia de como controlar todo esse tesão acumulado. A cada noite em que passava sozinho, por mais que eu me esforçasse, era nela que eu pensava. Mariana era o combustível para as minhas sessões privadas e isso me fazia sentir como a merda de um tarado.

Dei uma rápida olhada em seu traseiro apertado naquele jeans enquanto ela saía do quarto e

caminhei para longe, frustrado comigo mesmo. Como Mariana podia sentir ciúmes, me querer por perto, me procurar a noite e não perceber que eu era maluco por ela? Meu amor estava gravado em cada palavra de carinho, em cada gesto e olhar que eu dava a ela.

Meu celular tocou novamente e eu ignorei assim que vi o nome da Sara no visor, mais tarde eu conversaria com ela sobre a Sofia, porque nesse momento eu só queria pôr a cabeça no lugar. Essa situação estava passando dos limites e eu era o único que poderia resolvê-la: ou decidia lutar pela Mariana, ou desistia dela de uma vez por todas.

No dia seguinte, por volta de nove horas da manhã, Sofia e eu já estávamos acordados e tomando nosso café na sacada do quarto, quando Mariana se levantou e se juntou a nós vestindo apenas uma camiseta minha larga e comprida, seu cabelo estava revolto de uma maneira sexy e se possível ela estava ainda mais linda.

Sem a menor cerimônia, minha morena se sentou no meu colo, já que a única outra cadeira era a que Sofia estava e sussurrou um bom-dia com aquela voz rouca gostosa. Eram nesses momentos que eu tinha vontade de perguntar se ela tinha noção do que fazia comigo, porque, enquanto se servia de um copo de suco, suas coxas nuas roçavam diretamente o meu jeans.

— O que nós vamos fazer hoje? — ela perguntou.

— O Gui vai me levar no parque, mamãe — Sofia respondeu com a boca cheia.

— Jura? — perguntou animada e se virou esperando pela confirmação.

— Quantos anos você tem mesmo?

— A idade não importa, sabia? Eu sempre gostei de parques... e você também.

— Não gostava não, tudo o que eu fazia era levar você, não confunda as coisas. — Ela me olhou como se não soubesse desse fato.

— Sério? Eu pensei que você gostasse. — Porra, eu gostava era de estar com ela, mesmo que ainda não tivesse consciência do que sentia naquela época.

Pena que depois de um tempo, Mariana ficou vidrada no Henrique de tal maneira que o mundo inteiro deixou de existir. E eu, que era acostumado a ser o centro do seu universo, de repente, me vi tendo que dividir sua atenção com um canalha ambicioso que nunca seria para ela o que eu desejava ser.

— Já terminei Gui, comi tudinho, olha. — Sofia levantou o pote vazio toda orgulhosa por não ter deixado nem sombra da sua salada de frutas.

Depois disso, ela e Mariana foram se vestir e arrumar as malas. Estava tudo certo, nós passaríamos a manhã no tal parque, almoçaríamos fora e pegaríamos a estrada em seguida.

Dirigi até a cidade, Sofia não parava de falar um minuto, mas bastou entrar no parque para ficar muda, completamente maravilhada com tudo o que viu. Mariana e eu a levamos em todos os brinquedos permitidos para a sua idade, ela comeu pipoca, algodão-doce, maçã do amor e ainda me

fez comprar dois daqueles ursos gigantes que vendiam nas barracas.

— Eu estou com medo de voltar, Guilherme — Mariana admitiu enquanto observávamos Sofia dar a terceira volta no carrossel dos pôneis encantados. O nome do brinquedo era ridículo, mas, enfim, ela tinha adorado.

— Medo do quê?

— Não sei ao certo, é só um pressentimento, sabe? O final de semana foi tão bom, Sofia está feliz e meu coração chega a doer só de imaginar que o Henrique ou até mesmo os meus irmãos não irão aceitá-la Gui, ela é tão pequena... Não está preparada para lidar com nada disso. Eu sei que você deve estar pensando que eu fui uma idiota por voltar, mas...

— Eu não estou pensando isso, mas concordo com você, Sofia não tem idade para passar por nada disso. Só que agora não há como voltar atrás, morena, tudo o que você precisa fazer é se preocupar menos com o babaca do Henrique e se esforçar mais para provar ao seu irmão que você já não é nenhuma criança. Você lidou sozinha com a Sofia e ainda conseguiu se formar com honras, está na hora de começar a agir como a mulher que é e deixar o passado para trás. Porque se continuar a insistir nessa ideia absurda de reconquistar o Henrique, mais cedo ou mais tarde vai acabar perdendo tudo.

Inclusive eu, pensei amargurado.

— Mas eu voltei por ele... — ela disse derrotada. — Você melhor do que ninguém sabe disso.

— O que eu sei é que você precisa parar de fantasiar um amor que não existe e olhar um pouco mais ao seu redor antes que seja tarde demais.

MARIANA

O que ele queria dizer com olhar um pouco mais ao meu redor? Por que, de repente, nossa relação tinha se tornado tão confusa e cheia de olhares tensos e discussões?

Virei o rosto ao ver ele se afastando, eu não queria que nosso fim de semana terminasse assim. *Gui era... Deus, o que o Gui era?*

Fechei os olhos e inspirei o ar profundamente, o que quer que fosse que estava me deixando abalada dessa maneira iria passar. Não iria?

Esperei que Sofia desse a última volta no carrossel daqueles pôneis assustadores, e fui em direção ao estacionamento que era onde Guilherme nos esperava. O resto da manhã passou voando, almoçamos em um restaurante no centro da cidade e pouco tempo depois já estávamos na estrada.

No caminho de volta para Joinville, Gui fez uma rápida parada para abastecer e fez as pazes comigo ao trazer um saquinho de batatas que eu e Sofia comemos no banco de trás.

Devo ter adormecido em algum momento, porque quando acordei estávamos em frente ao prédio

do Guilherme.

Demorei a entender porque sua cara estava fechada quando olhei para ele através do retrovisor, mas assim que vi o *Alfa Romeo* esportivo estacionado na rua, eu congelei. Só havia uma pessoa nessa cidade que eu sabia que apreciava carros desse modelo.

— É o meu irmão, não é?

— Sim. — Olhei para a Sofia que dormia tranquilamente ao meu lado e, não, eu não deixaria que eles a conhecessem ainda. Não depois desse fim de semana.

— O que eu faço?

— Sobe, conversa com seu irmão que eu vou levar Sofia até o haras. Meu pai vai gostar de ter vocês duas passando a noite por lá hoje. Assim que terminar aqui, basta me ligar que eu venho te buscar.

Eu estava aterrorizada com a ideia de ter que enfrentar meu irmão, mas sabia que precisava fazer isso sozinha.

Desci do carro tentando me convencer de que Sofia iria ficar bem e que tudo daria certo. Não tinha porque ficar nervosa. Subi pelo elevador um pouco mais calma, só que toda a minha confiança desapareceu quando eu vi que Marcos não estava sozinho. A traíra da minha querida irmã também tinha decidido vir me fazer uma visita.

Capítulo 6

MARIANA

— Sua infeliz, não pense que eu vou te deixar arruinar a minha vida! — Isadora me surpreendeu ao gritar assim que entrei no seu campo de visão e por um instante eu cheguei a achar que fosse avançar sobre mim e me bater, mas Marcos a impediu no último momento. Passei por ela nervosa, os dedos tremendo ao tentar abrir a porta a fim de evitar um escândalo no corredor. — Eu não acredito que você teve a coragem de voltar!

— Chega, Isadora. Não foi para isso que te trouxe comigo — Marcos chamou sua atenção e isso foi o bastante para fazê-la calar a boca.

Encarei os dois e me esforcei para não parecer mais nervosa do que estava, mas era impossível. Eles olhavam para mim como se eu tivesse acabado de cometer um crime pelo simples fato de estar de volta.

— Dessa vez você passou de todos os limites, Mariana, que porra você tem na cabeça? — A voz do meu irmão ressoou pela pequena sala e eu me assustei de verdade.

— Eu posso explicar...

— É claro que pode, o que você achou que aconteceria? Que você voltaria a cidade e eu não diria nada? Você deveria ter ido me procurar no instante em que pisou no país, Mariana.

— Tire ela daqui — disse, me referindo a Isadora. — Peça para ela sair que eu conto tudo o que você precisa saber — eu praticamente implorei.

— Isadora não irá sair, o que você tiver que explicar será feito na frente dela. Você perdeu o direito de exigir alguma coisa aqui quando resolveu aparecer sem a minha autorização.

— Eu não preciso da sua autorização, Marcos, já sou adulta e posso decidir por mim mesma! — Isadora bufou, ridicularizando a minha resposta e caminhou pelo pequeno apartamento, estudando tudo com aquele ar de superioridade. *Como se o mundo não fosse bom o suficiente para alguém como ela.*

— Tem certeza? Acho que você esqueceu quem é que paga as suas contas... — Não foi o que ele disse que me fez ficar sem reação, foi o olhar interrogativo da Isadora, parada do outro lado da sala observando a bagunça deixada pela Sofia e uma foto de nós duas colocada estrategicamente entre alguns livros na estante.

— Marcos — ela o chamou sem tirar os olhos da fotografia.

— Agora não, Isadora.

— Eu acho melhor você ver isso aqui.

— Não Marcos, me escute primeiro... — Entrei em sua frente. — Eu preciso conversar com você, mas tem que ser só com você. Por favor! — Tentei convencê-lo a me escutar antes que ele visse a fotografia e os brinquedos, mas foi inútil, ele me afastou e em poucos segundos pareceu chegar às mesmas conclusões que Isadora.

— O que significa isso? — Engoli em seco ao me ver diante da fúria em seu rosto.

— Ela vai sair ou não?

— Nós somos a única família que você tem, portanto...

— Família? Vocês? — o interrompi. — Se vocês fossem minha família, não teriam me abandonado em um país sozinha e fingido pelos últimos cinco anos que eu não existo. Então, não me venha agora com esse papo de família porque ficou bastante claro que eu não significo nada para vocês.

— Não teste a minha paciência, Mariana, e trate logo de me explicar que porra é essa! Esse apartamento é do Guilherme, não é? — Concordei com a cabeça.

— Eu sempre soube que mais cedo ou mais tarde você iria nos envergonhar. E agora, depois de todos esses anos aparece aqui com uma bastarda? O que você pretende? — Isadora cuspiu e em um impulso, passei pelo meu irmão e a ataquei.

— Não volte a falar assim da minha filha, sua cretina! — Reagi sem pensar, querendo arrancar aquela expressão arrogante do seu rosto.

— Você é como nosso pai, uma egoísta que não mede as consequências das suas atitudes. Você já destruiu a nossa família uma vez e agora quer nos obrigar a lidar com uma...

— Cale a boca Isadora, que merda! — Do que eles estavam falando? Olhei confusa para os dois, com a raiva me dominando. Tinha tanto tempo que eu não era abalada pela indiferença deles, que eu quase, quase, tinha me esquecido o quanto era doloroso.

— Ela é quem está prestes a arruinar o nosso nome, e eu é quem tenho que calar a boca?

— Por que você não para de falar em enigmas e vai direto ao ponto? — disse, morrendo de vontade de estrangulá-la. — Desça da sua torre fódida de gelo e mostre um pouco de compaixão.

— Compaixão? Ou pena? Guilherme te escondeu nesse *muquifo*, não foi capaz sequer de casar com você e assumir essa criança...

— Guilherme não é o pai da minha filha!

— O quê? — Os dois perguntaram ao mesmo tempo.

— É isso o que vocês pensaram?

— Quem é o pai dessa criança então, pelo amor de Deus? — Marcos tentou manter a calma, mas eu via que ele estava perto, bem perto de perder as estribeiras. O que ele tinha feito até agora, não era nada. Quando queria, ele sabia ser muito mais cruel.

— Você ao menos sabe? — Minha irmã voltou a me provocar e eu não aguentei, cheguei bem perto dela e sussurrei a verdade. Foda-se!

— Por que você não liga para o seu noivo e pergunta?

— Sua... — O estalo do tapa que recebi no rosto saiu mais alto que o palavrão que ela usou para se referir a mim. Levei a mão ao meu rosto, sentindo uma raiva que eu nunca pensei ser possível e, instintivamente, quando ia revidar o tapa, Marcos segurou meu pulso me fazendo odiá-lo ainda mais.

— Me bater não vai mudar o fato de que eu fiz amor com o Henrique antes de você, sua frígida, de que ele esteve comigo e me deu uma filha! — despejei em cima dela e puxei furiosa meu braço do controle do meu irmão.

Marcos me encarou incrédulo, pensando em tudo o que tinha acabado de escutar e como o homem de negócios que ele sempre foi, provavelmente já devia estar planejando a melhor forma de abafar essa notícia, antes que ela se espalhasse e arrastasse o nome da nossa família aos jornais e revistas.

— Você está mentindo, certo? — ele perguntou e eu neguei sentindo um prazer doentio por ver o choque no rosto de ambos. — Porque sou capaz de matar os dois se isso for verdade, porra!

— Henrique só fez o que qualquer homem na posição dele teria feito, Marcos. Não foram poucas as vezes em que Mariana o perseguiu e você sabe muito bem disso. — Claro que ela defenderia o noivo, como eu pude esperar algo diferente da minha irmã? — Mas, pelo menos, agora eu consigo entender o motivo pelo qual você decidiu voltar. Só não pense que eu cruzarei os braços e verei você tentar destruir o meu casamento porque isso não irá acontecer!

— Como você pode ter tanta certeza? — blefei com o orgulho ferido. — Talvez ele perceba que sempre me amou e decida te abandonar e ficar comigo e com a nossa filha.

— Meu Deus, você ainda não superou isso? — ela ironizou enquanto Marcos ignorava propositalmente os nossos ataques. — Além disso, onde está a coitada dessa criança?

— Calem a boca, as duas. Não quero ouvir mais um pio. Entenderam? — Isadora e eu cruzamos o olhar. Deus, eu a odiava tanto nesse momento que isso chegava a me fazer mal. — E Mariana, a Isadora está certa em perguntar, onde está essa menina, afinal de contas? — Eu o encarei pensando no que dizer, irritada pela frieza das suas palavras.

— Não interessa porque eu não permitirei que a tratem mal. Não sei como pude pensar que a reação de vocês seria diferente, mas a *minha* filha não vai passar pelo que passei. Essa é a única certeza que eu tenho!

Isso pareceu tornar Marcos consciente, ele passou a mão pelo cabelo nervoso, tentando encontrar alguma solução para esse problema, mas estava mais do que óbvio que isso não aconteceria. Esse assunto era como uma bola de neve, ela iria aumentar e aumentar, até explodir

sobre nossas cabeças.

— Por que você não nos contou quando descobriu? Eu teria impedido que esse problema tomasse essas proporções, teria dado um fim a essa... — Engoli em seco, sabendo exatamente no que ele estava pensando.

— Você é um monstro, como tem coragem de sequer pensar algo assim? — Meu irmão ficou surpreso com a minha reação, talvez, até mesmo arrependido pela revelação. — Sofia é a melhor coisa que já me aconteceu na vida, mas você é incapaz de entender algo assim, não é? — desabafei.

— Para mim já deu, não vou ficar aqui e escutar você dizendo besteiras. Essa criança é um erro que vai levar nosso nome para o lixo, Mariana, nada mais do que isso — Isadora disse com indiferença após recuperar a compostura, voltando a ser a mulher gelada e insensível de sempre. — Meu Deus, eu já posso até ver as manchetes nos jornais! O que nossos amigos dirão, Marcos? Já pensou nisso?

Qual era o problema com ela?

— Por que você não dá o fora do meu apartamento e vai se preocupar com o que os seus malditos amigos dirão em outro lugar? De preferência bem longe de mim?

— É isso mesmo que farei, não se preocupe. — Ela pegou a bolsa toda orgulhosa e se adiantou em direção à porta, como se nada do que aconteceu aqui a tivesse abalado de alguma maneira.

Meu irmão esperou ela estar fora do apartamento e voltou a me encarar, ele ainda estava com aquela expressão severa no rosto, como se não acreditasse em nada do que tinha acontecido aqui nessa sala. Nervosa, eu me embrulhei e sentei no sofá, o observando atentamente pela primeira vez desde que o vi.

— Henrique sabe que você teve essa criança, Mariana? — perguntou depois de um longo tempo em silêncio, e eu balancei a cabeça negativamente. — Quanto tempo durou? Porque ele negou tudo e eu ainda não entendo como você pôde esconder isso... — Envergonhada, eu demorei a admitir a verdade.

— Foi apenas uma noite.

— Maldição! Como você se prestou a isso? Será que não tem respeito nenhum pelo sobrenome que carrega? — ele esbravejou.

— Isso não tem nada a ver com a merda do nosso sobrenome ou do que você deseja que eu seja, Marcos. Não quero ter minha vida controlada por você, muito menos ser o que todos esperam! A Isadora existe para isso, ela é a boneca de cordas, não eu! — Ele fechou os olhos irritado, essa não era a primeira vez que brigávamos por esse motivo e eu duvidava muito que seria a última.

— Pelo menos Isadora nunca me envergonhou, nosso pai teria orgulho da mulher que ela é, Mariana. Muito diferente de você! — Prendi minha respiração e me remexi no sofá. Minhas unhas afundaram no estofado enquanto a dor dilacerava o meu peito.

Poucos assuntos nessa vida conseguiam me afetar, mas falar do meu pai era um desses. Eu o amava e tenho certeza de que ele era o único que sentia o mesmo por mim dentro daquela casa.

— Não sou eu que tenho que me envergonhar, Marcos. Tudo o que eu fiz, eu fiz com o meu coração, eu fiz por amor. Meu pai nunca me recriminaria por agir assim, eu tenho certeza disso... — disse mais para mim do que para ele. No fundo, eu acho que precisava de alguém que me dissesse que eu estava certa em lutar pelo que acreditava.

— Eu discordo, mas não vou perder meu tempo discutindo isso com você, só quero que me responda por que decidiu voltar justamente agora? Não vê como isso pode afetar o noivado da Isadora?

— É com isso que você está preocupado? Eu descobri que estava grávida quando não tinha ninguém ao meu lado, passei pelo inferno e você só consegue se preocupar com a porcária do noivado da minha irmã?

— Isadora e Henrique estão juntos há dois anos, isso é muito tempo para se levar em conta. E eu posso odiá-lo pelo que fez a você, por ter traído a minha confiança e me escondido essa merda. Mas ele é praticamente o meu braço direito, Mariana, e nunca deu motivo algum para que eu devesse desconfiar dele ou das suas intenções. Henrique pode não ser o homem adequado para você, mas é para a sua irmã e eu não vou aceitar que interfira no noivado deles, entendeu?

— Ele não é o homem mais adequado para mim? — gritei. — Quem decide isso sou eu, Marcos, eu!

— Pensei que a essa altura, você já estivesse um pouco mais madura... — ele começou a falar, mas eu me recusei a continuar escutando seus desaforos e ofensas.

— Quer saber? Saia daqui! Saia e me deixe em paz! — Furiosa, eu me levantei do sofá para abrir a porta da frente, esperando que ele entendesse o recado. Ignorei o sentimento amargo de decepção na garganta, no fundo eu preferia a raiva, a vontade de gritar e mandar ele à merda, do que a decepção.

— Eu vou te deixar em paz, Mariana, mas essa conversa ainda não acabou e você sabe disso. — Foi o que ele disse ao passar por mim, me fazendo descontar toda a minha raiva ao bater a porta com toda a força que consegui.

No final, eu não sabia se o tremor que senti veio do impacto nas estruturas que erguiam o apartamento, ou se tinha sido apenas o meu corpo se rendendo à exaustão.

Capítulo 7

Se você está procurando confusão

Você veio ao lugar certo

Se você está procurando confusão

Só olhe bem para meu rosto

Eu já nasci em alerta...

(Trouble – Elvis)

HENRIQUE

Meu pai foi um homem que me deu bem mais do que um objetivo a perseguir, coitado, ele também me passou seu gosto apurado pelas coisas boas e suntuosas da vida. Me ensinou a manter a calma em situações estressantes e o melhor de tudo... me deu a certeza do tipo de homem que eu lutaria para não me tornar. Um fracassado. Assim como ele.

Então, reunindo todos os seus ensinamentos brilhantes aqui estava eu, escutando Elvis, às 21 horas de um domingo, e preparando um dos pratos preferidos da Isadora: camarão assado com azeite e alho. Como um bom noivo, quando não estava tentando conquistar o mundo, eu me empenhava em descobrir os seus gostos e tinha virado um *expert* em se tratando de cozinhar o que a agradava, já que mulheres como ela pareciam achar isso o máximo nos dias de hoje.

Através da câmera, fui capaz de ver o exato momento em que ela entrou no apartamento, me adiantei e servi duas taças do seu vinho preferido, de uma das melhores safras da produção Montenegro.

Isadora entrou na cozinha e eu me preparei para escutá-la despejar tudo sobre o confronto com a sua irmã, mas ao invés de desabafar ela parecia mais do que disposta em gelar o ambiente com sua habitual frieza.

— Acabei de servir, pegue uma — disse, a fim de deixá-la relaxada. Isa pegou a taça da minha mão e me olhou de soslaio. — Então, como foi? — Ela tomou todo líquido da taça e a colocou em cima do balcão de mármore frio. O *timer* apitou antes que pudesse me responder e eu me virei para tirar o assado do forno enquanto ela continuava com esse maldito mistério sem sentido.

— Por que você nunca me disse que transou com a minha irmã? — Opa, precisei de todo o

controle que tinha para não deixar transparecer o quanto esse assunto ainda me perturbava. Então, aquela bruxinha tinha dado com a língua nos dentes...

— Eu queria apenas te poupar, Isadora, não significou nada e eu não quis que um erro que aconteceu há mais de quatro anos se colocasse entre a gente. — Isa revirou os olhos e cruzou os braços em frente ao corpo, o tilintar dos seus saltos era tudo o que eu conseguia escutar. — Além disso, quantas vezes eu disse a você que Mariana forçava a barra? Que não sabia ouvir um não? Ela tornou a minha vida um inferno, até que um dia...

— Chega! Não preciso escutar os detalhes. Eu estou tão... louca de raiva que a vontade que eu tenho é de esganá-la com as próprias mãos. Eu me sinto traída, Henrique, se você soubesse o prazer que ela teve em jogar isso na minha cara... — Para uma pessoa louca de raiva, ela estava muitíssimo controlada.

— Eu sei, Isa, eu errei, mas não quero que isso interfira no nosso futuro. Você é a única mulher com quem eu quero me casar. Isso não mudou. — Ela me olhou como se não acreditasse no que eu estava dizendo.

— Não é tão simples assim, Henri, Mariana está com a faca e o queijo na mão, Marcos está descontrolado e, Deus, quando todos souberem disso eu não sei se vou aguentar. Será muita humilhação...

— Ninguém precisa saber, tenho certeza de que seu irmão concordará comigo. — Isadora riu desgostosa.

— Como eu disse, não é tão simples assim e o que quer que tenha acontecido naquela época, não tem como ser esquecido, porque ao que parece você e minha queridíssima irmã geraram uma pequena bastardinha...

Caralho, não! Isso não podia ser verdade.

— Você está de sacanagem comigo, certo?

— Pode apostar que não. Agora, como você pode ter sido irresponsável a ponto de deixar uma merda dessas acontecer é o que eu não entendo. — Claro que não entendia, Isadora nunca deve ter sentido aquele tipo de desejo desenfreado, que faz você perder a cabeça sem se importar com as consequências. Foda-se, naquela noite tudo o que eu conseguia pensar era no corpo da Mariana curvado sob o meu.

— Isso não tem lógica. Se ela realmente engravidou, por que não contou a ninguém? Por que só voltou agora? — Porra, claro! Balancei a cabeça frustrado, o único motivo que ela tinha para voltar agora e esfregar um filho na minha cara era para tentar evitar que eu me casasse com a sua irmã.

— Tem certeza de que você não sabe?

— Sua irmã é uma desgraçada... — disse e Isa murmurou um ‘*Eu sei*’, enchendo sua taça novamente e sentando-se de frente para mim no balcão, como se estivéssemos discutindo sobre algum imprevisto qualquer da Montenegro. — Não acredito que isso esteja acontecendo, porra! Não é possível!

Eu não conseguia ou não queria acreditar, porque uma criança mudaria tudo. Mariana não tinha ideia da merda que fez. Por causa da sua imprudência, eu estava prestes a perder tudo pelo que trabalhei tão duro.

— Meu irmão não está nada contente, só para você saber — ela disse tranquila. — E aposto que ele deve estar querendo te matar nesse exato momento. — A encarei odiando o seu tom. — Eu só espero que vocês dois deem um jeito nessa situação o quanto antes Henrique, porque eu não vou aceitar ser humilhada às vésperas do meu casamento dessa forma. Entendeu?

Me perguntei o que ela esperava que eu fizesse, porque eu realmente não tinha a menor ideia do que fazer com a Mariana, muito menos com essa criança. Pela primeira vez em muito tempo, eu me senti perdido. Furiosamente perdido.

— Sabe o que eu acho mais estranho? Se ela foi te procurar, por que não contou sobre essa menina? O que vocês conversaram que foi tão mais importante do que discutir...

— É... é uma menina? — eu a interrompi chocado, lembrando que essa era a segunda vez que ela mencionava isso.

— Hum-hum — Isadora disse, escondendo um pequeno sorriso malicioso em seu rosto, ela sabia que eu era orgulhoso e desejava um herdeiro. Um menino que tivesse o seu sobrenome, sua austeridade e controle e a minha determinação e confiança. Um verdadeiro Montenegro que seria treinado desde pequeno a assumir a próxima geração de diretores da empresa da família.

— E... se essa criança não for minha? Você já pensou nisso? — Não que eu tivesse alguma dúvida, mas Mariana vivia agarrada àquele maldito fazendeiro. Talvez, só talvez, houvesse a chance de ele ser o pai e eu estaria tirando um enorme peso das minhas costas.

— Você acredita nessa possibilidade ou está apenas tentando tornar a situação mais complicada? Marcos não vai gostar que você insinue algo assim, além disso, Mariana era tão obcecada por você que eu não acho que ela teria se envolvido com outra pessoa.

— E aquele fazendeiro?

— O Guilherme? — ela engasgou como se essa fosse uma opção impossível. — Se houvesse a mínima chance de ele ser o pai, a menorzinha que fosse... — Ela fez um gesto com os dedos. — eles estariam casados há anos e pouco importa se a menina fosse filha dele ou não, Guilherme a teria assumido do mesmo jeito.

Nervoso com essa constatação, passei a mão pelo meu cabelo e fechei meus olhos. Eu esperava qualquer merda vindo da Mariana. Um escândalo, ela contando a todo mundo sobre aquela noite. Até mesmo tornando a minha vida um inferno, mas uma criança?

Isso nunca.

MARCOS

Eu não esperava ter que fazer o caminho para o apartamento da Rachel essa noite, meus fins de semana nunca eram gastos com ela, e esse era um dos principais motivos de nossas brigas. Só que hoje eu precisava de alguma forma de alívio.

E esse alívio era a Rachel.

Cumprimentei rapidamente o porteiro, e usei as chaves que eu tinha do seu apartamento para entrar sem fazer alarde.

— Rachel? — chamei e fui até o minibar me servir de uma dose de uísque, para poder digerir tudo o que eu tinha escutado essa noite.

Ainda estava engasgado com essa história da Mariana voltar para casa com uma criança. Eu queria matá-la por ter escondido isso de mim, mas um lado meu, dava graças a Deus porque se eu tivesse tomado ciência dessa gravidez na época, não haveria criança alguma agora, e eu levaria essa culpa comigo para o resto da minha vida.

Tentei colocar minha cabeça em ordem, pensar no que faria, mas era impossível chegar a alguma solução que não envolvesse nosso nome em algum tipo de escândalo.

“Mariana Montenegro reaparece, depois de cinco anos, com uma bastarda nos braços.”

Eu podia até mesmo imaginar as manchetes, e se tudo isso já não fosse ruim o bastante, Henrique ainda tinha que estar envolvido até a cabeça nessa merda. O filho da puta mentiroso jurou que não havia encostado um só dedo nela, porra!

— O que você está fazendo aqui? — Virei o rosto e me assustei ao encontrar Rachel com um cobertor em volta do corpo, tampando inclusive a cabeça. Seus pés estavam cobertos por meias até o tornozelo e ela estava com uma aparência... péssima.

— Como assim, o que eu estou fazendo aqui? Eu vim te ver.

— Eu sei... — Ela espirrou e esfregou o nariz vermelho. — É que hoje é domingo, Marcos. — Eu a observei por mais um tempo, ela estava sem lentes, usando os óculos de grau mais feios que eu já vi em toda a minha vida, nem mesmo seu cabelo loiro e liso estava como o de costume. Mesmo assim eu não podia deixar de achá-la linda. Loucura isso, não?

— Ignore que hoje é domingo, eu precisava te ver, mas vejo que perdi a minha viagem. O que você tem, afinal?

— Eu... — Outro espirro. — Eu não sei. Acordei assim essa manhã, mas você pode ficar, Marcos, vou adorar ter você por perto.

— Não tem como, sinto muito, foi uma péssima ideia aparecer aqui sem um aviso. Se eu soubesse que estaria doente não teria vindo. — Ela fez uma careta e eu sabia que a tinha machucado. Mas era a verdade, nossa relação não era assim, ficar e fazer companhia a ela só dificultaria a nossa situação.

— Você não precisa ser tão estúpido, sabia? Podia ao menos fingir que se preocupa com o fato de eu estar passando mal.

— É só uma gripe, Rachel, não exagere — disse, já me levantando para dar o fora dali.

— Marcos, por favor, passe a noite aqui, só hoje, por favor. — Deixei claro que não cederia e antes de sair vi as pilhas das contas em cima da mesa ao lado do sofá. Condomínio, cartão, seguro...

— Eu vou depositar o dinheiro na sua conta amanhã. — A lembrei. — Precisa de algum valor além do que o de costume? — Rachel ficou vermelha e logo depois me deu as costas, voltando para o quarto. Não demorou, e assim que a porta se fechou atrás dela escutei o som de algo sendo arremessado contra a parede.

Louca, pensei.

GUILHERME

— Gui, você vai trazer a minha mamãe, não vai? — Sofia perguntou incerta, depois que eu disse que não a levaria comigo de volta para a cidade.

— Claro que vou, meu pacotinho, por acaso já quebrei alguma promessa que fiz a você? — Ela balançou a cabecinha com os olhos arregalados, como se estivesse com medo de ser abandonada, mas eu sei que assim que saísse ela voltaria a ficar bem. Meu pai e a Fátima estariam ali para cuidar dela até que eu e Mariana estivéssemos de volta.

Passei Sofia para a Fátima, e liguei o motor da minha caminhonete enquanto verificava meu celular, para ver se tinha alguma ligação ou mensagem perdida da minha morena.

— Gui... — Sofia gritou no último momento e me jogou um beijo. Acenei sorrindo, apesar de cansado, e dei a partida no carro.

Peguei a estrada que conhecia com a palma da minha mão, e em menos de quarenta minutos estava estacionando na garagem do meu prédio. Juro que entrei no apartamento sem saber o que esperar, e por mais que mil coisas tivessem passado pela minha cabeça, eu não achei que encontraria Mariana encolhida em um canto da sala, com a cabeça entre as pernas aos prantos.

— Ei, olha para mim. — Me ajoelhei na sua frente e segurei seu rosto, ficando sem fala ao ver a marca dos dedos em sua pele. — Quem fez isso com você? — perguntei furioso.

— A Isadora... Deus, Gui, eu a odeio tanto. Os dois. — Ela soluçou. — Eu odeio os dois.

— Menos o fodido do Henrique, não é? — questionei sem pensar, pegando-a de surpresa e fazendo-a se levantar em um impulso.

— Sim, menos o fodido do Henrique, Guilherme, acostume-se com isso, merda! — ela gritou nervosa e se afastou me deixando com uma vontade absurda de socar alguma coisa. Qualquer coisa... desde que fizesse a minha raiva desaparecer.

Essa obsessão tinha que acabar em algum momento porque minha paciência estava se esgotando.

Fiquei ali, parado, olhando na direção do quarto e pensando seriamente em sair e... fazer o quê? Voltar para o haras sem ela? Isso estava fora de cogitação.

— Merda! — rosnei e caminhei até o corredor, ao mesmo tempo que ela abria a porta e voltava para a sala.

— Me desculpe, Gui. Eu... — Mari se jogou em meus braços e eu a envolvi um pouco mais apertado do que o de costume. — Eu só estou nervosa.

— O que eu faço com você, Mariana? — a pergunta saiu abafada ao ponto de ela nem chegar a escutar.

— Promete para mim, caubói, promete que não importa o que eu faça, você nunca vai me deixar. Eu te proíbo de me abandonar.

— Proíbe, não é? — Segurei seu rosto com as duas mãos e a encarei profundamente em seus olhos. Eu amava essa garota há tanto tempo, que não conseguia sequer imaginar uma vida onde ela não estivesse ligada a mim. Isso era uma merda, certo?

— Proíbo... eu... — Seu olhar vacilou e ela fitou a minha boca, lambendo os próprios lábios ao fazer isso, deixando-os levemente úmidos, no ponto para serem beijados.

— Fique quietinha, *ok*? — sussurrei enquanto me inclinava em sua direção, Mariana piscou surpresa e eu mantive minhas mãos em seu rosto, a impedindo de se afastar. Eu não sei qual dois se rendeu primeiro, mas assim que a minha boca tocou a sua, o clima ao nosso redor mudou.

Eu esperei tanto por esse momento que levei o meu próprio tempo para prová-la, chupei levemente seus lábios, e conforme ela foi se abrindo para mim seu gosto ia se misturando ao meu. E porra, Mariana tinha gosto de céu. O meu próprio paraíso particular.

Ela gemeu baixinho quando minha língua roçou a sua, eu sentia como se fosse capaz de engoli-la tamanho o meu desejo... Rosnei quando senti suas unhas cravarem em meus braços sobre a camisa, como se ela precisasse de apoio para permanecer em pé, e afundei meus dedos em toda aquela cabeleira selvagem.

Eu estava prestes a pressioná-la contra a parede e fazer sabe-se lá o que, quando meu celular começou a tocar no bolso de trás do meu jeans.

Mariana recuou inesperadamente, mas eu a segurei para que ela não se afastasse muito e com a outra mão verifiquei quem era ao telefone.

O nome da Sara piscou no visor e eu mais do que depressa voltei a enfiar o celular dentro do bolso, era quase um carma ter esse momento interrompido justamente por ela.

Mariana não tirou os olhos de mim em nenhum momento, e o meu lado selvagem adorou saber que com apenas alguns beijos eu era capaz de deixar seus lábios assim. Marcados.

— Gui... — ela vacilou quando apoiei minhas mãos na parede a mantendo encurralada.

— Mari...

Voltei a me inclinar, louco de vontade de sentir sua boca derretendo junto à minha, querendo gravar em minha mente a maciez e o sabor gostoso que ela tinha.

Mariana arregalou os olhos com uma expressão de desejo, e isso foi o bastante para que voltasse a beijá-la.

Puxei e mordi seu lábio inferior, deixando-a tão afetada que fui capaz de escutá-la gemendo baixinho. O efeito que o som teve sobre o meu corpo foi alucinante, meu pau, que já estava duro, ansiando por mais, latejou querendo se ver livre do que o impedia de estar dentro dela.

Ele parecia reconhecer, que eu não estava beijando uma garota qualquer por algum motivo insignificante. *Meu corpo, e membro, sabiam que era ela.*

— Isso não... — Mari murmurou interrompendo nosso beijo momentaneamente, mas eu não estava disposto a deixá-la ir, e a calei engolindo sua boca novamente. Ela ofegou sem resistência e o tesão falou tão alto que empurrei meu quadril contra sua barriga. — Não, Gui, isso é... — Ela me parou.

— Um erro? — concluí para ela.

— Sim, quer dizer, merda, Guilherme, o que nós fizemos? Você é tudo o que eu tenho, isso não pode acontecer novamente, nunca mais, nem em um milhão de anos — ela disse mais confusa do que arrependida.

— Certo, agora repete tudo isso olhando bem dentro dos meus olhos — brinquei.

— Você é tão... argh! Como pode estar tranquilo quando nós acabamos de... fazer isso?

— Porque eu...

— Olha, eu acho que sei o que aconteceu — ela me interrompeu. — Nós ficamos nervosos e eu explodi com você, aí nós, você sabe. Mas eu não ligo, isso não vai mudar nada entre a gente, nós vamos esquecer isso, não vamos? Eu amo você e não é como se tivesse sido ruim, porque, Deus, não foi, mas nunca fomos assim, certo? Você tem todas essas mulheres atrás de você, e eu tenho o... Merda, desculpe, eu acho que tenho que parar de falar... eu só... e só vou pegar algumas roupas limpas para mim e para a Sofia e nós podemos ir, *ok*? — Quando finalmente terminou de falar, ela estava sem fôlego e agitada. Eu ainda estava tentando engolir o *Nós vamos esquecer isso, não vamos?* e me afastei para que ela pudesse respirar enquanto eu lidava com a frustração.

— Sim, Mariana, nós vamos esquecer isso... — murmurei para o nada, enquanto encarava a porta que ela tinha acabado de fechar.

Capítulo 8

MARIANA

Fechei a porta atrás de mim e me apoiei nela, sentindo meu coração bater tão acelerado que eu desconfiava que a qualquer momento ele iria sair pela minha boca... e me deixar sozinha para lidar com tudo isso.

Deus, o que estava acontecendo comigo? Com a gente?

Inspirei o ar profundamente várias vezes seguidas até me acalmar, mas a cada tentativa as sensações daqueles beijos voltavam com força. Gui me pedindo para ficar quietinha, segurando meu rosto, me beijando como se o mundo pudesse acabar a qualquer momento e os dedos puxando suavemente o meu cabelo... Foi tudo tão assustador e... incrível, que eu ainda achava difícil acreditar.

Guilherme e eu... Deus, isso seria estranho, não seria? Meu rosto queimou de vergonha ao lembrar que eu admiti ter gostado do beijo dele, mas veja, era a mais pura verdade. O homem sabia o que fazer com aquela boca, com aquela língua... e dentes. Ah, os dentes!

Eu só não gostei de vê-lo tão despreocupado enquanto eu estava a ponto de surtar. Talvez Gui estivesse tranquilo porque sabia que nada mudaria entre a gente, que tinha sido apenas alguns beijos, uma loucura impulsiva. Mas por que isso estava me incomodando, então?

Na volta para o haras, Guilherme dirigiu perdido em pensamentos, enquanto eu tentava encontrar alguma música legal em seu *iPod*. A maioria era sertaneja, até tinha uma pasta de rock nacional e MPB, mas eu não estava no clima para escutar nada disso.

Então busquei pelas músicas que ele mais escutava e me deparei com *Os Anjos Cantam*, do Jorge e Mateus, que no mesmo instante em que começou a tocar me fez lembrar o momento em que dançamos na exposição.

*Nosso amor veio de outras vidas
Eu vou te amar nas outras vidas que virão
É que você nasceu pra ser minha*

Vamos dividir uma casinha
Numa cama dormir de conchinha...

Não pude deixar de sorrir com a lembrança, atraindo a atenção que Guilherme que me verificou rapidamente, realmente preocupado com a estrada. Para não o incomodar, eu aumentei o volume dos fones, apertei o replay e fechei os olhos encostando minha cabeça na janela, sem me importar com o número de vezes em que a música se repetiu em meu ouvido.

— Acorda, mamãe! — Sofia pulou em cima de mim na manhã seguinte. Nós estávamos no quarto que eu costumava ficar toda vez que dormia no haras, depois de um dia inteiro de treino. — Eu acho que *tô* com fome — ela sussurrou me encarando com aqueles olhinhos verdes, como se estivesse me contando um segredo.

Me levantei assustada com a hora, claro que ela deveria estar com fome, já passavam da dez. Apressada, dei um banho rápido nela, a agasalhei e enquanto me arrumava, Soff colou o rostinho na janela do quarto, olhando ansiosa para o lado de fora.

Guilherme tinha prometido a ela um passeio essa manhã, talvez até mesmo uma volta em uma das éguas treinadas, que ele deixava à disposição das crianças que vinham visitar o haras.

Usando uma calça de montaria justa, o meu pulôver comprido e botas confortáveis, eu me aproximei de onde Sofia estava, e fiquei maravilhada por ver que o meu lugar preferido no mundo, continuava o mesmo.

A casa onde Gui cresceu era muito parecida com aqueles casarões antigos, comum em fazendas nessa região. Com seis quartos, uma varanda que rodeava toda a estrutura da casa, uma cozinha enorme e uma sala maior ainda, o lugar era acolhedor o suficiente para que eu pudesse considerá-lo meu lar.

Do lado de fora, mais ao sul das terras, havia o lago onde Guilherme e eu adorávamos pescar quando éramos crianças, e seguindo na direção oposta estava a sede, e toda a parte destinada aos estábulos e hípicas de treinamento. Nos fins de semana, o haras abria as portas para visitação e as instalações ficavam cheias, mas o forte mesmo era a criação de cavalos de raças. Tanto que depois que se formou, Guilherme percebeu que não queria apenas mexer com a área comercial do negócio e passou a investir pesado em exposições e patrocínios a competidores de todo o estado.

— Terminou, mamãe? — Assenti distraída e a levei até a cozinha, sabendo que a essa hora o café da manhã já teria sido retirado da sala de jantar.

Dei um abraço apertado ao ver Fátima na cozinha nos esperando, e Sofia repetiu o meu gesto, toda dengosa.

— O que vocês duas querem para o café da manhã?

— Tudo — Soff respondeu na minha frente.

— Ignore ela, Fátima, eu aceito um café forte e Sofia um pedaço de bolo com leite.

— Bolo não mata fome — ela protestou.

— Então, o que você quer menininha? — Fátima perguntou diretamente para a minha filha, que me olhou em dúvida.

— Tem pão? — Fátima assentiu e pegou o cesto com pães frescos.

— O que você gosta no seu pão?

— Tudo... não, não, eu gosto de geleia. — Ela pensou melhor e sorriu satisfeita me fazendo revirar os olhos em divertimento. Fátima a serviu e a olhou encantada, sentando-se na mesa com a gente.

— O Sr. Fonseca ficou tão feliz quando ela apareceu aqui ontem à noite. Aquele velho estava precisando mesmo se distrair um pouco. Ele e Guilherme trabalham tanto nesse haras que eu preciso puxar a orelha dos dois constantemente.

— E como o Carlos está, Fátima? Quando cheguei ontem, ele já tinha ido se deitar.

— O mesmo de sempre, menina, rabugento, irritado. Você precisa ver a discussão que ele e o filho tiveram quando seu irmão ligou para a sede procurando por você. — Sofia parou de comer ao escutar essa última parte e Fátima percebeu que tinha falado demais.

A conversa continuou em assuntos mais amenos, como a casa que o Sr. Fonseca lhe deu de presente depois de todos esses anos trabalhando no casarão e a veterinária que Guilherme havia contratado há algumas semanas. Sofia continuou prestando atenção a tudo e eu me dei conta de que tinha que tomar bastante cuidado com o que comentar na frente dela a partir de agora.

— Então, minhas duas garotas preferidas acordaram. — A voz rouca do Guilherme atrás de mim me deixou estranhamente alerta. — Bom dia, morena — ele murmurou, afastando meu cabelo dos ombros para dar um cheiro em meu pescoço.

Quando se afastou, eu o encarei por alguns segundos atordoada com seu gesto enquanto sentia o perfume refrescante que ele deixou para trás.

— Bom dia... — murmurei, e ao notar Fátima nos observando eu voltei minha atenção à xícara de café sobre a mesa, como se tivesse sido pega em flagrante.

— Bom dia, meu pacotinho. — Ele abriu um sorriso largo ao cumprimentar minha filha e a pegou no colo, se sentando ao meu lado.

— Não quero ser um pacotinho, Gui, quero ser linda como a mamãe.

— Mas você é um pacotinho lindo, meu amor, não se preocupe — ele se justificou e Soff enrugou o nariz. — Agora, se vocês duas já terminaram, que tal irem comigo até a hípica?

— Podem ir na frente, eu vou terminar aqui e já me encontro com vocês — menti e com apenas um olhar Guilherme percebeu que eu estava apenas enrolando para não ir com eles. Mas a verdade era que eu queria conversar com a Fátima e nenhum dos dois podia estar por perto.

Sem dizer nada, ele arrastou Sofia para fora da cozinha, e eu afundei aliviada na cadeira.

— Eu ainda não acredito que aquele noivo da sua irmã foi capaz de algo assim — ela insinuou com pena quando ficamos a sós. — Você era só uma menina.

— Quem disse que foi ele?

— Não preciso que ninguém me diga, basta olhar para o rostinho dela. Sorte que sua filha não tem o mesmo gênio ruim que aquele canalha. — Eu ignorei o comentário porque ela não sabia nada dessa história. E eu não era só uma menina como ela falou. Aos dezenove anos, eu já sabia muito bem o que queria para mim.

— E o que o Sr. Fonseca falou, Fátima?

— Ficou furioso, não com você, mas pelo que aconteceu. Você era tão novinha quando seus irmãos te enviaram para fora do país. Santa Maria, eu nem imagino o que você deve ter passado! — ela exclamou e minha língua coçou para dizer que não havia sido tão difícil quanto todos achavam, mas tinha sido, muito por sinal, então...

— E o Guilherme, ele aprontou muito nesse tempo? — desconversei.

— Por aprontar, você quer dizer o quê?

— Sei lá, se ele trouxe aquelas garotas aqui e coisa do tipo.

— Foram poucas, mas quase nunca voltavam. Mas agora tem essa veterinária que o Sr. Fonseca jura de pé de junto, que é a mulher ideal para o filho dele. — Ela revirou os olhos deixando claro que não concordava.

Então, além da loira cascavel, havia outra mulher na jogada?

Assim que ela terminou de me atualizar sobre tudo o que tinha acontecido na minha ausência, eu agradei pelo café da manhã e corri para fora a fim de encontrar Guilherme e Sofia. O tempo estava frio, mas o solzinho fraco batendo na pele do meu rosto, me fez sentir magicamente bem. Quando eu os avistei, apressei meu passo encantada com o que vi.

Guilherme estava com Sofia no colo, e minha filha usava um pequeno chapéu de montaria vermelho, que eu não fazia a menor ideia de como tinha ido parar em sua cabeça. Me aproximei sorrindo e indo na direção em que eles estavam, até que a mulher montada em cima do cavalo conversando com o Gui chamou minha atenção e eu franzi a testa.

— Eu quero subir nele, Gui — Sofia pediu.

— A Ellen vai te pegar, Sofia, pode confiar nela — ele tentou convencê-la, mas minha filha não parecia muito contente com essa ideia.

— Com ela não... — ela sussurrou em seu ouvido, mas até eu consegui escutá-la, o que deixou a mulher sem graça.

— Ela vai montar comigo, Guilherme — anunciei e Soff abriu um sorriso de todo o tamanho. Esse era o sorriso banguela mais lindo do mundo.

— Decidiu se juntar a nós?

— Eu nunca disse que não pretendia, só estava querendo um tempo com a Fátima. — Ele acenou como se isso me redimisse, e pediu a um dos seus funcionários para ir preparar um cavalo para mim.

— Ellen, essa é a Mariana — ele falou como se já tivesse contado sobre mim e ela assentiu com um sorriso gracioso, parecendo muito feliz por me conhecer. — E Mariana essa é a Ellen, a nova veterinária do haras.

— É um prazer — dissemos juntas e eu a estudei um pouco mais, curiosa por Carlos pensar que ela poderia ser a mulher ideal para o seu filho.

Ellen era esguia, comprida e mantinha o cabelo preto curto na altura do queixo. Ela sorria facilmente, mas algo dentro de mim não tinha ido com a cara dela.

Eu não confiava em pessoas sorridentes demais.

Surpreendentemente, quando Gui se afastou para selar bem o meu cavalo, ela retribuiu o gesto e me estudou disfarçadamente. Ah, eu te peguei!

— Você trabalha aqui há muito tempo? — perguntei interessada.

— Quase dois meses. — Isso era tempo suficiente para que o Gui a conhecesse e decidisse se ela era o seu tipo. Eu só tinha que perguntar a ele se isso já tinha acontecido, ou não... Porque, para mim, estava mais do que óbvio, que ela adoraria passar algumas horas na cama com ele.

— Hum...

— Você está um pouco diferente das fotos que o Guilherme tem no escritório. Quase não te reconheci a princípio. — Eu não ia perguntar em que mudei, não ia! — Mas deve ter a ver com essa coisa de ser mãe, engordar e tal... Você também parou de competir, então está certa em não se preocupar com seu... corpo. — O quê? Eu a olhei perplexa, não acreditando que ela estava me atacando assim, de graça.

Claro que eu já não tinha o corpo de uma menina de 19 anos, mas honestamente também não tinha mudado tanto. Sempre fui curvilínea, contrariando o tipo físico da minha mãe e irmã, mas isso nunca me preocupou... até hoje.

— Mamãe, vem, nosso cavalo *tá sedado* — Sofia gritou, chamando minha atenção, e não me dando tempo de contra-atacar.

— É selado, Soff... selado — respondi, enquanto ia em sua direção. Encarei Guilherme esperando por algum comentário, mas para o meu azar ele não tinha escutado nada. Merda!

Então, enquanto eu pensava em uma resposta ou comentário à altura, eu fui arrebatada pela emoção. O cavalo que Guilherme tinha mandado trazer para que eu montasse, era tão parecido com o meu... Zeus.

Levei meu próprio tempo para me recuperar do choque e, com medo de que pudesse se tratar

apenas de uma pegadinha pregada pela minha mente, eu me aproximei devagarzinho. A pelagem era escura, o porte seguro...

— Como você é lindo — murmurei ao chegar perto, e alisei sua crina.

— Eu sei — Gui sussurrou atrás de mim, me arrancando um sorriso.

— Seu bobo, eu não estava falando com você. — Nós dois ficamos em silêncio por um tempo, eu não queria perder a ligação com o animal, e continuei a conversar com ele baixinho, porque era exatamente isso que eu fazia com o Zeus. — Como ele pode ser tão parecido? — Dessa vez, me dirigi ao Guilherme que me observava atentamente, me olhando daquele jeito, como se estivesse com pena de mim.

— Eu já me perguntei isso um milhão de vezes, quando o antigo veterinário o examinou chegou até a pensar que ele não resistiria, era pequeno demais, inseguro, sem nenhum jeito para a arena.

— Não é o que me parece agora.

— Eu o treinei pessoalmente, claro que ele nunca vai ser um competidor, Mariana, mas se você o quiser... Ele é ótimo com crianças, e nós dois somos bastante íntimos.

— Você o colocou sob a sua asa, não é? Aposto que os outros cavalos morrem de ciúmes dele — brinquei, me sentindo aliviada que ele não foi posto de lado porque não tinha nascido para ser campeão. Olhei para baixo, só para ver a mesma expressão de choque na minha filha, ela estava com a boca aberta e os olhos arregalados, por estar tão perto de um animal com esse porte. — Está preparada, meu amor? — perguntei e ela balançou a cabecinha empolgada.

Montei primeiro sem muita dificuldade, e bastante ciente da mão do Guilherme em meu quadril, gesto que ele já tinha feito centenas de vezes, mas que nunca me pareceu tão íntimo. Com a ajuda dele, Sofia se sentou na minha frente e nós duas demos algumas voltas lentas ao redor da arena.

Deus! Ainda era difícil aceitar que tinha cinco anos que eu não montava. Cinco anos que deixei que me afastassem de tudo o que era importante para mim.

Como então, eu teria coragem de desistir de lutar pela minha felicidade agora, depois de tudo o que perdi?

HENRIQUE

— Isso está bem... feio — Isadora falou, enquanto me observava limpar o sangue que escorria do meu nariz. Eu sabia que ela estava adorando me ver assim, porra, eu sabia. Ignorei seu comentário e me olhei no espelho novamente, o filho da puta do seu irmão quase conseguiu quebrar meu nariz essa manhã. Eu deveria saber que ele não deixaria o que fiz impune, eu só não esperava levar um maldito soco às nove da manhã, no meu próprio escritório. — Mas você sabe que mereceu, não é?

— Isadora, eu realmente não estou no clima para essa merda.

— Eu poderia te ajudar, sabe? Mas não farei isso, Henrique, eu me recuso a me sujar por causa dos seus erros — ela disse, alisando o vestido branco impecável que usava hoje. Merda, eu quase tinha me esquecido da reunião dessa tarde. Como eu iria aparecer, perante o conselho administrativo, com um hematoma no rosto?

Em menos de vinte e quatro horas, Mariana conseguiu colocar em risco não só a minha relação com o seu irmão, como também, agora estava prestes a interferir diretamente na minha imagem profissional. Eu já estava com o jogo praticamente ganho, se não fosse pelo reaparecimento dessa *bruxinha*. Agora, se eu não a tirasse de uma vez por todas da minha vida, tudo iria por água abaixo.

Depois do soco, e de ter sido repreendido pelo *todo-poderoso* como se eu fosse um zé ninguém, eu ainda fui obrigado a assumir meu erro. Não sem antes, deixar claro que Mariana tinha me feito perder a cabeça depois de tanta insistência e provocação. Ela era a única culpada, merda.

E como homem, tinha certeza de que Marcos entenderia o meu lado. Principalmente, porque em uma das raras noites em que bebemos juntos, ele me confidenciou que já tinha tentado abandonar a Rachel várias vezes, de que ela não era a mulher adequada para alguém em sua posição, mas que bastava vê-la entrando em sua sala para que seu autocontrole desaparecesse.

— O que Marcos disse, afinal? Ainda não tivemos a chance de discutir esse assunto...

— Seu irmão vai tentar manter Mariana controlada por um tempo, mas eu não gosto da ideia dela permanecer no Brasil. Mariana é instável, Isadora, movida pelas emoções, e se por algum motivo ela decidir surtar e revelar a verdade...

— A verdade sobre o caso tórrido de única noite de vocês dois... — ela ironizou.

— Você sabe que não foi assim.

— Pois eu espero que ele decida o que fazer com ela logo, porque eu não a quero em nosso casamento, Henrique. Ou até mesmo perto de mim. Acho que se eu tiver que olhar para essa criança... — Isa estremeceu só de pensar nessa ideia e eu reprimi um sorriso sarcástico, ela não estava nem aí por eu ter mentido, o que a irritava era o fato de Mariana ter chegado antes dela.

— Se Marcos não cuidar dela, eu mesmo cuido. Você não terá com o que se preocupar.

GUILHERME

— Ela não sabe que você está apaixonado, sabe? — Virei meu rosto só para ver Ellen se inclinando sobre a cerca, onde eu estava sentado já há algum tempo, enquanto observava Mariana montar na pista de treinamento. Sofia já não estava mais com ela e agora eu podia ver que Mari ainda tinha controle absoluto sobre o que fazia. — Basta olhar para você, Guilherme, seu semblante muda completamente quando ela está por perto. Eu só não entendo como ela, te conhecendo tão bem, nunca percebeu.

— Nós realmente temos que falar sobre isso?

— Não, mas pensei que nós fôssemos amigos. Ou éramos antes dela aparecer.

— Nós somos amigos, Ellen, eu só tenho andado ocupado.

— Com ela.

Tudo bem, Ellen era uma mulher linda, inteligente e nós tínhamos muito em comum. Realmente. Fora que ela ainda contava com a aprovação do meu pai, mas eu não estava interessado. Não emocionalmente, pelo menos.

— Então, como estão os potros que nasceram ontem? — puxei a conversa para um assunto mais confortável.

— Muito bem, foi tudo bastante tranquilo.

— Ótimo, acho que mais tarde eu levarei Sofia para vê-los, e quero que você vá comigo.

— Elas passarão outra noite aqui?

— Não, eu as levarei embora no final da tarde. — Tive a impressão de que ela soltou um suspiro aliviado, mas não poderia dizer com certeza, já que minha atenção estava mesmo era na Mariana.

— Eu já tive três peixinhos... — Sofia contou ao meu pai a mesma história que eu já tinha escutado uma centena de vezes. Ele ouvia atento a tudo que ela dizia. — Mas todos eles foram para o céu. Mamãe diz que eles não vão voltar, mas eu acho que vão sim.

Balancei a cabeça admirado pela sua insistência no assunto e segui pelo corredor indo em direção ao quarto onde Mariana tinha se enfiado há mais de uma hora, o encontrando com a porta aberta. Ela estava terminando de prender o cabelo e fez uma careta ao me ver entrar.

— Deixe o cabelo solto — pedi, já retirando o elástico da sua mão. O perfume que ela usava me atraiu, fazendo-me aproximar ainda mais e enquanto ela me olhava através do reflexo do espelho, eu me atrevi a beijar o lado descoberto do seu ombro.

— Eu gostaria de ficar aqui para sempre, sabia? Amo tanto esse lugar, Gui.

— Nada te impede de ficar. — Ela sorriu, mas não foi o sorriso que eu estava acostumado. Mariana estava triste.

— A vida me impede — admitiu resignada, e quando dei por mim, já estava passando meus braços ao redor da sua cintura e afundando meu rosto em seu pescoço cheiroso. Pensamentos sobre lambar sua pele, ou melhor... morder e deixar a marca dos meus dentes, como uma reivindicação típica de homem das cavernas, passaram pela minha cabeça, mas eu logo descartei a ideia e mudei de assunto.

Era isso, ou eu acabaria tendo que me afastar por conta da reação que meu corpo teria.

— Sua filha está lá fora contando ao meu pai a história dos três peixinhos que morreram. Juro que, se ela contar isso para mais alguém, eu vou comprar esses três peixes, Mariana, e vou dar a ela.

— E eu já disse que é exatamente isso que ela espera que alguém faça, por isso eu ainda não comprei. Sofia é esperta... Ela sabe que se choramingar um pouco vai conseguir o que quer.

— Assim como a mãe.

— Eu não sou assim!

— Claro que não, você é pior, e se aproveita disso porque sabe que sou capaz de qualquer coisa para não te ver chorando.

— Isso porque você é meu amigo, Gui, amigos fazem isso. Eu nunca o vi chorar, mas acho que se isso algum dia isso acontecer, eu entro em desespero.

— Isso nunca vai acontecer. — Pelo menos, eu achava que não, já que não conseguia me lembrar a última vez em que chorei na minha vida.

— Sei... homens como você não choram, não é? — ela brincou e ficou vermelha quando eu murmurei um – *Hum-hum* de volta, roçando de propósito minha boca em sua pele. Em um segundo, Mariana já estava fora dos meus braços, o cabelo novamente preso e me empurrando para fora do quarto, para que eu pudesse finalmente levá-las de volta ao meu apartamento na cidade.

Capítulo 9

MARIANA

Levou dois dias para que meu irmão viesse me procurar, um dia a mais do que eu esperava, já que ele tinha aquela coisa toda de ser o macho alfa da nossa família. Eu até entendia que desde a morte dos nossos pais, Marcos tinha tido muito com o que lidar, mas ele não podia continuar me tratando como se eu fosse uma garotinha que precisava de ajuda para tomar suas próprias decisões.

Eu o estava observando da cozinha, enquanto enchia o copo da Sofia de suco, e separava alguns biscoitos para que ela pudesse comer durante a minha conversa com ele. Toda essa situação estava sendo um tanto quanto tensa, fui pega totalmente de surpresa pela sua *visita* e ele não cedeu quando insisti para que marcássemos essa conversa para outro dia.

O que eu queria na verdade, era adiar ao máximo o encontro dele com a Sofia, mas esse encontro era meio que inevitável, não era? Então, aqui estava eu, enfurnada na cozinha, tomando coragem para enfrentar o Marcos, enquanto minha filha se encontrava sentada no sofá há apenas alguns metros de mim encarando seriamente o tio, que até agora parecia bastante chocado com a visão de uma mini versão minha, de tranças e pantufas de patinho.

Peguei a bandeja com o café e o suco da Soff e voltei à sala, quase engasgando ao escutar a pergunta dela ao Marcos.

— Você é o meu papai? — De onde ela tinha tirado isso? Sua voz soou tão baixinha e preocupada, que eu imaginei que ela estivesse nervosa por ter um estranho com o triplo do seu tamanho a observando furiosamente.

Marcos lançou a ela um olhar estranho e balançou a cabeça enquanto eu o censurava com o olhar, porque juro, se ele abrisse a boca para dizer qualquer coisa ofensiva ou que assustasse a minha filha, eu o colocaria para fora no mesmo instante.

— Ele é o seu tio, Sofia, você lembra que eu contei que tinha dois irmãos? — Ela assentiu com o rostinho triste, e eu me perguntei se de alguma forma ela sabia o real motivo para estarmos aqui.

— E por que ele não gosta de mim, mamãe? O que eu fiz? — Ela o encarou e, quando viu que ele franzia o cenho, desviou o olhar rapidamente procurando pelo meu.

Meu estômago revirou ao ver que seus lábios tremiam, sinal de que ela estava prestes a chorar. Sofia era doce, mas muito sensível, era fácil magoá-la e Marcos merecia um troféu de babaca do ano por conseguir essa proeza sem sequer abrir a boca

— Ei, meu amor... — Eu a peguei no colo e a abracei bem apertado. — Claro que ele gosta, ele só... está surpreso.

— Por quê?

— Porque você é uma menininha linda, e essa é a primeira vez que vocês se encontram. — Sofia fez aquela carinha que demonstrava que estava tentando assimilar o que eu acabei de dizer, e voltou a olhar meu irmão, dessa vez com um pequeno sorriso no rostinho vermelho.

— Eu não tenho o dia inteiro, Mariana — Marcos disse e isso fez Sofia se encolher decepcionada em meu colo. Por que o desgraçado não era capaz de dar ao menos um sorriso?

Irritada, levei Sofia até o seu quarto e esperei alguns minutos até conseguir convencê-la de que estava tudo bem, de que o tio dela não era um monstro, e que ela iria ficar bem enquanto eu conversasse com ele.

— Eu não gosto dele, mamãe — ela sussurrou baixinho, com medo de admitir e isso cortou o meu coração.

Como se ele já não estivesse quebrado o suficiente, pensei.

Voltei a sala sem me importar com o tempo em que tive que ficar no quarto até acalmar minha filha, e confesso que não soube o que sentir ao encontrar meu irmão, paralisado, diante da minha foto com a Sofia. Eu estou sorrindo nela e se bem me lembro Gui e eu estávamos comemorando os onze meses do meu anjinho. Ela era apenas uma bolinha rechonchuda na época, mas para mim já significava o meu mundo.

— Você poderia ter sido só um pouquinho, só um pouquinho mais gentil. Ela é uma criança de quatro anos, Marcos, e você a assustou completamente — quebrei o silêncio e cruzei os braços à minha frente, em uma atitude defensiva.

Meu irmão demorou a dizer qualquer coisa, e eu não sei se a sua falta de palavras era mais preocupante do que tê-lo gritando e rosnando como um leão enjaulado.

— O que ela sabe sobre o Henrique?

— Nada. Ela tem consciência de que tem um pai, mas eu nunca disse mais do que o necessário.

— O que você espera com tudo isso, Mariana? De verdade?

— Não estou entendendo.

— Por que você voltou? Eu já tentei entender os seus motivos, mas não consigo encontrar nada que soe ao menos racional. Não vejo como essa situação possa acabar bem. — Eu não sabia o que responder a ele, porque tudo o que eu poderia dizer iria irritá-lo.

O que eu poderia falar? Que eu voltei porque eu quero que o Henrique fique ao nosso lado? Que eu quero que esse casamento seja cancelado? Ou, então, que eu pretendo lutar pelo amor do homem por quem eu me apaixonei?

Não mesmo.

— Voltei porque esse é o meu lugar, Marcos, você gostando ou não é aqui que eu quero criar minha filha.

— Eu queria acreditar que suas intenções são tão simples assim, mas eu sei que não são. Só queria descobrir o que passa nessa sua cabeça por pensar que vai conseguir agora o que não conseguiu há cinco anos.

— Você realmente acredita que Isadora o ama? Você conhece ela tanto quanto eu, Marcos, Isadora é incapaz de ter esse tipo de sentimentos... Ela é fria como um iceberg.

— O que ela sente não está em discussão. O que eu quero saber é o que você pretende, aparecendo aqui e jogando uma bomba como essa sobre nossas cabeças.

— Eu quero o que vocês dois tiraram de mim há cinco anos. A chance de dar um pai para a minha filha. É isso o que queria escutar? — Marcos xingou e eu apertei um pouco mais os meus braços ao meu redor sem deixar de encará-lo. Sua barba estava mais visível que da última vez que nos vimos e seu cabelo despenteado como se ele tivesse passado a mão por ele uma centena de vezes enquanto tentava encontrar uma solução.

— Você não irá tomar nenhuma atitude impensada, está me ouvindo? Até que esse casamento aconteça, eu a quero de boca fechada, Mariana. Se alguém descobrir de quem essa menina é filha, eu juro que sou capaz de te enviar para Portugal e, dessa vez, garantir que seja apenas com uma passagem de ida.

— Eu não vou esconder isso dele, se você pensa que...

— Henrique já sabe.

— Sabe? — perguntei incrédula. — Como... por que ele não veio me procurar, então? — Marcos balançou a cabeça insatisfeito.

— Eu irei pedir a Isadora para soltar na imprensa uma nota sobre o seu retorno, se tentarmos abafar isso eles apenas ficarão mais curiosos. Claro que eles logo descobrirão que você tem uma filha, mas se agirmos bem a esse respeito ninguém ficará muito interessado, e logo esse assunto será esquecido.

— E depois? — perguntei, não acompanhando muito bem o seu raciocínio.

— Não acha que se eu já soubesse o que vai acontecer depois, eu já não estaria tomando as devidas providências?

— E o que eu faço enquanto isso? Finjo que nada está acontecendo? O que eu digo a Sofia? — sussurrei a última parte.

— Foi você mesmo que disse que ela não sabe nada sobre o pai, não foi? Alguns dias a mais não farão tanta diferença.

— Para você, talvez não... — resmunguei baixo enquanto pensava em uma solução.

Eu não iria adiar meus planos, apenas porque Marcos quer que esse casamento aconteça...

MARCOS

A primeira coisa que fiz ao sair do apartamento onde Mariana estava enfiada, foi ligar para a Rachel e pedir uma reunião com Isadora e Henrique. Eu podia até prever a reação que minha irmã teria quando eu contasse da minha decisão, mas eu não tinha outra escolha a não ser manter Mariana por perto dessa vez.

Era a única maneira que eu conseguiria controlá-la e evitar um escândalo maior do que eu estava esperando, além disso, já estava na hora dela começar a assumir suas responsabilidades. Eu não custeei seus estudos e boa vida por todos esses anos à toa, o seu lugar era ao meu lado na Montenegro, assim como era o da Isadora.

E se Mariana queria tanto permanecer no país, e esfregar essa criança na cara de todos, ela teria que seguir as minhas ordens.

Cheguei a Montenegro, e ignorei um ou outro funcionário que me virou as costas ao me ver passando, eram todos uma cambada de covardes. Entrei na minha sala, que era anexa à da Rachel e ela cambaleou atrás de mim, ainda com o nariz vermelho e aquelas olheiras visíveis.

— Eu marquei a reunião para às quinze horas, Marcos. Henrique tem uma reunião importante agora no horário do almoço, e não teria como te encontrar antes. — Eu deixei meu olhar cair pelo seu corpo, apreciando a maneira como ela se vestia ao meu gosto. Sempre para me agradar.

— E Isadora?

— Ela esteve reunida a manhã inteira com a equipe comercial. — O que significava que não seríamos interrompidos por um bom tempo.

— Certo, venha aqui então. — Eu pedi e esperei, mas ela parecia petrificada no meio do meu escritório. — Rachel, venha aqui.

— Eu ainda não estou me sentindo bem, Marcos...

— Essa é a segunda vez essa semana que você nega um pedido meu, não estou entendendo qual é o problema com você. — Ela prendeu a respiração, antes de voltar a falar.

— Se você fosse um pouco menos ogro, talvez perceberia que o problema é que eu não-estou-me-sentindo-bem. Quantas vezes eu vou precisar repetir isso? — Pegando Rachel de surpresa, eu me levantei e fui até onde ela estava.

— Odeio quando me dizem *não*, não sou um homem acostumado a ser rejeitado e se eu quero você eu deveria ter. Será que não tenho sido generoso o suficiente? Você não é barata, Rachel... — disse irritado, mas, porra, não era apenas com ela. Era com tudo o que estava acontecendo: a Montenegro com problemas de transporte, a Mariana, a Isadora... Isso tudo estava me deixando louco.

— Quer saber, Marcos? Vai à merda! Você pode ter destruído a vida da sua irmã, mas não fará o mesmo comigo. Eu estou por aqui com essa história, com seu mau humor, e essa ideia que você tem

de que eu tenho que aceitar calada as suas ofensas. — Ela fez como se fosse sair, mas eu a segurei antes.

— Quem você acha que é para se intrometer na minha vida? Minha irmã é assunto meu, Rachel! Se coloque no seu lugar e esqueça essa porra porque eu não vou admitir que fale dessa maneira comigo.

— Eu estou tão perto de te odiar, Marcos... tão perto.

— E o que você pretende fazer quando isso acontecer? Me deixar? Duvido que encontre um homem que dê a boa vida que eu te dou... principalmente porque você é uma ingrata.

— Você quer ser tratado como se fosse um Deus apenas porque paga as minhas contas? Qualquer homem pode fazer isso, basta que eu peça!

— Rachel! — A merda que ela disse me fez perder as estribeiras e eu a beijei ferozmente, não me importando que ela estivesse com essa gripe fodida, eu queria apenas que a minha ratinha soubesse quem mandava nessa porra.

HENRIQUE

— Você não pode estar falando sério, Marcos — Isadora disse bem perto de perder a compostura ao meu lado, enquanto eu era forçado a engolir a merda que tinha acabado de escutar.

Em que mundo Marcos achava que manter Mariana por perto era a coisa certa a fazer?

Aquela *bruxinha* iria azucrinar a minha vida. Eu nem mesmo sabia se seria forte o bastante para manter minhas mãos longe daquele corpo. Isso era muito fodido.

— Mariana fica, Isadora, isso não é discutível. Mas eu deixei bem claro, que se a história dela com o Henrique vazar, eu a mando de volta no primeiro voo sem passagem de volta.

— Isso não é o suficiente, e eu me recuso a fingir para a imprensa que não me importo que ela tenha voltado com uma criança nos braços, porque eu me importo sim! Eu quero aquelas duas longe de mim, esse é o meu momento, e não vou deixar que uma... bastarda destrua isso.

— Chega, Isadora! — avisei.

— Não! Será que ninguém aqui vê que ela está fazendo isso de propósito? Que ela voltou para acabar com o meu casamento?

— Não permitirei que isso aconteça, Isa, quantas vezes vou precisar dizer que é com você que eu quero ficar? Mariana só vai interferir se deixarmos — tentei acalmá-la.

— É muito fácil dizer isso agora, não acha? — Cerrei os dentes com a indireta, sentindo-me um idiota por ter pensado que a essa altura Isadora já teria parado de me atacar e admitido que éramos um time.

— Será que os dois poderiam deixar para discutir isso em um outro momento? — Marcos nos interrompeu. — E sim, Isadora, você irá fingir que está bem, e acho melhor fazer isso de maneira convincente. E espero que a nota na imprensa que te pedi saia até amanhã, entendeu?

— Só acho que você está cometendo um erro — ela disse contrariada e se retirou nervosa da sala. Me levantei para ir atrás dela, mas Marcos pediu que eu ficasse antes que tivesse essa sorte.

— Até eu decidir o que fazer, eu quero você longe da Mariana, Henrique. Ela já foi alertada e agora é a sua vez. — Ele se inclinou na minha direção. — Se eu souber que você voltou a encostar um dedo nela, eu acabo com você e protesto nenhum da Isadora me fará parar até que eu tenha terminado — ele ameaçou.

— Você sabe que o que está me pedindo é quase impossível, não é? Sua irmã e eu temos uma filha juntos.

— Você entendeu perfeitamente o que eu quis dizer, porra, não se faça de idiota a essa altura.

Eu ia mostrar a ele quem era o idiota, o maldito se achava no direito de decidir por todos a sua volta, mas eu não era um babaca controlável. Eu queria Mariana longe, de preferência do outro lado do oceano, e se Marcos não era capaz de conseguir essa proeza, eu mesmo daria um jeito de resolver isso.

Capítulo 10

MARIANA

"Faltando apenas um mês para o casamento mais esperado da alta sociedade catarinense, Mariana Montenegro, a caçula dos três herdeiros de uma das maiores vinícolas do país, está de volta ao Brasil. A ex-amazona, ganhadora de dois campeonatos estaduais, decidiu finalmente dar o ar da graça e nos prestigiar com sua beleza às vésperas da cerimônia que unirá sua irmã, Isadora Montenegro, a seu noivo, Henrique Farias, o atual diretor financeiro..."

— Só eu que achei exagerado o tamanho dessa reportagem? — perguntei ao Guilherme enquanto terminava de ler a nota de quase uma página que tinha saído em um dos cadernos destinados a elite de Santa Catarina. Ali havia de tudo, fotos de quando eu era criança, das minhas competições e uma da última vez em que nós três fomos fotografados em público. — Eu pensei que seria apenas uma notinha, sabe? Que ninguém veria... Achei que meu irmão queria manter discrição, mas isso?

— Pare de se martirizar com esse lixo. — Ele arrancou o jornal da minha mão e foi em direção à sala. — Sua irmã deve ter feito isso de propósito, ela sabe o quanto você odeia chamar atenção.

— Ela é uma vaca — murmurei exausta atrás dele. — Mas não quero pensar em animais a essa hora do dia, então me diga, o que o meu caubói preferido está fazendo aqui essa manhã?

Guilherme não tinha aparecido desde segunda-feira, quando ele me deixou aqui depois de que eu e Sofia passamos o dia no haras, e eu tive o desprazer de conhecer a Ellen. *Aquela mulherzinha implicante.*

— Eu preciso de motivos para vir te ver? — O observei enquanto ele dizia e abria um meio sorriso que eu podia jurar ser sacana. Desviei o olhar rapidamente, e dei graças a Deus quando meu celular começou a tocar.

Guilherme estava mexendo com a minha cabeça e isso não era bom.

— Marcos?

— Você já viu a reportagem que saiu essa manhã?

— Hum... sim. Eu só não esperava algo tão grande.

— Não era para nada daquilo ter saído, pedi apenas uma nota ao maldito jornal, e ele praticamente faz uma biografia da sua vida. Eu só queria avisar que por conta disso, Isadora está organizando uma festa de boas-vindas, apenas com alguns dos nossos amigos mais íntimos.

— Eu não quero fazer parte de nada disso, Marcos.

— Acho que você não tem muita escolha, então é melhor começar a se acostumar e agir como uma Montenegro. — Soltei um longo suspiro, porque não tinha nada que eu odiasse mais do que ir a essas festas e jantares, e ser obrigada a fingir ser o que todos eles esperavam que eu fosse. — Mandarei alguém te entregar o convite até sexta-feira.

— E quanto a Sofia?

— Uma coisa de cada vez, Mariana. Já pedi a minha assistente pessoal que entreviste algumas babás, ela poderá ficar com a sua filha. — Busquei pelo olhar do Guilherme um pouco desesperada, eu preferia deixar ela mil vezes aos seus cuidados, mas eu iria precisar que ele estivesse ao meu lado nessa noite, caso contrário não sei se seria capaz de enfrentar a todos.

Vendo a minha angústia, Gui se aproximou e afastou a mecha teimosa do meu cabelo que insistia em cair em meu rosto, seu gesto carinhoso apenas me deu a certeza do que eu precisava fazer.

— Não se dê ao trabalho, prefiro que Sofia passe a noite no haras a ficar com uma estranha. — Meu irmão bufou do outro lado da linha. — E Marcos... eu vou precisar de um convite para o Guilherme.

Me preparei para os desaforos, mas Marcos consentiu. O que era estranho porque a relação entre os dois nunca tinha sido das melhores, e apesar da família do Guilherme ter dinheiro e ser bastante respeitada na região, meus irmãos sempre tiveram um preconceito ridículo em relação a ele.

Quando terminei a ligação, Guilherme pediu que eu explicasse o que tinha acabado de acontecer, e eu contei tudo.

— Eu vou entender se você não quiser ir, Gui... — falei incerta, sabendo que não poderia obrigá-lo a ir se ele realmente não quisesse.

— Eu teria que ser um covarde para te deixar passar por isso sozinha, Mariana — ele disse, e fez pequenos círculos com o polegar em minha bochecha e, mais uma vez, o seu toque era tudo o que eu precisava para me acalmar. — Eu não só vou, como quero deixar claro que estarei ao seu lado em cada momento que você precisar de mim. É para isso que os amigos servem, não é? — ele murmurou a última parte, e o que deveria ser um alívio, foi recebido como uma agulhada inconveniente.

Os dias até a festa de boas-vindas passaram rapidamente e eu logo me dei conta de que o casamento da minha irmã era realmente um dos eventos mais esperados da cidade. Fui bombardeada diariamente por pequenas notas contando até mesmo os detalhes mais insignificantes da cerimônia. E Deus, isso me deixava doente.

Porque enquanto ela estava lá fora, agindo como a futura Sra. Farias, eu era obrigada a esperar e esperar... Guilherme não me deu outra oportunidade de ir atrás do Henrique, e tenho certeza de que ele sabia o quanto eu estava desesperada para fazer isso.

Como eu disse, eu era uma viciada, e era preciso apenas um olhar para saber que estava começando a perder a cabeça.

Quando a sexta-feira chegou, eu fui surpreendida pela visita da Rachel, que se apresentou como a assistente pessoal do meu irmão. Levou algum tempo para que eu pudesse assimilar que a mulher maravilhosa na minha frente era a garotinha tímida que eu pensei ser minha amiga há alguns anos.

Rachel foi uma das tantas garotas do Guilherme, talvez, a que mais chegou perto de tirar ele de mim. Os dois ficaram inseparáveis por todo um verão, nós duas tínhamos dezessete anos na época, e conforme a relação deles avançava a minha amizade com ela ia por água abaixo.

Ela era uma das poucas bolsistas no colégio de elite em que eu estudava e nós nos tornamos inesperáveis desde o momento em que eu a vi sendo humilhada pelas outras garotas do colégio. Foi assim, até que tivemos uma discussão séria alguns dias depois do Guilherme abandoná-la, e nunca mais voltamos a nos falar.

Mas a mulher, parada na minha frente agora, não se parecia nem um pouco com a garota que ela costumava ser. Seu cabelo cacheado, agora estava extremamente liso, ela não usava mais aqueles óculos enormes e eu podia jurar que as roupas que ela estava vestindo nesse momento, eram quase tão caras quanto as que minha irmã e suas amigas usavam.

— Marcos pediu que eu te trouxesse o convite do Guilherme, posso entrar?

— Claro... — Abri a porta e deixei que ela passasse por mim.

— Está animada para a festa de hoje? — ela puxou assunto e eu não sabia o que dizer. Quer dizer, como ela acabou se tornado a assistente do meu irmão? E por quê?

— Nem um pouco, aliás, eu continuo a mesma, Rachel. Minha opinião sobre esses eventos não mudou... diferente de você. — Ela abriu um sorriso genuíno e me desarmou.

— É bom saber que você não mudou, eu odiaria chegar aqui e encontrar uma cópia da Isadora.

— Engraçado porque você...

— Eu sei, tudo bem? — Rachel me interrompeu e fez um gesto para a sua roupa. — Mas essa foi uma das exigências do seu irmão quando me contratou, ou eu mudava ou podia dar adeus ao meu emprego.

— Típico dele.

— Pois é, mas não foi tão ruim assim, eu gosto da pessoa que sou hoje. Tirando as vinte e quatro horas que tenho que ficar à disposição do Marcos, das grosserias e mau humor dele, eu não poderia ter arranjado um cargo melhor. — Era estranho, mas ela estava sendo sincera ao dizer isso.

— Então, você estará na festa?

— Provavelmente, eu meio que sou obrigada a comparecer. Inclusive, eu estava pensando em ir comprar um vestido essa tarde, você gostaria de ir comigo?

— Essa é alguma ideia do meu irmão? Ele está obrigando a me vigiar também?

— Não, acho que seria até melhor que ele não soubesse. Marcos tem regras bem firmes sobre onde o meu trabalho começa e onde ele termina — ela falou e verificou a hora em seu relógio. — Bom, agora eu preciso ir, tenho apenas duas horas para poder encontrar um vestido adequado e voltar a Montenegro. — Pensei e cheguei à conclusão de que não tinha porque não ir com ela, Guilherme tinha buscado a Sofia cedo para que ela pudesse passar o dia no haras, e eu não estava muito certa em usar o vestido que separei para essa noite.

— Eu posso apenas pegar minha bolsa? Eu vou com você — falei e ela acenou sorridente. Corri até o quarto, peguei o primeiro par de sapatilhas que encontrei, joguei um suéter por cima da camiseta que vestia e peguei minha bolsa.

— Que tal este? — perguntei ao abrir o provador e o tempo que ela levou para responder foi toda a dica que eu precisava. Se Rachel tinha ficado sem palavras... o que diria o Henrique?

— Ele é, uau, incrível! Claro que seu corpo ajuda, mas talvez seja um pouco ousado demais e o Marcos...

— Eu não me importo. — Me virei para me olhar no espelho que cobria toda a parede do lado de fora do provedor, e sorri satisfeita.

O vestido tinha um comprimento aceitável, nada indecente, mas deixava à mostra minhas pernas. Para diminuir o apelo da renda e do decote sensual nas costas, ele tinha mangas compridas e abertura mínima na frente. E a graça era exatamente essa. E se isso tudo ainda não fosse o bastante, a cor vermelha realçava o meu bronzeado natural e olhos verdes.

Eu não poderia ter encontrado um vestido melhor, nem se quisesse.

— Certo... eu adoraria ter a sua coragem — ela disse com uma expressão triste no rosto, e me mostrou o vestido que escolheu para essa noite. Preto com um comprimento adequado e nada de decote. Ela realmente levava esse lance de agradar o meu irmão a sério.

Depois de comprar alguns sapatos, nós fomos até uma cafeteria perto do apartamento do Guilherme e passamos alguns minutos conversando. Rachel fingiu, assim como eu, que a briga de alguns anos nunca havia acontecido e eu estava bem com isso.

Nós nos despedimos algum tempo depois, com ela correndo para não se atrasar e eu decidi encarar essa festa com outros olhos. Talvez, essa fosse a minha chance de mostrar ao Henrique que eu estava disposta a qualquer coisa para tê-lo de volta.

E se fosse preciso sorrir e fingir, eu faria isso com o maior prazer.

Capítulo 11

GUILHERME

O momento em que Mariana saiu do quarto, eu perdi a fala completamente. Um lado meu, o ciumento, quis pedir para ela voltar e trocar o maldito vestido. O outro... o apaixonado, quis apenas despi-la e beijar cada pedacinho de carne dela.

Eu amei a forma como suas coxas pareciam firmes enquanto ela caminhava, e no quanto isso fazia com que seu quadril se movesse sedutoramente. E puta que pariu, fiquei sem reação quando ela deu uma voltinha e perguntou o que eu tinha achado.

Se Mariana fosse minha mulher, eu não só a impediria de vestir essa coisa, como também o rasgaria na primeira oportunidade que encontrasse.

Com água na boca, eu a vi se aproximar, ficando tonto ao sentir a fragrância picante que parecia ser só dela.

— Gui, eu perguntei o que você achou.

— Você está... gostosa pra caralho. — As palavras saíram no calor do momento e ela me presenteou com um sorriso tímido irresistível.

— Sério, que boca suja que você tem! — falou em tom de brincadeira e fez como se fosse me dar um soco no peito, mas eu a segurei e puxei até que ela estivesse tão perto que eu podia sentir cada curva do seu corpo pressionada contra o meu.

— Você não tem ideia... — murmurei me deliciando com a maneira como seus olhos vidraram nos meus.

— Sabe, eu acho melhor você me soltar, caubói. — Balancei a cabeça, maluco o suficiente para arriscar. — Gui, eu estou falando sério... — Sua voz saiu como uma súplica, e eu até que gostaria de me afastar, de provar a mim mesmo que conseguia me controlar perto dela, mas, porra, Mariana olhava para mim como se me quisesse.

Por fim, puxei o ar e a soltei, me lembrando que eu provavelmente deveria ser o único a ser afetado por esse desejo incontrolável.

— Está pronta? — perguntei depois de alguns instantes, enquanto meu sangue voltava a bombear por todo o meu corpo, e não apenas na região do meu pau.

— Hum-hum...

Quando chegamos em frente à mansão Montenegro, fiquei surpreso ao ver o grande movimento de carros. Acho que nenhum de nós dois esperava que houvesse tantos convidados assim. Mas era bem típico da sua família transformar qualquer evento em um circo para a mídia, e os abastados da cidade.

Fiquei até mesmo com pena da minha *Dodge Ram* ao ver o desfile de *Bentleys* e *Porsches* esportivos, mas essa merda pomposa nunca foi a minha praia. Como um homem grande, que passava a maior parte do tempo na estrada, eu não abria mão da potência apenas para ser aceito pelos irmãos da Mariana.

Passamos pela segurança, que essa noite tinha sido reforçada, e subimos a escadaria principal. Alguns convidados a reconheciam pelo caminho e quanto mais perto ficávamos da porta principal, mas eu sentia os dedos da Mariana apertando com força o meu braço.

— Relaxe, morena, nada do que acontecer aqui essa noite tem importância, não se esqueça disso — falei, tentando tranquilizá-la, mas não sei se tive sucesso porque ela me olhou completamente assustada.

Como uma mulher como ela conseguia ser tão complexa? Mariana era a pessoa mais forte que eu conhecia quando se tratava de correr atrás do que queria, de proteger quem amava, mas quando se tratava dos seus irmãos, ela era um emaranhado confuso de sentimentos.

— Eu sei, Gui, é só que tem tanto tempo... Eu não gosto dessas pessoas, não gosto de nada disso — ela sussurrou de frente para mim. Seu cabelo solto, foi a desculpa perfeita para que eu a tocasse. E, mais uma vez, ela recebeu meus carinhos como se eles fossem o bastante para aplacar toda a sua carência, e falta de amor. — Obrigada por estar aqui, caubói, isso significa muito para mim.

E bem, eram nesses momentos que eu não tinha a menor ideia da porra que estávamos fazendo.

Acho que esse mesmo pensamento passou pela sua cabeça, porque a barreira invisível que se ergueu entre a gente desde o nosso beijo reapareceu a deixando sem jeito.

— Preparada? — disse por fim enquanto estendia meu braço para que ela pudesse segurá-lo.

Mariana e eu fomos levados até o salão de festas, havia algumas mesas espalhadas na parte de trás, mas a maioria dos convidados circulava por entre os conhecidos. Um garçom nos ofereceu vinho e champanhe, e Mari aceitou mais do que depressa.

A próxima hora foi passada com Marcos a conduzindo pelo salão, eu a observei conversar, acenar com a cabeça e sorrir, mas cada gesto não passava de uma mentira. Tudo fingimento. O pior era que lá, no fundo, eu sabia que essa era a vida a qual ela pertencia.

Por mais que Mariana desejasse se ver livre dessa merda toda, mais cedo ou mais tarde ela teria que entender que não poderia dar as costas a nada disso. Ela era uma Montenegro, afinal, e a julgar o esforço que Marcos estava fazendo para enturmá-la, eu tinha a certeza de que ele não desistiria até que ela aceitasse o inevitável.

MARIANA

Marcos tinha acabado de me apresentar a outro advogado da equipe jurídica da Montenegro, contrariando a promessa que ele havia feito de convidar apenas seus amigos mais próximos. Depois de cinco minutos de conversa, eu já estava completamente entediada, sendo alvo de olhares furtivos da acompanhante do meu irmão, uma modelo ruiva lindíssima, enquanto ele a ignorava para me fazer companhia.

— Está animada para fazer parte da diretoria da Montenegro? — O quê? Desviei minha atenção dos convidados e encarei o advogado com um sorriso confiante no rosto. Que merda era essa?

— Claro que ela está, Charles. Mariana se formou com honras em Coimbra. Muito em breve ela estará comandando toda a área de produção... — Marcos respondeu por mim, com sua arrogância natural, e eu me esforcei para não arruinar seus planos na frente do seu funcionário. Como ele podia afirmar algo assim sem me consultar antes?

Sorri educada, nem tendo tempo para me irritar porque foi esse o momento que Henrique escolheu para entrar no salão com Isadora pendurada ao seu lado. E eu odiei o quanto os dois pareciam adequados juntos, a maneira como ela sorriu quando ele sussurrou algo...

Merda, eu não sabia lidar com o ciúme.

De repente, eu não consegui ver mais nada além dos dois, e enquanto eles se aproximavam de onde eu e Marcos estávamos, meu coração se apertou. Isso só podia ser um teste fodido que meu irmão tinha preparado para mim, não tinha outra explicação. A cada passo que o casal perfeito dava em nossa direção, eu me sentia menor e menor...

Charles, o advogado com quem Marcos estava conversando até o momento, pediu licença e se afastou antes mesmo que o fingimento começasse, me deixando sozinha para ser bombardeada por três olhares duros que me censuraram silenciosamente, antes que eu decidisse estragar tudo.

Fui obrigada a abraçar e cumprimentar os dois, meu sorriso parecia congelado no rosto e a voz da Isadora estava me dando nojo. Me lembrei do tapa que minha irmã traíra tinha me dado na última vez em que nos vimos, e senti ainda mais raiva. Henrique, por sua vez, murmurava algo de tempos em tempos, ele estava fazendo um esforço gigantesco para não olhar para mim, mas ele não estava conseguindo.

E eu o peguei olhando sorrateiramente todo o meu corpo por pelo menos três vezes, e fiquei felicíssima por saber que o tinha afetado tanto quanto afetei os outros homens da festa. *Ponto para mim!*

— Sua acompanhante não parece muito feliz, Marcos — Henrique o avisou e meu irmão se virou na direção em que a *socialite* ruiva estava. Eu podia apostar que essa deveria ser a terceira ou quarta taça de vinho que ela bebia, tadinha.

— Eu pedi que Rachel a entretesse, onde ela se enfiou? — Franzi o cenho, achando ridículo que Marcos pedisse algo assim a sua assistente pessoal, mas depois percebi que não tinha nada a ver com a vida dele, então voltei a estudar Henrique.

Ele estava impecável com seu blazer azul-marinho, calça no mesmo tom e um suéter preto, combinando bem demais com o vestido de linho, reto e tradicional que Isadora usava. Olhando os dois assim, qualquer um pensaria que eles tinham saído direto de um catálogo de moda luxuoso. *Argh!*

— Aquela lá atrás não é ela? — Isadora disse com um sorrisinho no rosto, que a princípio eu não entendi e apontou para o fundo do salão.

Foi lá que eu encontrei um Guilherme, sorrindo abertamente para uma Rachel toda contente. *Era só o que me faltava*, pensei para a minha surpresa. Marcos enrijeceu ao meu lado pedindo licença, e marchou na direção dos dois, sem perceber que estava me deixando a sós com Henrique e Isadora.

— Se eu soubesse que você apareceria vestida dessa maneira, metade dos nossos amigos não teriam sido convidados. É quase uma afronta da sua parte nos expor assim — Isadora provocou.

— Está com vergonha de mim, ou isso é apenas inveja? — retruquei baixinho enquanto erguia minha sobrancelha em desafio.

— Não vou me dar ao trabalho de responder algo tão estúpido, Mariana, só acho que se você quer agir e se vestir como uma puta, talvez fosse melhor nos avisar antes. Isso nos evitaria alguns problemas.

— Você é uma vacaaa... — cantarolei com um sorriso no rosto ao ver uma das amigas da minha irmã vindo em nossa direção. Henrique foi o próximo a pedir licença para circular pelo salão, não sem antes me comer com os olhos uma última vez, fazendo-me sentir um friozinho na barriga.

Decidi que esse era o momento para ir atrás do Guilherme, porque se passasse mais um minuto sequer perto da minha irmã, e da sua amiga esnobe, eu acho que seria capaz de vomitar.

Enquanto me afastava vi Marcos puxar Rachel pelo braço enquanto ela tentava se despedir do Gui. O observando assim de longe, dei-me conta de que ele estava muito mais incrível que o Henrique essa noite. De blazer preto e jeans escuro, meu caubói estava gostoso... *pra caralho*, pensei sorrindo.

— O que Rachel e você estavam conversando? — perguntei curiosa e transpassei meu braço no seu, deixando claro às *socialites* em busca de um tempo bom, que ele estava comigo.

— Perguntar se eu estou afim de jantar com ela amanhã — ele disse tranquilamente e eu levei um tempo para perceber que o idiota estava apenas brincando comigo. — Sua cara foi impagável, morena, sério... A ideia de nos ver juntos novamente, é tão ruim assim?

— É, então nem pense.

— Sabe, vai chegar um dia que eu vou me apaixonar por alguém que sinta o mesmo por mim, e quando esse dia chegar, você terá que aceitar...

— Por que você está me dizendo isso agora? É por causa dela? — perguntei, ignorando o

sentimento ruim dentro de mim.

— Não é por causa dela, é por causa de todas as mulheres que você não suporta sequer que cheguem perto de mim. Eu sou homem, e meio que sou atormentado por algumas necessidades primitivas, e vai que sei lá, eu perca a cabeça em algum momento?

— Atormentado por necessidades primitivas? — Foi a única parte que eu assimilei, porque o resto da conversa eu preferi fingir que não tinha escutado.

— Estou falando sobre sexo, Mariana. — Ele me encarou com a mesma intensidade com que fez mais cedo, e isso me deixou confusa. Será que ele estava tentando dizer que queria transar com a Rachel? Era isso?

— Eu preciso de um pouco mais de vinho... — falei, e na primeira oportunidade peguei outra taça cheia. Marcos e Rachel não estavam em lugar nenhum, Isadora estava reunida em um pequeno e seletivo grupo de mulheres, e eu fiquei imediatamente nervosa ao ver Henrique se afastando pelo corredor que levava até a sacada principal da casa.

Olhei para o meu lado a fim de conferir se Guilherme também tinha visto ele saindo do salão, sei que estava sendo uma chata essa noite, mas prometi a mim mesma recompensá-lo assim que saíssemos daqui. Eu só precisava... falar com o Henrique antes.

— Vou ao toalete, Gui, você me espera aqui? — Ele respondeu sem desconfiar de nada, e rapidamente se virou para cumprimentar um senhor que eu não conhecia. Deveria ser algum abastado apaixonado por cavalos.

Saí à furtiva do salão, conferindo se ninguém havia percebido, e segui pelo corredor escuro, as cortinas estavam todas fechadas tampando a iluminação que vinha do lado de fora da mansão, e quando eu cheguei no final do corredor vi Henrique através da enorme porta de vidro.

Fiquei parada por alguns instantes, apenas o admirando enquanto meu coração dava pulos dentro do meu peito. Henrique estava apoiado na lateral da sacada antiga enquanto liberava a fumaça do seu cigarro.

Por um momento, eu jurei que podia escutar John Mayer cantarolando em meu ouvido “*Diga o que você precisa dizer, não tenha medo de continuar*”, ou isso era um sinal ou todos estavam certos, talvez eu fosse apenas uma louca. Mas eu não poderia me importar menos, por isso abri a porta dupla, e segui adiante.

Não sei se Henrique chegou a sentir a minha presença, porque ele continuou olhando para noite. Eu quase hesitei ao chegar perto dele, mas sei que uma chance como essa não iria aparecer outra vez tão facilmente.

— Não me diga que você está se escondendo... — sussurrei ao seu lado e ele retribuiu com uma risada cínica.

— Você é inacreditável.

— Nós precisamos conversar, Henrique, sei que você já sabe sobre a Sofia e...

— E o quê? O que você espera que eu faça? — Ele se virou rígido diminuindo o espaço entre a

gente. — Uma criança não vai mudar os meus planos, se era isso que você tinha esperança que acontecesse...

— Essa criança é sua filha, não acha que antes de cuspir essas merdas para mim, não deveria ao menos conhecê-la?

— Como eu disse, isso não muda nada.

— Você só vai saber se der uma chance pra gente... Eu sei que é difícil para você, mas eu te amo Henrique. Nós podemos ser uma família, só preciso que me dê uma chance. Minha irmã e você não podem ficar juntos... — Irritado, ele empurrou todo o seu corpo contra o meu e esmagou minha boca com a sua, em um beijo violento.

Todo e qualquer vestígio de razão foi arrancado da minha mente. Sua barba curta roçou a pele do meu rosto, seus dedos me apertaram e ele forçou meu quadril em direção a sua pélvis, me deixando absolutamente e totalmente sem fôlego.

A fome que eu sentia dele era tanta que eu entrelacei meus dedos em seu cabelo, o puxando, querendo mais dos seus beijos, mais da sua língua travando uma guerra com a minha. Era uma luta de vontades... Henrique queria me punir por ser impertinente, e eu queria ser devorada até estar exausta, dopada e saciada dele.

Será que era pedir muito?

— Você não sabe com quem está brincando, garota — ele murmurou em meu ouvido, fazendo-me tremer ao ter seus dentes mordendo minha orelha. Soltei um gemido arrastado até que sua mão apertou minha nuca me obrigando a fitá-lo diretamente. — Não pense que eu vou cair nesse seu joguinho fodido, você está envergonhando a si mesma Mariana, então pare de implorar com esses olhares famintos... — Chocada com a mudança do seu tom de voz, eu o empurrei com o pulso, mas ele apenas apertou com mais força a minha nuca.

Respirei com dificuldade, vendo que não iria conseguir afastá-lo e foi aí que eu me dei conta de que Henrique estava ofegante, me encarando como se me deixar nervosa o excitasse, tentei me desvencilhar da pressão que seu quadril fazia, mas isso apenas me deixou com as pernas bambas. Ele estava duro e por mais imprudente que isso fosse, eu senti certo prazer em saber que era capaz de deixá-lo assim.

Mesmo correndo o risco de ser rejeitada, eu deslizei minha mão até a sua calça e apertei sua ereção fazendo-o liberar um rosnado abafado que me deixou ainda mais louca. Pressionei minhas pernas, uma contra a outra, querendo aliviar o formigamento doloroso e sua boca voltou a me procurar, eu sabia que ele estava irritado por não conseguir parar o que estávamos fazendo, e enquanto eu o acariciava, subindo e descendo minha mão, ele controlava nossos beijos do jeitinho que eu gostava. Selvagememente.

O som abafado de uma discussão foi o que nos interrompeu, e antes que ele pudesse me puxar para evitar ser vista, eu me virei e vi meu irmão no andar inferior... Espera, aquela lá não era a ruiva com quem ele estava essa noite. Aquela era a Rachel.

— Merda! — Henrique grunhiu nervoso, fazendo um esforço para se recompor. E eu não pude evitar, adorei vê-lo sem controle. Infelizmente, ele não parecia tão contente assim com o que tinha

acabado de acontecer, e minha reação ao seu deslize o deixou furioso. — Não me faça te arrastar para fora dessa sacada, Mariana, dê o fora e vá aproveitar essa maldita festa enquanto pode.

— Isso é algum tipo de ameaça?

— Pode ter certeza que é, agora dê o fora e saia da minha frente. — Aturdida, balancei a cabeça, não entendendo como ele podia passar de quente a frio tão rapidamente.

— Até quando você vai continuar agindo como se essa explosão louca que acontece quando estamos juntos não significa nada? Você sente algo por mim, eu sei que sente, Henrique, só não entendo por que luta tanto contra isso. — O assisti dar um passo à frente irritado.

— Acorda para a vida, garota, pelo amor de Deus! Não existe nada entre a gente. Quantas vezes será que vou precisar repetir até que você entenda?

— Eu não acredito em você, a maneira como me beija... Eu sei quando um homem me deseja, então pare de mentir!

— Cale a boca e me escuta. — Eu meio que sou obrigada porque fui forçada a olhar para ele. — Eu teria que ser louco para não me sentir atraído por você, mas nada disso importa, porque sua irmã é a mulher certa para mim, entende? Uma oferta de sexo fácil e esse maldito olhar que você me lança a cada vez que me vê, não são motivos suficientes para me fazer desistir de um casamento...

— Mas nós temos uma filha juntos — disse angustiada.

— Uma filha que eu não pedi.

Henrique me soltou, e eu recuei sentindo cada fibra do meu corpo congelar. O desejo que me dominava desapareceu em um piscar de olhos me deixando tão malditamente entorpecida por conta das suas palavras, que não sabia se podia sequer respirar. Foi sufocante e doloroso escutá-lo rejeitar a nossa filha.

Sentindo o meu desespero interno, Henrique chegou ainda mais perto, mas eu não percebi o que ele estava fazendo até que fosse tarde. Ele me envolveu tão carinhosamente que eu senti vontade de chorar.

— Volte para Portugal, garota... permanecer no país é a pior decisão que você poderia tomar agora. — Ele acariciou meu cabelo enquanto despejava essa merda sobre mim. — Desapareça da mesma forma que você chegou, sem alarde. Esse é um favor que você estaria nos fazendo, porque eu duvido que alguém, além daquele maldito fazendeiro, te queira por perto.

Fechei meus olhos com tanta força nesse momento, jurando a mim mesma que nenhuma lágrima idiota iria me envergonhar mais do que eu já estava. Deixá-lo me ver chorando seria um atestado patético de que eu não passava de uma garota boba. Não uma mulher como a minha irmã.

Deus, eu a odiava tanto.

Fiquei assustada quando o movimento lento da sua mão percorreu a área nua das minhas costas, exposta pelo decote, e eu abri os olhos imediatamente, só para dar de cara com Guilherme, parado atrás da grande porta de vidro olhando toda a cena.

Foi instintivo, eu me afastei bruscamente do Henrique, e a culpa me assolou.

— O que foi? Você parece que viu um fantasma — ele indagou ao ver a expressão em meu rosto, e se virou na direção em que meus olhos estavam vidrados. — Ah... — Henrique riu amargamente. — É o seu maldito fazendeiro...

Olhei de um para o outro, confusa, entre ficar e ir atrás do Guilherme, mas a decisão foi tomada, quando Gui desapareceu pelo corredor escuro.

E veja, meu primeiro impulso foi correr atrás dele.

— Espera, por favor, caubói. — o chamei, mas ele não parou. — Me deixe ao menos explicar...

— Explicar o quê? — O homem se virou e a expressão em seu rosto retorceu meu estômago.

— Eu sinto muito... — murmurei sem saber exatamente pelo que eu sentia, mas se o que eu fiz o deixou assim, tão furioso, e decepcionado, eu realmente sentia muito. Mais do que ele poderia imaginar.

— Duvido que você sinta. Não foi para isso que você me arrastou até aqui? Para poder ter seu momento fodido com esse filho da puta sem que ninguém percebesse? — cuspiu. — Pois bem, eu já fiz o papel de otário do ano, será que agora podemos ir embora?

Eu caminhei atrás dele, a falta de palavras me consumia viva e pela primeira vez na noite, eu senti a ausência de qualquer sentimento. E isso era um milhão de vezes pior, do que sentir em carne viva.

Me despedi do meu irmão e dos convidados automaticamente, as pessoas olhavam para mim e eu me perguntei o que elas viam. *Eu era uma pecadora*. Será que elas se davam conta disso apenas ao me ver?

Guilherme não abriu a porta do carro para mim dessa vez, e eu odiei que ele tenha preferido escutar uma música qualquer no rádio do que o som da minha voz.

Joguei minha cabeça para trás por todo o caminho até o apartamento, a luz da cidade era uma distração fraca, e isso não preencheu o vazio que estava sentindo.

Ironicamente, a nossa música começou a tocar e eu e Guilherme nos inclinamos quase que ao mesmo tempo para desligar o rádio. Eu o encarei por um tempo, tentando decifrar se os seus motivos eram os mesmos que os meus, mas ele não me deu nada, nem mesmo um olhar, e a viagem até o seu prédio seguiu em um silêncio absoluto.

Capítulo 12

MARCOS

Onze horas antes da festa...

— Você ouviu alguma coisa do que eu acabei de dizer? — Rachel perguntou séria, depois de passar os últimos vinte minutos me atualizando da reunião que Henrique teve essa manhã, mas essa era definitivamente a última coisa passando pela minha cabeça nesse momento. Principalmente porque a mulher na minha frente não parava de cruzar e descruzar as pernas. Pernas que teoricamente me pertenciam, pensei frustrado.

Eu vinha sofrendo com o joguinho que ela estava fazendo comigo ao me negar sexo. Rachel parecia decidida a me rechaçar todas as vezes que eu precisava dela e isso estava me levando ao limite.

— Eu estou pouco me lixando para o que Henrique decidiu ou não decidiu, Rachel. Repasse essas informações para os contadores.

— Mas Marcos, o Henrique... — ela protestou e eu me levantei, lhe dando as costas, e fui me servir de uma dose forte de uísque, hábito que eu normalmente não tinha durante o expediente.

— Esqueça isso, o que eu preciso é que você vá até esse endereço e entregue esse convite para mim. — Eu joguei o convite de dentro do meu paletó em cima da mesa, contrariado por estar sendo persuadido pela Mariana a convidá-lo.

— Nós temos um funcionário que pode fazer isso, eu não...

— Porra, Rachel, será que tudo com você tem que ser difícil? — Por que ela não podia, pelo menos, uma vez, acenar a cabeça e concordar como uma boa garotinha?

— Tudo bem, eu faço isso, mas posso ao menos saber de quem se trata? — Eu assenti dando a ela liberdade para abrir o convite. — Guilherme Fonseca?

— É um velho amigo da Mariana, ele será o acompanhante dela essa noite.

— Eu sei quem ele é, Marcos, e apesar de saber que você adora jogar na minha cara que não se lembra de mim naquela época, eu e sua irmã éramos inseparáveis, ou seja...

— Te irrita eu não ter notado a sua presença antes, não é? Mas como eu poderia? Você parecia

uma ratinha assustada na primeira vez que entrou nessa sala, Rachel.

Ela tinha era que me agradecer, de ratinha estagiária a amante de um Montenegro... Era um avanço e tanto.

— É só isso, Marcos, ou você tem mais algum pedido incomum? — Ah, se ela queria jogar esse jogo nós jogaríamos.

— Sim, preciso que veja com a Isadora como andam os preparativos do jantar e... quero que ligue para a Pierla e avise que eu mesmo a buscarei essa noite. Vai ser bom me distrair um pouco antes que Mariana estrague tudo. — Um silêncio perturbador se instalou na sala e Rachel me encarou como se eu fosse um monstro.

Mas no nosso caso era melhor que ela pensasse isso, do que me visse como o príncipe que a resgataria da sua *vidinha*. Porque isso nunca iria acontecer.

Nove horas antes da festa...

— Isso vai ser um desastre, um desastre! — Escutei a voz da Isadora antes mesmo que eu pudesse ser avisado pela secretária. Minha tão controlada irmã estava à beira de um colapso e isso me preocupava. E conhecendo como eu a conhecia, eu não sabia se deveria ficar ou não em alerta.

Quando nossos pais morreram, ela havia conseguido se fechar tão profundamente que eu demorei a perceber que tinha algo de errado com ela. Quer dizer, que garota de onze anos não derrama nenhuma lágrima ao descobrir que perdeu os pais?

Eu sempre soube dos problemas da nossa família, esse tinha sido, aliás, um dos motivos pelo qual eu tinha ido para São Paulo estudar. Eu era um idealista, achava que me afastando da *sujeirada* que meus pais escondiam, eu estaria livre. Eu não podia estar mais enganado.

Então vinha a velha história que, com apenas vinte e três anos, eu me vi obrigado a assumir uma multinacional, apenas para evitar que os abutres corporativos a destruíssem, e a assumir a guarda de duas irmãs que já carregavam o peso do sobrenome Montenegro nas costas mesmo sendo tão novas.

— Os Fagundes acabaram de confirmar, eles chegaram essa manhã, Marcos. Você sabe o que isso significa? Se Mariana aprontar, nós estamos perdidos, acabados... e eu...

— Isadora, sente-se, pelo amor de Deus, antes que eu perca a paciência — pedi e servi para ela do mesmo uísque que eu tinha tomado há pouco tempo. Isso a acalmaria e me daria um pouco de paz. — Tome.

— Você sabe que eu não bebo esse tipo...

— Só tome isso, Isadora, e respire fundo. Essa noite é a única chance da Mariana. Se ela pôr a perder e der um passo em falso, está tudo acabado. Eu não vou ser condescendente, cortarei a

mesada dela e até que ela tenha direito oficialmente a receber a herança, nossa irmã ficará por conta própria.

— Mariana não se importa com dinheiro... Ela só quer destruir a minha vida.

— Isadora.

— Você sabe que eu estou falando a verdade. Você sabe, Marcos.

— O que eu sei é que eu não quero ter problemas essa noite. Então pense muito bem antes de deixar escapar uma das suas, porque da última vez...

— Eu sei, eu sei. E já disse que saiu sem pensar. — Ela me olhou enojada, deixando clara a sua aversão a esse assunto.

— Pois trate de passar a noite com a cabeça no lugar, porque nós não precisamos de mais um maldito escândalo agora, entendeu? — Isso foi o incentivo que ela precisava para virar o copo de uma só vez.

Seis horas antes da festa...

— O convite foi entregue? — perguntei, fazendo com que Rachel se virasse para me ver parado na porta da sala a observando mexer em um punhado de bolsas.

— Sim.

— Vejo que foi fazer compras.

— Sim.

— Certo e... minha irmã, como estava? — Ela me olhou desconfiada.

— Bem, por quê?

— Você viu a menina?

— Você quer dizer a sua sobrinha? Não, eu não vi. — A troca de olhares e de palavras engasgadas estava se tornando um hábito entre a gente, por isso sem dizer outra palavra eu me virei pronto para evitar outra discussão.

— Marcos, o Sr. Soares do departamento de contabilidade, está tentando falar com você desde cedo. Eu disse a ele que você estava fora e que assim que chegasse retornaria.

— Perguntou do que se trata?

— Ele não quis me dizer.

— Telefone e passe a ligação para mim.

— Marcos...

— Agora, Rachel.

Uma hora antes da festa...

— Por favor, me diga que está tudo *ok*, eu ainda não terminei de me arrumar, então tem que ser importante, Marcos.

— E é. Aconteceu um imprevisto e eu não vou ter tempo para buscar a Pierla. Preciso que você a pegue em sua casa e a leve para o salão principal para mim. No momento em que vocês duas pisarem na mansão, me ligue que eu encontro com vocês.

— Não acredito nisso, você mesmo pediu para eu confirmar com ela. Além disso, eu nem sei onde ela mora.

— Já mandei meu motorista passar na sua casa, ele sabe. Não vou ter tempo para explicar a ela o motivo pelo qual eu não posso ir, então invente uma desculpa por mim, sim? Outra coisa, vou precisar que mantenha o olho nela durante o jantar, Pierla pode ser um pouco inconveniente e se beber demais... Você está aí, Rachel?

— Às vezes eu acho que você me magoa de propósito, sabia? Não tem como alguém ser tão cruel.

— Não estou com saco para isso hoje, assim como você não anda com saco para ir para a minha cama. Então, apenas faça o que eu estou mandando, pode ser?

Festa...

— Eu só estou dizendo que pode ser qualquer um — murmurei ao telefone nervoso. Não era para eu estar enfurnado no escritório da mansão nesse momento, mas depois da conversa com o Sr. Soares, eu realmente precisava. Me distraí ao ver Henrique entrando, ele parecia despreocupado com a noite, mas nada nele me surpreendia ultimamente.

— Está tudo bem? — perguntou e eu rapidamente encerrei a ligação, adiando a conversa para amanhã.

— Sim. Isadora está pronta?

— Sua irmã? Não mesmo.

Meu telefone voltou a tocar, era um aviso que a Rachel e a Pierla já tinham chegado. Fui ao encontro delas, deixando Henrique para trás, que pelo visto ficaria um bom tempo à espera da Isadora.

Assim que avistei as duas, eu me preparei para o que viria, Pierla sabia que não poderia entrar no salão onde aconteceria a festa sem estar ao meu lado, porque seus pais estariam presentes e isso não seria bom. Ter ela ao meu lado era confortável e evitava que a mídia fizesse perguntas desnecessárias quanto ao meu estado convicto de solteiro. Ela me ajudava e eu a ajudava.

E apesar de Rachel insistir que não, Pierla também sabia qual era o seu lugar ao meu lado. Todos sempre sabiam. Eu não podia me dar ao luxo de ser pego de surpresa ou envolvido em alguma artimanha louca, feita por alguma mulher mais louca ainda. Quando, e se, eu me casasse, teria que ser com a pessoa certa. Um negócio calculado e pensado onde, claro, as duas partes saberiam cada vírgula do contrato.

Ainda de longe dei uma boa olhada na Rachel, que estava de costas para mim e não tinha notado minha presença. Ela usava um rabo de cavalo elegante e um vestido que, apesar de profissional, abraçava cada curva macia do seu corpo. Da pequena fenda que vinha da parte de trás da saia, meu olhar desceu para os seus tornozelos até chegar as malditas sandálias, que, com toda certeza, tinham sido compradas para me provocar.

— Você está linda — sussurrei em seu ouvido ao me aproximar completamente sério. Quem quer que nos visse agora pensaria que estávamos tratando de trabalho.

— Precisa de mais alguma coisa, Sr. Montenegro? — ela perguntou, disfarçando a surpresa e voltou sua atenção a Pierla, que sorria como uma criança que tinha acabado de recuperar seu brinquedo.

— Por enquanto não, você sabe o que fazer — disse, me referindo a vigiar Pierla durante a noite. — A senhorita está dispensada agora. — Deslizei minha mão pelas suas costas a fazendo enrijecer e fui cumprimentar minha ansiosa acompanhante.

Não dizem sempre que o ataque é melhor que a defesa? Pois foi exatamente isso que fiz com a Mariana. Eu a mantive ocupada, apresentei a todo mundo que ela deveria conhecer e fui deixando uma ou outra brecha para que ela entendesse qual seria o futuro dela caso permanecesse no país.

Não me preocupei com Pierla boa parte da noite, porque tinha deixado Rachel encarregada dela, mas ficou óbvio que aquela teimosa iria arranjar uma maneira de me contrariar e desobedecer.

Porra, quantas vezes mais eu teria que lembrar a Rachel as regras sobre confraternização com os convidados?, me perguntei, enquanto a levava para fora do salão.

— O que você pensa que está fazendo? — indaguei já furioso, tentando entender por que todos aqueles sorrisinhos e intimidade com o tal Guilherme. Rachel vinha se fazendo de durona, me privando do que me pertencia e agora, do nada, ficava sorrindo e se deixando cair na conversa de um idiota qualquer?

— Eu estava conversando, Marcos... É assim que se chama a interação entre duas pessoas. — Eu a arrastei até o corredor lateral, que dava para os fundos da mansão e a escadaria da área externa.

— Não, porra, você estava sorrindo para ele, Rachel. Não acha que sou eu quem merece os seus agrados? — Chocada com minha reação, ela soltou seu braço do meu controle.

— Então é disso que se trata? Você está com raiva porque está pagando sem receber nada? Quer que eu sorria, Marcos? Então me faça sorrir! Quer que eu queira ir para cama com você? Me faça sentir vontade, porque tudo o que eu sinto agora é...

— Cale a boca.

— O quê?

— Eu disse para você calar a boca! — Dei uma rápida verificada na sacada vazia e a levei até a casa da piscina. Vários seguranças que cobriam o lugar prestaram a atenção no que estava acontecendo, mas nenhum deles interferiu.

— Eu odeio você.

— Pode odiar.

— Seu cretino... Essa é a última vez que eu aceito servir de babá para as suas...

— Minhas o que, Rachel? Acompanhantes? Amigas? Você sabe porque eu saio com elas.

— Você tem a mim!

— Você é minha funcionária. Seria um desastre e eu não quero que te vendam como a gata borralheira humilde, que encontrou o cavaleiro de armadura brilhante.

— Você sabe que não é assim.

— Não? Você ameaça e ameaça me deixar, diz que me odeia, rejeita transar comigo, mas eu ainda não te vi ir, Rachel. — A segurei ao mesmo tempo que batia a porta atrás de mim. — Ainda não vi você desocupando aquele apartamento, ou me devolvendo as chaves do carro...

— É... é isso o que você quer que eu faça? Você quer que eu saia? — A puxei para mim, com a raiva transbordando enquanto eu subia seu vestido perfeito pela cintura e me desfazia da sua calcinha.

A luz da casa estava apagada, mas era possível ver praticamente tudo o que acontecia do lado de fora por conta da iluminação da festa. Sem paciência e morrendo de tesão, eu a peguei no colo e a encaixei no meu quadril enquanto ela liberava o meu pau da calça.

Não precisei de muito porque sabia que nossas brigas a deixavam excitada. E a verdade era que Rachel já estava molhada para mim, seu cheiro era a prova viva disso.

— Você sabe que não, ratinha. — Afastei uma mecha do seu cabelo. — Se eu quisesse você fora da minha vida, eu já teria arranjado isso... — disse a fazendo arquear com o primeiro golpe. Eu amava estar dentro dela, ver seu corpo se rendendo apesar de toda a raiva que ela sentia de mim.

Eu amava ainda mais a carinha de dor que ela fazia ao me receber pela primeira vez, o gemido incontrolável...

O sexo foi tempestuoso e suado, sempre era. Rachel me fazia perder a cabeça de uma maneira que eu não tinha como explicar.

E foi nisso que eu pensei enquanto a fodia contra a parede, tampando sua boca para que ela não gritasse. Eu não dei vazão à vontade de levá-la para o quarto e matar a minha saudade lentamente, porque tudo o que eu precisava nesse momento era me enterrar fundo dentro dela, tão fundo, que eu poderia até mesmo esquecer como era ter meus desejos negados.

— É assim que eu quero você, ratinha... Obediente e satisfeita — disse enquanto a prendia com mais força, sentindo todo o seu corpo convulsionar pelo orgasmo.

Um tempo depois, quando já estávamos recompostos, Rachel cruzou os braços em frente ao corpo, tremendo por conta do frio e me olhou do mesmo jeitinho que fazia todas as vezes em que transávamos. Como se esperasse pelo momento que eu iria me render e dizer que a amava, que ela era a mulher da minha vida ou outra idiotice qualquer.

Mas ela não era.

— Marcos, não vá para o apartamento dela essa noite, por favor. — Seu pedido veio quando eu já estava pronto para voltar para o salão e realmente me fez rir.

— Que eu saiba é você quem tem me rejeitado, Rachel, eu estou há mais de uma semana sem sexo. Se você transou comigo hoje, achando que eu ficaria satisfeito está enganada. Eu ainda estou duro, ratinha. Mas essa noite eu vou finalmente te dar o que tanto me pediu nos últimos dias. Eu vou te deixar em paz — falei, sabendo que era com ela que eu desejaria estar ao final desse dia. — Seu trabalho acabou por essa noite, não se dê ao trabalho de voltar para a festa.

Saí sabendo que tinha me vingado pela sua rebeldia, mas nem isso melhorou o meu humor. Porque a raiva que eu sentia era de mim. Era comigo que eu estava furioso, eu a machucava porque não conseguia controlar meus impulsos.

Isso me tornava fraco e eu não podia me permitir ser fraco. Não com um império para governar.

Capítulo 13

MARIANA

Guilherme foi quem abriu a porta do apartamento enquanto eu o seguia aturdida. Essa noite tinha sido um desastre do início ao fim e a julgar pela maneira rude como ele estava agindo agora, eu tinha certeza de que não iria melhorar.

— Nunca mais, Mariana, nunca mais me faça de idiota de novo. O que você fez hoje foi a gota d'água, entendeu? Eu não vou fazer parte dessa loucura, eu jurei a mim mesmo que não participaria de nada disso novamente! — ele gritou me pegando de surpresa. — Por um instante, eu queria saber o que se passa na sua cabeça, sabe? Você parece perder o juízo quando se trata daquele... — Gui cerrou o punho e socou a parede. Lentamente, eu me aproximei sabendo que ele seria incapaz de me machucar.

— Eu já disse que sinto muito, eu não queria envolver você em nada disso. Eu juro. — Ele se afastou quando tentei tocar suas costas.

— Ele estava com as mãos em você, Mariana... tocando você. Eu acho impossível que você não tenha ideia do quanto isso me incomoda — Guilherme admitiu dolorosamente e foi nesse momento, que tudo o que eu vinha tentando ignorar foi jogado na minha frente.

O meu comportamento o estava machucando...

Nervosa, eu dei mais alguns passos na direção dele, que estava apoiado contra a parede. Meu coração não estava prestes a sair pela boca dessa vez, muito pelo contrário. Ele estava quietinho e silencioso porque eu sabia que qualquer ruído poderia estragar tudo.

— Caubói... — Levantei a mão para acariciar sua barba, mas Gui a segurou.

— Me diz, Mariana, me diz se você tem alguma noção do que faz comigo? Que sabe tudo o que eu tenho que ignorar e fingir não ver, apenas porque me importo com você?

— Eu... — Ainda segurando minha mão, ele me puxou forte contra seu peito. Mordida literalmente quando seu olhar pousou na minha boca, aquele não era o meu Gui. Meu Gui não me olharia como se quisesse me devorar. — Me escuta — tentei falar.

— Não, me escuta você. Eu cansei de jogar esse jogo. Cansei... — ele sussurrou.

Eu quis perguntar que jogo, mas no momento seguinte eu já tinha minha boca sendo invadida pela dele. De uma maneira completamente fora de controle.

Sem perceber era eu quem estava contra a parede, o corpo inteiro preso às suas vontades. Sua mão agarrando minha nuca, sua língua perdida tão profundamente dentro de mim que eu não estava conseguindo sequer respirar. E mesmo ofegante e desorientada com o que estava acontecendo, eu não o impedi de continuar.

Como poderia?

Cada célula do meu corpo vibrava ao menor som dos seus gemidos roucos, ou então da maneira gostosa como sua barba roçava a minha pele... ou como sua mão me apertava vigorosamente.

— Ah! — gemi baixinho ao ter meu pescoço chupado. — Isso é tão... — Eu ia dizer gostoso, mas não tive a chance.

— Não me diga que isso é errado, porque cada instinto meu diz que essa é a coisa mais certa que nós dois poderíamos estar fazendo — ele sussurrou em meu ouvido me fazendo inclinar o corpo em busca de mais pressão. Meu rosto foi acariciado, meus lábios puxados pelos dedos que até pouco tempo apertavam minhas coxas... Eu estava tão enlouquecida pelo que estava acontecendo que quando Gui começou a falar, um frenesi atravessou todo o meu corpo e a pressão no meu ventre foi tão forte que eu sabia que se ele apenas me tocasse lá... — Eu não sou o Henrique, Mariana. Eu quero ser o seu homem, o único com acesso ao seu corpo, o único a estar em sua mente, mas enquanto você continuar com essa loucura, isso não vai acontecer.

E com isso ele me soltou bruscamente, levando com ele o calor que envolvia o meu corpo. O homem que eu pensei que conhecia tão bem, de repente, tinha se tornado um estranho. Alguém que eu não estava conseguindo decifrar, que me olhava como se eu fosse culpada. *Mas eu era, não era?*

— Eu não ia dizer que isso é errado — murmurei tentando aliviar o clima tenso que se instalou, mas ele negou com a cabeça.

— Eu posso ser louco por você, morena — disse frustrado. — Mas não vou perder o controle novamente. Não enquanto sua vida girar em torno dele.

Não demorei a assimilar o que ele estava dizendo, eu só não sabia o que fazer com essa informação. E determinado, Gui apenas me deu as costas e se dirigiu à porta.

— Você não vai dormir aqui? — perguntei confusa.

— Não! — Guilherme respondeu sem nem ao menos me olhar e o som da batida da porta foi a última coisa que escutei antes de ficar sozinha.

Depois de uma noite em claro, eu acordei na manhã seguinte com uma ressaca moral monstruosa. Meus pensamentos se dividiam entre o Henrique e o Guilherme.

Ainda me magoava a maneira fria com que Henrique tinha se referido a Sofia na noite passada, o quanto ele havia sido grosso... Mas nada do que eu fiz tinha sido planejado, foi impulsivo da minha parte e se eu tivesse sido pega pelos meus irmãos, ao invés do Gui, eu não queria nem imaginar o que

poderia ter acontecido comigo.

Quanto ao Guilherme, eu não sabia o que pensar. Tudo que vinha na minha cabeça era aquele beijo, as coisas que ele disse... Eu estava mexida, confusa... Mas, merda, como ele podia querer que as coisas mudassem?

Me levantei surpresa ao escutar um barulho vindo da sala, vesti rápido uma camiseta do Gui e corri para fora do quarto. Rezando para que *a gente* ainda fosse *a gente* e que ele tivesse recobrado parte da razão.

— Você poderia ter me avisado com antecedência, Sara... — Parei imediatamente ao escutar ele murmurando ao telefone. Gui já não estava mais com a roupa de ontem, sinal claro de que ele tinha entrado no quarto enquanto eu dormia. — Sim, acho melhor nos encontrarmos no seu hotel de qualquer maneira... Claro, pode ser às 20h? — Eu o observei passar a mão no cabelo, mas não podia dizer se ele estava sendo vencido pela insistência daquela cascavel de cabelo seco ou se...

— Olha, eu te ligo mais tarde — ele disse rapidamente ao me pegar no flagra escutando sua conversa.

— Pensei que fosse passar a noite no haras... — falei, tentando não demonstrar que estava chateada.

— Não — ele respondeu sério sem tirar os olhos de mim.

— Então, a Sara está na cidade?

— Mariana...

— O quê?

— Nada, só não começa logo cedo, tudo bem? — Não começar?

Voltei ao quarto e me sentei na cama, encarando firmemente o chão... Guilherme estava lá fora planejando sair com aquela cascavel e eu não conseguia entender por que isso me irritava tanto. Para piorar, só a ideia de ficar nesse apartamento enquanto ele estava lá fora se divertindo era terrível.

E foi por isso que quando ele entrou no quarto para me ver, eu perguntei se podia passar o fim de semana no haras. Longe do meu irmão, do Henrique... De todos, até mesmo dele.

Guilherme pareceu surpreso com meu pedido, mas concordou. Nós não falamos sobre o que aconteceu na noite passada, ele não pediu explicações e eu não sabia como começar a dá-las. Preparei, mais uma vez, uma mala para mim e para a Sofia e foi isso. As palavras que eu deveria estar dizendo estavam engasgadas em minha garganta e eu me perguntei se foi assim que minha irmã começou a se tornar o que era hoje. Uma mulher oca por dentro.

HENRIQUE

Isadora estava tremendo sob mim, e eu voltei a roçar meus dentes em sua pele imaculada fazendo-a se contorcer enquanto eu a penetrava mais fundo. Seus dedos cravaram meus braços e eu apertei meus olhos tentando afastar a imagem da sua irmã da minha cabeça. Meu pau reagiu, inchando dentro dela, só de lembrar seus beijos, seu corpo delicioso apertado contra o meu na noite anterior.

Rosnei exasperado quando gozei, reconhecendo que o gatilho para tanto foi a ideia de estar fodendo aquela *bruxinha*.

— Bom dia... — Isadora murmurou quando eu joguei meu corpo em cima dela, que, por sua vez, não tinha gozado. Sua pele estava fria, seca... e eu me questionei se o problema era comigo, mas logo descartei a ideia. A ironia disso tudo era que, enquanto sua irmã implorava para que eu a fodesse, Isadora se comportava como se ter meu pau enterrado em seu corpo não fosse nada. Claro que ela fingia, eu via o seu esforço e era grato por ela ao menos se dar ao trabalho de tentar não ferir meu ego.

Voltei a beijá-la, não desistindo e desci minha boca até a sua boceta ao mesmo tempo em que descartava a camisinha usada em um canto da cama. Essa era a única maneira com que Isa conseguia gozar e, porra, ela tinha sorte que eu estava tão desesperado por um sexo fodido que fui logo metendo minha língua entre as suas pernas, sem pensar duas vezes.

A escutei gemer baixinho, seu corpo abrindo mão do controle... Era difícil para ela, mas eu não tinha a menor pressa. Nada me deixava mais orgulhoso do que ver essa mulher gozando.

Eu poderia até dizer que ela era meu desafio preferido.

— Vem para mim, Isa, vem, eu quero sentir você gozando.

MARIANA

A manhã passou em um piscar de olhos, e eu quase não estive com o Guilherme. O que de certa maneira era bom. Sofia me manteve ocupada quase o tempo todo, eu a levei para cavalgar, e por sorte, ela parecia alheia à confusão dentro de mim.

Na hora do almoço, Carlos repassou a desculpa idiota que seu filho pediu para que ele desse e avisou que seríamos apenas nós três no almoço. Fiquei emocionada por vê-lo tão apaixonado pela Soff, era bom saber que minha filha também era bem-vinda aqui.

Mas mesmo me divertindo ao lado dos dois, eu não pude deixar de notar que ele via claramente que algo estava me incomodando.

Depois que consegui fazer Sofia descansar após o almoço, saí e o encontrei sentado em uma velha cadeira de balanço no fundo da casa, olhando com ar pensativo as montanhas ao redor do haras.

— Ela dormiu? — Carlos perguntou e eu acenei em concordância, sentando-me no banco de madeira ao seu lado. — A julgar pela noite passada, eu acho que seu irmão está aceitando a sua

volta, hein?

— Ele é meio que obrigado a aceitar, não há a menor possibilidade de que eu vá juntar minhas coisas e desaparecer só porque é isso que todos eles querem.

— Todos eles?

— Você sabe, minha irmã, o Henrique... Provavelmente, até mesmo o senhor — falei.

— Não é isso que eu quero, menina, ainda mais agora que conheci a Sofia, ela me lembra você quando apareceu aqui pela primeira vez. Uma pena que você teve que crescer...

— O senhor não gosta do que eu me tornei, não é? Eu posso ver pela maneira como me olha.

— Eu não gosto é de como você faz o meu filho se sentir, é um pouco diferente.

— Guilherme é tudo o que eu tenho, além da Sofia, Carlos. — Ele bufou contrariado e eu peguei em sua mão. — Eu sei que o magoo, mas não sou altruísta a ponto de tirá-lo da minha vida. Se isso faz de mim uma pessoa ruim...

— Isso não te faz uma pessoa ruim, te faz humana, e eu entendo como deve ser difícil se desapegar de antigos hábitos, mas você não é tudo o que meu filho tem, Mariana. Eu só espero que ele se dê conta disso antes que você o machuque mais.

Continuei segurando sua mão, porque esse também era um antigo hábito, pensei, enquanto olhava para a paisagem à minha frente. Quando dei por mim, as lágrimas estavam escorrendo pelo meu rosto, os acontecimentos das últimas 24 horas batendo de uma vez só e eu não conseguia fazer parar.

— Chorar faz bem, menina... Coloque tudo para fora que você irá se sentir melhor, pode acreditar — ele falou suavemente e passou a mão pela minha cabeça, me fazendo lembrar por que sempre senti como se esse fosse o meu verdadeiro lar.

— Vai ter verdinho, mamãe? — Sofia perguntou e se esticou, ficando na ponta dos pés para me ver cortando os temperos do molho. Fátima tinha nos deixado usar a cozinha essa noite e eu aproveitei para preparar um peixe assado com molho de laranja para que ela e o Carlos pudessem experimentar.

— Não, sem verdinho.

— O Gui vai jantar com a gente? — ela soltou esperançosa e eu dei de ombros. Ele tinha se despedido dela antes de sair, mas não de mim.

— Não sei se dará tempo, mas de qualquer forma nós teremos a Fátima e o Sr. Fonseca.

— O vovô disse que eu posso morar aqui... A gente pode, mamãe? — Olhei para trás, para ver se ela realmente estava falando sério.

— Não, meu amor. — Fui até ela e aproveitei para prender seu cabelo. — Mas eu prometo que sempre que você quiser passar alguns dias com ele aqui eu deixo, pode ser?

— *Pomete?* — ela perguntou desconfiada. — De coração?

— De coração, Soff. — Cruzei meu dedo com o seu dedinho e ela me presenteou com um abraço apertado.

GUILHERME

A imagem da Sara, vestida com o que supus ser a sua melhor tentativa de me tirar o fôlego, quase funcionou. Ela era, com toda certeza, uma mulher linda, lábios vermelhos, baixinha e com olhos impressionantemente azuis.

Além de ser uma ótima parceira na cama, desprendida, atrevida e sempre disposta. Falando assim, até poderia parecer um pouco frio da minha parte, mas era isso que nós tínhamos. Alguns encontros casuais, bom sexo e uma amizade sincera.

Além disso, eu não tinha muito mais o que oferecer. Era ridículo, eu sei, mas todo o restante pertencia a Mariana e isso era o que estava me enfurecendo essa noite.

Eu queria ser livre.

— Vai me dizer o que está te perturbando? — Sara murmurou com a voz suave e roçou seu pé em minha perna por baixo da mesa me fazendo sorrir. — Eu poderia ajudá-lo, sabe, e seria um prazer... para nós dois.

— Aposto que sim.

— Então me diz, o que aconteceu de tão grave para perturbar um homem como você?

— Prefiro não falar sobre isso essa noite.

— Ótimo, eu também não. Agora... — Ela se inclinou sobre a mesa. — Quer saber o que eu prefiro fazer?

— Sou todo ouvidos. — Levei a taça de vinho à boca enquanto ela se preparava para sussurrar em meu ouvido:

— Passar a noite na cama do meu hotel, sendo usada por um garanhão cheio de testosterona...

Capítulo 14

MARIANA

Olhei atentamente o meu rosto no reflexo do espelho tentando enxergar algo mais do que a velha Mariana. Tentando até mesmo enxergar a mulher que o Guilherme via e que nem eu mesma estava conseguindo ver.

Eu já troquei os pés pelas mãos tantas e tantas vezes, cometi erros, enfrentei meus irmãos por motivos tão banais que agora, quando eu precisava ser forte, eu me sentia sugada, jogada em meio a um maremoto onde nada era o que parecia.

E o pior disso era que a única pessoa que podia me arrancar dessa confusão estava no centro da tempestade, me tirando o sono, me fazendo sentir como uma idiota.

Uma idiota completamente estúpida por não ter visto essa bagunça chegando.

Inquieta, joguei um pouco de água no rosto para poder acordar definitivamente e ir atrás da Sofia que tinha escapulido logo cedo. Minha pequena adorava esse lugar, ela corria pelos corredores, acordava o Sr. Fonseca, colava na Fátima enquanto ela cuidava da casa... Eu nunca tinha visto Soff tão feliz assim.

Fechei os olhos por um momento, enquanto enxugava meu rosto, sem perceber que alguém entrava no quarto, e ao abrir dei de cara com o Guilherme parado no batente da porta.

Se fosse qualquer outro dia, qualquer outro momento, eu correria para ele e o abraçaria forte. Mas esse era o problema. As coisas estavam diferentes entre a gente e isso me aterrorizava.

Chateada, eu me virei e apoiei contra a bancada do banheiro enquanto nos encarávamos... sentindo um formigamento conforme ele se aproximava. Ia acontecer de novo, eu sei que ia...

— Você passou a noite com ela? — Quando vi, as palavras já tinham saído da minha boca.

— Você foi atrás dele, Mariana...

— Isso não é resposta.

— Então me responda uma coisa antes, só uma coisinha. Se Henrique quisesse você agora, nesse exato momento, se ele pedisse para, sei lá, você ir até ele. O que você faria? Você dormiria com ele? Trairia a sua irmã?

— Isadora não o ama! — falei na defensiva.

— Não foi isso que perguntei.

— Qual o sentido de responder a isso, Guilherme? Nós somos amigos! O que aconteceu aquela noite... o beijo... — Minha respiração ficou agitada, meu caubói estava perto demais e o seu olhar, grudado ao meu, estava desviando completamente a minha atenção.

— Nós não somos só amigos, Mariana, que merda! Quanto tempo mais eu vou ter que esperar até que você admita a verdade para si mesma?

— Isso não é justo! Não é, eu só tenho você — disse desesperada, nervosa, porque no fundo, lá no fundo, eu sabia que ele estava certo. A maneira como eu o enxergava... Guilherme era um homem em cada sentido da palavra e eu não estava sabendo lidar com isso.

Quando foi que meu melhor amigo, o garoto que passou a vida inteira cuidando de mim, tinha se tornado o tipo de homem com poder de abalar as minhas estruturas?

— Ei. — Eu não percebi que estava em prantos até o momento em que Guilherme me colocou em seus braços e me apertou. — Independente do que acontecer, morena, você sempre vai me ter, eu só não aguento é não saber até que ponto eu posso ter você. Essa incerteza está acabando comigo.

— Nós somos amigos...

— Então é isso o que você quer que sejamos? Apenas amigos? — Ele me afastou suavemente e me encarou sério. — Você só precisa dizer, que eu prometo a você que nunca mais volto a...

Foi mais forte do que eu, e tudo porque eu não queria escutar o seu ultimato. Em um impulso, eu o beijei.

Entrelacei minhas mãos em sua nuca, fiquei na ponta dos pés e o beijei. Com apenas um movimento Guilherme me colocou sobre a pia, comigo vestindo outra de suas camisas, sua virilha entre as minhas pernas... Sua mão apertando com força minha cintura. Um de nós dois gemeu, eu não saberia dizer quem, porque, pela terceira vez em poucos dias, eu estava beijando o meu melhor amigo e tudo o que eu conseguia pensar nesse momento era no quanto eu queria mais, no quanto eu necessitava dele.

— Diz para mim, Mariana, diz o que você quer... — ele murmurou entre um beijo e outro e, Deus, até o timbre da sua voz assim baixinha era excitante.

— Eu quero que você me beije...

— Não foi isso que eu perguntei — disse pausadamente, sem deixar de me olhar um só segundo. Pressionada, eu interrompi nosso beijo e afundei minha cabeça em seu peito. Bom, pelo menos ele não estava mais vestindo a mesma roupa de ontem e não tinha perfume de mulher nele. Esse era o *meu* Guilherme.

— Eu não sei, caubói — sussurrei.

— O quê?

— Eu disse que não sei. Eu quero seus beijos, quero suas mãos em mim, mas a que preço? Eu não ligo se o mundo inteiro ficar contra mim, juro que não ligo. Mas você? Se algo acontecer entre a

gente, se algo der errado... eu não sei se suportaria. — Guilherme se afastou um pouco mais ao ver que a conversa tinha ficado séria de repente.

— Então, eu acho que você já tem a sua resposta, Mariana — ele disse ao mesmo tempo em que me puxava da bancada. Foi inevitável não esbarrar nele ao descer, principalmente, porque a primeira coisa que senti ao ficar em pé foi a sua ereção contra o meu abdômen. E Deus... aquilo... aquele volume... Não podia ser normal, não é?

Olhei aturdida para o Gui, e apesar do semblante impassível, eu sabia que ele tinha percebido meu choque. Tanto é que, ao invés de se afastar, ele fez exatamente o contrário, e empurrou seu quadril contra mim, sorrindo de maneira maliciosa.

— Não faz isso comigo, caubói.

— Eu não estou fazendo nada, morena... — murmurou em meu ouvido. — E só para você saber, a minha resposta é não. Eu não dormi com ela, mas que diferença isso faz para você, não é?

GUILHERME

Era tarde quando Ellen se despediu e voltou para as acomodações dos funcionários. Como vinha se tornando costume, meu pai a convidava para jantar todos os domingos e esse não tinha sido diferente.

Mariana e Sofia tinham voltado para a cidade há algumas horas, dessa vez, apenas sob os protestos do meu pai. Porque eu particularmente estava querendo pôr a cabeça no lugar. Ver Mariana com o Henrique naquela festa pode ter me feito perder o controle e obrigado a colocar as cartas na mesa, mas, pelo menos agora, eu estava livre.

Fui sincero em cada palavra que eu disse a ela, falei como me sentia, sabendo que ela não era indiferente a mim. Esse não era o problema entre a gente, aliás. O problema, era ela ser teimosa e não admitir o que qualquer um podia ver.

Nervoso, dispensei o lençol que me cobria sem conseguir achar uma posição para dormir, e peguei meu celular para verificar se a Sara tinha me enviado alguma mensagem. E tinha mandado, não só uma, mas várias.

Me desculpe se eu não gostei de ser rejeitada, pensei que estávamos na mesma página, mas, pelo visto, estava enganada.

Você nunca disse não para mim, Guilherme. Eu só fiquei confusa. Me liga.

Fui lendo uma por uma sem responder, e parei em uma mensagem da Mariana que estava

perdida entre tantas outras da Sara.

Faz diferença sim, caubói.

MARIANA

Demorei um tempo a abrir meus olhos depois que acordei essa manhã, não querendo enfrentar o dia. A noite tinha sido difícil, Sofia estava triste por ter que voltar para o apartamento e se recusou a comer até mesmo a falar comigo.

Eu sabia que era birra, e sentimental como ela era, isso acabava refletindo em sua saúde. Tanto é que passei boa parte da noite preocupada com sua febre.

Lá no fundo, eu queria poder dizer a ela que eu também não estava muito contente por voltar, mas nós duas não poderíamos ficar a vida inteira dependendo do abrigo dos outros. Por mais que esses *outros* nos quisessem por perto.

Disposta a levantar, eu me espreguicei na cama, levando o maior susto ao sentir um peso a mais sobre o colchão. Como se alguém estivesse subindo...

— Ah, meu Deus, você ficou louco?

— Então faz diferença? — Guilherme sussurrou já em cima de mim, me deixando atordoadada. Bom, pelo menos agora eu sabia que ele tinha lido a mensagem, uma pena que tarde demais, porque eu tinha passado a noite inteira preocupada por não ter recebido um sequer *boa noite* da parte dele.

— O que você está fazendo aqui? Não são nem... — Eu verifiquei o relógio na minha cabeceira. Não eram nem sete horas da manhã.

— Eu passei a noite inteira pensando — ele continuou, as mãos, apoiadas uma de cada lado da cama. E ele falava tão pertinho da minha boca que eu podia sentir o seu hálito quente. O que dirá a pressão que seu quadril estava fazendo para me manter presa na cama. — Se faz alguma diferença eu dormir com outra mulher, então nós temos um problema. Não acha?

— Talvez, eu só sei que, eu não quero você dormindo com ela, Guilherme, ou com qualquer outra dessas mulheres. Então sim... — disse nervosa, forçando meu corpo para ver se ele me soltava. Mas o homem era enorme, nem se eu lutasse conseguiria tirá-lo de cima de mim. — Faz diferença.

Isso foi tudo o que ele precisou para tomar a minha boca, começou lenta e suavemente. Quase uma provocação. Eu entreabri meus lábios quando ele aprofundou o beijo, o peso do corpo dele me deixando tonta, o cheiro impregnado em sua pele... Deus, eu estava muito ferrada!

— Quer que eu pare? — murmurou contra a pele do meu pescoço, causando arrepios na minha nuca. Gui riu ao me sentir contorcendo debaixo dele, mas continuou a lambar meu corpo. Segurando um dos meus braços no alto da minha cabeça, sua boca foi descendo pelo meu ombro, colo... até

chegar no vale entre os meus seios. A maneira como sua respiração estava pesada e a forma primitiva com que ele os olhava, me deixou louca.

E, mais uma vez, ele me provocou, descendo a alça fina da minha camisola lentamente, um lado de cada vez, fazendo meu coração quase saltar pela boca. Gui agia como se estivesse desembulhando um presente, aumentando nossas expectativas.

Quando, por fim, ele desceu o tecido fino que me cobria, eu praticamente gemi em antecipação.

— Caralho, morena, eles são... incríveis — disse enrouquecido, e deslizou o dedo por um deles, contornando meu mamilo já intumescido, traçando o caminho da minha pele arrepiada.

— Isso é tortura... — sussurrei e ele sorriu.

— Você não sabe o que é tortura, Mariana, isso aqui... isso aqui não é nada. — Arqueei meu corpo em um convite, eu queria sua boca em mim, chupando meu corpo, mordendo, lambendo... fazendo tudo ao mesmo tempo.

E como se adivinhasse meus pensamentos, Guilherme se inclinou e cobriu meu seio com sua boca quente. Foi como se uma descarga elétrica tivesse percorrido todo meu corpo, fazendo-me estremecer inteirinha. Tentei me controlar, mas tudo ficou ainda mais intenso quando consegui ver em detalhes seus lábios me chupando...

— Eu-sou-completamente-louco-por-você! — Gui me encarou ao dizer essas palavras, havia um brilho diferente em seus olhos. Uma selvageria que me abalou.

Morrendo de desejo, eu aproveitei o momento para puxar sua camisa, o pegando de surpresa. O que meu caubói não sabia era que eu tinha tomado minha decisão. Eu o queria só para mim.

Arfei ao ver todos aqueles músculos ao alcance das minhas mãos, a pele dele queimava de tão quente e em um só movimento meu corpo foi esmagado pelo dele. Seu peitoral esmagava os meus seios enquanto sua boca me procurava novamente.

Eu estava perdendo a razão com seus beijos, e a única barreira entre a gente agora era a minha calcinha e a sua calça. E isso parecia muito. Sem desviar o olhar do meu, Gui deslizou a mão pela minha barriga, deixando um rastro deliciosamente doloroso enquanto se aproximava do único tecido que me cobria.

Seus dedos me acariciaram sobre a calcinha, indo e vindo sobre o meu clitóris... Ele era tão sádico, que fazia tudo ao seu tempo, apenas para me ver enlouquecer.

— Caubói, por favor...

— Me diz o que você quer. — Seu dedo continuou e continuou, mas eu queria sentir seu toque sem nada entre a gente. Queria a aspereza do seu dedo em mim.

— Você, eu quero você.

— Isso eu já percebi, eu quero que me diga como você me quer, morena, porque eu garanto que posso fazer você gozar de muitas maneiras. Basta você pedir. — A julgar pelo que ele estava fazendo comigo, eu acreditava piamente nele. Era impossível que um homem desse não fosse bom de cama.

— Eu... — Uma pequena batida na porta o fez enrijecer, acabando com todo o clima. Vesti minha camisola rapidamente, tentando me recompor do meu quase orgasmo enquanto ele se jogava na cama com a respiração pesada.

Preocupada, sabendo que só podia ser a Sofia e que ela não costumava acordar a essa hora, eu lhe dei um pequeno beijo e me levantei.

— O que foi, meu amor? — Me assustei ao abrir a porta e encontrá-la com o rostinho cheio de lágrimas.

— *Tá* doendo, mamãe. — Soff soluçou baixinho.

— A garganta? — perguntei e a peguei no colo, mas seus olhos estavam vidrados no Guilherme atrás de mim indo em direção ao banheiro.

— S-sim.

Acabei pedindo para que ele ficasse com ela enquanto eu preparava o seu remédio e pegava o termômetro para medir a sua temperatura. Eu estava agitada, nervosa, não sei, mas não queria passar isso para a Soff, então respirei fundo ao entrar no quarto novamente e a cena que encontrei, meio que me deixou desestabilizada.

Sofia estava deitada nos braços do Guilherme, passando a mãozinha no rosto dele enquanto ele sussurrava algo para ela. Como uma idiota, eu senti uma vontade boba de chorar, porque era exatamente esse tipo de apoio que eu pensei que teria do Henrique. Era isso que eu queria para a minha filha.

— E o peixinho melhorou? — ela perguntou toda dengosa.

— Claro que melhorou, pacotinho... — Não pude deixar de sorrir ao escutá-los e me aproximei, sentando-me ao lado deles. Sofia me contou sobre o peixinho dodói que teve que tomar o remédio e aceitou facilmente o xarope que ela sempre se recusava a tomar.

Aos pouquinhos, o sono dela foi voltando e mesmo se recusando a sair do colo do Gui, minha filha não deixou de pegar uma mecha do meu cabelo e enrolar no dedinho até adormecer novamente.

Surpreendentemente, Guilherme me puxou para mais perto dele. Mantendo a nós duas em seus braços enquanto eu afundava meu rosto em sua camisa e me esforçava para não chorar.

A minha vida estava uma verdadeira bagunça.

HENRIQUE

Meu celular começou a tocar pela segunda vez em menos de cinco minutos, mas continuei ignorando porque sabia que se tratava da Isadora. Nesse instante, eu estava mais interessado em ver o que se passava dentro da caminhonete estacionada há alguns metros do meu carro, do que a atender essa ligação.

Segundo o detetive que contratei para seguir os passos da Mariana, ela e aquele fazendeiro tinham saído com a menina para almoçar essa manhã, e eu aproveitei que estava por perto, para poder ver com meus próprios olhos o que aquela *bruxinha* pretendia ao se expor dessa maneira.

Era inegável a proximidade que ele tinha com a minha filha, era ele, afinal, quem andava com ela no colo enquanto Mariana seguia ao lado deles. Os três pareciam uma típica família feliz... Se não fosse pelo fato de que nada ali pertencia ao desgraçado.

Nem mesmo a Mariana.

Eu sabia que teria que manter distância dela se quisesse que meu casamento acontecesse. Mas eu não conseguia arrancá-la da cabeça desde a última sexta-feira.

Mariana era mimada, egoísta, impertinente e não tinha um pinga de juízo. Mas era a única que me deixava completamente louco.

E, porra, por mais que eu soubesse que era errado, eu queria mais dela. Só um pouquinho mais e depois eu a mandaria de volta para o lugar de onde ela nunca deveria ter saído.

Afastei meus olhos escuros ao ver que a porta da caminhonete era aberta. Mariana estava com um sorriso de todo o tamanho no rosto, o cara tinha algum efeito nela que a deixava boba desse jeito e isso me irritava como o inferno. Ele foi o próximo a sair e tirou a menina do banco de trás, eu ainda não tinha conseguido ver o rosto dela em nenhuma das fotos que o detetive havia me entregado, e pelo visto, também não veria hoje porque ela estava tão agarrada ao fazendeiro que não tinha olhos para mais ninguém.

Esperei que os três subissem, e observei melhor o prédio. Eu sabia o nome do porteiro, o andar e o número do apartamento que ela morava, então não seria difícil entrar.

Eu só estava esperando o momento certo aparecer.

MARCOS

Rachel esperou que minha reunião com o diretor de produção terminasse, e apareceu na minha sala com vários documentos que dependiam da minha assinatura. Como minha assistente pessoal, ela sabia de absolutamente tudo o que acontecia ao meu redor, tanto na empresa quanto na minha vida.

E em todos os anos que eu a tinha nesse cargo, não tive motivo nenhum para desconfiar dela... Até essa manhã, quando deixei escapar que nos últimos meses alguns orçamentos e contratos não estavam batendo, e Henrique me aconselhou a abrir os olhos e prestar atenção aos meus funcionários mais próximos.

Foi aí que eu percebi que, além dele e da Isadora, só tinha uma pessoa nessa empresa com o poder de interferir dessa maneira em meus negócios. E essa pessoa era a Rachel.

— Deixe os papéis em cima da mesa, que eu vou assiná-los mais tarde.

— Eu já conferi tudo, Marcos, você pode assinar agora e eu já envio para a área financeira.

— Eu disse para você deixar os papéis em cima da mesa, ficou surda? — Rachel se assustou com meu tom rude, mas não deu nem mais um pio, saindo da sala silenciosamente.

Nós não conversávamos desde sexta-feira, o dia da festa da Mariana, mas eu não me importava, porque a única preocupação rodeando minha cabeça agora era a informação de que tinha alguém roubando a minha empresa. E tudo o que eu podia afirmar era que não sosseitaria até descobrir quem era o desgraçado... ou desgraçada, pensei amargamente.

Capítulo 15

MARIANA

Sofia e eu estávamos sentadas em uma pequena cafeteria próxima a Montenegro à espera da Rachel que havia nos convidado para comer alguns *cupcakes* e *croissants* junto com ela essa tarde. Depois do almoço dessa manhã com o Guilherme, eu quase recusei o convite, mas, assim como eu, Sofia adorou a ideia de sair de casa para darmos uma volta. Então aproveitei o tempo bom e o fato de ela ter melhorado e saímos.

— Mamãe, eu quero leite quente com bolinhos — Sofia escolheu depois de me fazer ler tudo o que tinha disponível no cardápio.

A garçonete que anotou seu pedido se afastou sorrindo e eu aproveitei para verificar minhas mensagens. Menos de dez minutos depois, Rachel apareceu agitada, se desculpando pelo atraso e trazendo com ela um pequeno pacote de uma famosa loja infantil dos arredores.

Minha filha a observou curiosa e aceitou desconfiada o presente que Rachel entregou, ela não era facilmente comprada, mas bastou dar uma olhada no coelhinho rosa para que ela abaixasse a guarda e decidisse dar uma chance a desconhecida à sua frente.

— Marcos me falou muito sobre você, pequena, mas eu não imaginei que fosse tão bonita.

— Eu sou?

— Você é sim, uma menininha linda.

— Você também é... — disse encabulada, e naquele momento eu já sabia que minha filha tinha sido conquistada.

Os próximos minutos foram passados com Rachel me atualizando sobre a sua vida, me doeu descobrir o estado de saúde em que seu pai se encontrava e, pela primeira vez desde que cheguei aqui, eu pensei em meu irmão com um pouco mais de entusiasmo por ele mantê-la sob a sua asa.

Não perguntei sobre a discussão que ela teve com ele na sexta, até porque eu conhecia o gênio do Marcos e ele provavelmente descontou sua raiva nela por algum motivo insignificante.

Depois que terminamos nosso café, fomos caminhando até a praça próxima do meu prédio para que Soff pudesse brincar no parquinho, enquanto eu e Rachel conversávamos.

— Eu não quero soar intrometida nem nada, mas eu posso te dar um conselho? — Rachel

perguntou um pouco reticente.

— Hum?

— Seja paciente com o Marcos, eu não sou cega, vejo todos os erros que ele comete por ser um homem autoritário, mas tudo o que ele fez até hoje foi visando o seu bem e o da Isadora.

— Você não sabe do que está falando...

— Eu passo quase vinte e quatro horas ao lado dele, Mari, a vida do seu irmão é aquela empresa e vocês duas. Talvez ele apenas não saiba como lidar com você.

— Ele não sabe porque nunca tentou, meu irmão parou de tentar qualquer coisa comigo quando viu que eu não me tornaria uma cópia da Isadora.

— Ainda bem, não é? Eu não sei se suportaria ter duas dela me olhando como se eu fosse lixo.

— Não se preocupe porque ela olha para mim do mesmo jeito, acredita que, na festa, ela teve a cara de pau de insinuar que eu estava vestida como uma puta? E o pior foi ter feito isso na frente do...

— Eu me calei não sabendo se devia ou não continuar a falar sobre esse assunto.

— Henrique?

— É...

— Eu pensei que você e o Guilherme estivessem juntos. — Ela franziu o cenho. — Vocês pareciam bem na festa.

— Não, quer dizer, é complicado, Rachel, de verdade. Às vezes, eu acho que não deveria ter voltado, que foi um erro porque tudo está de cabeça para baixo e eu não tenho a menor ideia de como consertar as coisas. — Era a primeira vez que eu admitia isso em voz alta, nem mesmo o Gui sabia que eu me sentia tão perdida.

— Pois eu acho que você fez bem em voltar. Fugir não iria resolver nada, além disso, seu irmão precisava mesmo de um choque de realidade. Marcos precisa entender que as decisões que toma na hora da raiva trazem consequências e que ele não tem o poder de controlar o mundo. Eu só achei que a essa altura você tivesse esquecido o Henrique.

— Eu... — Não consegui encará-la, sentindo vergonha de mim mesma por ainda nutrir esse sentimento. — Como eu disse, é complicado. — Minha resposta a fez balançar a cabeça e olhar para frente pensativa

— Eu realmente gostava do Guilherme, sabe? Eu era louca por ele, pela maneira como ele me tratava. Mas com o tempo eu percebi que, por mais que ele gostasse de mim, eu nunca seria você. E eu senti raiva naquela época porque você parecia não enxergar o que fazia, não só comigo, mas com todas as garotas que se aproximavam dele.

— Rachel...

— Não, só me deixe terminar — ela pediu. — Você sempre o teve em suas mãos, Mariana, e toda vez que ele me deixava para poder ir socorrer você, ou te consolar... eu ficava mais e mais irritada porque sabia que você sempre viria em primeiro lugar. E sabe o que eu percebi sexta-feira?

Que ele ainda é louco por você e eu fiquei feliz porque vendo vocês dois juntos, rindo e de mãos dadas, eu pensei que você finalmente tivesse se dado conta do que sente por ele, mas... — Ela pensou, acho que tentando encontrar as melhores palavras. — Olha, eu sei que nada disso é da minha conta, então só tente não decepcioná-lo. O Guilherme pode idolatrar você, te colocar em um pedestal, mas eu duvido que ele perdoaria uma traição.

Dessa vez fui eu a balançar a cabeça, eu não estava pronta para discutir o que quer que fosse sobre o Guilherme com ninguém. Não que eu estivesse irritada por ela ter tocado nesse assunto, era só que eu precisava manter isso até entender o que estava acontecendo entre a gente.

— Podemos falar sobre qualquer outra coisa? — Tentei mudar de assunto e relaxar. — Me diga como é ser a pessoa mais próxima do meu irmão. — Ela sorriu discretamente.

— Seu irmão é...

— Insuportável?

— Não, quer dizer, na maior parte das vezes sim. Mas ele é humano e carrega o peso do mundo nas costas, Mariana, eu o vejo trabalhar incansavelmente e sei que ele ama o que faz. Isso me motiva, sabe? Ele pode ser o homem mais arrogante e grosso que eu já conheci, e que isso fique entre a gente, mas eu sei que lá no fundo ele se preocupa com os seus funcionários, com você e sua irmã... Marcos é um homem...

Não mesmo, eu não podia acreditar que os olhos dela estavam brilhando enquanto falava do meu irmão. A maneira como ela se referia a ele...

— Rachel, você está apaixonada pelo Marcos? — perguntei chocada e ela corou violentamente, me dando a resposta que eu queria.

— Claro que não! Ele é o meu chefe e...

— É complicado? — concluí vendo que ela estava preocupada. — Eu não ligo, sabe, e mesmo que seja verdade eu nunca diria nada a ele, tudo bem? Então, fique tranquila porque acho que isso apenas nos faz ter algo em comum.

Eu não precisei dizer o que era, porque ela deveria saber. Nós duas éramos apaixonadas por dois homens impossíveis.

Nos despedimos um tempo depois, não sem antes Rachel me pedir para não contar ao meu irmão sobre o nosso encontro. Eu me perguntei o porquê disso, mas estava contente por não ter a interferência dele nessa área da minha vida também. Eu confiava nela, apesar da nossa briga no passado, e assim como eu, Rachel também parecia precisar de uma amiga.

Já no nosso quarteirão, Sofia saiu em disparada na minha frente, me fazendo correr atrás dela que achou a situação toda divertida. Foi só quando chegamos em frente ao prédio que ela parou e se agarrou nas minhas pernas como uma macaquinha, morrendo de rir de mim.

— Eu ganhei de você, mamãe! — Soff gritou, mas não consegui assimilar nada porque a *Mercedes* preta estacionada do outro lado da rua chamou a minha atenção. Eu já tinha visto aquele carro, só não conseguia me lembrar aonde.

Preocupada com a imprensa e esses jornalistas que Marcos tanto odiava, eu peguei Sofia no colo e entrei imediatamente no prédio, me perguntando se eu deveria ou não dar atenção a minha desconfiança.

HENRIQUE

Quando cheguei na Montenegro no dia seguinte, o caos já estava instalado, escutei murmurinhos no elevador e o último andar, no qual apenas os diretores e o presidente trabalhavam, estava mais tenso do que o de costume. Passei pelos corredores apreensivo, ciente de que as fotos que saíram essa manhã naquele jornal on-line sensacionalista iriam causar um verdadeiro terremoto nesse lugar.

A primeira coisa que fiz depois de ler a reportagem foi ligar para a Isadora, que a essa altura deveria estar querendo matar alguém. Mais precisamente a sua irmã. Apressei o passo ao ouvir gritos vindos da direção do corredor que dava para a sala do Marcos e, pela primeira vez na vida, fiquei espantado com o estado em que encontrei a minha noiva.

Ela estava gritando... literalmente aos berros.

— Foi você quem armou isso, não foi? Aposto que deve estar tentando se sair bem com essa história. — Rachel a olhou assustada enquanto tentava negar a acusação e convencer o Marcos. — Eu sabia que meu irmão não deveria confiar em alguém como você. Pessoas do seu nível se vendem por muito pouco!

Não tão pouco eu quis dizer, mas enfim...

— Para minha sala, agora! — Marcos ordenou a Rachel, tentando abafar a discussão e assim que me viu acenou para que eu cuidasse da sua irmã.

— Isadora, chega! — falei, tentando acalmá-la. — O que deu em você?

— Você leu a reportagem? Viu o que eles estão dizendo? — Eu li a reportagem pelo menos duas vezes, e o maior problema era que como se tratava de uma matéria on-line o alcance da notícia seria incontrollável. Isso traria atenção indesejada a Montenegro em um momento não tão oportuno, mas mesmo assim eu não pude deixar de apreciar o tom jocoso com o que eles se referiram aos segredos sujos que essa família escondia.

Porque eu sabia que tinha mais.

Para evitar mais burburinhos, levei Isadora até a sua sala e tranquei a porta. O computador da sua mesa estava aberta na página da reportagem e ela se martirizou lendo novamente.

“Segredo sujo de Mariana Montenegro é descoberto...”

Todos sabem o quanto a sociedade catarinense ficou decepcionada ao descobrir que Mariana Montenegro iria abandonar o hipismo às vias de participar da competição nacional mais

importante da sua carreira. Como uma das principais apostas da sua categoria, ela decepcionou não só seus patrocinadores, como também todos os seus fãs. E agora, depois de quase cinco anos, nós do Novo Tabloide conseguimos finalmente descobrir o real motivo que a fez abandonar tudo e passar tantos anos fora do país.

É fato que os Montenegro sempre preferiram esconder seus segredos sujos debaixo do tapete, mas, dessa vez, o segredinho voltou, tem belos olhos verdes e a mesma beleza marcante das mulheres dessa família. Através de fontes seguras, descobrimos que Mariana é mãe de uma menina de quatro anos. Não é preciso muito para fazer as contas e ver que as datas batem perfeitamente com a época em que ela foi embora.

O que nós estamos curiosos para descobrir agora é a identidade do pai da pequena herdeira...”

Para completar toda essa baboseira, ainda havia fotos da Mariana entrando na cafeteria com a menina, da Rachel entregando um pacote a ela e das três caminhando uma ao lado da outra.

— Essa jornalista não vai parar enquanto não descobrir, Henrique. Eu quero um processo contra ela. Quero acabar com aquele maldito jornal!

— Ela não fez nada de errado, Isadora, por acaso tem alguma mentira nessa matéria?

— De que lado você está? — ela perguntou furiosa e eu reprimi um sorriso.

— Do seu, mas não há muito o que fazer. Converse com o advogado e ele te dirá o mesmo que eu estou dizendo agora. Por mais deplorável que isso tudo seja, essa jornalista não difamou ninguém.

— Ela está prestes a arruinar a minha vida!

— Seja racional, não há como ela descobrir quem é o pai dessa criança. Mariana teria que ser louca para contar isso a alguém.

— Desde quando você se tornou esse homem tão calmo? O mundo está prestes a desabar sobre nossas cabeças e você parece alheio a tudo isso. Eu até entendo a sua indiferença com relação àquela criança, mas quanto a gente?

— Não estou sendo indiferente, só não vou perder minha cabeça por causa dessa confusão. É isso o que a Mariana espera que façamos. — Colocar o nome da sua irmã no meio da conversa foi o suficiente para que ela percebesse que estava *sim* perdendo a cabeça. — Não se esqueça de que dentro de algumas semanas nós estaremos casados, aproveitando a nossa lua de mel e sua irmã será o menor dos nossos problemas. Eu prometo a você.

Capítulo 16

MARIANA

— Eu juro que não tive culpa, Marcos, como eu poderia imaginar que alguém estaria me seguindo?

— Você deveria ter prestado atenção, Mariana, além disso, que raios você e Rachel estavam fazendo juntas? Ela desrespeitou a minha autoridade ao entrar em contato com você sem o meu consentimento, e como minha funcionária...

— Rachel é sua funcionária, mas também já foi minha amiga. E outra, fora do seu escritório que eu saiba ela pode se relacionar com quem ela bem entender. Ou eu estou enganada? — Marcos parecia mais irritado com o fato de eu ter saído com ela do que com a notícia desse tal *Novo Tabloide*. Eu não conhecia o jornal o suficiente para fazer alguma ideia do tipo de reportagem que deve ter saído a meu respeito, mas a julgar pela sua ligação e o seu nervosismo, eu meio que imaginava o estrago que tinha feito no mundo perfeito dos meus irmãos.

— Eu proíbo você de manter essa amizade...

— Me proíbe? Em que mundo você acha que nós vivemos? Você não manda em mim e não manda na Rachel, não vou admitir que controle a minha vida dessa forma. Se você se importasse teria mantido contato comigo... mas não. Você preferiu fingir que eu não existia e agora quer agir como um irmão preocupado, mas não é assim que as coisas vão acontecer. Eu acho ótimo que todo mundo saiba da existência da Sofia, pelo menos agora não vou precisar me esconder como uma criminosa apenas para que você e a Isadora não sejam afetados!

— Se eu descobrir que tem dedo seu nisso...

— Não tem. Você pode ou não acreditar em mim. Agora eu sinto muito, mas preciso desligar porque tem alguém na porta — falei e desliguei na cara dele, provavelmente o deixando ainda mais furioso.

Quanto à porta, era verdade e realmente tinha alguém batendo. O que era estranho porque eu não estava esperando ninguém e o Guilherme tinha as chaves, então eu não sabia o que esperar. E se soubesse de antemão, não sei se teria feito alguma diferença.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei em choque, deixando minha preocupação com a Rachel ser substituída pelo problema parado em frente à porta.

Henrique estava rígido, seu queixo duro não escondendo nenhum dos seus sentimentos e, mesmo

assim, eu fiquei sem fôlego ao vê-lo vestindo um terno cinza impecável que deixava claro o homem poderoso que ele tinha se tornado. Tudo nele era intimidante e eu precisei piscar várias vezes até ter certeza de que não era uma visão, ou um sonho.

— Eu preciso falar com você, me deixe entrar. — Isso não tinha sido um pedido, tinha sido uma ordem.

— A Sofia está em casa, Henrique, eu não acho que seja o melhor momento.

— Isso é perfeito, é bom que eu dê logo uma olhada nessa criança. Não acha? — Ele não esperou por nenhuma resposta e passou por mim com a mesma postura autoritária do meu irmão.

— Não acho não... — falei preocupada. — Pelo menos, não depois do que você me disse na festa.

— Em que momento, antes ou depois de você se jogar em cima de mim? — Eu já estava cansada dos desaforos dele, para ser bem sincera eu estava cansada era de estar sempre com a guarda levantada. Tendo sempre que me defender de alguém.

Dei as costas a ele, sabendo que se alterasse a minha voz Sofia acordaria, mas tive meu braço puxado ao tentar me afastar.

Meu nervosismo o fez rir e me olhar dos pés à cabeça com um pouco mais de atenção, e eu o senti devorar o meu corpo de uma maneira nada lisonjeira.

— Você é tão transparente... — Ele levantou a mão para me tocar. — E se tornou uma mulher...

— Você tem que sair, Henrique, estou falando sério — eu o cortei antes que ele começasse.

— Está, não é? — Henrique me puxou para mais perto. Ele era alto, tinha aquele olhar predatório no rosto que me fez encolher instintivamente. Pela primeira vez, desde que eu me vi apaixonada por ele, eu não estava à vontade na sua presença. Eu estava com medo. — Então eu vou direto ao ponto, você chegou a ler a matéria que saiu no *Tabloide* essa manhã?

— Não, eu estava com o Marcos ao telefone antes de você chegar, ele estava me perguntando a mesma coisa...

— Marcos ligou para você? — Isso o surpreendeu.

— Sim, ele queria saber o que eu estava fazendo com a Rachel.

— Claro que queria... — murmurou mais para ele do que para mim. — Mas já que ainda não leu a matéria, eu vou facilitar as coisas para você. Os jornais irão querer saber, principalmente esse lixo de jornalzinho on-line, então é bom que você tenha a resposta certa na hora que perguntarem sobre o pai dessa menina. Eu não quero ver o meu nome envolvido nessa sujeira, Mariana, está me entendendo? Se você ousar abrir a sua boca...

— Como eu nunca percebi esse seu lado antes? Essa é a segunda vez que você me ameaça, eu já perdi a conta de todas as ofensas que escutei de você desde que cheguei, e por mais que isso me faça uma tonta, eu realmente tive esperanças de que toda essa casca dura que você exhibe fosse só isso... uma casca...

— Está arrependida? Se você não tivesse bancado a sedutora até me fazer perder a cabeça, nada disso estaria acontecendo, agora pare de drama e me deixe ver a garota.

— Não! — soltei desesperada. — Sofia nem sabe que você existe, ela não tem ideia do que significa ter um pai, ou melhor, ela tem sim, mas eu não vou deixar que ela se decepcione te conhecendo. — Sua reação não me decepcionou e ele perdeu a calma de vez.

— Você está brincando com o homem errado, Mariana, e essa não é a primeira vez... — ele avisou perto o bastante para que eu me sentisse desconfortável. Tentei não olhar para o seu rosto, muito menos para a sua boca. Tentei não pensar em nada que não fosse a minha filha e no quanto eu não queria vê-la sofrendo como eu estava, então eu recuei, mas não adiantou.

Henrique segurou meu rosto e sorriu, mas não era dele o sorriso que eu queria. Eu queria o sorriso largo do homem que tinha o poder de me fazer esquecer tudo. Inclusive de todos os meus erros.

— Eu vou adorar a nossa despedida, garota... — insinuou sarcasticamente, mas eu não entendi o que ele quis dizer com isso e o empurrei completamente confusa quando o vi se inclinar com a intenção de me beijar.

Isso o surpreendeu, talvez, até a mim mesma, e aos poucos eu fui me afastando. Um passo de cada vez até estar fora do seu alcance.

— Você precisa sair... — falei ao escutar um som vindo do quarto da Sofia. — Agora, Henrique! — Tentei empurrá-lo em direção a saída, só que ele não saiu do lugar.

— Mamãe — Sofia murmurou de repente, e congelou no corredor sem entender nada do que estava acontecendo. Minha filha tinha um *timer* perfeito, para não dizer o contrário.

— Por favor, Henrique — insisti só que ele não conseguia tirar os olhos da Sofia e nem chegou a me escutar. Esses foram os segundos mais longos da minha vida, em que pai e filha olhavam diretamente um para o outro. Eu sei que ele se via nela, mas e a Sofia? Será que ela conseguia ter essa percepção? — Saia, por favor.

Henrique desviou a atenção da filha e voltou a me encarar, só que, dessa vez, foi com tanta raiva que eu cheguei a sentir medo. E o que quer que ele estivesse pensando não era bom. Quando o homem finalmente se virou para poder ir embora, eu o vi olhar novamente para a Sofia, que ainda não tinha conseguido deixar de encará-lo.

A porta bateu com força quando ele finalmente saiu e com a sua ausência, um peso enorme do meu peito se foi.

MARIANA

Quando Sofia se aproximou de mim, eu ainda estava com as pernas bambas, meu anjinho parecia tão assustado quanto eu e isso me obrigou a manter a calma. Eu não podia simplesmente

desabar na frente dela.

— *Tá* dodói, mamãe? — ela perguntou me olhando preocupada.

— Não, meu amor, eu só estou... eu estou bem — falei mais animada e ela relaxou, chegando perto da poltrona onde eu tinha me sentado assim que a porta se fechou. — Vem aqui no meu colo — eu a chamei e peguei, conferindo a temperatura do seu corpo para ver se a febre não tinha voltado.

— Eu sonhei com peixinhos...

— Sonhou, foi?

— Sim. — Soff sorriu alheia ao que tinha acabado de acontecer e isso atenuou um pouco o mal-estar que eu estava sentindo. — O meu vovô disse que vai me dar um peixinho, mas ele não quer que eu conte a ninguém...

— Você acabou de contar para mim, Sofia — falei achando graça da sua inocência.

— Mas você é minha mamãe, *ué*...

Meu telefone tocou nesse instante em algum lugar da sala, mas eu não me levantei para atendê-lo. A última coisa que eu queria agora era conversar com alguém.

GUILHERME

Eu estava tentando falar com a Mariana desde que um dos meus funcionários me avisou sobre a reportagem que tinha saído no *Tabloide* essa manhã.

E agora, já passavam das 14h e eu ainda não tinha tido nenhum sinal dela. Se eu não estivesse com todo esse trabalho pendente até pensaria em ir até a cidade, mas hoje seria quase impossível sair do haras. Eu tinha prometido ajudar a Ellen na adaptação do Andaluz que eu tinha adquirido e não ia faltar com a minha palavra.

Enquanto conferia os detalhes da Feira Nacional do Cavalo desse ano, tentei ligar mais uma vez e de novo a ligação foi direto para a caixa postal.

— Posso entrar, Guilherme? — Ellen perguntou ao abrir parcialmente a porta.

— Claro.

— Me ligaram agora avisando que o nosso novo bebê vai demorar um pouquinho mais...

— Demorar quanto?

— Eles tiveram um problema na estrada, então eu estou contando que cheguem até o final da tarde. — O que me deixava preso pelo restante do dia. Acenei para que ela se retirasse, mas Ellen não entendeu o recado e se sentou à minha frente.

— Você não parece muito animado.

— Estou com muita coisa na cabeça.

— Eu imagino, todos os funcionários daqui hoje só falam sobre a sua amiga e as fotos que saíram naquele jornal. Deve ser horrível ter a vida vigiada dessa forma, não é? Eu fico pensando no porquê esconder a identidade do pai... Não seria muito melhor contar logo a verdade e acabar com todo esse mistério? — ela divagou enquanto eu tentava trabalhar.

— Esse é um assunto no qual eu não posso dar nenhum tipo de palpite, Ellen, sinto muito.

— Você é leal a ela, eu sei.

— Não se trata de lealdade, Mariana é, e sempre será, mais do que uma amiga para mim, você sabe disso. E mesmo não concordando com as atitudes que toma, o meu papel não é dizer a ela o que deve ou não fazer.

— Então, qual é o seu papel? Porque pelo pouco que eu presenciei até agora ficou claro para mim que você é o que a mantém de pé Guilherme, e isso não é bom para nenhum relacionamento. Seja de amizade ou de...

— Chega! Tem horas que você passa dos limites — falei irritado, não era porque eu a considerava mais do que uma funcionária que a deixaria se intrometer na minha vida.

— Eu sei, eu sei. É que me preocupo com você, de verdade. — E com isso ela se levantou, deixando-me sozinho e com a porra da cabeça cheia.

HENRIQUE

— Eu devo viajar nesse sábado, Henrique, o estilista quer fazer outra prova do vestido apenas por segurança — Isadora falou do outro lado da mesa de reuniões. Nós tínhamos passado a última hora aqui escutando Marcos esbravejar sobre as consequências daquela reportagem e achamos melhor ficar para trás quando ele terminou.

A verdade era que eu ainda não tinha conseguido tirar da cabeça a imagem daquela menina. Eu me imaginei tendo todas as reações do mundo, para ser bem sincero, não era como se eu tivesse algum interesse nela, mas a garota era a minha cara. Tinha todos os traços que eu havia herdado da minha mãe e os mesmos olhos atordoantes da Mariana.

Tanto é, que enquanto ela me encarava com os olhos cheios de curiosidade, eu não consegui pensar em mais nada. A ficha de que eu era pai caiu naquele momento, me deixando devastado. Aquela menina... a minha filha, era uma ponta solta que eu não poderia simplesmente ignorar.

— Henrique... está me escutando? — Isadora insistiu.

— Estou, claro, e nada me daria mais prazer do que ir com você, Isa, mas nos últimos meses eu tenho tido que trabalhar o dobro. Seu irmão anda preocupado com a expansão e eu quero deixar tudo

encaminhado para depois do casamento.

— Não, eu sei, eu não esperava que você fosse comigo de qualquer maneira — ela falou friamente.

— Faltam menos de dois meses. — A lembrei ao mesmo tempo em que assimilava o fato.

— Eu sei.

— E você está começando a ficar nervosa...

— Nós vamos nos casar, Henrique, e eu acabei de descobrir que você tem uma filha com a minha irmã, e não foi assim que eu imaginei meu casamento. Eu sei que já sou uma mulher, mas, às vezes, penso que tudo seria mais fácil se minha mãe ainda estivesse viva...

— Você era muito apegada a ela, não era?

— Sim — ela admitiu séria, disfarçando algum outro sentimento. — Eu era a preferida dela, e nós éramos tão parecidas que isso nos unia ainda mais, sabe?

— E quanto ao seu pai? — continuei, porque esse assunto realmente me interessava.

— Meu pai era um homem machista, Henrique, não acreditava muito na igualdade dos sexos e o maior orgulho dele sempre foi o Marcos. Pelo menos era, até que...

— Até quê?

— Até que Mariana nasceu. — O ressentimento estava ali, estampado em seu rosto. — Depois disso eu não sei, as coisas mudaram. Eu era uma criança, então não me lembro em detalhes, mas ele se fechou, excluiu minha mãe da vida dele. Eu sei disso porque ela parou de ser a mulher que eu conhecia, ela vivia chorando, trancada naquele maldito quarto e isso me deixava furiosa porque eu queria que ela fizesse algo para melhorar, que enfrentasse o que a estava deixando daquele jeito.

— E o Marcos?

— Marcos quase não vinha para casa naquela época, ele estudava fora e nas poucas vezes em que aparecia, ele e meu pai discutiam.

— É por isso que você tem tanta mágoa da sua irmã? — arrisquei. — Por que ela tomou o seu lugar na vida do seu pai?

— Eu não tenho mágoa, tenho é raiva, Henrique. Foi ela quem destruiu a vida da minha mãe! — Por essa eu não esperava, pensei que seria mais difícil arrancar alguma informação dela, mas esse assunto a deixava tão transtornada que ela parecia não ter muito controle quando começava a falar.

Não era difícil imaginar o que tinha acontecido, pelo menos eu achava que não. Eu só queria entender como eles conseguiram esconder algo assim por tantos anos.

GUILHERME

Diferente do que imaginei, Mariana não estava dormindo quando eu cheguei ao meu apartamento. Eu tinha a esperança de que a encontraria deitada e que teria seu corpo macio para me aconchegar durante a noite, porque hoje eu realmente estava cansado.

A sala estava um breu quando entrei, mas até assim era possível vê-la encolhida na poltrona com uma taça de vinho na mão. Liguei o abajur ao ir até ela e, para a minha surpresa, ou choque, encontrei a garrafa vazia logo ao seu lado.

Sem dizer nada, ou sequer olhar na minha direção, Mariana virou a taça inteira de uma só vez.

Estranhando seu comportamento, eu a estudei melhor antes de perguntar o que estava acontecendo, mas percebendo que ela não iria me olhar, ou falar, enquanto eu não tomasse a iniciativa, fui até ela e a puxei entrelaçando meus dedos em seu cabelo.

— Quer conversar?

— Me leva para a cama... — ela pediu baixinho.

— Acho que hoje não, morena — disse suavemente. — O que está de incomodando?

— Nós não precisamos transar... ou... sei lá... eu só quero... você.

— Na cama?

— Sim.

Não foi difícil pegá-la no colo e colocá-la na cama, difícil mesmo foi passar a noite escutando-a chorar em meus braços. Mariana tinha se recusado a conversar, a me dizer o que a estava perturbando, mas nem isso a impediu de pedir por meus beijos. Só que parecia que quanto mais nos beijávamos mais lágrimas desciam pelo seu rosto.

As enxuguei uma por uma, lembrando a ela que eu sempre estaria ao seu lado e isso a acalmou aos poucos. Mesmo assim, enquanto seu corpo tremia por conta dos soluços baixinhos, eu não consegui deixar de pensar na gente.

No quanto eu queria ser o suficiente para ela, porque eu sabia que essa obsessão pelo Henrique, não passaria de uma hora para outra. Eu sabia disso e isso acabava comigo, porque eu era maluco por essa garota. Completamente fissurado.

Acordei cedo na manhã seguinte, já que precisava voltar para o haras o quanto antes. Mariana ainda estava dormindo quando fui até o banheiro tomar uma ducha rápida e eu não quis acordá-la.

Voltei ao quarto alguns minutos depois, vestindo apenas uma *boxer* e a encontrei sentada na beirada da cama, encarando o chão firmemente.

— Já está de pé? — perguntei surpreso, porque depois de beber uma garrafa inteira eu pensei que ela dormiria durante toda a manhã.

— Hum-hum, eu queria... — Dessa vez, foi ela quem veio até onde eu estava. — agradecer por você não ter brigado comigo ontem, eu sei que beber não é a solução, mas...

— Foi por causa da reportagem? O Marcos disse alguma coisa?

— Foi e... ele gritou e esperneou comigo ao telefone. O mesmo de sempre — falou simplesmente. Bom, com o mesmo de sempre eu estava acostumado, eu não queria eram imprevistos.

Aproveitei que ela estava perto e puxei seu rosto na minha direção, Mariana ficou na ponta dos pés e sorriu ao perceber o que eu ia fazer.

— Eu acho que estou ficando viciada nos seus beijos — Pois é, eu também achava que estava ficando. Mas o meu caso era bem mais grave. Muito mais grave.

Minha morena não se importou quando eu a peguei no colo, suas pernas envolveram meu quadril com firmeza me dando total acesso à pele nua da sua coxa e bumbum. E a calcinha que ela estava usando... Porra, era para foder com o meu juízo.

Os beijos foram ficando mais intensos e eu me vi louco com o roçar da sua boceta na minha virilha, tão louco que minha ereção pulsava dentro da cueca. Mariana me olhou com uma carinha linda ao se dar conta do que estava acontecendo.

Foi incômodo continuar nessa posição sem estar dentro dela, pior ainda, com a cabeça do meu pau cutucando o tecido da sua calcinha já encharcada.

— Caralho, morena! — rosnei baixo, descontrolado quando senti seu clitóris inchado em meus dedos, que a essa altura estavam todos lambuzados. Meu estado era tão crítico que minhas bolas doíam de tanto tesão.

Impaciente, puxei meu pau para fora, ciente de que o tamanho dele poderia assustar, e enquanto a mantinha pressionada em meu colo eu a provoquei, afastando sua calcinha de lado e deslizando ele por toda a sua boceta molhada. Sempre forçando um pouquinho mais ao chegar na entrada. Meu corpo tremia junto com o dela, mas o quarto estava quente, abafado e o suor tornou tudo mais sacana e pegajoso.

— Devagar... — ela sussurrou ofegante. — Eu acho melhor a gente ir devagar, caubói. — Um gemidinho de dor saiu de sua garganta quando eu forcei um pouco mais. Ela estava pronta para mim, só que, porra, sua boceta estava praticamente esmagando a cabeça do meu pau.

— Você não... — Foi aí que eu me lembrei que em todos esses anos ela não tinha estado com nenhum outro homem, e que o parto da Sofia não tinha sido normal.

E tirando o Henrique e o seu primeiro namorado, que na época não passava de um moleque, eu duvidava muito que ela tivesse tido outras experiências. A bocetinha dela era quase intocada e eu aqui querendo foder ela de qualquer jeito.

— Você é grande, caubói, eu não sei se... — Suas palavras não tiveram o efeito esperado, porque eu apenas fiquei mais duro. Com ainda mais tesão nela.

— Não diga coisas assim a um homem, se você quer que ele pare... — murmurei em seu ouvido, sabendo que tinha que me afastar, mas não querendo perder nada. Muito menos o cheiro da sua excitação. — Eu estou por um fio aqui, dizer que sou grande demais para você, só me deixa com mais vontade de te comer.

Mariana enterrou sua cabeça em meu ombro, ainda arfando enquanto eu latejava agora contra o seu abdômen.

— Eu quero que... você me coma, Gui, quero que faça tudo o que tem vontade comigo...

— Mas...

— Mas com calma, sabe? Eu nunca tive sexo normal. Ou era atrás de um carro apertado, na pressa para não sermos pegos... Ou...

— Essa é outra coisa que você definitivamente não deve falar para mim quando eu estiver de pau duro. Eu entendo o que você quer dizer, mas nunca mais volte a falar comigo do sexo que você fez com outros homens. Entendeu?

Ela assentiu depressa, até mesmo um pouco envergonhada, o que não era comum, e o coque que tinha em seu cabelo se desfez com o movimento. Às vezes, eu achava que Mariana não fazia ideia do quanto ela era incrível. Ela atraía olhares por onde passava, e tinha uma beleza tão surreal que para mim ela parecia mais uma feiticeira do que uma mulher.

Ignorando o fato de que estava atrasado, eu decidi que ainda não estava preparado para liberá-la, então eu a deitei na cama deixando-a completamente confusa.

— Tire a blusa para mim — pedi, tentando manter o controle da minha voz e ansioso para ver novamente o que se escondia por baixo da camiseta que ela usava. — Nós vamos com calma, nós temos todo o tempo do mundo, morena. Mas agora eu estou louco para ver você nua, sem nada. — Ela me olhou receosa, mordendo a pontinha do lábio vermelho e fez o que pedi enquanto eu descia lentamente a sua calcinha pelas pernas.

Me afastei, querendo apreciar a mulher gostosa em minha cama. Meu olhar percorreu as unhas vermelhas dos seus pés, o tornozelo, as coxas grossas... e parou no pequeno filete de pelos escuros que cobriam a sua bocetinha. Eu estava com água na boca, morrendo de vontade de chupar cada dobrinha do seu corpo, meu olhar deve ter deixado claro o que eu estava pensando, porque ela apertou as pernas uma contra a outra e prendeu a respiração.

Continuei apreciando a vista e fui subindo pelo seu umbigo, a curva acentuada da sua cintura até chegar nos seus seios. Não tinha nada mais perfeito no mundo do que aqueles dois cumes redondos com os biquinhos duros.

Quando finalmente cheguei ao seu rosto, Mariana estava vermelha e me olhando completamente perturbada. E sendo dominado por todos os meus instintos mais primitivos, eu me ajoelhei na cama por cima dela e a beijei com vontade.

MARIANA

Todo o meu corpo tremia debaixo do chuveiro. Guilherme tinha saído há alguns minutos e eu corri para o banheiro a fim de apagar o calor que eu estava sentindo. Meu corpo estava sensível por

conta da excitação, mas acho que não iria adiantar muito se eu mesma resolvesse o problema, porque cada centímetro meu desejava o Guilherme.

As mãos dele, a voz, o cheiro... A pressão que o corpo dele fez contra o meu. Deus, só de lembrar as carícias eu já me sentia fervendo, imagine só quando fôssemos até o fim?

Eu tinha sido sincera quando disse a ele que queria algo normal, queria ter todas as experiências que eu não tive nos últimos cinco anos, e para isso nós dois tínhamos que ir com calma. Até porque, eu precisava ter certeza do que estávamos fazendo antes de ferrar com tudo.

Saí do banheiro e fui terminar de me enxugar no quarto, sem conseguir desviar os olhos da cama onde tínhamos dormido juntos. Eu me sentia mal por ter bebido e ainda mais por ter chorado por aquele idiota... Mas a verdade era que a visita dele me deixou tão abalada que foi inevitável.

Distraída, comecei a procurar por uma roupa que fosse à altura do meu irmão. Eu tinha esquecido de contar ao Guilherme sobre o pedido do Marcos para que eu me encontrasse com ele no clube essa manhã e decidi que no caminho para lá eu o avisaria.

Eu sabia muito bem o que meu irmão estava tentando fazer, ele queria mostrar ao mundo que aceitava a mim e a minha filha, que não havia o menor problema que eu tivesse arrastado o nosso nome aos jornais por outra coisa que não a empresa da nossa família. Bem, se ele queria montar um espetáculo perante os seus amiguinhos esnobes, eu não me negaria a participar, até porque eu dependia da sua paciência para permanecer no país a tempo de... *Merda*. O que eu estava pensando?

Acabei pegando um dos vestidos novos que comprei quando saí com a Rachel na última sexta-feira. Ele tinha um modelo clássico, era acinturado e tinha uma saia evasê acima do joelho. A estampa era xadrez, em vários tons de azul, e eu sabia que não teria erro. Eu iria complementar com uma meia-calça preta e sapatilhas da mesma cor, não querendo dar ao meu irmão nenhum motivo para que pudesse me recriminar.

Enquanto esperava Soff acordar, fiz uma escova lisa no cabelo e arrumei as suas coisas. Esse seria o primeiro café da manhã dela como uma verdadeira Montenegro, coitadinha.

Faltando vinte minutos para o horário que meu irmão havia combinado comigo, o seu motorista apareceu para nos buscar, o que me fez lembrar que eu precisava urgentemente de um carro para parar de depender do Guilherme e de quem quer que fosse. O trajeto foi curto, e por conta dos olhares que recebi ao entrar no restaurante do clube, eu fiquei completamente aliviada ao ver que o imponente senhor Marcos Montenegro já estava à nossa espera.

Sofia apertou minha mão com força ao ver para qual mesa estávamos indo, ela o reconheceu e me olhou como se estivesse se perguntando o que eu tinha na cabeça. Porque eu tinha a enganado e a colocado em uma armadilha.

— Nós vamos tomar café com o seu tio hoje, Soff, ele quer te conhecer melhor. Isso não é legal?
— Meu anjinho franziu o nariz pensando que definitivamente eu estava louca.

— Não *tô* com fome, mamãe... Minha barriginha *tá* doendo. — Ela falou e se recusou a andar, parando bem no meio do salão. Atraindo ainda mais olhares.

— Sofia, sua barriga está doendo de verdade ou você acabou de me contar uma mentira? — ela

não respondeu e eu prossegui: — Meu amor, eu te prometo que você vai gostar do café da manhã, além disso vamos ser rápidas e depois teremos o dia inteiro só para nós duas, o que acha?

— Tá bom — murmurou pouco confiante.

— Agora quanto a sua barriga...

— Já passou mamãe. — Ela sorriu exageradamente, mostrando a banguela.

Seguimos até a mesa, Marcos se levantou, puxou a cadeira para nós duas sentarmos e chamou o garçom para que pudéssemos fazer nossos pedidos. Olhei o cardápio tentando achar algo que Sofia apreciasse, mas assim como as pessoas, a comida daqui também era difícil de engolir.

— Fico contente que vocês tenham vindo — Marcos falou pouco à vontade.

— Por quê? — O ataque saiu sem pensar e eu logo me retratei ao receber seu olhar duro. — Nós também estamos pelo convite, não é, Sofia?

Ela não respondeu, mas sua boca formou uma linha fina, provavelmente se segurando para não falar algo enquanto Marcos a olhava com curiosidade.

— Minha barriga... — ela murmurou para que só eu pudesse escutar e passou a mãozinha nela. — Tá fria, mamãe.

— Fria?

— O que está acontecendo com ela? — Marcos perguntou sem entender nada.

— Sofia está com frio na barriga. Acho que você a assusta um pouco.

— Mariana!

— *Susta* mesmo, mamãe — Soff deixou escapar e, por mais inacreditável que isso fosse, meu irmão sorriu.

— Não precisa ter medo de mim, não sou nenhum monstro.

— Mamãe diz que monstros não existem, só em filmes.

— Sua mãe é uma mulher esperta então.

— E eu durmo sozinha porque não tenho medo, mamãe também não tem... de ninguém. — Isso era uma conversa ou um aviso que ela estava dando a ele?

Meu irmão se recostou contra a cadeira encarando meu anjinho que parecia mais segura agora, mas eu não gostava da maneira como ele a estudava. Era como se estivesse calculando o seu valor ou papel nessa história toda. Eu sabia o que era ser uma Montenegro, sabia que esse era um fardo que levaria para sempre comigo, mas Sofia não seria contaminada por isso.

— Você gosta de peixinhos? — ela perguntou quebrando a tensão ao mesmo tempo que o garçom nos servia.

— Sofia não começa.

— Por que não? Deixe ela falar. — Franzi o cenho, confusa, por conta da reação dele, mas deixei que ela se soltasse ao seu redor.

— Eu tinha três peixinhos, mas todos eles morreram, meu vovô disse que vai me dar outro, mas eu não posso contar a ninguém. Eu só contei para a mamãe...

— E agora para mim — ele disse, rindo, e ela arregalou os olhos, tomando consciência que tinha aberto a boca mais uma vez.

— Você não conhece o meu vovô...

— Pelo visto não — Marcos disse seco enquanto direcionava o seu olhar furioso para mim.

— Meu vovô tem um monte de cavalos e mora em uma casa grande... e lá tem muita comida.

— Comida é importante para ela — eu acrescentei antes que ele pensasse que ela estava passando fome, mas meu irmão não parecia interessado nesse detalhe da conversa e se dirigiu a mim sem se importar com a presença dela.

— Como você pôde permitir isso, Mariana?

— Na frente dela não.

— Isso é irresponsabilidade da sua parte deixar que ela pense que aquele homem é o...

— Foi o Carlos quem pediu para que ela o chamasse assim, Marcos, e eu não vejo mal nenhum nisso. Além disso, ele e Guilherme sempre foram como uma família para mim.

— Você não é órfã! Não renegue a família que põe comida na sua mesa e que permite que você viva no luxo. Sua filha não vai crescer sem saber o significado de ser uma Montenegro, Mariana, então eu acho melhor você começar a parar de colocar besteiras na cabeça dela.

— Eu não vim aqui para discutir — retruquei entredentes. —, mas vou deixar bem claro antes que eu continue a atuar para os seus amigos. Sofia é problema meu! O que eu faço ou não, o que *ela* faz ou não, sou eu quem decido. Eu nunca vou abrir mão da minha autoridade como mãe, Marcos.

— Eu quero ir, mamãe, não *tô* com fome — ela sussurrou após presenciar a nossa pequena e tensa conversa.

Eu já estava me preparando para levantar quando meu irmão falou:

— Eu e sua mãe só estamos conversando sobre o que é melhor para você, Sofia. Por que não experimenta o bolo que pediu e me diz se está bom? — Marcos estava mesmo se esforçando para deixá-la confortável ou essa paciência toda era apenas para evitar outro escândalo?

— Come um pedaço, meu amor, está tudo bem — garanti a ela.

O restante do café foi normal por assim dizer. O que era estranho. Sofia tagarelou sobre ela, sobre os seus peixinhos e até mesmo sobre o Guilherme. Marcos registrou tudo atentamente e eu sabia que ele estava apenas conseguindo munição para um ataque futuro. Ele não tocou em nenhum momento a respeito da empresa, mas deixou claro que não me queria morando de favor no apartamento do Gui.

Inevitavelmente eu fui obrigada a pedir a ele uma parte do dinheiro que era meu por direito para que pudesse comprar um carro. A quantia que eu tinha no banco não era tão alta assim e eu precisava conquistar minha liberdade de alguma maneira. Ele riu ao me passar o cheque, mas não dificultou em nada.

Tentei até convencê-lo a me deixar ter meu próprio lugar, um apartamento para mim e Sofia. Eu não me importava com o tamanho, desde que fosse só nosso, mas ele disse que isso seria impossível, que o meu lugar era na mansão e blá-blá-blá. Bom, entre o mausoléu da família e o apartamento do Gui... Eu ficaria com a segunda opção.

Pelo menos, enquanto o Guilherme me quisesse por perto.

Alguns dias depois...

— Tem certeza de que você quer fazer isso? — Gui perguntou preocupado ao telefone, eu o tinha posto no viva-voz enquanto dirigia em direção a Montenegro.

Nós dois tínhamos passado mais uma noite juntos, e parecia que a cada vez que nos tocávamos e beijávamos ficava mais difícil de parar. Essas sessões de amassos estavam meio que nos deixando loucos, mas eram tão boas... Guilherme como homem era completamente diferente do *Gui amigo* que eu conhecia.

A gente estava se redescobrendo, explorando um outro lado da nossa relação e todo cuidado era pouco nesse momento. Porque o medo de fazer alguma besteira e estragar tudo ainda estava ali... pairando a cada vez que eu fechava os olhos.

— Querer eu não quero, mas você conhece o Marcos, Gui. Eu estou tentando não entrar em conflito porque não quero que ele dificulte as coisas para mim... — expliquei.

— Eu não gosto disso, você perto dele... — Eu sabia a quem ele estava se referindo e no quanto essa situação toda o deixava irrequieto.

— Caubói, vai ficar tudo bem, eu prometo a você — disse a ele, mesmo não estando tão confiante como tentava parecer.

Em poucos minutos, eu já estava estacionando em uma das vagas reservadas da empresa, pensei na Sofia que iria passar o dia no haras e conferi a maquiagem antes de sair do carro. Alisei a minha saia *nude* ao ficar de pé e subi a alça da blusa de seda, que insistia em cair pelo meu ombro.

Não demorei a chegar ao último andar e, a princípio foi complicado me situar, porque tudo estava diferente de como eu me lembrava, mas por sorte Rachel parecia estar à minha espera e veio em minha direção assim que eu me vi sem saber para onde ir.

— Marcos está terminando uma reunião, venha comigo — ela disse séria, mantendo o seu papel diante dos outros funcionários que passavam pela sala de espera naquele instante.

— Como você está? — perguntei baixinho, lembrando da fúria do meu irmão ao saber que tínhamos estado juntas.

— Bem, eu não sei quem fez aquilo, Mariana, juro a você. Por causa daquela reportagem, eu quase perdi o meu emprego — ela murmurou de volta ainda andando à minha frente.

— Eu acredito em você. — Ela sorriu sincera e me levou até a sua sala trancando a porta em seguida.

— Você sabe o que seu irmão quer, não sabe? — ela continuou falando baixo e eu me perguntei do que ela tinha medo.

— Tenho alguma ideia.

— E você vai aceitar?

— Acho que não tenho escolha, não se eu quiser permanecer no país e seguir com a minha vida. Meu irmão nunca vai permitir que eu dê as costas a isso aqui, Rachel...

— Eu sei, eu só quero que você esteja preparada porque... — O seu telefone tocou nos interrompendo e ela correu para atender. — Sim, eu vou pedir para ela entrar. — Assim que encerrou a ligação, ela começou a juntar agitada alguns papéis da sua mesa. — Ele quer que você entre. A sala de reuniões é a mesma, não tem erro. Eu só vou terminar de pegar os documentos que ele quer e já estou indo.

Rachel estava nervosa, muito mesmo, e eu quis ter mais tempo para conversarmos, mas com Marcos me esperando, era praticamente impossível. Deixei ela para trás e assim que sai da sua sala, dei de cara com a última pessoa que eu queria ver nessa manhã. Certo, Mariana, continue se enganando, pensei irritada.

Henrique parecia estar indo na mesma direção que eu, mas congelou assim que me viu. Prendi minha respiração mantendo a calma que eu não sentia e lhe dei as costas caminhando rápido à sua frente, mas não foi o bastante, porque naquele corredor vazio eu podia sentir o seu olhar sobre mim. Os passos que ele dava atrás de mim eram como trovoadas anunciando uma tempestade, e quando eu finalmente cheguei a sala de reunião, senti seus dedos em meu ombro subindo lentamente a alça da minha blusa.

Se isso tivesse sido o bastante, eu teria me recuperado rapidamente, mas não foi, e ele ainda teve o disparate de pressionar levemente o seu quadril contra o meu bumbum enquanto entrávamos na sala. Eu não preciso nem dizer o que tinha sentido, não é?

Para piorar, Marcos e Isadora já estavam em seus lugares e isso me deixou ainda mais aflita. Engoli em seco ao me sentar, sendo alvo dos olhares dos três e quando meu irmão começou a dizer do que se tratava a reunião, eu percebi que estava definitivamente ferrada.

Eu estava bem no meio de uma entrevista para assumir a gerência do setor de produção da Montenegro.

HENRIQUE

Enquanto Marcos questionava Mariana sobre suas experiências e sabe-se lá mais o que, eu tamborilava meus dedos na impressionante mesa de madeira. Isso tudo era uma maldita perda de tempo, porque todo mundo nessa sala sabia que independente de ela ter ou não capacidade para assumir o cargo de gerência, ele a enfiaria ali.

O futuro dela era a diretoria e para isso, agora faltava pouco.

Tentei não sorrir ao lembrar dela estremecendo ao meu toque, e admito, eu tinha perdido a cabeça ao vê-la, mesmo sabendo que isso aconteceria. E era impressionante como ela parecia ainda mais gostosa com aquela fodida blusa provocante e a saia que mais parecia uma segunda pele de tão justa.

Inspirei fundo atraindo a atenção da Isadora, que me lançou um olhar irritado. Eu não tinha percebido que estava encarando a *bruxinha* sentada à minha frente até esse momento.

— Mariana nunca trabalhou na gerência, Marcos... — Isa o lembrou assim que Rachel e o diretor de produção saíram, deixando nós quatro a sós.

— Não oficialmente, meu trabalho de conclusão envolvia todo o setor de produção de uma montadora e eu me envolvi ativamente em cada área. De certa forma, eu passei praticamente um ano conhecendo o funcionamento de cada etapa do processo... — Mariana se defendeu e eu demorei a desviar o olhar daquela boca. *Porra!*

— Para mim isso é o bastante — Marcos disse sem se preocupar deixando-a ainda mais furiosa. — Agora eu quero aproveitar que estão os três presentes e dar um aviso definitivo sobre toda essa confusão. — Estava demorando, pensei nervoso. — Eu não quero qualquer tipo de escândalo ou gritaria pelos corredores, os jornais já sabem tudo o que o que precisam saber e até que eu diga o contrário, o pai da Sofia não existe. Entenderam?

Encarei Mariana esperando algum protesto, alguma provocação ou frase do tipo “*Minha filha merece conhecer o pai*”, mas ela não só fugiu do meu olhar, como também concordou. Era isso que eu queria, nenhum rastro que me ligasse àquela criança, mas por que Mariana concordar com isso me deixou tão furioso?

— Eu não me importo que vocês duas se odeiem, mas enquanto estiverem trabalhando para mim, pelo legado de vocês, eu exijo que mantenham o controle.

Isadora ficou para trás quando a reunião acabou assim como Mariana, e ao me virar para ver o motivo, eu a peguei segurando o braço da irmã com força e murmurando alguma coisa que fez com que Mariana ficasse lívida e olhasse diretamente para mim.

Cansado dessa merda toda, eu afrouxei a minha gravata e saí dali, repudiando toda essa família louca.

GUILHERME

— Ah, meu Deus, isso faz cosquinhas, Gui... — Mari gritou entre risos depois que eu subi sua blusa e comecei a deixar um rastro de beijos molhados em sua barriga.

Era noite, Sofia já tinha esperneado, brincado e pulado o suficiente, e agora estava no último sono, enquanto nós dois estávamos tentando assistir a um filme na TV.

— Eu posso morder se você preferir... — Busquei pelo seu olhar e ela balançou a cabeça reprimindo outra risada.

— A última mordida que você me deu deixou uma marca roxa, nem ouse. — Eu procurei pela marca na curva da sua cintura e a beijei suavemente. Não tinha sido minha intenção, apesar de gostar de ver a minha marca ali. Isso meio que era uma coisa de homem querendo marcar território, e se eu tivesse que mordê-la todinha para deixar as coisas bem claras eu a morderia. Seria um prazer.

— Certo, sem mordidas para você hoje... Mas se prepare porque quando eu começar, não vai ter um pedacinho seu que não tenha a minha marca, morena. — Ela me olhou espantada.

— Sério, eu não sei se acho isso absurdamente louco ou se acho fofo — falou enquanto eu me deitava ao seu lado e a puxava para mim, mantendo minha respiração em seu ouvido.

— Eu não quis soar fofo, estava mais para louco mesmo — sussurrei fazendo-a se aconchegar ainda mais. — Então, quando Marcos quer que você comece a trabalhar?

— Na segunda, ele me deu alguns dias para resolver a situação da Sofia. Quero tentar conciliar o meu horário com o da pré-escola dela. Eu já até procurei algumas instituições para visitar amanhã. Só espero que ela se adapte bem.

— Sofia é esperta, Mariana, e para ela vai ser ótimo ter contato com outras crianças.

— Vai, não é? — Ela tentou se convencer de que estava tomando as decisões certas e, dessa vez, ela realmente estava. O único problema era o Henrique...

— Você o viu?

— Gui...

— Viu, Mariana?

— Sim, mas foi na frente de várias pessoas. Ele estava na sala de reuniões quando meu irmão armou o circo.

— Você não tinha me dito isso antes.

— Porque eu achei que não era importante.

— Não?

— Não pense muito, caubói, isso não vai fazer bem para a gente. — Mariana se virou ficando de frente para mim. — Nós combinamos que iríamos tentar, não foi? E para isso dar certo, o nome dele não pode surgir a cada conversa que tivermos...

Eu não disse mais nada depois disso, porque lá no fundo ela estava certa. Enquanto Henrique

fosse uma sombra entre a gente nós nunca daríamos certo. O problema era arrancar da cabeça todas as vezes em que eu a escutei declarar seu amor por ele, ou me enfrentar tentando defendê-lo.

Eram essas lembranças que não paravam de martelar em minha mente e isso estava me tirando do sério.

MARIANA

Na manhã seguinte, saí da cama antes do Guilherme e fui para a cozinha preparar algo para gente. Ele já tinha o maior trabalho vindo passar as noites comigo, fora todo o tesão e a tensão sexual acumulada por ainda não termos transado... O mínimo que eu podia fazer era manter aquele homem bem alimentado.

O sono também não estava ajudando ultimamente e, dessa vez, era o aviso da Isadora que estava me deixando inquieta. Aparentemente, Henrique tinha contado sobre o dia da festa e ela fez questão de deixar bem claro, que dá próxima vez que eu colasse os dedos nele, o Marcos saberia. Do jeito que ela falou, o ódio que vi em seu rosto, ficou claro que ele deveria ter distorcido tudo a seu favor, o que só me deixou mais agoniada.

Perdida nos meus próprios pensamentos, não percebi Gui entrar na cozinha e muito menos notei sua aproximação até que ele estava com as mãos em volta da minha cintura e o rosto afundado em meu cabelo.

— Volte para a cama comigo, morena, ainda está cedo...

— Eu perdi o sono.

— E resolveu cozinhar? O que deu em você?

— Eu queria fazer algo gostoso para você comer antes de ir, só isso.

— Certo, eu vou fingir que acredito — ele brincou e pegou um copo de água para beber. — Eu estive pensando, que tal se passássemos esse fim de semana fora, só nós dois?

O convite capturou minha atenção, a ideia era boa, mas tinha a Sofia e...

— Sofia pode ficar no haras, ela adora e não dá o menor trabalho ao meu pai e a Fátima. Além disso, quando foi a última vez que você teve dois dias só para você? Sem se preocupar com mais nada?

— Muito, muito tempo — respondi de imediato. A última vez foi antes do nascimento da Sofia, ou seja...

— Tem certeza de que seu pai não vai se importar?

— Absoluta. — A certeza dele me deixou empolgada. Realmente empolgada.

Além disso seria bom ter um tempo só para nós dois. Um tempo para que eu também pudesse colocar minha cabeça no lugar.

— Para onde nós iríamos?

— Que tal, Jurerê? Eu tenho um amigo que tem uma casa de praia de frente para o mar e está vazia nessa época do ano. Um telefonema e eu consigo as chaves...

— Jurerê? — perguntei impressionada, a maioria das minhas colegas de escola frequentavam as festas e baladas que aconteciam por lá, mas não eu. Além do Marcos nunca ter permitido, eu também tinha passado grande parte do meu tempo treinando e me dedicando às competições quando era mais nova.

— Ao que parece, você já pensou em tudo, caubói.

— Pode apostar que sim. — Estremeci ao ver a promessa do que me esperava em seu olhar e o sorriso sacana que ele deu apenas confirmou minhas suspeitas.

Ahhh, caubói, eu sei muito bem o que você quer...

Uau!

Quando Guilherme me convidou para passar o fim de semana no litoral na casa de um amigo eu não imaginei que essa casa seria *A casa*. Eu estava de boca aberta com o lugar e não via a hora de desfazer minha mala e pôr um biquíni para aproveitar o mar que ficava apenas a alguns metros.

Enquanto Gui telefonava para o tal amigo e pegava uma cerveja, eu aproveitei para abrir a porta de vidro que dava para os fundos da casa e deixei o sol entrar. Um imenso pufe branco, que mais parecia uma cama, ficava estrategicamente posicionado no caminho recebendo parte do sol que entrava pelas portas e janelas. Eu tinha adorado isso.

Prometi a mim mesma que eu gastaria esses dois dias curtindo totalmente o meu caubói e traçando um plano para a minha vida. E já que competir novamente estava fora de cogitação, eu me empenharia, pelo tempo que conseguisse, a dar o melhor de mim no cargo que Marcos tinha me feito aceitar.

— A sua. — Gui me passou uma cerveja, eu não queria beber, mas estava bastante quente e, pela primeira vez em muito tempo, eu não tinha nada com o que me preocupar. Sofia estava segura no haras, longe da imprensa e do Henrique.

Pensar nele me trouxe um gosto amargo na boca e eu me lembrei da *Mercedes* preta parada outra vez em frente ao prédio essa manhã. Era loucura minha achar que ele poderia ter alguma coisa a ver com isso? Me questionei.

— Pare de pensar tanto — meu caubói murmurou e me deu um beijo gelado, o gosto da cerveja substituindo qualquer outro e eu gostei. Eu queria aquela boca gelada em mim.

— Eu poderia estar pensando em você, já imaginou? — o provoquei com um sorriso no rosto e ele voltou a me beijar, mordiscando meu lábio inferior.

— Acho bom mesmo, morena — disse rouco, os olhos escuros por conta do desejo. As coisas entre a gente andavam tão quentes que bastava um toque para que perdêssemos o controle. — Qualquer outro pensamento está proibido enquanto você estiver presa aqui comigo.

Mas assim como eu pedi, ele estava sendo paciente, eu só não sabia mais se queria adiar esse momento, bastava olhar para esse homem que eu sentia aquela dorzinha gostosa no ventre. Principalmente porque ele não perdia uma oportunidade de me provocar, suas mãos estavam sempre pelo meu corpo, sua boca sempre colada à minha. E as coisas que ele sussurrava em meu ouvido... Deus!

— Acho que agora eu entendo o porquê de todas aquelas garotas serem fascinadas por você — murmurei agarradinha a ele. — E eu nunca imaginei que diria isso, mas eu meio que estou ficando louca por você também, caubói... de verdade.

— Eu acho que gosto disso. — Gui arrancou a cerveja da minha mão e me jogou contra o pufe macio para outra sessão tórrida de amassos.

GUILHERME

Observei Mariana de longe, sentado da areia ainda molhado. Minha morena parecia perdida enquanto caminhava em círculos na beirada da água, como se a cabeça estivesse em outro lugar. E eu estava tentando, juro que estava, não pressioná-la com essa coisa toda do Henrique, mas em nenhuma das vezes em que eu a imaginei para mim, eu cheguei a pensar que seria tão difícil assim lidar com essa situação. O ciúme que eu sentia por simplesmente achar que ela poderia estar pensando nele nesse momento, caralho, me consumia!

Correndo na minha direção, ela se sentou entre as minhas pernas e sorriu. O corpo tampado com um biquíni quase indecente estava atiçando a minha imaginação de uma maneira que ela não poderia sequer desconfiar.

— Esse lado da praia é sempre tão deserto assim?

— Nessa época sim, tem alguns quiosques a poucos quilômetros onde tem mais movimento, mesmo assim essa área é privativa.

— Não sei se eu gostaria de morar em um lugar como este. Aqui é lindo, eu admito, mas o meu sonho sempre foi morar em uma fazenda, você sabe. Ter alguns cavalos para criar... Um lugar onde Sofia possa ter liberdade. Acho que quando eu receber minha herança, eu vou fazer tudo isso. Dar adeus a cidade e sei lá... — ela divagou com um ar sonhador.

— Era nisso que estava pensando?

— Era, mais alguns anos e eu estou livre do Marcos, da Montenegro e de tudo aquilo.

— Você sabe que não precisa esperar todo esse tempo.

— Se eu quisesse receber a minha parte sim. Não quero viver de favor para sempre e me recuso a voltar para a mansão.

— Não era bem isso que eu queria dizer... — falei, já pensando em um futuro com ela. Se Mariana se casasse comigo, ela teria tudo isso e muito mais e sem precisar se preocupar em ter que obedecer ou não ao Marcos. Um simples sim e ela estaria livre deles para sempre.

— Me beije — ela pediu, colando seu corpo junto ao meu. Mariana também estava molhada, as gotinhas minúsculas de água ainda escorriam pela sua pele.

Não demorei a dar a ela o que me pediu e, quando dei por mim já estávamos embolados um no outro, cobertos de areia e correndo o risco de sermos pegos. Mas eu não queria parar dessa vez, meu pau não aguentaria muito mais desses joguinhos. Então eu a peguei no colo, encaixando suas pernas em volta do meu corpo e a levei para dentro, enquanto a beijava profundamente.

— No pufe... — ela murmurou e eu a joguei lá mais uma vez. Mariana se afastou, indo para o meio dele e eu me ajoelhei sobre ela beijando a parte interna das suas coxas, deslizando minhas mãos por elas. Minha morena se abriu para mim e eu a encarei sério, me perguntando se ela sabia o que estava me oferecendo porque, porra, eu queria aquela boceta... Na minha boca, engolindo o meu pau... não importava onde.

— Morena, se eu começar eu não vou parar.

— Eu não quero que você pare.

Depois disso nada mais me impediu de desfazer os laços laterais do seu biquíni, expondo a marquinha de sol que ela tinha adquirido durante o dia. Eu beijei seu monte de Vênus percorrendo a marca, sentindo seu cheiro e adorando vê-la toda arrepiada. Deslizei minha língua mais para baixo, e lambi sua virilha deixando-a toda úmida.

Mariana gemeu e apertou suas pernas contra os meus ombros, mas agora era tarde demais. Eu não sairia dali nem fodendo.

— Calma, morena — murmurei obcecado pela visão da sua boceta aberta para mim. Passei meu dedo em seu clitóris espalhando a lubrificação até que não aguentei mais escutá-la ronronar e caí de boca. Mari gritou ao sentir minha língua, eu não resisti e a enfiei dentro dela, como se estivesse chupando uma fruta saborosa.

— Caubói... eu estou... — A olhei enquanto continuava a torturá-la. — Isso é... Deus! — Ela agarrou meu cabelo, com o corpo gostoso tremendo e implorou. — Eu quero que você me coma, caubói, agora, por favor, por favor...

Esse era o som dos céus e eu mais do que depressa fui para cima dela, arrancando a parte de cima do seu biquíni e o jogando longe.

— Eu vou te comer, morena. Eu só ainda não decidi se vai ser lentamente ou com força, você é tão gostosa que eu tenho medo de perder o controle e te machucar.

— Você não vai — ela sussurrou sem forças, enquanto se agarrava em meus braços. — E eu não quero que se controle, Gui, quero tudo o que você tem... Com força, lentamente, eu não me importo!

Eu a beijei apaixonadamente enquanto seus dedos desciam minha bermuda até o ponto de liberar meu pau, que saltou dolorido para fora. Mariana o envolveu na mão e eu a mordi sentindo todo o sangue do meu corpo correr aceleradamente. Agora era definitivo. Meu pau estava no comando.

— Gostosa — a chamei e tomei o controle afastando sua mão, se ela continuasse a me acariciar eu não duraria e eu queria gastar cada minuto dessa tarde comendo a minha morena.

O sol que entrava pela janela tocava a sua pele bronzeada, deixando-a ainda mais quente, as cortinas finas balançavam por conta da brisa do mar tornando tudo ainda melhor do que eu tinha imaginado.

Enterrei a cabeça do meu pau na sua entradinha e a provoquei, indo e vindo, até que ela se acostumasse com o meu tamanho. Mariana me olhou extasiada, sentindo cada pequeno avanço, que aumentavam conforme ela ia relaxando.

Quando eu já estava com mais da metade do meu pau dentro da sua boceta eu sabia que não podia empurrar mais e aumentei o ritmo, passando a fodê-la com tanta força que seus gritos e gemidos tomaram conta do lugar. E, caralho, eu gostava de ouvi-la gritar. Isso me deixava duro como pedra.

— Assim, Gui, com força... Eu quero você todinho dentro de mim. — Ela não tinha ideia do que estava pedindo.

— Você é uma gulosa, caralho... — murmurei olhando dentro dos seus olhos e puxando seu cabelo de uma maneira que eu tivesse total acesso à sua boca. — É isso o que você quer? — Meti bem fundo, fazendo-a se contorcer de prazer. — É isso, morena? — ela assentiu enlouquecida e eu perdi a conta de quantas vezes eu me enterrei dentro dela.

Eu não estava mais me segurando, meu pau latejava tão intensamente que eu me sentia inchar naquele buraquinho apertado que era a sua boceta.

— Caubóói... — Mariana cravou a unha no meu peito quando gozou e eu fiquei alucinado. A sensação do seu corpo me apertando foi indescritível e enquanto ela convulsionava inteirinha eu inspirei profundamente, me segurando para não gozar. Mariana seria a primeira mulher em muito tempo com quem eu não usava camisinha, já que ela tinha começado a usar anticoncepcional por recomendação médica há alguns meses, o que era bom, porque eu não queria nada entre a gente nesse momento. — Isso foi tão... — ela estremeceu ao dizer, os olhos agora fechados enquanto sua respiração desacelerava.

O vale entre os seus seios estava úmido do nosso suor, seu cabelo em uma bagunça sexy e foi beijando a sua boca que eu recomecei a me movimentar lentamente dentro dela. Agora era a minha vez.

— Você é um tesão, garota, eu nunca comi alguém tão gostosa como você — sussurrei isso e muito mais em seu ouvido, sendo recompensado por gemidos baixinhos. Meu sangue foi acumulando e eu sabia que não iria aguentar muito tempo mais, então eu meti gostoso até que ela estava novamente ofegante e gritando meu nome. Quando eu finalmente gozei, ela veio outra vez, pulsando ao redor do meu pau e acabando comigo.

Alguns minutos depois, eu nos limpei e a puxei de volta para os meus braços. O sol ainda não

tinha se posto e nós dois ficamos ali, escutando o barulho do mar enquanto recuperávamos o fôlego.

— Você foi incrível... — Mari sussurrou com a cabeça em meu peito e fechou os olhos, aparentemente satisfeita.

MARIANA

Eu não percebi que tinha adormecido até que voltei a abrir os olhos e encontrei Gui deitado de bruços, o rosto afundado no travesseiro e completamente pelado. Curiosa, eu o observei minuciosamente. As costas largas, o bumbum durinho e as pernas grossas. Nada nele era pequeno ou comum e a dorzinha que eu estava sentindo lá embaixo era a prova disso.

Olhei para o céu através da janela e concluí que tínhamos dormido por pelo menos umas duas horas. Meu estômago roncou faminto, mas eu me recusei a me levantar. Eu queria ficar aqui, deitada ao lado do meu caubói, escutando sua respiração pesada e repassando cada pequeno detalhe do que fizemos.

Tracei a linha da sua coluna com o dedo e voltei a fechar os olhos, dessa vez com um sorriso bobo no rosto e a certeza de que eu estava no lugar certo com o homem certo.

Horas mais tarde...

Terminei de me vestir e desci para me encontrar com o Guilherme. Na caminhada que tínhamos feito essa manhã, nós acabamos encontrando um barzinho que tinha uma pegada de boate, e que organizava luaus na areia, com direito e fogueira e *DJ*, nas noites de sábado.

Eu estava mais animada para passar um tempo com ele do que para o luau em si, mas qual a graça de vir até Jurerê e não aproveitar?

Então aqui estava eu, vestida com uma blusa *cropped* floral e uma saia curta com tecido fluido de cintura alta. A noite estava quente, eu fiz uma trança rápida no cabelo e só. Na sala, encontrei Guilherme bem descontraído também, nós iríamos andando e eu duvidava que houvesse outras mulheres tão vestidas quanto eu estava.

— Essa saia... — Ele olhou com desejo para as minhas pernas.

— Gostou? — perguntei maliciosamente.

— Eu teria que ser cego para não gostar, morena, vem aqui — ele chamou e recebi um beijo molhado ao chegar perto. — Você está linda!

Saímos de casa e fomos conversando descontraidamente até o barzinho, o luau já estava lotado quando chegamos e alguns grupinhos se mexiam ao som da música eletrônica.

Recebemos um colar havaiano quando nos misturamos e eu arrastei Gui até a área onde o movimento estava maior e um grupo de pessoas dançavam. Meu caubói não tirou as mãos de mim em nenhum segundo e quando eu comecei a mexer meu corpo no ritmo da música, eu acho que o deixei bem perturbado.

Nós dançamos e dançamos, eu rocei cada partezinha possível nele, guiei suas mãos pelas minhas pernas e me deixei levar. O que estávamos fazendo não era nada perto do que acontecia ao nosso redor. Champanhe e cerveja eram jogados do alto de um dos suportes refrescando a todos e ninguém parecia se importar. Melhor que isso foi ter Gui lambendo meu pescoço, sorvendo o gosto da bebida diretamente da minha pele.

— Acho que já deu — ele murmurou algum tempo depois com a voz rouca, e foi me empurrando por entre a multidão. — Passou da hora de eu te colocar na cama. — Eu ri alto, um pouco afetada pelas caipirinhas que havia tomado.

— Eu vou adorar ser colocada na cama por você, caubói...

E adorei mesmo. Guilherme terminou o que tinha começado no luau e me lambeu inteirinha, dos pés à cabeça. Eu retribuí o favor e o chubei com a mesma vontade, eu estava tão louca por ele e o seu gosto salgado que eu levei o meu tempo o provando. Quando ele perdeu a paciência e me puxou para poder me penetrar, seu pau estava inchado, as veias exageradamente saltadas deixando-o ainda mais impressionante.

— Seu pau é lindo... — falei tonta. — *Lindoo e grandee* e mete *tãã* gostoso, caubói... — Gui sorriu daquele jeito que mexia comigo e com a metade da população feminina, e me tomou novamente. Eu não preciso nem dizer que o restante da noite superou todas as minhas expectativas, não é?

GUILHERME

Mariana e eu tomamos café em uma pequena cafeteria no dia seguinte, ela tinha acordado toda manhosa essa manhã. Querendo passar o dia inteiro na cama, mas por mais que a ideia fosse tentadora eu estava disposto a dar a ela o lado normal de qualquer relação.

Além do mais, eu precisava comer caso quisesse continuar nossa maratona de sexo mais tarde. Porque nós iríamos.

No caminho de volta, Sofia ligou e a atualizou sobre o que estava acontecendo no haras. Escutei a conversa das duas enquanto pensava como meu pacotinho lidaria com o que estava acontecendo entre mim e sua mãe.

— Sofia mandou um beijo para você.

— Como ela está?

— Feliz, seu pai comprou os benditos peixes para ela, montou até um aquário, acredita?

— Acredito...

— Você sabia, não é? Agora ela vai me enlouquecer por que os peixes vão estar no haras e a gente na cidade.

— Relaxe, eu acho que com o que está acontecendo entre a gente, vocês duas vão passar ainda mais tempo por lá. — Isso a fez me olhar de uma maneira estranha, e virar o rosto logo em seguida.

— Eu não quero que... ninguém saiba ainda, Guilherme. Muito menos a Sofia. Eu quero manter isso só entre nós dois, ir com calma...

— Calma? Nós passamos a última semana dividindo a mesma cama, Mariana, e eu não consigo tirar as minhas mãos de você. Acho bem difícil que depois desse fim de semana eu consiga ir com calma.

— Eu sei, é só que eu preciso que isso vá devagar — ela falou em um tom que eu não gostei e correu para fora do carro assim que estacionei na garagem.

Não fui atrás dela, não estava com paciência para discutir, então a deixei sozinha. Esconder o que estava acontecendo entre a gente não era algo que eu quisesse fazer, porque eu tinha certeza do que queria.

Por isso toda essa *precaução* dela me deixou cismado.

MARIANA

Guilherme demorou a entrar dentro de casa, e eu me amaldiçoei por ser tão estúpida. Eu não queria que ele pensasse que eu não o queria nem nada do tipo, eu só não sabia como seguir com isso sem machucar a nenhum de nós dois. Não era como se eu fosse *expert* em relações amorosas ou coisa parecida.

Muito pelo contrário, eu meio que era um desastre.

Decidida a me redimir eu fui atrás dele, que estava sentado do lado de fora em uma das espreguiçadeiras no deque com vista para o mar. Peguei uma cerveja na geladeira antes e lhe entreguei, me sentando na beirada da cadeira.

— Me desculpe, eu sei que você não curte essa coisa de ter que mentir, mas tudo o que eu quero é preservar o que temos, Guilherme — tentei me explicar. — Não quero que nada fique entre a gente... — Guilherme deu um longo gole na sua cerveja e me encarou.

— Tudo bem, faremos como você quiser — ele disse sério, sem me convencer muito. — Desde que você saiba que eu não divido o que é meu, Mariana, principalmente depois do que aconteceu

aqui... — Eu assenti em um misto de alívio e nervosismo.

Passamos o restante do dia agarrados um ao outro, eu preparei algo leve para almoçarmos, ele me observou tomar sol, e nós curtimos o tal pufe por várias horas seguidas. No final, já de noite, eu e ele decidimos ficar em casa, aproveitando os últimos momentos de sossego.

— Eu não tenho palavras para descrever o quanto eu gostei do nosso fim de semana, caubói. Foi tudo tão perfeito... — disse, montada em cima do seu quadril, enquanto ele me observava.

Nós dois estávamos nus, sem muita vontade de vestir qualquer tipo de roupa e completamente exaustos. Mesmo assim, suas mãos não paravam quietas.

— Você fez tudo ficar perfeito. E se eu já era louco por você antes, agora então... — A tensão em seu rosto mostrou que ele não estava feliz ao constatar isso.

— Às vezes, eu queria me enxergar com os seus olhos, sabia? Você me vê de um jeito que ninguém mais vê.

— É porque eu sou o único que conhece você de verdade, morena, desde o menor dos defeitos até... — Eu não o deixei terminar e o beijei.

Eu não podia assumir o que tínhamos ainda ou até mesmo dar nome ao que estava sentindo, mas podia mostrar a ele o quanto eu o desejava.

Capítulo 17

MARCOS

Rachel se negou a olhar para mim enquanto recolocava o seu vestido, era segunda de manhã e eu tinha passado o fim de semana inteiro arranjando desculpas para não ir vê-la em seu apartamento.

Eu estava me testando, vendo quanto tempo eu conseguiria ficar longe e ignorá-la, mas a cada hora do dia em que fugia dela, eu ficava ainda mais alucinado.

Tanto é que quando ela chegou no escritório essa manhã, eu aproveitei que o andar da diretoria estava vazio e a arrastei para a minha sala.

Um soluço escapou da sua boca enquanto eu a observava e refazia o nó da minha gravata.

— O que foi, Rachel? — perguntei e fui até ela, que tinha o rosto coberto por lágrimas. — Eu te machuquei?

— Você sempre me machuca... — ela chiou baixinho me deixando assustado. — Não fisicamente, mas na maneira como me desrespeita. Eu odeio fazer isso aqui, Marcos, esse é o meu local de trabalho, só que você não me escuta e... — Mais lágrimas desceram me fazendo sentir remorso.

— Não fique assim, ratinha. — Eu a envolvi e segurei seu rosto. — Foi bom, não foi? Eu precisava sentir você — murmurei e enxuguei as lágrimas ao redor dos seus olhos. Não era que eu gostasse desse tipo de ceninha, mas Rachel parecia mais sensível do que o normal nos últimos dias e eu sabia que se não quisesse ter dor de cabeça lá na frente, o melhor seria dar um jeito nessa situação agora.

— Você não entende, eu estou tão cansada. — Suas palavras me deixaram em alerta.

— De novo isso?

— Não é de novo, é a última vez... — Não mesmo, pensei, e a pressionei apertado contra o meu corpo.

— O que você quer? — falei bruscamente, sendo que no fundo eu estava desesperado. Eu não deixaria Rachel me largar, porra! A Terra teria que parar de girar antes que isso acontecesse. — Eu te dou o que você quiser, joias, mais dinheiro. É só dizer, ratinha.

Isso a fez cessar os soluços e me olhar com raiva, bom, não era essa a reação que eu esperava.

— Eu tenho pena de você, Marcos. Você gosta que eu esteja à sua mercê, dependente de tudo, não é? Mas eu não aguento mais, sua irmã me acusou de ter vendido informações para aquele jornalzinho e você acreditou! — Ela se debateu. — Como espera que eu queira ficar ao seu lado, sabendo que você não confia em mim?

— É disso que se trata? — indaguei nervoso porque esse assunto ainda me tirava do sério. — Você quer uma retratação? Um pedido de desculpas?

— Eu adoraria, mas sei que você ainda pensa que fui eu, então seria desnecessário, não acha?

— Realmente.

Nada me tirava da cabeça que essa informação tinha saído daqui de dentro. E quem me garantia que ela não tinha feito isso apenas para me tirar do sério?

— Às vezes, você consegue ser pior do que a Isadora, sabia? Dela, pelo menos, eu sei o que esperar...

— Não toque no nome da minha família quando estiver tendo seus surtos, Rachel!

— Sua família, o grande orgulho dos Montenegro... Você está tão preocupado em comandar seu império, que não tem ideia do que acontece ao seu redor. Isadora tem problemas emocionais, Marcos, e a Mariana, meu Deus, você a tornou o que ela é hoje!

— Rachel, eu vou te avisar só mais uma vez. Cale a sua boca antes de... — A maldita porta do meu escritório foi aberta e Henrique apareceu no pior momento.

— Eu posso entrar, ou estou atrapalhando algo? — ele perguntou sério, ignorando completamente a Rachel. — É importante, Marcos.

Rachel não precisou de outro motivo e fugiu porta afora. Como a ratinha assustada que ela era, pensei.

É, algumas coisas nunca mudam.

MARIANA

— E se eu não gostar, mamãe? — Sofia perguntou insegura ao olhar as crianças correndo e gritando pelo corredor da escola. Nós já tínhamos feito uma visita na semana passada, onde a coordenadora nos apresentou a professora da sua turma e as acomodações da escola. Essa era uma instituição respeitada, mas não tão severa quanto a que eu tinha estudado, além disso, Sofia tinha a escolha de permanecer em tempo integral ou apenas no horário em que eu estivesse trabalhando.

Acho que pensando mais na minha filha do que em mim, Marcos me deu um horário flexível para que ela pudesse ir se acostumando aos poucos à rotina da pré-escola.

— Por que você não iria gostar, meu amor? — falei com o coração apertadinho me dando conta

de que Sofia estava crescendo. Ainda ontem ela era o meu bebezinho gorducho e agora...

— Eu não sei, ué — Ela olhou novamente para as crianças e enrugou o nariz em dúvida.

— Você confia em mim? — perguntei, me ajoelhando para ficar à sua altura e ela balançou a cabeça. — Então, não fique preocupada com nada, você vai amar, vai poder brincar, fazer novos amigos e todas as noites quando estivermos juntas eu vou querer saber tudo de legal que você aprendeu.

— E se ninguém quiser brincar comigo? — ela murmurou baixinho para que não nos escutassem.

— Claro que irão querer, Soff, você é a garotinha mais incrível que eu conheço. — Eu fui presenteada com o seu melhor sorriso banguela. Um sinal de que estava tudo bem.

— Vamos lá, Sofia? — a professora dela a chamou.

— Eu te amo, amorzinho — eu disse, e beijei sua testinha antes de me levantar, escutando um *“Eu também te amo, mamãe”* de volta.

Esperei com os olhos marejados Sofia seguir a professora e quando as duas começaram a conversar já no corredor, eu relaxei.

Saí da escola e a primeira coisa que fiz foi mandar uma mensagem dizendo que estava tudo *ok* para o Guilherme, que, apesar de querer muito, não tinha conseguido ficar para poder trazê-la junto comigo.

Guilherme respondeu poucos segundos depois, me desejando um bom-dia e dizendo estar morrendo de saudade dos meus beijos. Nós tínhamos chegado essa madrugada e havíamos ido direto para o haras onde eu peguei a Sofia e voltei para a cidade.

Nervosa por conta do meu primeiro dia de trabalho, eu dirigi até a Montenegro automaticamente. Marcos estava à minha espera quando cheguei e logo me levou até a minha sala, que ficava um andar abaixo do da diretoria. Tentei não ligar para os olhares que recebi ao ser apresentada a equipe do setor de produção, me sentindo aliviada por, pelo menos, ter agradado ao diretor do setor, que estava à beira da aposentadoria e que todos sabiam, inevitavelmente, que seria substituído por mim.

A manhã passou sem muitos problemas, eu era responsável por uma pequena equipe de funcionários, mas na maior parte do tempo eu seria mesmo era *treinada* pelo Sr. Alberto.

— Então, como está se adaptando? — Rachel perguntou ao dar uma passadinha na minha sala para me ver.

— Acho que vai levar mais algum tempo para me adaptar e convencer essas pessoas de que eu estou aqui para trabalhar igual a eles.

— É normal, não dê importância, eu tenho que conviver com isso diariamente. Aonde eu passo todos param de falar como se eu fosse contar tudo que escuto ao Marcos. — Ela revirou os olhos e se sentou.

— E por falar em Marcos, o que ele tem hoje?

— O mesmo de sempre, muito trabalho, muito mau humor e pouca paciência. Nada que você não se acostume com o tempo, aliás, ele chegou a comentar que hoje seria o primeiro dia da Sofia na pré-escola e...

— O que ele espera conseguir com todo esse interesse nela? — perguntei desconfiada. — Você é próxima dele, deve saber, Rachel.

— Dessa vez eu não sei, ele só comentou isso, mas eu conheci a Sofia, Mariana, não é nem um pouco difícil se encantar por ela.

Pensei nessa possibilidade, mas Marcos não fazia o tipo que se rendia a crianças... Ou será que fazia?

— Deixe ele ter um momento com ela, se é isso que ele quer. Talvez esse seja o caminho para vocês finalmente se aproximarem, já pensou?

— Você sempre intercede por ele, não é? — Isso a fez ficar vermelha.

— Nem sempre — respondeu encerrando o assunto e foi logo se levantando e olhando para o relógio. — Olha, eu tenho que voltar agora, mas saio para almoçar em uma hora, quer ir comigo?

— Eu vou, não é como se tivesse uma fila de convites — brinquei a fazendo rir e ela se despediu.

Foi só no final da tarde que eu me vi obrigada a ir até o andar de cima. O Sr. Alberto queria me deixar algumas instruções para o dia seguinte e depois eu estaria livre para poder ir pegar meu anjinho. Com a mente cansada por conta de todo o trabalho que tinha sido jogado em mim, não tive tempo de pensar que provavelmente correria o risco de esbarrar na minha irmã ou no Henrique.

Mas é claro que isso tinha que acontecer, e quando eu estava à espera do elevador eu os vi. Isadora e Henrique estavam saindo do mesmo, a mão dela estava nele, como prova da intimidade que compartilhavam e ao me verem a conversa morreu imediatamente. Assim como o meu estado de paz.

Isadora passou por mim sem dizer nada ou sequer me olhar, fazendo com que eu me sentisse a pior das pessoas. Henrique seguiu atrás dela, esbarrando propositalmente em mim e me dando um sorriso cafajeste que só eu fui capaz de ver.

Eu permaneci congelada ali, como uma idiota. Só me tocando de que o elevador ainda estava parado no andar à minha espera, quando um funcionário que eu não conhecia me avisou que ele iria fechar e o segurou para mim.

— Por que você está tão calada, Sofia? — perguntei olhando pelo retrovisor, desconfiada do seu comportamento. Depois que eu consegui me recuperar do choque ao ver Henrique e Isadora

juntos, eu tinha vindo diretamente buscá-la. A sua professora conversou comigo rapidamente, garantindo que ela tinha se adaptado bem as crianças e que foi até bastante comunicativa.

— Eu tenho um papai, não tenho?

— Tem... por quê?

— Como ele se chama?

— Por que isso agora, Soff?

— A professora perguntou como meu papai se chamava e o que ele fazia. Eu tive que falar lá na frente, mas eu não sabia, mamãe...

— Meu amor — Eu não soube o que dizer, mas por sorte, já estava terminando de estacionar o carro na garagem do prédio, então eu pude me virar e olhar para ela. —, você vai conhecer o seu papai, mas na hora certa, até lá você tem a mim, ao Gui, e até mesmo ao seu vovô que se preocupam muito com você.

— E o meu tio?

— E o seu tio.

— Eu falei dele, falei de todo mundo... até dos meus peixinhos. — Claro que falou, pensei sorrindo, ao imaginar meu anjinho de frente para uma sala cheia de crianças contando sobre a sua vida.

Eu tinha acabado de sair do banho quando Guilherme apareceu. Sofia já estava no último sono a essa hora e eu estava apenas esperando que ele chegasse para podermos comer algo.

Cansada, acabei pedido uma pizza e separado uma garrafa de vinho para que pudéssemos brindar ao meu primeiro, é tenso, dia de trabalho.

Passei por ele que estava zapeando os canais na TV e fui agarrada com uma só mão, enquanto o esperava achar o bendito do canal esportivo.

— Antes de mais nada, eu quero saber como foi o seu dia. — Ele me beijou e murmurou com a voz beirando ao grave, eu sabia que estávamos bem um com o outro, mas também sabia que não podia dividir com ele algumas das coisas que estavam me perturbando. A começar pelo estranho comportamento do Henrique.

— Foi... entediante. A minha equipe acha que eu sou uma versão mais nova da Isadora e todos têm medo de mim. O atual diretor de produção é um bom homem e me garantiu que vai me ensinar tudo o que sabe. Marcos mal falou comigo, Isadora fingiu que eu não existia... A única coisa boa naquele lugar é a Rachel e mesmo assim parece que meu irmão tem um estranho poder sobre ela...

— Nossa!

— Incrível, não é? Agora, por favor, caubói, me faça esquecer todo esse dia e me proporcione uma noite maravilhosa... — eu o provoquei e me afastei para abrir a garrafa de vinho e servir nossa pizza.

Assim como já estávamos acostumados, nós fomos para a sala onde ele colocou a reprise do jogo do Avaí para passar. Por sorte nós torcíamos para o mesmo time e eu meio que tinha aprendido ao longo dos anos a gostar de assistir aos jogos com ele. Era isso ou ficava barrada de estar ao seu lado nos domingos.

Eu me sentei ao seu lado, os pés sobre o sofá enquanto ele nos servia vinho e achei graça da situação. Quem bebia vinho assistindo a uma partida de futebol?

— O que foi? — ele perguntou.

— Isso é patético... O vinho, sabe, mas sei lá, eu achei realmente que merecia uma comemoração.

— Você merece, morena. Está lidando com essa situação da melhor maneira que pode. — Gui me passou a taça e nós brindamos. — Eu sei que você nunca quis nada disso para a sua vida, que a sua paixão sempre foi as competições, mas...

— Uma hora eu tinha que crescer, certo? — Ele sacudiu a cabeça.

— Não, eu ia dizer que em algum momento você teria que parar de fugir de quem você realmente é. — Tomei um gole do vinho enquanto o escutava e observava.

— E quem eu realmente sou, Gui?

— Uma Montenegro.

— *Argh!* Como se isso pudesse me definir de alguma maneira...

Deixei a conversa de lado e comi minha pizza imaginando o que Isadora diria ao me ver agora. O quanto isso iria parecer inadequado para ela e todas as suas boas maneiras.

— Vem para o meu colo, morena — Guilherme me chamou depois que terminamos, eu estava prestes a encher a minha taça novamente, mas ele me puxou antes que eu o fizesse. — Você não precisa beber para esquecer nada disso, para isso eu estou aqui. — Ele tirou sua camisa e me colocou de frente para ele. Uma perna em cada lado do seu quadril. O Avaí já tinha feito dois gols, ele não estava mais tão interessado no jogo e com um sorriso safado no rosto, ele foi subindo a minha blusa até que a arrancou completamente.

Por um instante, eu cheguei a pensar que ele beijaria meus seios, mas meu caubói apenas me agarrou mais apertado, grudando nossos corpos e beijou a minha boca com sofreguidão. O sabor do vinho o tornou ainda mais gostoso, minhas mãos logo percorreram os seus braços e as dele o meu bumbum.

Nós ficamos um tempo infinito apenas nos beijando, sentindo as reações do nosso corpo e isso apenas me deixou com mais vontade de rolar na cama com ele. Era estranho como tudo parecia tão certo quando estávamos assim, juntos, e quando eu o perdia de vista, todas as minhas dúvidas reapareciam.

— Eu preciso tanto de você, caubói... tanto... — admiti baixinho enquanto ele movia meu quadril contra o seu membro duro. — Não só dentro de mim, mas na minha vida também... — Eu o encarei ao dizer.

— Isso você já tem, morena... — Gui me empurrou contra o sofá e desabotoou meu short jeans, ficando louco ao ver minha calcinha.

Foi imprudente, eu sei, nós estávamos correndo o risco de sermos pego pela Sofia, mas foi um desejo tão irracional que nós não conseguimos parar. Transamos ali mesmo, agarradinhos um ao outro e controlando nossos gemidos para não fazer barulho.

Guilherme foi todo carinhoso depois que gozamos, voltando a me beijar e sussurrar palavras doces em meu ouvido. Meu caubói não fazia ideia de como mexia comigo quando dizia coisas assim para mim. Fomos para a cama juntos e ele passou a noite inteira me apertando em seus braços de uma maneira bem possessiva.

E eu gostei.

GUILHERME

Não voltei para o haras na manhã seguinte, já que tinha um compromisso na cidade logo cedo. Então acabei cedendo ao pedido dengoso da Sofia e prometi que eu mesmo a levaria à escola hoje.

Minha morena ainda estava trancada no quarto terminando de se arrumar enquanto eu tomava meu café da manhã. A noite passada tinha sido intensa à sua maneira, Mariana parecia enlouquecer sempre que fazíamos amor, para logo em seguida me implorar carinho apenas com o olhar.

Mesmo assim, eu sentia a sua agitação interna e o quanto sua cabeça estava confusa. Os sentimentos ainda embaralhados. Mas eu também sabia que ela estava viciada em mim, caso contrário a química não existiria, nem a saudade louca e a vontade de estar perto. Eu a conhecia como ninguém e a maneira como ela me olhava não era um olhar de quem sentia apenas desejo.

Com um sorriso no rosto, Mariana finalmente saiu do quarto e me beijou rapidamente, antes que Sofia aparecesse. Eu não tive tempo de reagir nem nada, porque só conseguia ver a maldita saia que ela vestia e que fazia sua bunda parecer ainda mais gostosa. Eu não podia acreditar que ela iria usar isso perto daquele desgraçado.

— Vem cá. — Eu a segurei pelo braço e a beijei profundamente. Esse sim era o beijo que eu queria dela todas as manhãs, pensei. — Troque essa saia, morena.

— O quê?

— Você sabe que tem uma bunda gostosa, não sabe? Mas, a partir do momento que você foi para a cama comigo, essa bunda se tornou minha. E eu não quero desgraçado nenhum de olho nela.

— Você está falando sério?

— Sim.

— O problema não é a saia, é? O problema é que você deve ter colocado na cabeça que o *desgraçado* em questão, vai me querer apenas porque eu a estou usando.

— E é isso que você quer? Que ele te queira? — Isso a deixou muda, e me encarando seriamente, ela se afastou e foi em direção ao quarto, comigo logo atrás dela.

— Eu vou trocar, mas não porque o que você disse é verdade... — Eu a empurrei contra a porta do banheiro e falei bem próximo ao seu rosto.

— Eu sou louco por você, isso você já sabe. E não vou mentir, eu sou ciumento *pra* caralho, com você então, esse sentimento triplica. Então, pode ter certeza de que terão momentos em que eu vou perder a cabeça e cometer erros...— Ela entreabriu a boca, um tanto ofegante pela pressão que eu estava fazendo, e eu fui deixando pequenos beijos em sua boca enquanto falava.

— Isso nunca vai funcionar se você não confiar em mim, caubói — ela murmurou.

— E você acha que eu não sei?

— A gente vai aprender a lidar com tudo isso, não é? Porque eu não quero ter esse tipo de relação, Gui.

— Também não é o que quero. — Afastei do seu rosto a mecha de cabelo solta enquanto sua boca gostosa se curvava em um sorriso malicioso.

— Ótimo... agora sente-se aí que eu... — Ela me empurrou até a cama, foi no *closet* rapidinho e voltou. — vou trocar a bendita saia e você vai assistir... sem o direito de me tocar.

Mariana parou na minha frente, deu uma reboladinha para que a saia deslizasse pelas suas pernas, se virou, pegou a outra e a subiu lentamente me dando uma visão deliciosa da sua bunda. Depois veio até mim e pediu com a voz mais sexy do mundo:

— Sobe o zíper para mim, caubói...

Capítulo 18

MARIANA

Alguns dias depois...

Abri um sorriso sonolento ao notar Guilherme em cima de mim. O safado estava me deixando completamente mal-acostumada ao me acordar toda manhã com esses beijos pelo meu corpo.

Meu caubói tinha deixado a barba crescer um pouco mais nos últimos dias e isso o deixou com uma carinha de menino mau, que me fazia ter vontade de pular em cima dele a todo momento.

Ele estava conseguindo vencer minha resistência aos pouquinhos, o que era um avanço e tanto, porque depois de todos esses anos sonhando com um futuro com o Henrique, não era fácil simplesmente esquecer tudo de uma hora para outra.

E por mais que eu tivesse um *zilhão* de motivos para tirá-lo da minha vida, desejar o Henrique de certa forma me manteve longe de outros relacionamentos, e de todo o sofrimento que vinha com eles. E agora, cá estou eu, abaixando a guarda e me entregando a um homem que significava o mundo para mim.

— Você faz isso para que eu passe o dia inteiro pensando em você, não faz? — eu murmurei com a mão enterrada em seu cabelo bagunçado.

— E funciona? — perguntou com um sorriso sacana no rosto.

— Hum-hum. É uma tática muito, muito boa, caubói... — Ainda sorrindo, ele se inclinou sobre mim e beijou minha boca ardentemente, entreabrindo meus lábios e deslizando sua língua de uma maneira que me fez ver estrelas.

— Se dependesse de mim e do tesão que eu tenho em você, eu não te deixaria sair dessa cama tão cedo. Faria amor com você o dia inteirinho... — Fazer amor... era isso que nós vínhamos fazendo?

— Nós estamos fazendo amor?

— Eu estou — ele respondeu bem sério. — Nunca foi sexo com você, morena. Isso aqui... é amor.

— Eu acho que... tenho que... me levantar, se não quiser me atrasar — falei aterrorizada. Ele

tinha praticamente dito que me amava e eu, claro que eu o amava, mas...

Em um movimento ele saiu de cima de mim, franzindo o cenho enquanto se levantava bruscamente. Eu fiquei mais alguns instantes na cama sem conseguir pensar em nada, sabendo que tinha acabado de meter os pés pelas mãos.

Acabou que não vi o momento em que Guilherme saiu do apartamento, e merda, isso me deixou com o coração na mão. Passei a manhã inteira pensando se ligaria ou não para ele, mas nada do que eu dissesse mudaria o fato de que eu não estava preparada para escutar aquilo.

Que eu amava o Guilherme, isso era inegável. Mas o tipo de amor que ele declarou, a maneira convicta com que disse, era muita responsabilidade... E isso me fez tremer na base, porque ainda era muito cedo para que eu soubesse o que realmente sentia.

Não consegui me concentrar em mais nada depois disso, fiquei com a sensação de que deveria ter dito qualquer coisa, menos ter *recuado* em um momento como aquele.

— Tem alguma coisa te incomodando? — Rachel perguntou depois que saímos do restaurante, cada uma com um sorvete na mão, e eu decidi que precisava me abrir com ela, caso contrário, sufocaria.

— Eu acho que fiz uma burrada essa manhã.

— Por que não me ligou? Eu poderia tê-la ajudado, Mari.

— Não, não tem nada a ver com a Montenegro... tem a ver comigo e com o Guilherme — falei, receosa.

— Guilherme e você?

— Sim, começou depois da festa, nós nos beijamos, ele disse que era louco por mim e eu já tinha percebido que também não conseguia tirá-lo da cabeça. Estava ficando cada dia mais difícil resistir, até que rolou e eu decidi nos dar uma chance.

— Isso é bom.

— Sim, é ótimo. Guilherme é, Deus, eu não tenho palavras para descrever o que aquele homem é, Rachel. Eu estou gamada nele... mas também estou confusa como o inferno.

— Não me diga que é por causa do Henrique...

— É, é por causa dele. Eu sei, bem lá no fundo, que o Henrique não vale nada e ainda tem o jeito horrível com que ele me tratou desde que eu cheguei, sabe? Eu sei disso tudo, mas ainda assim é difícil me desapegar da ideia que eu enfiei na cabeça. — Ela soltou um suspiro resignado.

— E qual foi a burrada que você cometeu?

— O que aconteceu é que o Gui praticamente disse que me amava, Rachel e... eu juro, foi incrível, só que eu me assustei, e, ao invés de dizer algo, eu simplesmente estraguei o momento.

— E ele?

— Não sei, foi embora antes que pudéssemos conversar. A questão é que preciso ir com calma, e o Guilherme é... intenso. Eu não acho que ele seja capaz de sentir ou se envolver menos, apenas porque eu não estou preparada.

— Sabe o que eu acho? Que, lá no fundo, você ainda espera pelo Henrique — ela disse enquanto terminava de comer a casquinha do seu sorvete. — E quer saber ainda mais? Enquanto você estiver dividida entre os dois, você e Guilherme nunca vão conseguir se entender. Ele te conhece, Mariana, sabe como sua cabeça funciona.

— É por isso que estou com medo, Rachel, mas eu também sou...

— Louca por ele? — Assenti, porque essa era a mais pura verdade. Eu era louca pelo meu caubói ciumento.

Depois que voltamos a Montenegro, a tarde pareceu não passar. Os minutos se arrastavam, o relógio não andava e eu digitei pelo menos umas vinte mensagens para o Guilherme, que acabei não enviando. Nós precisávamos conversar, mas tinha que ser olho no olho.

Como sempre fazia antes de ir embora, o Sr. Alberto me chamou em sua sala e nós tivemos uma rápida conversa.

— Eu sei que não é sua responsabilidade, mas minha secretária já saiu e eu estou atrasado. Será que você poderia deixar esses documentos com o Sr. Farias? — Alberto pediu, e eu estava mais do que disposta a fazer isso por ele, até que escutei o nome Farias.

Ele realmente queria que eu fosse até a sala do Henrique?

— Então? — ele insistiu, quando viu que eu não estava pegando os documentos em sua mão.

— Claro, sem problemas — menti.

Os passos que dei até a sala dele foram os mais longos da minha vida, eu estava rezando para que Marcos e Isadora não me pegassem, porque, por mais que eu estivesse fazendo apenas um favor ao Alberto, isso pareceria completamente errado aos olhos deles.

Bati na porta e quando percebi que ninguém atenderia, eu entrei sorrateiramente. Se eu fosse rápida e jogasse esses papéis em sua mesa, talvez eu conseguisse escapar ilesa.

Essa pelo menos era a minha intenção, mas ao me deparar com uma foto do Henrique junto com minha irmã em sua mesa, eu acabei sendo vencida pela curiosidade. Como sempre, os dois estavam perfeitos juntos, e Isadora quase parecia feliz. Quase.

— Essa foto foi tirada no dia do nosso noivado. — A voz sussurrada atrás de mim me fez soltar o porta-retratos assustada, o vidro se espalhando por todo o chão. — É claro que você tinha que fazer isso...

— Não foi de propósito! — me defendi.

— Sério? Vai me dizer agora que não sente nem um pouco de inveja da sua irmã? Que não gostaria de estar no lugar dela? — ele falou perto demais, me deixando desconfortável.

— Não! — falei e tentei sair dali, mas ele me segurava.

— O que você veio fazer aqui? — perguntou, severamente olhando para a sua mesa à procura de alguma coisa.

— O Alberto pediu que eu viesse te trazer alguns documentos, eu os deixei em cima da...

— Então agora você presta serviços de secretária? Estou realmente impressionado. — O problema era dele se ele estava ou não impressionado, eu só queria sair da sua sala. E foi o que eu teria feito se ele não tivesse se recusado a me soltar.

— Nunca mais entre aqui sem a minha permissão. — Eu parei de tentar liberar meu braço do seu controle quando percebi que isso o divertia. — Entendeu?

— Não é algo que eu queira repetir — respondi nervosa ao ver o brilho selvagem em seus olhos.

— Tem certeza? — Henrique levantou a mão, me fazendo encolher, mas tudo o que ele queria era acariciar meu rosto. Prendi minha respiração sabendo qual era o seu jogo, só que agora eu não estava mais disposta a jogar. Não quando eu sabia que seria a única a sair queimada.

— Te-tenho, agora me solte ou eu vou começar a gritar — ameacei.

— Pode gritar, sua tola. Um pio mais alto que você der e eu consigo com que Marcos te expulse do país novamente — ele falou enquanto me devorava com o olhar, percorrendo intensamente a minha boca e a pele exposta do meu pescoço.

— Eu pensei que você me quisesse longe, Henrique — falei confusa, porque para alguém que me queria do outro lado do mundo, ele vinha se comportando de uma maneira muito estranha.

— E eu quero, não se engane, mas isso não me impede de querer me divertir um pouco antes.

— Realmente? — indaguei na defensiva, escondendo minha agitação interna e não acreditando no que ele tinha acabado de dizer. — Não foi você mesmo quem me aconselhou a parar de me humilhar? Então, agora sou eu que me recuso a ser a sua distração enquanto você está às vias de se casar com aquela pedra de gelo frígida! — Meu comentário o pegou de surpresa

— Eu duvido — retrucou com uma pretensão que me irritou. — Tenho certeza de que se eu realmente quisesse, já teria te fodido contra essa mesa da mesma maneira como fiz naquele estábulo, garota. Umas palavrinhas sacanas e você já teria aberto as pernas para mim... — Foi mais forte do que eu, um ato impensado do qual ele com certeza faria com que eu me arrependesse, mas eu senti um prazer absolutamente incrível ao escutar o estalo da minha mão em seu rosto. Mesmo que, por dentro... eu estivesse tremendo. Permiti que a raiva se misturasse a outros sentimentos, dos quais eu me recusava a dar nome.

— Você me paga! — Henrique segurou meu pulso, o apertando de propósito e me empurrou contra a quina da mesa, até que eu estivesse presa... com ele pressionando seu corpo no meu.

Não havia mais distância nenhuma entre nós dois e respirar se tornou realmente difícil.

— Você não tem como me atingir, Henrique, eu já perdi tanto por sua causa — desabafei dolorosamente. — Mas eu juro que, se você tentar envenenar o Marcos contra mim, eu conto a todo mundo que nós temos uma filha. Eu acabo com essa farsa de casamento antes mesmo que ele

aconteça!

— Você não é nem louca, porra! — ele rosnou alterado e, dessa vez, eu fui a única a rir.

— Eu posso até ter voltado por sua causa, mas chega. Tudo que eu fiz foi perder meu tempo amando alguém que não passa de um cretino!

— Não se esqueça que o cretino aqui é o pai da sua filha.

— E agora você se importa com isso?

— Eu posso passar a me importar, o que acha? Isadora e eu poderíamos, inclusive, não sei, lutar pela guarda definitiva dessa criança, qualquer juiz ficaria do nosso lado.

— Seu filho da puta! — eu gritei e o ataquei, mas dessa vez ele me impediu antes que eu encostasse um dedo sequer nele. — Você não se atreveria, Sofia é minha!

— Eu acho melhor você se controlar — ele murmurou em uma calma fingida, com o hálito quente diretamente em meu ouvido. — Porque eu já te avisei que não estou para brincadeira, Mariana. Não me obrigue a tomar decisões que eu não quero.

Eu afastei meu rosto e o encarei vermelha de raiva, o sangue fervendo. Ele era um miserável por sequer cogitar a ideia de me tirar a Soff. Eu nunca permitiria algo assim, nunca.

Aturdida demais para me dar conta, eu não reagi quando ele subiu sua mão pela minha cintura, minha cabeça ainda estava a mil por conta da sua ameaça. Só a ideia de perder minha filha já me deixava em pânico.

— Me deixe sair — eu pedi, já certa de que seria inútil. O sorriso cínico dele me dizia o quanto ele gostava das nossas discussões.

— Está mais calma agora?

— Como você quer que eu esteja calma?

— Foi você quem me provocou, eu só estou te avisando porque não quero ter que recorrer a isso, mas se você me irritar, eu não vou pensar duas vezes.

— Eu... eu te odeio! — gritei em meio ao desespero tentando empurrá-lo com as mãos. Mas ele era alto e tinha o corpo forte... Seria impossível.

— Claro que odeia — Henrique sussurrou, a boca a poucos centímetros da minha.

Seu olhar predatório capturou o meu e eu percebi o que ele estava prestes a fazer... Eu só não sabia como isso iria terminar dessa vez, porque eu estava completamente encurralada em mais de um sentido.

GUILHERME

— Quem foi que autorizou a vacinação nos potros? Eu não avisei que era para esperar mais alguns dias? — perguntei nervoso aos funcionários da equipe da Ellen. Se ela tivesse tomado essa decisão sem me consultar, ela ouviria, porque da última vez, antecipar as vacinas quase me custou um dos potros do meu melhor Mangalarga.

Com receio, nenhum dos homens respondeu e eu fui até a sede, onde eu a tinha deixado organizando as listas de todos os medicamentos e equipamentos que ela precisaria para os próximos meses.

— Parece que alguém acordou com o pé esquerdo essa manhã... — Ellen insinuou assim que me viu, e convenhamos, ela não poderia estar mais certa.

Ver Mariana recuando daquela forma depois do que eu disse foi pior do que um balde de água fria, porra. Ela queria ir devagar, tudo bem, mas eu não estava disposto a fingir nada, ela sabia das consequências ao se envolver comigo.

— Foi você quem autorizou a vacinação?

— Sim, você anda tão aéreo ultimamente que eu fiquei preocupada de esquecer os prazos...

— Não volte a fazer isso, Ellen, você sabe muito bem quais são as suas obrigações aqui no haras... Tomar decisões sem me consultar não é uma delas!

— Ei, não aconteceu nada. Eles estão bem, você que parece péssimo. Não vai me dizer que a lua de mel entre vocês dois já esfriou?

Nervoso, eu me aproximei da mesa onde ela trabalhava com seu *notebook* aberto e coloquei as palmas da minha mão, uma de cada lado da madeira bruta, e a encarei sério.

— Quantas vezes eu vou precisar dizer que você não tem absolutamente nada a ver com a minha vida?

— Eu só quis... — ela não conseguiu terminar.

— Pois não queira! E não volte a se intrometer na minha vida pessoal porque eu não vou permitir — rosnei, perdendo o controle e lhe dando as costas sem mais paciência para as suas provocações. Meu pai dava confiança demais a ela e isso estava deixando-a com a falsa impressão de que podia falar e fazer o que bem quisesse. Mas não era ele quem comandava isso aqui.

Voltei até o escritório e encontrei meu pai à minha espera, ele costumava aparecer uma vez ou outra para conferir o andamento das coisas, mas evitava se intrometer em minhas decisões.

— Deu para escutar daqui a discussão, filho, não acha que exagerou um pouco?

— Não, o senhor teria feito a mesma coisa se algum funcionário passasse por cima da sua autoridade. Então, não a defenda.

— Ela só está tentando mostrar que pode cuidar desse lugar sem que você precise se envolver em tudo. Não julgue a menina, filho...

— Ellen já não é mais nenhuma menina, pai.

— Que bom que você percebeu, talvez, se você prestasse um pouco mais de atenção, veria que ela é mais do que capaz de te ajudar a arrancar a Mariana da cabeça, Guilherme. Olha o seu estado, você passou o dia inteiro nervoso, descontando sua raiva em quem não tem nada a ver com os seus problemas.

Fui obrigado a respirar fundo e me sentar, no fundo ele estava certo. Eu estava uma pilha de nervos e tudo porque amava uma mulher que estava dividida entre dois homens.

HENRIQUE

O cheiro da Mariana havia ficado na sala e eu ainda podia senti-lo em mim, no meu terno e em minhas mãos... mesmo depois dela ter escapado afugentada. Confesso que eu nunca a vi tão assustada em toda a minha vida como no momento em que ela se deu conta do que estávamos fazendo.

E nem quando Isadora entrou na minha sala algum tempo depois, dizendo estar pronta para ir embora, eu consegui tirar aquela *bruxinha* da cabeça. Ela não tinha a porra de juízo nenhum, mas eu descobri que gostava disso.

— O que aconteceu com o meu porta-retratos? — Isa perguntou sem mostrar nenhuma reação e eu expliquei a visita da sua irmã a ela. Eu percebi que contar metade da verdade era muito mais seguro do que encobrir o que realmente acontecia, e era assim que eu agia com ela. — Então, foi ela quem fez isso?

— Ela disse que foi sem querer, Isa.

— E você acreditou? Eu não entendo o que Mariana quer, sabe? Como ela pode continuar se insinuando para você, estando com aquele fazendeiro xucro? — O quê?

— Estando em que sentido, Isadora? — perguntei sem paciência.

— No sentido de estarem juntos, Henrique. Marcos descobriu que eles viajaram juntos, sozinhos, sem a pirralha. Ela não atendia as suas ligações e ele acabou telefonando para o haras para saber o que estava acontecendo, mas pouco me importa com quem ela dorme desde que não banque a ordinária e...

Então, o maldito fazendeiro tinha finalmente conseguido levá-la para a cama? Foi por isso que ela fugiu daquela maneira... uma pena que tarde demais.

Bom, isso tornava o jogo um pouco mais interessante agora.

Capítulo 19

MARIANA

Foi a última vez. Eu nunca mais deixaria que isso acontecesse. Nunca. Repeti com repulsa para mim mesma enquanto esfregava meu corpo com força sob o chuveiro.

Eu não queria rastros dele em mim. Eu não queria nada, pensei amarga.

Fechei os olhos tentando me acalmar, mas minha consciência não deixava. Tudo em que eu conseguia pensar era no meu caubói, e em como eu tinha ferrado com tudo desde o momento em que acordei essa manhã.

Deixei que as lágrimas se misturassem a água que caía, sabendo que eu precisava sair desse chuveiro antes que Sofia viesse me procurar e me encontrasse assim.

Evitei olhar diretamente no espelho ao me enrolar na toalha de banho, sem querer encarar a mulher refletida nele. Eu tinha sido... Deus, eu acho que não tinha palavras para descrever o que eu tinha sido.

A única coisa que eu sabia é que nada, nada daquilo voltaria a acontecer. Porque eu nunca, em toda a minha vida, senti tanto nojo de mim mesma.

Eu tinha estragado tudo, em uma proporção sem igual, e não tinha a menor ideia do que fazer. Guilherme nunca me perdoaria se eu contasse, e agora eu estava dividida entre abrir o jogo e perder o meu melhor amigo, o homem que me amava e por quem eu era louca, e omitir tudo enquanto tentava consertar meus erros sozinha, sem magoar ninguém além de mim.

Sem notícias dele, vesti uma das suas velhas camisetas, sem cabeça até mesmo para secar o cabelo e voltei à sala, onde tinha deixado Soff assistindo TV e me sentei ao seu lado.

Meu anjinho veio no mesmo instante para o meu colo, deitando a cabecinha em minhas pernas, os olhos vidrados no desenho que ela assistia.

— Ele é tão bobo, mamãe, não é? — ela disse e deu uma risada gostosa, achando graça da esponja amarela que fritava hambúrgueres.

— Ele é — respondi com o pensamento longe enquanto acariciava seu cabelo.

Sofia adormeceu depois de assistir a mais dois episódios do desenho, e eu a levei para a minha cama, odiando a ideia de dormir sozinha pela primeira vez em dias.

Deus, eu precisava ver o Guilherme, e logo, porque o nó preso na minha garganta crescia a cada segundo que passava. Era como se eu tivesse um buraco bem no meio do meu coração. E eu era a única culpada.

Peguei meu celular antes de ir me deitar, afastando o sentimento ruim de dentro de mim e finalmente tomei coragem.

Eu preciso de você aqui comigo, caubói.

Levou apenas alguns segundos para ter uma resposta de volta, mas foi o bastante para fazer meu coração disparar.

Nós precisamos conversar.

Só isso? Nós precisamos conversar?

Na manhã seguinte, logo cedo, meu coração quase saltou pela boca quando eu recebi outra mensagem do Guilherme me avisando que viria à cidade e pedindo para que eu o encontrasse no apartamento no meu horário de almoço, para que pudéssemos conversar com mais privacidade.

Fiquei uma pilha, agitada e sem conseguir me concentrar em mais nada depois disso. Cada vez que a porta da minha sala se abria eu levava um susto, imaginando o pior. Eu estava tentando não lembrar que o dia de ontem existiu, desde as ameaças do Henrique em relação a minha filha até...

Esqueça isso, Mariana, nada aconteceu, nada... Repeti mais uma vez, tentando me convencer inutilmente.

— Então é aqui que Marcos te enfiou — Isadora falou, me pegando desprevenida ao entrar na minha sala sem nem ao menos se dar o trabalho de bater antes.

— Que eu me lembre, você não foi convidada a entrar.

— Eu sei... mas precisava conversar uma coisinha com você — ela falou, inspecionando o lugar. — Henrique me contou sobre a sua visita ontem, o porta-retratos quebrado. Enfim, sobre mais uma das suas tentativas patéticas de se insinuar para ele.

— Eu não fiz isso!

— Não mesmo? Por que será que eu não acredito em você?

— Eu não tenho porque me explicar a você, Isadora, mas estou falando sério. — Eu não tinha

ido lá para dar em cima dele, isso era verdade e o que aconteceu foi apenas... uma loucura.

— Pouco me importa, sabe? O papel que você faz é ridículo de qualquer maneira, mas se o Henrique quiser... fazer qualquer coisa que seja com você, saiba que você não vai passar de um joguinho sem importância para ele. Porque se tem uma coisa que eu tenho certeza nessa vida, é que nada vai fazer com que ele desista do nosso casamento.

— Como você consegue ser tão fria?

— Da mesma forma que você consegue ser vadia. — Eu ignorei o insulto e engoli em seco, me perguntando o que mais Henrique teria contado. — Bom. — Ela se recompôs, assumindo a máscara indiferente. — Acho que já falei tudo o que eu precisava. Eu espero que você tenha um excelente dia, irmã... — A palavra *irmã* saiu carregada de deboche, e eu me rendi completamente exausta, sem cabeça para lidar com as provocações dela essa manhã.

Quando Isadora saiu, eu notei que minhas mãos tremiam. Olhei a sala em volta de mim e senti como se ela estivesse se fechando ao meu redor enquanto a voz do Henrique ressoava em minha cabeça como um lembrete da pessoa horrível que eu era.

— *Eu sei que você está gostando, Mariana...*

GUILHERME

Cheguei ao apartamento logo depois de passar em um restaurante no caminho para pegar o nosso almoço, e antes mesmo da Mariana.

Com a cabeça cheia por ter passado a noite em claro repassando os últimos dias, desde a viagem até os nossos momentos na cama, eu cheguei à conclusão de que vencer as barreiras que Mariana erguia, até mesmo sem perceber, exigiria mais autocontrole da minha parte.

O problema era que desde que eu estive dentro dela, pele com pele, suor com suor... eu estava sendo dominado pelo maldito ciúme, movido pelo desejo de tê-la unicamente para mim, e odiando saber que ela ainda não estava pronta para o *mais* que eu queria dar a ela.

Até porque, isso só aconteceria quando aquele desgraçado, filho da puta, estivesse longe da sua cabeça.

Poucos minutos depois, quando Mariana entrou no apartamento, eu não pude deixar de encará-la. Não tinha jeito, caralho! Essa mulher seria a minha perdição, e eu me dei conta de que não dava a mínima se iria ou não quebrar a cara no final. Porque nada me faria desistir dela.

— Eu sinto muito se reagi daquela maneira, caubói. Eu fiquei tão assustada... — Mari começou a se explicar, mas eu logo percebi que tinha alguma coisa muito errada com ela. Seus olhos estavam fundos e cansados, ela parecia estar exausta, quase doente.

— O que você tem? — Mari me olhou receosa, até que disse.

— Nada eu... só tive uma noite péssima, não conseguia parar de pensar na gente, no que eu fiz...

— Morena. — Eu fui até ela e tentei acalmá-la, estranhando o tom avermelhado em seu pescoço e braços. — Talvez eu tenha forçado a barra, eu sei disso. Mas eu não posso retirar nada do que disse. Essa é a maneira como eu me sinto, não vou fingir que não te amo ou que não te desejo, apenas porque você ainda sente medo de se entregar para mim.

— Eu não quero que você finja que... não me ama.

— Bom, porque eu não vou com calma. Nós somos adultos, não temos por que esconder que queremos ficar juntos, entendeu? — Ela assentiu perturbada. — Eu preciso dessa certeza, morena, preciso que todos saibam que você é minha. Me dê isso.

Eu me inclinei, roçando o polegar em seus lábios que foram se abrindo ao redor do meu dedo. E, mais uma vez, eu me vi hipnotizado por aquela boca carnuda e por aqueles olhos feiticeiros.

Sem muita paciência, eu a puxei para os meus braços e a beijei, ela estava reticente a princípio, mas por fim acabou se entregando ardentemente, com uma avidez que beirava a loucura. E quando ela sussurrou exatamente o que eu queria escutar — *Nós não vamos mais nos esconder, caubói...* — eu não consegui me controlar.

Meus dedos subiram impacientes o seu vestido pelo quadril, exibindo uma das tantas calcinhas que me tiravam do sério. E bem lentamente, eu me desfiz do pequeno tecido e a empurrei até a parede, de costas para mim.

— Coloque as mãos para cima, morena, e se prepare — sussurrei rouco atrás dela. Mari fez o que pedi enquanto eu abria o zíper da minha calça e apreciava a visão daquela bunda redonda virada para mim. Quando me vi livre, o pau duro em minha mão, eu pressionei meu corpo no dela, sem penetrá-la, e puxei seu cabelo de uma só vez, o tesão batendo forte.

— Diz para mim a quem essa boceta gulosa pertence, morena, eu só vou te comer se te ouvir dizer — disse, e fui alternando mordidas pelos seus ombros e costas. Ela, com certeza, teria que esconder isso depois, pensei, gostando da ideia dela vestindo algo um pouco menos provocante para voltar ao trabalho.

— A você, caubói.

— Você sabe o que isso significa, não sabe? — continuei. — Que eu sou o único que pode te comer, se outro homem tocar no que é meu, caralho... — Eu a penetrei nesse momento, fazendo-a jogar a cabeça para trás alucinada e arquear o corpo, me permitindo ir mais fundo.

Depois disso, eu perdi completamente a cabeça e a comi com tanta vontade, que no final nós dois estávamos exauridos. Minha morena não tinha sequer forças para se manter em pé e veio para o meu colo, se embolando como um animalzinho em busca de carinho, os olhos fixos nos meus e sussurrando repetidas vezes que *sentia muito*.

— Shhh, morena, está tudo bem agora. — Emaranhei meus dedos em seu cabelo bagunçado. — Nós já conversamos sobre isso e eu acabei de te comer gostoso. Então, apenas esqueça.

HENRIQUE

Entrei na sala de reuniões e Isadora e Marcos já estavam à minha espera. O *todo-poderoso* tinha pedido uma maldita reunião de última hora sem nem ao menos explicar o motivo. Se bem que eu podia imaginar o assunto.

— Do que se trata essa reunião? — perguntei por perguntar, assim que me sentei ao lado da Isadora, que tinha o olhar distante.

— Eu não sei. Marcos disse que só iria começar quando todos estivessem presentes — ela respondeu e se virou para o irmão. — Acho que podemos começar agora, não?

Pelo visto seria uma daquelas reuniões sigilosas, já que apenas nós dois tínhamos sido chamados. O que de certa forma era um hábito quando Marcos tinha que tomar uma decisão e não queria envolver o conselho administrativo no meio.

— Ainda falta alguém — ele disse bastante sério e voltou a sua atenção para o seu *iPad*.

Instantes depois, a Mariana entrou na sala, nitidamente ofegante. A *bruxinha* também tinha sido convidada para a festa?

— O que ela está fazendo aqui, Marcos? Eu pensei que fosse uma reunião privada — Isadora logo se alterou. — Ela nem ao menos sabe o que acontece dentro dessa empresa!

— Ela pode não saber ainda, Isadora, mas merece estar aqui tanto quanto você. Além disso, quanto antes ela começar a se envolver com esses assuntos, melhor — Marcos intercedeu pela irmã mais nova, me deixando confuso.

Movimentei-me inquieto na cadeira, sem conseguir tirar os olhos de cima dela, que se negou veemente a olhar na minha direção.

Foi só quando a mão da Isadora tocou a minha, em uma mensagem clara de posse, que eu percebi que estava deixando meu interesse óbvio demais.

— Desculpe o atraso, o Alberto me parou no corredor e começou a falar...

— Sem problemas — Marcos disse simplesmente e eu me perguntei que porra estava acontecendo aqui para ele tratá-la dessa maneira. — O assunto que eu tenho para discutir com vocês não é do mais agradável, eu passei os últimos dias junto ao contador dessa empresa revisando todos os contratos dos dois últimos anos, procurando por falhas e tentando descobrir por que as contas de alguns contratos não vinham fechando. — Bingo! — A princípio eu pensei que fosse algum erro vindo direto da contabilidade, mas juntando todos os pequenos *deslizes*, nós encontramos um rombo de quase quatro milhões de reais.

— Você não pode estar falando sério — Isadora falou agitada. — Como ninguém percebeu isso antes, Marcos?

— Porque, acredite se quiser, não há rastros. Nós buscamos por falhas, qualquer pista, mas não

há absolutamente nada que nos ligue a quem está nos roubando.

Encarei Marcos, imaginando o que se passava em sua cabeça. Nós já tínhamos conversado sobre esse assunto por alto, sem entrar em muitos detalhes, mas ele chegou a me confidenciar que eram poucas as pessoas que tinham poder para isso aqui dentro da Montenegro.

— Eu conversei com uma equipe de TI de fora e eles me aconselharam a esperar o ladrão agir novamente, e assim que um dos sistemas daqui de dentro realizar algum tipo de transferência indevida ou suspeita, eu serei alertado imediatamente — ele explicou enquanto eu tentava assimilar o perigo de ter alguém rastreando os computadores.

— E se esse ladrão não voltar a agir? — perguntei.

— Então nós encontraremos outro jeito de chegar até ele, o que não vai acontecer é eu aceitar ser roubado bem debaixo do meu nariz. Quem for que estiver fazendo isso, vai pagar!

Balancei a cabeça despreocupado e encontrei dois grandes olhos verdes me encarando com raiva. Imaginei que se o que Isadora me contou fosse mesmo verdade, ela provavelmente estaria se remoendo de culpa...

— E você tem algum suspeito, Marcos? — Claro que a minha *bruxinha* tinha que abrir a boca.

— Não.

Sua resposta fez Isadora descruzar as pernas ainda mais agitada. Assim como era para o irmão, essa empresa significava tudo para ela.

— Avise a Mariana, Marcos, que o que ela acabou de escutar aqui, tem que permanecer aqui. Porque se essa notícia se espalhar e aquela amiguinha dela der com a língua nos dentes novamente...

— Pode ficar despreocupada que eu não direi nada, e ponho minhas mãos no fogo que mesmo se essa notícia chegasse até a Rachel, ela seria incapaz de fazer algo assim. Ela é apaixonada pelo que faz e totalmente leal ao meu irmão.

Claro que era, ela era paga para ser...

— E você descobriu isso tudo em quê? Uma semana? — Isadora retrucou.

— É esperar muito que você entenda o que é amizade, Isadora. Para falar a verdade, é esperar muito que você tenha sequer algum sentimento aí dentro desse seu coração frio!

Um silêncio incômodo tomou conta da sala, Isadora a encarou como se quisesse esganar a irmã, mas se manteve perfeitamente em seu lugar. Impassível.

— Acabaram, ou vocês duas ainda irão me fazer perder tempo com bobagens? — Marcos se levantou impaciente, atraindo a atenção das duas.

No final da conversa ele acabou pedindo para que cooperássemos com a investigação e que repassássemos a ele qualquer atividade suspeita entre os funcionários que trabalhavam em nossos setores. Ele não acreditava que quem quer que estivesse comandando isso, estava sozinho.

Isadora foi a primeira a sair, seguida pelo Marcos. Os dois conversando agitadamente. Fiquei

para trás com um único propósito, dar uma boa olhada no traseiro da *bruxinha*... Essas roupas que ela usava vinham me tirando o sono, merda.

Aproveitei a distração dos dois mais à frente e fiquei lado a lado com ela.

— Desde quando você e aquele fazendeiro maldito estão juntos? — Ela me olhou assustada e sussurrou um quase inaudível - *Isso não é da sua conta* - pronta para se afastar, mas eu a impedi no último minuto.

— Eu acho que depois do que aconteceu ontem, é da minha conta sim — disse, deixando-a de boca aberta e segui em direção à minha sala.

Me desfiz da gravata assim que entrei em meu apartamento algumas horas depois, a dor insistente em minha cabeça atacando novamente. Isadora, que até então tinha apenas sibilado algumas palavras, deixou sua bolsa sobre o sofá de couro escuro e cruzou os braços, andando irritantemente de um lado para o outro.

Ignorei o seu nervosismo a princípio, e me servi de uma dose forte de uísque, desejando que a bebida pudesse afastar os pensamentos nada inocentes que eu estava tendo com a sua irmã desde o dia anterior.

— Ainda preocupada?

— Eu só estou tentando imaginar quem poderia estar fazendo isso, Henrique. E como aqueles incompetentes não se deram conta antes?

Não querendo discutir o assunto, eu terminei minha bebida em uma só golada e fui até ela. Isadora usava um vestido cinza acinturado, que contornava seu corpo discretamente. Em outra vida, se ela quisesse, poderia muito bem se passar por uma modelo, a sua austeridade, arrogância... Ela era linda, e a fragilidade do seu corpo esguio fazia um contraste interessante com a sua personalidade forte.

— Eu não quero falar sobre isso agora, Isa — murmurei e deixei que minha mão percorresse a lateral do seu seio sob o vestido, o polegar acariciando diretamente o ponto em que seu mamilo estava. — Por que não fica nua para mim?

Ela me olhou como se eu estivesse dizendo algum absurdo e se afastou.

— Não estou com cabeça para isso hoje, Henrique. Não depois daquela reunião, além disso... — Seu olhar se estreitou. — Eu estive com a Mariana essa manhã, e acredita que ela teve a cara de pau de negar que se insinuou para você? — Merda! — Tudo o que sei, é que eu não a quero no nosso casamento, você me prometeu que daria um jeito nessa situação e até agora nada. E para piorar, o Marcos parece estar encantado por aquela... criança. Você sabe como ele é quando se trata de família.

Eu sabia, mas em nenhum momento eu imaginei que ele se afeiçoaria a menina. Isso só

dificultava tudo.

— Quanto a Mariana eu não quero que se preocupe, Isadora, já a menina... Bom, eu andei pensando, e se nós tentássemos conversar com um advogado, e talvez convencer o Marcos a nos apoiar a...

— Nunca, que isso nem passe pela sua cabeça! Porque eu nunca vou aceitar a filha dela na minha casa. Eu não sou a minha...

— Sua mãe? Por que não admite logo, você sabe que pode confiar em mim. Sempre pôde. — Eu acariciei seu rosto sério e forcei um beijo.

Foi quente, sempre era quando ela se rendia. Mas mesmo assim não teve o desejo desenfreado ou aquela necessidade louca.

— Isso não pode sair daqui, Henri... — ela sussurrou entre um beijo e outro. — Se Marcos descobre que você sabe, ele vai saber que fui eu... — Eu a calei em definitivo, sorrindo por dentro.

Então era verdade. A *bruxinha* era uma bastarda.

Capítulo 20

MARIANA

Acordei no meio da madrugada e não consegui dormir novamente, Guilherme estava deitado ao meu lado, seu braço em volta da minha cintura em um aperto agradável, mas nem o som pesado da sua respiração em meu ouvido conseguiu me acalmar, como normalmente fazia.

Era impossível olhar para ele e não pensar no que eu tinha feito. No quanto eu tinha sido idiota. E pensar que a única coisa que me impediu de contar tudo essa manhã, quando nos encontramos para conversar, foi o medo absurdo de perdê-lo.

Porque eu tinha certeza de que não seria só o meu melhor amigo que eu perderia. Eu perderia também o homem do qual eu nunca consegui ficar sem, o que me fez rir até mesmo nos piores momentos da minha vida, o homem que cuidou de mim e da minha filha quando nenhuma outra pessoa o fez.

E agora... que eu sabia que poderíamos ser mais, que ele se encaixava na minha vida e no meu corpo de uma maneira que eu nunca imaginei ser possível, eu simplesmente não queria ficar sem ele. Isso me tornava uma covarde? Me perguntei, ciente de que não obteria resposta alguma.

Uma ou duas pequenas lágrimas desceram pelo meu rosto, e eu fechei os olhos com força para evitar cair no choro e o acordar. Com o coração irrequieto, eu me levantei lentamente, afastando seu braço e saindo da cama sorrateiramente.

Cheguei à sala e a escuridão me deu boas-vindas, pensei em abrir uma garrafa de *Merlot*, um dos vinhos tintos da Montenegro, e tomar uma taça ou duas, mas isso não apagaria meus erros.

Então, eu apenas me embolei no sofá, e chorei.

A princípio pensei se tratar de um sonho, mas o cheiro masculino do meu caubói invadiu os meus sentidos, fazendo-me despertar em seu colo. Meu rosto estava colado em seu peito nu, e eu pude sentir o frescor do seu sabonete misturado a sua essência...

Abri os olhos ainda na escuridão da sala, e me vi sendo carregada de volta para o quarto. Gui me deitou na cama, me encarando através da iluminação fraca que vinha da noite. Seu semblante

sério me fez encolher na cama, não por medo, mas pelo desgaste emocional que eu estava sentindo.

— Por que foi para a sala, morena? O que está acontecendo? — ele perguntou preocupado, a confusão estampada em seu rosto.

— O quanto você me ama? — murmurei insegura, fugindo da sua resposta. Fazendo-o se inclinar na minha direção e segurar meu rosto, com uma firmeza estranhamente suave.

— Por que isso agora?

— Não sei, eu acho que só não quero que você acorde um dia e perceba que o que sente por mim não é amor, caubói. Que você se enganou por todos esses anos... — Ele balançou a cabeça com um sorriso confiante no rosto. — Tenho medo de que você me veja como eu realmente sou, e não me queira mais.

— Mariana, me escute. Eu sou um homem de vinte e oito anos que te conhece desde que você era uma pirralhinha teimosa querendo aprender a montar. — Guilherme me deu um beijo carinhoso e continuou a falar: — Sei que você é impulsiva, que comete erros, que é movida pelas paixões que sente. E que na maior parte do tempo, você não mede as consequências das coisas que faz. — Revirei os olhos. — Mas também sei que é determinada, leal, que luta pelas coisas que deseja e que é uma mãe maravilhosa para a Sofia. Você tem esse sorriso malicioso, esse olhar que deixa qualquer homem louco. E eu gosto disso. Gosto do fogo que você tem pela vida, do quanto você é intensa e despudorada. Então sim, morena, eu acho que sei quem você realmente é. E não tenho ilusões quanto ao que eu sinto. Nunca tive — ele me assegurou e me beijou novamente, dessa vez mais intensamente, fazendo-me esquecer meus receios e culpa.

Guilherme e eu fizemos amor mais uma vez, o toque dele cobrindo os rastros das áreas vermelhas causadas por mim mesma em minha pele. Me entreguei completamente a ele, deixando aflorar todos os meus sentimentos mais profundos.

Eram em momentos como estes, com Guilherme se movendo contra o meu corpo e me beijando loucamente, que eu me sentia parte dele.

— Ei... você está chorando? — ele murmurou, ainda dentro de mim e afastou as lágrimas do meu rosto, me olhando com uma devoção que eu não merecia. E lá no fundo essa era a verdade, não era?

— Só me beije, caubói... — sussurrei de volta, e isso foi exatamente o que ele fez, com seu corpo inchando dentro de mim de uma maneira alucinante, me levando para um lugar que era só nosso.

Foi só na manhã seguinte que eu me dei conta do quanto nosso sexo tinha sido intenso, meu corpo estava dolorosamente satisfeito e eu sorri ao lembrar das suas palavras. Me virei, procurando por ele do outro lado da cama, e o encontrei me observando.

— Vai me dizer agora o que é que está te perturbando, morena? — ele perguntou baixo, traçando a pele sensível da minha nuca. — Você chorou quando estávamos fazendo...

Eu o calei com o dedo, pensando seriamente em dizer toda a verdade logo, e acabar com esse tormento, mas ao olhar dentro dos seus olhos, eu perdi a coragem.

Então contei apenas o que eu podia.

— Promete não surtar? — perguntei primeiro, e ele assentiu. — Henrique e eu discutimos e ele insinuou que quer a guarda da Soff, Guilherme — falei pausadamente e o senti ficar tenso quase que de imediato, seu corpo musculoso enrijecendo a olhos vistos.

— Quando foi isso? — Sua voz saiu grave.

— Anteontem... no escritório. Eu não tenho certeza se ele falou sério ou não, mas isso me deixou aterrorizada.

— Nenhum juiz, em sã consciência, deixaria isso acontecer.

— Eu não sei, Gui, se ele tentar e Isadora ficar ao lado dele, eu não terei chance alguma. Eles estariam casados e...

— Você precisa consultar um advogado, Mariana.

— Eu sei, já até procurei por alguns quando cheguei em casa ontem e encontrei um muito bom, eu só tenho que agendar um horário.

Eu tinha encontrado um excelente advogado da vara de família, muito bem indicado e respeitado na área. Porque se Henrique fosse mesmo tentar fazer algo assim, eu queria estar preparada.

Nos encaramos por um tempo, Gui parecia estar pensando bem antes de dizer qualquer coisa, e eu me sentei na cama, puxando meu cabelo em um coque alto e me tampando com o lençol que nos cobria.

— Por que vocês discutiram?

— Porque o diretor do meu setor pediu que eu fosse entregar alguns documentos a ele, eu queria ter negado, Gui, mas sei que ele pensaria que eu estava sendo esnobe por não querer fazer um serviço que não era meu, então eu fui e Henrique ficou furioso porque eu entrei na sua sala quando ele não estava lá...

— O cara é um filho da puta.

— Eu sei — murmurei envergonhada. — Eu sei.

Pior era que ele era um filho da puta, e eu uma idiota por ter me deixado levar... Só que naquele dia, enquanto estávamos emaranhados um no outro, eu fui me dando conta da diferença entre os dois homens por quem eu estava envolvida, e descobri que não gostava da maneira como Henrique me fazia sentir.

Eu não queria mais ser aquela mulher em que eu me transformava quando estava perto dele.

Se levantando também, Guilherme saiu da cama completamente pelado, sem se preocupar com sua nudez. Ele sempre pareceu confortável com seu corpo e agora eu entendia o porquê.

— Eu acho que ele blefou, o desgraçado queria apenas te desestabilizar, tenho certeza. — Você não faz ideia, pensei. — Além disso, sua irmã nunca aceitaria algo assim, todos ficariam sabendo sobre vocês dois, e isso, ao que me parece, é a última coisa que o Marcos quer — ele falou, e suas

palavras realmente fizeram sentido. Isadora nunca aceitaria uma humilhação como essa. A menos que ela quisesse me ferir.

Meu caubói vestiu a *boxer* que pegou no gaveteiro e subiu na cama, ficando frente a frente comigo.

— Foi só isso o que aconteceu, ou tem mais alguma coisa que eu precise saber? — sua pergunta foi inesperada, mas bastante séria, e eu abri a boca para dizer que sim, para contar que eu tinha ferrado com tudo, mas a palavrinha teimosa se negou a sair, então eu neguei nervosamente enquanto prometia a mim mesma nunca mais fazer algo estúpido que pudesse afastá-lo de mim.

Guilherme franziu o cenho e me estudou atento, e com medo de que ele pudesse enxergar a verdade se continuasse me encarando daquela maneira, eu desviei o olhar do seu. Meu caubói não disse nem perguntou mais nada, apenas aproximou seu rosto do meu, me beijando de forma apaixonada e voltou a se levantar.

GUILHERME

Ela está mentindo... Era o que minha intuição dizia. O seu choro, a fuga no meio da madrugada. Tudo bem que o que Henrique ameaçou fazer, com certeza, deve ter mexido com a cabeça dela. Sofia era a pessoa mais importante em sua vida, as duas eram inseparáveis, tinham a mesma sintonia e isso era motivo suficiente para que ela ficasse aterrorizada.

Mas, merda, mesmo assim eu ainda achava que ela estava mentindo. Sobre o que eu não fazia ideia, mas era uma sensação do caralho.

Entrei no quarto depois do banho e ela já não estava mais na cama, vesti a primeira calça de corrida que encontrei e saí. Meu pacotinho correu ao me ver, pedindo colo, e mostrando o outro dente de leite que estava prestes a cair.

— A fada do dente troca moedinha por peixinho? — Meu Deus, até nisso ela tinha puxado a mãe. A diferença era que Sofia era obcecada por peixes.

— Pacotinho, eu realmente não sei. Você pode tentar negociar com ela.

— O que é negociar?

— É conversar, até entrar em um acordo.

— E se ela não quiser me dar peixinhos? O que eu faço com as moedinhas? — ela perguntou, parecendo preocupada de verdade.

— Sofia, você já não tem peixes suficientes? — Mariana perguntou e ela confirmou, balançando a cabeça com um sorriso sapeca no rosto. — Agora, venha aqui e termine de comer.

— Eu *tava* conversando, mamãe — ela disse e correu de volta para a mesa.

Como era sábado, nós três terminamos nosso café e fomos até o supermercado reabastecer a despensa do apartamento. A ideia de que poderíamos ter um futuro assim passou pela minha cabeça enquanto eu observava as duas em total harmonia fazendo compras.

No caminho de volta, Mariana recebeu uma ligação do seu irmão a convidando para uma pequena recepção para um casal de amigos da família na semana seguinte.

Escutei sua tentativa frustrada de se esquivar do convite, mas no final não teve como. Eu não sei se ela percebia o que estava acontecendo. Mas Marcos a estava envolvendo cada vez mais no mundo dele e, dessa vez, diferente de alguns anos atrás, ela parecia estar gostando.

O dia passou rapidamente, a temperatura baixa e a chuva que começou quase que no instante em que chegamos ao meu prédio, ajudou a nos manter em casa. Sofia, que não era tão acostumada a esse tempo, se encapuzou dos pés à cabeça e passou o dia inteiro andando para lá e para cá com um casaco que a deixava parecendo um filhote de urso gordo.

Quando anoiteceu e meu pacotinho adormeceu, Mariana e eu nos aconchegamos no sofá e assistimos a maratona de Dexter debaixo de um cobertor grosso que nos cobria.

A sala estava escura, a TV fazia alguns ruídos baixos e a chuva lá fora ainda caía. Fechei os olhos quando senti sua mão explorando sob a minha camisa e suas unhas me provocando lentamente.

— Caubói.

— Hum? — Eu os abri ao perceber que ela estava montando em meu colo e me encarando com o aquele olhar feiticeiro enquanto umedecia os lábios sedutoramente.

Me deixei ser beijado quando ela se inclinou, esperando para ver aonde minha morena queria chegar, deixando que suas mãos atrevidas passassem por todo o meu corpo.

— Eu nunca pensei que pudesse ser assim. — Ela roçou a pontinha do nariz no meu. — Você sabe que eu nunca tive um relacionamento normal e... isso aqui, o que nós estamos fazendo, é especial para mim, caubói — continuou um pouco mais ofegante quando eu apertei sua bunda com minhas mãos. — Então, obrigada por não ter desistido de mim, nem da gente — ela sussurrou a última parte em meu ouvido, a voz rouca fazendo meu sangue correr acelerado pelas veias.

Lentamente ela voltou a me beijar, agora, sem o menor pudor, me fazendo perder completamente a cabeça.

No domingo de manhã, pulei da cama cedo e fui até a academia de artes marciais de um amigo, onde eu costumava treinar aos finais de semana, já que normalmente eu só tinha tempo para me exercitar nos equipamentos instalados lá no haras. Rodrigo, o mesmo cara que havia me emprestado a casa em Jurerê, havia abandonado sua carreira de lutador do UFC para montar seu próprio centro de luta e que, por sorte, ficava a apenas algumas quadras do meu prédio.

E foi lá que eu passei as primeiras horas da manhã, extravasando a raiva que sentia daquele

miserável. Porque, sério, de todos os homens do mundo por quem Mariana poderia ter se envolvido, ela foi escolher justamente o pior.

— Isso tudo é raiva, meu amigo? — Rodrigo perguntou ao se aproximar do saco onde eu vinha alternando chutes e socos pela última hora.

O suor escorria pela minha testa, braços e abdômen, e eu peguei a garrafa de água que ele estendeu, decidido a dar o treino por encerrado.

— Você passa semanas sem treinar, e quando retorna aparece desse jeito. Aposto que tem alguma mulher no meio de toda essa raiva, estou certo? — ele brincou.

— Acertou em cheio, cara, mas dessa vez não é qualquer mulher. É *a mulher*. — Rodrigo sorriu, compreendendo melhor o meu humor e me acompanhou até o lado de fora do tatame.

— Então, eu devo presumir que você está fodido? — Direto e reto.

— Eu sinceramente espero que não, cara, porque sou maluco por ela. O problema vem sendo o seu *ex*, o cara é um merda.

— Já passei por isso, amigo, sei a dor de cabeça que é, mas no final saí ganhando — ele disse todo orgulhoso da sua esposa e olhou na direção em que ela estava.

Os dois eram mestres aqui no centro, e olhando para ela uma primeira vez, você nem diria nada porque a mulher parecia uma boneca. Ela era uma mulata pequena e toda delicada.

— A Fê e eu vamos ao *Zum* essa tarde assistir à partida do Avaí. Por que não aparece por lá e nos apresenta *a sua mulher*? Confesso que você me deixou curioso... — ele convidou e eu fiquei bastante tentado a aceitar.

Contei a ele sobre a Sofia, porque para levar Mariana eu tinha que levar meu pacotinho junto. E mesmo sabendo que lá era um ambiente mais familiar, apesar de lotar em dias de jogos, eu queria deixá-lo avisado. Rodrigo não se importou, muito pelo contrário, até tirou sarro da minha cara dizendo que eu estava completamente agarrado pelas bolas.

Saí de lá bem mais relaxado, e antes de ir para casa, passei em uma loja de artigos esportivos que ficava próxima a academia.

O som estava alto quando cheguei ao corredor do meu andar, e logo supus que só podia estar vindo do meu apartamento, já que a única moradora próxima era uma senhora com seus dois gatos.

Stitches, de Shawn Mendes, tocava em uma altura considerável, e antes mesmo de virar a chave na porta, eu fui capaz de escutar as vozes das duas cantando junto com a música.

Não sei o que me deixou mais impressionado quando eu coloquei os olhos nelas. Se Sofia pulando com as mãozinhas para cima e embolando toda a letra ou Mariana se mexendo sensualmente

no meio da minha sala, vestindo nada mais do que um *short* curto e uma blusa que pouco cobria seu corpo.

As duas pareciam estar extravasando à maneira delas, e eu apenas fiquei ali, paralisado, admirando o show particular que elas estavam me dando.

Sofia foi a primeira a me ver e correu para se agarrar a minha perna, como sempre fazia. Já Mariana... bem, ela se virou assustada, como se tivesse sido pega em flagrante e sorriu. Seu rosto estava vermelho, assim como seu pescoço e colo. De onde eu estava, podia jurar que ela estava quente... pegando fogo. E porra, eu a queria nesse momento.

MARIANA

Com a respiração ofegante, eu encarei Guilherme parado do outro lado da sala. Ele tinha sussurrado em meu ouvido essa manhã que estava indo treinar, mas eu estava tão sonolenta que só assimilei a informação quando não o encontrei na cama algum tempo depois.

E agora, vendo a maneira como ele estava, todo suado e gostoso, eu queria apenas... que ele fizesse o que quisesse comigo. Desde, é claro, que eu pudesse me esfregar em seu corpo e sentir seu suor cobrindo a minha pele.

— Eu preciso conversar com sua mãe, Sofia, você quer que eu ligue a TV enquanto isso? — meu caubói falou com a voz grave e eu engoli em seco, meu corpo fervendo por dentro.

— Não, eu *tô* brincando de dançar, Gui — ela disse e pegou uma das suas bonecas para me substituir.

Guilherme esperou que eu fosse até ele e me puxou pela mão, nos levando até o quarto, onde ele fechou a porta e a trancou.

— Fique quietinha, porque eu vou comer você.

— A Sofia...

— Eu vou ser rápido, morena, só se deixe levar, ok? — Deus, falando desse jeito eu seria capaz de fazer qualquer coisa que ele pedisse.

Passei as mãos pelos seus braços, sentindo seus músculos rígidos e suados, ao mesmo tempo que ele desabotoava meu *short* e o descia pelas pernas. Gui beijou meus seios, a boca percorrendo o decote da blusa de tricô e os abocanhou assim que pôde.

Gemi entorpecida ao sentir a carícia quente da sua língua sobre a minha pele arrepiada, e quando aquela boca gostosa cobriu um deles, chupando e lambendo, eu delirei de prazer e me agarrei com força a ele.

Suas mãos fortes me puxaram, encaixando nossos corpos, enquanto seu cheiro e calor me deixavam tonta. Era como se estivéssemos pegando fogo... literalmente.

Guilherme emaranhou a mão em meu cabelo, puxando um punhado de fios e em um movimento delicioso com o quadril ele me penetrou, pele com pele, e eu o senti me abrindo, me rasgando ao meio... E Deus, eu adorava a sensação de estar completamente preenchida.

Para que eu não gritasse, ele mordeu e puxou meu lábio inferior com os dentes, me encarando com uma cara de safado que deixava claro que ele estava com muito, muito tesão.

Eu quis gritar quando suas investidas se tornaram mais profundas e rápidas, mas ele engoliu os sons que saíam da minha boca, sua língua deslizando para dentro da minha no mesmo ritmo com que ele me comia.

— Caubói! — choraminguei, não conseguindo me segurar, e junto com os tremores que vieram com o orgasmo, eu arqueei meu corpo e o joguei para trás, extasiada.

Meu caubói me observou intensamente enquanto me assistia gozar, ele estava atordoado com a visão do meu corpo estremecendo em seus braços enquanto ainda se movia dentro de mim.

— Caralho, morena, você é perfeita... — ele rosnou ao pé do meu ouvido e gozou.

Depois de limpos e recompostos, voltamos à sala e demos de cara com Sofia passando os canais da TV. Distraída, ela nos olhou rapidamente sem dizer nada e quando encontrou o canal onde seus desenhos passavam, gritou:

— Achei!

Com sede, eu fui até a cozinha e enchi um copo de água gelada, bebendo-o todo de uma só vez. Foi só quando voltei à sala, é que reparei na sacola de uma loja esportiva em cima da mesinha na entrada do apartamento.

— O que é isso? — perguntei curiosa ao Gui, que tinha se jogado no sofá ao lado da minha filha.

— Abra — ele falou misterioso e eu fiquei sem palavras ao encontrar duas camisas do Avaí. Uma no meu tamanho, e outra no tamanho da Sofia. Eu o olhei fascinada, totalmente encantada com o gesto. Isso era tão doce.

— O que é, mamãe? — Soff gritou de cima do sofá.

— É um presente. — Eu estendi a dela para que ela pegasse.

— Eu também ganhei, *cabói*? — ela falou toda empolgada, com os olhinhos brilhando e nós caímos na risada. Ela tinha acabado de chamá-lo de *cabói*, era isso mesmo?

— Você chamou o Gui do que, Sofia?

— De *cabói*, mamãe. — Ela me olhou cheia de dúvida, provavelmente pensando que tinha falado algo indevido, e eu não tive como não sorrir do meu pinguinho de gente.

— Como é que eu posso com isso? — Guilherme a agarrou, enchendo Sofia de beijos enquanto ela se contorcia e ria alto no seu colo. — Você sabe que eu te amo, não sabe, pirralhinha?

E outra vez meu coração ficou apertado ao vê-los juntos, principalmente quando Sofia balançou a cabecinha com toda aquela inocência infantil e também disse que o amava. E *muito*, ela fez questão de acrescentar.

Quando saiu do colo dele, ela inventou de vestir a nova camisa e pediu para que o Gui fechasse os olhos enquanto eu a trocava. Acabei perguntando a ele o porquê dos presentes, e ele contou sobre o convite do seu amigo.

Sofia respondeu por mim sem a menor cerimônia e eu dei de ombros, se ela tinha decidido ir, quem era eu para dizer não, não é?

Horas mais tarde, estacionei em frente ao barzinho onde os amigos dele nos esperavam. Achei melhor vir dirigindo, já que não iria beber, então viemos no meu carro. Guilherme saltou do outro lado, pronto para tirar uma Sofia caracterizada do banco de trás. Meu anjinho tinha me obrigado a vesti-la toda de azul para combinar com a blusa do time, sem exagero.

Avistamos Rachel parada na entrada do bar à minha espera. Guilherme tinha dito que seria uma boa ideia quando perguntei a ele sobre chamá-la, e foi o que eu fiz, até porque eu sabia que ela costumava passar o fim de semana sozinha em seu apartamento, e eu odiava isso.

— Meu Deus, o que é essa coisinha fofa toda de azul? — ela perguntou e abraçou meu anjinho, que começou a tagarelar sobre o presente que tinha ganhado.

Entramos e o jogo estava prestes a começar, Guilherme me apresentou ao Rodrigo e a sua esposa, Fernanda, e a mais alguns amigos. Gostei dos dois quase que imediatamente, e gostei mais ainda que ele manteve seu braço em volta de mim o tempo inteiro. Em uma atitude típica de demarcação de território.

Rachel sorriu ao ver o momento em que ele me tascou um beijo quando o Avaí fez o primeiro gol, e Sofia, que nunca nos viu beijando antes, nos olhou cheia de curiosidade.

No terceiro gol, meu anjinho entrou na brincadeira e também gritou junto com os meninos da mesa. Ela tinha conquistado aquele monte de marmanjo sem o menor esforço e passou o jogo inteiro no colo do *cabói* dela.

— Você tem tanta sorte, Mariana, não estrague isso — Rachel sussurrou quase em súplica no momento em que estávamos nos despedindo. Estranhamente, meu irmão não tinha parado de chamá-la pelo telefone um só minuto, eu sabia disso porque em um descuido dela, eu consegui ver o nome dele no visor do seu celular.

Ele insistiu até que ela, empolgada com a conversa na mesa, digitou uma mensagem rápida e desligou o telefone.

Voltamos para casa depois que a partida terminou, Sofia dormia exausta no banco de trás enquanto Guilherme e eu conversávamos. Entrei na rua do nosso prédio, que a essa hora não tinha tanto movimento e a primeira coisa em que reparei foi a *Mercedes* prata estacionada do outro lado da

calçada. Diminui a velocidade, parando em frente à garagem para esperar que o porteiro liberasse a minha entrada, e fiquei em choque quando o vidro da *Mercedes* desceu, me deixando ver o motorista.

— Mariana, qual é o problema? — Guilherme perguntou ao ver que eu não dava partida no carro.

Olhei para ele e balancei a minha cabeça... enquanto pensava que o meu problema tinha nome, endereço e estava prestes a se casar com a minha irmã.

E o que me deixou mais perturbada é que Henrique queria que eu soubesse que era ele.

MARCOS

O apartamento estava um verdadeiro breu quando Rachel se deu ao trabalho de voltar para casa. Eu escutei seus passos pela sala, cozinha e, por último, vindo em direção ao quarto. Que é onde eu a esperava há, pelo menos, três horas.

A porta se abriu, e a primeira coisa que ela fez foi gritar ao me ver sentado em sua cama, no completo escuro.

— Ficou louco, Marcos?

— Achei que teria que mandar alguém atrás de você.

— Você não faria isso.

— Ratinha, você não tem ideia do que eu faria ou não por você. Mas antes que possamos discutir até onde eu sou capaz de ir para conseguir o que eu quero, acho melhor você me dizer onde se enfiou a tarde inteira — rosnei indo em sua direção, e a segurei pelo fino braço, fazendo-a parar de andar

— Não é da sua conta, Marcos — ela disse com a voz trêmula e, porra, isso me excitava como o inferno.

— Tem certeza que não? — Pressionei meu corpo contra o dela, que arregalou os olhos. Com uma mão, eu abri minha calça, expondo minha ereção e seus olhos faiscaram. Minha ratinha gostava disso, porra, e era por isso que eu não queria perdê-la.

— Eu vou foder tão duro essa sua boca, que você vai pensar duas vezes antes de ser malcriada novamente — falei com a voz mansa, enquanto fervia por dentro.

Com a mão ainda em seu braço eu a fiz se ajoelhar, apreciando a visão da sua submissão.

— Abra a boca para mim, Rachel. — Ela hesitou, mas acabou fazendo o que pedi. Enfiei três dedos em sua boca e ela mais do que depressa os chupou e lambeu. Levei pouco tempo a amaciando, não querendo deixar meu pau insatisfeito, e rapidamente o enterrei em sua boquinha, o forçando até

que ele estivesse no fundo da sua garganta.

Rachel gemeu, e não tirou os olhos de mim por um só minuto enquanto eu fodia sua boca. Eu já nem sabia se essa era uma maneira de puni-la ou de apenas me satisfazer, mas eu não podia me importar menos nesse momento.

Controlei as estocadas, a guiando enquanto segurava seu cabelo, ela se agarrou e arranhou minhas coxas, a respiração pesada, e quando finalmente gozei, eu a fiz engolir tudo, cada gota do meu sêmen.

Eu a soltei enquanto me recompunha do orgasmo, e minha ratinha permaneceu ajoelhada no centro do quarto, como se estivesse atordoada demais para dizer ou fazer qualquer coisa.

— Levante-se, Rachel, pelo amor de Deus, você já fez isso um milhão de vezes. Além disso, se quiser garantir as contas pagas desse mês, eu acho melhor se empenhar um pouco mais, querida. — Fui cruel de propósito. — Até porque... Pierla pode ser gostosa, mas fica insuportável depois do sexo.

Isso a fez surtar, deixando-me surpreso quando ela se levantou e me atacou, me dando socos com aquelas mãozinhas pequenas.

— Seu desgraçado! Filho da puta! Eu te odeio, Marcos! — ela gritou e eu a segurei, nervoso pela sua birra.

— Se você não quer que eu procure outra, então pare de frescura e me aceite de volta, Rachel.

— Não, eu disse que acabou, não quero mais!

— Não? — rosnei e a soltei bruscamente. — Faça como quiser então, porra, mas não se esqueça que nada disso aqui te pertence. Se você se negar a ficar comigo, pode sair, mas vai sair com a roupa do corpo! — eu gritei e saí do quarto.

Porque, merda, eu já tinha quebrado a cabeça um milhão de vezes e não tinha ideia do que Rachel fazia com o seu salário, mas, definitivamente, não era gasto com ela. Já que o carro, apartamento, e até mesmo as calcinhas que ela vestia eram pagos por mim.

Então, se Rachel queria tanto se ver livre, ela que começasse a se acostumar com a ideia de se virar com as próprias pernas.

Na manhã seguinte, estranhei ao chegar na Montenegro e não encontrá-la em sua sala, Rachel era sempre uma das primeiras a chegar e uma das últimas a sair. Passei direto, indo em direção ao meu escritório e bati com força a porta atrás de mim, com a mente sendo bombardeada pela discussão do dia anterior.

Eu não queria ter que concordar com o Henrique, não quando suas atitudes vinham me tirando do sério nos últimos tempos, mas tinha que admitir que Rachel estava sendo mais um incômodo do

que uma distração para os meus problemas.

As primeiras horas se passaram sem nenhum sinal dela, eu estava atolado de trabalho e demorei a me dar conta de que nem mesmo a sua voz eu tinha escutado. Telefonei para a sua sala, à procura de notícias e nada. Nervoso, fui até a minha secretária, que fazia apenas os serviços mais simplórios para mim e para a Rachel, e descobri que a ratinha assustada tinha ficado em casa com a desculpa esfarrapada de estar passando mal.

Foda-se, além da boa vida, agora ela também queria perder o emprego?

Capítulo 21

HENRIQUE

Os papéis do contrato da nova rede de supermercados com quem estávamos planejando trabalhar estavam espalhados em minha mesa, e teoricamente, eu deveria estar com a cabeça enfiada nesses registros. Mas, além da porra da minha enxaqueca não me deixar em paz, eu estava puto da vida.

Como aquela *bruxinha* podia ser tão descarada? Pensei nervoso, ao recordar a noite anterior.

Minha secretária entrou algum tempo depois em meu escritório, avisando sobre a minha próxima reunião. A manhã foi passada com a equipe de diretores em uma discussão acalorada sobre as novas estratégias de marketing que Isadora vinha implantando nos últimos meses.

Ela, como diretora de marketing, também era a porta-voz da Montenegro, e sua opinião valia ouro dentro dessa empresa. Mesmo assim, parecia que ultimamente a atração principal desse circo vinha sendo a Mariana.

Era incrível como os homens paravam de falar quando ela passava, não que eu não entendesse o fascínio deles por ela. E para o meu tormento, a garota era tão safada que usava e abusava da sensualidade na hora de se vestir. E eu, com certeza, não era o único a ficar de pau duro por causa dela.

Com muito trabalho a fazer, acabei não indo almoçar com a Isadora e pedi a minha secretária para buscar o meu almoço. Enquanto aguardava, fui até a sala de espera e me servi de um café forte, mesmo sabendo que isso só iria piorar a enxaqueca.

O andar estava praticamente vazio, quase todos tinham saído para almoçar e o silêncio foi bem-vindo. Caminhei de volta em direção à minha sala, passando pelo corredor, que para o meu deleite, foi onde encontrei a minha *bruxinha* com um sorriso enorme no rosto.

Ela congelou ao me ver, conferindo algum ponto atrás de mim, provavelmente procurando por uma maneira de escapar. Meu olhar passou pelo seu corpo e eu fiquei com água na boca ao lembrar da nossa brincadeira de quinta-feira.

— Isadora sabe que você deu para ficar plantado em frente ao meu prédio agora? — ela sussurrou nervosinha, a boca carnuda se movendo sedutoramente. Porra, eu queria aquela boca no meu pau!

— Você não tem a menor vergonha na cara, tem? Pulando de um para o outro, Isso é tão feio...

— Você sabe que... merda, aquilo não significou nada, Henrique! — ela disse perturbada, e eu dei uma risada enquanto diminuía a distância entre nós dois.

— Te fazer gemer como uma gatinha no cio, enquanto *eu* estava dentro de você, não foi nada, Mariana? Tem certeza disso? Não me venha com essa agora, porque nós transamos, porra! Só foi uma pena que você tenha fugido antes de me fazer gozar, porque isso me deixou com ainda mais vontade... — Levantei minha mão para acariciar seu rosto, mas ela a afastou bruscamente.

— Não encoste em mim! — Mariana se desvencilhou de mim, e eu a segurei pelo pulso antes que pudesse me dar as costas.

— Ele sabe? — ela não respondeu. — Sabe que a namoradinha se derrete toda quando eu a toco?

— Vai se foder, Henrique!

— Eu meio que prefiro foder você, com todo respeito — murmurei em seu ouvido, e ela estendeu os braços, tentando me empurrar.

— Qual é o seu problema? Primeiro você diz que me quer longe, que quer eu desapareça da sua vida, e agora vem com isso? Não vê que eu me odeio pelo que aconteceu? Que sinto nojo de mim mesma por ter deixado você encostar em mim? — Suas palavras apenas me fizeram apertar seu pulso com mais força. — Então, por favor, só me deixe em paz!

— O que está acontecendo aqui? — Nós dois nós viramos imediatamente ao escutar o som da voz do Marcos. Mariana recuou assustada, e eu a liberei, a amaldiçoando internamente. — Vão me responder, ou irão ficar com essas caras alarmadas?

— Eu estava perguntando a sua irmã sobre a Sofia, Marcos — falei sério enquanto ele a estudava friamente.

— Achei que esse fosse um assunto que não te interessasse. — O *todo-poderoso* disse e continuou a andar. — Venha comigo, Mariana.

Eu a encarei, em um claro sinal de aviso para que ela mantivesse a boca fechada. Os dois se afastaram quase que no mesmo instante em que a idiota da minha secretária reapareceu.

— Sr. Farias, o seu almoço chegou.

— Dê um jeito nisso, eu perdi a fome.

MARIANA

Entrei no santuário do Marcos, apreciando completamente a decoração. O escritório parecia como um lugar onde realmente se podia controlar o mundo. Talvez, por isso, ele tinha a falsa impressão de que todos ao seu redor eram obrigados a seguir suas ordens.

— Vai me dizer a verdade sobre o que estava acontecendo naquele corredor? Ou eu vou ter que descobrir sozinho? — Eu o analisei, pensando que não tinha a menor chance de ele descobrir nada.

— Foi o que o Henrique disse.

— Por que eu não acredito em você? — Por causa daquele canalha, só por causa dele eu estava me tornando uma mentirosa. Escondendo coisas, mentindo, fingindo estar bem quando a verdade era que a culpa vinha me correndo por dentro.

— Você nunca acreditou em mim de qualquer maneira, Marcos.

— Eu estou tentando, sabe, tenho me segurado para não interferir em sua vida e te permitindo ter algum espaço. Mas agora, estou me perguntando se colocar você aqui dentro foi uma boa ideia. Henrique não é o mesmo com você por perto.

Eu me mexi irrequieta na cadeira. Eu não tinha nada a ver com o fato de ele estar agindo de maneira estranha, tinha?

— Eu devo agradecer pela sua benevolência de me deixar cuidar da minha própria vida?

— Não seja cínica. — Isso o irritou. — Eu pensei ter deixado claro que quero você longe dele!

— Por acaso era eu quem o estava segurando no meio do corredor, Marcos? — Eu me levantei nervosa, e ele me olhou intrigado.

— Sente-se.

— Eu estou cansada disso, de você e Isadora me olhando como se a qualquer momento eu pudesse dar a louca e pular no pescoço dele.

— E não é exatamente para fazer isso que você voltou?

— Eu estava errada — admiti enquanto pensava que, talvez, ele não tenha sido o único motivo para eu estar se volta. Não dizem que Deus escreve certo por linhas tortas?

Marcos me estudou, e se recostou contra a poltrona imponente.

— Então é sério essa relação com aquele seu amigo? — Incrível como aqui todos sabiam de tudo, pensei incrédula.

— Aquele meu amigo se chama Guilherme, acho impossível que depois de todos esses anos vocês não tenham gravado o nome dele. E sim... é sério.

— Você sabe o quanto é errado morar com ele, não sabe? As pessoas irão comentar, Mariana, fazer suposições, e apesar de ter a certeza de que esse Guilherme não seja apropriado para você, eu não pretendo me opor a essa relação, mas a quero de volta em nossa casa. Você e a Sofia.

Eu nunca voltaria. Eu odiava aquele lugar e tenho certeza de que Sofia também odiaria.

— Sinto muito, mas isso não vai acontecer.

Alguns dias depois, mais precisamente na sexta-feira, eu estava em meu quarto terminando de me arrumar para o jantar que Marcos estava oferecendo para recepcionar seus padrinhos. Eles tinham sido grandes amigos dos nossos pais no passado e meu irmão tinha muito apreço pelo casal.

Os Alcântara realmente estiveram presentes em nossas vidas, e após o acidente, eles meio que tentaram direcionar meu irmão da melhor maneira que puderam. Mas Marcos não era um homem habituado a aceitar conselhos, e muito menos a ser controlado.

Respirei fundo ao me olhar no espelho, estudando minha aparência. Minha maquiagem tinha conseguido dar um sumiço nas olheiras causadas pelas noites maldormidas. Meu cabelo estava levemente enrolado, e para o alívio do Guilherme, eu estava usando um vestido branco com um comprimento aceitável e decote mínimo, que marcava apenas a minha cintura por conta do cinto fininho. Sentindo que faltava alguma coisa, peguei meu *Louboutin* vermelho de salto agulha e voltei a me olhar, contente com o resultado final.

Toda essa preocupação com o que vestiria, era apenas porque eu conhecia muito bem os padrinhos do Marcos, eles vinham de uma família tão tradicional quanto a nossa, e pela primeira vez na vida, eu não estava com vontade de envergonhar ou provocar meu irmão. Ele vinha se esforçando muito para que nossa relação chegasse perto do normal, sem agressões e ofensas desnecessárias, e eu apreciava isso.

Guilherme escolheu esse momento para entrar no quarto, ele tinha vindo direto do haras, e quando eu coloquei os olhos nele, Deus! Meu caubói nu era uma coisa deliciosa de se ver, mas meu caubói vestido a caráter era uma perdição. daquelas que viram a cabeça de qualquer mulher.

Peguei seu sorriso através reflexo do espelho e estremeci quando ele afastou meu cabelo dos ombros, deixando um beijo quente em meu pescoço e sussurrando ao pé do meu ouvido:

— Você está incrível, morena. — Suas mãos apertaram minha cintura, com seus dedos grandes e grossos se destacando sobre o tecido leve do meu vestido.

— Não mais do que você. — Ele voltou a beijar minha pele e riu.

— Sofia está congelada lá fora, por quê?

— Ela está com medo de amassar o vestido. Foi um custo para ela escolher o que vestir hoje, se você visse a dúvida no rostinho dela...

— Então, vocês tiveram uma tarde de meninas?

— Sim, e foi bem proveitosa — disse, pensando nas lingerie que eu tinha comprado essa tarde junto com a Rachel e o meu anjinho.

Meia hora depois nós estávamos prontos para ir, Gui tinha sua mão em minhas costas enquanto nos levava até o elevador. Sofia realmente estava tentando não se mexer para não estragar o bendito vestido e muito menos a trança que eu tinha feito em seu cabelo. Ela estava tão bonitinha e surpreendentemente, toda preocupada em agradar o tio esta noite.

Mesmo distraída, a observando enquanto o elevador não chegava em nosso andar, não pude

deixar de prestar atenção na mão do Gui, descendo pelo meu vestido à procura de algo.

— Me diz que você está vestindo alguma calcinha por baixo desse vestido, Mariana! — ele rosnou baixo em meu ouvido.

Como eu poderia? O vestido era elegante, mas colado em meu corpo. Qualquer calcinha que eu usasse iria apenas chamar ainda mais atenção.

Balancei minha cabeça lentamente em uma negativa, e fui salva pelas portas do elevador se abrindo à nossa frente.

O olhar que ele me lançou foi ameaçador, e sexy *pra* caralho, e eu não pude deixar de sorrir ao imaginar o que ele faria comigo quando chegássemos.

— Só relaxe e aproveite a noite, caubói, depois eu sou toda sua, lembra? — Ele me encarou seriamente, e eu me afastei um pouco porque sabia que se provocasse demais, seria impossível disfarçar o volume em sua calça.

Dizer que a noite estava sendo agradável, seria uma blasfêmia. Não pelos convidados, que pareciam genuinamente felizes por me ver e que estavam encantados com a Sofia.

O problema mesmo estava sendo a Isadora, que parecia completamente desconfortável, e o Henrique, que não conseguia desviar os olhos da nossa filha. O que me deixou tensa.

Guilherme, que não era um grande fã do meu irmão, até que se saiu melhor do que eu imaginava. Ele e os Alcântara mantiveram a noite leve e divertida, enquanto os outros tentavam esconder o clima pesado do ambiente.

Sentada no sofá da sala de estar principal, descruzei minhas pernas que estavam começando a ficar dormentes enquanto eu e Isadora escutávamos as histórias das últimas viagens da Carmen. Olhei rapidamente na direção de onde os homens estavam apreciando suas bebidas, e peguei Henrique me encarando. Desconfortável, eu engoli em seco e desviei o olhar, sendo pega em flagrante por um Guilherme com a expressão furiosa no rosto.

— Então, Isadora, conte-me tudo sobre o seu casamento, querida — Carmen falou, me fazendo voltar à terra. — Nós ficamos tão felizes quando Marcos nos contou, uma pena que não conseguimos estar presentes em sua festa de noivado.

— Henrique e eu estamos ansiosos, Carmen, falta tão pouco agora. Só espero que vocês dois fiquem no Brasil até a cerimônia, não abro mão da presença de vocês.

— Claro que ficaremos, nós viemos com antecedência porque soubemos do retorno da Mariana e queríamos vê-la. — Eu sorri para a mulher. — E quem diria que ela voltaria com esse anjinho? Não é? — disse, se referindo a Sofia, e Isadora ficou lívida, assentindo mecanicamente e dando o sorriso mais falso que eu tive o desprazer de ver em toda a minha vida.

— Pois é, foi uma verdadeira surpresa — minha irmã completou.

— Admiro sua coragem, Mariana, e entendo perfeitamente porque escondeu isso de todos. Se seu irmão for controlador como seu pai era, você não poderia ter tomado decisão melhor — ela disse com bom humor, e só eu peguei o olhar debochado da minha irmã, que logo pediu licença e se retirou, desaparecendo da sala.

Carmen e eu a observamos se afastar, e chegando um pouco mais perto de mim, ela deixou escapar:

— Ela está cada dia mais parecida com a mãe, isso é tão triste...

— Eu não tenho muitas lembranças da minha mãe, Carmen, nós nunca fomos exatamente próximas — admiti. Esse era um assunto que sempre mexia comigo, porque eu nunca entendi como uma mãe podia não gostar de uma filha. Não que ela tivesse dito isso com todas as letras, mas a gente consegue sentir, não é?

Colocando a mão em meu joelho, em forma de apoio, ela continuou:

— Lorena era uma mulher infeliz, criança. A relação dela com seu pai nunca foi das melhores. E enquanto ele dava a vida pela Montenegro, ela só se preocupava consigo mesma. Por fora, era uma mulher adorável, gentil, caridosa. Sempre disposta a se envolver em projetos sociais. Mas por dentro? — Ela balançou a cabeça, decepcionada. — E a maneira como a sua irmã se comporta é idêntica. Eu só espero que ela não seja tão vazia por dentro quanto a mãe...

Nós trocamos um olhar cúmplice, e eu sorri sem graça. Fiquei com a impressão de que Carmen queria me dizer mais alguma coisa, e que ela teria feito isso, se não fosse pela interrupção da nossa governanta avisando que o jantar seria servido.

Guilherme e eu fomos os últimos a sair da sala, porque ele segurou meu braço e diminuiu o passo propositalmente.

— Eu vou quebrar a cara daquele filho da puta, Mariana, juro que vou. O desgraçado não para de olhar para você!

— Não percebeu que é isso o que ele quer? Te deixar nervoso? Só ignore, Gui.

— Ignorar? Não foi você quem teve que aguentar ele te comendo com os olhos.

Nossos sussurros cessaram quando chegamos a sala de jantar. Isadora já estava sentada perfeitamente ao lado do Henrique, e ao lado do meu irmão estavam os seus padrinhos. Sentei-me perto da Sofia, para que pudesse ajudá-la e meu caubói do outro. Exatamente de frente para o homem do qual ele desejava quebrar a cara.

Quando toda essa tortura finalmente acabou, eu estava agitada. Louca para ir embora e voltar à minha vida normal. Onde Guilherme e Sofia eram mais do que suficientes para mim.

Só que no último momento, recordei que tinha alguns pertences meus em meu quarto que gostaria de obter de volta, e enquanto Guilherme e Filipo se despediam e conversavam sobre a visita que o homem faria ao haras essa semana, eu subi com a Soff para que ela pudesse conhecer o quarto onde eu tinha crescido.

Foi uma surpresa encontrar tudo do jeitinho que eu havia deixado. As paredes na cor lavanda e os móveis de uma garota recém-saída da adolescência. Eu tinha um mural improvisado na parede com fotos minhas e do Zeus... Fora todas as minhas medalhas...

Procurei rapidamente alguma bolsa deixada para trás e fui retirando fotografia por fotografia, guardando tudo para levar comigo.

Só me dei conta de que Soff não estava mais no quarto, depois de ter vasculhado todas as minhas gavetas em busca do colar de pérola negra que eu usei no dia em que Marcos me pegou com o Henrique.

Não que eu o quisesse por causa dele, a verdade era que esse colar também me fazia lembrar o Zeus... Eu só não tinha ideia de como pude tê-lo deixado para trás.

Sem sucesso e preocupada de Sofia acabar indo em direção às escadas, eu saí do quarto apressada, passando pelo longo corredor que levava aos outros quartos e cheguei até a área privativa, que foi onde encontrei Henrique abaixado na altura da nossa filha, conversando com ela.

— Eu não tenho um papai, mas eu tenho o Gui! Ele me leva na escola como os papais das minhas coleguinhas. — Fiquei gelada ao entender o que ela estava dizendo, e mais ainda por constatar que foi ele quem provavelmente puxou o assunto.

— Sofia! — Os dois me olharam e Henrique se levantou, curvando os lábios em um sorriso malicioso. Soff, por sua vez, manteve o narizinho enrugado, ainda o encarando aborrecida.

— Nossa filh...

— Cale a boca! — disse, indo na direção deles e segurando-a pela mãozinha para que pudéssemos sair dali depressa. — E não volte a chegar perto dela sem a minha permissão!

— Eu não preciso de permissão nenhuma, e você sabe muito bem disso!

— Mamãe? — Sofia me olhou assustada, não gostando do tom de voz que estávamos usando, e antes que a situação saísse do controle, eu a peguei no colo e dei as costas ao Henrique, ignorando completamente a sua presença.

Só que para o meu azar, o infeliz caminhou logo atrás de mim, descendo ao meu lado na escadaria principal e fazendo com que todos nos olhassem.

— Você faz essas coisas de propósito, não faz? — murmurei nervosa, quase sem mexer os lábios.

— Pode apostar que sim. — Ele me encarou como um aviso, ignorando o fato de que haviam pessoas nos observando lá embaixo. E quando chegamos nos últimos degraus, ele ainda teve a cara de pau de deslizar sua mão pelas minhas costas como se quisesse me ajudar a manter o equilíbrio por conta do peso da Sofia em meu colo.

Envergonhada por conta da sua atitude, eu me despedi de todos automaticamente, evitando principalmente o olhar da Isadora. Meu coração batia forte enquanto um único pensamento passava pela minha cabeça: O que Henrique pretendia me expondo dessa maneira?

O trajeto até em casa foi rápido e eu sabia que Guilherme só não tinha dito nada ainda, porque Sofia estava no banco de trás do carro.

Com ela já adormecida, eu a levei para o quarto e a deitei na cama tomando algum tempo até ter certeza de que ela não voltaria a acordar. Saí do quarto já imaginando que Guilherme estaria me esperando do lado de fora...

— Que merda foi essa que aconteceu hoje? — ele rosnou atrás de mim.

— Não aconteceu nada, eu subi apenas para pegar algumas coisas no meu quarto. Eu avisei a você.

— Não me venha com essa, Mariana. Você e ele desapareceram por quase meia hora!

— Mas ele não estava comigo! Eu só o encontrei quando percebi que Sofia tinha saído do quarto. Eu fiquei tão puta... — Meu caubói se aproximou de mim, com aquele mesmo olhar de quando percebeu que eu estava sem calcinha.

— Não minta para mim, Mariana, amor nenhum vai adiantar se eu descobrir que você está mentindo, entendeu? — Eu assenti, sentindo minha boca ficar seca.

— Eu não fiquei nem cinco minutos perto dele, caubói, eu juro — falei e passei a minha mão sobre a camisa que ele vestia, mas Guilherme preferiu se afastar de mim.

— Ele colocou as mãos em você!

— O quê?

— O desgraçado tocou em você e você deixou! O que me garante que não acontece o mesmo enquanto estão trabalhando? — Eu o olhei perplexa, Henrique tinha apenas tocado minhas costas enquanto eu descia os últimos degraus.

— Claro, a gente faz sexo o tempo inteiro, Guilherme, não sabia? Ele me come de manhã e você à noite! — falei, realmente irritada com sua desconfiança, mesmo sabendo que não tinha o menor direito de me sentir assim.

Furioso, ele me encarou incrédulo e saiu do quarto sacudindo a cabeça, quase levando a porta junto com ele. Abalada por conta da sua explosão, eu me sentei na cama sem acreditar que tínhamos acabado de brigar, mais uma vez, por causa do Henrique.

E merda, se ele ficava assim apenas por conta de um toque, como ficaria quando descobrisse o que aconteceu aquele dia?

Capítulo 22

GUILHERME

Caralho, Mariana só podia estar de brincadeira comigo. Eu fui obrigado a sair do quarto depois que ela falou aquela merda, caso contrário seria eu quem acabaria falando bobagens e piorando ainda mais a situação.

Engolindo a raiva, tanto do filho da puta quanto dela, eu abri uma cerveja e me sentei no sofá, olhando para o nada à minha frente, lembrando a maneira nojenta com que Henrique a olhou essa noite, pensando no tempo que os dois desapareceram, e pior, no momento em que ele a tocou.

Eu não era de perder a cabeça facilmente, sempre tive ciúme dela, e algumas vezes até mesmo das outras garotas com quem costumava sair, mas não chegava nem perto do ponto em que eu estava me sentindo agora.

Era como se eu estivesse com algo entalado na garganta, uma sensação de inquietude que me deixava agitado. Desconfiado.

Tomei outro gole da cerveja, esperando que a bebida gelada me fizesse esquecer. Mas a verdade era que eu queria entrar naquele quarto e... fazer o quê?

Dizer que eu passei dos limites e que *ela* também passou dos limites? A começar pela falta da maldita calcinha...

Mariana me deixava maluco com o seu jeito naturalmente sedutor, esse traço fazia parte da sua personalidade, e eu admito que já deveria ter me acostumado... mas não conseguia. Talvez por isso eu vivia pensando em sexo quando estávamos juntos, ela me seduzia até mesmo sem perceber. E esse era o motivo da minha raiva, porque essa noite eu vi, em primeira mão, que o desgraçado a desejava tanto quanto eu.

Não percebi as horas passarem, Mariana não ousou sair do quarto e eu acabei me distraindo com algum filme antigo de ação que passava no canal fechado. Foi só pelas três da madrugada que eu decidi me levantar e ir até o quarto.

Fiquei parado na soleira da porta, a observando dormir, seus pés estavam descobertos, e eu mal podia ver seu rosto por conta da sua cabeleira espalhada em meu travesseiro. Ela estava deitada do meu lado da cama, o apertando como se isso pudesse, de alguma forma, aliviar o que quer que ela estivesse sentindo.

Sem conseguir resistir, eu me aproximei da cama, desfazendo-me da roupa que havia usado essa

noite. E ainda de pé, eu passei a mão pelo meu cabelo já bagunçado e me deitei ao seu lado.

Mariana se mexeu e inspirou baixinho ao sentir o peso do meu corpo na cama. Mas nem o fato de estar aqui ao seu lado me ajudou a pegar no sono, e ainda agitado, eu aproveitei quando ela se virou, ficando de costas para mim e a abracei.

Afundi meu rosto em seus cabelos e acariciei suavemente o seu braço enquanto sentia meu corpo relaxar. *Merda, eu nunca estive tão fodido em toda a minha vida.*

Quando amanheceu e Mariana se deu conta de que estava em meus braços, ela se mexeu e abriu os olhos lentamente. Fiz como se fosse me afastar, mas ela apenas segurou meu braço em volta da sua cintura e o apertou.

— Não me solte. — Essa era última coisa que eu queria, para ser bem sincero.

— Mariana, eu sei que falei demais na noite passada, e que te devo um pedido de desculpas. Mas nunca mais repita uma merda como aquela que você jogou em cima de mim ontem. Não me importa se é de brincadeira ou se é por raiva. Você me escutou? — sussurrei em seu ouvido ainda sentindo raiva, e merda, só o corpo dela estremecendo em meus braços me deixou duro.

Antes que eu me deixasse levar pelo tesão que sentia a cada vez que a tocava, eu me levantei da cama ao mesmo tempo que a escutei sussurrar:

— Eu não quis dizer nada daquilo.

— Mas disse, e eu não sou de ferro, caralho! — Ela fez o mesmo e veio atrás de mim, vestindo apenas uma calcinha e uma regata. — O desgraçado passou a noite inteira tentando me tirar do sério. Você tem alguma ideia do que é ter que assistir outro homem te olhando com desejo e não poder fazer nada? — Eu a encarei seriamente e a vi respirar fundo.

— A última coisa que eu quero é... falar sobre o Henrique, juro por Deus, Guilherme. Quando não é você, é o meu irmão ou até mesmo a Isadora. Mas, pelo menos, *você* tem que acreditar em mim, porque eu estou falando sério quando digo que não quero ter mais nada a ver com ele. Nesse momento, eu meio que o odeio. E tudo o que eu mais desejo é que ele fique longe de mim e da minha filha — ela disse consternada, o desespero cravado em seu olhar. — Por favor, caubói, eu não suporto quando a gente fica assim.

— Vem aqui — eu a chamei e ela deu um passo de cada vez, havia hesitação em seus gestos, e ela enrugou o nariz da mesma forma como Sofia fazia quando estava aborrecida. — Lembra que eu disse que você teria que ter paciência comigo? Que eu acabaria dizendo coisas estúpidas ou agiria todo ciumento com você? — Ela assentiu como uma garotinha, e eu afastei sua franja do rosto. — Esse foi um dos momentos, morena, mas tem que entender que você mesma provoca situações que me deixam exasperado. Você estava sem calcinha, sabe toda a merda que passou pela minha cabeça?

Ela abriu a boca como se fosse dizer algo, mas parou no último instante, respirou fundo, fechou as pálpebras e depois as abriu novamente.

— Eu sinto muito, Guilherme, muito mesmo. Se eu pudesse voltar atrás... — ela disse com os olhos marejados e ficou na ponta dos pés enquanto me abraçava com força e afundava o rosto em meus ombros.

— Ei...

— Você não entende, eu sou uma pessoa horrível, caubói, eu não te mereço — ela murmurou com a voz abafada, lutando contra as lágrimas.

Vê-la assim, toda indefesa, mexeu comigo *pra* caralho. Primeiro porque Mariana não era uma pessoa exatamente emotiva, e segundo, porque essa era a segunda vez, em questão de dias, que eu a via ter uma dessas crises.

— Você não é horrível, morena, pare de falar bobagens.

— Eu... sou sim... Você vai acabar me deixando, eu sei disso.

— Mariana, preste atenção em mim. — Eu segurei seu rosto e o inclinei para que ela pudesse me olhar diretamente. — Como eu poderia te deixar? Eu sou louco por você. — Ela soluçou chorosa, piscando os grandes olhos verdes enquanto eu afagava seu cabelo em uma tentativa de acalmá-la. — Vai precisar de muito mais do que uma briga sem importância para que eu desista da gente, amor.

Ela me deu um pequeno sorriso inseguro, e sussurrou *amor* de volta, como se testando a palavra em sua boca.

Beijei seu rosto suavemente, começando pela bochecha, depois a pontinha do seu nariz e por último a sua boca carnuda. Mariana já estava toda quente e, merda, eu amava a doçura dos seus lábios.

— Eu preciso sentir você dentro de mim, caubói. — Mariana me encarou, e eu afastei seus cabelos, devolvendo o olhar.

Eu a levei para o banheiro e fizemos amor debaixo da água quente que descia sobre nossos corpos, e enquanto eu a comia com uma força violenta, a marcando como minha mais uma vez, suas costas batiam contra o boxe do vidro, se misturando ao som dos seus gemidos manhosos.

No final, eu já estava descontrolado, louco de tesão e morrendo de vontade de gozar naquela boceta. Mariana rebojava tão gostoso em cima de mim, que eu sentia como se a qualquer momento pudesse grunhir e rosnar como um animal descontrolado.

— Caralho, morena! — Agarrei seu cabelo, interrompendo brevemente nossos beijos e olhei para aquela cara de safada dela. Sua boceta, que já era toda apertada, estava me sugando com maestria.

E merda, quando eu digo apertada era porque ela realmente era. Sua fenda era pequena e avermelhada, assim como seus mamilos... E, porra, nada se equiparava a sensação de rasgar a minha mulher, a mulher que me pertencia.

Mariana se contorceu em meio aos nossos beijos no momento em que a inundei com meu gozo. E ainda tremendo, eu cravei meus dentes em seu pescoço, a mordendo até que ela estivesse gritando o meu nome... e gozando desesperada.

— Deus! — Ela suspirou, com meu corpo ainda latejando dentro do seu enquanto o líquido pegajoso e espesso, escorria por entre nossas pernas. Ofegante, Mariana passou a mão pela minha nuca e colou sua testa na minha. — Eu quero ser sua para sempre, caubói.

Meu olhar acompanhou as palavras saindo da sua boca gostosa e subiu para os seus olhos, que exibiam um brilho ardente e apaixonado.

Caralho, como eu amava essa mulher!

Capítulo 23

MARCOS

Três semanas depois...

— Marcos, o Sr. Soares já está na recepção. — Minha secretária avisou um tanto quanto receosa. Ela, melhor do que ninguém, sabia que as últimas semanas não estavam sendo fáceis. Além dos problemas envolvendo o desvio de dinheiro na empresa, eu estava tendo que lidar com a teimosia da Rachel, e com os surtos da Isadora, que se casaria na semana que vem.

Fora a preocupação de sempre com a Mariana e o Henrique. Não que ela estivesse fazendo algo de errado. Muito pelo contrário, minha irmã andava mais centrada, mais confortável ao lidar com os outros diretores, e até mesmo comigo. Minha preocupação mesmo era com a maneira com que Henrique agia perto dela, os olhares furtivos e os encontros pelos corredores que pareciam acontecer cada vez com mais frequência.

Não sei se Isadora percebia o que vinha acontecendo com o seu noivo, já que ela andava ocupada em demasia com os últimos preparativos do casamento. O que me fazia pensar na possibilidade de que ela talvez estivesse mais interessada na ideia do casamento em si, do que em sua relação com o Henrique.

— Peça que ele entre, por favor. — Eu esperava que com todas as mudanças que fiz no setor da contabilidade e com o suporte da equipe de TI, eu tivesse, pelo menos, alguma pista a respeito do culpado do desvio de dinheiro, mas já tinham se passado praticamente um mês desde a implementação do novo sistema, e parecia que a cada dia se tornava mais difícil descobrir a identidade desse ladrão.

— Espero que tenha boas notícias, Soares, os últimos relatórios não foram nada promissores.

— Bom, eu tenho algumas cópias dos contratos dos últimos seis meses aqui comigo, Marcos, e gostaria que desse outra olhada. Eu sabia que estava deixando escapar alguma coisa, isso ficou martelando e martelando... — Observei o homem calvo com seus óculos velhos, e me esforcei para ser paciente. — Aí eu pensei, talvez nós não devêssemos estar procurando pela fonte que realizou as transferências e sim pela última pessoa que analisou os documentos. Porque independente se é o senhor, a Rachel ou alguém do setor financeiro, nós sempre pedimos uma assinatura. — Ele ajeitou os óculos em seu rosto. — E eu descobri que em todos os contratos fraudados, a última assinatura foi dessa pessoa...

Ele estendeu os documentos e eu comecei a olhar um por um. Sem acreditar no que via e, pior, sem acreditar que eu tinha sido feito de trouxa dessa maneira.

— Senhor, isso não prova nada, mas já é algo com o que se trabalhar, eu sei que...

— Saia! — rosnei nervoso. — Saia da minha sala e nem pense em abrir a boca, Soares. Isso deverá ficar entre nós, entendeu? — O coitado assentiu e correu para fora, assustado. Ele estava certo, isso não provava nada, mas reforçava a minha suspeita.

Em um acesso de fúria, joguei toda a papelada de cima da minha mesa no chão. Eu ia trucidar a Rachel... e da pior maneira possível. Porra, eu a faria pagar até o último centavo, nem que para isso...

— Marcos? — Henrique entrou em minha sala, eu tinha mesmo pedido que ele viesse até aqui para discutirmos sobre o novo contrato no qual ele vinha tendo algumas dificuldades.

— Agora não, Henrique. — O homem olhou a bagunça na minha sala e fez como se fosse sair e me deixar em paz, mas desistiu no último minuto.

— É algum problema relacionado ao roubo? — O filho da puta era perspicaz.

— Me diga, Henrique, não foi uma nem duas vezes que você insinuou algo sobre a Rachel. Eu quero saber o que você sabe sobre ela que eu não sei, porra!

— Foi ela, não foi? — ele questionou, como se já soubesse desse fato. Será que eu havia ficado tão cego a ponto de não ver a verdadeira mulher com quem eu ia para a cama?

— A possibilidade é grande, dê uma olhada em algum desses contratos pelo chão que você vai entender. — Recostei-me contra a poltrona de couro, sentindo a fúria me dominar. *Ratinha miserável.*

Folheando as páginas, ele disse:

— Eu sempre desconfiei dela, Marcos, Rachel tem aquele rostinho doce, mas é esperta. E mulheres espertas são perigosas... Não julgo você por ter cedido e abaixado a guarda. Mas está claro que ela se aproveitou do seu... interesse e...

— Me roubou? — perguntei, direto.

— Possivelmente. E olha, se quer o meu conselho, eu não contaria nada disso a Isadora ou até mesmo a Mariana. Porque isso só irá gerar mais especulações, já imaginou o desastre que seria se todos descobrissem o caso de vocês?

Putá que pariu! Eu ficaria desacreditado no conselho, não que eu precisasse da merda da opinião deles, mas qualquer passo que eu quisesse dar em relação à expansão da Montenegro daqui para frente, provavelmente seria dificultado... ou até mesmo barrado.

Ah, ratinha, você não vai sair ilesa dessa. Não mesmo!

— Acorde, meu gostoso, eu vou me atrasar se não sair em uma hora e, Deus, eu preciso da minha dose diária de você antes — murmurei sentada sobre ele, e meu caubói despertou já agarrando meu quadril, bastava insinuar qualquer coisa relacionada a sexo e a ter ele dentro de mim, que o homem enlouquecia.

Vinha sendo assim nas últimas semanas, e na maioria das vezes era tudo tão perfeito e incrível entre a gente, que eu não podia deixar de sentir medo. Eu estava apaixonada, caída em todos os sentidos pelo meu caubói, e a cada vez que eu o escutava sussurrar que me amava e que eu era só dele, eu me derretia um pouco mais.

O friozinho na barriga que aparecia quando estávamos juntos ou até mesmo, o quanto meu coração ficava acelerado toda vez que ele colocava aquele sorriso largo no rosto, eram apenas alguns dos sinais que confirmavam a minha paixão. Guilherme era o meu mundo. E isso era assustador.

Porque, dessa vez, não era o *amigo* que eu queria ao meu lado, era o *homem*. Eu queria o Guilherme que me acordava com beijos e lambidas nos lugares mais íntimos do meu corpo. O que me agarrava a todo momento e sussurrava coisas sacanas e lindas ao meu ouvido. O Guilherme que ficava puto quando outro homem olhava para mim, e que adorava me fazer voltar para o quarto depois que eu já estava pronta para o trabalho, só para poder arrancar a minha roupa e fazer amor comigo, e no final, ainda me fazer vestir algo menos justo, ou menos decotado...

E como eu poderia negar qualquer coisa a ele? O homem estava sob a minha pele de uma maneira que nem mesmo o Henrique esteve.

— Algum dia... — ele murmurou rouco e me beijou suavemente, provando o meu gosto e emaranhando os dedos em meu cabelo. — Quando você for minha de papel passado, carregar o meu sobrenome e o meu anel em seu dedo, eu acho que vou te manter atada à minha cama, só para que eu possa saciar essa vontade insana que eu tenho de te comer a toda hora, sabia?

— Você é louco — brinquei, imaginando um futuro assim. — E eu vou viver de quê?

— De amor, morena, é disso que você vai viver se aceitar ser minha esposa... algum dia. — Merda, suas palavras fizeram com que meus olhos se enchessem de lágrimas, Gui tinha um talento com a boca que ia além do que fazíamos na cama, ele também sabia como e quando dizer coisas que me deixavam completamente sem fala.

— Deus, caubói, você torna impossível não te amar — admiti e ele congelou, me encarando de uma maneira tão séria, que por um segundo eu imaginei que ele não tivesse gostado do que ouviu, mas no outro instante sua boca já estava na minha, me beijando de uma maneira como eu nunca tinha sido beijada antes. Era amor misturado a desejo, tesão com paixão. Desespero e... principalmente alívio.

— Caralho, morena, não brinque comigo — ele murmurou contra meus lábios e me virou, se jogando em cima de mim. — Isso quer dizer que...

— Isso quer dizer que eu te amo, caubói — falei emocionada, deixando que as lágrimas rolassem pelo meu rosto e molhassem nossos beijos

Imagens de nós dois passaram pela minha mente como um *flashback*. E eu me lembrei de todas às vezes em que eu corri para ele, fosse por estar irritada com meus irmãos ou por ter acabado de ganhar uma competição. Os abraços dele sempre foram o meu refúgio. E foi ele quem passou noites e mais noites sussurrando para mim até que me convencer de que tudo ficaria bem no final. De que ele nunca me deixaria sozinha. Ainda tinha a nossa primeira briga, o primeiro beijo...

Como eu demorei tanto para perceber que minha vida começava e terminava com o Guilherme?

Cheguei a Montenegro aquele dia pensando que nada arrancaria o meu sorriso do rosto. Mas a tensão instalada na empresa aquela manhã pareceu ter contagiado a todos. Principalmente meu irmão.

Mesmo assim, ele manteve sua palavra a Sofia e nos levou para almoçar em um desses restaurantes com espaço *kids*, culinária específica para crianças e outras frescuras mais. Eu tentava não parecer perplexa ao ver como minha filha o manejava tão facilmente, tanto é que depois de comer menos de uma fatia da pizza de chocolate, ela empurrou o prato para que ele terminasse por ela, e escapuliu para ir brincar com as outras crianças.

Quando o almoço terminou, a deixei na escola novamente e voltei para a empresa, me trancando na minha pequena e confortável sala. Eu meio que estava evitando a todo custo aparecer no andar da diretoria, tudo para não ter que esbarrar com o Henrique e a Isadora. Subia apenas quando era estritamente necessário. Mas nem assim meus problemas com ele vinham diminuindo, o homem tinha o prazer de me deixar nervosa e me colocar em saias justas.

Eu queria esganá-lo a cada vez que ele se achava no direito de encostar em mim, mas Henrique parecia distorcer tudo a seu favor. Fora que da última vez em que ele veio para cima de mim eu cheguei a ficar com a marca dos seus dedos em meu pulso, de tão apertado que ele me segurou.

Pensei várias vezes em contar sobre o que estava acontecendo para alguém, alguém que não fosse querer matá-lo como o Gui, por exemplo. Chegando, inclusive, a cogitar a ideia de abrir o jogo com o Marcos, mas sempre desistia da ideia quando me lembrava de todas as vezes em que precisei que meu irmão confiasse e acreditasse em mim e ele se negou a fazer.

Inquieta, aproveitei o momento em que Rachel me enviou uma mensagem avisando que o *campo estava livre* e me levantei para ir até a sua sala, já que ainda não tínhamos nos visto hoje. Esperei pacientemente o elevador, enquanto arrumava minha saia vinho em minhas coxas.

Entrei automaticamente quando as portas se abriram, nem cogitando a ideia de que encontraria o Henrique ali, não quando eu tinha acabado de receber a mensagem da Rachel.

— É verdade o que dizem então, quando os gatos saem os ratos fazem a festa — Henrique ironizou.

— Bom, quando você diz rato está se referindo a você mesmo, certo? — provoqueei.

— Eu acho estou mais para predador, *morena*... é assim que ele te chama, não é? — Desgraçado!

Respirei fundo, odiando o som do meu apelido saindo da sua boca, e me esforcei a ignorá-lo, sabendo o quanto isso o irritava. E foi exatamente por esse motivo que ele acionou o botão e travou o elevador, impedindo que qualquer um entrasse e saísse.

— Abra! — pedi furiosa.

— Me dê um bom motivo.

— O seu casamento é um bom motivo! — gritei e ele sacudiu a cabeça.

— Continue se enganando. — Me virei e comecei a apertar botão por botão, algum tinha que destravar essa porcaria, pensei. — Você tem feito isso muito bem até agora, não é? O corno não tem ideia do que a *morena* dele é capaz quando perde a cabeça... — Senti um gosto amargo na boca e o olhei fixamente.

— Você não tem moral nenhuma para falar qualquer coisa sobre o Guilherme, Henrique! Eu posso ter sido burra e perdido a cabeça, mas garanto que ele é muito mais homem do que você! — eu gritei, o deixando furioso. — E juro por Deus, que ainda verei você se ferrar, e quando isso acontecer, vai ser simplesmente o dia mais feliz da minha vida! — cuspi cheia de raiva, me afastando assim que as malditas portas se abriram. Com o coração na mão, eu fiquei tão agitada que praticamente esbarrei na Isadora ao sair.

Minha irmã olhou para mim com seu desprezo habitual, e a julgar pela sua expressão, eu sabia o que ela estava imaginando e isso revirou meu estômago.

— Será que você não cansa nunca? — ela falou, e eu não me segurei, explodi.

— Canso sim, tanto é que percebi a burrada que estava fazendo ao correr atrás do cretino do seu noivo. Agora se você puder, o mantenha bem, bem longe de mim, e pare de apontar esse seu dedo irritante na minha cara!

Sei que ela ficou perplexa com o que falei, mas não me atrevi a olhar para trás para ver qual era a reação do Henrique. E estremecendo por dentro, eu fui até a toalete antes de encarar a Rachel, joguei um pouco de água no meu rosto, tentando recuperar a cor e esperei que a tremedeira passasse.

Contei até trinta enquanto me olhava através do reflexo. Eu não podia deixar aquele cretino atrapalhar a minha felicidade. E pensando comigo, cheguei à conclusão de que se ele realmente fosse contar algo ao Guilherme ele já teria feito, não era? Oportunidades não faltaram. O mais provável era que ele estivesse apenas blefando...

— Aqui está você — Rachel falou ao entrar no banheiro. — Por que essa cara? Parece que viu um fantasma...

— Antes fosse um fantasma. Está mais para um carma maldito. — Ela riu.

— Henrique novamente? Mas eu o escutei dizer que tinha uma reunião agora. — Ela se sentou

em um conjunto de pufes redondos que ficava no centro da toalete, e eu me juntei a ela.

— Você já fez algo muito, muito errado do qual se arrependeu amargamente? — perguntei pensativa.

— Já. — Ela me deu um sorriso compassivo. — Mas no meu caso, eu não tive muita escolha, às vezes a vida vai lá e nos obriga a fazer coisas que normalmente a gente não faria se não precisasse.

— Meu Deus, acho que não sou a única que está mal. Quer conversar sobre isso? — perguntei, estranhando seu comportamento.

— Talvez algum dia, o foco é todo seu, hoje. — Ela tentou parecer bem, mas lá no fundinho eu via que algo a estava incomodando.

— Você sabe que pode falar sobre qualquer coisa comigo, não sabe? — Rachel assentiu e sorriu, então soltou a desculpa de que estava em seu período e por isso, muito emotiva.

Não insisti e acabei desabafando com ela, contei desde as intimidações que vinha recebendo do Henrique, até sobre o dia em que transamos em seu escritório. Eu guardei isso por tanto tempo, que foi um grande alívio poder contar a alguém, mesmo que esse alguém fosse uma árdua defensora do Guilherme.

— Você tem que dizer a ele — ela falou inflexível.

— Como? Devo simplesmente chegar e dizer o quê? Caubói, eu transei com o filho da puta do Henrique, me perdoe? Não acha que eu já não pensei em fazer isso um milhão de vezes, Rachel?

— Qual é o problema com vocês? — Não entendi o que ela quis dizer. — Eu sou sua amiga, sabe, mas essa foi a coisa mais estúpida que você poderia ter feito. Guilherme é um príncipe, Mariana. Um príncipe que eu quis para mim e que nunca me olhou da maneira como olha para você, aí você vai lá e estraga tudo. — Ela estava chorando?

— Rachel?

— Você é como ele...

— Ele quem, Rachel? Deus, o que está acontecendo?

— O seu irmão, vocês são todos iguais. Não pensam no quanto podem magoar as pessoas que os amam. — Ah, meu Deus, ela estava chorando por causa do Marcos?

— Rachel, me desculpe. — Eu não sabia o que dizer, então a abracei, tentando consolá-la do que quer que ela estivesse sentindo.

— Só conte para ele, Mari, não o engane, por favor — pediu com a voz abafada. — Se tem alguém que não merece sofrer nessa história, esse alguém é o Guilherme.

— Ele não vai me perdoar e eu o amo, Rachel. Como posso arriscar tudo o que temos por algo que não significou nada?

— Pode não ter significado para você, mas vai significar para ele, Mariana — ela falou. — Além disso, você mesmo falou que Henrique vem te ameaçando, não é? Quem garante que essas

ameaças não irão piorar depois que ele se casar com sua irmã? — Olhei para nós duas através do espelho e tapei meu rosto com as mãos, me curvando em agonia.

Deus, Guilherme iria me odiar. Contando ou não, ele acabaria me odiando... E eu podia até sentir como se o estivesse perdendo antes mesmo do desastre acontecer.

— Meu dentinho caiu! — Escutei Sofia gritando e corri até o quarto, a encontrando com os olhinhos arregalados sobre a banqueta e olhando curiosa para o espelho. — Olha, mamãe! — Soff estendeu o dente e sorriu para mostrar a falha.

— Minha banguelinha, você tá linda. — Eu a apertei e ela riu ainda mais.

— Vai crescer, não vai? — ela perguntou, cheia de preocupação.

— Claro que vai, amor, rapidinho cresce de novo — eu garanti a ela, e aproveitei para prender seu cabelo. Ela já estava com seu pijama, prontinha para dormir.

— Eu vou esperar o Gui chegar, mamãe, quero que ele veja meu dentinho — falou empolgada, e correu para fora do quarto, colocando só a cabecinha no batente. — *Tá?*

— *Tá, né.*

Voltei para a cozinha, onde tinha deixado o saco de pipoca que havia acabado de tirar do micro-ondas, e o despejei dentro de uma vasilha, indo até a sala, e me sentando ao lado da Sofia enquanto ela procurava por algum canal de desenhos.

— Sem esponja amarela, Soff, por favor. — Ela me olhou toda manhosa e sorriu, mas essa carinha de dengo não funcionava comigo.

— Peppa então?

— Peppa está ótimo. — Eu a puxei para o meu colo e ficamos ali, assistindo a porquinha rosa enquanto repassava minha conversa com a Rachel em minha cabeça.

Passavam das dez da noite, Guilherme e eu estávamos sentados sobre o carpete da sala, comendo comida japonesa e bebendo uma *Heineken*. Ele tinha chegado tarde, e Sofia o cercou no momento em que Gui pisou dentro do apartamento para que ele visse seu bendito dentinho.

Empolgada, ela enrolou para dormir, o que acontecia normalmente quando ele estava por perto. Mas enquanto eu encomendava nossa comida, meu pinguinho de gente acabou capotando de sono no colo do *cabói* dela.

— Vá para o sofá, e abra as pernas para mim, morena — o pedido inesperado veio logo depois que Gui deu um longo gole em sua cerveja, e eu obedeci com as pernas bambas.

Guilherme observou cada gesto meu, e seu olhar quente e cheio de desejo me causou arrepios antes mesmo que ele me tocasse. Com um friozinho na barriga, eu me recostei contra o sofá, apoiei meus pés no assento e abri as pernas.

Prendi a respiração quando o contorno da veia do seu pescoço pulsou, ao mesmo tempo que ele passava a língua áspera pelos seus lábios cheios. Cravei meus dedos com força no estofado, e ele carinhosamente puxou minha calcinha por entre as minhas pernas. Essa era uma das coisas que ele amava fazer comigo. Me deixar nua.

Ficando de joelhos e olhando fixamente para mim, eu estendi meus braços sem que ele chegasse a pedir e fechei meus olhos quando ele puxou sua camiseta para fora do meu corpo.

Eu deveria sentir vergonha, até mesmo algum pudor. Mas eu adorava ficar nua na sua frente. A maneira como ele sempre parecia me devorar com o olhar, me fazia sentir incrível. Guilherme amava cada contorno e curva do meu corpo e eu amava que ele o fizesse.

Não desviei meu olhar dele nem por um instante, me excitava como o inferno ver o desejo estampado em seu rosto. Suas mãos poderosas apertaram meus tornozelos, e ele foi deixando beijos molhados, que mais pareciam chupões pelo meu joelho, coxas... até estar a centímetros de distância da minha boceta. A sua barba pinicava minha pele de uma maneira deliciosa. E seus dedos, agora mantinham minhas pernas quietinhas, longe do impulso de querer apertá-las contra ele.

— Seu cheiro me faz perder a cabeça. — Meu caubói afundou o rosto em minha virilha e inspirou o estreito pedaço de pele que separava a sua boca da minha vulva. — Você toda me faz, morena... Já te disse que sua bocetinha é linda? — Ele levantou o olhar, e eu o assisti cobrir meu clitóris com aquela boca. *E que porra de boca!* Pensei desesperada, completamente chocada pelo frenesi extasiado em que meu corpo ficou com apenas uma lambida.

Fechei os olhos quando percebi que ele estava só começando e empurrei um pouco mais o meu corpo contra o seu rosto, mas toda a ânsia e desejo murcharam quando, infelizmente, meu celular jogado ao meu lado no sofá começou a tocar.

— Ah, não! — murmurei irritada pela interrupção e o atendi, mesmo não reconhecendo o número. Minha cabeça e corpo ainda estavam naquela névoa de tesão e... — Henrique? — quase gritei de choque ao reconhecer a sua voz, sem me dar conta do efeito que isso teria no Guilherme que ainda estava ajoelhado...

— Você perdeu o pouco do juízo que ainda lhe resta, porra? O que você pensou que aconteceria ao dizer aquilo para a Isadora? — O timbre grave do outro lado da linha me fez querer fugir, e eu fiz como se fosse levantar, mas Guilherme me segurou antes que eu pudesse me afastar.

— Você vai falar com esse desgraçado na minha frente, Mariana — Guilherme falou sem alterar a voz.

— Ele está aí, não está? — Henrique perguntou. — Talvez seja bom seu namoradinho e eu termos uma conversa depois do que você fez hoje, Mariana. Vai me explicar que merda foi aquela? — Pelo visto, ele estava puto pelo que eu tinha dito a Isadora mais cedo. Mas, Deus, eu só tinha dito

a verdade. Minha irmã tinha que descer da sua *torre de gelo* e se dar conta de que o noivo perfeito dela estava fazendo comigo.

— Eu vou desligar! — disse rapidamente, mas ele me cortou. Guilherme, por sua vez, andava de um lado para o outro na sala sem tirar os olhos de mim, e foi aí que eu me dei conta de que ainda estava nua. Procurei pela sua camisa e a vesti, quase deixando o celular cair de tão nervosa que estava.

— Acho que estou sendo bonzinho demais com você, não é? — Henrique insinuou, mas eu só conseguia prestar atenção ao meu coração acelerado.

— Não, você está sendo é louco! — me exasperei. — Já disse para me deixar em paz...

— Isso não vai acontecer, Mariana, porque eu ainda não consegui o que eu quero. E para ser mais direto, você é apenas um obstáculo, uma peça importante, mas que pode ser descartada... Isso só não aconteceu ainda porque eu gosto de jogar com você, entende? — Jogar comigo? Era isso que ele vinha fazendo? — Se você não tivesse sido tão teimosa e me escutado quando eu te falei para voltar para Portugal, nada disso estaria acontecendo e eu não precisaria fazer da sua vida um inferno.

Foi aí que a ficha caiu. O sexo... as perseguições... Será que ele fez tudo isso de caso pensado?

— Eu estou cansada das suas ameaças! Tudo o que você faz e diz é para me deixar nervosa. Mas chega, Marcos vai saber o que está acontecendo e eu vou...

— Conte ao Marcos que eu acabo com você! A começar por essa *relaçãozinha* ridícula.

— Você não vê? — falei entorpecida. — Você já acabou comigo. — Olhei para o meu caubói e senti um aperto monstruoso no peito. A raiva que exalava dele agora... se o Henrique contasse...

Para o meu total desespero, Guilherme arrancou o telefone da minha mão ao ver minha expressão e mandou Henrique ir se foder.

— Eu quero você longe dela, caralho! Entenda isso de uma vez por todas... Não me importa, porra!

Eu não podia escutar nada que Henrique dizia do outro lado, mas isso estava deixando meu caubói furioso. Fiquei na ponta dos pés, sabendo que precisava fazer algo, e tentei tirar o celular da mão do Gui, mas eles continuaram a se xingar e gritar um com o outro, me deixando realmente assustada.

— Pare com isso, Guilherme, me dê o telefone, por favor... — Fui obrigada a segurar seu rosto para que ele me olhasse e se acalmasse pelo menos um pouco. — Ele não vale a pena, caubói.

Guilherme me encarou seriamente, o celular ainda na orelha e por um descuido dele eu consegui arrancar o aparelho da sua mão e cortei imediatamente a ligação, me arrependendo de não ter feito isso antes. Meus dedos tremiam, não, acho que o meu corpo todo tremia.

E a sensação só piorou quando em um ato de desespero, eu me inclinei para abraçar o meu caubói, e ele se afastou mais do que furioso.

— Gui?

GUILHERME

Sua morena não é a mulher que você pensa, fazendeiro, já se perguntou o que ela anda escondendo de você?

Poderiam ser palavras vazias, se eu não tivesse a certeza absoluta de que ela realmente vinha escondendo algo de mim.

Me afastei quando ela tentou me abraçar, minha raiva estava transbordando e eu sabia que iria acabar descontando tudo nela.

— Caubói. — Fitei seus olhos verdes, ela estava aterrorizada e por quê? — Diz alguma coisa, você está me deixando nervosa. — Mariana me acompanhou com o olhar enquanto eu dava a volta na sala e pegava a sua calcinha do chão.

O filho da puta tinha conseguido ferrar com a minha cabeça!

— Vista-se. — Joguei o pequeno pedaço de pano em suas mãos e a assisti subir pelas pernas, que até pouco tempo atrás estavam em volta do meu pescoço. Sem perceber, eu me vi em frente a ela, que tinha a boca trêmula e os olhos arregalados. — Agora me diga, há quanto tempo ele vem te intimidando? E por que diabos você não me contou, Mariana?

Lentamente eu a vi morder o lábio e voltar a respirar, ela estava aliviada? Merda, ao mesmo tempo que eu queria sacudi-la e dizer que eu não era nenhum otário, eu também queria agarrá-la e fazer amor até estar vazio. Seco.

— Olhe para mim, caubói — ela pediu perto demais, e, merda, eu ainda podia sentir o cheiro da sua excitação. — Eu nunca, nunca te magoaria por querer. E eu ficaria completamente sem chão se alguma coisa acontecesse com a gente. — Mariana apoiou sua testa em meu queixo, roçando a pele macia em minha barba, deixando óbvio que ela sabia como apertar meus botões, caralho! — Eu te amo, mas preciso resolver isso tudo sozinha.

Segurando-a pelo braço, eu a parei quando tentou me beijar novamente.

— O que ele fez essa noite foi assédio, Mariana. Você sabe disso, não sabe?

— Eu sei, e eu vou dar um jeito nessa confusão, Guilherme. Só confie em mim, ok? — ela falou incerta e deu um passo para trás, desistindo da ideia de me seduzir.

Só que louco do jeito que eu era quando se tratava dela, eu a agarrei e puxei de volta, a fazendo bater diretamente contra o meu peito.

— Eu confio, Mariana, acho que até demais. A única exceção é, e sempre será, quando esse desgraçado estiver envolvido. — Isso a chateou e ela recuou, mas eu não a deixei escapar. Essa mulher me virava do avesso, e foda-se se eu estava optando pelo caminho mais fácil ao não despejar toda a porcaria que escutei do Henrique em cima dela.

Porque nesse momento, tudo em que eu conseguia pensar era no prazer que sentiria quando colasse as mãos naquele merdinha.

Capítulo 24

MARCOS

Domingo...

Rachel estava parada, no meio da sala do apartamento, com os contratos em mãos e a boca aberta sem dizer absolutamente nada. A princípio, ela tinha pensado que se tratava apenas de uma brincadeira quando eu a acusei de roubo, mas agora ela estava totalmente perplexa ao se dar conta de que eu estava falando sério.

Foda-se se eu cairia nesse seu joguinho e carinha de ofendida, não depois do seu nome ter sido o único em quase um mês de investigação a ser relatado como um possível suspeito.

— Então, Rachel? Vai me explicar como conseguiu desviar quatro milhões da minha empresa, ou eu terei que descobrir sozinho? — Ela piscou aturdida e me encarou. Os olhos azuis faiscando de raiva... e medo. Pois que ela sentisse medo, pensei.

— Mas... eu não fiz isso.

— Não é o que o contador e eu pensamos. Essas são provas suficientes para te colocar atrás das grades, sabia? — menti, porque, para falar a verdade, aqueles papéis não provavam nada. — Então, eu acho melhor você cooperar e admitir logo que foi você. Isso vai poupar muito o nosso tempo. — Sacudindo a cabeça, ela gaguejou.

— Marcos, por favor, acredite em mim, eu nunca faria isso com você... Como eu po-poderia roubar a em-empresa do homem que eu... — Ela engoliu as palavras e eu ri sarcasticamente.

— Que você ama? Não seja dissimulada, porra! — Rachel voltou a olhar os papéis, ainda chocada por ter sido descoberta. Será que ela se achava tão esperta que pensou que nunca seria pega? Que só porque esquentava a minha cama algumas noites na semana, eu deixaria uma merda dessas passar impune? — Se você precisava de dinheiro, era só ter pedido Rachel, eu nunca neguei nada a você! — esbravejei, irritado. — Era por isso que estava ameaçando ir embora, não é? Pois eu te digo uma coisa, foi a sua ambição que te fez ser descoberta e, enquanto você não me pagar centavo por centavo...

— Eu não fiz isso! — ela gritou novamente, dessa vez vermelha e com os olhos marejados, fazendo-me levantar furioso, pronto para ir embora.

— Engraçado, porque isso é o que todo criminoso diz antes de ser preso.

HENRIQUE

Segunda-feira...

Empurrei Isadora contra a parede, desejando poder ter seus olhos sobre mim. Meu corpo ainda molhado do banho pulsava dentro dela, e eu estava muito perto de gozar. Perto demais. Uma pena que ela ainda estava fria... Inacreditável.

— O que você pensa quando me sente dentro de você, Isa? Diz para mim... — murmurei rouco em seu ouvido e ela abriu os olhos, me fitando fixamente.

— Em quem você pensa quando me fode como um animal, Henrique? É nela, não é? — Suas palavras saíram secas e duras.

— Ficou louca? — Saí de dentro dela, assustado com o rumo da conversa.

— Não. — Isadora riu. — Só não sou cega, e vejo a maneira como vocês dois se olham.

— Não posso acreditar que você está tendo uma crise de ciúme justamente na semana do nosso casamento. — Me fiz de ofendido.

— Não é nenhuma crise, Henrique, estou apenas dizendo que tem algo acontecendo, e não estou gostando nada disso.

Ela me deu as costas totalmente nua, me deixando com o pau latejando e uma fagulha de preocupação na cabeça.

Horas mais tarde, eu ainda não tinha esquecido a nossa conversa, mas estava em meu escritório pronto para começar a minha última semana como um homem solteiro. Era segunda, e até agora tudo estava caminhando como planejado. Marcos mandaria encerrar a investigação, e eu até mesmo já sabia como consertar as coisas com a Isadora, exigiria tato, mas no final ela acabaria acreditando em mim. Como sempre fez.

O único inconveniente vinha sendo a minha *bruxinha*. Se eu tivesse dado um jeito nela lá atrás, ao invés de ceder aos seus encantos, eu não teria que correr nenhum risco desnecessário agora.

Conferi a hora em meu novo Rolex, e me levantei. Esse era o melhor momento para falar com a Rachel sem que ninguém nos visse, já que Isa não trabalharia essa semana por conta de todos os preparativos do casamento, e Marcos havia saído após o horário de almoço sem previsão de volta.

Não foi nenhuma surpresa encontrar sua sala fechada quando cheguei e muito menos ver seu rosto inchado e coberto por lágrimas. *Ah, Rachel, esse é só o começo.*

MARIANA

Saí apressada do elevador, indo em direção à garagem do prédio, preocupada que com a chuva, eu fosse acabar me atrasando para pegar a Sofia.

Parecia que para todos os lugares em que eu olhava, as pessoas estavam comentando sobre o casamento da Isadora. Falando sobre o vestido que ela usaria, ou sobre o hotel luxuoso onde aconteceria a festa logo após a cerimônia na igreja... Jornalistas do mais alto escalão tinham sido convidados e todos pareciam ansiosos para ver Isadora Montenegro subindo ao altar.

Será que minha irmã pelo menos sabia o crápula que o noivo dela era?

Bom, sabendo ou não, esse era definitivamente o evento do ano e eu já estava ficando de saco cheio. Para piorar ainda mais o meu humor, desde a noite em que Henrique ligou, Guilherme andava um pouco frio comigo. Não que estivéssemos brigados, ele só estava... diferente.

Lá no fundo, eu sabia o que tinha que fazer, aquele telefonema tinha sido a gota d'água para mim. Eu só não tinha ideia de por onde começar a falar, porque toda vez que eu olhava para o meu caubói e pensava em abrir a boca, meu coração ficava apertadinho, minha boca secava e eu travava.

Decidida, achei melhor esperar mais alguns dias, pelo menos até Isadora e Henrique viajarem em lua de mel. Até porque eu duvidava muito que Henrique seria louco a ponto de armar alguma confusão às vésperas do seu casamento.

Destravei o alarme do carro e guardei minha bolsa no banco de trás, antes de dar a volta para entrar. Mas parei tudo quando vi a cabeleira loira da Rachel e os seus passos apressados. E bem, ela estava vindo na minha direção e parecia desesperada.

— O que aconteceu?

— Eu preciso da sua ajuda, mas ninguém, nem mesmo o seu irmão, pode ficar sabendo.

Quarta-feira...

— Henrique chegou? — perguntei com uma expressão inocente para a secretária dele, que não pareceu feliz ao me ver.

— Não, o Sr. Farias só costuma vir na parte da tarde às quartas-feiras — ela respondeu, me deixando aliviada. Depois da conversa na segunda-feira com a Rachel, tudo que eu sabia era que precisava entrar no escritório do Henrique e procurar por alguma bendita prova de que ele estava envolvido de alguma maneira no desvio do dinheiro.

Ela havia me feito jurar não contar nada ao meu irmão sobre o que ela estava pretendendo fazer, e por mais que eu tivesse tentado convencê-la do contrário, Rachel havia sido irredutível em sua decisão.

Me doí por ela, principalmente depois de saber que ela e meu irmão vinham se relacionando pelos últimos dois anos e, pior, que ele tinha tido a coragem de demiti-la sem pensar duas vezes.

Então, se alguém aqui podia ir atrás de provas, esse alguém era eu.

— Eu preciso pegar um documento no escritório dele — falei indo em direção à grande porta de madeira. Deus, eu odiava essa sala.

— A senhorita não pode, ninguém pode entrar aí quando ele não está... — Ela deu passos curtos com suas pernas pequenas atrás de mim. — Senhorita, ele vai ficar furioso se descobrir.

— Então não conte — disse e tranquei a porta ao passar. Ótimo, agora eu só tinha que procurar, mas o quê, exatamente?

Abri as gavetas, pastas, folheei alguns livros... Mas se ele realmente tivesse feito isso, o que eu acreditava que tinha, ele não deixaria nenhuma pista para trás. Henrique era a pessoa mais manipuladora e esperta que eu conhecia. Ele sabia como distorcer qualquer circunstância a seu favor, e era disso que eu tinha medo.

Liguei seu computador, travado por senha e tentei algumas combinações, mas foi inútil. Sentada em sua cadeira, pensando onde mais poderia procurar, eu me lembrei do que tinha acontecido nessa mesa, me lembrei de tudo o que tinha acontecido para falar a verdade, e percebi que ele estava certo. Eu não passava de um peão descartável. Tanto eu, quanto a Rachel. O que ele queria mesmo era dar o xeque-mate no rei... E para isso ele precisava da rainha jogando ao seu lado, ou seja, a Isadora.

— Senhorita! Abra essa porta!

Irritada por não ter conseguido nada, eu arrumei tudo como estava, ou pelo menos tentei, e saí do escritório.

— Ele vai ficar furioso, e eu vou dizer que foi a senhorita que esteve aqui...

— Diga, que eu faço com que Marcos te demita na mesma hora! — falei por falar, a coitada não tinha culpa de nada, mas pelo menos isso a faria ficar de bico calado. Era com isso que eu contava, pelo menos.

Passei o restante da manhã aflita, eu tinha que fazer alguma coisa não só pela Rachel, mas por mim também. Esperei impaciente dar o horário do almoço e fui até a sala do meu irmão, só para encontrá-lo louco de raiva.

— Marcos — murmurei baixinho e entrei, enquanto ele gritava com alguém ao telefone.

— Ninguém desaparece de uma hora para a outra assim, porra! Ela foi vista na segunda, não, o porteiro do prédio disse que ela saiu à noite, inclusive o cumprimentou, mas não voltou... Hoje já é quarta-feira, ela tem que estar em algum lugar!

Revirei os olhos e mordi o lábio, eu não imaginei que Marcos reagiria assim quando

descobrisse...

Eu o esperei encerrar a ligação, e sem falar nada, servi uma dose de uísque e entreguei para ele.

— Aquela miserável fugiu! Será que ela não vê que isso só reforça a sua culpa? — ele despejou para mim sem raciocinar.

— Você realmente acha que ela roubou a gente, Marcos?

— Então, ela te contou?

— A única coisa que eu sei, é que você a demitiu depois de acusá-la injustamente.

— Não foi injustamente, o nome dela está ligado aos contratos que foram desviados, Mariana. Ela não só enganou a mim, como pelo visto, também tentou fazer a sua cabeça.

— Eu conheço a Rachel.

— Eu também conheço, provavelmente até melhor do que você, mas ela é a única suspeita que apareceu até agora!

— Sério, Marcos? Eu sei o que vocês tiveram, sei de tudo, e imagino como deve estar se sentindo, mas pense um pouco. A Rachel que você diz que conhece parece capaz de fazer algo assim? — Ele me estudou friamente e balançou a cabeça como se essa conversa fosse inútil.

— Só pode ser ela, Mariana. O fato de ter fugido já é prova de sua culpa. Tanto é que eu mandei encerrar as investigações e... — Sua voz saiu exausta, eu achava que no fundo ele tinha era medo de acreditar na Rachel e acabar se decepcionando.

— Posso te pedir um favor? Você não precisa fazer isso por mim, faça por ela... e por tudo o que aconteceu entre vocês. Continue investigando, eu tenho certeza de que não foi ela.

— O que você está me escondendo? — Eu tinha que contar. Rachel me fez jurar não falar sobre suas intenções, mas não disse nada a respeito de não poder dizer sua suspeita. E se essa fosse a única maneira de descobrir a verdade?

— Já cogitou a ideia de ser o Henrique?

— Nem pense!

— Eu estou falando sério, Marcos, você não precisa acreditar em mim agora, só faça o que te pedi, continue investigando. Por favor...

— Como posso saber que essa não é apenas uma tentativa de atrapalhar o casamento da Isadora?

— Eu juro que não é, não me importo mais se esse casamento vai ou não acontecer. Tudo o que eu quero é que você investigue — falei e ele não me deu nenhuma pista do que iria fazer, porque seu telefone tocou nesse momento e eu fui logo dispensada.

HENRIQUE

Quando cheguei a Montenegro na quarta, minha secretária me passou o recado do Marcos para que eu fosse até a sua sala. Com todas as papeladas que eu precisava, ela veio atrás de mim e não pude deixar de reparar na careta em seu rosto e no olhar curioso que ela deu ao redor do meu escritório.

— Algum problema? — perguntei.

— Não, nenhum problema, Sr. Farias.

Continuei a encarando, achando bastante estranho seu comportamento. Mas, enfim, eu deixaria para analisar isso uma outra hora. Nesse momento o *todo-poderoso* me esperava.

No caminho para o seu escritório, passei pela sala da Rachel que, mais uma vez, estava vazia...

— Queria falar comigo, Marcos?

— Sim. — Ele me olhou sério e acenou para que eu entrasse. — As investigações irão continuar, achei melhor contar a você pessoalmente. — O *você* saiu carregado de um sentimento que não consegui decifrar.

— Pensei que já tivéssemos encontrado a culpada.

— Como já disse antes, Henrique, eu não tenho provas relevantes, apenas alguns contratos com a assinatura dela. Rachel não admitiu a culpa, e eu não posso fazer nada até que eu tenha como acusá-la oficialmente.

— Mas ela fugiu! Isso não é prova o suficiente? — Marcos franziu o cenho e me estudou.

— Como você sabe que ela fugiu? — Merda!

— Bom, ela não apareceu ontem e pelo visto nem hoje, então eu supus que...

— Pois eu acho que estamos trabalhando com suposições demais, Henrique. Eu quero provas, certezas. Coisa que eu não tenho ainda. Você é o diretor financeiro dessa empresa, gerencia todo o departamento de contabilidade e mesmo assim não foi capaz de perceber esse desfalque. — Ele se levantou e plantou as mãos sobre a mesa. — Então, não me importa o quanto atolado de trabalho você esteja, eu quero provas de tudo o que é *suposto* aqui dentro. Enquanto isso não acontecer, as investigações irão continuar. Fui claro?

Claríssimo.

— Será que eu posso, pelo menos, saber o que o fez mudar de opinião?

— Mariana veio interceder pela Rachel essa manhã, e por mais que eu ainda ache que ela é a culpada, percebi que não posso fazer nada se não tiver provas incontestáveis...

— As duas são amigas, claro que ela iria fazer isso. Mas Mariana não tem muito discernimento quanto ao que é certo, não é, Marcos?

— Você tem consciência de que está falando da minha irmã, não tem? — Isso aí, Henrique, ferre com tudo sozinho.

— Não quis faltar com respeito, só acho que essa ideia não é boa, não quando a equipe toda está empenhada com a expansão e cuidando de várias outras contas.

— Deixe que eu decido se a ideia é boa ou não, se preocupe em fazer apenas o seu trabalho, pode ser?

Merda, saí daquele escritório cuspiendo fogo e com a vontade de torcer aquele pescocinho intrometido da Mariana... até que ela aprendesse a lição.

E se antes, eu não tinha certeza quanto ao que contar a Isadora, agora, que ela tinha conseguido convencer Marcos a continuar investigando sobre o roubo, eu não tinha mais nenhuma dúvida.

Marcos ter aceitado isso assim tão facilmente só me mostrou que ele não seria fácil de se convencer, e que provavelmente ficaria do seu lado, caso a bruxinha cumprisse a ameaça de dizer a ele sobre o que eu vinha fazendo com ela nos últimos tempos. Me chame de precavido, mas eu sempre preferi o ataque.

E se Isadora acreditasse em mim e me apoiasse, nem Marcos nem ninguém conseguiria impedir que esse casamento acontecesse.

Claro que *toda a verdade* tinha que partir de mim para que ela cooperasse, e era por isso que eu a tinha convidado para vir até o meu apartamento essa noite, preparei pessoalmente o nosso jantar, separei seu *Malbec* preferido e depois de amaciá-la bem, eu revelei tudo o que Mariana e eu fizemos.

— Repete o que você acabou de me dizer, porque eu não posso acreditar... — ela grunhiu depois de me escutar contar a história de como Mariana provocou, me cercou pelos corredores... e se jogou em cima de mim bem no meio do expediente.

— Eu transei com a sua irmã, Isa — disse tranquilo, ciente de que poderia estar pondo tudo a perder. — E me arrependo profundamente do que fiz.

MARCOS

Engraçado como eu passei os dois últimos anos me recusando a dormir no apartamento que eu mantinha para a Rachel e agora, que ela tinha desaparecido sem deixar nenhum maldito rastro, eu só conseguia pensar nisso.

E em todas as noites que eu poderia ter estado ao seu lado e não estive...

Não que eu ainda não quisesse matá-la por ter me enganado, era só que o buraco dentro do meu peito tornava o seu erro quase insignificante.

Um erro que me custou quatro milhões de reais.

Não que eu estivesse me importando com o dinheiro, ele era o de menos, e isso só tornava tudo ainda pior. Porque se ela tivesse me pedido... eu teria dado. Eu poderia ser um ogro quase que 100% do tempo, mas eu nunca neguei nada a Rachel. Pelo menos, nada no quesito financeiro.

Me servi de um uísque forte, essa era a minha terceira dose do dia e observei o apartamento. Ela tinha deixado tudo para trás. Até as malditas calcinhas que eu joguei na cara dela há alguns dias.

Meus lamentos foram interrompidos pela ligação do chefe de segurança que trabalhava para mim, prestando serviços para a Montenegro e para a minha família.

— Alguma novidade? — perguntei cansado.

— Nada, senhor, é como se ela tivesse desaparecido do mapa. Pedi a um amigo para rastrear as contas e os cartões de crédito... Mas a última movimentação foi feita na segunda-feira e em uma quantia miserável.

— Faça o possível e o impossível para encontrá-la, Ric, porque eu a quero de volta, custe o que custar!

Capítulo 25

MARIANA

Sexta-feira – Véspera do casamento.

Assim como esperado, minha irmã optou por se casar na mesma igreja que nossos pais, e para a tensão de todos, essa noite aconteceria o último ensaio. Desta vez, com todos os padrinhos e madrinhas, alguns poucos amigos da família e até mesmo os Alcântara, que tinham feito questão de participar.

Como se já não bastasse ter que comparecer ao casamento em si, eu também tinha que fazer parte disso... Respirei fundo, pensando nos últimos dias. Rachel desaparecida, Henrique furioso comigo porque consegui convencer meu irmão a voltar com a investigações e Marcos completamente alterado.

Todos os dias, um peso enorme era tirado das minhas costas quando eu chegava em casa, era como se tivesse uma nuvem negra pairando sobre a Montenegro e os céus estivessem apenas esperando o momento certo para desabar sobre a gente.

Saí do quarto com meu roupão, já que Sofia e eu tínhamos passado a tarde inteira em casa cuidando dos preparativos para o casamento de amanhã. Guilherme provavelmente apareceria a qualquer momento, mas nós ainda não tínhamos conseguido superar completamente o episódio da última sexta, e isso vinha me deixando desesperada.

Mesmo fazendo amor, mesmo sentindo-o dentro de mim... não era a mesma coisa. Ele parecia ressentido por eu não ter contado sobre as intimidações do Henrique, me olhava como se precisasse analisar cada palavra que saía da minha boca e isso machucava.

A porta da frente abriu de repente, e o dito cujo entrou. Nossos olhares se encontraram e um formigamento de antecipação percorreu todo o meu corpo. Meu caubói sorriu ao ver minha expressão abobalhada e se aproximou do sofá.

— Eu tenho uma coisa para você. — Pisquei confusa com o tom carinhoso da sua voz, e meu peito se encheu de esperança. — Vem aqui — pediu e eu me levantei do sofá, correndo até ele, agindo pior do que a Sofia quando estava ansiosa.

Eu o observei tirar alguns papéis do bolso traseiro do seu jeans e me entregar. Levei um bom tempo para entender do que se tratava, mas quando o fiz... eu o fitei emocionada, com a certeza de

que Guilherme era o amor da minha vida.

— Você o achou? — eu perguntei quase chorando.

— Leia tudo, morena. — Escutá-lo me chamando de *morena* quando ele não fazia há dias, acabou comigo. E Deus, amá-lo tinha me tornado toda emocional e chorona. — Leia — ele murmurou novamente e, dessa vez, beijou carinhosamente o topo da minha testa.

Continuei a ler enquanto seu polegar secava as lágrimas que caíam. Meu caubói não só tinha encontrado o Zeus como também o tinha comprado de volta. *O meu Zeus*.

— Como... você conseguiu? — Ele sorriu e inclinou o rosto na minha direção, beijando de leve os meus lábios.

— Posso garantir que não foi fácil.

— Eu te amo, caubói. Deus! — Eu o apertei com força e respirei aliviada em meio a soluços quando ele me abraçou de volta. — Eu te amo, eu te amo! — repeti incansavelmente até que ele me beijou profundamente, derrubando todas as barreiras que tinham se erguido entre nós na última semana.

Com as mãos em meu rosto e a boca colada à minha, nós nos beijamos e beijamos... até que estávamos na cama, seus dedos desfazendo o nó do meu roupão e seu jeans abaixado até o meio das pernas.

Acho que ele sentia a mesma necessidade que eu, porque o que estivemos fazendo nos últimos dias não tinha sido amor propriamente dito. Tinha sido apenas uma tentativa de manter um vínculo, mas que tinha fracassado completamente.

Isso aqui, como nós estávamos fazendo agora, o calor, o tesão desesperador, a emoção... Isso aqui era amor.

— Você é a mulher da minha vida — ele sussurrou rouco contra a minha boca. — A única. — Eu o fitei ardentemente ao senti-lo investir contra meu corpo, com sua rigidez deslizando para dentro de mim enquanto eu me esticava inteirinha.

— O único — eu murmurei de volta, e me perdi nele pelas horas seguintes.

MARCOS

Terminei de dar o nó em minha gravata e voltei para o quarto, já pronto para sair. A sensação angustiante no meu peito ainda não tinha desaparecido, sequer diminuído, e eu sentia tudo: saudade, raiva, temor... fora a traição ferindo meu peito a todo instante.

O pior era que mesmo querendo esganar a Rachel, eu não conseguia parar de me preocupar com ela. Não ter ideia do que poderia estar acontecendo era de certa forma apavorante.

Porra, eu não deveria tê-la pressionado tão forte, no fundo, eu deveria ter imaginado que ela fugiria. Eu só não pensei que com isso ela também levaria o meu sossego.

— Senhor, sua irmã o espera. — Fui avisado por uma das empregadas, ficando grato pela interrupção. Essa noite, assim como o dia de amanhã, seria inteiramente da Isadora.

E por mais receoso que eu estivesse sobre o caráter do Henrique, e as acusações feitas pela Mariana, não havia nada que eu pudesse fazer. Pelo menos, não ainda. Agora, se o Sr. Soares estivesse trabalhando no que lhe pedi, talvez muito em breve eu teria a confirmação que precisava. Eu só não sabia o que era pior, uma prova definitiva contra a Rachel ou descobrir que o homem que estava prestes a se tornar meu cunhado era realmente um filho da puta.

Desci a escadaria principal, a que dava para o hall de entrada e recebi um pequeno sorriso da Isadora. Ainda era difícil acreditar que ela estava prestes a se casar, que a garotinha que se apegou fortemente a mim desde a morte dos nossos pais já era uma mulher adulta e segura de si.

— Está nervosa? — perguntei, a achando austera demais.

— Não — respondeu sucinta e eu franzi o cenho porque algo não estava bem, e nós até poderíamos passar a noite inteira discutindo sobre o que a mantinha desse jeito, mas ao olhar para o meu relógio eu vi que não tínhamos tempo para isso.

MARIANA

Apertei a mão do Guilherme ao meu lado e lhe dei um sorriso, enquanto Sofia corria para os braços do meu irmão. Todos já estavam em seus devidos lugares quando chegamos à igreja. Marcos entraria com a Isadora, os padrinhos se encontravam no altar... Até mesmo o Henrique já estava lá na frente com aquele ar confiante de quem conquistaria um belo prêmio muito em breve.

Eu ainda não tinha visto a minha irmã, mas achei que ela estaria em algum lugar no fundo da igreja, já que a cerimonialista contratada por ela andava de um lado para o outro conferindo se estava tudo em ordem.

Quando o ensaio deu início e a orquestra finalmente começou a tocar, o som de Ave Maria preencheu toda a igreja, fazendo-me arrepiar inteira. Senti algo estranho naquele instante e me vi olhando diretamente na direção do Henrique e, Deus, eu perdi tanto tempo da minha vida desejando o Henrique e agora ele estava prestes a se casar com a Isadora. E por mais contraditório que fosse, era dela que eu sentia pena, porque o homem era um verdadeiro crápula.

— Está tudo bem? — Guilherme perguntou e eu desviei o olhar dele para encarar diretamente o meu caubói.

— Sim, tudo ótimo — respondi e apoiei minha cabeça em seu ombro, feliz pela tarde que passamos juntos, e principalmente por ele ser o homem maravilhoso que era.

Eu não me virei para ver minha irmã entrando na igreja, ao invés disso, observei Sofia olhar

curiosa a tudo o que estava acontecendo. Ela tinha um sorriso no rosto e parecia encantada com o que via.

— Ela é linda, mamãe — falou em uma tentativa inútil de murmurar, que acabou saindo mais alto do que pretendia.

E foi só nesse instante que eu tive coragem de encarar a Isadora, seus olhos estavam frios e fixos em mim quando ela passou, me fazendo engolir em seco. Não que eu já não tivesse recebido olhares assim durante toda a minha vida, mas esse realmente me deixou irrequieta.

Era claro que eu era uma *persona non grata* aqui hoje, mas Marcos insistiu para que viéssemos. Como o ensaio havia sido marcado para às seis horas da tarde, meu irmão programou um pequeno jantar em família, junto com os Alcântara e os padrinhos da Isadora, no mesmo hotel onde seria a festa de casamento dela.

O restante do ensaio foi maçante, eu não queria estar aqui tanto quanto ela não me desejava. Meu caubói também não parecia contente por isso, e a cada vez que eu o pegava encarando o Henrique, eu conseguia enxergar toda a raiva que ele sentia estampada em seu rosto.

Quase uma hora mais tarde, seguimos todos até o hotel. Eu estava preocupada com o horário e com a Sofia, que já tinha começado a pedir colo e sentir sono. O que eu não entendi, já que ela havia tirado um cochilo e tanto essa tarde.

— Quando nós vamos nos casar, mamãe? — Soff perguntou enquanto balançava as perninhas no banco de trás e eu me virei, querendo saber de onde ela tinha tirado isso. Principalmente o *nós*.

— Quem disse que nós vamos casar, Sofia?

— O Gui. — Ela olhou incerta para ele, e eu fiz o mesmo. — Ele falou que vai casar com a gente... e que eu vou poder ter um monte de cavalos e peixinhos... e vamos morar numa casa assim ó, mamãe... — Ela estendeu as mãozinhas para mostrar o tamanho.

— Você falou? — eu perguntei dividida entre a emoção e a preocupação com a cabecinha dela.

— Bom, falei, mas, pelo visto, sua filha desconhece o significado da palavra *segredo* — respondeu bem-humorado, e apoiou sua mão em minha coxa, fazendo-me sorrir.

— Então... eu só não vou brigar com você por dizer essas coisas a ela, porque você meio que me ganhou na parte sobre os cavalos.

— Eu amo o quanto é simples deixar vocês duas felizes, sabia? — meu caubói falou sério e Sofia gritou que estava *mesmo feliz* lá do banco de trás.

Escutei por alto a conversa na mesa, mais atenta ao que Sofia tagarelava do que tudo. Guilherme estava novamente perdido em uma conversa com o Filipo Alcântara, que parecia bastante interessado sobre criação de cavalos e a manutenção de um haras. Com Isadora na outra ponta da mesa, ao lado

do Henrique, e com suas duas madrinhas de frente para ela, eles conversavam sobre os planos que tinham feito para a lua de mel.

Já o Marcos, parecia alheio a tudo isso. Desde o desaparecimento da Rachel, ele andava mais recluso do que o de costume e, para ser bem sincera, eu estava começando a ficar aflita. Eu não imaginei que ele sentiria tanto com a perda dela... Mordi o lábio mais uma vez pensando em tudo que Rachel e eu conversamos antes de ela, bem, fazer o que tinha que fazer, e me perguntei se deveria interferir de alguma maneira. Porque, para mim, estava claro que o Marcos era louco por ela. Eu só esperava que fosse *louco* de uma maneira boa.

Eu o observei pedir licença e ir até a toalete em determinado momento da noite, e Carmen, emocionada, deu rumo a conversa.

— Estou tão feliz por você, Isadora — Carmen falou ao meu lado. — Espero que tenhamos mais surpresas pelos próximos meses, vocês não sabem a felicidade que é para um casal ter filhos...

— Tudo a seu tempo, Carmen, queremos fazer tudo corretamente — minha irmã respondeu e me encarou. — Não sou como a Mariana, que pulou diretamente para a etapa de procriar sem nem ao menos estar casada. — Procriar? E outra, eu tinha passado a noite inteira tentando não provocá-la porque sabia que, apesar de tudo, o dia de amanhã seria importante para ela, e agora eu era atacada sem o menor motivo?

— Engraçada a sua maneira de pensar, Isa... Procriar fora do casamento não é o correto, mas se enfiar em um casamento de aparências, onde não há amor, é? — Minha irmã rangeu os dentes, visivelmente surpresa, enquanto Henrique pegava sua mão e pedia para que ela se acalmasse. O olhar que ele me deu, ah, eu sabia que ele queria que eu calasse a boca e não a provocasse, mas tinha sido ela a começar dessa vez, não eu.

— O que aconteceu com sua irmã foi um acaso do destino, querida, e tenho certeza de que ela não se arrepende nem por um momento, não é, Mariana? — Carmen intercedeu por mim e passou a mão na cabeça da Sofia que tinha aquele olhar de admiração para a minha irmã. Para Sofia, Isadora parecia uma princesa... e talvez fosse mesmo, só que com um coração de pedra.

— Pois é, para se arrepender dos erros que ela comete seria preciso um pouco mais de consciência, coisa que minha irmã definitivamente não tem, Carmen. — Suas duas amigas deram risinhos abafados e olharam para mim. Eu não estava entendendo por que isso tudo. Pelo menos, por que isso tudo justamente hoje.

— Isadora, eu acho melhor... — Henrique tentou abafar a discussão, mas ela continuou.

— Você acha melhor o que, Henrique? — minha irmã alterou a voz, agora, com toda a mesa a olhando, inclusive o Guilherme. — Que eu fique calada vendo ela tentar destruir o nosso casamento?

— Já chega! — falei disposta a me levantar, eu não queria mesmo fazer parte desse jantar idiota, muito menos ver essa felicidade fingida dos dois. — Você merece o Henrique, Isadora, eu juro que estava começando a ter pena de você, mas você o merece. A cretinice dele faz par com a sua, tenho certeza de que vocês serão muito felizes com esse casamento medíocre em que estão se metendo. — E assim como eu, ela se levantou e apoiou as mãos sobre a mesa, só que com um sorriso maligno no rosto de *princesa*.

— Isadora! — Henrique tentou novamente e a segurou pelo braço, enquanto eu me virava para pegar Sofia, mas Carmen tinha sido mais rápida do que eu e a afastou da confusão. — Nós conversamos sobre isso, merda!

— Conversamos? — ela disse, sem tirar os olhos dele. — Você conversou, Henrique, porque em nenhum momento eu disse que me calaria. — Do que eles estavam falando? Me perguntei, mas fui puxada pela mão firme do Guilherme que murmurou ao meu ouvido para sairmos dali.

— Agora, morena.

Sem conseguir deixar de encará-los, eu me deixei ser guiada, tentando entender o que estava acontecendo. E não satisfeita com o escândalo que estava causando — para os funcionários do restaurante do hotel, suas duas amigas e os Alcântara — Isadora me seguiu furiosa, não aceitando a discussão como encerrada.

— Você diz que chegou a ter pena de mim, sua hipócrita — ela gritou. — Mas você deveria era ter vergonha na cara e parar de correr atrás do *meu* noivo! Será que esse fazendeiro xucro ao menos sabe a vadia mentirosa que você é? — Eu parei de andar no momento em que a escutei me ofender e me virei para encará-la, sendo pega de surpresa pelas suas palavras. Henrique tinha contado a ela? — Ficou calada agora, não é? — Isadora riu, mas eu ainda estava estarelecida com a possibilidade de que ela sabia o que nós dois tínhamos feito.

— Do que sua irmã está falando, Mariana? — A voz grave do Guilherme ressoou atrás de mim e seu aperto se intensificou. Com o coração na mão, eu apenas olhei para a minha irmã em súplica.

— Isadora, não... por favor — implorei.

— Claro que ela não te contou. — Ela me ignorou e se dirigiu a ele. — A sua queridinha tanto atiçou o Henrique que os dois acabaram transando sobre a mesa do escritório dele, dá para acreditar, fazendeiro? Mariana é tão sem-vergonha que não pensou em você, não pensou em mim. Só pensou nela mesmo e, meu Deus, é tão bom saber que eu não fui a única enganada nessa história. — Senti um baque no peito quando os dedos do meu caubói me soltaram e me desequilibrei, não conseguindo ficar em pé com as próprias pernas de tão nervosa que eu estava.

— Você não fez isso, porra! — ele murmurou e sacudiu a cabeça com o olhar vidrado de raiva e... um outro sentimento que eu conhecia muito bem. Ele estava sentindo dor.

— Guilherme, me escute. — Tentei me aproximar, mas Gui afastou o corpo, não querendo sentir meu toque.

— Triste, não é? — Minha irmã continuou. — Foi o próprio Henrique quem me contou, caso você pense que eu esteja mentindo. Agora, imagine quantas vezes isso não deve ter acontecido sem que nós dois ficássemos sabendo...

— Cale a boca, Isadora! — gritei nervosa, com as mãos tremendo e sem conseguir ver mais nada ao meu redor. A única pessoa nesse salão agora que me importava era o homem que me olhava com desprezo.

— Todo esse tempo, Mariana, todo esse caralho de tempo que ficamos juntos... você também esteve com ele?

— Não, caubói, eu nunca... — Eu ia explicar que nunca conseguiria manter uma relação com os dois ao mesmo tempo, que o que tinha acontecido tinha sido um único erro. Apenas um.

— Nunca? Vai me dizer então que é tudo mentira? Que você não transou com ele? — ele rosnou, não me dando chance de explicar, e por um momento eu não sabia se o salão estava realmente em silêncio ou se tudo estava confuso demais dentro da minha cabeça.

— Gui, por favor.

— Transou ou não, caralho? Só me responda isso!

— Uma vez, foi só uma vez... — admiti, mas ao invés de alívio, tudo o que eu sentia era o mundo desabando ao meu redor. Deus, como eu queria poder voltar no tempo. — E eu juro que me arrependi, Gui, juro para você! — Guilherme me olhou de repente como se não me conhecesse, como se estivesse vendo alguém que o enojava e isso também me enojou. Porque eu sabia que era tudo culpa minha, sabia que tinha metido os pés pelas mãos da maneira mais suja e errada que alguém poderia fazer.

Exasperada, eu tentei mais uma vez chegar até ele, eu precisava dele, precisava que tudo ficasse bem entre a gente, mas quando segurei sua camisa, ele cobriu meu pulso com as mãos e as afastou do seu corpo.

— Só me diz... Como você teve a coragem de fazer isso com a gente? — ele perguntou me sacudindo pelos braços. — Como pôde se deitar na minha cama, fazer amor comigo e mentir, mesmo sabendo o quanto eu sou louco por você? — Lágrimas grossas desceram pelo meu rosto, e se eu não estivesse tão abalada, eu poderia jurar que vi algumas descendo no rosto dele também. — O pior é que eu sempre fiz tudo, absolutamente tudo por você, Mariana.

— Eu sei, Guilherme, eu sei e, por favor, acredite em mim. Eu me arrependi, eu nunca deveria ter feito o que fiz, nunca! Por favor... — implorei inconsolável, sentindo o tremor das pernas bambas assim como o restante do meu corpo e meu coração — meu estúpido e burro coração — parecia querer saltar pela boca. Eu estava me perdendo.

— Por favor, o quê? — Ele me soltou, vendo que tinha passado dos limites e que todos nos olhavam. — Você acha que depois de saber disso, eu vou fazer o quê? Te perdoar? — Sim, era isso que eu queria que ele fizesse. — Isso não vai acontecer, porque não foi uma nem duas vezes que te confrontei atrás da verdade. Foram várias, e em todas as vezes você mentiu como se eu fosse a merda de um idiota!

— Eu estava com medo! — gritei, mas minha voz estava presa, abafada.

— Tivesse pensado nisso antes de agir como uma... — Fechei os olhos pensando que ele iria me xingar bem aqui, na frente de todo mundo, mas ele simplesmente se aproximou de mim e murmurou: — Quer saber? Você pode ter acabado de quebrar a porra do meu coração, Mariana, mas eu não vou perder a cabeça por sua causa. Não vou me igualar àquele filho da puta por quem você é obcecada, porque eu acabo de descobrir que você não vale a pena. — Fiquei tão desesperada ao escutá-lo despejar essas palavras duras sobre mim, que a dor que me abateu me fez soluçar e gritar. Tudo ao mesmo tempo.

Guilherme me soltou enquanto se afastava, e eu cambaleei para trás atordoada, não sentindo

mais seus dedos nem os seus olhos em mim, nem mesmo o seu amor. Era como se, de repente, eu estivesse sozinha no mundo. Prendi a respiração, enquanto as lágrimas desciam cada vez mais intensas e encarei minha irmã. O desastre que ela tinha feito na minha vida, mais uma vez.

— Ficou louco, seu desgraçado? — Um estrondo alto e a voz furiosa do Henrique chegou aos meus ouvidos e eu olhei para o lado assustada. Onde Guilherme o tinha no chão com o punho ensanguentado dos socos que estava dando nele. As amigas da minha irmã começaram a gritar histéricas, Isadora não fez outra coisa que não olhar com indiferença a cena, e Marcos, que não tinha retornado até aquele momento, chegou e os separou querendo saber *que merda estava acontecendo aqui*, e em resposta, praticamente todos olharam na minha direção.

E para o meu total desespero, depois de ter sido arrancado de cima do Henrique, Guilherme passou nervoso por onde eu estava, ainda em choque, e ignorou não só a pergunta que meu irmão havia feito a ele, como também a mim.

Desnorteada e sem conseguir pensar direito no que estava fazendo, eu fui atrás dele. Guilherme tinha que me escutar, tinha que entender que o que sentíamos pelo outro era mais forte do que o meu erro. Tinha que ser.

— Caubói — eu o chamei ao encontrá-lo na calçada, indo em direção ao estacionamento. — Por favor, nós temos que conversar... — falei, mas ele não parou, ao invés disso, continuou a andar sem se importar com o que eu dizia. — Que merda, Guilherme, eu te amo! — gritei cheia de culpa, e isso sim o fez parar e se virar para olhar para mim.

Mas não foi como eu imaginava que seria. Aquele ali não era o meu caubói.

— Eu também amei você, Mariana. Mas eu amei a pessoa que eu pensava que você fosse, a garota que eu passei todos esses anos protegendo. E, porra, eu te amei tanto que isso me deixou cego, não vê? — Ele deu um passo à frente, dividido entre se aproximar e se afastar de vez, enquanto passava a mão no cabelo nervosamente. — E agora... agora eu tenho quase certeza de que posso te odiar com a mesma intensidade. Isso é irônico, não é?

Minha respiração falhou e eu não consegui pensar em nada para dizer, porque o pensamento dele me odiando fez meu coração afundar dentro do peito. Guilherme olhou para mim, enxergando toda a minha agonia e sofrimento, mas não fez nada.

Ele apenas balançou a cabeça e me deu as costas, sem se importar com todas as vezes em que repeti que o amava essa tarde. Ou nas vezes em que o abracei e beijei apaixonadamente. Em que chorei em seus braços e o fiz prometer nunca, nunca me deixar. Ele não se importava com nada disso agora. E eu não podia sequer culpá-lo por isso.

— Ah, Mariana. — Ele parou e olhou para mim com o rosto indecifrável. — Você tem uma semana para dar o fora do meu apartamento!

Capítulo 26

MARCOS

— Não posso acreditar nisso, Isadora, você perdeu completamente o juízo! — Perdi a paciência com ela, sabendo que isso não iria adiantar de nada. Isadora estava irredutível.

— Eu me recuso a desistir desse casamento, porque eu sei que é isso que ela quer! E nada do que você ou a Carmen digam, me fará mudar de ideia, Marcos. Essa é a minha vida!

— E você está prestes a arruiná-la se casando com um homem que te traiu! — E merda, se eu soubesse que Guilherme estava em cima do desgraçado do Henrique por esse motivo, eu não teria afastado os dois. Muito pelo contrário, teria até aplaudido a coragem do homem.

Mas quando eu iria imaginar que voltaria ao salão e encontraria os dois caídos no chão? Isadora permitindo que tudo aquilo acontecesse e Mariana desesperada? Fora a Sofia que tinha corrido para o meu colo chateada porque o Gui e a mãe dela tinham *bigado*.

— E quanto a Mariana? Você não vai fazer nada? Se não fosse por você ter tido a ideia brilhante de deixá-la ficar no país e colocá-la dentro da Montenegro, nada disso estaria acontecendo. Então, não venha me dizer que eu perdi o juízo. Porque aqui, a única que parece pensar racionalmente, sou eu!

— Mas tinha necessidade daquele escândalo, Isadora? Se bem que... eu te conheço, você fez tudo de caso pensado, não foi? — Isadora não respondeu, ao invés disso cruzou os braços e caminhou até a janela do seu quarto. — Se você já sabia que não iria desistir do casamento, por que então não deixou esse assunto para lá? — Não que ela precisasse responder, eu sabia que tudo, cada palavra e ação dessa noite tinha sido feita unicamente por um motivo: vingança. — Às vezes, eu me pergunto se ter passado tanto a mão na sua cabeça foi o que te fez ficar assim. — Ela me olhou apreensiva. — E por mais que te admire e respeite, Isa, a maneira como você agiu hoje foi vergonhosa.

— Vergonhosa é a maneira como a Mariana age, Marcos! — ela se defendeu.

— Então, eu acho que você se rebaixou ao nível dela essa noite, porque seu comportamento foi tão desprezível quanto — falei sabendo o quanto isso a irritaria e saí do seu quarto com a cabeça quente, ciente de que tinha muito o que resolver ainda.

Cerca de trinta minutos depois, estacionei em frente à rua do prédio em que a Mariana morava e liguei pelo menos três vezes até que ela atendesse e liberasse a minha subida. Encontrei a porta sem

tranca, assim como ela avisou que estaria e fiquei imediatamente preocupado ao vê-la sentada no chão da sala, vestindo a mesma roupa que a do jantar e com uma taça já vazia em mãos.

— Se você veio para brigar comigo, eu acho melhor voltar amanhã — ela murmurou com a voz embargada por causa do choro e derramou mais vinho em sua taça.

— Eu vim atrás de explicações, Mariana — disse ao mesmo tempo que tirava a garrafa da mão dela e me sentava ao seu lado, só que ao invés do chão, eu me sentei no sofá.

Mariana me encarou cheia de desconfiança, com os olhos vermelhos e inchados, o que me fez sentir ainda mais remorso. Quantas vezes eu já não tinha feito Rachel chorar do mesmo jeito que minha irmã estava chorando agora?

— O que você quer que eu explique, Marcos? — ela murmurou e se afogou em mais lágrimas. — Eu transei com o Henrique. Nada que eu diga ou faça vai mudar isso, nada vai fazer com o que Guilherme me perdoe. Eu sabia disso no momento seguinte ao que estive com aquele... — Ela virou a taça de uma só vez, bebendo todo o vinho.

— Desgraçado?

— Está mais para filho da puta! — ela chiou. — E o pior de tudo é que ele só contou para a Isadora sobre nós porque eu o ameacei. Porque eu disse que contaria tudo a você. Ele apenas se adiantou e ferrou com a minha vida, Marcos.

Eu sabia que Mariana tinha errado, e feio, mas também podia ver o quanto seu erro a estava consumindo. No instante em que ela voltou ao salão, depois de ter ido atrás do Guilherme, eu percebi só de olhar que ela estava prestes a desmoronar.

E diferente da primeira vez, anos atrás, quando eu a peguei no escritório da mansão se jogando em cima do Henrique, eu não achava que agora ela aguentaria escutar tudo o que merecia. Então, eu apenas a deixei aqui no apartamento junto com a minha sobrinha, e prometi estar de volta assim que pudesse.

Ter Sofia na minha vida me deixou consciente de muito dos erros que eu cometi ao longo dos anos com a Mariana. Do quanto fui intransigente e autoritário com ela. Mas parecia que não importava a maneira como eu agia com as minhas irmãs, nenhuma das duas sabia como lidar com seus problemas.

— Acho que a Rachel tinha razão, afinal de contas... — ela murmurou.

— Do que você está falando?

— Sobre o Henrique, ela tinha razão. Ele só está interessado no que podemos oferecer a ele, sabe? Ele não se importa com a Isadora, muito menos comigo. O idiota não se importa sequer com a filha dele!

— Quando ela disse isso a você, Mariana?

— Antes... antes de ir embora.

— E o que mais? O que mais ela disse? — Eu não deveria ter soado tão desesperado.

— Não há mais, ela só se foi e fez o que tinha que fazer. — Fez o que tinha que fazer? Mariana estava bêbada? — E Marcos... não espere que eu compareça a esse casamento. Sei que é o que todos esperam, mas depois do que Isadora fez hoje... eu simplesmente não vou aguentar, então só me deixe ficar aqui...

— Bebendo?

— Não! Sofrendo, eu quero ficar aqui sofrendo!

— Eu não quero que esse casamento aconteça tanto quanto você, Mariana. Não depois de toda a merda que Henrique fez com vocês duas. Mas Isadora não quer desistir, ela insiste em seguir adiante...

— Ela vai casar com um monstro. O coração de pedra vai casar com um monstro...

— Quanto disso você bebeu?

— Não o bastante para poder me fazer esquecer essa noite. — Mari se levantou e foi até a adega climatizada pegar outra garrafa, já que eu tinha me apossado da sua.

Se sentando ao meu lado no sofá, ela cruzou as pernas enquanto se servia agora de uma safra mais recente de um dos meus vinhos preferidos, e olhou para o teto fixamente.

— Ele nunca vai me perdoar, não é?

— Eu sinceramente não sei, Mariana. — Até porque o pouco que eu conhecia do Guilherme, eu podia ver o quanto ele era turrão. Sempre defendeu minha irmã com unhas e dentes, e nunca se importou em passar por cima da minha autoridade para poder fazer as vontades dela. Que o cara era apaixonado, isso era meio que óbvio...

— Eu o amo, sabe? Acho que sempre o amei. — Ela limpou as lágrimas. — E ele aguentou tanto por mim, Marcos, tanto... Por que eu tinha que fazer isso com ele? Por que eu tinha que ser uma pessoa tão horrível, justamente com o homem que me amou por todo esse tempo?

Eu não tinha como responder isso a ela, até porque eram perguntas retóricas e eu não era tão melhor assim em assuntos de caráter sentimental. Acho que nenhum de nós três, era.

Na manhã seguinte, me levantei completamente quebrado por ter passado a noite no sofá. Conferi Sofia e Mariana antes de sair, e deixei que minha irmã continuasse a dormir. Eu a tinha escutado se lamentar e chorar até às três da madrugada, e ela estaria um verdadeiro desastre se tivesse que acordar agora.

Decidido a consertar toda essa confusão e a impedir que Isadora cometesse o maior erro da vida dela, eu peguei as chaves do meu *Alfa Romeo* e fui em direção ao apartamento do Henrique antes que fosse tarde demais.

Capítulo 27

HENRIQUE

Porra de campainha! Rosnei irritado ao ser incomodado quando ainda não eram nem sete da manhã. E com a ressaca filha da puta que eu estava, não sabia nem se conseguiria chegar até a porta sem tropeçar em alguma garrafa pelo caminho.

E olha que, se não fossem pelas batidas, eu provavelmente me atrasaria para a cerimônia que iria começar em menos de três horas. Inacreditável!

O pior não era nem isso, o pior era ter que agir como se Isadora, quase, não tivesse ferrado com tudo. Porque nunca que eu ia imaginar que ela iria acabar abrindo a boca e dando com a língua nos dentes às vésperas do casamento.

Puxei uma camisa pelos ombros e passei pelo hall de entrada, parando por um segundo para ver o desastre que tinha ficado meu rosto. Eu tinha um hematoma escuro, quase arroxeadado, no canto esquerdo do olho e por pouco, muito pouco, aquele maldito fazendeiro não conseguiu quebrar meu nariz.

Mas os hematomas no rosto não eram nada perto de todos os problemas que Isadora me arranjou. Isso tudo porque eu ainda não tinha falado com Marcos. O *todo-poderoso* deveria estar planejando a minha morte nesse exato momento, merda!

Abri a porta, esperando dar de cara com ela, em algum ato de arrependimento. Mas acabei ficando cara a cara com o dito cujo: Marcos.

O miserável partiu para cima de mim antes mesmo que eu tivesse tempo de reagir, me pegando de surpresa e socando o outro lado da minha cara.

— Porra, Marcos!

— Isso é por você achar que pode me fazer de idiota, seu filho da puta! — ele rosnou, me segurando pela camisa e eu o empurrei. O punho coçando para revidar. Mas se me bater faria a fera se acalmar, então eu não poderia me importar menos com a dor. — Eu não falei para você ficar longe da Mariana? Quantas vezes eu não te avisei sobre isso, merda?

— Sua irmã não é nenhuma santa, merda! — ele grunhiu com meu comentário. — Ela provocou tudo o que aconteceu, ela e aquela loucura maldita dela! E outra, tudo o que precisava explicar já foi explicado para a Isadora, e se sua irmã, minha futura esposa, foi capaz de me perdoar, quem é você

para me dizer alguma coisa?

— Quem eu sou? Você perdeu a porra da sua mente? Eu sou o seu chefe, Henrique! E se você pensa que vou deixar você estragar a vida da Isadora com esse casamento, você não poderia estar mais enganado.

— Sinto muito informar, mas a Isa não pretende desistir... — Essa era uma das certezas que eu tinha. Por mais irritada que ela estivesse comigo, e com o mundo, ela nunca iria dar esse gostinho a irmã. Seria humilhação demais e se tinha uma coisa que Isa não aceitava bem, era ser humilhada.

A prova disso era o que tinha acontecido na noite passada.

— Eu sei que ela não vai... quem vai desistir dessa merda é você!

MARCOS

— Você ficou louco se acha que eu vou fazer isso.

— Mas vai, tenho certeza de que vai. Então, cale a boca e escute bem o que eu vou dizer. — Eu o imprensei contra a porta, apertando o braço em seu pescoço. — Não vai demorar muito para eu descobrir a sua ligação com os desvios de dinheiro, porque, com toda a merda que você vem fazendo, tudo me leva a crer que Mariana estava certa...

— Mariana só fala bobagens. E você sabe, sem provas não há nada que você possa fazer contra mim!

O idiota estava certo, sem provas ele era intocável. Ou quase intocável. Só que para azucrinar ainda mais a minha consciência, a sua reação me fez perceber que eu tinha cometido um grande erro ao acusar precipitadamente a Rachel. Mas, merda, nada disso estaria acontecendo se eu não tivesse me deixado levar pela minha ratinha a ponto de não me dar conta do que acontecia a minha volta.

— Foi você, não foi? Que armou para a Rachel — constatei tarde demais. — Você era o único que sabia do nosso caso, Henrique.

— Isso é você quem está dizendo, Marcos, não eu — o cínico falou.

— Miserável, admita! — Dessa vez, eu tinha certeza de ter acertado o nariz dele. Henrique se inclinou para revidar, mas eu o joguei no chão. Nós podíamos ter praticamente a mesma altura, mas eu era bem mais forte do que ele.

— Isadora não vai te perdoar quando descobrir que você esteve aqui... — Ele riu e passou a mão pelo queixo machucado.

— Não me importo que ela me odeie porque isso passa e, no futuro, ela ainda vai me agradecer pelo que eu estou prestes a fazer. — Henrique me olhou desconfiado e se levantou zozinho, pegando algumas pedras de gelo no barzinho para colocar sobre o rosto. — Mas voltando ao nosso assunto, eu quero que você desista do casamento e deixe as minhas irmãs em paz.

— O que te faz pensar que eu vou simplesmente acatar as suas ordens?

— Eu ainda não terminei, Henrique... calma. — Arranquei meu celular do bolso e enviei uma mensagem rápida para o Ricardo, que estava à minha espera na recepção, e pedi para que ele subisse até a cobertura. — E na segunda-feira, a primeira coisa que você irá fazer assim que acordar, será dirigir até a Montenegro e assinar a papelada do seu afastamento, porque enquanto eu não descobrir quem desviou os quatro milhões da minha empresa, você está fora. — Henrique me encarou fixamente, dessa vez sem o menor sinal de cinismo, ele estava mesmo era se remoendo de ódio.

Mas ninguém, absolutamente ninguém, me fazia de idiota. Henrique iria aprender isso hoje.

A batida na porta interrompeu a nossa conversa, e eu acenei para que ele próprio fosse abrir. Ricardo ou Ric, como preferia ser chamado, entrou sem dizer uma palavra e esperou pelo meu comando. O cara realmente sabia ser assustador quando queria, pensei.

— Então, é ele que faz o seu trabalho sujo? — Ric sempre esteve ao meu lado, sem chamar atenção, mas esteve. A questão toda era que eu nunca precisei chegar a esse ponto.

Ele tinha a sua própria empresa de segurança particular e em raras ocasiões trabalhava em algumas investigações por fora, apenas quando realmente havia a necessidade de ele se envolver. Tanto que era ele o homem de confiança responsável pelo caso da Rachel.

— Ric está aqui para garantir que você não irá sair desse apartamento até segunda-feira, Henrique, então seja gentil com ele, porque se tentar fazer alguma merda, ele está mais do que autorizado a revidar.

— O que você acha que vai conseguir me prendendo aqui? Isadora vai querer saber de mim... ou você acha que ela não virá me procurar? — ele falou confiante.

— Deixe que da Isadora, cuido eu. Ela é minha responsabilidade!

— E quanto a Mariana? — perguntou em outra tentativa de me atingir.

— O que tem a Mariana?

— Você pode até impedir que eu me case com a Isa, mas quem vai impedir que os jornais cavem até descobrir a verdade sobre ela?

— Do que você está falando, porra? — Eu já suspeitava do que, só queria ter certeza se estávamos falando sobre o mesmo assunto.

— Eu estou falando sobre o fato de que ela é uma bastarda, Marcos. Já pensou no quanto isso iria afetar o circo que você chama de família? — Merda! Isadora deveria ter mantido a boca calada. — E eu não me importo mais com esse casamento, se você quer saber, sua irmã é uma frígida... — Eu nem precisei bater no desgraçado novamente, porque o próprio Ric fez isso por mim.

— Cale a boca, seu merda! — O tom autoritário que meu chefe de segurança usou fez o desgraçado recuar.

— Escute o que ele fala, Henrique... e nunca mais volte a ofender qualquer uma das duas. — Eu o avisei com a paciência esgotada. — Você não vai gostar das consequências.

— Foda-se, Marcos, eu vou prestar queixa! — Ele levou outro soco do Ric, agora na boca do estômago.

— O que você ia dizer? — Henrique franziu a boca em uma linha dura e me olhou furioso. — E quanto ao que você acha que sabe sobre a Mariana, se eu fosse você não iria querer desenterrar essa história. Entendeu?

— Eu quero vinte milhões.

— O quê?

— Eu deixo suas irmãs em paz, saio da Montenegro e esqueço toda essa história. Mas eu quero vinte milhões. — Ric estava pronto para partir para cima dele novamente, mas eu o impedi no último instante.

— Você realmente acha que eu vou ceder a sua chantagem?

— Você não tem escolha, Marcos. Não pode me prender aqui para sempre. Em algum momento eu estarei sozinho e posso, quem sabe, deixar escapar tudo a respeito da sordidez da sua família. Sobre como a sua mãe aceitou uma bastarda dentro de casa porque seu pai a obrigou. Imagine a repercussão que isso teria... — O filho da mãe era tão babaca, que eu não duvidava de mais nada. E, porra, dinheiro não era problema, não quando o nome da minha família estava sob ameaça de se envolver em outro escândalo.

Ricardo olhou para mim, querendo saber o próximo passo a dar, mas eu apenas balancei a cabeça. Se essa era a única maneira de afastar o cretino da minha família, eu daria a ele a porra dos vinte milhões.

Mas depois iria cobrar cada mísero centavo com juros.

MARIANA

— Alô? — Sofia e eu corremos ao mesmo tempo para atender o celular, enquanto meu coração batia agoniado com a esperança boba de que pudesse ser o Guilherme, mas mesmo ela, com suas perninhas curtas, conseguiu chegar antes de mim. — Quem tá falando? — Soff atendeu e olhou pra mim. — Eu tô bem, titio, e você?

Me sentei e afundei na poltrona, fechando os olhos decepcionada. Eu tinha acordado essa manhã com uma baita ressaca moral, fora a tristeza que se abateu assim que cada segundo da noite anterior passou pela minha cabeça: Guilherme me dizendo todas aquelas coisas, a nossa cama vazia...

Deus, pensar nisso era o suficiente para que sentisse todo o meu autocontrole ir pelo ralo. Fora que eu ainda estava em choque e completamente esgotada de ter passado parte da madrugada rolando na cama, sem conseguir dormir direito.

Não que eu pudesse me dar ao luxo de ficar me remoendo pelos cantos e chorando, não quando

eu podia ver claramente que Soff estava sentida com tudo o que tinha acontecido.

Desde o momento em que acordamos, ela me seguiu pela casa, andando de um lado para o outro e me olhando como se a qualquer momento eu pudesse começar me debulhar em lágrimas. E o que me dava mais raiva nessa história toda, era que eu sabia que ela iria sofrer tanto ou mais do que eu.

O Gui... ele falou que vai casar com a gente e que eu vou poder ter um monte de cavalos e peixinhos... E vamos morar numa casa assim ó, mamãe... As palavras que ela disse tão contente no dia anterior me assombraram, e eu engoli o choro arduamente, não acreditando que eu mesma havia destruído as chances de ter o nosso futuro ao lado dele.

— Minha mamãe? Ela tá aqui do meu lado... — Sofia estendeu a mão e me passou o celular, para logo depois apoiar a cabeça em minha coxa e me fazer um carinho, como se compreendesse melhor do que eu toda a dor que eu estava sentindo.

— Eu preciso que me faça um favor, Mariana. — O tom de voz usado pelo meu irmão não foi dos melhores, o que me deixou apreensiva, e se eu não estivesse enganada com o horário, ele provavelmente já deveria estar a caminho da igreja.

— Hum? — perguntei relutante.

— Eu preciso que você tire a Isadora daquela igreja antes que os jornalistas se deem conta de que não vai haver casamento algum.

Como assim, não ia haver casamento?

Capítulo 28

GUILHERME

Uma vez, foi só uma vez... A voz da Mariana ia e vinha dentro da minha cabeça e isso me enfureceu, porque, merda, eu não conseguia parar de pensar nela e no quanto ela tinha fodido com tudo.

E foda-se se tinha sido apenas uma noite, foda-se se agora ela estava arrependida. A garota tinha dado as costas a tudo o que eu sentia por ela para estar com um filho da puta que não valia nada!

E para ser sincero, mesmo que tivesse sido uma única vez como ela jurou ter sido, eu não sabia se conseguiria olhar ou estar ao seu lado sabendo que ela me fez de idiota e, pior, que Henrique havia colocado aquelas mãos imundas na mulher que eu pensei ser minha. A mulher que tinha a porra do meu coração e que não se importou de destruí-lo.

Porque, querendo ou não, foi isso que Mariana fez comigo. Ela me destruiu. E eu que me orgulhava de ser um homem que não chorava nunca, dessa vez, não aguentei. E pela primeira vez em muito, muito tempo, eu chorei.

Chorei por tudo que nós dois poderíamos ser e não mais seríamos, chorei antes mesmo da saudade apertar, chorei porque no fundo eu sabia que cada parte do meu corpo viciado sentiria a falta dela. Inteirinha.

Desde os olhos que me enfeitiçavam, a boca deliciosa que mentia para mim enquanto eu, idiota, acreditava. Até o corpo feito para o pecado que tinha se tornado o meu refúgio.

Caralho, como você pôde fazer isso com a gente, morena, como?, pensei inconformado, enquanto a água gelada do chuveiro escorria pelos meus músculos rígidos.

Era manhã de sábado e eu ainda não estava preparado para enfrentar as perguntas silenciosas do meu pai, muito menos o olhar interrogativo da Fátima. Porque os dois sabiam que eu deveria estar em outro lugar e não aqui.

E em um acesso de raiva, eu cerrei o punho e soquei a porra da parede, em uma tentativa frustrada de desviar a dor que atormentava o meu peito desde o momento em que deixei Mariana para trás naquele estacionamento.

ISADORA

Me levantei, tomando todo o cuidado para não amassar meu vestido, e me olhei de corpo inteiro no imenso espelho localizado no centro da sala de um dos melhores e mais luxuosos salões da cidade.

Karen e Samanta, minhas duas madrinhas, fofocavam sobre alguma bobagem da nossa roda de conhecidos atrás de mim, mas que, sinceramente, não me interessava nem um pouco. Pelo menos, não hoje.

E não quando eu já podia sentir o gostinho da vitória. Porque, por mais que eu amasse o Marcos, eu não o deixaria ditar a minha vida como ele sempre fez com a Mariana. *Eu não era ela*. Não precisava ser controlada ou domada como um animal selvagem.

Eu era Isadora Montenegro. As pessoas faziam as minhas vontades, temiam o poder que vinha relacionado ao meu sobrenome. E eu gostava disso. Gostava de saber que era inatingível para grande parte do mundo.

Foi assim que minha mãe me ensinou a ser, e eu não mudaria por ninguém, pensei. Todo aquele sofrimento pelo qual ela passou anos antes do acidente, a raiva que guardou dentro dela... E mesmo assim, quando minha mãe decidia sair daquele maldito quarto e agir como a Senhora Montenegro, não tinha uma só pessoa que não a admirasse ou não virasse o rosto para vê-la passar.

Eu era apenas uma criança quando percebi que algo ia mal com a nossa família, que a mulher que eu idolatrava estava se perdendo a olhos vistos. E em meio a tudo aquilo, ao descaso do meu pai, a chegada da Mariana... e as constantes discussões que se iniciavam assim que a porta do quarto deles se fechava. Em meio àquilo tudo, eu me fechei.

Era tão degradante assistir ao sofrimento dela, principalmente porque eu sabia o motivo de todas aquelas lágrimas e choro. Sabia, porque minha mãe nunca fez questão de esconder isso de mim.

— Está me ouvindo, Isadora? — Karen perguntou atrás de mim e eu assenti um tanto quanto irritada por ter que fingir simpatia. Não que eu não gostasse das duas, em alguns raros momentos eu até conseguia sentir alguma empatia, mas no restante do tempo...

— Não, me desculpe, eu estava perdida em pensamentos — respondi calmamente sem desviar o olhar do meu reflexo no espelho. Meu vestido era todo em renda francesa e, além de clássico, ele também tinha um caimento perfeito. Do jeitinho que imaginei que teria. Mas o que me tinha apaixonada mesmo, era a tiara de pérolas sobre o meu cabelo, que deixava o coque estruturado ainda mais elegante. Eu sabia que todas as mulheres da sociedade ficariam em polvorosa quando me vissem.

— Eu disse que o seu motorista já chegou...

— Sim, claro. — Me adiantei na frente delas e me despedi da equipe que havia me preparado para a cerimônia.

E enquanto o *Chrysler* seguia pelas ruas da cidade, eu tentava não lembrar dos acontecimentos da noite anterior. Ou melhor, dos acontecimentos da última semana.

Porque eu estava verdadeiramente decepcionada com Henrique, tão brava que sabia que precisava ter feito o que fiz. Foi deliciosamente incrível ver a reação da Mariana ao ser desmascarada. Só aquele momento valeu por toda a raiva que passei desde que a desgraçada decidiu voltar e estragar a minha vida.

Tudo estava tão bem com ela longe... Marcos nunca antes havia levantado a voz para mim, Henrique me mantinha em seu pedestal. Aí ela tinha que voltar e, ainda por cima, trazer aquela bastardinha nos braços.

Se minha querida irmã ao menos soubesse a verdade, pensei, enquanto enxergava a ironia dessa situação.

— Tem certeza de que você quer levar isso adiante? Você não precisa casar se não quiser, querida. Não é vergonha alguma mudar de ideia no último instante — Carmen tentou inutilmente me convencer, mas como ela, que fazia parte da alta sociedade tanto quanto eu, podia não entender a minha decisão?

Casamentos eram feitos e desfeitos diariamente por casais que se diziam apaixonados. As estatísticas estavam aí como prova. Mas em nosso mundo, nem sempre tudo era tão preto no branco. E quase sempre haviam *afinidades e pontos a se levar em consideração* bem mais importantes do que... o amor.

— Não vou desistir, Carmen, então, por favor, só tente não estragar o meu dia, tudo bem? — falei e andei nervosa pela pequena saleta destinada à noiva e a família dela.

— Você é tão parecida com a Lorena, que chega a ser assustador — Carmen falou claramente decepcionada e eu engoli em seco. — Sua mãe não era uma mulher feliz, Isadora.

— Olha, com todo respeito, Carmen, mas por que não me faz um enorme favor e vai ver se o Marcos chegou? — falei friamente e a encarei até que ela estivesse fora da sala.

Me sentei, com todo o cuidado do mundo, e fechei os olhos. Eu não deixaria ninguém estragar o meu dia, não deixaria.

Se o que Henrique tinha feito, não me abalou nem surpreendeu, por que as palavras da Carmen fariam? Fora que ela, apesar de ter sido bastante próxima da minha mãe, parecia não enxergar a verdadeira Mariana.

— Então? — Fui logo perguntando assim que escutei o ranger da porta, não esperando tomar o choque que tomei ao ver Mariana, vestida vergonhosamente com um jeans surrado e um suéter horrível. — O que você está fazendo aqui? — praticamente gritei.

E com a mesma cara debochada de sempre, minha irmã trancou a porta atrás dela e sorriu.

— Eu vim dar o troco, Isa.

— Ficou louca? Saia daqui agora ou juro que eu mesma te expulso dessa igreja!

— Eu não me importo. — Mariana se aproximou de onde eu estava, mas eu não movi um centímetro. Eu não tinha medo dela, eu tinha era raiva. — Não depois do que você fez comigo ontem.

— Como se você não tivesse merecido! Você transou com o meu noivo, sua vadia! Não me venha dizer que está arrependida. — Apontei o dedo na cara dela. — E quer saber do que mais? Eu a-do-rei ver aquele fazendeiro te humilhando, aquele foi o ápice da minha semana! — A desgraçada deu um tapa tão forte no meu rosto que eu fiquei completamente em choque.

A pele queimou onde a mão dela tinha estalado e eu me dei conta de que, apesar do esforço, todo o meu corpo tremia de puro ódio. Eu queria matar a Mariana.

— Se aquele foi o ápice da sua semana, o meu ápice está sendo o dia de hoje. O dia em que a perfeita e admirada Isadora Montenegro vai ser abandonada na igreja pelo noivo verme dela, que, veja só, passou as últimas semanas me perseguindo porque a *noivinha fria* dele não era o suficiente para satisfazê-lo.

— Sua... vadia! — Revidei nervosa o tapa e ela voltou a me atacar, fazendo-me perder o equilíbrio. — Eu vou esganar você, Mariana! — Eu a empurrei e quando dei por mim, nós duas já estávamos no chão, arranhando uma a outra e gritando ofensas que fariam qualquer santo sentir vergonha.

— Ele desistiu, Isadora... o filho da puta desistiu... — ela repetiu como se o fato a divertisse, e isso só serviu para me deixar mais furiosa.

— Eu nunca vou te perdoar! Nunca! Isso é tudo culpa sua! — gritei, já com meu coque desfeito e a minha linda tiara, pela qual eu paguei tanto dinheiro, se desfez pelo chão... As pérolas pequeninas se espalhando por todos os lados e eu quase, quase parei tudo, para poder recuperar uma por uma.

Eu não tinha muito apego às pessoas, mas às joias... Porcaria, elas eram meu fraco.

— Qual é o problema com vocês duas? — O rosnado do nosso irmão nos fez congelar. Olhamos para cima e vimos Carmen e o padre, que iria realizar a cerimônia, com expressões horrorizadas no rosto. Marcos, por sua vez, olhou furioso de mim para a Mariana, sem aceitar o que estava vendo.

Com a ajuda da Carmen eu me levantei, ficando surpresa pelo estado em que me encontrava. Meu vestido estava destruído. E meu cabelo, que passei a manhã inteira arrumando, agora se desfazia em ondas pelos meus ombros.

Encarei Mariana, que também parecia surpresa e completamente descabelada...

— O que eu te pedi para fazer, Mariana?

— Tirar a Isadora daqui.

— Você pediu isso a ela? — perguntei inconformada. — Justamente a ela? E outra, que história é essa que o Henrique desistiu, Marcos? — Meu irmão olhou para a Carmen e o padre e os dois saíram da sala, nos deixando sozinhos.

— Porque ele me falou que faria.

— Mas por que ela? De todas as pessoas no mundo, por que ela?

— Porque eu confio na Mariana, Isadora. Assim como confio em você. Nós somos uma família e se não nos ajudarmos...

— Pelo amor de Deus, qual é o problema com você? Desde que ela voltou com aquela pirralha chata você está diferente, Marcos!

Mariana estava pronta para me bater novamente, mas meu irmão a impediu de passar para o meu lado da sala. Era isso, agora cada uma estava de um lado, e o intermediador era o Marcos.

— Eu apenas me dei conta do quanto errei com vocês duas, olha só para o estado em que estão. Fora a vergonha que eu estou sentindo pelo fato do padre Homero ter presenciado esse ataque infantil, logo na igreja dele.

Cruzei os braços em frente ao meu corpo e o encarei, desejando por dentro que tudo isso não passasse de um pesadelo. De um maldito pesadelo onde a Mariana era o monstro que eu estrangularia no final.

— Eu preciso ver o Henrique — soltei sem pensar direito. Só que eu queria mesmo vê-lo. Nós tínhamos um compromisso, por que ele não me avisou antes? Por que esperou chegar até o último instante?

— Sem a menor chance — Marcos respondeu e fez uma ligação.

— Sem a menor chance? É o que você espera que eu faça, Marcos? Que aceite o que vocês estão dizendo sem contestar? Eu tenho todo o direito de saber por que ele desistiu, e se você não vai me dizer, eu vou descobrir sozinha!

Meu irmão ignorou meu acesso de fúria sem a menor paciência e foi até a porta conferir algo. No mesmo instante dois homens da segurança apareceram do lado de fora e trocaram algumas poucas palavras com ele.

— A cerimônia era para ter começado meia hora atrás. O noivo ainda não foi visto e os murmurinhos já começaram — ele disse quando voltou. — Por isso vocês duas irão sair pela porta dos fundos sem dar um pio e nós terminaremos essa conversa quando chegarmos em casa. Entenderam?

Como isso podia estar acontecendo? Justamente comigo?, pensei enquanto caminhava atrás dos seguranças, como se estivesse indo em direção ao corredor da morte.

Mariana e eu não dissemos mais nada uma a outra, e conforme andávamos eu só conseguia pensar em toda a humilhação que seria, caso os jornais descobrissem.

— Você é como a sua mãe — sussurrei, sem saber se ela chegou ou não a me escutar, e entrei dentro do *Chrysler* que já estava à nossa espera.

MARIANA

Depois de passar quase uma hora escutando Marcos reclamar sobre nosso comportamento infantil, eu e Sofia voltamos para o apartamento. Eu ainda não tinha dito a ele o prazo que o Guilherme havia me dado para sair daqui, porque, no fundo, eu não queria sair.

Esse apartamento era como se fosse a minha casa. Guilherme era a minha casa, pensei assim que passei pela porta.

— Como você caiu, mamãe? — Sofia perguntou inocente atrás de mim, enquanto eu me dirigia até o quarto. Eu já tinha visto o estado em que Isadora havia me deixado, mas também sabia que ela não tinha ficado melhor do que eu.

— Eu fui correr e *pluft*, caí!

— *Pufiti*? — Ela me olhou, não entendendo o que eu tinha acabado de dizer.

— É só uma maneira de dizer, Soff — expliquei enquanto tirava do corpo o suéter e a calça jeans.

— E cadê o Gui, mamãe? — Isso me fez parar de fazer o que eu estava fazendo e encará-la. Tudo era tão recente e doloroso que eu tinha evitado a todo custo pensar no que aconteceria agora. No que eu diria a Sofia... Em como eu explicaria que o *cabói* dela não queria mais se casar com a gente. Ou melhor... comigo.

— O Gui está... ocupado hoje, meu amor — disse, já sentindo o maldito aperto dentro do peito.

Agitada, sabendo que precisava fazer algo para consertar essa situação, eu esperei Sofia adormecer, como ela costumava fazer toda tarde, peguei meu celular e me tranquei no quarto.

Atende caubói, atende, atende, por favor... Repeti em minha cabeça enquanto o celular dele tocava uma e outra vez, me deixando cada vez mais desesperada ao não ter nenhuma resposta da parte dele. Até que na quarta ou quinta tentativa, eu não saberia dizer, o telefone foi direto para a caixa postal.

Guilherme tinha desligado o celular.

ISADORA

23h55...

Conferi o relógio enquanto acionava o sistema para entrar na garagem do prédio do Henrique. Eu tinha avisado ao Marcos que não deixaria esse assunto para lá. *Eu avisei*.

Se Henrique queria desistir desse casamento, eu tinha todo o direito de saber o porquê. E

saberia hoje.

Nervosa por conta da corja de jornalistas em frente à mansão e, até mesmo aqui, eu me vi obrigada a dar voltas e mais voltas, até ter a certeza de que não estava sendo seguida por nenhum deles. Depois do choque que foi saber através da minha própria irmã que não haveria casamento, eu estava muito perto de surtar.

Senti muita, mas muita raiva daqueles dois, senti até mesmo de mim por desejar tanto esse casamento, que em momento algum cheguei a cogitar a possibilidade de algo dar errado.

Peguei o elevador privativo até a cobertura e tirei as chaves do meu bolso, entrando de fininho. Pé ante pé, e com todas as palavras furiosas que eu queria despejar sobre ele engasgadas em minha garganta.

Porque se Henrique achava que podia fazer hora com a minha cara, ele...

— Shhh... — Arregalei os olhos quando alguém me agarrou por trás e tapou a minha boca. — Merda, como você conseguiu chegar até aqui, gatinha? — O homem murmurou, sua voz grossa e profunda me causando um estranho e, indesejado, formigamento.

— Me solta! — gritei, mas o som foi abafado pela sua mão e, enquanto eu me debatia contra ele, fui levada até o canto mais escuro da sala. — Onde... está... o Henrique? — sussurrei nervosa demais para perceber que estava gaguejando.

— Merda, seu irmão garantiu que você não seria problema — ele murmurou mais para ele do que para mim, e me soltou. Assustada, eu recuei e me virei, batendo contra a parede. E meu senhor, o tórax do homem estava na altura dos meus olhos e a centímetros de distância da minha boca.

Balbuciei até recuperar o controle da minha mente e fechei a boca, até então escancarada, enquanto olhava fixamente a tatuagem do lado direito do seu peito.

— Gatinha? — A sua voz...

Aturdida demais, eu desviei meu olhar *daquilo tudo* e o encarei, o reconhecendo imediatamente. Ele era uma daqueles seguranças do meu irmão, um tal de *Rac* sei lá o quê.

Bem, eu nunca prestei realmente atenção, eles eram quase invisíveis. E para mim, pareciam todos iguais.

Com exceção desse. Um homem como esse não devia passar despercebido nunca, não com esse olhar predatório que ele exibia agora ou, então, com esse queixo tão proeminente. E definitivamente, não com esse ar de durão que ele tinha por conta do cabelo extremamente curto que usava.

O homem era completamente intimidante e um verdadeiro brutamonte. Um grosseirão, a julgar pela maneira vulgar como estava se referindo a mim.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei depois de juntar as peças. — Cadê o Henrique? — Eu fiz como se fosse passar por ele, mas o brutamonte se colocou à minha frente. Mantendo uma distância mínima enquanto me encarava com uma intensidade desconcertante.

Como desculpa para desviar do seu olhar, eu observei por alto o restante da sala e vi a bagunça

que ele tinha deixado sobre o sofá de couro que eu mesma tinha escolhido para o Henrique. O terno estava sobre a mesa de centro, a camisa branca jogada no chão e os sapatos idem. Völtei a encará-lo, agora com desprezo absoluto no rosto e o questionei novamente:

— Onde está o meu noivo?

— Gatinha, não estou autorizado a te dar nenhuma informação. Sinto muito. — Gatinha? Ele ia continuar com isso mesmo sabendo quem eu era?

— Não volte a me chamar de gatinha, se não deseja perder o seu emprego, seu... seu idiota! — Realmente, Isadora? Isso foi o melhor que você conseguiu pensar em dizer para ofendê-lo?

— Seu irmão sabe que você está aqui? — Ele não pareceu gostar do tom de voz com que me referi a ele, e enrijeceu o corpo, parecendo muito maior.

— Eu não te devo nenhuma explicação, além disso, você trabalha para a Montenegro, o que te leva a ser meu funcionário. Então, eu exijo ser tratada da maneira que... — O que ele achava que estava fazendo? Me perguntei enquanto era arrastada sem o menor esforço até o lado de fora do apartamento.

— Não se envolva com o que não entende, senhorita — ele pronunciou a *senhorita* como se fosse uma ofensa e continuou: — Agora arraste essa sua bundinha magra para fora daqui e vá soltar as cachorras em outro lugar. — O quê?

Fiquei pasma ao ver que ele tinha realmente acabado de bater a porta na minha cara. Quem esse grosseirão pensava que era, afinal de contas?

Capítulo 29

MARCOS

"E o casamento mais esperado do ano acabou se tornando a maior gafe de todos os tempos..."

— Chega! — pedi por fim. Eu já tinha lido toda a reportagem e, para ser bem sincero, a partir desse trecho o nível só descia. Mas decidida a me aborrecer como estava, Isadora continuou a ler cada linha irritante da matéria que tinha saído essa manhã sobre ela e o desastre que tinha sido o dia anterior.

Os jornalistas tinham feito uma cobertura e tanto, e a julgar pela expressão mortificada da minha irmã, ela deveria estar se remoendo por dentro de tanta raiva. Não que ela fosse admitir.

"Fontes seguras afirmam que Isadora Montenegro, uma das dondocas da alta sociedade catarinense, foi abandonada pelo seu noivo, o atual diretor financeiro da Montenegro, no dia do seu casamento..."

— Dondoca, Marcos, essa jornalista infame me chamou de dondoca! — ela disse exasperada. — Como você pôde deixar isso acontecer? Será que, enquanto você estava lá, dando um jeito no meu noivo, você não pensou no quanto esse desastre poderia me afetar?

Quando ela disse afetar, eu tinha certeza de que ela estava se referindo à sua imagem perante a sociedade, e principalmente a profissional.

— Eu já te expliquei porque tive que fazer o que fiz, Isadora — respondi simplesmente. — E Henrique não é mais o seu noivo, acostume-se com esse fato!

— Claro que não é, você pagou para que ele me abandonasse, justo você Marcos!

— Você preferia que eu tivesse te deixado casar com o homem que provavelmente está nos roubando?

— Você não tem provas, Mariana deve ter inventado essa historinha toda para que você impedisse o meu casamento. — Cansado de discutir sobre esse assunto, eu terminei de tomar meu café e me levantei da mesa.

E mesmo sabendo o quanto estava sendo difícil para a Isadora lidar com tudo isso e aceitar que eu fiz apenas o que julguei ser certo, eu não iria quebrar minha cabeça com discussões que não levariam a lugar nenhum.

O que estava feito, estava feito.

— Sr. Montenegro, a... sua irmã deseja falar com o senhor. — Vera, a governanta da mansão, me avisou apreensiva.

— Ela está ao telefone?

— Não, senhor, Mariana está na sala de visitas, junto com a filha...

Merda! Mariana tinha perdido a porra do juízo? Os abutres estavam todos de tocaia, não só em frente à mansão como também em frente ao prédio do Henrique.

Eu fiquei sabendo disso logo pela manhã, quando Ricardo telefonou me dando informações acerca do desgraçado e avisando que Isadora tinha estado lá na noite anterior, mas que ele havia conseguido lidar com a situação sozinho. E deve ter lidado mesmo, porque hoje, antes mesmo do café da manhã ser servido, ela veio tirar satisfações a respeito do *ignorante* que trabalhava para mim.

Com a cabeça cheia, eu fui até a sala e encontrei Mariana e Sofia à minha espera. Minha sobrinha correu até os meus braços quando me viu entrar, e eu me perguntei que raios era isso que ela estava vestindo essa manhã.

Olhei interrogativamente para a Mariana, que não parecia em melhor estado do que a Isadora, e ela apenas deu de ombros e revirou os olhos.

— Olha minha *gochinha* de peixinhos, tio! — Ela estendeu a perninha animada para me mostrar a galocha estampada de peixes dos mais variados tamanhos. — Foi o Gui que me deu — Sofia explicou e foi perceptível a mudança na expressão corporal da minha irmã do outro lado da sala.

Eu não sabia o que fazer com Isadora e Mariana, uma estava bem no alvo de um escândalo sem proporções e a outra parecia estar à beira de um desmoronamento.

— E esse vestido excêntrico, Sofia? — Me concentrei na única garota que no momento não me dava dor de cabeça alguma. Porque se dependesse das minhas irmãs e da Rachel... eu acho que não chegaria aos quarenta vivo.

— É colorido, tio... — ela me corrigiu não entendendo o significado da palavra excêntrico, e enrugou o nariz sardento em um gesto que me lembrou muito a minha irmã quando era mais nova e fazia birra.

— Ele é interessante, Sofia — falei, ainda incerto do que pensar a respeito do pedaço de pano abóbora e verde-limão. Não que eu entendesse qualquer coisa sobre moda infantil, mas o vestido era terrível, pelo amor de Deus.

— Não olhe assim para mim, foi a Rachel que a ajudou a escolher isso. — *Rachel*, pensei amargurado.

Não demorou muito e Vera buscou Sofia para que Mariana e eu pudéssemos conversar. Estava

claro em seu rosto que algo a estava preocupando.

E quando ela finalmente explicou o que estava acontecendo e por que precisava de mim, eu me vi prestes a dizer que não. Não porque eu não queria ficar algumas horas com a Sofia, mas sim porque não queria vê-la indo atrás daquele fazendeiro.

Guilherme tinha subido no meu conceito depois da surra que deu no Henrique, é claro, mas para mim ele não era o homem certo para a Mariana. Definitivamente não.

Mesmo assim, eu não me intrometi na decisão da Mariana e aceitei passar o dia com a Sofia. Já que em grande parte do tempo eu iria mesmo ficar trancado no escritório de casa.

Com toda essa confusão, meu trabalho vinha acumulando, e agora, com Rachel desaparecida por quase uma semana, eu teria que encontrar alguma substituta para ela. Não que estivesse contente com essa ideia, mas não podia me dar ao luxo de ficar sem assistente pessoal. Não com tanta coisa acontecendo de uma só vez.

Ric tinha um homem de confiança à procura dela enquanto ele cuidava do Henrique, mas mesmo que já tivéssemos cavado cada canto desse estado, tentado rastrear transferências bancárias e ido atrás de qualquer outra pista que surgia, eu ainda estava de mãos vazias.

Porque a verdade era que eu não sabia quais eram os *hobbies* da Rachel, eu não sabia por onde andava a sua família, e muito menos, quem eram seus amigos. Como eu poderia servir de alguma ajuda se eu nunca me interessei para valer sobre sua vida?

Eu estava de pés e mãos atados, me desesperando mais a cada dia em que não tinha notícias dela.

— Titio? — Sofia chamou manhosa e eu afastei por um momento a minha atenção do computador para olhar para ela, que estava sentada no sofá no canto do escritório. — Minha mamãe foi buscar o Gui para mim? — ela perguntou com os olhinhos brilhando de expectativa, e eu não soube o que responder.

Porque não tinha a menor ideia de como Mariana e Guilherme lidariam com tudo o que tinha acontecido. O cara não parecia alguém que perdoava fácil.

— Eu não sei, Sofia. — Eu ia dizer mais alguma coisa para deixá-la tranquila, mas a porta da minha sala se abriu e uma Isadora completamente rígida entrou. E como se nada estivesse fora de ordem no seu mundo, ela se apresentou impecável em seu vestido cinza de linho e com um coque tão bem puxado que eu me perguntei se esse tipo de coisa não lhe deixava com dores de cabeça.

— O que essa garota está fazendo aqui? — Isadora fulminou a Sofia, que sorriu para ela ao invés de se intimidar.

— Mariana a deixou aqui por algumas horas, Isadora, tente não dizer nenhuma bobagem.

— Agora eu digo bobagens? — Ela me olhou fixamente, como se eu estivesse ficando maluco.

— Minha mamãe foi buscar o Gui para mim. Eu moro com ele, não é, titio? — ela insistiu nisso.

Repreendi a risada da Isadora e no instante em que ela abriu a boca para dizer algo contrário e

que faria a menina ficar triste, eu intervi.

— O que você deseja, Isadora?

— Lembrar a você que nós precisamos fazer um comunicado à imprensa antes que eles inventem mais algum motivo ridículo pelo qual eu fui abandonada. — Ela agiu como se estivesse tratando de um assunto corriqueiro, e não da sua vida.

— Eu cuidarei disso amanhã, não se preocupe. — Normalmente essa era a sua função, mas eu não poderia pedir que ela fizesse isso dessa vez.

— E como será amanhã? Henrique vai...

— Henrique vai ser afastado até que eu descubra quem realmente está nos roubando. — Ela engoliu as minhas palavras em silêncio. — E Isadora... eu andei pensando e acho melhor que você tire algumas semanas de férias. Você passou os últimos dois anos sem...

— Eu não farei isso!

— Não é uma sugestão, é uma ordem. Tire algumas semanas. Leve o tempo que precisar, saia do país, viaje um pouco...

— Essa é sua maneira de dizer que você me quer longe?

— Basicamente. Pelo menos por agora. — Envolvido na discussão, eu praticamente não notei que Sofia tinha se levantado do sofá e agora estava ao lado da Isadora, a encarando encantada.

— Você parece uma princesa — minha sobrinha deixou escapar e tocou o braço da tia, não dando a mínima para quando Isadora congelou horrorizada ao seu toque, com o olhar destilando desprezo.

Esse era o meu ponto. Se Isadora tinha pavor ao toque da sua própria sobrinha, ela estava mais danificada do que eu poderia imaginar.

MARIANA

Peguei a estrada de terra que levava até o haras com o coração na mão, sentindo aquele costumeiro frio na barriga, mas, dessa vez, o frio maltratava.

Tanto que eu sentia meus dedos tremendo ao segurar o volante. E ansiosa, eu acelerei o carro e aumentei o som, não percebendo que isso apenas me deixaria pior.

O destino deve estar nos olhando

Com aquela cara de quem diz

Eu tentei juntar vocês dois

A letra da música fez meu estômago revirar pela maldita coincidência... e eu mais do que depressa mudei de estação. Antes que todas as lágrimas, que eu estive segurando pelas últimas horas, começassem a rolar descontroladamente pelo meu rosto.

Eu vinha tentando não demonstrar o quanto estava mal a Sofia, porque não achava justo ver meu anjinho sofrendo junto comigo. Mas como faria isso, se ela sempre parecia saber exatamente o que eu estava sentindo?

Na última curva, antes de passar pelos portões do haras, eu diminuí a velocidade e encostei o carro na lateral estreita da estrada.

Deus, Guilherme tinha que me escutar, ele precisava me dar outra chance. Só uma, pensei nervosamente.

Apoiei a cabeça contra o assento de couro do carro e fechei os olhos, relembrando toda a discussão que tivemos e as ligações não atendidas. Até mesmo a maneira como ele me deixou para trás naquele estacionamento.

Merda! Eu sabia que tinha errado, feito algo estúpido e que muitos casais não perdoariam. Mas Guilherme e eu não éramos assim, nós tínhamos uma ligação tão forte que, mesmo quando eu estava do outro lado do mundo, um não sabia ficar longe do outro.

Eu precisava dele em minha vida, ao meu redor. Dentro do meu coração. E ele também precisava. Tinha que precisar.

Tomando coragem, eu voltei a dar partida no carro, e como era domingo, fui diretamente para o casarão e estacionei lá em frente, afundando em decepção ao não ver sua caminhonete por ali.

Fátima não esperou nem que eu saísse do meu carro e apareceu na varanda para me receber. Passando as mãos pelo avental, ela fez uma cara de desgosto e balançou a cabeça quando me viu aproximar.

— Cadê ele, Fátima?

— O que você aprontou dessa vez, menina? — ela perguntou, bastante séria.

— Eu...

— Olha, eu estou apenas seguindo ordens. Porque o que ele me pediu foi para não passar nenhuma das suas ligações e avisou que, se por acaso, você aparecesse por aqui... — Sem graça, ela não conseguiu continuar.

— Se eu aparecesse por aqui?

— Ele disse que eu te pedisse para ir embora. — O quê? — Não quero me meter na confusão de vocês dois. Mas eu tenho um carinho grande por você, menina, e sempre esperei pelo momento em que você se daria conta do que o Guilherme sente, só que está claro que algo aconteceu e ele não

quer te ver nem pintada de ouro.

Eu fui obrigada a me apoiar contra o corrimão dos poucos degraus que levavam até a varanda. Guilherme realmente tinha pedido para ela me mandar embora? Eu?

— Onde ele está agora? Eu só... preciso falar com ele. Tenho que me explicar, mas ele não me dá oportunidade. — Um rio de lágrimas se formou em meus olhos, e como sempre acontecia ao tentar secá-las, elas apenas começaram a cair com mais intensidade e dor.

— Eu não sei onde ele está, Mariana.

— Não sabe ou não pode me dizer? — perguntei aflita e ela comprimiu os lábios. Eu sabia que se ela pudesse ela diria.

— Dê um tempo a ele, menina, Guilherme te ama desde que você era pequenina. Um amor assim não morre de um dia para o outro.

— Mesmo se eu tiver feito algo terrível? — quis saber, mas ela olhou através de mim e franziu o cenho em preocupação.

Não precisei virar para saber quem era, o som inconfundível da sua caminhonete ressoou por todos os lados e me deixou mole como geleia.

— Não discuta com ele, Mariana, não hoje. — Fátima aconselhou e eu me virei, ficando cara a cara com ele.

Guilherme bateu a porta da sua *Dodge* com força ao me ver e deu alguns passos duros em minha direção. Meu coração bateu aceleradamente enquanto eu o encarava, sentindo toda a saudade aflorar...

Não tinha nem dois dias direito que estávamos longe um do outro, e para mim já parecia uma eternidade.

E quando Guilherme me encarou de volta, olhando diretamente em meus olhos, eu realmente temi pelo nosso futuro, porque meu caubói não parecia contente por me ver, nem um pouquinho.

— O que você está fazendo aqui, Mariana? — Sua voz explodiu em irritação, mas no mesmo instante, o som da outra porta da caminhonete batendo chegou aos meus ouvidos e eu vi que ele não tinha estado sozinho. Aquela veterinária intrometida que havia me ofendido, sem mais nem menos semanas atrás, saiu e ficou ali parada, observando nossa interação com um semblante satisfeito no rosto. — Mariana? — ele chamou meu nome com raiva quando me pegou encarando a sua amiguinha.

— Nós precisamos conversar... — Para a minha sorte, Fátima chamou a Ellen para que pudéssemos ter privacidade, mas Guilherme disse que não seria preciso, que eu já estava de partida.

O que apenas me deixou mais nervosa, porque ele iria insistir nisso. Insistir em dar as costas para a gente. Seu olhar severo, ainda sobre mim, apenas fez com que as lágrimas recomeçassem a descer. Agora em completo descontrole.

— Não há nada para ser conversado, Mariana — ele murmurou, como se não quisesse que Ellen o escutasse.

— Por favor, caubói. Me deixe explicar. — Eu agarrei seu braço desesperada quando ele começou a subir os degraus, sentindo que ele estava travando uma batalha contra ele mesmo. — Por favor, não faça isso com a gente.

— Não fazer isso com a gente? — Ele puxou seu braço bruscamente, me desestabilizando, enquanto Ellen assistia a tudo. — Não fui eu quem fiz nada com a gente, caralho, foi você!

Isso me fez calar, ciente de que nada do que eu dissesse agora iria adiantar de qualquer maneira. Meu caubói estava furioso comigo, como nunca tinha estado antes. E o medo de que talvez nós dois não tivéssemos mais conserto me paralisou.

— Eu te amo — disse em um sussurro quando Guilherme se virou, e para melhorar, Ellen passou por mim, subindo os degraus apressada para se juntar a ele.

A porta do casarão fechou com a mesma violência que ele usou para fechar a sua caminhonete, e eu deslizei até sentar minha bunda no degrau de madeira fria, chorando com a mesma intensidade que chorei no dia em que descobri que tinha perdido meus pais.

Com a mesma intensidade e certeza.

GUILHERME

Como ela podia insinuar que era eu quem estava fazendo algo com a gente? Pensei nervoso ao entrar no casarão, indo direto para o meu quarto e odiando ter que admitir a maneira desesperada com que meu corpo sentia a sua falta.

Bastou olhar para ela, ali no meio da escada me encarando toda indefesa e... porra! Mariana não era mais nenhuma garotinha que precisava da minha proteção, ou dos meus cuidados, e, pelo visto, muito menos do meu amor.

E nem adiantava ela agora vir me seduzir com aqueles olhinhos suplicantes, porque eu estava cansado.

Eu me dei inteiro a ela, de corpo, alma e coração. E agora estava tendo que reunir os cacos, um a um, da pior maneira possível. Porque toda vez em que eu fechava os olhos, imagens dela preenchiam meus pensamentos.

Eu vivi por aquela mulher e ela me destruiu! Simples assim.

— Posso entrar? — Ellen perguntou encostada no batente da porta e me olhando com preocupação.

Nós dois tínhamos passado a manhã inteira na fazenda de um amigo que precisava de ajuda com vacinação da sua boiada, e vendo que Ellen poderia ser bastante útil, eu a chamei para ir comigo.

Claro que só depois de pedir que ela não viesse com a mesma conversa de sempre para cima de mim. E que principalmente nem pensasse em tocar no nome dela... Porra, até pensar no nome dela era

doloroso.

— Agora não, Ellen, eu estou louco de raiva e... — Ela entrou mesmo assim, sem se importar que eu tinha tirado minha camisa e apoiou a mão em meu ombro, sabendo que eu estava todo suado do trabalho pesado de mais cedo.

— Não a deixe te afetar dessa maneira, Guilherme. — Eu afastei sua mão, claramente desconfortável com seu gesto.

— Nós não vamos falar sobre isso, Ellen. Além do que, eu já estava prestes a entrar debaixo do chuveiro. Por que não aproveita esse tempo e avisa ao meu pai que você vai ficar para o almoço?

— Claro — ela concordou e deixou que seu olhar descesse pelo meu peitoral e abdômen, foi apenas um mísero de segundo, mas que a deixou super sem graça quando ela se deu conta de que eu a tinha pego em flagrante.

Sorrindo simpaticamente, como se não tivesse feito nada de mais, ela se virou e saiu do meu quarto.

— Você é a culpada disso tudo, Mariana, só você! — resmunguei furioso.

Capítulo 30

MARIANA

Engraçado como em cada cantinho desse apartamento havia uma lembrança minha com o Gui... E mesmo odiando admitir, dar a adeus a esse lugar era quase como dar adeus ao meu caubói.

E eu não queria fazer isso. Eu não queria dar adeus a nenhum dos dois.

Terminei de arrumar mais uma mala, dessa vez com calças e casacos, e olhei em volta do quarto. Eu já tinha guardado praticamente todas as minhas roupas, deixando apenas as essenciais para o dia de hoje e o de amanhã.

Marcos estava ciente de tudo o que estava acontecendo e me deu total apoio para que eu voltasse para casa. Toda essa bagunça só serviu para que ele tivesse o que queria, no final das contas. Me ter naquele mausoléu, no lugar no qual, segundo ele, eu pertencia.

Eu tentei convencê-lo, a ele e a mim mesma, de que seriam só por alguns dias, talvez semanas. Até que eu estivesse com a minha cabeça, e coração, em ordem. Mas meu irmão era cabeça-dura e deixou claro que nunca aceitaria que eu e Sofia morássemos sozinhas.

O que ele não sabia era que nesse momento eu não conseguiria realizar essa proeza. Estar sozinha era algo que me assustava... e pela primeira vez na vida, a mão que ele estava estendendo era mais do que bem-vinda, porque eu precisava e queria o seu apoio.

— Mamãe, o que você tá fazendo? — Sofia perguntou confusa ao ver todas as malas em meu quarto. Eu tinha começado a arrumar tudo bem cedo, mas sabia que levaria pelo menos mais um dia até conseguir terminar.

Olhei para o meu anjinho com o coração apertado, tinha sido um custo fazê-la parar de chorar no domingo quando ela percebeu que Guilherme não tinha voltado comigo. Foi preciso passar grande parte da noite tentando acalmá-la, enquanto eu lutava para que ela não visse que eu também estava desesperada por ele.

— Venha aqui, Sofia — chamei e dei duas batidinhas na cama para que ela se sentasse ao meu lado. — Você quer me ajudar? — perguntei, sabendo que quando fôssemos para o seu quarto e começássemos a enfiar tudo dentro das malas, seria uma verdadeira guerra.

— Por que você tá guardando suas roupas? — Ela me ignorou e perguntou com a testinha franzida.

— Sofia...

— Cadê o *cabói*, mamãe? — Soff correu para longe de mim ao se dar conta do que significava todas essas malas, e recomeçou a chamar por ele. — Eu quero ver ele, quero o meu *cabói*, mamãe! — gritou.

Sentei-me cama, sem saber o que fazer. Eu era a causadora de todo esse sofrimento, e como se já não bastasse toda a culpa e angústia por tudo o que fiz com o Guilherme, agora eu também tinha que lidar com as consequências que o nosso fim traria para a Sofia.

E Deus, eu tinha tentado de tudo nesses últimos dois dias, enviei mensagens pedindo perdão, liguei, implorei a Fátima para que o convencesse a conversar comigo. Mas nada. Guilherme se recusava a me ouvir.

Despedaçada, eu fui atrás dela e a encontrei chorando copiosamente, com o rostinho afundado em sua cama.

— Traz o Gui para mim, mamãe, traz ele... — Ela levantou a cabecinha e murmurou quando notou a minha presença.

— Não chore, meu amor, por favor, a mamãe vai dar um jeito nessa situação, eu prometo a você — sussurrei, também querendo chorar e a peguei no colo.

Não era como se alguém tivesse contado a ela a gravidade do que estava acontecendo, mas parecia que desde a discussão que presenciou na última sexta, Sofia sabia que tinha algo muito errado. Já fazia quatro dias que minha pequena não via o Guilherme ou o escutava ao telefone, e seu coraçãozinho deveria estar sentindo a sua falta tanto quanto eu.

— Sofia. — Afastei sua franja da testa e limpei seu rosto. — O que você acha de ficar um tempo com o seu titio?

— Eu vou visitar ele?

— Não, meu amor, nós vamos morar por um tempo com ele.

— Mas eu moro aqui, mamãe. — Ela arregalou os olhinhos verdes. — Não quero morar com meu titio...

— Vai ser só por um tempo, Sofia, depois nós duas teremos o nosso próprio cantinho. Lembra quando éramos só você e eu? — Soff balançou a cabeça.

— Mas o Gui vai ficar sozinho? — perguntou baixinho.

— Ele tem o papai dele. — E a Fátima e a intrometida, pensei... Sofia me olhou como se quisesse perguntar mais alguma coisa, mas deve ter reparado que eu também não estava bem por conta dos olhos cheios de lágrimas que eu já não conseguia esconder.

— Tudo bem, mamãe, a gente mora com o titio, não precisa *fica tiste* não, tá? — Ela passou a mão pelo meu rosto carinhosamente.

Murmurei um *eu te amo* em resposta e a enchi de beijos, grata por ter ela em minha vida. Agora como um pacotinho de gente desse conseguia ser mais forte do que eu mesma, eu não entendia. Isso

fugia da minha compreensão.

O restante do dia foi passado comigo arrumando as nossas coisas e fugindo dos porta-retratos espalhados pelo apartamento. Fotos minhas e dele estavam por todos os lados, seus abraços, sorrisos... Tudo registrado ao longo de todos esses anos.

Pensei em tudo o que passei com o Henrique, todo o tempo perdido. Pensei também na Sofia, quando ela ainda era um bebezinho gorducho e em todos os meses em que Guilherme ficou com a gente. Nas noites em que ele acordou ao meu lado e nos segurou em seus braços... Em como ele nunca pediu nada em troca por estar sempre ali para mim.

E Deus, se doeu ter sido desprezada pelo Henrique, doía uma centena de vezes mais ser pelo Guilherme.

— A gente pode levar a minha cama, mamãe? — Sofia perguntou algum tempo depois, afastando o passado da minha mente.

— Sua cama? — perguntei confusa enquanto ela assentia e continuava a perguntar se podia levar o tapete, o *bajur* dela de peixinhos e as cortinas amarelas. Até que eu percebi que nós acabaríamos depenando o quarto que o Guilherme tinha feito especialmente para ela e decidi que compraríamos tudo novo. Nós não levaríamos nada que não fosse nosso daqui.

GUILHERME

Encarei meu celular que estava sobre a mesa, com todas as dezenas de ligações da Mariana e as outras tantas mensagens que eu não havia lido. Tudo ali, a um passe das minhas mãos, apenas esperando por um momento de fraqueza da minha parte.

— Ela continua te ligando? — Ellen perguntou ao entrar, sem ser convidada, em meu escritório na sede do haras. — Por que não conversa definitivamente com ela, Guilherme? Se você não está disposto a perdoá-la pelo que ela fez... não seria melhor dizer logo e acabar com essa enchecção de saco? Isso tem interferido em seu trabalho.

Como se o fato dela, Ellen, estar vinte e quatro horas no meu pé também não estivesse interferindo em minha vida.

— Deixe que da Mariana eu cuido.

— Sim, eu sei, é só que é terrível te ver assim. Parece que um trator passou por cima de você.

Eu tive que rir, porque se eu pudesse escolher, realmente escolher, eu preferiria ter sido atropelado por um trator do que descobrir a traição da Mariana. Tenho certeza de que teria doído muito menos.

— O que você quer, Ellen? Estou tentando colocar essa papelada em dia. — Em sua maioria, conta dos gastos desse mês e a programação das despesas até o final do ano.

Eu normalmente tinha um funcionário para fazer esse trabalho, mas para arrancar Mariana da minha cabeça, eu estava aceitando fazer qualquer coisa.

— Bom, eu escutei um dos funcionários comentando sobre o show que vai ter no Boteco Sertanejo na sexta e eu pensei em te chamar para me acompanhar. Eu ainda não tive a chance de ir em nenhum desde que comecei a trabalhar aqui, Guilherme. Além do quê, seria bom para você sair e arejar um pouco a cabeça, não acha?

Como eu disse, eu estava topando qualquer coisa para arrancar minha morena da cabeça. Merda! Eu tinha que parar de pensar nela como minha.

— Talvez você tenha razão.

Quando deu meio-dia, voltei para o casarão e encontrei Fátima e meu pai discutindo. Os dois se calaram quando me viram entrar e ela mais do que depressa correu para a cozinha.

Fátima andava de cara emburrada comigo desde o dia em que expulsei Mariana daqui. Queria ver se ela continuaria agindo assim se soubesse o que a sua menina tinha aprontado comigo.

— Eu não aguento mais essa mulher falando no meu ouvido, Guilherme — meu pai reclamou, mas a relação que ele a Fátima tinham permitia esse tipo de intromissão.

— O que aconteceu?

— O que você acha? Ela tomou as dores da Mariana e fica me azucrinando dizendo que você está sendo cabeça-dura e que eu deveria interferir antes que fosse tarde demais.

— Já é tarde demais, pai. Nada que você ou... — eu parei de falar quando meu telefone começou a tocar outra vez. Ver o seu nome no visor mexeu ainda mais com a minha cabeça, e ao invés de continuar a conversa com meu pai, eu segui furioso até o meu quarto e o larguei por lá.

O almoço foi servido pouco tempo depois, e assim como de costume, apenas eu e meu pai nos sentamos à mesa. Foi só no momento em que passei pela cozinha, prestes a voltar para a sede, é que Fátima decidiu abrir a boca e me confrontar.

— Você está cometendo um erro, Guilherme, eu não sei o que aconteceu entre vocês, mas posso ver que a menina está sofrendo.

— Meu sofrimento não conta?

— Mariana só tem a você...

— Isso não é verdade, Fátima, Mariana não é mais aquela garotinha que precisava de mim, ela mudou!

— Mas as pessoas mudam.

— Eu sei, e costumam amadurecer também, mas vejo que esse não é o caso dela. Eu tentei, fiz tudo por aquela mulher, só para... — Caralho, eu não queria falar sobre isso.

— Perdoe ela, Guilherme. Não acha que Mariana e Sofia já não sofreram o bastante? — Ela realmente estava perguntando isso para mim? Fui eu quem estive ao lado dela todos esses anos, e

merda, era eu quem sofria junto a cada vez em que via aquele desgraçado, ou até mesmo os seus irmãos a maltratarem.

Nervoso, encerrei a conversa e dei as costas a Fátima antes de acabar falando alguma besteira.

Claro que eu seria capaz de tudo para evitar qualquer dor a Mariana, mas isso era antes, quanto a Sofia... eu não tinha a menor ideia do que fazer, eu odiava o pensamento do meu pacotinho sofrendo. Mas a ferida ainda estava aberta, e tanto quanto eu a amava, eu sabia que não estava pronto para passar por cima de nada disso.

Passava das oito da noite quando voltei para o casarão depois de ter ficado a tarde inteira trabalhando. Já no final do expediente, eu acabei ficando por ali mesmo ao redor da sede e jogando conversa fora com alguns dos funcionários com quem era mais chegado.

Eu sabia que meu celular estava esse tempo todo em meu quarto, por isso, sem dar muita razão a minha atitude, a primeira coisa que fiz quando pisei em casa foi ir atrás dele.

Dessa vez, não encontrei as milhares de ligações perdidas ou mensagens escritas. Havia apenas uma mensagem de voz dela que eu não sabia se escutava.

Essa era a primeira mensagem de voz que Mariana mandava em todos esses dias, mas eu não sabia se ouvir seus pedidos de desculpas seria muito melhor do que ler eles.

Segurando o aparelho com força, eu lutei comigo mesmo. Ciente de que se cedesse, todo o meu autocontrole e esforço para me manter afastado iriam por água abaixo.

E maluco como eu era por aquela mulher, eu acabaria atravessando a cidade só para jogá-la em nossa cama e fazer amor com ela até que toda a dor e raiva dentro do meu peito fossem erradicadas.

Era com esse pensamento e vontade que eu dormia todas as noites. Porque o meu coração poderia estar quebrado, mas meu corpo parecia não entender o que estava acontecendo. Tudo o que ele sabia era que precisava dela, não importava como ou onde, se por cima ou de quatro, gemendo ou gritando... Meu corpo a queria de qualquer maneira.

Sentindo meu membro endurecer só com esse pensamento, eu apertei o maldito botão e escutei a sua mensagem.

Caubói, eu, eu sei que está furioso, mas, por favor, a minha filha não tem nada a ver com isso. Eu não sei mais o que dizer a ela ou como explicar que você não quer estar perto de mim. Então, eu imploro, deixe que ela te veja, nem que seja por alguns minutinhos. Faça isso por ela, não por mim. Eu...

O bipe da mensagem interrompida foi a última coisa que escutei antes de pegar as chaves da

minha caminhonete e sair porta afora.

Que se dane, merda! Pensei ao girar a chave no trinco do meu apartamento. Eu estava a ponto de desistir, de dar meia volta no corredor e desistir dessa ideia, mas eu não podia fazer isso com meu pacotinho. Era por ela que eu estava aqui, afinal.

Passei pela sala silenciosa, sendo atraído pela iluminação fraca vindo do quarto da Sofia. A porta entreaberta me deixou ver Mariana e ela encolhidas na estreita cama de solteiro sob a luz do abajur. Meu olhar desceu pelas curvas da minha morena e eu dei um passo atrás imediatamente, fugindo da tentação que era observá-la e não querendo acordar nenhuma das duas.

Com o coração acelerado, eu passei a mão pelo meu cabelo, e olhei para a porta no final do corredor. Fechei os dedos em um punho, sentindo a maldita raiva me dominar e mesmo sem querer me vi andando até o nosso quarto.

Eu não queria estar perto das suas coisas, nem de nada que me fizesse lembrar o quanto Mariana estava impregnada na minha vida. Marcada dentro de mim.

Abri a porta do quarto, ficando atônito ao ver as malas espalhadas pelo lugar.

Ah, Mariana, você tem uma semana para dar o fora do apartamento! Foi o que eu tinha dito a ela.

E para onde elas iriam? Eu sabia que voltar para casa era uma das últimas coisas que Mariana escolheria, mas ficar aqui já não era opção. Me aproximei da mala aberta sobre a cama, xingando internamente ao constatar que várias das calcinhas que eu tinha arrancado do seu corpo estavam ali.

E como um louco eu puxei uma delas, um pequeno pedaço de pano vermelho que eu amava vê-la usando, e apertei entre os dedos. Caralho! Como eu sentia falta dessa mulher.

Me afastando, joguei a sua calcinha de volta na mala e olhei ao redor do quarto, sentindo cada imagem da gente se amando invadir meus pensamentos. *Merda, não tinha sido para isso que eu tinha vindo aqui*, pensei enquanto me dirigia para fora do quarto, pronto para ir embora, até que cheguei ao corredor e congelei ao me deparar com uma Mariana selvagemmente bagunçada.

Seu cabelo caía em ondas pelos seus ombros e costas, seu rosto não tinha um pinga de maquiagem e eu podia ver a cor avermelhada dos seus lábios perfeitamente. E, claro, que ela tinha que estar usando uma das minhas camisas.

— Eu não estava dormindo — ela murmurou e mordeu a pontinha do lábio, incerta sobre o que falar.

— Eu escutei a mensagem, Mariana, e foi por isso que vim. Pela Sofia. — Deixei claro e ela assentiu lentamente, tão desconfortável quanto eu.

Essa situação era nova para a gente. Estar tão perto sem poder tocar, sem poder tomá-la nos

meus braços e afundar meu rosto naquela cabeleira que eu tanto gostava...

— Ela ficou agitada o dia inteiro, caub... Guilherme, tem sido um custo fazê-la dormir — Mariana disse, se apoiando contra a parede. Como se suas pernas não fossem fortes o suficiente para mantê-la de pé. — Sei que não tenho o direito de te pedir isso, mas não se afaste da minha filha, por favor. Ela te ama e não merece sofrer porque eu cometi um erro.

Eu a encarei intensamente, não gostando do que estava vendo. Estava claro que Mariana também não vinha dormindo bem, e quando ela fixou seus olhos nos meus, me deixando ver toda a sua angústia, eu juro que a vontade que senti foi de estender a mão e tocar seu rosto. Fazer promessas que eu sabia que poderia cumprir, dar o meu amor a ela.

— É sobre isso que eu vim conversar, eu não vou me afastar da sua filha apenas porque as coisas entre a gente não deram certo, Mariana. Até porque a Sofia não tem culpa das escolhas que você fez. — Isso com certeza a machucou, porque todo o seu corpo enrijeceu. — E a última coisa que eu quero é fazê-la sofrer, você é a pessoa que eu pretendo arrancar da minha vida, não a sua filha.

Foda-se se eu estava sendo duro demais, Mariana não pensou um segundo sequer em mim enquanto transava com aquele filho da puta. Então eu tinha o maldito direito de estar puto com ela!

Limpando o rosto, ela desviou o olhar ferido do meu e murmurou:

— Eu me odeio pelo que te fiz, Guilherme, me odeio...

— O que você odeia é ter sido descoberta, já pensou se Isadora não tivesse contado nada? Você apenas teria continuado a me fazer de idiota, Mariana. Mentindo para mim com a maior cara de pau, indo para a cama comigo como se ter estado com outro homem fosse absolutamente normal. Você me traiu porra! — Me descontrolei. — Traiu o amor que eu sentia por você!

— Eu sei, caubói, eu sei, mas eu estou arrependida. Desde o momento em que ele...

— Você realmente vai tentar explicar o que aconteceu? Porque não acho que isso vá diminuir a minha raiva ou mudar a maneira como nós dois estamos. — Ela se calou e abaixou a cabeça, deixando uma ou outra mecha do seu cabelo cair em seu rosto.

E foi tão automático, que no mesmo instante eu já estava as afastando do seu rosto e as colocando atrás da sua orelha. Só para ser alvo do seu olhar, agora confuso.

Esse era o perigo aqui, esses seus olhos...

Mariana tremeu ao sentir o roçar dos meus dedos em sua pele, e enfeitiçado, deixei que meu polegar chegasse até a sua bochecha fazendo-a entreabrir os lábios. Eu estava tão perto de beijá-la, tão perto... que se ela não tivesse aberto a boca e estragado tudo, eu com certeza o teria feito.

— Eu te amo, caubói, do fundo do meu coração, eu te amo.

— Se você me amasse não teria deixado outro homem tocar em você, eu te avisei sobre isso, Mariana. Mulher minha é *minha*, eu não divido. — E ela sabia disso, eu fiz questão que ela soubesse que a partir do momento em que estivéssemos juntos, não poderia haver mais ninguém. — Agora esqueça esse assunto, *ok*? Apenas avise a Sofia que eu vou ligar para ela amanhã e que no fim de

semana venho pegá-la. — Mariana piscou desconcertada e por um momento eu cheguei a pensar que iria cair aqui, bem na minha frente.

— Obrigada... — ela sussurrou, agora sem coragem de me olhar e me deixou sair do apartamento sem dizer nenhuma outra palavra.

MARIANA

Eu esperei a porta bater e escorreguei até o chão, apertando minhas pernas com força enquanto apoiava minha cabeça contra a parede e encarava o corredor com o olhar vazio.

Fazia frio aqui em baixo, não um frio costumeiro, era mais aquele tipo que não nos deixa sentir conforto algum. Que gela a alma.

Eu deveria estar feliz por saber que Gui nunca deixaria a minha filha sofrer, mas como eu poderia esperar algo diferente dele? O homem era... perfeito.

Na manhã seguinte, enquanto eu tentava colocar meu café da manhã para dentro, o telefone tocou e meu coração deu um pulo. *Sua tonta, não é nem com você que ele quer falar*, pensei ao ver o identificador de chamadas.

— É ele, mamãe? — Sofia correu até o telefone e me olhou cheia de expectativa. E dolorosamente eu assenti, fazendo-a arrancar o telefone do gancho e atender.

— Sou eu, *cabói!* — Sua voz alegre me emocionou. — Eu também *tô* com saudade, um monte de saudade — ela continuou e eu saí da sala, não aguentando a pressão.

Mais tarde naquele mesmo dia enquanto eu colocava a última mala dentro do carro, Sofia ainda estava eufórica pela ligação e não conseguia parar de falar do Guilherme por um só momento.

— Ele disse que meu vovô tá cuidando dos meus peixinhos, mamãe, que eles estão *tistinhos* porque eu não vou mais lá...

— Seus peixinhos estão tristes? — murmurei, tentando fazer o porta-malas fechar.

— Sim, muito. Eu sou a mamãe deles, não sou?

— Você virou peixinho também, e eu não sabia? — perguntei com um sorriso no rosto.

— Não, mamãe, mas eu posso ser a mãezinha deles se eu quiser... — Soff pareceu incerta. — Não posso?

— Meu amor, você pode tudo — falei com ela já em meu colo. Essa tinha sido a nossa última

viagem do apartamento até a garagem. Agora só nos restava ir para aquele mausoléu.

Depois de fechar tudo e pegar minha bolsa, nós duas descemos, e antes de ir embora eu deixei minhas chaves com o porteiro, que estranhou o fato do Guilherme não estar com a gente.

MARCOS

— Eu me recuso a pensar nessa possibilidade, porra! — disse nervoso, no escritório da mansão e Ricardo não voltou atrás, ele realmente estava falando sério.

— Nós já rodamos todos os arredores, Marcos, as cidades vizinhas. Tudo. Os únicos lugares no qual os meus homens não procuraram foram em hospitais e no IML. E como você mesmo disse, ela é sozinha...

— Rachel não está na merda de IML nenhum, ela está viva! Eu só quero que a encontrem!

— Estamos fazendo o impossível, mas preso aqui eu não sou de muita ajuda. Trabalho melhor em campo do que comandando meus homens de longe, Marcos.

— Esquece, você é o único em quem eu confio. Quanto ao Henrique, quero alguém de olho nele até que essa situação se resolva — disse, ciente de que ficar na cola daquele desgraçado não agradava nem um pouco o Ricardo. Mas, merda, ele era o melhor.

Ric esteve durante cinco malditos anos no exército antes de largar tudo e se aventurar a montar sua própria empresa de segurança particular.

Ele assentiu contrariado, e não moveu um músculo sequer quando fomos interrompidos por uma Isadora furiosa.

— Marcos, nós precisamos... — As palavras morreram na boca da minha irmã quando ela se deu conta de que meu chefe de segurança estava na sala.

— Isadora? — eu a chamei.

— Nós precisamos conversar — ela respondeu, ignorando por completo o homem em pé ao seu lado, e nervosa, endireitou a coluna e se aproximou da minha mesa, deixando um pequeno recorte de jornal.

— Boa noite, senhorita — Ric murmurou sério quando minha irmã se virou para ir embora, mas tive a impressão de que ao invés de querer ser educado, ele a estava provocando.

— Me desculpe por ela, Isadora pode ser um pouco difícil quando quer. — Ele balançou a cabeça e esperou por alguma ordem enquanto eu lia o recorte com uma pequena declaração do Henrique à Folha de Negócios, dizendo não entender porque havia sido afastado da Montenegro e insinuando que não tinha permissão de comentar nada a respeito da Isadora.

Como se tivesse algo a ser comentado, pensei furioso.

— Tome. — Estendi o recorte para o Ric. — Cuide disso para mim. Faça ele entender que me provocar não vai adiantar de nada. Eu já paguei a quantia que ele queria, agora é ele quem tem que fazer a parte dele.

Com um aceno, Ric saiu da sala e eu voltei a ser assombrado pela possibilidade da Rachel estar em um hospital, ou pior, em um IML.

Merda, ratinha, aonde você se meteu?

Capítulo 31

MARIANA

— Eu vou com a minha *gochinha* de peixinho! — Claro que ia, pensei depois de escutar seu grito vindo do banheiro do seu novo quarto, enquanto eu arrumava uma pequena mala com roupas e brinquedos para que ela fosse passar o fim de semana no haras.

Marcos tinha deixado por minha conta a decoração dos nossos quartos, e em menos de dois dias eu consegui ter tudo devidamente arrumado. E para a minha sorte, a ala em que nós estávamos era oposta à da Isadora, ou seja, eu não precisaria esbarrar com ela a cada momento do dia.

Até porque, além do horário de trabalho eu ainda tinha que vê-la obrigatoriamente no café da manhã e no jantar. Esse era um dos muitos costumes que meu irmão sempre seguiu à risca.

Se bem que, por um bom tempo eu não teria que aturá-la na Montenegro, já que Marcos a aconselhou — daquele jeito autoritário dele — a não voltar para a empresa por enquanto. Ele queria esperar que a poeira abaxasse e ela deixasse de ser o principal assunto entre os jornalistas sensacionalistas e os nossos funcionários.

O que era bom, porque eu não conseguia imaginar minha irmã mantendo aquela pose inacessível dela enquanto era alvo de fofocas, coitada.

— Galochas de peixinhos, onde estão vocês... — murmurei, procurando por entre os seus sapatos e demorando a notar a aproximação do meu irmão, que entrou no quarto sem bater ao encontrar a porta semiaberta.

— Você vai mesmo deixar que ela vá passar o fim de semana no haras? — Marcos perguntou, não gostando nem um pouco da minha decisão. Mas a coisa toda já estava feita e Sofia tinha passado os últimos três dias contando os minutos para ver o seu *cabói*.

— Seria egoísmo meu proibir que Sofia fosse, além disso, só eu sei o quanto ela tem sentido a falta dele.

— Você confia nele para cuidar da sua filha?

Sorrindo melancólica, eu respondi:

— Eu confio a minha vida a ele, Marcos, o que dirá a da Soff. — Com o semblante ainda sério, ele apenas me olhou como se eu fosse um *serzinho* estranho e me surpreendeu com o que falou em seguida.

— Meus homens conseguiram encontrar um rastro da Rachel.

— O quê? — Congelei, porque eu sabia que Rachel não queria ser encontrada. No momento em que ela me contou que estava indo embora, ela parecia decidida a deixar tudo que tivesse a ver com a Montenegro, e com um Montenegro em especial, para trás.

— É algo pequeno, mas, pelo menos, me dá a certeza de que ela está viva e de que ainda está no estado. — Ele, por acaso, tinha pensado que ela poderia não estar viva? Me perguntei surpresa, e vendo que eu não faria nenhum comentário, ele continuou: — A rodoviária liberou informações sobre o ônibus que ela pegou para São Joaquim, na serra catarinense, eu tenho o dia, o horário, tudo. — Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. — E nesse exato momento há homens da minha equipe revirando aquela cidade inteira atrás dela.

Fiquei perplexa que ele realmente estivesse *caçando* a Rachel. E o pior é que eu sabia que ia além de estar ou não preocupado, Marcos a queria de volta como se ela fosse uma posse sua, algo que lhe pertencesse e tivesse escapado.

— Já pensou que ela pode não querer ser encontrada? Você a magoou muito, Marcos, a acusou de roubo. Isso é grave!

— Eu já não acredito que tenha sido ela a me roubar, Mariana, mesmo assim não consigo entender por que fugir dessa maneira em uma atitude que só alguém culpado teria. Eu sei que tem mais por trás dessa história toda, e não vou sossegar enquanto não descobrir. — Balancei a cabeça inconformada.

— Ela fez isso porque sentiu medo, Marcos, você pode ser bastante assustador quando quer. E a coitadinha sabia que não teria chance alguma se você decidisse levar as acusações adiante.

E se meu irmão tivesse feito isso, nem eu mesma teria sido capaz de ajudar, porque quando colocava uma coisa na cabeça, Marcos ia até o fim. E nesse caso, o fim teria sido o da Rachel.

Talvez fosse melhor mesmo para ela ter fugido, desaparecido no mundo, amar meu irmão era energia jogada fora. Um, porque ele não fazia o tipo casar e ter filhos. E dois, porque em todos esses anos eu não o vi se envolver emocionalmente com nenhuma dessas socialites, modelos ou atrizes com quem saía vez ou outra.

E arrogante do jeito que era, Marcos nunca se comprometeria com alguém que não viesse de uma família tradicional ou tivesse algum status dentro da sociedade. Isso estava enraizado tão profundamente dentro dele e da Isadora, que nem depois de todos esses anos os dois conseguiam aceitar minha amizade e envolvimento com o Guilherme.

Mesmo que a família dele tivesse posses e dinheiro, ainda não era o bastante para preencher as altas exigências dos meus irmãos. Não que isso alguma vez tenha feito diferença para mim.

Quando Sofia finalmente saiu do banho, embrulhada em uma enorme toalha, a conversa sobre a Rachel morreu. Marcos deu um abraço na minha pequena e desejou um bom-dia a ela, já que ele estava saindo para resolver alguns assuntos pessoais, que eu imaginei ter a ver com o Henrique e aquele homem assustador que agora entrava e saía de dentro dessa casa a todo instante.

— Já tá na hora, mamãe? — Soff perguntou já enxuta, enquanto eu terminava de trançar o seu

cabelo.

— Ainda não, meu amor, falta só um pouquinho. — Mais precisamente quarenta e cinco minutos, se Guilherme fosse pontual. Tinha sido a Fátima a ligar no dia anterior avisando o horário em que ele passaria para pegá-la.

O homem parecia mesmo disposto a me exterminar da sua vida, e isso machucava como o inferno. E atormentada com a ideia de que talvez ele nunca fosse me perdoar e de que nós nunca mais voltaríamos a ser como antes, eu vivia perdida pelos cantos dessa casa, fugindo de mim mesma.

Para piorar, eu também não conseguia parar de pensar no Zeus. Gui tinha recuperado o meu cavalo, o meu campeão, depois de todos esses anos e agora eu simplesmente não achava que merecia esse gesto da parte dele. E pensar que nós dois estávamos tão felizes aquele dia...

Sem muita fome e completamente angustiada, eu descii com Sofia, que estava uma pilha de tão ansiosa, para que ela pudesse tomar seu café da manhã no jardim.

— Por que você não vai, mamãe? — Essa era a quinta vez que ela me perguntava isso.

— Já te expliquei, Soff, o seu tio precisa de mim aqui — menti sem muita escolha e ela me lançou um olhar cheio de desconfiança, e pensativa, voltou a catar as uvas no seu potinho de salada de frutas.

Pouco tempo depois, Vera apareceu para nos avisar sobre a chegada do Guilherme, dizendo que ele havia se recusado a entrar e que nos esperava lá fora, na entrada principal da casa.

Sofia deu um grito eufórico e correu na minha frente, abrindo ela mesma a porta assim que chegou ao hall de entrada. Respirei fundo, buscando coragem para enfrentar o Guilherme e fui atrás dela.

Minha filha já estava em seu colo quando eu os vi, seus bracinhos magros apertando fortemente o pescoço dele. Enquanto ela o enchia de beijos, Gui olhou para mim, parada no batente da porta, e engoliu em seco. Seu pomo de adão fazendo aquele movimento peculiar que eu já havia observado tantas outras vezes.

Sem tirar os olhos dos meus, ele murmurou algo que fez meu anjinho soltar altas risadas e eu também senti vontade de rir. Rir verdadeiramente como eu não fazia há dias. E tremendo inteirinha, cruzei os braços em volta do meu corpo e me segurei sabendo que não tinha mais o meu caubói para me manter de pé quando as coisas ficassem difíceis. Agora eu estava por conta própria.

GUILHERME

Se Sofia não tivesse corrido para o meu colo e começado a me encher de beijos assim que a porta se abriu, eu teria perguntado a Mariana onde é que ela estava com a cabeça por se permitir ficar assim.

Caralho, só de olhar para o seu rosto eu tinha a certeza de que ela não estava bem. E não digo só emocionalmente, o desespero dela já parecia ser físico.

— Você tá aqui! — Tive meu pescoço apertado pelo meu pacotinho que parecia estar morrendo de saudades. — Não vou te largar nunca mais, *cabói* — ela murmurou cheia de dengo, e fungou o nariz vermelho em meus ombros, aliviando de certa forma metade da dor dentro do meu peito.

Porque a verdade era que eu amava esse pinguinho de gente, tanto que sempre a considerei como minha. Então, não importava se ela tinha o sangue daquele desgraçado correndo em suas veias, porque a ligação que eu tinha com a Sofia era quase tão profunda como a que eu tinha com a minha morena.

E isso era inexplicável.

— Mas se não largar eu morro sufocado, pacotinho. Vai com calma! — brinquei, ganhando dela um sorriso banguela, enquanto as lágrimas escorriam pelas suas sardas.

Inevitavelmente, acabei trocando algumas palavras rapidamente com a Mariana, não querendo prolongar a situação constrangedora, mas a verdade era que eu estava fugindo de toda a dor que consegui enxergar dentro dela.

Me senti um merda ao perceber que minha morena estava tentando muito não chorar na minha frente. Eu podia ver o esforço que ela fazia para se controlar e não desmoronar, e isso ferrou com a minha cabeça.

Porque, porra, se eu não estivesse tão machucado eu seria o primeiro a pegá-la em meus braços e cuidar de todo o seu sofrimento...

Algumas horas mais tarde, já no haras, Sofia e eu estávamos sentados no último degrau da varanda dos fundos, ela ocupada, chupando uma manga que já tinha lhe sujado toda, e eu olhando para o nada, enquanto lembrava da terrível sensação de aperto na alma que senti ao deixar Mariana para trás essa manhã.

A maneira como me olhou, parecia como se estivesse a ponto de implorar para que eu a trouxesse comigo...

Ela continuava sendo a minha garota, eu não podia negar isso, mas algo tinha mudado, uma parede foi erguida entre nós dois e a minha confiança nela estava arruinada.

— Eu vou ter que *tocar* de roupa, Gui... — Sofia murmurou com o rosto todo melado enquanto limpava as mãozinhas também sujas no vestido que ela usava.

— Você vai ter é que tomar um banho, pacotinho, nada de trocar de roupa.

— E depois já é hora de dormir? — ela perguntou, olhando para o céu. Era fim de tarde, o sol estava começando a se pôr agora, mas ainda faltava muito para a sua hora de ir para a cama.

Se bem que depois de toda a correria que tinha sido o dia de hoje, eu não me surpreenderia se ela acabasse pegando no sono no momento em que saísse do banho. Sofia andou cada centímetro desse haras atrás de mim, foi comigo visitar os novos potros que nasceram no começo dessa semana, e até se aventurou a alimentar um deles. Fora que tudo o que ela fazia era pulando e correndo... Não

tinha como ela não estar exausta.

— Se você estiver com sono sim. — Sem muito interesse na minha resposta, Sofia se levantou sorrateiramente e passou os braços em volta dos meus ombros, não dando a mínima que suas mãozinhas estivessem todas meladas e que eu acabaria cheirando a manga, assim como ela.

— Quando a gente casar, eu e minha mamãe vamos morar de novo com você, *cabói*? — ela perguntou baixinho, com olhos bastante sérios.

— Pensei que você estivesse gostando de morar com o seu tio — desconversei.

— Eu gosto, mas a minha mamãe não. Ela fica *tistinha* lá, até chora... — Encarei Sofia por alguns instantes, não sabendo o que responder e meio que atordoado por conta da sua declaração inocente.

Acabava comigo saber que qualquer uma das duas pudesse estar sofrendo, e tudo bem que Mariana se dizia arrependida, mas a questão já nem era essa. A questão aqui era que como eu poderia confiar nela, se mesmo depois de todos esses anos de amizade, companheirismo e amor — porque sim, sempre houve amor — ainda assim ela foi capaz de fazer algo tão nojento quanto transar com outro homem.

Porque com isso, Mariana apenas provou que, para ela, a nossa relação não significava nada. Ela se aproveitou do amor que eu sentia e me tratou como se eu fosse um maldito idiota a quem ela podia mentir e enganar. E caralho, talvez esse tenha sido o meu erro: amar demais aquela mulher.

Cansado, peguei meu pacotinho e a joguei pelos meus ombros, deixando-a de cabeça para baixo e a fazendo rir descontroladamente. Passamos pela sala, onde meu pai assistia ao jornal, e antes que Sofia corresse até ele e o deixasse todo melado, assim como eu estava, eu pedi a Fátima para que fosse com ela até o quarto e desse um banho nela.

— Filho — meu pai chamou assim que as duas desapareceram pelo corredor. —, como você está? — ele perguntou com real preocupação e eu dei de ombros.

Ele não iria gostar de saber que seu filho estava quebrado.

— Bem, por quê?

— Nada, eu só queria dizer que é normal doer no começo. Você não quer conversar sobre o que está acontecendo com vocês dois, e eu entendo, mas para chegar ao ponto que está, eu imagino que ela deve ter te decepcionado bastante...

— Pai, com todo o respeito, a última coisa que eu quero é falar sobre isso, seja com você ou qualquer outra pessoa.

— E quanto a Ellen? — ele me interrompeu.

— O que tem a Ellen? — perguntei desconfiado.

— Não pense que sou cego, Guilherme, vocês foram a esse show na noite passada e quando voltaram já passava das três da madrugada.

— Esse é outro assunto sobre o qual nós também não conversaremos, pai — falei nervoso e

parti para o meu quarto.

Capítulo 32

MARIANA

Duas semanas depois...

Depois de deixar Sofia na escola, eu dirigi até a Montenegro tentando afastar da minha mente o fato de que já tinham se passado duas semanas, e que ao invés de ficar mais fácil, menos doloroso, tudo só parecia piorar.

Era esmagador dormir e acordar com a certeza de que eu tinha cavado meu próprio buraco, que por causa da minha impulsividade, eu perdi o meu caubói.

E desde o primeiro fim de semana que Guilherme trouxe Sofia de volta, e que nós voltamos a discutir, nós mal trocávamos algumas palavras. Naquele domingo, eu fui tomada pelo desespero e pedi novamente para que ele me perdoasse, que desse outra chance para a gente, mas Guilherme foi irredutível.

As poucas notícias que eu tinha a seu respeito eram sempre através da Soff e, mesmo assim, só serviam para machucar. Porque se ele estava feliz eu sofria, se ele estava mal eu sofria ainda mais. Essa onda de sentimentos ruins me consumia um pouquinho mais a cada dia, e até mesmo o meu irmão andava preocupado comigo.

Por falar nele, eu estava verdadeiramente surpresa pela maneira como estava agindo. Marcos amava o meu anjinho de coração e ela já não era apenas mais *uma responsabilidade*, e isso tornava todo o nosso passado turbulento insignificante. Porque me dava a certeza de que ele estava realmente tentando se redimir pelos erros que cometeu comigo ao longo dos anos.

E conviver com ele na mansão nem era tão complicado assim, Marcos me deixava em livre, na medida do possível, para tomar minhas próprias decisões e só interferia quando era estritamente necessário. Como no caso dos seguranças que ele obrigou a mim e a Isadora a manter por perto. Não que nenhuma de nós duas tenha ficado contente com o fato, mas, no final, tivemos que acabar cedendo.

A situação com o Henrique não andava tão bem quanto Marcos gostaria, mas ele quase nunca dividia alguma informação em relação a esse assunto conosco.

E na única vez em voltei a ver o dito cujo, ou melhor, em que vi a sua *Mercedes* prata, foi no dia em que eu tinha ido almoçar com a Sofia e na saída do restaurante vi seu carro estacionado na

calçada. Fiquei tão nervosa naquele instante que cheguei a sentir minhas pernas bambearem.

Eu não queria Henrique me seguindo, não queria que aquele tormento anterior recomeçasse, mas meu irmão já andava com a cabeça tão cheia por conta dos meus problemas e dos da Isadora, além dos que ele já tinha com a Rachel e a imprensa, que eu achei melhor manter aquele incidente em segredo.

Vai que o *encontro* tivesse sido apenas uma infeliz coincidência?

Quanto à minha irmã, ela simplesmente acordou certa manhã cansada de lutar contra a teimosia do Marcos, fez as malas e pegou um avião para França, mais precisamente para Paris, a cidade do amor.

O que, convenhamos, seria o último lugar para o qual eu iria depois de ser abandonada pelo meu noivo. Mas a cabecinha da Isadora não funcionava como a nossa, meros mortais.

Estacionei meu carro em minha vaga e peguei o elevador, passando rapidamente até a minha sala e subindo para o andar da diretoria. Apesar de tudo o que estava acontecendo, e da minha recusa inicial de me envolver nos negócios da família, chegar aqui e me perder em tanto trabalho era reconfortante, e Marcos sabia disso.

Tanto é que, além de gerenciar o setor de produção, eu vinha fazendo um *bico* como sua assistente até ele se convencer de que a Rachel não voltaria, e contratar alguém para substituí-la definitivamente. Porque, bem, daqui a uma semana completaria um mês desde que ela, *pluft*, desapareceu.

O que era um bom ponto a se analisar, porque ao que parece nós, os Montenegro, fomos abandonados um atrás do outro... Primeiro o Marcos, depois a minha pessoa e, por último, a pedra de gelo inacessível da minha irmã.

Poderia ser engraçado se não fosse trágico. O que me fazia pensar constantemente nos nossos pais, talvez, só talvez, a nossa família não fosse feita para o amor porque nossos pais sempre foram o oposto do que qualquer casal deveria ser. Completamente distantes e sem um pinga de afeto um com o outro.

Chegando ao último andar, cumprimentei a secretária da recepção e fui em direção à sala de reuniões, que era onde Marcos iria apresentar o novo diretor financeiro essa manhã. Conferi a hora no relógio e me recriminei por estar alguns minutos atrasada. Normalmente, o trajeto até a Montenegro era bastante rápido, mas hoje eu tinha enfrentado um pequeno congestionamento enquanto desviava o caminho para deixar Sofia na escola.

— Bom dia, senhores — falei interrompendo a conversa aparentemente divertida entre todos aqueles homens. Isadora era a única mulher a assumir o cargo de diretora aqui dentro, e seria até que eu estivesse pronta para assumir o setor de produção, e eu podia apostar que isso só acontecia porque éramos da família.

Porque bem lá no fundo, Marcos tinha o mesmo pensamento retrógrado do nosso pai. Ambos eram machistas de primeira.

Passei o olhar pela sala rapidamente, sentindo-me curiosa a respeito da *nova aquisição*, já que

tinha escutado meu irmão falar muitíssimo bem sobre a competência e seriedade com que o Oliver Arantes trabalhava. Os dois se conheciam desde os tempos de faculdade, quando Marcos ainda estava em São Paulo. E agora, em meio a um processo de divórcio conturbado, o tal Oliver decidiu aceitar a proposta feita pelo meu irmão.

Sentei-me na única cadeira disponível, que por sinal era ao seu lado e fui pega de surpresa quando ele estendeu o braço para um aperto de mão.

— Eu sou Oliver Arantes — se apresentou educadamente. Oliver deveria beirar a idade do meu irmão, e parecia ser tão sério quanto.

— Mariana — respondi, tentando disfarçar minha constante voz de choro.

— Montenegro — meu irmão completou por mim ao ver que eu não diria meu sobrenome. — Essa é a minha irmã caçula, Oliver.

— É um prazer conhecê-la, Mariana Montenegro — ele falou seguro, sem se importar com o tom de aviso do Marcos, ou não se importou ou não percebeu, pensei para mim mesma.

No decorrer da reunião, Marcos o deixou ciente de tudo o que estava acontecendo dentro da empresa, desde o aumento do nosso vinhedo até o alto investimento que ele tinha feito para levar adiante os planos de exportação dos nossos produtos.

Os vinhos e champanhes da Montenegro já eram distribuídos em praticamente todos os estados brasileiros, como também para os principais países da América Latina, mas desde o começo do ano, Marcos vinha se desdobrando em dois, fazendo o possível para atravessar o Atlântico e levá-los também a Europa.

Quando finalmente acabou, eu fui uma das últimas a sair, assim como meu irmão, e no caminho para a sua sala, ele me avisou que iríamos receber o Oliver em casa essa noite. Não me ative muito a esse ponto e, enquanto ele me contava sobre a falta de novidades em relação a Rachel, a onda de desespero me atacou novamente.

Ela ia e vinha constantemente nos últimos dias, sempre reabrindo a mesma ferida. Não me dando sequer a chance de curá-la. A culpa, o medo, a saudade... Tudo era jogado sobre meus ombros e, de repente, eu me sentia mal. Como se algo estivesse preto em minha garganta e alguém apertasse meu coração, o deixando em pedacinhos.

— Mariana? — Marcos chamou e balançou a cabeça cansado. — Até quando você vai continuar assim? — Assim como, eu quis perguntar, mas eu já sabia a resposta. — Você parece uma morta-viva, anda pelos cantos daquela casa como se tivesse perdido algo, não se alimenta direito, não dorme bem e a única pessoa além de mim com quem você tem tido contato é a Sofia... — Virei o rosto para que ele não visse meus olhos marejados, eu já não aguentava mais a dor, como também não aguentava ficar sem o Guilherme.

Mas bruscamente, ele me arrancou da sua vida e não me deixou a menor esperança de que algum dia eu poderia voltar para ela... E sim, Marcos, eu perdi algo. Perdi o amor da minha vida, pensei amargamente.

— Eu... sinto a falta dele, Marcos — deixei escapar, percebendo que meu irmão era a única

pessoa que tinha me restado e em quem eu poderia confiar. Sem a Rachel, sem o Guilherme... não havia ninguém com quem eu pudesse me abrir. — Eu já fiz de tudo, já tentei falar com ele de mil maneiras diferentes. Mas Guilherme se recusa a me perdoar, a entender que eu errei...

— Você precisa tirar ele da sua cabeça, Mariana.

— Não, nem se eu quisesse eu conseguiria, você não entende.

— Talvez você não entenda, por que não se dá um tempo? Você voltou por causa do Henrique, e agora está desabando por causa do Guilherme. Sua vida não pode estar sempre girando em torno de um homem.

— Eu sei, mas o Guilherme não é só mais um homem, Marcos. Ele é o amor da minha vida — sussurrei e antes mesmo que as lágrimas descessem, eu as enxuguei em meus olhos com a palma da mão. Era nisso que eu tinha me tornado, um poço constante de lágrimas.

— Está vendo a que estou me referindo? Você não pode continuar dessa maneira, precisa superar isso...

— Assim como você está tentando superar a Rachel?

— Nós já terminamos aqui, Mariana. — Ele me encarou irritado. — Nos vemos em casa essa noite e não se esqueça de que iremos receber o Oliver.

Argh!

Capítulo 33

GUILHERME

Atravessando o hipódromo, puxei Zeus pela rédea, indo em direção ao estábulo onde ficavam meus próprios cavalos. Todas as manhãs nós dois repetíamos essa mesma rotina. Eu o levava até a hípica e nós treinávamos por quase uma hora seguida.

Com o sol sobre minha cabeça, eu adiantei o passo e o levei até a sua cabine enquanto me perguntava se Zeus tinha a consciência de que estava finalmente em casa. Será que ele sabia que esse era o seu lugar, e que antes mesmo de ser dado a Mariana de presente, eu tinha sido o único a treiná-lo?

Isso sempre foi um grande mistério para mim, saber até que ponto alguns animais poderiam ser conscientes do que acontecia ao seu redor.

— Você sente a falta dela, não sente? — Passei a mão pela sua crina e o escutei relinchar. — Então somos dois, amigão — murmurei contrariado e fechei a porteira das divisórias, que no último ano haviam sido trocadas por uma com forro de madeira e alumínio, dando um ar bem mais moderno às instalações do haras.

Voltando à sede, uma das minhas últimas conversas com a Sofia passou pela minha cabeça. Dela pedindo *por favor para eu não brigar mais com a mamãe dela*. Tudo porque quando fui deixá-la em casa, depois do primeiro fim de semana que ela passou aqui, eu e Mariana acabamos discutindo, e eu falei coisas da qual eu me arrependia profundamente.

A merda toda foi que nós só tínhamos nos dado conta de que Sofia estava nos escutando atrás da porta quando tudo já tinha sido dito.

Eu estava com a cabeça quente aquele dia e não deveria ter reagido daquela maneira. Mas eu estava nervoso com a Ellen, que tinha insistido em passar o domingo inteiro na minha cola, para total desgosto da Sofia.

Como se ela já não tivesse me atormentado até o limite dois dias antes, durante o show que durou até o início da madrugada.

Pela primeira vez, Ellen foi direta e fez questão de deixar claro, que se eu quisesse, poderia terminar a noite em sua cama... mas faltou tesão.

E coitada, mesmo que ela tenha se esforçado para arrancar meus pensamentos por algumas horas da mulher que vinha me consumindo, ela tinha falhado terrivelmente.

Porque a cada insinuação, cada murmúrio saído dos seus lábios e roçar de nossos corpos enquanto nos movíamos em harmonia com a música... só me fez querer voltar no tempo. Voltar para a tarde que Mariana e eu passamos fazendo amor em nossa cama antes que toda a sujeirada fosse jogada em cima de mim.

Eu queria voltar naquele exato momento em que estava enterrado dentro dela, tão profundamente que tínhamos nos tornado um só. Devorar sua boca mais uma vez, só que agora com a sofreguidão de quem sabia que em algumas horas todos aqueles momentos seriam arruinados.

HENRIQUE

Querendo provocar o valentão sentado confortavelmente em meu sofá, como se o meu apartamento fosse a sua própria casa, eu fui até o barzinho localizado em um canto da sala e preparei uma dose de bebida para ele.

— Pegue, esse uísque provavelmente vale mais do que alguns meses do seu salário, mas talvez te faça engolir o fato de que vai ter que continuar aqui... de babá.

O valentão não se deu ao trabalho de mover a cabeça, apenas me seguiu impassível com o olhar, seu profissionalismo me deixou realmente impressionado. O filho da mãe tinha uma arma em cima da minha mesa de centro, ao seu alcance e, se eu o deixasse em paz, ele podia passar horas a fio olhando em sua direção sem dizer uma palavra.

Eu já tinha tentado encontrar um ponto fraco nesse cara, algo que o fizesse perder o controle, mas se eu não estivesse enganado, a equipe de segurança do Marcos em sua maioria era formada por ex-militares. Provavelmente acostumados a passar por situações bem piores do que estas.

Acabei virando o maldito uísque, já que ele não iria aceitar, e lhe dei as costas, andando impaciente pelo cômodo. Onde quer que eu fosse, eu sabia que o idiota estaria atrás de mim e nas poucas vezes em que consegui sair do seu radar levou muito pouco tempo para que ele me encontrasse.

O que de certa forma era irritante, porque a primeira pessoa em quem pensei em ver assim que me vi livre foi a Mariana. Aquela *bruxinha* tinha sido a causadora do meu inferno desde o princípio. Por causa dela, eu tinha perdido tudo, porra!

Marcos teria que me desculpar, mas a promessa que eu fiz a ele de deixá-las em paz não valia de nada. Pelo menos, não quando envolvia a sua irmã mais nova.

Com o dinheiro que tinha ganhado do *todo-poderoso*, eu podia estar em qualquer lugar do mundo, e muito em breve era isso mesmo que eu faria. Mas antes, eu tinha algumas contas para acertar, pensei enquanto admirava o porta-retratos ao lado da arma. Era para aquilo que ele ficava olhando?

— Talvez você esteja certo em recusar. — Levantei o copo, chamando sua atenção. — Seria

injusto que qualquer um pudesse apreciar as coisas boas da vida, além do quê, alguém como você não saberia valorizar algo tão caro. — O sujeito desviou o olhar do que prendia sua atenção, que eu estupidamente pensei ser a sua arma, mas que, na verdade, era uma foto da Isadora, e me encarou. — E quando eu digo isso, eu me refiro às mulheres também, valentão, essa daí, por exemplo... — disse me referindo a Isadora. — morreria antes de aceitar que um homem como você a tocasse.

Ele estreitou os olhos, tentando conter a raiva... *Bingo!*

Capítulo 34

MARCOS

Observei a interação entre Oliver e minha irmã, enquanto me perguntava por que ela não poderia se envolver com alguém como ele no futuro. O homem era formado em Economia, assim como eu, tinha pós em finanças e controladoria, trabalhou por quase três anos fora do país e tinha um currículo realmente invejável.

Fora que era centrado, vinha de uma boa família paulistana e dividia os mesmos valores que os meus. Família sempre em primeiro lugar. Tanto é que depois de um divórcio conturbado, resultado de um casamento com uma mulher que nada tinha a ver com o seu status dentro sociedade, ele vinha lutando incansavelmente pela guarda da sua filha.

Esse era um dos motivos pelos quais eu não me deixava influenciar por paixões e promessas de amor, feitas no calor do momento. Como muitas que eu já tinha escutado das bocas de mulheres que se deitavam comigo. Inclusive da Rachel.

Eu aprendi a lição ao ver o tormento que era o casamento dos meus pais e nunca desejei o mesmo para mim, tanto é que sempre fugi de casamento. Mas sabia que se algum dia, precisasse recorrer a ele, seria com alguém que sabia como funcionavam as regras. Com alguém que frequentasse o mesmo círculo social que o meu, e que não nutriria esperanças desnecessárias.

Eu vivia minhas paixões, é claro. Mas elas se resumiam a cama, sexo. Nada mais do que isso.

E era por esse motivo que eu estava tão frustrado e irritado com o desaparecimento da Rachel, porque o fogo entre a gente ainda existia. O desejo estava aqui, latente em meu corpo, e nem mesmo Pierla era capaz de aliviá-lo.

Meus pensamentos sobre a minha ratinha e a Pierla desapareceram quando escutei Mariana falando sobre o tempo em que passou em Portugal.

— A verdade é que eu achei Coimbra uma cidade muito mais acolhedora que Lisboa. Foi lá que eu passei grande parte dos últimos cinco anos... — ela disse ao Oliver.

— Eu acho a cultura do país em geral riquíssima, mas acabo sempre optando por me hospedar em Lisboa quando viajo, na última vez minha ex-esposa e eu nos hospedamos no Solar do Castelo.

— Meu apartamento ficava há dois quarteirões. — Ela praticamente virou a taça inteira do seu vinho e eu franzi o cenho. Beber não era a opção para os problemas dela.

— Eu não sabia que você tinha se mudado para Lisboa depois de formada — falei, ciente de que não sabia muita coisa sobre o tempo dela em Portugal. Apenas o básico, que ela era uma das melhores alunas da sua turma e que se formou com honras.

— Sim, mas ficamos pouco tempo por lá, porque logo em seguida eu decidi voltar — ela respondeu sem me fitar.

— Saudades do seu país, aposto. É como dizem, não há lugar como a nossa casa, estou certo? — Oliver também parecia se dar conta de que minha irmã estava nervosa e tomou para ele a função de deixá-la mais à vontade.

— Certíssimo. — Eu a observei sorrir para ele, um sorriso completamente falso, e percebi que Mariana nunca se interessaria por alguém como ele. Oliver era sisudo demais para toda a sua impulsividade.

Não que eu estivesse interessado em vê-los juntos, esse era o pior momento para qualquer um dos dois se envolver com outras pessoas, de qualquer maneira. Principalmente no caso da minha irmã.

Quando o jantar terminou, nós nos dirigimos até a sala de estar, a conversa quase sempre girando em torno da empresa e das últimas viagens do Oliver. E apesar de bastante interessado, eu me vi obrigado a pedir licença e me retirar para atender a uma ligação do Ricardo.

— Diga — falei ao fechar a porta do meu escritório.

— Meus homens telefonaram, e, eu sinto muito, Marcos, mas ninguém faz a menor ideia de quem seja a Rachel. — Ele sentia muito? Quem iria sentir era a Rachel quando eu a encontrasse, merda.

— Continue procurando... Uma pessoa não pega um ônibus para o fim do mundo à toa. Ela tem que estar em algum lugar, os mande procurar nos municípios vizinhos, sei lá. Esse é o seu trabalho, porra!

MARIANA

Quando meu irmão pediu licença para atender seu celular, eu fui deixada com o Oliver e ao mesmo tempo que me servia de mais uma taça de vinho, eu lhe ofereci outra bebida, que ele gentilmente aceitou. O cara era um gentleman, sofisticado até o último fio de cabelo negro, viajado, inteligente, esperto e não vou negar tinha seu charme. Homens mais velhos sempre tinham.

Talvez ele pudesse até ser considerado uma versão bem mais humorada e humana da minha irmã. A maneira requintada com que falava, sempre calmo e com um tom de voz suave, quase beirando ao irritante. Deus, se Isadora fizesse o tipo *amor à primeira vista*, Oliver com certeza seria o homem para isso.

— Então, o que há para se fazer na cidade? Eu ainda estou me adaptando ao fato de que Joinville é minúscula, se comparada a São Paulo. — Oliver deveria estar se sentindo perdido

mesmo, porque ele vinha de uma cidade com mais de onze milhões de habitantes, sendo que Joinville não chegava a um milhão. Para ele deveria estar sendo claustrofóbico.

— Bom, sempre tem algum festival de vinho acontecendo por aqui ou em alguma cidade vizinha. Blumenau e Florianópolis são a melhor saída se você quiser se divertir, agora se você prefere algo com mais emoção pode optar por ir a algum rodeio ou competição de montaria... — Ele riu.

— Eu fiz essa mesma pergunta a secretária da recepção da Montenegro e ela me sugeriu baladas, barzinhos e jantares em restaurantes. A julgar pelas suas escolhas, eu posso acreditar que é isso o que você gosta de fazer, estou certo? — O homem era perspicaz.

— Acertou novamente.

— E o que você sugere para esse fim de semana? Quero conhecer um pouco mais da cidade e dos arredores. É uma vergonha admitir, mas, às vezes, parece que eu conheço mais a respeito de outros países do que do meu próprio — ele disse como se sentisse culpado por isso, o que me fez sorrir.

— Bom, vai ter um rodeio em um rancho a caminho de Campo Alegre, ele é tradicional e acontece anualmente, e o melhor é que toda a equipe que trabalha nesse evento é profissional, eles não admitem nenhum tipo de maus-tratos aos animais. E Deus, eu acho que era uma menina na última vez em que fui... — falei ao recordar. Eu tinha dezesseis anos, ainda não tinha perdido a cabeça loucamente pelo Henrique, e o Guilherme, que fazia faculdade em outra cidade, tinha vindo passar o fim de semana no haras apenas para me levar a esse rodeio.

No final, nós ainda ficamos horas a fio dentro da sua caminhonete, parada em frente ao lago na fazenda vizinha conversando e escutando música.

Na época não me pareceu nem um pouco romântico, mas pensando agora...

— Se faz tanto tempo, porque não leva Oliver até lá, Mariana? Tenho certeza de que ele vai adorar a experiência. — Eu não sabia quem meu irmão estava querendo provocar, a mim ou ao seu amigo que não parecia fazer o tipo de homem que curtiria essa experiência.

— Não precisa se incomodar, não quero impor minha presença a você — ele me garantiu e Marcos, mais uma vez, interferiu, dessa vez com um sorriso malicioso no rosto.

— Não seja covarde, Oliver, além disso, Mariana adora esse tipo de evento, não vai ser sacrificio nenhum acompanhar você. Eu já perdi a conta de quantas vezes ela mentiu para mim para poder assistir a rodeios e competições. — Isso era verdade, eu sempre dizia que ia dormir na casa da Rachel ou prometia que ia passar a noite quietinha no haras ao lado do Sr. Fonseca, quando a verdade era que eu subia na caminhonete do Gui sem sequer me importar para onde estávamos indo.

— Eu realmente não me importo — falei por educação, com a voz embargada pela lembrança. — Eu estava planejando mesmo ir... — A verdade é que Guilherme e eu estávamos planejando ir, mas isso foi antes.

Quando o dia do rodeio chegou, eu pensei em mil desculpas para não ir. Além da falta de vontade, eu estava preocupada em deixar Sofia com a babá que Marcos havia contratado, mesmo sob o meu protesto. Mas ela era muito pequena para ir a rodeios, principalmente porque esse em especial costumava se estender até tarde, já que contava com bandas locais tocando no final do rodeio, fora todo o chope e churrasco que teria à vontade.

Não era como se eu estivesse animada, mas desde o dia em que meu irmão chamou a minha atenção, dizendo que eu precisava superar tudo isso e jogou na minha cara que minha vida girava sempre em torno de um homem, eu meio que despertei.

Era isso ou eu acabaria adoecendo de tristeza.

E, mais uma vez, mesmo com toda a sua maneira grosseira de dizer a verdade, ele estava certo. Eu vinha me fechando de tal maneira para o mundo externo, que minhas duas únicas companhias eram ele e a Sofia. E naquele dia, assim que cheguei em casa, eu levei um baita susto ao me encarar fixamente em frente ao espelho.

Meus olhos estavam fundos, minha pele sem vida, sem cor. Era como se eu estivesse doente, mas no meu caso era doente de amor.

— Tá *ponta*, mamãe? — Sofia entrou em meu quarto, me trazendo de volta à realidade, já vestindo seu pijama com grandes bolas coloridas, mostrando mais uma vez que ela tinha um senso de moda meio distorcido, mas muito, muito fofo. Com um rostinho cheio de expectativa, ela subiu em cima da minha cama, e me observou terminar de me arrumar.

Como eu não fazia já há algum tempo, eu soltei meu cabelo, deixando que as ondas macias caíssem pelas minhas costas e ombros. Eu estava decidida a me sentir um pouco da mulher segura que eu sempre fui, e como prova disso, vesti uma saia evasê preta, com cintura alta e uma camisa jeans levinha amarrada na cintura, junto com minhas botas *country* que fazia séculos que eu não usava.

— Eu posso usar minha botinha também? — Soff perguntou, se referindo as botas *country* rosa dela.

— Para dormir?

— Sim, eu e minhas bonecas vamos fazer uma festinha de chá lá no meu quartinho, vai ter bolo, chocolate e eu tenho que estar bonita, mamãe. — Olhei para ela através do reflexo e ela sorriu, deixando à mostra os dois dentinhos que faltavam. O seu sorriso era o bastante para me convencer a fazer qualquer coisa por ela.

Ainda estava sendo difícil para o meu anjinho se acostumar a não ter o Guilherme e eu juntos a todo o momento, mas ela parecia disposta a aceitar isso da melhor maneira que podia. E eu era grata por isso.

Depois de terminar de me maquiar, eu fui com ela até o seu quarto para que Soff pudesse calçar a sua botinha, que insistiu para que ficasse por cima do pijama. E verificando a hora em meu relógio, constatei que ainda teria alguns minutos para passar com ela.

— Quer que eu te conte uma historinha? — perguntei, sabendo que ela gostava mesmo era de me contar suas próprias histórias. Quase sempre com um peixinho como protagonista.

O que me fez lembrar de que eu tinha que avisar a cozinheira para evitar servir qualquer tipo de prato com peixe quando Sofia estivesse à mesa, porque da última vez em que saímos para almoçar e ela percebeu que havia pratos com peixes na mesa ao lado da nossa, minha filha armou a maior choradeira, inconformada com o o casal comendo os pobres animaizinhos.

— Quero não — ela falou distraída e começou a arrumar a mesinha de bonecas com todas aquelas xícaras e pratinhos de plástico. — Eu vou ver o Gui amanhã, mamãe?

— Vai sim, Sofia, ele não falou que viria te buscar bem cedinho? — Pelo menos, foi isso que ela me contou essa manhã depois de conversar com ele.

— Será que ele vem sozinho, mamãe? — Estranhei sua pergunta, até porque que eu saiba que Guilherme sempre aparecia sozinho.

— Acho que sim, por quê?

— É que não gosto daquela mulher, mamãe, ela é chata... — sussurrou a última parte ainda entretida ao preparar seu chá de bonecas.

— A Ellen? — Essa não era a primeira vez que Sofia fazia algum comentário negativo sobre ela, e desde o dia em que minha filha contou chateada que a veterinária havia passado o dia inteiro atrás dela e do Gui, eu percebi qual era a daquela mulherzinha.

— Sim, eu não gosto dela, mamãe, mas o Gui e o meu vovô gostam... — O Gui o quê?

— Sofia...

— Senhorita, o Sr. Arantes está à sua espera. — Vera entrou no quarto para me avisar e Sofia veio se despedir de mim, beijando meu rosto.

— Te amo, mamãe, tá?

— Eu também te amo, meu amor, e seja boazinha com a babá, tudo bem? — pedi a ela e já deixei avisado a Vera para vigiar o horário da Sofia dormir.

Quando cheguei à escadaria principal, avistei Oliver lá embaixo à minha espera.

— Você está incrível, Mariana, com todo o respeito. — Ele me pareceu surpreso e eu o entendia perfeitamente.

— Obrigada, acho que até agora você só tinha me visto no meu pior, não é?

— Bom, seu pior é impressionante se você não se importa que eu diga, mas hoje você se superou. — Ele elogiou enquanto me levava até o carro branco esportivo estacionado em frente à mansão. *Homens e seus brinquedinhos caros*, pensei. — A verdade é que eu imaginei que algo estivesse acontecendo, mas espero sinceramente que você já esteja bem — disse com sinceridade.

— Eu vou ficar, em algum momento eu tenho que ficar.

— Sei como é — ele disse, já abrindo a porta e dando a volta em seu carro. — Eu acabo de sair de um casamento que durou mais de dez anos, foi difícil, doloroso, mas aqui estou eu. — Eu o olhei curiosa, ele parecia bem, na medida do possível.

— A dor diminui com o tempo? — perguntei no momento em que pegamos a estrada.

— Diminui. A dor também nos faz mais forte, aprendi isso na marra, infelizmente.

— Você a amava? — continuei perguntando impulsivamente, mesmo sabendo que não tínhamos intimidade para uma conversa como esta.

Oliver apertou o volante, e pareceu pensar, até que falou:

— Em algum momento, eu a amei. Mas acabou, éramos muito ocupados com nossa vida profissional. Ela nunca cedeu ou aceitou a minha ajuda financeira. Sempre quis provar a minha família que não estava comigo por dinheiro e no meio do caminho... nós meio que nos perdemos.

Nós meio que nos perdemos... repeti baixinho para mim mesma. Deus, isso era triste.

— Eu sinto muito.

— Eu também. E quanto a sua história, também há perdas?

— Pode se dizer que sim, eu só não consegui aceitar o fato ainda — respondi e virei meu rosto olhando para a paisagem do lado de fora da janela. Não querendo um final como o do Oliver para mim, onde a frase em que “*Nós meio que nos perdemos*” fosse servir para explicar o que aconteceu.

Nenhum de nós dois merecia isso, não depois de todos esses anos.

O caminho até o rancho não foi tão longo, e chato, como pensei que seria. Até porque, Oliver conduziu a conversa para um assunto menos *doloroso* e perguntou tudo a respeito da minha família, e sem nem ao menos perceber eu me vi contando cada detalhe sobre a nossa história. Desde a chegada dos primeiros descendentes até em como a minha família ajudou a modernizar e dar visibilidade a região. Eu não sei quando esse sentimento tinha começado a se firmar dentro de mim, mas eu estava começando a sentir orgulho de ser uma Montenegro.

Enquanto parava seu carro em uma das poucas vagas livres no estacionamento improvisado, Oliver, mais uma vez, disse:

— Mariana, não quero que se sinta pressionada, então se você não quiser ficar até o fim e sentir vontade de ir embora, basta me falar que nós partimos sem problemas, tudo bem?

— Relaxe, Oliver, e aproveite a noite, tenho certeza de que você vai amar isso daqui... — falei ao mesmo tempo que enrolava meu cabelo em um coque alto e pensava no Guilherme. Será que ele viria?

— Está tudo bem?

— Sim. — Desviei a atenção de todas aquelas caminhonetes estacionadas. — Tudo ótimo — menti com um aperto no peito.

Acabou que Oliver se divertiu durante todo o rodeio, eu o assisti vibrar ao meu lado em uma

das arquibancadas e o deixei beber da melhor cerveja da região, garantindo que era uma excelente motorista e de que levaria seu carro de volta sem o menor problema.

Confesso que fiquei surpresa com o assédio em torno dele, mesmo estando de jeans, sapatos caros e uma polo que exalava aquele ar de homem da cidade. Ele chamou bastante atenção das raparigas que frequentavam esses rodeios.

— Elas adoram uma novidade — cochichei divertida para ele enquanto íamos até uma das barraquinhas. Eu estava faminta, a banda local tocava nesse momento e as pessoas aos poucos iam se concentrando ao redor do palco.

— O que você deseja? Me diga que eu mesmo pego para você.

— Um churrasco está bom... Ah, e uma Coca-Cola *light*, por favor.

Oliver assentiu e se afastou enquanto eu olhava a multidão se acumulando perto da banda. O repertório deles em sua maioria era da dupla Bruno e Marrone, aquele tipo de música que faz doer até a alma, sabe?

*Agora fala que me ama
Agora que não tem mais nada
Diz que morre de amor por mim
Agora, depois de ter chorado rios
Depois de tanto ter sofrido...*

— Haja coração! — murmurei para o nada ao escutar o comecinho da música que eles estavam tocando e me virei para conferir o Oliver na fila, só que além de não encontrá-lo, eu acabei dando de cara com algo que me fez ter vontade de correr para longe. Bem longe.

Meu olhar confuso permaneceu naquela cena, Guilherme estava parado a apenas alguns metros de onde eu estava, com uma Ellen sorridente e completamente agarrada em seu pescoço. Meu coração vacilou, e eu balancei a minha cabeça, não acreditando no que estava vendo. Talvez fosse uma peça pregada pela minha cabeça, talvez, mas quando ele, por algum motivo, se deu conta de que estava sendo observado, virou o rosto e me pegou em flagrante, eu percebi que aquilo estava realmente acontecendo... Eles estavam juntos?

Dei um passo atrás, não querendo ver mais nada e bati contra um desconhecido que me segurou, enquanto eu tropeçava em minhas próprias pernas. Afastei as mãos do estranho de mim e caminhei para longe, o ciúme me machucando como se eu já não estivesse machucada o bastante.

— Mariana! — Pensei ter ouvido a sua voz me chamando, mas eu não olhei para trás... Eu não queria olhar. Porque se o fizesse, ele veria em meus olhos todo o meu sofrimento.

Merda, isso era tudo minha culpa! Tudo minha maldita culpa!

Quando dei por mim, eu já estava no meio do estacionamento, rodeada pela escuridão e por

todos aqueles carros, ofegando intensamente pela falta de ar em meus pulmões.

— Pare de correr, Mariana, que merda! — A mão dele me segurou de repente, e eu olhei seus dedos em volta do meu braço, causando ainda mais dor, porque, Deus, como eu sentia falta do seu toque. — Você não tem o direito de se sentir assim, não depois do que me fez... — ele murmurou, os olhos intensos vidrados nos meus.

E nervosa, eu apenas balancei a cabeça.

— Vocês estão juntos? — perguntei engasgada. — Porque se estão eu tenho o direito sim. Enquanto eu te amar, eu tenho todo o direito de sentir raiva quando outra mulher te toca, Guilherme, ou... — A ideia dos dois fazendo amor passou pela minha mente deixando-me enjoada. — Você transou com ela? Fez amor da mesma forma como fazia comigo?

— Mariana, pare... — Seus dedos apertaram levemente o meu braço, mas isso só me fez continuar. Eu sabia que tinha errado, não era novidade, merda, mas isso também não significava que eu iria aceitar vê-lo com outra. Guilherme era meu, assim como cada pedacinho meu era dele.

— Só me responda isso, por favor, você já fez... amor com ela?

— Você é... Caralho, você é a única mulher com quem eu faço amor! — respondeu nervoso, como se o fêrisse admitir isso. E com os olhos cravados nos meus, ele reivindicou minha boca em completo e total desespero. As mãos agora firmes em meu rosto, fazendo-me virar do avesso de tanto que senti a sua falta.

Meu mundo girou mais uma vez e, dessa vez, entrando no eixo certo.

Louca de saudade, eu me agarrei a ele, beijando-o de volta tão profundamente quanto podia. Eu tinha fome da sua boca, dos seus lábios... de tudo. E rosnando baixo, Guilherme segurou minha cintura com força e me empurrou até que minhas costas batessem contra o carro parado atrás de mim. Meu coque desajeitado se desfez, deixando que meu cabelo se liberasse em mechas onduladas pelos meus ombros.

— Eu... — Os dedos do meu caubói envolveram e puxaram um punhado de fios, me fazendo gemer. — Senti tanta falta da gente — sussurrei sobre seus lábios grossos que pareciam querer me engolir inteirinha. Era como se ele não tivesse o bastante da minha boca, como se o que estávamos fazendo ainda fosse pouco para sanar o desejo louco que ambos sentíamos.

E sem dizer nada, ele me pegou no colo bruscamente e me levou até a sua caminhonete, estacionada a apenas alguns metros de onde estávamos. Fui *jogada* no banco de trás, sentindo todo o peso do seu corpo sobre o meu. E dessa vez, enquanto pressionava seu quadril duramente contra o meu, Guilherme me encarou como se pudesse ver a minha alma.

Seu olhar era possessivo, decidido e tudo o que eu consegui escutar enquanto ele me fitava era o som dos nossos corações batendo pertinho um do outro.

Fechei os olhos, não sendo capaz de suportar a emoção quando ele, ainda com os olhos em mim, abriu botão por botão da minha camisa jeans, expondo meu sutiã rosa e toda a minha pele arrepiada. Me contorci quando ele afundou seu rosto entre eles os beijando com voracidade.

— Eu te amo — murmurei e senti uma pequena lágrima descer pelo cantinho do meu olho. — Te amo, caubói. — Emaranhei meus dedos em seu cabelo quando ele levantou o rosto, e com as mãos deslizou minha calcinha pelas pernas já sem nenhuma suavidade. O homem estava com pressa, assim como cada célula do meu corpo.

Eu precisava dele, precisava dele dentro de mim tão profundamente... até que todas as minhas dúvidas e medos fossem exterminados. Um por um, enquanto ele tomava o que era dele.

— Eu queria não ser tão louco por você... como sou — Guilherme murmurou, me pegando de surpresa, e passou o olhar pelas minhas pernas e barriga nua. — Eu juro que queria não te... — Ele desceu o zíper do seu jeans, fazendo desaparecer a insegurança causada pelas suas palavras e engolir em seco.

Se Guilherme percebeu o quanto eu tremia por sua causa, ele não demonstrou, mas da mesma maneira como eu sentia a necessidade louca dele, ele também sentia o mesmo por mim. E enquanto ele foi forçando deliciosamente seu corpo para dentro do meu e me rasgando aos pouquinhos, quase de maneira impaciente, eu mordi meus lábios extasiada.

— Caralho, você me tira o juízo, eu só consigo pensar em te pegar com força agora...

— Então pega — sussurrei bem baixinho, quando ele começou a se mover com mais intensidade dentro de mim, entrando e saindo com uma violência que beirava à loucura. Fomos consumidos, ambos, ali naquele momento.

Era doloroso, delicioso, entorpecente. Meus gemidos se tornaram altos, desesperados, não deixando espaço para qualquer jura de amor, tudo o que escutávamos era o som dos nossos corpos se unindo e nossa respiração ritmada.

O peso de todos aqueles músculos rígidos sobre o meu corpo só me deixou mais ávida, o suor escorria por entre meus seios e nuca. Fora que eu estava nos lambuzando enquanto o corpo do Guilherme parecia pegar fogo, me incendiando mais a cada estocada. Seus beijos fazendo-me afogar em chamas quentes debaixo do homem que me mantinha presa em seus braços.

Eu não queria acordar nunca.

Foi com esse pensamento doloroso que eu gozei, o apertando e gemendo tão enlouquecida a ponto de perder a consciência.

Guilherme me fitou, observando cada segundo do meu glorioso orgasmo e quando eu achei que não pudesse ficar melhor, seu pau inchou, crescendo dentro de mim, o fazendo liberar um som gutural do fundo de sua garganta, enquanto ele gozava e jorrava seu sêmen dentro do meu corpo, com a boca ainda colada ao meu ouvido.

— Por que você teve que fazer isso com a gente, morena? — ele disse ofegante e com o rosto afundado em meu pescoço. — Eu só não consigo entender, por que você teve que estragar tudo... Será que valeu a pena?

Capítulo 35

GUILHERME

— Por que você teve que fazer isso com a gente, morena? — murmurei, sem afastar meu rosto da pele quente do seu pescoço, seu cheiro quebrando toda a minha resistência. — Eu só não consigo entender, por que você teve que estragar tudo... Será que valeu a pena? — perguntei machucado, não sabendo o que fazer com ela, com a gente... nem mesmo com o nosso amor.

Porque eu sabia que se cedesse ao desejo do meu corpo e a vontade do meu coração, eu já teria lhe perdoado. Mas eu não conseguia me imaginar dividindo a mesma cama com ela, venerando a mulher que significava tudo para mim, sendo que no fundo, a traição ainda feria. Não era orgulho, eu só não conseguia esquecer...

Mariana arregalou os olhos, surpresa, chocada, não saberia dizer. E levou um grande esforço da parte dela para se levantar. Ela tinha o cenho franzido quando eu me aproximei e a cobri com sua camisa, voltando a abotoar lentamente botão por botão.

— Eu não pensei, eu não pensei em nada, Guilherme. — Seus olhos procuraram os meus, mas eu mantive minha atenção no que estava fazendo, não que cobrir suas curvas gostosas fosse uma tarefa mais fácil. — Mas não levei muito tempo para perceber que tinha cometido um erro, eu juro. E se eu não contei foi porque tive medo de te perder. No fundo, eu já sabia que não saberia viver sem você... — Ela limpou as lágrimas pesadas que caíam, a voz embargada pela emoção.

Prestando atenção a cada palavra que ela dizia, eu peguei sua calcinha do chão da caminhonete e a mantive para mim.

— Só me diz que vai ficar tudo bem agora, caubói, eu pre-preciso te es-escutar dizendo, por favor... — Mariana gaguejou nervosa e colocou a mão em minha perna. — Eu sei que podemos deixar essa história para trás, eu só preciso de uma chance. Uma única chance para provar o quanto o nosso amor é mais forte do que isso tudo. — Eu apertei com força a sua mão, querendo poder dizer sim a tudo. Querendo de verdade colocar um sorriso em seu rosto, porque eu já não sabia o que machucava mais, ficar longe dela ou vê-la tão devastada.

— Eu preciso de um tempo, Mariana. — Ela tentou retirar a sua mão bruscamente, mas eu a segurei. — Me escute, eu não estou dizendo isso com a intenção de te machucar, mas não vou passar por cima da minha dor, fingir que te perdoei quando a verdade não é essa. Eu fiz isso a vida inteira e quando eu finalmente pensei que pudéssemos ficar juntos, que tínhamos uma chance...

— Acabou... então? De verdade? — ela indagou dolorosamente. As lágrimas agora molhando

seus lábios inchados dos nossos beijos. Merda!

— Eu juro que não sei, morena, só vamos tirar um tempo para... — Estendi minha mão para tocá-la, e ela assentiu magoada, engolindo a decepção. E merda, eu estava me sentindo um filho da puta por dizer isso a ela logo depois de fazermos amor, mas a verdade era essa. Eu estava tentando apenas evitar mais sofrimento desnecessário.

E sem me olhar, sem sequer se recompor direito, Mariana abriu a porta da minha caminhonete e correu rapidamente para fora.

— Mariana? — Saí do carro preocupado e a chamei, mas ela não se virou. Um homem que eu não conhecia estava parado no meio do estacionamento olhando de um lado para o outro e eu me desesperei quando a vi indo diretamente para os braços dele.

MARIANA

Eu juro que não sei, morena. Nem o som da sua voz me chamando de morena trouxe a paz que eu precisava, pensei enquanto corria para longe dele.

— Eu... preciso sair daqui. — Não aguentei quando vi Oliver parado no meio do estacionamento, provavelmente à minha espera, e sem pensar no que estava fazendo, eu me joguei em seus braços. Aliviada.

— O que aconteceu?

— Me tire daqui, por favor — pedi outra vez, manchando toda a sua camisa com minhas lágrimas. Guilherme me chamou de novo, mas eu tive medo de me virar, suas palavras estavam embrulhando até agora o meu estômago, machucando o meu coração. Ele era o meu tudo, eu sentia isso, sentia que se não fosse ele não seria mais ninguém. Como aceitar então a sua incerteza?

Confuso, Oliver me levou em direção ao seu carro sem perguntar nada, mas eu sabia que não estávamos sozinhos. Ainda podia escutar os passos atrás da gente, só não tinha forças para enfrentar mais da intensidade do Guilherme essa noite.

— Aonde você vai? Você ao menos conhece esse cara, Mariana? — ele rosnou, e quando eu ia me virar para dar alguma explicação, Oliver tomou as minhas dores e o enfrentou.

— Eu não sei o que você fez com ela, mas eu acho que já chega. Eu a estou levando para casa!

— E quem é você? — Ele empurrou o Oliver, me deixando assustada.

— Não, Gui! — gritei, já perto dele.

— Você não vai embora com ele! — Guilherme segurou meu braço sem me machucar, mas todo possessivo. *Como tudo tinha chegado a esse ponto?*, pensei desesperada.

— E quem é que vai impedir que ela venha comigo? — Oliver rosnou de volta para o

Guilherme, sua aparente calma desaparecendo.

— Eu vou, porra! — Eu não me preparei para essa reação do Guilherme, mas quando percebi que ele iria mesmo bater no Oliver, eu me coloquei entre os dois. Minhas duas mãos o impediram de avançar.

— Você ficou louco? Ele é só um amigo do meu irmão e você ia bater nele por quê? — gritei mais uma vez. — Se isso tudo é ciúme, por que então não me perdoa? Por que insistir nisso e continuar nos machucando, Guilherme?

Guilherme me olhou e sacudiu a cabeça percebendo que tinha passado da conta em sua explosão. Sério, ele encarou com raiva o homem atrás de mim e depois voltou a me olhar... E sem poder fazer nada, eu o assisti se afastar e gritar um alto e sonoro *Porra!* enquanto chutava terra por todo o caminho.

E enquanto ele ia, eu me dobrei de dor, tremendo de tão nervosa enquanto repetia incansavelmente:

— Eu estraguei tudo, eu estraguei tudo... eu...

Oliver se aproximou sem que eu percebesse e me ergueu, me ajudando a caminhar até o carro, o silêncio durou até que estivéssemos fora do rancho e meu choro tivesse diminuído.

— Então, é ele?

— É...

— Você não fez nada de errado, sabe.

— Eu fiz — eu o interrompi e ri amargamente. — Eu o traí. — Isso fez Oliver me olhar e franzir o cenho. — É minha culpa que ele não confia em mim, é minha culpa que ele não queira me perdoar. Guilherme é o melhor homem que eu já conheci, tem um coração gigante que acolheu a mim e minha filha e eu só... ferrei com tudo.

— Uau! Isso é, bem, eu não esperava nada disso.

— Você... Se a mulher que você amasse te traísse, você algum dia a perdoaria? — divaguei com o rosto apoiado contra a janela, observando todas aquelas árvores e estrelas passando rapidamente por mim.

— Se eu a amasse? Eu, eu acho que não.

— Foi o que eu imaginei... — Sorri, sem conseguir entender o porquê e fechei meus olhos relembrando cada segundo do momento em que estive nos braços do Guilherme essa noite. *Deus!*

GUILHERME

— Quer conversar? — Ellen tomou coragem para perguntar quando já estávamos perto do haras e eu apenas balancei a cabeça. Eu não deveria ter saído de casa essa noite, merda. Ainda mais com ela.

A solidão era um fantasma que vinha me rondando, mas Ellen não era a mulher que iria afastá-la. Ninguém, além da Mariana, conseguiria essa proeza. E eu sabia disso porque no momento em que beijei minha morena essa noite, a coisa toda explodiu.

Meu tesão, a raiva, a saudade... o amor. Eu senti tudo isso enquanto estava dentro dela. E a sua absoluta rendição me fez perder a cabeça. Nada tinha mudado... Eu ainda era maluco por ela.

Mas a verdade era que não deveríamos ter nos deixado levar pelo desespero, não sem antes conversar. Não sem antes ela entender que se não fosse tão difícil deixar o passado para trás, eu já estaria com ela. De volta para o nosso apartamento. Dividindo nosso tempo, nossos corpos... Caralho, por que eu sentia como se, dessa vez, eu fosse o único a estragar tudo?

Percebendo que eu não estava bem, Ellen tocou meu braço, que seguia erguido enquanto minhas mãos apertavam o volante.

— Eu sinto muito, Ellen, mas você sabe que nunca vai acontecer nada entre a gente, certo? — falei exausto, a imagem da Mariana correndo de encontro aos braços de outro homem ainda nublava minha cabeça. Será que o cara sabia que ela era minha?

— Eu sempre posso ter esperanças.

— Não tenha, eu sei que não tenho agido da maneira mais correta e a verdade é que eu fiz isso a vida inteira, entende? Usei mulheres para aplacar o fato de que eu não podia ter a Mariana, mas agora... eu simplesmente não posso continuar fazendo isso.

— Mesmo depois de ela ter te machucado tanto?

— Sim, mesmo depois de ela ter me machucado tanto. — Não importava, nós podíamos até não estar juntos, mas eu sempre seria leal a ela.

Capítulo 36

MARIANA

Dois dias depois...

Nós precisamos conversar. Me encontre no restaurante em que você costuma almoçar com a nossa filha. Hoje, às 14h.

Olhei mais uma vez a mensagem que eu havia recebido essa manhã do Henrique, faltavam exatamente quarenta minutos para o horário que ele marcou e eu ainda estava sentada em minha sala pensando se deveria ir ou não...

Eu tinha tanta coisa engasgada em minha garganta, tanta raiva contida, que beirava ao ódio. E pensar que aquele canalha era o pai da minha filha, do meu anjinho inocente. Como isso era possível?

Recostei-me contra a poltrona de couro e fechei os olhos. Era tão fácil deixar minha mente vagar até as minhas lembranças com o Gui, tão mais fácil ignorar e fingir que não doía. Deixá-lo assumir o lugar ao qual pertencia dentro de mim... o lugar que ele já não sabia mais se queria.

O pensamento me fez abrir os olhos e encarar a chave do meu carro em cima da mesa. E eu percebi que tinha que fazer isso. Tinha que olhar bem fundo nos olhos do homem que me destruiu e dizer o quanto eu o odiava. Essa era a única maneira de deixar tudo isso para trás de uma vez por todas.

Avisei a secretária de que estava saindo para o almoço e que me atrasaria um pouco. E cerca de meia hora depois eu já estava estacionada em frente ao restaurante, me perguntando se ele realmente viria.

Cinco minutos depois recebi outra mensagem avisando que ele havia chegado e que me esperava lá dentro. Aflita, peguei minha bolsa e entrei.

Henrique estava sentado no fundo do restaurante, não havia mesas ocupadas ao redor e quando me aproximei, o escutei pedir ao garçom uma garrafa do melhor vinho deles. Qualquer um, menos a porcaria do Montenegro. Inacreditável, pensei.

— Acabei de pedir algo para bebermos. — Arqueei minha sobrancelha, eu sabia que Marcos o

havia afastado da empresa e que nesse momento ele não deveria estar fazendo nada. Sabia também que meu irmão o pagou para deixar a Isadora. Eu só não entendia por que ele ainda continuava na cidade.

— Por que não vai direto ao ponto e me diz logo o que quer, Henrique? — perguntei na defensiva.

— Por que não faz seu pedido primeiro e depois nós conversamos? — Balancei minha cabeça e estudei seu sorriso... O mesmo sorriso cínico de sempre. De um jogador que sabia que a cartada final seria a dele.

— Eu não vim aqui para almoçar ou beber qualquer coisa. Vim porque você disse que precisava falar comigo.

— E realmente preciso. Mas antes eu quero saber, como anda o seu fazendeiro? — Ele experimentou o vinho com toda calma do mundo. — Que pergunta a minha, está na cara que o idiota não te perdoou...

— Desgraçado. — Eu apoiei minhas mãos na mesa e sussurrei. — Não vê que quem mais se deu mal nessa história foi você? Não houve casamento, você não pode mais nos roubar. Acabou, Henrique!

— Terminou? — ele perguntou, indiferente.

— Não! Eu só vou acabar quando você estiver atrás das grades, pagando por tudo de errado que fez. Por sua causa, eu não pude voltar para casa por todos esses anos, você fez a cabeça dos meus irmãos contra mim e, Deus, eu pensei que te amava, mas a verdade é que você destruiu a minha vida, Henrique! — falei exasperada, as palavras saindo angustiadas e ele estreitou os olhos para mim furioso.

— Isso você fez sozinha!

— Claro, da mesma maneira como eu fiz a minha filha, não é?

Segurando minha mão por cima da mesa, ele ameaçou:

— Controle o que você diz, porque não foi para discutir que eu te chamei aqui.

— Eu já nem sei se quero escutar o que você tem a dizer. Você é uma perda de tempo. — Eu me virei para sair e fiquei surpresa quando ele apertou meu braço me arrastando discretamente até lá fora.

— Não me importa que esteja com raiva, você vai me escutar. Porque é melhor que saiba isso da minha boca do que através dos jornais...

— Do que você está falando? — Ele voltou a sorrir enquanto me levava para a calçada quase deserta, o que era estranho nesse horário.

— Eu estou falando da verdade sobre a sua origem, garota, será que seus irmãos nunca te contaram que você não passa de uma bastarda? — ele falou baixo, o sorriso vitorioso aumentando enquanto eu tentava assimilar o que ele estava dizendo.

Não podia ser...

— Você é louco, por que se esforça tanto para me machucar?

— Eu estou fazendo um favor a você e você me chama de louco? Em menos de uma hora todos os jornais saberão que você é filha do seu pai com uma mulherzinha qualquer. Eu só quis te preparar, talvez assim... — Minha mão voou em seu rosto, mas o tapa não foi o bastante para aplacar toda a raiva e mágoa que eu estava sentindo, então eu continuei a atacá-lo.

— Eu te odeio! Odeio do fundo do meu coração! — gritei e levantei o pulso para dar socos fortes em seu peito que não tiveram efeito algum. Mas eu continuei, qualquer coisa para amortecer o sentimento amargo que ficou dentro de mim depois do que ele disse.

Isso tinha que ser mentira, não é? Ele estava apenas querendo me atingir. *E conseguiu...* uma vizinha sussurrou em meu ouvido. *Conseguiu.*

Um vulto atrás de mim me segurou enquanto eu tentava machucá-lo em vão. E eu me debati. Eu queria esganar o filho da puta.

— Me solta!

— Será que você e sua irmã não tem juízo nenhum? — Eu reconheci a voz como sendo a do chefe de segurança do meu irmão. — Fique aqui, merda!

Eu vi o homem andar furioso em direção ao Henrique e derrubá-lo com um só soco, coisa que eu não teria feito nem com mil tentativas. Vendo-o no chão, eu me aproximei antes que ele se reorientasse.

Para a surpresa de ambos, eu me abaixei, ficando a poucos centímetros do Henrique, ainda tonto.

— Senhorita. — O homem tentou interceder, mas eu não lhe dei ouvidos.

— Esse é o lugar ao qual você pertence... — sussurrei maldosamente. — No chão imundo. Porque você não é homem, Henrique, você é um animalzinho rastejante e nojento. E eu não vejo a hora de você ser pego, porque é isso o que vai acontecer, mais cedo ou mais tarde. — Uma e outra lágrima caíram pelo meu rosto, mas eu me esforcei para continuar. E quando a mão dele apertou meu tornozelo, Ricardo se moveu como se fosse interferir, mas eu o impedi com um gesto. — Você ainda vai descobrir que mexeu com a família errada, seu desgraçado. E nesse dia eu vou estar assistindo a sua queda da primeira fileira...

Voltei a me levantar sobre meus *scarpins* altos, e forcei meu tornozelo para longe da sua mão. Meu corpo todo tremia enquanto eu tentava lutar contra as lágrimas que agora se acumulavam com força ao redor dos meus olhos. Eu não queria chorar na frente dele. A verdade é que eu já não aguentava mais chorar.

— Ele tocou em você, senhorita? Seu irmão precisa saber o que aconteceu aqui e...

— Conte a versão que quiser ao seu chefe, eu não me importo — murmurei ao me afastar, indo em direção ao meu carro.

E enquanto as palavras ditas pelo Henrique enchiam a minha cabeça de dúvidas novamente, eu pensei que ele merecia, sim, o que viria pela frente.

Merecia por tudo o que me fez. Por ter me obrigado a ficar todos esses anos sozinha, enquanto eu me virava em centenas para cuidar da nossa filha. Por ter me distanciado da minha família. Por todas as vezes que me humilhou...

E por ter tornado a minha vida um verdadeiro inferno.

MARCOS

Terminei a ligação um pouco mais calmo em relação a Isadora. Ela não tinha feito nenhum comentário a respeito do Henrique ou até mesmo sobre quando poderia voltar para a Montenegro.

Minha irmã ainda estava em Paris e permaneceria lá por algum tempo até ir para a Itália, onde ficaria mais alguns dias. Eu sabia que Isadora já era uma mulher adulta, aos vinte e oito anos ela lutou para ser respeitada no cargo que exercia dentro da empresa. Não tinha sido tão de mão beijada assim como algumas pessoas poderiam pensar. Mesmo assim, eu não conseguia deixar de me preocupar.

Porque enquanto a vulnerabilidade da Mariana era exposta, rasgada para quem quisesse ver, a da Isadora era trancada a sete chaves. Ela não deixava, ou gostava, que vissem a sua dor. E isso era perigoso.

Nem dez minutos depois meu celular pessoal tocou, conferi o nome do Ricardo no visor e logo atendi, pensando ser algo relacionado à Rachel.

— Nós temos um problema, Marcos. — *Mais um?*, pensei e me joguei contra o encosto da poltrona.

— O que é dessa vez?

— Henrique conseguiu despistar os dois seguranças que eu havia deixado com ele essa manhã. Quando descobri, a primeira coisa que fiz foi ir até o restaurante em que ele vem almoçando nos últimos dias e, bem, acabei encontrando ele e sua irmã, sendo que ela o estava atacando no meio da calçada para quem quisesse ver.

— Atacando? — perguntei agitado.

— Atacando, mais para batendo mesmo. Enfim, eu a afastei e o derrubei. Acabei agindo por impulso...

— Você sabe que não tem permissão para bater nele em público, Ric, que merda!

— E o que mais você esperava? O cara me tira do sério, Marcos. Se você quer alguém mais controlado, me tire da cola dele e me faça ir comandar a equipe de busca da Rachel.

— Não... nós já conversamos sobre isso. Agora me diga, onde minha irmã está? — perguntei, tentando manter a calma.

— Eu não sei, porque tive que ficar para trás com o Henrique. Mas posso dizer com toda certeza que ela saiu transtornada...

— O que esse desgraçado aprontou agora?

— Esse é o problema, ele apenas disse que eu *logo saberia*. — Minha conversa foi interrompida pela entrada abrupta de uma das secretárias da diretoria.

— Desculpe interromper, Sr. Montenegro... Mas eu acho melhor o senhor dar uma olhada nisso. — Ela estendeu uma folha impressa para que eu lesse.

"Traição, uma filha ilegítima e mais segredos. Descubra o novo escândalo envolvendo os Montenegro."

— Que porra é essa? — esbravejei, já cerrando o maxilar. — Ric não tire o olho dele, eu estarei aí em breve — falei nervoso e encerrei a ligação para que pudesse continuar lendo.

“Depois do retorno inesperado de Mariana Montenegro, que voltou ao país com uma herdeira nos braços, e do desastroso vexame que foi para a sua irmã, Isadora Montenegro, ser abandonada no dia do seu próprio casamento, nós do Novo Tabloide, estamos chocados por receber de fontes seguras mais uma revelação bombástica a respeito dessa família tão prestigiada entre a alta sociedade catarinense.

É de conhecimento geral que o casal Augusto e Lorena Montenegro, sempre se mostraram extremamente apaixonados perante a mídia. Mas a verdade não é bem essa. E de acordo com informações quantíssimas, Lorena, sempre tão empenhada em projetos sociais e de caridade, não só foi traída por Augusto como também se viu obrigada a criar a filha ilegítima do seu marido sob o mesmo teto que seus dois filhos, Marcos e Isadora, que hoje estão no comando da empresa da família.

Sabemos que não tem sido um período exatamente fácil para esses três irmãos, e queremos deixar claro aqui, que apesar de sermos um jornal sensacionalista, nós sempre respeitamos e incentivamos a harmonia dentro do núcleo familiar.

'A minha família vem sempre em primeiro lugar.' Não era esse o lema do poderoso Augusto Montenegro?

Agora a pergunta que não quer calar: Será que nossa pequena e impulsiva ex-amazona sabe da sua verdadeira origem? Ou isso também é um mistério para ela?

Mistérios, mistérios...”

A reportagem continuava, mas eu não aguentei ler o restante. Ao invés disso, me ative a foto dos meus pais e em uma imensa da Mariana com a Sofia no colo. Olhei para a minha secretária que ainda estava parada e completamente lívida em frente à minha mesa.

— Quando isso saiu? — perguntei, já me levantando, realmente preocupado com a reação que minha irmã poderia ter se lesse esse lixo. Porque do jeito que ela andava ultimamente, um empurrão a mais e ela seria derrubada.

— Há meia hora, senhor.

Porra!

Capítulo 37

GUILHERME

Inclinado sobre a cerca, eu observava de longe Zeus correr solto pela grama verde enquanto ia lentamente repassando cada detalhe da última noite que tive com a Mariana em minha cabeça.

Se antes estava difícil, agora, depois de ter provado mais uma vez da minha morena, eu estava começando a me perguntar se valia a pena dar as costas ao que sentíamos. Porque, pelo muito que eu conhecia da vida, eu nunca encontrei ninguém com quem meu corpo se encaixasse tão perfeitamente. Alguém que parecia ter sido feita exatamente para mim em cada centímetro de pele.

Louco de saudade, meu tormento foi interrompido pelo som alto dos trovões sobre minha cabeça. Já era quase final da tarde e as nuvens pesadas, junto com a tempestade se formando, estavam deixando os cavalos agitados em suas baias. Assim como eu.

Um dos tratadores entrou na arena, temendo se aproximar do Zeus que esteve arisco e nervoso por todo o dia. E no instante em que eu ia me levantar para interferir e evitar que o coitado do funcionário se machucasse, o celular no meu bolso tocou.

Estranhei ao ver o nome do Marcos no visor, e se não fosse pelo fato dele ser o irmão da Mariana, eu o teria ignorado com toda certeza.

— Pronto.

— Me diz que minha irmã está aí com você...

— Não, eu não a vejo, já faz uns dois dias — disse e logo em seguida fiquei preocupado. — O que está acontecendo?

— Você a conhece melhor do que eu, existe algum lugar para o qual ela possa ter ido, Guilherme?

— Se você não responder o que perguntei, eu não tenho como te ajudar.

— Você ainda não leu aquele maldito jornal? — ele perguntou exasperado e eu respondi que não, o que o fez explicar toda a história por alto, me deixando ainda mais aflito após escutar da boca dele que Mariana não era filha da Lorena.

E a primeira coisa que imaginei era em como deveria estar a cabeça da minha morena nesse momento. Quando eu a conheci, Mariana não passava de uma garotinha que tinha acabado de perder

os pais e nas poucas vezes em que ela comentava algo sobre eles, era sempre com muita tristeza.

Seu pai parecia ser o único naquela casa por quem ela nutria algum sentimento verdadeiro e, merda, desde aquela época era assim. O seu sofrimento me atingia com a mesma intensidade como se estivessem ferindo a mim, ao invés dela.

— Como os jornais descobriram, Marcos?

— Aquele filho da puta do Henrique soltou a informação à imprensa e, o pior, é que eu tenho quase certeza de que foi ele quem contou tudo para a minha irmã — Marcos deixou escapar não sabendo o buraco que deixou dentro de mim, porque isso significava que Mariana tinha estado com ele, não é mesmo? — Então, Guilherme, há algum lugar onde Mariana possa estar?

Tentei me concentrar e controlar a minha raiva... mas não consegui, e se depois de tudo que eu tinha dito a ela na noite passada, ela tivesse decidido ir atrás do desgraçado? E se eles... Não, Guilherme, não vá por esse caminho.

— Olhe, rapaz, eu imagino o quanto você deve estar chateado com a minha irmã pelo o que aconteceu, e juro que se eu tivesse outra escolha você seria a última pessoa a quem eu recorrería, mas eu não tenho, então preciso que você coopere e me dê uma luz aqui. Mariana tem estado um caco desde que vocês se afastaram, sou eu quem tenho tido que conviver com as suas constantes crises e eu duvido muito que ela consiga lidar com essa merda sozinha agora...

A linha permaneceu em silêncio porque eu não conseguia dizer nada e quando ele continuou, e insinuou que Mariana provavelmente precisava dele nesse momento, eu quis gritar de volta que não, que ela não precisava. Nunca precisou, porque tinha sido eu o único a segurá-la e reerguê-la depois de cada maldita rasteira que a vida deu nela.

Tinha sido eu a estar ali, ao seu lado, independente de tudo.

E enquanto eu pensava e repensava em algum lugar onde minha morena pudesse estar agora, as imagens dela debaixo do meu corpo invadiam a minha mente sem que eu pudesse lutar contra... Era como se o meu próprio inconsciente fizesse questão de esfregar isso na minha cara. Lembrei, mais uma vez, da maneira apaixonada com que ela me olhou quando fizemos amor. Das suas lágrimas, da emoção que ela sentiu... E merda! Que angústia era essa dentro do meu peito, agora?

Ignorei o fato de que Marcos tinha deixado claro odiar recorrer a mim e disse que em breve estaria na cidade, talvez lá eu tivesse mais utilidade do que preso aqui. E não foi surpresa nenhuma quando ele me avisou a respeito dos jornalistas acampados em frente à mansão à espreita de mais informações.

Tentei imaginar o que Mariana faria, pensar em algum lugar para o qual ela fugiria, e cheguei à conclusão de que no fundo ela deveria estar apenas querendo ficar sozinha. Longe de tudo por um tempo. Mas, caralho, já fazia horas que ela não atendia as ligações do seu irmão, e agora, nesse exato momento também não atendia as minhas.

MARCOS

Encerrei a ligação com o Guilherme, sem nenhuma notícia que pudesse me ajudar. Eu continuava no escuro e sem o menor sinal da minha irmã. Como se já não bastasse os problemas que eu tinha com a Rachel e a Isadora...

Qual era o problema com as mulheres que me rodeavam, pelo amor de Deus?

Do lado de fora da mansão, o temporal caía tornando a cidade um caos, e quando Vera me ligou avisando que Sofia havia chegado em casa assustada e chorando por conta dos jornalistas em frente à mansão, eu perdi a calma e dei meu expediente por encerrado.

— Posso entrar, titio, ou você tá trabalhando? — ela perguntou como uma mocinha, fazendo tudo direitinho. Eu havia lhe explicado que sempre deveria perguntar se podia ou não entrar em um cômodo antes de fazer, principalmente quando o cômodo em questão era o meu escritório.

— Pode entrar, eu já terminei aqui. — Abrindo um sorriso de todo o tamanho, ela se sentou na cadeira de frente para a minha mesa e cruzou os bracinhos.

— Por que tem gente tirando foto lá fora, titio?

— Eles são jornalistas, Sofia, são pagos para fazer isso. — Eu achei que ela não conseguiu assimilar direito a minha resposta e partiu para a próxima pergunta.

— E por que minha mamãe não foi me buscar hoje? —Pensei bem antes de responder. O que eu poderia dizer a ela?

Eu não tinha ideia de onde Mariana poderia estar, não que eu a culpasse. Depois de todo o sofrimento que ela passou nas últimas semanas, descobrir a verdade dessa maneira e justamente pela boca daquele desgraçado era... golpe baixo.

— Sua mãe teve que ficar para trabalhar até tarde hoje...

— Mas tá chovendo muito.

— Ela está protegida, pequena, não está na chuva, tudo bem? — Sofia olhou para fora da janela, os pingos fortes aumentando e voltou a me olhar.

— Tem certeza de que ela não tá na chuva, tio? — me perguntou com o rostinho realmente preocupado.

Bom, eu esperava sinceramente que não.

Enquanto enrolava Sofia, que voltou a me perguntar sobre todas aquelas pessoas lá fora, eu recebi uma mensagem do Ric, dizendo estar *tudo ok* no apartamento do filho da puta, e outra do contador da Montenegro, dizendo que precisava falar comigo assim que possível. E merda, eu precisava mesmo falar com ele a respeito do andamento da investigação, mas teria que ser em outro momento.

Um momento em que estivesse com a cabeça no lugar, e não doente de preocupação. A verdade era que eu já estava ficando velho demais para todas essas confusões.

Porque quando não estava preocupado com a Rachel, estava com minhas irmãs, e quando não estava com as minhas irmãs, estava com a Rachel.

Observei Sofia com os olhos atentos sobre mim enquanto mordida a pontinha da unha toda nervosa, e desejei que ela pudesse ficar com essa idade para sempre.

GUILHERME

A chuva caiu com força assim que cheguei ao asfalto, e de lá até a rodovia principal ela só foi aumentando, assim como a minha preocupação. Eu não suportava a ideia da Mariana sozinha por aí, sem saber onde ou com quem ela estava.

Isso me deixava... com um aperto fodido dentro do peito. E pensar que eu daria qualquer coisa só para ter a certeza de que minha morena estava bem, longe de problemas e dessa porcaria de tempestade.

Antes de sair de casa, eu cheguei a ler trechos da maldita reportagem da qual Marcos comentou, e quase não consegui acreditar no que li. Estava tudo ali explicado para quem quisesse ler, detalhes sujos que só alguém bastante próximo da família saberia, e, o pior, é que esses pseudojornalistas não pareciam se importar com o sofrimento que estavam causando a família.

E tudo isso era culpa daquele filho da mãe... O que fazia a raiva me consumir enquanto eu acelerava minha caminhonete pela estrada.

Já próximo à entrada da cidade, os carros foram diminuindo a velocidade, alguns até mesmo indo para o acostamento. Esse era um trecho perigoso e com a chuva eu podia apostar que o trânsito lento era por algum acidente ocorrido mais à frente.

Conforme ia me aproximando do local, avistei uma pequena multidão localizada do outro lado da pista, dificultando a passagem de quem dirigia e a visibilidade de quem tentava enxergar algo do acidente. De onde eu estava, tudo o que eu conseguia ver era a carreta que aparentemente tinha rodado na pista e dois carros, um, com mais da metade da lataria enfiada debaixo da carroceria da carreta, e o outro, com marcas de frenagem fortes no chão e a frente amassada com todos os vidros quebrados.

Senti um baque forte ao reconhecer o segundo carro, e pedi a Deus que se tratasse apenas de uma coincidência. Mas a *BMW* vermelha era muito parecida com a da Mariana... E com um movimento rápido, eu joguei o carro para o acostamento e pulei da caminhonete, conseguindo assim, passar por todos aqueles curiosos e chegar a poucos metros de onde o carro estava.

Passei a mão na cabeça desesperado depois de confirmar o número da placa, e olhei para todos os lados à sua procura. E juro, que quando vi minha morena, parada do outro lado da pista, os olhos arregalados de medo e o corpo todo molhado, visivelmente tremendo por conta do temporal que caía, o meu primeiro pensamento foi que eu nunca, nunca mais iria deixar ela se afastar de mim, porra.

Capítulo 38

GUILHERME

Eu não saberia dizer se corri, ou caminhei, a coisa era que quando cheguei a poucos metros da Mariana, o olhar perdido e assustado que vi em seu rosto tornou todos os nossos problemas insignificantes.

E com passadas largas eu me enfiei por entre as pessoas que estavam ao seu redor, provavelmente tentando acalmá-la e cheguei até ela.

Ainda angustiado, entrei na sua frente e a fiz me olhar, o nervosismo fazendo com que minhas mãos segurassem seu rosto com mais força do que o necessário porque precisava ter certeza de que ela estava bem, de que não estava machucada.

— Eu estou aqui, morena, olha para mim — murmurei, tentando tirá-la do estado de choque. Mariana tinha alguns pequenos arranhões na testa e braços, mas nada grave, eu podia lidar com eles... Eu só não poderia aguentar se algo mais sério tivesse acontecido a ela.

— Eu, eu poderia ter morrido — ela sussurrou de volta, com os lábios roxos e tremendo, como se só tivesse se dado conta disso agora. — Se eu não tivesse freado a tempo... eu... eu poderia ter morrido, Gui...

— Não diz isso. — Colei minha testa na dela, não sabendo dizer qual de nós dois parecia mais assustado. — Se algo acontecesse com você, eu... — Porra, essa era a segunda vez que essa mulher me fazia chorar. A primeira foi quando ela quebrou meu coração e agora... quando eu me dei conta de que eu preferia juntar os cacos dentro de mim e ficar ao lado dela, do que mantê-la longe.

Minha morena me encarou, atordoada demais para dizer qualquer outra coisa, os olhos verdes debaixo dessa chuva exibiam um tom acinzentado incomum... quase sem vida. E quando as suas lágrimas se misturaram ao temporal que só parecia aumentar, eu mais do que depressa arranquei meu moletom e a obriguei a vestir, tampando parte do vestido justo, e encharcado, que ela usava.

Algumas pessoas começaram a falar a minha volta, contando como tinha sido o acidente, e avisando que já haviam chamado o SAMU e a polícia rodoviária, Mariana continuou calada e voltou a encarar o local do acidente. Eu tinha visto rapidamente o estado em que tinha ficado o outro carro e pior, eu tinha visto que ainda havia duas pessoas lá dentro...

— Olha para mim — insisti e peguei em seu queixo, não querendo que ela visse nada daquilo. — Só para mim, tudo bem?

— Ela estava desorientada quando nós a tiramos... — Um homem barbudo comentou, se referindo a Mariana. — Infelizmente o casal do outro carro não teve a mesma sorte. A carreta estava em alta velocidade, rodou por causa do asfalto molhado.

— E onde está o motorista da carreta? — perguntei, apertando um pouco mais a Mariana. Ela tinha recomeçado a tremer, mesmo agasalhada.

— Do outro lado da pista, ele conseguiu sair sozinho, mas depois caiu no acostamento, o coitado bateu a cabeça ou algo assim, estamos esperando a ambulância para socorrê-lo. — Quase que no mesmo instante uma viatura rodoviária chegou, seguida por dois carros do SAMU, e os curiosos começaram a se afastar para que eles pudessem prestar socorro.

Mariana e eu ficamos por ali por mais uma meia hora, até que alguns dos socorristas lhe fizesse uma infinidade de perguntas e a liberasse. Os policiais também pegaram seus dados, refizeram o mesmo interrogatório e quando viram que seus machucados eram apenas superficiais, eu pude finalmente tirá-la de lá.

Liguei para o Marcos no meio do caminho, que ficou louco ao saber do acidente, e mais ainda, quando soube que a irmã dele não queria ir para casa. O homem protestou, disse que eu não tinha o direito de fazer isso e de que o *lugar dela* era na mansão. Não dei a mínima para o que o fodido queria. Eu tinha mais direito de cuidar da minha morena nesse momento do que qualquer outra pessoa.

Quando chegamos à garagem do meu prédio, ajudei Mariana a descer da caminhonete, seu joelho doía um pouco e ela estava descalça, agarrada aos seus sapatos e bolsa.

Subimos pelo elevador em completo silêncio, com Mariana evitando me olhar a todo custo, mas isso não me impediu de puxá-la com força para os meus braços quando entramos no apartamento. Eu estava desesperado para sentir seu corpo, mas não se tratava de sexo ou desejo carnal. Eu precisava apenas dela e dos nossos corações machucados batendo lado a lado.

— Me deixe cuidar de você, morena... — murmurei, tocando de leve os seus lábios, que ainda estavam gelados. Uma pequena lágrima desceu pela lateral do seu rosto e ao invés de limpá-la, eu beijei a gota, fazendo com que ela prendesse o ar. — Me deixe. — Eu puxei meu moletom para fora do seu corpo, seguido pelo vestido, e a deixei com nada mais do que a sua pequena calcinha e o seu sutiã rendado, que grudava sobre os seus seios por estarem molhados.

— Gui. — Ela se encolheu um pouco e arregalou os olhos quando meus dedos apertaram sua cintura.

— Sou eu aqui, Mariana — murmurei, próximo aos seus lábios.

— Eu sei. — Não esperei por suas palavras, ao invés disso, eu a beijei suavemente. Senti sua boca entreabrir devagarzinho, se rendendo ao intenso e profundo sentimento que existia entre nós.

Mas dessa vez não foi como na minha caminhonete, com todos aqueles beijos selvagens e desesperados. Dessa vez, eu a beijei com carinho, sem pressa, querendo fazê-la se sentir segura em meus braços.

Por fim, afastei seu cabelo úmido do rosto, beijei a ponta do seu nariz gelado e a levei até o

chuveiro do nosso quarto. A água quente deixou o banheiro embaçado rapidamente, enquanto eu assistia vidrado ela se livrar das duas últimas peças que faltavam até ficar nua em pelo.

Mariana entrou no boxe transparente e quando ficou debaixo do chuveiro, a água descendo pelo seu corpo, levando para longe toda a bagunça em que estava, ela fechou os olhos com força e se abraçou, como se cada pedacinho dela doesse.

Mesmo sem ser convidado, eu me levantei da beirada da banheira, arranquei minha camisa e jeans e entrei no boxe, a puxando para mim, e deixando que ela se livrasse — nos meus braços — de todo o choro preso em seu interior.

— Eu não aguento mais, caubói, não aguento. — Eu tentei com muita força não ficar duro, e me focar apenas nela, mas a única coisa que impedia que nossos corpos se tocassem completamente era a cueca que eu ainda vestia. — Todos eles mentiram para mim, até mesmo o meu pai...

— O seu pai fez isso porque queria o seu bem.

— Se meu pai queria o meu bem, ele deveria ter dito a verdade, ao invés de... — Ela soluçou e afundou o rosto em meus ombros, escondendo todas as suas lágrimas.

— Você era só uma criança, morena, teria sido crueldade contar algo assim para você naquela época.

— Então ele preferiu me deixar crescer achando que a mulher que eu pensava ser a minha mãe, me odiava? Eu passei a vida inteira acreditando que o problema era comigo, Gui, que *eu* era a errada, que não era boa o bastante para ela... Que por isso ela não gostava de mim. — Eu nunca soube que Mariana se sentia assim, sabia que essa história a deixava mal, mas que ela se culpava? Isso nunca. — Foi esse o bem que ele quis me fazer?

Eu não soube o que responder depois disso, estava atordoado demais e sabia que nada do que falasse iria tirar esse sentimento de dentro dela, então eu aproveitei o seu silêncio e a virei, afastando seu cabelo dos ombros e pressionando levemente seu corpo molhado contra o vidro do boxe, enquanto sussurrava baixinho:

— Eu senti sua falta a cada minuto do meu dia, morena. Cada maldito instante em que ficamos longe, eu senti a sua falta — falei pertinho do seu ouvido. — E sei o quanto essa sua cabecinha deve estar confusa com o que está acontecendo, mas você é mais forte do que isso tudo, amor, e se não for, também não tem problema, porque eu vou estar aqui, eu vou estar sempre aqui. Entendeu? — Mariana tinha os olhos fechados, enquanto eu murmurava e escorregava minhas mãos pelo seu corpo.

Ficamos assim, por longos minutos, um sentindo o corpo quente do outro, e ela ouvindo cada palavra doce que saía da minha boca. Quando finalmente saímos do chuveiro, Mariana foi para o quarto e olhou para a nossa cama com uma expressão séria em seu rosto. Eu ainda não a tinha visto sorrir, nem fazer qualquer tentativa para isso, e quando ela recuou e olhou para mim, eu me dei conta do que estava passando na sua cabeça.

— A cama é sua, se você não quiser dividi-la comigo — garanti preocupado, e terminei de me enxugar. Sem dizer nada, Mariana se enfiou debaixo do grosso cobertor, sem roupa, sem secar seu cabelo, sem fazer nada, e antes de virar para o seu lado da cama, murmurou de volta um *eu não me importo*.

Querendo ir com calma, eu a deixei descansar e saí do quarto, indo atrás de alguma coisa para comer. Tinha dias que eu não aparecia aqui em meu apartamento porque odiava o vazio que esse lugar ficava sem ela e a Sofia. Então as coisas meio que andavam abandonadas.

Depois de jantar alguma dessas comidas prontas que não tinham gosto de nada, eu procurei na internet notícias a respeito Mariana, e agora, além de encontrar mais reportagens nojentas expondo o caso, também encontrei especulações por todos os lados a respeito da identidade da verdadeira mãe dela.

Era como se, de repente, essa tivesse se tornado a pergunta de um milhão de reais.

— Cambada de abutres — murmurei e me perguntei se eles não tinham nada melhor sobre o que escrever. Em um dos poucos jornais confiáveis, eu acabei encontrando algo relacionado ao acidente, eles não deram certeza de quem estava ou não no carro, mas confirmaram que o veículo era mesmo da Mariana Montenegro, que ela estava bem e muito pouco se falou sobre o casal que morreu no outro carro.

Não consegui ver as fotos, até porque as imagens ainda estavam vivas em minha cabeça, e acabei fechando meu notebook. E ao passar a mão pelo meu cabelo, eu desisti da ideia de ficar vagando pelo apartamento enquanto a mulher que eu amava se encontrava dentro do meu quarto, sozinha e completamente nua.

MARIANA

Escutei o tique-taque baixinho do relógio no criado-mudo ao meu lado, enquanto olhava a escuridão do quarto. Os relâmpagos fortes que vinham do lado de fora da janela iluminavam tudo de tempos em tempos, e isso foi me acalmando aos poucos.

Era como se ver o céu desabando me desse algum tipo de conforto. Me lembrando de que não era só eu que estava machucada, precisando chorar, gritar e... deixar o dia de hoje para trás. O susto de quase-morte não tinha amenizado a minha dor, nem o sentimento de traição... e muito menos a mágoa de ter sido enganada por todos esses anos.

Eu tinha apenas sete anos quando meus pais morreram, mas conseguia lembrar uma ou outra vez em que fui tirada do quarto da minha mãe... em que suas palavras frias, assim como as da Isadora, me machucaram.

E a minha raiva não era por aquela mulher não ser minha mãe, porque a verdade era que ela não era merecedora desse papel, a minha raiva era por terem me deixado pensar que eu era o problema, que não merecia ser amada.

Eles deveriam ter me contado, merda, o meu pai deveria ter me contado.

O som da porta se abrindo me deixou nervosa e completamente sem reação, porque, no fundo, eu estava morrendo de medo da maneira como o Guilherme estava agindo. E se eu estivesse

confundindo todo esse seu cuidado e criando novas ilusões dentro da minha cabeça?

Eu podia amá-lo, podia estar sofrendo a ponto de doer a alma, mas não entregaria meu corpo a ele novamente como aconteceu aquele dia em sua caminhonete. Não faria isso porque não era justo com o meu coração. Ele não merecia as falsas esperanças que eu mesma criava...

Fechei os olhos, pensando em como aquela noite parecia distante. Em como tanta coisa aconteceu em tão pouco tempo, nós demos praticamente a volta no mundo só para acabar um do lado do outro de novo.

O peso do seu corpo sobre a cama me fez ficar em alerta, afastando todo e qualquer pensamento... dando lugar a saudade louca que eu sentia dele, das suas mãos, do seu cheiro e gosto.

E quando Guilherme lentamente se inclinou e beijou carinhosamente meu ombro, passando os braços fortes em volta do meu corpo nu, eu não tive como segurar a emoção, ou o alívio e a dor. Tudo me atingiu de uma vez só vez, fazendo ruir a fina camada que me impedia de desmoronar.

— Pode chorar, morena — ele murmurou com a voz rouca atrás de mim. — Você está em casa agora...

Capítulo 39

MARCOS

Um acidente?, pensei transtornado depois que encerrei a ligação com o Guilherme, me esforçando arduamente para não demonstrar minha preocupação a Sofia, que esteve ao meu lado durante todo o tempo, atenta a nossa conversa. E merda, se não fosse por ela, eu teria mandado aquele fazendeiro ir se ferrar e trazer minha irmã imediatamente para a mansão.

Mas não fiz isso, até porque lá no fundo eu tinha era que estar grato, mais uma vez, por ele estar ao lado dela quando era óbvio que ela precisava.

E por mais penoso que fosse admitir, não havia ninguém melhor do que o Guilherme para ajudá-la nesse momento, mesmo que a reaproximação dos dois não fosse exatamente o que eu gostaria de ver acontecendo.

Chamem-me de conservador, de arrogante, do que quiserem, mas eu já tinha visto casamentos demais se desmancharem por causa da diferença social entre os casais. Amor nenhum resistia às responsabilidades que um sobrenome como o nosso trazia. Por isso, eu realmente nunca me importei se Isadora amava ou não o Henrique... Porque, tirando o fato do desgraçado ser um ladrão, ele e minha irmã sempre dividiram as mesmas convicções a respeito da vida. Sabiam exatamente o que esperar de um casamento.

Diferente da Mariana...

E por conta disso, depois que tive a certeza de que minha irmã não estava machucada, eu precisei me segurar para não interferir quando o fazendeiro disse que a levaria para o seu apartamento, alegando que ela precisava de um tempo sozinha. E quando ele pediu que eu contasse apenas o necessário a Sofia, minha sobrinha logo percebeu que estávamos falando a seu respeito e seus olhinhos brilharam de alegria, sem a menor ideia do que estava se passando com a sua mãe neste momento.

— Era o meu *cabói*? — *Cabói*? Franzi o cenho ao terminar a ligação.

— Era o Guilherme, Sofia, ele ligou para avisar que por causa da chuva ele e sua mãe irão passar a noite no apartamento.

— Na nossa casinha? — Agora, além do brilho no olhar, ela sorria como o Gato Risonho da Alice no País das Maravilhas. E como eu sabia disso? Porque a garota já tinha feito a mãe dela assistir a esse filme uma centena de vezes desde que as duas se mudaram para a mansão.

— Essa aqui é a sua casa agora — respondi sério.

— Não, não, titio, minha casinha é a do Gui. Ele *pometeu* para mim que eu ia morar com ele para sempre... — Sofia falou e me abraçou, como se a notícia da sua mãe ter ficado com o Guilherme fosse a coisa mais legal do mundo dentro da cabecinha dela.

Sem a babá, ela acabou passando o restante da noite atrás de mim. Até que exausta, adormeceu embolada em um cantinho da minha imensa cama. Sem sono, eu a deixei ficar por ali mesmo e fui até a sacada do meu quarto, que ficava protegida da chuva e tinha vista para a casa da piscina.

Afastando para longe a maldita lembrança do que aconteceu naquele lugar, eu arranquei meu celular do bolso e telefonei para o Ricardo a fim de saber como andava a situação com o Henrique.

A paciência do homem já estava em seu limite, e eu sabia que ele não suportava o trabalho para o qual o designei, tanto que hoje, movido pela raiva, ele descumpriu uma de minhas principais ordens, que era a de justamente não bater no ordinário em público.

Fiz a primeira ligação, sendo atualizado da situação e o avisando que Mariana havia sido encontrada. E assim que terminei de falar com ele, telefonei para o porta-voz temporário da Montenegro, e pedi que ele tomasse as devidas providências e liberasse um pequeno comunicado à imprensa amanhã a respeito do acidente, e que ignorasse qualquer pergunta em relação às especulações que estavam sendo noticiadas pelos principais canais de informação do estado.

Depois de resolver essas questões, eu voltei a conferir as inúmeras mensagens que meu contador havia me enviado nas últimas horas. Respondi a uma delas avisando que amanhã, no primeiro horário, eu o queria na minha sala. E, respirando fundo, cheguei à conclusão de que a liberdade do Henrique estava nas mãos dele agora. Dele e das provas que mais cedo ou mais tarde acabaríamos encontrando.

Eu só esperava que isso acontecesse *mais cedo*, porque já não sabia o que fazer para manter aquele filho da mãe sob controle. Porque mesmo com os vinte milhões em sua conta, o desgraçado ainda parecia disposto a me irritar... A mexer com a minha família.

Sentindo minha paciência se esgotar com o assunto, eu encarei a casa da piscina, como se ela também estivesse zombando do meu mau humor. Esfregando na minha cara a noite em que Rachel e eu transamos atrás de uma daquelas cortinas... E irracionalmente, eu me vi discando o seu número, me surpreendendo ao ver que ela ainda não tinha pedido o cancelamento da linha.

Um frio no estômago, mais parecido como um maldito soco, surgiu quando escutei a gravação deixada por ela no aparelho. O tom sério da sua voz pedia educadamente para que deixassem recado que mais tarde ela retornaria. E foi isso exatamente o que eu fiz, deixei o meu recado.

— *Eu vou te achar, Rachel, isso é só uma questão de tempo...*

Pode apostar nisso, pensei amargamente. Odiando a falta de controle em que eu me encontrava por causa do seu sumiço.

MARIANA

Acordei no meio da madrugada, assustada por causa de um maldito pesadelo que tive. Nele eu estava de volta à cena do acidente, mas não conseguia escapar do carro, havia sangue por todos os lados e tudo em que conseguia pensar naqueles instantes era na Sofia e no Guilherme, e no quanto eu sentiria a falta deles... até que no meio do sonho, eu comecei a gritar desesperada porque sabia que nada daquilo era real.

Ofegante, abri meus olhos na penumbra do quarto e puxei o ar repetidas vezes até que minha mente entendesse que eu estava segura. De que já não estava presa no carro.

Tentei me levantar, mas o braço firme do Gui em volta da minha cintura não deixou. Meu movimento brusco fez com que sua respiração quentinha chegasse até a minha orelha, e ainda assustada, eu me agarrei em seus braços temendo que por algum motivo ele se afastasse de mim novamente.

Sentindo meu coração se acalmar, enquanto minha mente agitada dava voltas e mais voltas, eu me dei conta de que de que não podia continuar assim, deixando Guilherme ser sempre o meu anjo salvador. E em meio a tantas dúvidas, eu prometi a mim mesma que, ficando ou não com ele, eu aprenderia a ser forte, a caminhar com as minhas próprias pernas e a me manter de pé mesmo que o mundo inteiro ao meu redor estivesse para desabar.

E eu faria isso por mim e pela Sofia...

— Morena, está tudo bem? — Guilherme também acordou e perguntou com a voz rouca de sono e, Deus, era disso que eu sentia falta, desse sentimento profundo que nos unia. — Vem cá, você ainda está gelada, amor — ele murmurou baixinho e me agarrou, tornando tudo ainda mais íntimo.

Sem conseguir me controlar, meu corpo estremeceu quando ele se virou para me beijar todo carinhoso, como se estivesse com medo de me quebrar.

E por um momento foi como se as últimas semanas nunca tivessem existido. Como se nosso amor estivesse intacto e protegido em algum lugarzinho dentro da gente.

— Está melhor assim? — ele perguntou, os lábios ainda grudados nos meus, enquanto cobria cada partezinha do meu corpo com todos aqueles músculos pesados.

— Sim, está — respondi, deixando o seu calor esquentar e acalmar toda a tempestade sufocada em meu interior.

Quando voltei a acordar, a primeira coisa que senti, antes mesmo de abrir os olhos, foi o cheiro do sabonete masculino do Guilherme envolvendo todo o quarto.

Gemi baixinho ao perceber a falta que sentia disso tudo, até mesmo dos pequenos detalhes.

Como acordar em lençóis que tinham o nosso cheiro, da cama bagunçada, do seu bom dia e beijos matutinos... Abri minhas pálpebras preguiçosamente, querendo fugir da onda de emoção que essas lembranças trouxeram, e a visão que tive me deixou absolutamente sem fala.

Guilherme estava de frente para a cama, usando apenas uma *boxer* branca enquanto terminava de enxugar o cabelo e... com os olhos vidrados em mim.

Um desejo cru percorreu meu corpo assim que notei que o cobertor já quase não me cobria e que ele tinha estado ali, me observando dormir... pelada.

— Como você está se sentindo? — perguntou sério, e eu me esforcei para tentar descobrir como estava me sentindo realmente.

Para começar, eu não tinha voltado a ter outro pesadelo depois que ele me abraçou apertado no meio da madrugada, e isso era bom. Mas ainda estava chateada por saber que minha própria família mentiu para mim por todo esse tempo, e agora, mais do que nunca, eu me sentia como se não fizesse parte deles. Era como se eu fosse uma intrusa.

E se isso já não fosse o bastante para ter em minha cabeça, eu também estava apreensiva sobre como Guilherme e eu ficaríamos. Se é que ficaríamos.

— Sinto como se toda a minha vida fosse uma farsa, Guilherme, tem um vazio dentro de mim, que eu não sei como preencher. Fora que não consigo parar de pensar no por que meu pai obrigou a minha, quer dizer, a mãe dos meus irmãos a me aceitar como filha dela. Onde estava a mulher que me colocou no mundo nesse momento, Gui? Será que ela também não me quis?

Balançando a cabeça, ele deu alguns passos e beijou a minha testa, comigo ainda sentada na cama.

— Não tire conclusões precipitadas, Mariana, eu entendo todas as suas dúvidas. — Ele entrelaçou os dedos em meu cabelo, um carinho que eu sabia que ele adorava fazer. — Mas antes de se atormentar, eu acho que você deveria sentar e conversar com o Marcos. De adulto para adulto. Entende?

— Você acha que... ele sabe alguma coisa sobre a minha mãe? — perguntei insegura, não sabendo ainda o que pensar sobre esse assunto.

— Eu não sei, mas é isso o que você quer? Saber algo sobre ela? — Ele desceu a mão, contornando agora meu ombro e braço, fazendo-me desviar os olhos dos seus, e seguir o caminho que seus dedos percorriam em minha pele. Mordi o lábio sem nem perceber e... — Morena? — ele me chamou e eu voltei a encará-lo. — Vamos resolver uma coisa de cada vez aqui, tudo bem? Primeiro eu preciso saber o que você pretende fazer em relação a sua mãe.

— Eu não sei, não sei, Gui — admiti angustiada.

— Ok, isso ainda é muito recente e você não é obrigada a pensar nisso agora, mas, pelo menos, me prometa que vai conversar com seu irmão? E quando eu digo conversar, estou me referindo a sentar e falar, Mariana, sem gritos, nem ofensas ou provocações.

— Você fala como se eu fosse a culpada por...

— Não — ele me interrompeu e eu afundei um pouco na cama. — Eu falo como alguém que se preocupa com você mais do que tudo nessa vida. Porque não tem jeito, morena, eu fico miserável quando você não está bem. — Meu queixo caiu quando ele se inclinou na minha direção e segurou meu rosto. — E ontem, caralho, quando eu vi o seu carro naquela estrada eu senti como se meu coração estivesse sendo arrancado do peito. Não quero levar outro susto como este nunca mais, Mariana.

— Eu, eu não estava pensando direito, tudo o que o Henrique disse me deixou tão nervosa, caubói, que eu só queria chegar até você e correr para os seus braços. Sei que você tinha pedido um tempo, me desculpe, mas foi impulsivo. Eu só sentia que precisava estar com você naquele momento. — E nesse também, pensei em silêncio.

— Porra, você estava indo atrás de mim? — ele rosnou baixo, sua boca quase tocando a minha enquanto esperava por uma resposta, e quando eu assenti, fui surpreendida pelo ataque repentino. Sua língua possessiva deslizou para dentro de mim, me envolvendo em um beijo quente e desesperado. — Nunca mais faça algo assim, entendeu? — Sacudi a cabeça, mais uma vez, atordoada com a intensidade das suas palavras. — Porque se algo tivesse acontecido com você, não era só eu que teria ficado despedaçado, Mariana, já imaginou como a sua filha ficaria?

— Já, e não precisa me lembrar disso. Eu sei o risco que corri.

— Por que você aceitou ir vê-lo? — Fiquei sem ar ao escutar essa pergunta. — Por que depois de tudo, você ainda... — Antes que ele tirasse conclusões precipitadas, eu o interrompi.

— Olha, talvez você não entenda os meus motivos, mas eu precisava fazer aquilo. Tinha coisa demais presa em minha garganta, Guilherme.

— E você conseguiu dizer tudo o que precisava?

— Consegui. — O olhar desconfiado estava de volta, fazendo-me sentir mal.

— Ei. — Ele me forçou a encará-lo quando desviei os olhos dos dele. — Preste bastante atenção no que eu vou te dizer agora. — Seu tom de voz fez meu coração bater acelerado, principalmente porque não consegui decifrar se ele estava ou não com raiva de mim. — Eu te amo e... te perdoo, morena. Não quero machucar a gente mais do que já nos machucamos. Você errou...

— Eu sei — comecei a sussurrar com a voz embargada, e ele me calou apenas encostando seus lábios nos meus e murmurando um *shhh* baixinho para que eu o deixasse continuar.

— E por mais que seu erro tenha me ferido para valer, eu escolho você, acima de tudo, eu escolho você. Sempre.

Eu o olhei apreensiva, me perguntando se era verdade o que ele tinha acabado de dizer. Completamente dividida entre me jogar em seus braços ou chorar de tanto alívio.

Mas meu coração, nervoso do jeito que estava, acabou fazendo os dois ao mesmo tempo. Eu me joguei em seus braços e chorei como uma garotinha, grata por estar recebendo uma segunda chance de estar ao lado do homem que eu amava.

— Eu te amo, caubói, eu te amo. E prometo a você, do fundo do meu coração, que nunca mais eu

vou te machucar, prometo. — sussurrei com o rosto afundado em seu ombro, sentindo os braços dele me apertarem com tanta força que quando dei por mim, já estava praticamente em seu colo, não me importando que estivesse nua.

Muito pelo contrário, sentir a gente assim, pele com pele, só tornava o momento mais especial porque não havia nada entre nós dois. Apenas amor.

E quando Guilherme, já cheio tesão, me agarrou pela bunda e me puxou, abrindo minhas pernas em volta dele, eu sabia o que aconteceria.

— Faz amor comigo, Gui.

GUILHERME

Olhei fixamente para a minha morena quando ela pediu que eu fizesse amor com ela... caralho, não tinha nada mais que eu quisesse fazer nesse momento do que amá-la inteira. Eu estava faminto.

E percorrendo sem pressa todas as suas curvas, eu me dei conta de que tinha tanto dela para beijar e lambar, que eu não sabia nem por onde começar.

Eu a queria toda.

Com suas pernas abertas, eu a deitei e deixei que seu cabelo se espalhasse pelo travesseiro. Era uma visão e tanto ver a minha feiticeira completamente nua, apenas esperando por um movimento meu.

— Como eu senti a sua falta — murmurei, deixando que meus dedos brincassem com seus mamilos durinhos, traçando a linha da sua barriga enquanto beijava seu umbigo, fazendo-a arquear o quadril cheia de expectativa para o que viria em seguida. Mas eu não estava com pressa. — Tem ideia de quantas noites de sono eu perdi por sua causa? — Beije o interior das suas coxas brancas, perdendo completamente a razão ao sentir seu cheiro. — Da loucura em que fiquei por não ter o seu corpo em minha cama, morena?

Porque, porra, todas as noites eu ia dormir em total desespero imaginando que eu nunca mais a teria, que talvez, seu corpo nunca mais fosse ser meu...

Então, sem pudor, eu escancarei um pouco mais as suas pernas e admirei sua bocetinha com água na boca. Mariana arfou alto quando eu a abri com os dedos, rodeando seu clitóris com o polegar e deslizando dois outros dentro dela, o que não era nada comparado ao espaço que meu pau ocupava quando a penetrava.

Caralho, pensar nisso me deixou maluco de vontade de comê-la gostoso, do jeitinho que sempre fazíamos.

— Eu preciso de você. Agora! — rosnei, descendo minha *boxer* de qualquer jeito pelas pernas e me deitando sobre o seu corpo macio.

Meu tórax esmagou aqueles seios perfeitos, inchados por conta do tesão. E antes de me perder dentro dela, que era o que sempre acontecia, eu beijei aquela boca gostosa com vontade. Sentindo o gosto picante dos seus lábios, eu me deixei levar por aqueles olhos sedutores.

— Isso aqui, o que nós temos, é tão raro, morena. Você não faz ideia.

— Eu, eu faço sim.. — Mariana respondeu agoniada ao sentir a cabeça do meu pau forçando devagarzinho a sua entrada. E, merda, meu ponto de ruptura foi quando ela soltou um gemido e prendeu o lábio carnudo entre os dentes.

Naquele instante, minha morena me encarou como se eu fosse o seu mundo e meu quadril se moveu, fazendo-a se abrir inteira para mim. Ou como ela mesma gostava de dizer, a rasgando inteira.

Como eu pude achar que conseguiria ficar longe disso?, pensei, sentindo todos os meus músculos enrijecerem pelo esforço que estava fazendo para me controlar e não a machucar com a força das minhas estocadas.

— Deus, caubói! — Seus dedos puxaram o lençol da cama com força, e eu continuei apreciando os sons loucos que saíam de sua boca safada. Vidrado na maneira com que nossos corpos se encaixavam, no suor que nos envolvia e no desespero com o qual o seu olhar procurava o meu a todo instante...

E se eu era capaz de fazer Mariana se sentir em casa ao colocá-la em meus braços, como na noite passada, eu podia muito bem dizer que me sentia da mesma maneira estando dentro dela. Porque o corpo dela era o meu santuário, o meu refúgio. O lugar para o qual eu sempre voltaria.

E não tinha a menor dúvida disso.

MARIANA

Fechei meus olhos quando Guilherme saiu lentamente de dentro de mim e se jogou ao meu lado, tão suado quanto eu estava, enquanto nossas respirações e corações se acalmavam.

— Você fica ainda mais linda depois que eu faço amor com você, morena. Inacreditável! — Voltei a abri-los e o peguei me encarando com *aquele* sorriso. Aquele do qual eu morri de saudades e que imediatamente me deixou à beira de lágrimas. — Muito, muito mais linda.

Deus! Eu não podia acreditar que estava chorando de novo, pensei enquanto limpava meu rosto e Guilherme ria de mim. *Mas dessa vez era por um bom motivo. Dessa vez era de felicidade. Pura e plena.*

Capítulo 40

GUILHERME

Entrei na cozinha e me deparei com Mariana preparando algo para que a gente pudesse comer, nós tínhamos voltado a dormir depois de todo o sexo que havíamos feito mais cedo, e faminta, minha morena me obrigou a sair da cama para que pudéssemos ter finalmente o nosso café.

— Encontrou algo? — perguntei ao me aproximar dela, admirado com o quanto ela ficava gostosa usando um dos meus moletons. Fazia frio dentro do apartamento mesmo com o aquecedor ligado e a chuva ainda caía lá fora, aumentando a minha vontade de ficar o dia inteiro com ela amarrada em minha cama.

— Hum-hum... — Mariana murmurou, mastigando o que quer que fosse a mistura louca que ela estava fazendo, e me ofereceu um pouco para que eu pudesse provar.

Pelo visto teríamos torradas de frigideira e ovos mexidos recheados com aquelas sementes que ela gostava de pôr em quase tudo o que comia.

— Hum, isso está bom — murmurei de volta e apoiei meu queixo em seu ombro enquanto ela terminava de mexer os ovos.

Era quase meio-dia e Mariana já havia telefonado para a Sofia e para o Marcos, o avisando de que pegaria a filha na escola essa tarde. Os dois pouco conversaram, e assim que seu irmão começou a pressioná-la do outro lado da linha, ela encerrou a ligação, voltando a me olhar daquela maneira perdida dos últimos dias.

A questão era que a minha morena não precisava mais se sentir assim, e independente da decisão que ela fosse tomar eu permaneceria ao seu lado.

Pegando a bandeja, eu separei dois copos de suco, e levei nosso café para a sala.

— Aonde você está indo? — ela indagou ao me ver afastar.

— Nós vamos ficar aqui... — Coloquei tudo sobre a mesa de centro e a puxei para o sofá, beijando aquela boca mais uma vez. — Quero passar o dia inteiro amando você... bem gostoso.

— Quer começar agora? — ela instigou, arranhando meu abdômen e montando em cima de mim, o cabelo selvagem solto do jeito que eu gostava, e suspirando, ela continuou: — Deus! Como eu senti falta da gente, caubói — disse baixinho e me beijou ardentemente, envolvendo minha nuca com as mãos.

Querendo mesmo me tirar do sério, ela esfregou seu corpo no meu, a fricção insistente fazendo meu pau endurecer no ato.

— Sua sacana — Eu agarrei sua bunda e a forcei a parar de se mexer. Os olhos dela brilhavam de excitação e algo muito mais intenso. — Se não quiser que eu arraste essa sua bunda gostosa para o quarto, eu acho melhor você parar de me provocar.

— Você pode me arrastar para onde quiser — sussurrou em meu ouvido, com um sorriso nos lábios. — Mas antes eu preciso que você me alimente, homem!

Merda, essas palavras saindo de sua boca soaram sexy pra caralho.

— Amor, te alimentar vai ser um prazer.

Ainda em meu colo, eu a coloquei sentada ao meu lado e enquanto ela puxava todo o seu cabelo para cima em rabo de cavalo, eu nos servi da sua *mistureba*.

Comemos enquanto ela me contava a sua conversa com a Sofia ao telefone, na alegria em que meu pacotinho estava por ter dormido no quarto do tio, dizendo para a mãe que nem tinha sentido medo. Que tinha sido boazinha.

Mariana também contou um pouco a respeito das últimas semanas, disse que sua irmã estava fora do país a *conselho* do Marcos, e da confusão que Sofia havia armado no restaurante por conta do casal que havia pedido um prato com peixe.

Descobri que Marcos tinha sido o seu único apoio em meio a toda essa confusão, que os dois estavam tentando deixar o passado para trás e se entendendo aos poucos.

Mas algo me dizia que ela estava insegura sobre como tudo ficaria agora.

— Você sabe que nada vai mudar, não é? Você continua sendo uma Montenegro, mesmo que...

— Mesmo que minha mãe seja um total e absoluta estranha e que provavelmente me abandonou? — ela falou com raiva.

— Já pensou que seu pai pode tê-la obrigado a abrir mão de você?

— Eu... — Ela me olhou, deixando claro que essa possibilidade não tinha passado pelo sua cabeça. — Não quero falar sobre isso, nada disso. Não quero desenterrar meu passado — falou, tentando se convencer. — Tudo o que eu quero é um pouco de paz, Guilherme, ter você e a Sofia ao meu lado e mais nada.

— Como você quiser — respondi, sabendo que mais cedo ou mais ela mudaria de ideia. Minha morena era curiosa e poderia estar machucada agora, mas se houvesse a mínima chance de ela conhecer a sua verdadeira mãe, ela não iria deixar isso passar.

Observando a preocupação em seu rosto, eu decidi mudar de assunto e pedi que ela e Sofia passassem a noite comigo no apartamento. A saudade que eu tinha do meu pacotinho era tão grande quanto a que eu sentia da Mariana.

Porque mesmo passando alguns dias comigo lá no haras, não era a mesma coisa. Sofia ficava o tempo inteiro dizendo que sentia falta de morar na *nossa casinha* e isso de certa forma acabava

comigo. Quando não era isso, era ela dizendo que seus benditos peixinhos estavam tristes... que não queriam mais nadar nem comer.

Não sabendo ela, que eu já tinha notado que tudo o que aqueles pobres animais *sentiam*, era na verdade a maneira como ela mesma se sentia. Sofia apenas transferia suas emoções para eles, agora se isso era de caso pensado eu não fazia a menor ideia.

MARIANA

Merda, merda, merda... Agarrei com mais força o cabelo do Guilherme ao sentir sua língua deslizando para dentro de mim. Deus! O homem sabia como apertar todos os botõezinhos do meu corpo.

Mordendo o lábio, eu arqueei minhas costas batendo contra o vidro embaçado do boxe, enquanto as mãos fortes do meu caubói puxavam meu quadril em direção à sua boca, tornando a lambida muito mais profunda.

Ele estava abaixado, com minhas pernas uma de cada lado do seu ombro, e com total acesso a parte mais sensível do meu corpo. O descontrole com o qual ele me chupava tornava difícil a tarefa de não me contorcer em seu rosto, e quanto mais faminto e violento ele ficava, mais perto eu me encontrava de perder o controle.

— Caubóói! — Seu nome saiu ofegante da minha garganta, enquanto ele literalmente me fodia com a língua, me sugando no mesmo ritmo rápido com que eu rebolava o quadril em sua boca. — Isso, Gui, isso... por favor... — gemi enquanto meu corpo era dominado pelo primeiro espasmo.

— Caralho, morena, que bocetinha doce! — ele murmurou enérgico, e lambuzou os dedos com o líquido cremoso que escorria de dentro de mim, deixando-os úmidos para...

— Isso é maldade — protestei baixinho quando ele deslizou três dedos grossos para dentro da minha boceta ao mesmo tempo em que cobria meu clitóris com os lábios. E, merda, isso foi o suficiente para me fazer ter outro espasmo tão intenso, que eu não tive como não gritar seu nome.

— Foi perfeito... — sussurrei após alguns segundos, deixando-me ser conduzida por seus braços. Meu coração batia acelerado contra o seu tórax enquanto ele erguia minhas mãos sobre minha cabeça e pressionava seu membro duro contra o meu abdômen.

— Olhe para mim — ele pediu com a voz grave. — Sinta o quanto você é gostosa... — Seu beijo veio quente e molhado, com o meu gosto se misturando entre nossas bocas. Guilherme queria que eu *me provasse*, que sentisse o sabor que ele sentia toda vez que me chupava.

Fiquei completamente louca com tudo isso, mais ainda com a maneira exigente com que ele reivindicou meus lábios, me fazendo soltar gemidos desconexos... Meu caubói me apertou tanto, que aquela dorzinha deliciosa chegou ao meu ventre, causando um arrepio cálido por toda a minha pele.

Eu o encarei extasiada enquanto nos beijávamos, desistindo do pouco controle que me restava

depois de uma tarde inteira fazendo amor. Eu já tinha até perdido a conta de quantas vezes nós gozamos juntos hoje, mas eu queria de novo e de novo...

Até meu corpo estar esgotado, mas não de dor. Eu queria a exaustão que só o prazer de gozar junto com ele me dava. E por mais que tentasse, eu não me achava capaz de encontrar as palavras certas para descrever a intensidade desses momentos. Era mais do que fazer amor, era um encontro de almas.

O nosso encontro. As nossas almas.

— Eu te amo, Guilherme e sinto muito que tenha levado tanto tempo para me dar conta disso — sussurrei baixinho contra os seus lábios.

— Não vamos pensar no que poderia ter sido ou no que poderíamos ter evitado. Tudo aconteceu no tempo certo, Mariana, inclusive o nosso amor. — A certeza com que ele falou fez algo dentro de mim derreter. Guilherme tinha um coração de ouro e meu maior arrependimento era não ter notado que Sofia e eu éramos tudo o que ele precisava. — O que importa é o que vai ser da gente agora. O nosso futuro.

— O nosso futuro — eu murmurei de volta, colando minha testa na dele e abrindo um sorriso enorme, sabendo que o meu futuro era ele. *Simples assim.*

MARCOS

Analisei os documentos que o Sr. Soares colocou em minha mesa, não sabendo direito o que pensar. Entre os papéis estavam todas as provas que eu precisava contra o Henrique e também... uma prova de que tinham sido transferidos cem mil reais para uma conta cujo titular tinha o sobrenome Vidal.

O mesmo do da Rachel, e, porra, isso não podia ser apenas uma coincidência. Não tinha como.

— Eu preciso dos registros da Rachel. — Eu o avisei, sentindo-me irritado por não conseguir lembrar de cabeça o nome do pai dela. — Agora.

— Mas o senhor já os analisou...

— Pois eu quero analisar novamente — disse sem a menor paciência. Eu precisava ter certeza por que o nome Rogério Vidal não me era indiferente. Talvez em algum momento desses últimos dois anos Rachel tenha tocado no nome do seu pai, e eu, desinteressado, não prestei a devida atenção.

Não era como se nós dois trocássemos confidências após transarmos, pensei. E a verdade era que se me perguntassem, eu saberia dizer até mesmo os detalhes mais insignificantes do seu corpo. Como o número de sardas que ela tinha entre os seios, ou a pintinha sexy perto da boca e a outra próxima ao seu umbigo... Eu sabia o tamanho de sutiã e calcinha ela usava, sua cor preferida de lingerie, que na verdade era a minha cor preferida, e ela passou a usar porque eu gostava...

Mas se me perguntassem qualquer outra coisa, como por exemplo, onde vivia a sua família, quais eram os seus *hobbies*, gostos musicais e o que ela fazia quando não estava na cama comigo ou trabalhando para mim, eu juro que não saberia o que responder.

— Cem mil reais... — repeti a quantia em voz baixa, ciente de que isso era uma mixaria perto dos milhões que o Henrique havia me roubado.

Quando voltou com a papelada, eu imediatamente pedi para que o Sr. Soares me deixasse sozinho. Eu precisava pensar, colocar a cabeça no lugar e descobrir como fazer o desgraçado do Henrique pagar por tudo o que me fez.

Decidido a acabar logo com a dúvida que me atormentava, eu li o arquivo de admissão da Rachel, enquanto me levantava da poltrona.

— Onde está... — murmurei, procurando pelos dados da sua identidade. — Achei!

Rogério Vidal... Porra, o dinheiro tinha sido mesmo depositado na conta do pai dela.

Engoli minha raiva ao confirmar o fato, ficando completamente confuso por não conseguir entender o papel da Rachel nessa história toda.

Capítulo 41

MARIANA

Desci da caminhonete com a ajuda do Guilherme, por conta do meu joelho que ainda doía um pouco. No calor do momento, nenhum de nós dois chegou a pensar ou lembrar que eu o havia machucado no acidente, e agora, depois de toda a intensidade e empolgação do meu caubói na cama, meu corpo, de alguma maneira, estava começando a cobrar o preço pela nossa imprudência.

Nós tínhamos passado praticamente o dia inteiro dentro daquele apartamento, saindo apenas parar vir buscar a Sofia, que iria sair da pré-escola dentro de alguns minutos.

Por sorte, não havia jornalistas em frente ao prédio do Guilherme, mas de acordo com Marcos, e a breve conversa que tive com ele essa manhã, ainda haviam muitos acampados do lado de fora da mansão e da Montenegro.

Esse era um dos lados ruins de carregar o nosso sobrenome. E eu sempre odiei não ter privacidade, porque, querendo ou não, minha vida sempre acabava sendo dissecada para quem quisesse saber.

E Guilherme, sempre atento a todas as minhas reações, assim que viu a expressão que fiz ao ler a reportagem daquele jornalzinho, logo me proibiu de ver qualquer outra matéria sobre a minha vida na internet. Tudo o que eu fiquei sabendo, além do óbvio, era que essa manhã o porta-voz da empresa tinha soltado um comunicado sobre o meu acidente, lamentando a morte do casal do outro carro e assegurando a todos que eu me encontrava bem.

Quanto ao pedido do Gui para que eu me mantivesse afastada da internet, não foi tão difícil assim. Até porque depois de ler as primeiras linhas ofensivas que saiu naquele jornal on-line, eu percebi que não estava com cabeça para nada daquilo. Já me bastava o fato de que, mais cedo ou mais tarde, Marcos e eu teríamos que sentar e conversar.

Respirando fundo, deixei que meu caubói me guiasse até a portaria da escola da Sofia, ele sabia que eu ainda estava agitada com tudo o que tinha acontecido no dia anterior e estava sendo ainda mais cuidadoso comigo.

— E quanto ao seu irmão, morena? — ele me perguntou enquanto esperávamos a turma da Sofia ser liberada.

— Ele disse que precisamos conversar e não se preocupe, porque eu vou escutá-lo como você sugeriu, Gui, mas não hoje. Me deixe ter, pelo menos, mais algumas horas longe de toda essa

confusão — sussurrei, sentindo a leve carícia que seus dedos faziam em meu braço.

Olhei ao nosso redor, notando os outros pais e babás, algumas delas não conseguindo disfarçar a maneira libidinosa como olhavam para o meu caubói. Encarei cada uma com um aviso explícito de que ele tinha dona, e continuamos a cochichar baixinho um com o outro.

Os braços dele me envolviam completamente, me dando a única sensação que eu desejava nesse momento: segurança. E quando o sinal finalmente bateu, várias crianças com a mesma idade da Sofia saíram correndo das salas e se misturaram pelo longo corredor, passando apressadas em direção aos seus pais. Demorei a ver meu pinguinho de gente e quando a encontrei, percebi que ela estava entretida em uma conversa efusiva com sua professora.

Seus olhinhos verdes se arregalaram quando nos viu, e a emoção a fez congelar bem meio do corredor, como uma estatuazinha engraçada.

— Senhorita Montenegro. — A professora dela me cumprimentou ao passar.

E enquanto eu esperava por alguma reação da minha filha, eu pensava que a última coisa que queria era deixá-la confusa com o que estava acontecendo entre mim e Guilherme, mas para o meu total alívio, Sofia abriu um sorriso lindo e correu em nossa direção, agarrando a minha perna e a do Gui ao mesmo tempo.

— Vocês estão aqui! — ela disse emocionada, e só quando Guilherme a pegou no colo, que eu pude ver as lágrimas no rostinho vermelho da minha filha.

— Meu amor, não precisa chorar — falei, afastando a franja da sua testa.

— A gente já pode voltar para a *nossa casinha*, mamãe? — ela perguntou com os lábios tremendo. — O meu *cabói* deixa?

Guilherme nos olhou, deixando a nós duas apreensivas por uma resposta, e me pegou completamente de surpresa quando murmurou dizendo que tudo o que ele mais queria era nos ter em casa novamente. Sofia e eu sorrimos aliviadas, enquanto ele, o nosso caubói, enxugava cada uma de nossas lágrimas.

Por fim, Gui me puxou para o cantinho do seu braço, que não estava sendo ocupado pela minha filha, e sussurrou para que apenas eu escutasse o quanto ele me amava.

Meio abobalhada por sua declaração, eu o segui quietinha enquanto ele carregava minha filha nos braços. E no caminho de volta para o apartamento, sem conseguir disfarçar o sorriso do meu rosto, eu adorei sentir o polegar do Gui acariciando suavemente a minha pele, como se ele não conseguisse ficar sem me tocar.

Quando finalmente chegamos *a nossa casinha*, eu estatelei assim que pisei dentro da sala, olhando tudo com uma enorme gratidão e carinho.

— O que foi, mamãe? — Sofia perguntou com o nariz enrugadinho, preocupada por me ver parada no meio do cômodo com um olhar sonhador no rosto.

— Nada, meu amor, eu só estou... feliz.

Toda meiga, ela voltou a me abraçar e sussurrou baixinho:

— Eu também *tô* feliz, mamãe.

Algumas horas depois Guilherme e eu estávamos na cama conversando sobre os problemas que ele acabou tendo com a Ellen nesse meio tempo em que ficamos separados, garantindo a mim que nada tinha acontecido entre os dois. E mesmo que me doesse admitir, eu sabia que se tivesse acontecido, eu nada poderia dizer.

Com um sorriso delicioso no rosto, ele se inclinou sobre mim, decidido a me fazer esquecer o assunto com um daqueles beijos... Só que antes que tivesse a chance de tomar a minha boca, nós escutamos uma batida baixinha na porta.

Ele se levantou rapidamente e passou a mão pelo cabelo em um gesto agitado, indo abrir a porta para o meu anjinho, que nos surpreendeu ao aparecer com seu cobertor e travesseiro debaixo dos braços.

— Está de mudança, pacotinho? — Gui brincou com ela.

— Eu vim... *mimi* com vocês — Sofia sussurrou e o encarou dengosa, sabendo que ele não negaria nada a ela.

Sofia gritou estridente quando ele a pegou nos braços, com travesseiro e tudo, e a jogou na cama delicadamente. A enchendo de beijos e cócegas enquanto ela se contorcia toda.

— Mamãe, faz ele parar! — ela pediu sem conseguir escapar. — Por favor, mamãe!

— Se sua mãe interferir, eu também vou fazer cosquinhas nela — ele ameaçou e eu o olhei aterrorizada, porque desde criança eu tinha pavor dos seus ataques de cócegas.

— Pode fazer, *cabói*, minha mamãe gosta... — disse ofegante, tentando se safar dele.

— Nem pense — murmurei, já pronta para me levantar, mas Guilherme me segurou pelo tornozelo e veio para cima de mim, me mantendo presa a cama enquanto repetia a mesma tortura comigo.

Depois de muito rir e pedir para ele parar, a ponto da minha barriga doer, eu me deitei exausta e cheia de calor. Porque as cócegas que Guilherme fez em mim não tinham sido assim tão inocentes quanto as que fez na minha filha. E sentindo-me completamente cansada, eu me virei para olhar para ele, que estava deitado ao meu lado sem camisa, e para a Sofia, que tinha a cabecinha em seu tórax e os olhinhos fechados enquanto enrolava em seu dedo uma mecha fina do meu cabelo. Sendo o elo que nos unia.

MARCOS

Desde essa manhã quando o Sr. Soares saiu da minha sala, deixando para trás toda a papelada contendo as provas contra o Henrique e aquele maldito documento que comprovava a ligação da Rachel, eu não conseguia me concentrar em nada.

Não quando minha mente estava cheia de problemas que exigiam urgentemente uma solução. Mariana era um deles, nós dois precisávamos conversar sobre a sua mãe, mesmo sabendo o quanto isso iria machucá-la. Mas nesse momento, eu já me contentava por saber que ela e Sofia se encontravam em segurança no apartamento do Guilherme.

Assim, pelo menos, eu podia manter a cabeça fria para enfrentar a maior das minhas dores de cabeça: o Henrique.

E mesmo depois de passar três horas trancado em meu escritório discutindo com meus advogados o que fazer em relação ao desgraçado, aqui estava eu, em frente à sua porta.

Aconselhado pela minha equipe a ficar de fora desse assunto e deixá-los resolver tudo daqui para frente, eu não deveria estar sequer nesse prédio, mas movido pelo orgulho eu não deixaria escapar a oportunidade de esfregar esses papéis na cara do Henrique.

Ele saberia que estava fodido, e saberia através de mim. Só assim eu conseguiria ter um pouco de paz.

Toquei a campainha e verifiquei os dois lados do corredor escuro, atento ao que Ric havia me dito mais cedo, que o prédio, apesar de luxuoso, tinha monitoração apenas na portaria e garagem.

Passei por ele quando o mesmo abriu a porta, ficando assustado com a organização que encontrei no lugar. Meu chefe de segurança tinha luvas de plástico nas mãos e parecia estar limpando todos os seus rastros do apartamento.

— Onde ele está? — perguntei, me desfazendo do meu paletó e afrouxando minha gravata, cansado da tensão do dia.

Ricardo contou rapidamente sobre a tentativa inútil do Henrique de provocá-lo e eu o alertei de que a qualquer momento um mandado de busca e apreensão seria expedido pelo juiz em nome do desgraçado, o deixando visivelmente aliviado.

Henrique, por sua vez, escolheu esse momento para aparecer na sala com o mesmo sorriso irônico de sempre. O filho da puta não aprendia nunca.

— Eu imaginei que você viria. — Cerrando os dentes por conta da sua petulância, eu apertei com mais força os papéis que segurava em minhas mãos e o encarei. — E deixe-me imaginar, veio trazer notícias da Mariana? — Ele riu.

— Pode rir, Henrique — falei entredentes. — Porque essa vai ser a última vez que você vai fazer isso se depender de mim. — Minha voz soou mais calma do que eu verdadeiramente estava.

Ric, após se livrar das luvas e guardar a arma, se posicionou em frente à porta, atento a cada um dos gestos do Henrique enquanto o mesmo revirava os olhos de maneira jocosa. *Ah, mas eu iria acabar com esse seu enfado agora mesmo.*

— O seu primeiro erro foi achar que sua esperteza nunca o faria ser pego — falei. — O segundo

erro foi mexer com a minha família.

— Isso tudo é pela Mariana? — ele questionou surpreso. — Me admira muito que um homem que ignorou a irmã por quase cinco anos, de repente, queira agir como se importasse.

— Você não sabe absolutamente nada sobre a maneira como eu decidi lidar com as minhas irmãs, Henrique, então não ouse distorcer minhas atitudes com essas suas ideias fodidas.

— Eu só estou sendo sincero, meu caro. Comportamento esse que a sua família desconhece...

— Chega, porra! Eu não estou aqui para falar sobre a minha família — falei duramente e com um só movimento empurrei os papéis sobre ele. — Agora, por que não se senta e dá uma boa olhada nesses documentos que meu contador conseguiu recuperar. Tenho certeza de que esse sim é um assunto do seu total interesse.

Fazendo exatamente o que eu sugeri, Henrique se sentou e franziu o cenho ao se dar conta do que se tratavam os papéis.

— Eu não usaria isso se fosse você — ele falou controlado e me encarou duramente.

— Tarde demais. — Conferi a hora em meu relógio. — A essa hora, meus advogados já devem ter apresentado todas essas provas ao delegado. — E era verdade, como representantes da Montenegro, eles iriam não somente entregar toda essa papelada que incriminava o Henrique, como também prestar uma queixa oficial contra ele.

— Então os impeça — ele disse ao se levantar, e já sem a menor paciência, eu me aproximei do desgraçado com apenas alguns passos, em uma última tentativa de fazê-lo entender que não havia mais saída.

— Preste bastante atenção, seu miserável. — Eu o segurei pela camisa, furioso. — O único motivo pelo qual eu me dei ao trabalho de vir até aqui essa noite é porque eu quero saber qual é a sua ligação com o pai da Rachel. Que porra de dinheiro é esse que você depositou na conta dele?

— Essa é uma pergunta que você deveria fazer a Rachel, não a mim. — Contrariado, eu o sacudi violentamente, fazendo Ric reagir e se posicionar ao meu lado, como se para me lembrar de que eu não poderia bater no filho da puta dessa vez. — Mas, é claro, como eu sou idiota, você ainda não a encontrou, não é? — indagou cheio de sarcasmo. — Coitada, ela estava tão assustada pelas ameaças feitas por você que quando eu, com toda a minha generosidade, ofereci dinheiro para que pudesse desaparecer, ela não pensou duas vezes...

— De que merda você está falando? — esbravejei.

— Estou falando que sua mulherzinha foi tão leal a você que se vendeu pela ninharia de cem mil reais. E pensar, que no fim quem acabou financiando a fuga dela foi a própria Montenegro...

— Filho da puta! — Eu o pressionei contra a parede, causando um baque absurdo. — Você pensou em tudo, não foi? Armou para que Rachel fugisse para que eu pensasse que fosse ela...

— Sua amantezinha não é tão inocente assim! Se fosse, teria contado toda a verdade a você, ao invés de ter aceitado meu dinheiro e fugido. — O canalha estava certo, merda. A obrigação da Rachel era ter me procurado. — Rachel nem ao menos se importou com o que você pensava a

respeito dela, ela te trocou por dinheiro...

Perdendo a cabeça e não querendo escutar mais nada que saía da boca do filho da puta, eu senti toda a raiva me consumir a ponto de querer socar a merda fora dele.

— Eu vou quebrar a sua cara, seu... — rosnei, já prestes a socá-lo com força, mas Ricardo interviu e pediu que eu me acalmasse, não me deixando sujar as mãos desnecessariamente. E o pior é que o fodido ainda ria. — Foda-se, seu maldito! — disse após me desvencilhar do meu chefe de segurança. — O jogo acabou para você, aceite isso!

— Acho que ainda não, Marcos — falou, todo seguro de si. — Porque se você me foder, eu juro que arrasto a sua mulher comigo! — ele ameaçou, me fazendo encará-lo, irritado. A vontade que eu tinha não era nem mais de quebrar a cara dele, o ódio era tanto que eu queria mesmo era jogá-lo na primeira vala que encontrasse. — Você sabe que qualquer juiz vai achar a atitude da Rachel suspeita, assim que ficar claro que ela fugiu após receber meu dinheiro, não sabe?

Porra, eu sabia!

E a verdade era que Rachel havia mesmo escolhido o dinheiro a mim, e por mais assustada que pudesse estar pelas minhas ameaças, nada justificava a sua atitude gananciosa.

E o pior era ter que engolir o fato de que se ela tivesse sido sincera e contado sobre os cem mil, eu teria desconfiado das atitudes do Henrique muito antes, podendo usar essa informação até mesmo como prova, evitando muito sofrimento a minha família.

Isadora não teria passado por toda aquela humilhação e Mariana não teria descoberto a verdade da maneira como descobriu.

— Para temer a sua ameaça, eu deveria ao menos me importar com a Rachel, não acha, Henrique? — falei friamente, ciente de que, lá no fundo, o meu lado mais passional, aquele que eu não conseguia controlar, se importava muito com aquela mulher.

Surpreso com a minha aparente indiferença, Henrique se recompôs e se afastou furioso, finalmente entendendo que o cerco estava se fechando.

Não tendo mais nada a falar com o imbecil, eu dei algumas ordens ao Ricardo e saí daquele maldito apartamento. Satisfeito porque, muito em breve, Henrique estaria no lugar no qual ele merecia estar: atrás das grades.

GUILHERME

Na manhã seguinte depois de acordar, eu levei meu próprio tempo para me levantar, não querendo me afastar das minhas duas garotas que estavam agarradas uma a outra ao meu lado na cama.

Eu as observei completamente apaixonado, meu pacotinho ainda tinha os dedos em volta do meu

braço, acho que com medo de que eu pudesse me afastar dela durante a noite.

Tentei sair da cama após alguns minutos, sem acordá-las, mas Sofia arregalou os olhinhos no instante em que me movi e abriu um sorriso sapeca assim que se deu conta de que eu ainda estava ao seu lado.

Sabendo que ela dificilmente voltaria a dormir, e preocupado com Mariana que precisava se recuperar da exaustão das últimas semanas, eu a peguei no colo e levei comigo em direção à cozinha.

— Você tá com fome, *cabói*? — ela perguntou, esfregando os olhos e bocejando logo em seguida.

— Eu estou faminto — respondi e a coloquei sentada na bancada da cozinha para poder começar a preparar nosso café.

— Acho que também *tô* faminta... — Eu a escutei dizer enquanto colocava seu leite para esquentar e separava alguns biscoitos que tinha na despensa.

— Tem bolinho, não?

— Hoje não, Sofia, sem bolinho — falei, só me dando conta das suas preferências agora. Mas a verdade era que eu precisava urgentemente fazer uma compra para reabastecer a despensa.

— Na casa do meu titio tem um monte de bolo, laranja, *bacaxi*, cenoura. E um monte de suco e comida gostosa... E meu titio me deixa comer tudo.

— É mesmo? — perguntei, achando graça enquanto ela enfiava um biscoito na boca e balançava a cabeça.

— Mas... eu *pefiro* morar aqui... mesmo quando não tem bolinho, Gui — tentou dizer com a boca cheia, e eu não tive como não sorrir.

Sofia continuou a comer enquanto eu preparava um café forte para mim, e quando me sentei à sua frente, tirando alguns biscoitos do seu prato, ela deu um longo suspiro e perguntou.

— E se o meu titio ficar *tiste* porque eu *tô* voltando para a minha casinha?

— Seu tio é um homem adulto, Sofia, além disso ele não está sozinho naquela casa.

— Ele tem um monte de *pegadas*, né? — Franzi o cenho confuso. Será que ela estava se referindo as empregadas?

— Você quer dizer empregadas? — Ela assentiu e continuou a tagarelar sobre o titio dela, me deixando perplexo por perceber que, assim como eu, Marcos havia se dobrado por uma garotinha de quatro anos.

Quem diria.

MARIANA

Depois de tomar meu café da manhã e deixar Sofia na escola, eu aproveitei que Guilherme teria que ir até o haras e liguei para o meu irmão, decidida a não adiar o sofrimento e encarar de uma vez por todas a verdade.

Marcos pareceu preocupado ao telefone e pediu que eu me encontrasse com ele na mansão. E como eu estava sem carro, acabou enviando um dos seus motoristas para me buscar.

A viagem até os intimidantes portões de bronze foi curta e sem me dar conta, eu me vi pensando na minha vida. Em praticamente tudo o que havia acontecido nos últimos meses.

Ainda era difícil acreditar que eu tinha abandonado tudo em Portugal para poder voltar ao país e lutar pelo Henrique. E o que eu pensei ser amor, se tratava apenas de uma... Ilusão.

Eu era só uma adolescente quando me vi encantada por aquele homem, fui seduzida pela aura de poder e masculinidade que o envolvia, o que acabou me deixando cega para o verdadeiro amor.

Guilherme dizia não ter arrependimento sobre aquele tempo, para ele *a gente* tinha acontecido no momento certo. E a verdade era que eu sabia que ele tinha razão. Eu não estava preparada para viver o nosso amor antes.

— Senhorita. — Me assustei ao ver que tínhamos chegado. O motorista olhou para mim através do retrovisor, buscando aprovação, e acelerou o carro por entre os jornalistas quando os portões se abriram.

Poucos minutos depois, eu fui recebida pela Vera, que parecia sinceramente preocupada com o meu estado e começou a me encher de perguntas a respeito do acidente.

Eu a segui até o escritório enquanto ela reagia horrorizada ao que eu contava. E por fim, eu me encontrei cara a cara com o Marcos, tentando sem muito sucesso esconder meu nervosismo.

Eu sabia que não tinha porque me sentir pior ou inferior do que eles, mas não conseguia afastar de dentro de mim a sensação de que eu não pertencia a esse lugar. De que eles tinham toda a razão em me odiar.

— Sente-se, Mariana — meu irmão disse ao me ver parada no meio da porta. — Acho que temos muito o que falar um ao outro, mas antes eu gostaria de saber como você está? — Sua pergunta me fez desviar o olhar da bagunça que Sofia havia deixado em seu escritório.

Seu olhar me estudou atentamente, desde o pequeno hematoma na testa até os arranhões que tinha em meu braço.

— Eu... acho que estou bem.

— Tem certeza? Talvez seja bom chamar o médico da família, ele pode te examinar rapidamente...

— Meu problema não é físico, Marcos, o acidente me deixou abalada, mas não machucada — eu o interrompi com a voz elevada. — Além disso, será que poderíamos pular essa parte em que você finge que se preocupa comigo e ir para aquela em que você me explica por que todos vocês

esconderam algo tão sério de mim por tantos anos? — Voltando a parecer o irmão que eu conhecia, ele me encarou ameaçadoramente e cruzou as mãos sobre a mesa.

— Esse não era um segredo meu para contar, eu apenas respeitei a decisão do nosso pai.

— Respeitou? Você tem alguma ideia do quanto essa *decisão* me fez sofrer, Marcos? Será que algum de vocês chegou a pensar nisso por, pelo menos, um minuto? Lorena me odiava, assim como você e Isadora!

— Não diga bobagens, Mariana, eu cuidei de você da mesma maneira que cuidei da Isadora. A diferença é que você sempre foi arisca como um cavalo selvagem.

— O que você quer dizer é que eu não era como a Isadora...

— Não, o que estou tentando colocar na sua cabeça é que eu agi com você da maneira que julguei ser necessária. Você era uma garotinha impulsiva que sempre desprezou o seu legado. Nunca deu valor ao maior bem que nosso pai te deixou, isso depois de todo o sacrifício que ele teve para te colocar aqui dentro, para te deixar fazer parte disso.

— Sacrifício? — perguntei, não entendendo onde ele estava querendo chegar.

— O que você acha? A partir do momento em que ele trouxe você para essa casa, o casamento dele acabou. Minha mãe nunca conseguiu perdôá-lo.

— Mas eu nunca pedi por nada disso! Se vocês só tivessem sido sinceros comigo...

— Isso não teria feito diferença. O homem nunca teria conseguido deixar você ser criada por outra família.

— Outra família? Minha mãe não quis ficar comigo?

— Mariana...

— Onde ela está agora, Marcos? — Ele se levantou, não parecendo disposto a me contar e eu fiz o mesmo. — É da minha vida que estamos falando, eu tenho todo o direito de saber onde está a minha mãe!

— Esse é o problema, Mariana, sua mãe não está mais aqui... Ela faleceu pouco tempo depois do seu nascimento. — Escutar isso foi como levar um soco bem na boca do estômago. Ou seria no coração?

— Você está mentindo! — eu gritei para ele. — Você não quer que eu conheça a minha mãe, é isso! — A mão do Marcos envolveu meu braço, me obrigando a ficar quieta.

— Eu nunca mentiria sobre um assunto como este.

— Eu não acredito!

— Quer se acalmar e me escutar? — ele rugiu impaciente.

— Só se você jurar que vai me contar a verdade. Promete para mim que não vai mentir, Marcos — pedi desolada, não entendendo por que doía tanto. — Eu já o perdoei por tudo, não me faça te

odiar novamente, por favor.

— Se você se acalmar, eu posso te contar toda a história, Mariana, desde que você me garanta que vai ficar bem. A última coisa que eu quero agora é te deixar mais nervosa.

— Eu já falei que estou bem.

Meu irmão me contou cada detalhe de um passado que eu desconhecia, de como meu pai se encantou pela nova arrumadeira da casa, em como ela era jovem e em como os dois logo se envolveram. Contou também que meu pai a venerava tanto a ponto de se recusar despedi-la quando Lorena descobriu tudo. Que minha mãe só saiu da mansão quando ficou grávida de mim e que meu pai a afastou para evitar fofalórios entre os funcionários.

Mesmo assim, Lorena ficou sabendo e o acusou de estar perdendo o juízo, o mandando se decidir entre uma delas. Só que, segundo Marcos, meu pai não chegou a ter tempo de fazer a sua escolha, porque minha mãe teve complicações sérias durante o meu parto e faleceu dias depois de dar à luz.

— Meu pai a amava, Marcos?

— Isso é algo que eu não posso afirmar, Mariana. Com o passar dos anos, eu acabei por escutar muitas das brigas entre ele e a minha mãe, e me lembro perfeitamente que ele adorava dizer que só não tinha abandonado a gente porque a Verônica faleceu. Ele estava disposto a se afastar de tudo, da Montenegro, de mim e da Isadora, tudo para poder ficar com ela. Minha mãe o chamava de louco, dizia que ele estava enfeitiçado e, se você quer saber, eu pensava o mesmo. Não entrava na minha cabeça por que um homem como ele, experiente e inteligente, tinha se deixado envolver dessa maneira por uma mulher com a metade da idade dele.

— Era por isso que ela me odiava — sussurrei mais para mim do que para ele. — Eu passei anos querendo entender por que era rejeitada, por que Lorena não gostava de mim como gostava da Isadora. Meu pai deveria ter me protegido disso...

— E ele te protegeu, nosso pai te deu o sobrenome dele, Mariana. Quer mais proteção que isso?

— O sobrenome dele não me impediu de sofrer — eu murmurei baixinho.

Em silêncio, Marcos abriu a primeira gaveta da sua mesa, da qual ele tanto se orgulhava por estar na família há décadas, e me entregou uma pequena caixinha de madeira com as iniciais *A* e *V* gravadas na tampa.

— Isso estava no cofre do nosso pai.

— Era... dela?

— Acho que foi um dos últimos presentes que ele deu a sua mãe. — Engoli em seco, deixando a emoção tomar conta de mim.

E o que mais me afligia era essa estranha sensação, eu me sentia como se tivesse acabado de perdê-la. Como isso era possível? Sentir a perda de alguém que eu nem sequer cheguei a conhecer?

Passei o dedo pela caixinha, distraída e sem me dar conta de que meu irmão havia voltado a se

levantar.

— Eu vou deixar você sozinha por alguns minutos. — Eu quase não o escutei, pois estava momentaneamente surpresa com seu gesto. Meu irmão segurou meus ombros carinhosamente e se afastou, me deixando ali, com tudo o que restava da minha mãe.

Lentamente eu abri a caixinha, sentindo-me como se estivesse abrindo a caixa que continha todos os segredos do universo. Meus dedos tremiam quando peguei a foto do homem sorridente, que eu sabia ser meu pai.

Eram tão raras as vezes em que o vi sorrir assim. A foto era antiga, muito antiga, e tinha aqueles tons de sépia comuns naquela época, ainda assim eu pude ver com perfeição todos os traços da minha mãe. Ela não deveria ter mais do que seus vinte anos, pensei.

Nervosa, deixei a foto de lado por alguns instantes e peguei o pequeno pedaço de papel que parecia ter sido amassado na hora da raiva, e depois recuperado.

"Eu sinto muito que não posso ser o homem que você deseja ter ao seu lado, minha doce Verônica. A vontade que eu tenho a cada manhã em que acordo e não a encontro em meus braços, é de abandonar tudo e fugir para o nosso ninho."

Limpei a lágrima que caiu sobre o papel, não querendo danificar algo tão precioso. Será que Marcos chegou a ler isso? Havia muitas cartas, que eu sabia que acabaria lendo, além de uma pequena rosa murcha e um par de sapatinhos de bebê, delicados e pequenos.

"Eu prometo, minha doce Verônica, nunca vou deixar que nada aconteça a você e a nossa filha. Tenha fé em mim e em nosso amor."

Ah, meu Deus, chorei como se sentindo o desespero do meu pai ao descobrir que a mulher que ele amava havia morrido. Eles se amavam, meu pai amava a minha mãe, e esse era um dos poucos confortos que eu poderia ter nesse momento. Voltei a segurar a foto e apertei contra o meu peito, desejando que eu pudesse ter qualquer um dos dois ao meu lado agora. Qualquer um deles.

Emocionada, eu encarei tudo aquilo, a prova do amor deles com o coração pequeninho e ao guardar a foto em seu lugar, sem querer acabei derrubando o que parecia ser um pequeno relicário de prata. Eu o abri, não sabendo o que esperar e encontrei outra foto dos dois juntos.

Pensei em todas as joias caríssimas que Isadora e eu herdamos, que em sua maioria eram presentes dados pelo meu pai a Lorena, e fiquei feliz com a ideia de que minha mãe pudesse ser completamente o oposto dela.

Não pensei muito e coloquei a fina corrente em meu pescoço, com um orgulho imensurável da minha origem. Feliz por saber que era fruto de uma relação de duas pessoas que se queriam de verdade.

Escutei a porta se abrir atrás de mim e senti a forte presença do meu irmão preenchendo a sala.

— Mariana? — Ele se apoiou contra a mesa e me viu segurar o relicário entre os dedos.

— Eles se amavam, Marcos — sussurrei entre lágrimas, e meu irmão pareceu sentir o quanto meu corpo tremia porque imediatamente me abraçou. — Os meus pais se amavam.

Capítulo 42

MARCOS

Esperei que minha irmã se acalmasse em meus braços, enquanto tentava assimilar suas palavras. Desde a morte dos meus pais e toda aquela confusão que se tornou nos dias seguintes, leitura de testamento, a consciência de que eu teria que assumir o seu lugar e a abertura dos cofres, eu tinha essa caixa comigo.

Mas nunca, em nenhum momento, eu cogitei a ideia de ler qualquer coisa que estivesse escrito em todas aquelas cartas e recados trocados. Porque, para mim, a coisa sempre foi bem preto no branco, meu pai podia até ter feito questão de deixar claro que teria abandonado sua família por aquela mulher, mas eu, com todo o meu senso prático, sempre imaginei que se ele e a mãe da minha irmã realmente tivessem tido a oportunidade de ficarem juntos, ele, mais cedo ou mais tarde, acabaria por abandoná-la.

Não era assim que essas paixões avassaladoras terminavam?

E em pouco tempo a simplicidade dela passaria a envergonhá-lo. A relação interferiria nos negócios. Os amigos mais íntimos a rejeitariam. E como o orgulhoso Montenegro que era, meu pai acabaria por se arrepender mesmo a amando, como Mariana acabou de descobrir nas cartas. Poderia até ser frieza da minha parte pensar assim, mas amor nenhum seria capaz de resistir às diferenças sociais existente entre os dois. Ambos vinham de mundos completamente distintos, separados por uma quantia exorbitante de dinheiro.

E refletir sobre isso me levou à conclusão de que Mariana corria os mesmos riscos que nosso pai. Com todo esse fogo, ela era movida por paixões intensas e eu sabia que era exatamente por isso que sofria tanto. Não que meu pai houvesse sido impetuoso e selvagem como a minha irmã, ele sempre foi bastante rigoroso e astuto nos negócios e em sua vida pessoal, pelo menos havia sido até que Verônica apareceu em sua vida.

Um pouco mais calma, eu deixei que Mariana se afastasse, e autorizei a entrada da Vera que tinha surgido quase que no mesmo instante trazendo com ela os dois cafés que havia pedido mais cedo.

Depois que minha governanta se retirou, Mariana e eu nos sentamos enquanto eu esperava que ela se acomodasse para poder tocar no outro assunto delicado que tínhamos para conversar, mesmo sabendo que esse poderia não ser o melhor momento. Mas Henrique era um capítulo que eu não via a hora de exterminar de nossas vidas, e quanto mais rápido discutíssemos sobre os planos que eu tinha

para ele, melhor.

Tanto que essa manhã, Isadora havia sido avisada sobre o mandado de busca e apreensão que seria expedido em breve no nome do seu ex-noivo. A princípio, minha irmã pareceu perplexa pela suspeita da Mariana ser justificada e, como se percebesse a tensão em que eu estava, me garantiu que anteciparia o fim da sua viagem. Que dentro de um, no máximo dois dias, ela estaria chegando ao Brasil.

— Está se sentindo melhor? — perguntei a Mariana.

— Eu vou ficar — respondeu com o olhar carregado de emoção.

— Que bom, porque nós temos outro assunto do qual precisamos conversar, Mariana. Sei que esse é o pior momento para falarmos sobre o Henrique, mas já conversei com a Isadora e acho justo que você saiba tudo o que está prestes a acontecer. — Minha irmã franziu o cenho confusa e eu continuei: — O Sr. Soares encontrou as provas necessárias para que meus advogados pudessem fazer uma acusação formal contra o Henrique. — Todo o seu corpo se retesou visivelmente.

— Você... está falando sério?

— Sim. Meus advogados já estão a par de tudo, as provas já foram apresentadas ao delegado e eles deram até 48 horas para que o juiz possa expedir um mandado... — Vendo que ela balançava a cabeça incrédula, eu me preocupei.

— O que foi, Mariana?

— Então a Rachel estava certa, não é? — disse agitada. — Eu só estou pensando que se não fosse por ela... nós nunca teríamos desconfiado dele, Marcos.

— Eu sei — respondi, sentindo uma pontada amarga de arrependimento ao lembrar do rosto assustado da minha ratinha quando eu a acusei de roubo. — Henrique era um dos meus braços direitos dentro da Montenegro, e como presidente, eu deveria ter sido o primeiro a perceber a falta de caráter dele, mas tenho que admitir, o homem foi esperto e planejou cada passo.

— E pensar que aquele crápula é o pai da minha filha — ela disse consternada. — Eu queria nunca ter que dizer a verdade a Sofia, Marcos, Henrique não merece que ela sinta um pinga sequer de compaixão por ele.

— Quanto a isso, bem, eu tomei a iniciativa e discuti esse assunto com meus advogados. Talvez eu possa ter me precipitado ao fazer isso sem te consultar, mas se depender de mim, Henrique não terá poder nenhum sobre a minha sobrinha. Isso, claro, se você concordar.

— Do que você está falando?

— Ele vai ser processado por roubo e fraude, Mariana, isso é fato, e minha equipe já previu que o advogado dele provavelmente tentará algum acordo por fora para diminuir as acusações, e eu estou disposto a fazer isso se ele abrir mão de todo e qualquer direito sobre a Sofia.

— Você... faria isso pela minha filha?

— Faria, não só pela sua filha, mas por você também. Eu estou cansado das desavenças entre a

gente, Mariana, e depois do seu acidente e da maneira desesperadora em que você esteve nessas últimas semanas, eu percebi que não posso mais interferir na sua vida. Você é uma mulher adulta, uma mãe dedicada... Tudo o que eu quero é que você e minha sobrinha estejam felizes e seguras.

— Marcos... — ela murmurou, meio sem palavras.

— E se para conseguir isso eu tenho que aceitar aquele fazendeiro em minha família, eu não me importo. — Mariana respirou fundo, acho que não acreditando no que eu dizia.

— Eu amo aquele fazendeiro, Marcos, você não tem ideia do quanto.

Ah, eu tinha, a julgar pela maneira como ela ficou devastada sem ele, eu tinha sim.

Pensar nisso me fez questionar se minha ratinha também estaria sofrendo por estar longe de mim. Será que ela chegou a soltar uma lágrima que fosse por minha causa? Ou será que me esqueceu no momento em que decidiu fugir?

MARIANA

Marcos e eu acabamos almoçando juntos na mansão, enquanto internamente eu tentava lidar com todas as emoções intensas que me invadiam sem aviso prévio. Eu estava aliviada por saber que Henrique finalmente seria preso e não voltaria a interferir na minha vida e nem na da minha filha, e triste por saber que nunca chegaria a conhecer minha verdadeira mãe.

Além de tudo isso, ainda tinha uma coisinha que me encasquetava por mais que eu lutasse contra: o retorno da Isadora. Os dois haviam conversado essa manhã e, segundo ele, minha irmã logo estaria de volta ao país. O que me fez pensar que, se antes, ela não conseguia controlar suas insinuações maldosas, agora, que eu já sabia da verdade, ela não teria mais porque se segurar e despejaria todo o seu rancor sobre mim.

Mas, por uma razão estranha, e, pela primeira vez em toda a minha vida, eu consegui entender o porquê do seu comportamento sempre tão distante e frio. Não que fosse justificável, mas eu entendia.

— Mariana, antes de você ir, eu queria te perguntar outra vez... — Marcos me parou quando eu já estava prestes a me despedir. — Tem certeza de que você me contou tudo o que sabe a respeito da Rachel?

Eu o encarei subitamente preocupada, odiando todo o esforço que ele fazia para enganar a si mesmo. Talvez fosse até sem perceber, mas, enfim, estava claro que o homem sentia algo pela minha amiga. E eu podia até não saber a extensão ou a profundidade do que ele sentia, mas que ali existia algo, existia.

— Eu te contei tudo, Marcos, no dia em que Rachel me procurou ela estava aterrorizada e só teve tempo de me contar sobre... a relação que vocês dois tinham, que você a demitiu injustamente e que desconfiava que quem estava roubando a empresa era o Henrique. Ela também me contou que precisava se afastar por um tempo, mas não disse para onde.

— Você não faz ideia de onde ela possa estar realmente? — ele perguntou e passou a mão pelo cabelo, que por mais que tentasse, sempre parecia estar selvagemmente jogado para trás. O que me levou a ver a gritante diferença entre ele e a Rachel.

Minha amiga era leal, decidida e batalhou muito para chegar onde chegou. Foi graças a sua inteligência e esforço que ela não só conseguiu uma bolsa integral no meu antigo colégio, que era um dos melhores da região, como também conseguiu ingressar em uma faculdade particular com bolsa de 100%. E olha que a vida dela nunca foi fácil como a minha. Rachel começou a trabalhar aos dezesseis anos, ora fazendo bicos como garçoneiro, ora como babá, e mesmo assim, ela sempre pôde se orgulhar de ter as melhores notas da nossa turma.

Então, eu meio que achava difícil imaginar toda aquela mulher obstinada e firme nas mãos dominadoras do meu irmão...

— Eu sinto muito, Marcos, mas eu não sei.

Até porque, pensei, nas poucas vezes em que Rachel se abria e falava sobre sua vida, ela nunca entrava em detalhes, eu nem mesmo sabia qual era o real problema com o seu pai, só sabia que ele havia adoecido anos atrás.

— Marcos — Eu me virei no último minuto, incerta sobre o que estava fazendo. —, você já tentou procurar pelo pai dela?

Meu irmão me encarou como se não tivesse tido essa ideia ainda e sacudiu a cabeça não acreditando nele mesmo. Dei as costas a ele e rezei para que Rachel estivesse bem, e mais ainda, para que fosse forte o suficiente para enfrentar a fúria do meu irmão quando ele a encontrasse.

ISADORA

Alguns dias depois...

O dia em que minhas adoráveis férias terminaram e eu cheguei ao Brasil foi o mesmo dia em que Henrique foi preso. Segundo os advogados do Marcos, não foram encontradas novas provas, nem rastros do roubo em seu apartamento, nada que o ligasse ao crime. Mas os documentos que meu irmão tinha em mãos já eram mais do que suficientes para que ele pegasse um bom tempo de prisão.

Quatro dias tinham se passado desde o ocorrido, e tudo o que eu sabia era que o juiz considerou melhor mantê-lo sob prisão preventiva, dado os últimos acontecimentos envolvendo a minha queridíssima meia-irmã.

E pensar que assim que cheguei, eu fui imediatamente bombardeada por todo o drama sofrido pela Mariana no último mês, como se eu também não tivesse sido rejeitada. E pior, publicamente, tendo o fracasso do meu quase casamento exposto a todos os meus amigos e conhecidos.

Eu podia até mesmo imaginar o que eles não estariam dizendo agora que Henrique havia sido

preso, porque, infelizmente, o que não faltavam eram especulações a esse respeito nos jornais.

Disposta a não deixar que nada disso me abatesse, eu recuperei o controle e enterrei toda e qualquer lembrança dele, apagando da minha memória o fato de que aquelas mãos sujas alguma vez ousaram me tocar.

E mais do que isso, eu também desejei em silêncio que toda a bagunça e confusão que era a Mariana, se mantivesse bem longe de mim. E que de preferência ela só me dirigisse a palavra quando fosse imprescindível.

As poucas semanas em que passei em Paris me fizeram perceber o quanto a presença dela era capaz de me fazer perder a compostura. E eu prometi a mim mesma não deixar isso voltar a acontecer. Eu, que sempre fui uma mulher segura, não iria voltar a me rebaixar por toda aquela impulsividade em forma de gente.

Se bem que prometer algo assim em meio a todo o luxo e *glamour* daquela cidade tinha sido bastante fácil, talvez até mesmo ingênuo da minha parte.

Quanto as minhas *forçadas* férias, posso dizer que não poderiam ter acontecido em melhor momento. Foi revigorante, fazendo-me sentir como a velha e confiante Isadora Montenegro que eu conhecia. Claro que ajudou o fato de eu ter passado boa parte do meu tempo indo às compras nas melhores e mais elegantes butikues de Paris, jantando em ótimos restaurantes e assistindo a maravilhosos concertos no *Théâtre du Châtelet*... E vez ou outra, eu ainda me entregava ao luxo de caminhar pelas ruelas estreitas e charmosas da cidade como se fosse uma verdadeira parisiense.

Mas tudo ficou para trás assim que descobri, através do Marcos, o que estava prestes a acontecer. Consciente do impacto que a notícia de que nosso ex-diretor financeiro estava sendo acusado de roubar a Montenegro, eu decidi que o melhor mesmo seria antecipar o meu retorno, e estar ao lado do meu irmão quando a bomba explodisse nos jornais.

Tendo recuperado novamente o domínio de minhas emoções, eu não vi porque prolongar meu afastamento, tanto do meu círculo social quanto da empresa. Até porque depois da pequena decepção que tive com o Henrique, e do retorno indesejado da minha irmã, eu tinha a certeza de que pouquíssimas coisas tinham o poder de me abalar nessa vida.

Respirando profundamente, eu voltei a prestar atenção na conversa que Marcos estava tendo nesse exato momento com o Oliver, o novo diretor financeiro da Montenegro, enquanto almoçávamos no clube. Nós três tínhamos tido uma reunião logo cedo sobre os novos gráficos a respeito da estratégia de marketing implementada nos últimos meses, e que, como imaginei, vinham obtendo o retorno esperado.

Oliver, em especial, teceu alguns elogios quanto a minha excelente visão de mercado e eu confesso que ele parecia ser exatamente o tipo de homem que saberia como tratar uma mulher como eu. Mesmo assim, a última coisa que eu desejava era me ver envolvida novamente com um funcionário da Montenegro. O que dirá com alguém que ocupava o mesmo cargo daquele traidor...

Fora que nesse momento, eu me achava incapaz de me envolver com quem quer que fosse, meu foco estava na minha carreira dentro da Montenegro e meu coração trancado a sete chaves.

Se é que você tem um coração... Uma vozinha irônica sussurrou em minha mente e eu acabei por

ignorá-la, assim como ignorava grande parte dos meus sentimentos.

Algum tempo depois, já em meu escritório e sentada de frente para o meu computador, eu estiquei meu corpo enquanto sentia a tensão se espalhar. Eu tinha passado as últimas três horas analisando os resultados de marketing do mês em que estive fora, e agora, tudo que precisava era relaxar um pouco.

Então, eu voltei a calçar meus *scarpins* altíssimos, ciente de que eles não passavam de um adorno de luxo que me fazia sentir incrivelmente poderosa. Porque precisar deles eu realmente não precisava, no alto dos meus um metro e setenta e oito de altura, eu sabia que tinha uma estatura bem acima da média feminina, assim como também tinha um corpo muito mais esguio do que a maioria.

Verificando meu cabelo, puxado em um severo coque, eu saí da minha sala com a intenção de ir até a pequena copa para poder me servir de uma xícara de chá de limão.

Normalmente, eu costumava ser servida por algumas das funcionárias da copa ou até mesmo por alguma das secretárias da diretoria, mas, como hoje eu precisava realmente esticar meu corpo, decidi eu mesma ir buscar. Passei pela recepção, provocando o total silêncio das secretárias enquanto pensava no quanto elas odiavam ser subordinadas a mim.

Distraída e não entendendo porque a copa estava vazia, eu esperei paciente a chaleira elétrica ferver a água, só me dando conta de que estava sendo observada após encher minha xícara e me virar.

Por conta do susto que levei, eu acabei recuando e despejando toda a bebida quente sobre o meu caríssimo vestido de linho pérola, que por sinal era a primeira vez que usava e que levava a assinatura do meu estilista americano preferido.

— Olha o que você fez! — gritei para o homem que ocupava praticamente toda a porta e que parecia sempre carregar aquele olhar misterioso no rosto, que me fazia sentir estranhamente desconfortável.

E enquanto retribuía o olhar, eu afastei a lembrança daquele maldito dia em que esse brutalmente ousou me colocar para fora do apartamento do Henrique.

— Eu fiz? — ele retrucou com um sorriso provocante. — Eu nem encostei em você, gatinha. — Bufei irritada pelo seu desrespeito e o observei dar um... dois... três passos em minha direção, não me dando conta de que tinha meus olhos arregalados e a respiração presa até que ele, em uma tentativa grotesca de demonstrar algum tipo de educação, pegou o lenço de papel na bancada da pequena copa e se atreveu a limpar a bebida sobre o meu vestido, bem em cima... dos meus seios.

— Tire... suas... mãos de mim! — gaguejei humilhada por não ser capaz de pensar com clareza enquanto me perdia no movimento lento de seus dedos, que insistiam em esfregar aquele maldito lenço empoeirado em meu lindo e caro vestido. — Você só está piorando a situação! — gritei por fim.

— Ingrata, eu estou apenas tentando... te deixar seca. — Sacudi a cabeça, chegando à conclusão de que eu só poderia estar enlouquecendo, era isso, porque não tinha a menor possibilidade de que um mero segurança do meu irmão pudesse estar fazendo esse tipo de insinuação sexual para mim. Era impossível!

— Esse vestido é de linho legítimo, só foram desenhados três como este em todo o mundo, e por sua causa eu acabei de destruir um deles! — falei nervosa, não entendendo porque estava divagando sobre vestidos.

— Eu deveria saber. — Ele se afastou com um brilho severo e, ao mesmo tempo, decepcionado em seu rosto, me causando um indesejado frio na barriga.

— O que você deveria saber? — perguntei impassível, sem demonstrar que por dentro eu estava gritando em completo e total desespero por perceber que sempre sentia esse friozinho ao ficar no mesmo cômodo que esse... bronco.

— Que a senhorita, além de presunçosa, é fútil.

— Seu... *segurançazinho* metido a importante, eu deveria ter te... — Eu não consegui concluir o meu brilhante insulto, porque o grosseirão me empurrou contra a parede em um movimento tão ágil, que me deixou sem reação. O castanho do seu olhar parecia mais escuro conforme ele se aproximava, se posicionando tão perto que eu podia até mesmo sentir o cheiro de menta forte e refrescante que saía de sua boca.

— Presunçosa, fútil e preconceituosa — ele murmurou irritado e estendeu o braço, apoiando a palma da mão na parede atrás de mim. Completamente abalada, eu não sabia se olhava para a sua boca ou para os seus olhos.

Um calor incômodo se espalhou pelo meu corpo, deixando-me em choque e me fazendo questionar a minha sanidade. E se aproveitando que eu não estava em meu juízo perfeito, o homem aproximou sua boca da minha enquanto eu lutava comigo mesma para me forçar a impedir o que estava prestes a acontecer.

— Respire, gatinha, e não pense que eu seria louco de beijá-la — ele sussurrou com a voz intencionalmente rouca enquanto seu olhar me examinava minuciosamente, parando de maneira estratégica no meu discreto e elegante decote. — Você não faz o meu tipo.

O quê? Eu me perguntei aturdida, sentindo uma vontade real de matá-lo enquanto piscava uma infinidade de vezes até recobrar a razão.

— Seu grosseirão estúpido! — eu gritei ainda mais furiosa. — Você também não faz o meu tipo! — disse, arrancando uma terrível risada sexy dele.

— Ainda bem, gatinha, ainda bem.

MARCOS

Mais tarde naquele dia, eu observei a minha família e amigos sentados à mesa com imensa satisfação, ciente de que nem tudo era perfeito, mas realizado por ter minhas duas irmãs compartilhando o mesmo lugar sem as costumeiras provocações.

Não que elas estivessem em paz, acho que isso demoraria um pouco mais a acontecer, mas, pela primeira vez em muito tempo, as duas pareciam mais interessadas na própria felicidade do que em se atracarem a cada oportunidade que tinham.

Passei o olhar pelo fazendeiro sentado ao lado da Mariana, o homem a amava de uma maneira que eu não tinha sequer como explicar, mas bastava prestar um pouco de atenção na maneira como eles sempre estavam se tocando ou sorrindo um para o outro, para ver que o sentimento era recíproco, que minha irmã também o amava.

Ele não era o tipo que eu teria escolhido para ela, não chegava nem perto do que eu podia ter imaginando para qualquer uma de minhas irmãs, mas depois de todos os problemas que tivemos nos últimos meses, eu prometi não mais interferir nas decisões que Mariana viesse a tomar desde que, é claro, ela e minha sobrinha estivessem felizes.

No outro lado da mesa, estava Isadora que parecia envolvida com a conversa do Oliver. Incrível como ela tinha voltado ainda mais firme e segura dessa viagem, era como se nada pudesse perturbá-la. E eu, sinceramente, não sabia mais se essa era uma das suas melhores qualidades ou um dos piores defeitos.

Carmen e Filippo também estavam presentes essa noite, assim como outro casal de amigos meus que estavam passando alguns dias na cidade.

— É realmente uma chateação essa história que saiu nos jornais, Marcos — Filippo retomou o assunto do qual eu estava tentando escapar.

— Sim, é. — Mariana e Isadora me olharam de soslaio. — Mas está tudo resolvido, eu errei em confiar no homem errado e deixá-lo chegar tão perto da minha família, mas não há advogado no mundo que o fará sair impune do crime que ele cometeu, Filippo.

E essa era a verdade, eu tinha dinheiro e poder suficiente para que assim fosse. Porque, infelizmente, em um país corrupto como o que vivíamos atualmente, esses eram fortes incentivos para fazer com que a justiça fosse feita.

Até porque... o que não poderia ser comprado hoje em dia?, pensei amargo, arrastando meus pensamentos para o último dos meus problemas.

Desde aquela manhã em que Mariana sugeriu mudar o alvo das minhas buscas, a equipe do Ric havia recuado na busca por Rachel e passado a seguir atrás de pistas sobre o tal Rogério Vidal.

Irritado pela falta de notícias e pela frustração que aumentava a cada dia que passava, eu engoli em seco e afastei da minha mente tudo que pudesse me fazer lembrar a Rachel, deixando minha atenção cair na pequena garotinha que parecia sorrir com os olhos, completamente feliz ao meu lado.

Vendo que eu a olhava, Sofia me deu um verdadeiro sorriso e disse sem a menor vergonha.

— Minha barriginha ainda tá com fome, titio. — *É claro que estava*, pensei.

Guilherme e eu nos despedimos um pouco mais cedo do que o restante dos convidados esta noite, tudo porque queríamos pegar a estrada ainda hoje. Era noite de sexta-feira e nós tínhamos nos programado para passar o fim de semana inteiro no haras. Coisa que eu não fazia já há algum tempo.

E mais do que isso, esse seria o meu primeiro encontro com o Zeus depois de tantos anos.

Eu não tinha tido tempo e nem mesmo me sentia preparada para passar por aquela estrada novamente, então acabei adiando esse momento.

Além do que, havia muita coisa no que pensar, a prisão do Henrique, o retorno da Isadora... e a mídia que estava em polvorosa. Foram dias complicados, Sofia ficava quase que o tempo inteiro com medo daqueles jornalistas que não viam o menor problema em deixá-la assustada, e, diferente dos meus irmãos que já estavam acostumados, eu ainda não me sentia confortável em lidar com toda essa atenção.

Então foram dias de reclusão, que eu saía apenas para trabalhar e ir buscar a Sofia na escola. Dias em que Guilherme e eu ficamos ainda mais próximos, e se antes meu caubói já era intenso, agora então, meu corpo parecia pegar fogo cada vez que ele pensava em me tocar. E quando fazíamos amor, Deus, não tinha um pedacinho meu que não derretia.

Eu estava viciada, dominada, laçada pelo meu caubói de todas as maneiras possíveis. Meu corpo se tornou dele e eu tinha certeza de que com todo o sexo e carinho que tivemos, ele o conhecia praticamente melhor do que eu mesma.

Com a cabeça distante, e Sofia adormecida no banco de trás em sua cadeirinha, eu observei as luzes dos carros passando pela gente, enquanto sentia aquela pontada imensa de felicidade que me consumia completamente a cada vez que estávamos juntos ou a cada vez em que me lembrava de tudo o que significávamos um para o outro...

Na manhã seguinte, depois de tomar uma ducha rápida no quarto do Gui, eu sorri satisfeita ao ver meu caubói todo estirado em sua cama. Guilherme ainda dormia profundamente e eu aproveitei o momento para me vestir antes que ele acordasse e decidisse me jogar nela novamente.

Distraída, peguei a primeira calça de montaria que encontrei na mala e calcei minhas botas, já planejando um longo passeio com o Zeus mais tarde. Prendi meu cabelo em um alto rabo de cavalo e fui atrás de Sofia, que não estava mais em seu quarto, me fazendo imaginar que a essa hora ela já deveria estar na cola da Fátima.

Segui pelo corredor ao escutar as vozes do meu grudezinho e do Sr. Fonseca conversando lá na sala. E temerosa por não saber qual iria ser a reação dele depois de tudo o que fiz com o seu filho, eu me aproximei sorrateiramente.

Sofia estava apoiada em suas pernas, enquanto ele, parecendo cada vez mais cansado, descansava na velha poltrona que ficava no meio da sala. Revirei os olhos para o cabelo bagunçado da minha filha, cada dia mais parecido com o meu, e pelo fato de ela estar descalça no chão frio de madeira, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, ela continuou a falar:

— Minha mamãe estava *tistinha*, vovô, mas agora não tá mais porque o Gui deixou a gente voltar para nossa casinha.

— Deixou? — Carlos perguntou divertido e Fátima riu do outro lado.

— Hum-hum, agora a gente vai poder casar com o *cabói*, sabia? — O homem arregalou os olhos surpreso pelo que Sofia tinha acabado de dizer e levantou o rosto, se dando conta da minha presença.

Engoli em seco por ter sido pega em flagrante os observando e ele balançou a cabeça com um sorriso sincero no rosto.

— Venha cá, menina, não precisa ter medo desse velho — ele falou com a voz carinhosa, tirando um grande peso de dentro de mim, fazendo-me correr como uma garotinha até ele e amando a sensação de conforto que sempre sentia quando o abraçava.

— Eu sinto mui... — eu ia me desculpar por todo o sofrimento que causei ao Gui, mas Carlos me interrompeu.

— Não precisa falar nada, eu estou feliz que você esteja de volta à vida do meu filho e a essa casa. — Vendo que eu estava à beira de lágrimas, Fátima arrastou uma Sofia esfomeada com ela para a cozinha. — Guilherme te ama, sempre amou, e eu não sou cego a ponto de achar que ele seria capaz de ser feliz longe de você.

— Eu também não conseguiria ser feliz sem ele, mas isso é passado, Carlos — disse, me esforçando para não cair no choro. — Guilherme me perdoou, e a única coisa que nós dois queremos agora é viver o nosso amor...

— E vocês vão — ele falou com a voz misteriosa e a mente longe, como se estivesse pensando no futuro do filho e no meu. — A vida do meu filho é você e essa menina, Mariana, enquanto ele tiver vocês duas, ele tem tudo. — Sorrindo e dizendo o quanto eu o amava, eu beijei seu rosto e me levantei, dando de cara com o Guilherme, que aparentemente tinha escutado parte da nossa conversa.

Da mesma maneira como havia feito com seu pai há poucos minutos, eu me vi indo para os seus braços, sendo recebida por um beijo apaixonado.

E depois de toda a emoção e da breve conversa entre Guilherme e o seu pai, todos nós fomos para a sala de jantar e tomamos nosso café, enquanto ríamos das histórias que Sofia voltou a contar ao Sr. Fonseca.

Assim que terminamos, fomos os três para a hípica onde, segundo o Gui, meu Zeus corria livre todas as manhãs. Eu tinha dentro de mim uma agitação incomum, uma ansiedade e uma saudade sem fim. Era tudo tão surreal que eu quase não conseguia acreditar que estava prestes a ver meu cavalo novamente.

— Ali está ele — Gui murmurou quando nos aproximamos e eu só continuei a andar porque ele manteve minha mão presa a dele.

— Quem, *cabói*? — Sofia perguntou, toda engraçadinha com suas botas *country*.

— O cavalo da sua mãe, pacotinho.

— A gente tem um cavalo?

— Hum-hum... — respondeu e eu não consegui prestar atenção em mais nada do que eles diziam. Corri até a porteira que me permitiria entrar no cercado e fitei completamente fascinada o meu Zeus.

Chamei a atenção do meu cavalo com um assovio, e admirei toda aquela altivez típica dele. Sua pelagem estava ainda mais negra e aqueles olhos sempre tão escuros quanto o céu durante uma tempestade, pareceram logo me reconhecer, porque ele parou de correr sob o gramado e me encarou à sua maneira.

Sem pensar muito, nem mesmo no alerta que Guilherme havia dado sobre Zeus estar mais arisco do que antes, eu caminhei até ele com os olhos lacrimejando enquanto escutava seu relinchar baixinho, como se estivesse brigando comigo por eu ter demorado tanto tempo a vir vê-lo.

— Ah, Zeus! — Eu o abracei da melhor maneira que consegui, o sentindo aceitar meu carinho e abaixar a cabeça para que eu não parasse. — Eu senti tanto a sua falta, campeão — sussurrei emocionada, o peito explodindo de felicidade enquanto Guilherme e Sofia nos observavam do lado de fora da hípica. — Está vendo aquele homem lá fora, campeão? — Zeus relinchou mais alto agora, como se entendesse o que eu dizia. — Foi ele quem trouxe você de volta para mim, então seja bonzinho, porque eu fiquei sabendo que você anda muito arisco, sabe? — Eu o acalmei com lágrimas nos olhos. — Mas agora eu estou aqui, Zeus... e nós estamos juntos novamente. Você não tem mais porque ter medo — garanti, querendo que ele entendesse que eu nunca mais permitiria que nos separassem.

Guilherme, com toda a sua compreensão, me deixou ter todo o tempo do mundo com o meu cavalo e eu acabei passando o restante da manhã me certificando de que estava tudo bem com ele.

E não precisava nem dizer que montar meu campeão depois de todos esses anos foi muito mais incrível do que eu poderia imaginar. Eu já tinha cavalgado em outros cavalos desde o meu retorno ao Brasil, mas não era a mesma coisa. Não chegava nem perto da sensação que era estar com Zeus. Nós tínhamos sido uma dupla por tanto tempo, que na época das minhas competições eu quase podia sentir como se ele fosse uma extensão do meu corpo.

Zeus parecia sempre saber o que eu estava pensando e previa bem antes os meus próximos comandos. Era quase mágico e eu tinha sentido uma falta absurda dessa magia em minha vida.

— Eu te amo, campeão — sussurrei antes de levá-lo de volta a sua baia.

Guilherme e Sofia não demoraram a vir me encontrar e acabaram presenciando o nosso antigo ritual, aquele em que eu dava um pequeno torrão de açúcar ao Zeus para que ele me permitisse escovar sua crina.

— Nosso cavalo é lindo, mamãe — Sofia disse por trás das pernas fortes do Guilherme, ainda sem muita segurança de estar perto de um animal tão grande.

— Ele é, não é? — falei encantada, exultante por saber que tudo o que eu mais amava nessa vida estava aqui comigo, nesse pequeno cubículo.

O restante do dia foi passado tranquilamente, sem fortes emoções. Sofia e eu demos folga a

Fátima e fizemos questão de preparar o jantar dessa noite, com ela como nossa convidada especial. Guilherme teve que resolver uma ou outra coisinha durante o dia, mas em grande parte do tempo ficou com a gente, fazendo questão de me tascar um beijo terno sempre que surgia a oportunidade.

Aproveitamos a noite agradável e quente e ficamos até altas horas na varanda do casarão, conversando e rindo das velhas histórias do Carlos. Sofia acabou adormecendo em meu colo e quando eu me retirei para ir colocá-la na cama, Guilherme avisou que me esperaria em seu quarto.

Sem pressa, eu tirei agasalho e as botinhas da minha filha e vesti nela um pijama quentinho para que não sentisse frio durante a noite, me certificando de que ela estivesse realmente dormindo antes de sair e voltar para o quarto do Guilherme.

Gui parecia ter acabado de sair do chuveiro quando me viu entrar e foi logo sorrindo cheio de segundas intenções.

— Vem aqui — ele chamou daquele jeito mandão em que sempre ficava quando estava com tesão.

— Eu também quero tomar um banho... — murmurei e gemi logo em seguida ao sentir os seus dedos se emaranhando em meu cabelo, em um puxão firme que me fez arrepiar.

— Você não precisa de banho, morena, não quando eu estou pretendendo lambar você inteirinha.

— Está? — perguntei sentindo o calor entre minhas pernas aumentar, bastava um toque do meu caubói para que a parte mais íntima do meu corpo se rendesse ao desejo selvagem que surgia dentro de mim.

— Estou, chego a estar com água na boca só de lembrar do gosto que você tem. — Engoli em seco, sabendo que quando Guilherme ameaçava me lambar e chupar inteirinha, ele realmente cumpria com sua palavra.

Não tinha uma só parte minha que sua língua não tocava e torturava, e Deus, a língua do Gui era uma coisa poderosa. Envolvente, quente, áspera e macia ao mesmo tempo. E me levava à loucura. Depois das suas sessões, eu sempre me via tão inflamada que qualquer carícia sua era capaz de me fazer gozar quase que instantaneamente.

— Vire-se — ele pediu e eu o fiz, sentindo seus dedos deslizarem pelo meu vestido verde, primeiro pelos ombros e depois pelo quadril, deixando-me apenas de calcinha. — Eu amo a visão da sua bunda nessas tirinhas que você chama de calcinha — Gui sussurrou rouco em meu ouvido enquanto apertava minha bunda com as duas mãos, arrancando um suspiro ardente da minha garganta.

E lentamente ele roçou sua boca carnuda em meu pescoço enquanto abraçava meu corpo, os braços agora sustentando meus seios durinhos e pesados.

— Você tem gosto de sexo, morena, e o seu cheiro... Caralho, ele me dá um puta tesão.

Me contorci em meio ao seu aperto quando senti seus dentes roçarem a pele quente dos meus ombros. Meu cabelo foi afastado das minhas costas e, provocantemente, ele foi lambeando minhas costas até chegar a curva da minha bunda.

Fechei os olhos, sabendo que ele agora estaria vidrado com o que via, e estremeci levemente

quando Guilherme afundou seu rosto na fina linha que dividia a popa da minha bunda. Quase perdi as forças das minhas pernas quando suas lambidas começaram a percorrer a pele já toda arrepiada, lutando contra a minúscula calcinha que o impedia de afundar a língua dentro de mim.

— Seja boazinha e aproveite, morena, porque eu ainda nem comecei com você. — Sua voz saiu cheia de malícia, o homem sabia o efeito que causava em mim, como podia não saber que eu já estava pronta para ele? — Agora abra as pernas para mim. — Eu o fiz, sentindo seu dedo esfregar meu clitóris suavemente enquanto ele dava pequenas mordidas em meu bumbum, fazendo-me rebolar involuntariamente contra o seu rosto.

— Gui, por favor... só me coma logo. — Eu o senti parar por um momento, a verdade era que eu estava agoniada, louca de vontade e não sabia se aguentaria esperá-lo me lamber inteira, por mais delicioso que fosse. — Ah, meu Deus! — Eu arfei e joguei meu corpo para a frente, enquanto ele empurrava sua língua para dentro daquele buraquinho que parecia ter se tornado a sua parte preferida do meu corpo nos últimos dias.

— Fique quieta! — ele ordenou, mas era impossível. — Eu vou te comer, só me deixe te provar antes.

E eu deixei... Guilherme continuou com suas lambidas vagarosas, ele parecia estar se deliciando com meu corpo, deixando-me úmida e desejosa. Foi assim com meus seios e barriga, sua língua percorreu cada centímetro de pele existente, e quando eu pensei que não aguentaria mais, meu caubói me pegou no colo e me deitou na cama.

Minhas pernas estavam entreabertas, ainda bambas pelo desejo não saciado, e meu coração batendo cada vez mais forte conforme ele devorava a minha nudez com o olhar. A única coisa que eu ainda tinha comigo, eram as sandálias que havia usado essa noite e que ele pediu que eu mantivesse.

Como um animal faminto, Guilherme forçou minhas coxas a se abrirem ainda mais e se inclinou para me beijar, me surpreendendo pela doçura e controle com que sua boca tomou a minha. Eu me entreguei a ele, envolvida pelo momento e me deleitando com os nossos ardentes e intensos beijos.

Eu o vi se afastar por um pequeno segundo, apenas para descer a *boxer* pelas suas coxas musculosas e se posicionar sobre mim novamente. E quando seu corpo duro e latejante me penetrou, eu fiquei enternecida com toda a paixão e o carinho com que ele me possuiu.

— A minha vontade é fazer amor com você pelo resto da minha vida. Gastar cada minuto do meu dia dentro de você... Te escutar gritar meu nome e gemer desse jeitinho gostoso que só você faz, morena. Tenho certeza de que sentimento mais poderoso que esse não existe...

Ah, Guilherme, o que eu fiz para merecer um homem como você?, pensei completa e irrevogavelmente apaixonada.

— Eu vou te amar para sempre, caubói, e tanto, tanto, que quando estivermos bem velhinhos, você vai olhar para a senhorinha ao seu lado e perceber que ela ainda te ama com a mesma força com que amou a vida inteira.

Meu caubói me beijou emocionado, sem conseguir dizer mais nada e eu me derreti em nossa paixão. Me lambuzei com nosso fogo e suor. O amei como se fosse a primeira vez, mesmo sabendo que esse era apenas o começo de toda a nossa felicidade.

Epílogo

GUILHERME

Um mês depois...

Será que ela iria gostar?

Foi esse o meu pensamento ao abrir a pequena caixa de veludo que carregava comigo desde o momento em que o joalheiro saiu do meu escritório essa manhã. Olhei apreensivo para a joia, imaginando a reação da minha morena quando eu fizesse o pedido. O anel era todo em ouro *rosé* com uma turmalina rosa oval no centro e rodeado por pequeninas esmeraldas, que me lembravam muito a cor daqueles olhos feiticeiros.

E eu que pensei que quando o momento chegasse, estaria supertranquilo e calmo, não podia estar mais enganado, porque a verdade era que desde que a ideia de casamento começou a amadurecer em minha cabeça, eu andava uma pilha de tão nervoso, e sabia que Mariana, melhor do que ninguém, podia perceber a minha mudança.

Tanto que ela já estava perto de explodir por não ter a menor ideia do que estava acontecendo comigo.

Os únicos até agora que sabiam das minhas intenções, eram meu pai, a Fátima e o Marcos. Eu fiz questão de pedir a mão dela a ele, e posso garantir que nunca vi o homem tão perplexo como no dia em que eu abri meu coração e disse que desejava me casar com a sua irmã.

Mas o fato era que eu não estava apenas pedindo a Mariana em casamento, porque, ao me casar com ela, eu também estaria trazendo Sofia definitivamente para a minha vida.

E foi exatamente sobre isso que Marcos e eu conversamos.

Uma leve batida me fez desviar a atenção do anel e olhar em direção à porta do escritório. Meu pai colocou a cabeça para dentro e perguntou se eu estava muito ocupado.

— Está tudo tranquilo por aqui hoje, pai, pode entrar — falei e guardei a caixa na gaveta ao lado de outra quase idêntica, porém um pouco menor.

Com um só movimento eu arrastei a cadeira para que meu pai pudesse se sentar e voltei ao meu lugar, estranhando a pasta que ele trazia debaixo dos braços.

Tinha sido um mês agitado, e Mariana e eu optamos por passar nossos finais de semana por aqui mesmo, para a total felicidade do meu velho que adorava ter a Sofia por perto.

Tudo parecia estar entrando nos eixos em nossas vidas, minha morena estava contente por conseguir conciliar sua posição na Montenegro com as horas em que passava com o Zeus na hípica. Sua intenção não era voltar a competir, longe disso, acho que ela buscava mesmo, era a sensação indescritível de liberdade que sentia ao montar.

Mas o que me deixava mais fascinado nessa história toda, era ver meu pacotinho se apaixonando pelo hobby da mãe, principalmente, depois que Mariana cedeu à insistência da Sofia e começou a ensinar aos poucos tudo o que sabia sobre montaria para a filha.

— Então, já sabe quando vai fazer o pedido? — meu pai perguntou e eu assenti, já tendo quase tudo planejado em minha mente.

— Será nesse fim de semana — respondi pensativo, eu andava mesmo meio perdido e distraído nos últimos dias, mas convenhamos que eu tinha motivo para estar assim.

— Meu Deus, eu já posso até imaginar o quanto Sofia vai ficar feliz quando descobrir, Guilherme, ela insiste em dizer que também vai se casar com você... — Suas palavras me fizeram lembrar de outro assunto.

— Pai, eu ainda não falei sobre isso com a Mariana, mas depois que nos casarmos, eu pretendo dar entrada nos papéis para poder adotar a Sofia legalmente. Quero poder dizer com todas as letras que ela é minha. — *Assim como a mãe também seria*, pensei orgulhoso, não conseguindo esconder o sorriso ao ver a foto que eu tinha das duas mandando beijos para mim sobre a minha mesa.

— Eu tenho muito orgulho de você, filho, do homem honrado que você sempre se mostrou ser, e mais ainda desse amor que você sente por aquela garotinha. — Ele deu uma pausa e aproveitou para colocar a pasta sobre a mesa para que pudesse procurar por algum papel. — O que você acaba de dizer só me faz ter ainda mais certeza da decisão que tomei há alguns dias.

— Do que o senhor está falando? — Ele estendeu algumas folhas para que eu pudesse pegar.

— Esse é o meu presente de casamento a vocês dois, ou melhor, a vocês três. — Franzi o cenho, porque deveria ter alguma coisa errada, os papéis em minha mão eram da escritura do haras. — Eu sei o quanto aquelas duas amam este lugar, Guilherme.

— Mas essa é a sua casa, pai, o senhor não pode fazer isso.

— Não só posso, como já fiz. O haras agora é seu. — Sacudi a cabeça, confuso, mas ele continuou, não me permitindo protestar. — Eu já estou velho, filho, não me importo mais com o lugar em que vivo. Além disso, não vou estar tão longe assim, o nosso vizinho me vendeu as terras que fazem divisa com o haras e eu e a Fátima vamos estar a apenas alguns quilômetros.

— O senhor e a Fátima?

— E quem você acha que vai cozinhar para mim? — ele brincou, me arrancando uma risada, claro que meu pai levaria a Fátima, aqueles dois podiam viver discutindo e se intrometendo um na vida do outro, mas de maneira alguma conseguiriam ficar afastados.

Ainda sem acreditar no presente que ele havia acabado de me dar, eu me levantei e o abracei, agradecido. Claro que meu pai sabia o que esse haras significava para mim e para as minhas duas garotas, e claro que eu só podia imaginar a felicidade em que elas ficariam ao descobrir que esse lugar se transformaria no nosso lar.

Fomos interrompidos algum tempo depois por um dos funcionários mais antigos do haras, que cuidava especificamente do setor de contratação, e que trazia com ele a documentação da Ellen para que eu pudesse assinar a papelada da sua demissão.

Porque mesmo que eu a admirasse e respeitasse como profissional, não tinha nenhuma maneira que eu conseguiria mantê-la trabalhando diretamente comigo, não depois que ela admitiu seu desejo por mim, e não quando eu sabia que Mariana perdia a cabeça toda vez que cruzava com ela pelo haras.

Ellen, por sua vez, acabou tornando minha decisão muito mais simples ao dizer que também não pretendia permanecer no haras depois da minha reconciliação com a Mari. O que de certa maneira, me deixou aliviado.

Com os papéis já assinados, e com meu pai de volta ao casarão, eu peguei as chaves da minha caminhonete em cima da mesa e fui em busca das minhas garotas.

MARIANA

Me virei inquieta na cama sem conseguir voltar a dormir. Além de não entender o porquê, também não conseguia pensar em nada que pudesse ter feito para a mudança no comportamento do Guilherme, mas a questão era que ele andava estranho, distraído,, calado... e isso vinha me deixando louca de preocupação.

E se ele tivesse se arrependido de voltar para mim?, pensei nervosa enquanto me levantava da cama, deixando para trás um homem gloriosamente nu sobre os lençóis bagunçados. Bem... se ele se arrependeu, o seu corpo não parecia compartilhar do mesmo sentimento, porque ele ainda me desejava. E muito!

Pensei na noite passada, no quanto ele esteve silencioso quando nos trouxe para o haras. Cheguei até a procurar pelas minhas lembranças se ele tinha dito que me amava nas últimas duas vezes em que fizemos amor e me dei conta de que nem isso...

— Merda, qual é o problema com você, caubói? Não me diga que você não me ama mais! — resmunguei baixinho enquanto me vestia e o observava dormir, sendo tomada mais uma vez pela terrível onda de enjoo que vinha me atormentando há alguns dias. Praticamente desde que o comportamento do Gui mudou... Isso só poderia estar pirando a minha cabeça, e estômago, porque até onde eu me lembrava, nós estávamos bem.

E o último mês tinha sido tão perfeito. Gui e eu fizemos amor loucamente em todos os lugares imagináveis, e eu me vi cada dia mais apaixonada e envolvida. E sei que ele também se sentiu assim,

meu caubói era franco e eu sabia ler cada reação sua. Assim como ele sabia ler as minhas.

E do nada, de uns três ou quatro dias para cá, seu comportamento mudou. Não intencionalmente, porque o homem parecia tentar me convencer que estava tudo ok, mas mulher desconfiada era fogo.

Saindo do quarto, eu corri até a cozinha da Fátima com a intenção de pedir socorro, não em relação ao Guilherme, mas em relação ao meu mal-estar.

— O que você tem, menina?

— Acho que ando um pouco nervosa, Fátima, e isso tem afetado meu corpo de alguma maneira. Você não teria algum chazinho para enjoio, não? — Sem entender a sua reação, eu a assisti passar o olho pelo meu corpo e se afastar balançando a cabeça.

— Sente-se aí que eu vou preparar um chá de hortelã com erva-cidreira para você...

Confusa, eu fiz o que ela pediu e esperei enquanto me perdia em mais lembranças.

A minha vida estava tomando o rumo certo aos pouquinhos, Marcos e eu estávamos reconstruindo a nossa relação, e a cada vez que eu via aquele homenzarrão tentando ser forte e não admitir que sentia a falta da Rachel, meu coração se compadecia um pouco mais.

Uma pena que ele ainda não fazia a menor ideia de onde ela poderia estar.

Por causa de algumas mudanças na estrutura da empresa, meu escritório agora era no mesmo andar que a diretoria, e pelo menos duas vezes na semana o Sr. Alberto e o Marcos pediam que eu os acompanhasse até a vinícola da nossa família, uma extensa propriedade que ficava praticamente na divisa de Joinville com a cidade vizinha, para que eu pudesse acompanhar mais de perto toda a produção, desde a colheita no vinhedo, o processo de fermentação até a armazenagem nas barricas.

Não que eu não soubesse como essa coisa toda funcionava, acho que até mesmo antes de aprender a falar direito eu já sabia tudo a esse respeito. Mas acompanhar de perto a produção enquanto os enólogos esclareciam minhas dúvidas, era muito diferente da teoria. E meu irmão, por sua vez, não perdia uma só oportunidade de dizer a seus funcionários que em breve eu estaria assumindo o lugar do Sr. Alberto, e juro, ele falava com tanto orgulho que eu não tinha como não ficar comovida.

Ele agia da mesma maneira com a Sofia, deixando sempre claro que não a julgava inferior por ela não ter nascido de acordo com as normas da nossa sociedade. Muito diferente do comportamento da minha irmã, que parecia temer completamente o meu amorzinho.

Tanto, que há cerca de duas semanas, quando Sofia e eu aparecemos para jantar com o Marcos na mansão, eu me vi pasma pela maneira como ela congelou quando minha filha correu para abraçá-la. Tudo bem que a Isadora nunca incentivou a afeição da Soff, mas na cabecinha inocente dela, a minha irmã era como uma princesa de contos de fadas.

E nesse dia em questão, Isadora não só afastou os bracinhos da sobrinha de suas pernas, como também deu meia-volta e desistiu do jantar.

Eu não me dei ao trabalho sequer de soltar a minha raiva sobre ela, porque a cada dia que passava, eu estava mais convencida de que minha irmã tinha algum tipo sério de problema

emocional. Ela até poderia ser o poço da arrogância, mas não era normal manter as pessoas tão afastadas assim.

Quanto a Sofia... o que eu poderia dizer? Tudo estava perfeito no mundinho encantado dela. O número dos seus peixinhos crescia a cada semana, era aquário na mansão, aquário no haras e até mesmo no apartamento do Gui. E todas as noites, insistentemente, ela fazia questão de ligar para o tio e para o Carlos só para lembrá-los de alimentar os benditos animaizinhos.

Por sorte, Sofia nunca mais voltou a fazer qualquer tipo de pergunta sobre seu verdadeiro pai, mas, em contrapartida, fazia questão que Guilherme a pegasse na escola em alguns dias, sempre fazendo de tudo para que seus coleguinhas vissem o *cabói* dela.

Gui me confidenciou isso no primeiro dia em que ela o apresentou a duas garotinhas de quem Sofia parecia gostar. Uma semana depois, apresentou para mais três coleguinhas e por aí em diante... até que toda a turminha dela soubesse que ela morava com um *cabói* que tinha um monte de cavalos.

— Menina? — Fátima entrou no meu campo de visão parecendo preocupada. — É só enjoo que você está sentindo?

— É... — Além da incômoda apreensão.

— Certo, tome esse chá e volte para a cama, senão daqui a pouco a minha cozinha estará cheia e não são nem sete horas da manhã ainda — ela falou em tom de reprimenda. — Porque se aquele homem acorda e descobre que você fugiu da cama, ele vai invadir o meu espaço e eu não vou conseguir fazer mais nada.

Rindo do seu mau humor e sem nenhuma outra opção, eu acabei mesmo voltando para o quarto e, assim que entrei, encontrei Guilherme sentado na beirada da cama à minha espera.

— Está cedo morena, venha aqui — ele disse rouco, e bastou ser alvo do seu olhar para que eu comesçasse a sentir como se várias borboletinhas voassem dentro do meu estômago.

Decidida a não dar vazão a minha insegurança, eu fui para o seu colo e o beijei, não conseguindo segurar o grito quando Guilherme me pegou no colo e me jogou na cama.

— Esse aqui... é o seu lugar — murmurou ao me pressionar contra os lençóis macios.

— Presa a sua cama? — eu o provoquei.

— Presa a mim, morena.

Quase no final da tarde, enquanto observava o pôr do sol mais lindo que eu já tinha visto em toda a minha vida, escutei passos firmes atrás de mim, não precisando sequer me virar para poder descobrir de quem se tratava. *Eu sabia que era ele.*

Ainda encantada com todos aqueles tons alaranjados e vermelhos que preenchiam o céu, eu me

recusei totalmente a desviar a minha atenção quando Guilherme se colocou ao meu lado.

— Eu estive te procurando — ele falou e eu tentei não aparentar nem um pinga da confusão que estava sentindo. Porque essa manhã, depois de fazermos amor, eu acabei fazendo papel de boba ao esperar Guilherme soltar aquelas três palavrinhas... que novamente não vieram.

E até tentei pôr a culpa de toda essa insegurança na minha subida sensibilidade dos últimos dias, mas acontece que essa manhã, ainda na cama, eu percebi que ele estava se divertindo ao me ver assim, toda agoniada.

Mas por quê? Me questionei.

— O pôr do sol visto daqui é lindo — expliquei o motivo pelo qual eu estava a margem do lago, não ficando nem um pouco surpresa por ele ter descoberto onde eu estava, já que esse era o nosso lugarzinho especial.

Tinham sido muitas as tardes em que Gui e eu nos escondemos do mundo aqui, algumas vezes a ponto de perdemos a noção de tempo e ficarmos até o anoitecer.

— Eu sei quando você está chateada, morena.

— Eu não estou... quer dizer, eu estou sim! Você tem estado tão... — Eu me virei para poder olhar diretamente para ele enquanto falava.

— Apaixonado? — Guilherme brincou e me puxou pela cintura. — Louco por você? Maluco a ponto de só conseguir pensar em como eu vou fazer o pedido mais importante da minha vida?

— Eu não estou entendendo — sussurrei, nervosa. — O que você...

— Feche os olhos, morena. — Eu ia protestar, mas Gui me beijou e murmurou: — Feche os olhos, por favor. — Olhei bem dentro dos seus olhos, me perguntando o que ele pretendia fazer, e, por fim, os fechei, assim como me pediu, sentindo que meu bobo coração batia cada vez mais acelerado dentro do peito. — Isso... Agora imagine o seu futuro. — Ele esperou que eu imaginasse enquanto afastava uma ou outra mecha do meu cabelo que o vento insistia em jogar em meu rosto. — Imaginou?

— Si-sim. — Eu balancei a cabeça, sentindo o calor da sua respiração bem pertinho da minha.

— Eu estou nele, morena? — perguntou contra os meus lábios e, antes que eu tivesse a chance de responder, Gui me envolveu em um beijo lento e doce, que quase me deixou sem palavras.

— Você... sabe que sim.

— Ótimo. — Dessa vez, quando voltou a tocar meus lábios com os seus, além da doçura, eu também pude sentir toda a sua paixão. — Agora, quer saber o que eu vejo no meu futuro? — Balancei minha cabeça mais do que depressa. — Eu vejo você ao meu lado, a mulher que eu amo e que vai carregar todos os nossos filhos. Vejo a Sofia me amando como se eu fosse o pai dela, porque é assim que eu me sinto em relação a ela, Mariana. Sofia é *minha* filha. Não importa se não é o meu sangue correndo nas veias dela, não me importo com nada, porque, no fundo, aquela garotinha é *minha*. Sempre foi, e você sabe disso.

— Gui... — Como uma boba, eu não soube como parar as lágrimas que começaram a cair, tudo o que eu sabia era que ouvi-lo declarar seu amor pela minha filha dessa maneira linda, tinha me tocado profundamente.

— E se eu apenas fechar os meus olhos, eu consigo ver tudo, sabe? — ele continuou. — A nossa casa cheia de crianças por todos os lados...

— Cheia de crianças?

— Sim, muitas. Eu quero ter muitas crianças com você, morena, porque não consigo imaginar nada mais incrível do que fazer amor com a mulher que estará gerando o meu filho — Gui falou, deixando transparecer toda a sua intensidade nas palavras. — E quer saber o que mais eu vejo?

— O quê? — perguntei, ciente de que todo o meu corpo tremia.

— Eu vejo a gente se amando cada dia mais... porque você é a minha fortaleza, Mariana, a minha tempestade. A mulher da minha vida. — Seus lábios me pegaram de surpresa, seu beijo veio impetuoso e terno, e quando eu pensei que não tinha como ficar mais perfeito, o meu caubói sussurrou com aquela voz rouca que eu tanto amava: — Morena, você quer ser minha para sempre?

Abri os olhos, chocada, só para ver que ele estava falando sério.

— Você está mesmo... me pedindo para ser...

— Eu estou.

— Deus, caubói! — Eu me joguei em cima dele, envolvendo meus braços ao redor do seu pescoço enquanto chorava de felicidade, de emoção, de alegria... Eu já nem sabia qual o sentimento que predominava dentro de mim nesse instante.

— Eu quero que você carregue o meu sobrenome, morena, que seja a minha esposa, a mãe dos meus filhos. Eu só preciso escutar você dizendo sim...

— Sim, seu bobo, é claro que é sim! Sempre vai ser você, caubói. Sempre! Deus, eu te amo tanto! — disse, sem conseguir conter a emoção.

Com um sorriso delicioso no rosto, Guilherme me surpreendeu ao tirar uma caixinha de veludo do bolso, e, aturdida, eu limpei rapidamente as lágrimas em meus olhos enquanto constatava que ele realmente tinha pensado em tudo.

— Me dê a sua mão, morena. — Com os dedos trêmulos, eu estendi a mão e admirei a perfeição de tudo isso. Do anel, do momento... principalmente, a perfeição do homem à minha frente.

Em um gesto para lá de romântico e doce, eu o assisti beijar a minha mão e murmurar com os olhos vidrados nos meus:

— Agora *sim* você é minha.

E para sempre... Eu pensei enquanto nossas bocas se uniam novamente.

Quando Mariana e eu voltamos para o casarão, a primeira coisa que fizemos foi ir atrás da Sofia para que pudéssemos contar a ela a novidade. Minha morena já sabia do presente que meu pai havia nos dado, e não se aguentou em si de tanta felicidade.

No caminho de volta, ela acabou admitindo que estava pensando que eu não a amava mais e eu perguntei de onde ela tinha tirado tamanho absurdo. Como eu poderia não amá-la?

Essa mulher estava impregnada em mim desde a primeira vez em que eu a vi entrar no haras, as tranças escondendo a selvageria que era o seu cabelo, os olhos arregalados e atentos a tudo e todos... E quando aquela garotinha teimosa me encarou, ali, naquele exato momento, eu deveria ter suspeitado que estava completamente perdido.

Subimos os degraus que levavam à porta de entrada e fomos até a cozinha, que foi onde eu escutei a vozinha da Sofia tagarelando com a Fátima:

— *Tô com fome de bolinho, Fafa* — ela murmurou sentada na enorme mesa de madeira e quando me viu entrar, seguido da sua mãe, logo estendeu os bracinhos para que eu a pegasse.

— Você já não comeu bolo demais, não? — Fátima perguntou, tentando parecer brava, mas a gente sabia que ela era incapaz de negar qualquer coisa a menina.

— Só comi dois pedaços, o resto eu dei para os meus peixinhos. — Mariana arregalou os olhos.

— Soff é por isso que seus peixinhos vão para o céu, você não pode dar bolo a eles, meu amor — ela disse, e afastou a franja do rostinho da filha.

— Foi só um pouquinho, mamãe, e eu fiquei olhando, mas eles não foram para o céu. Estão todos lá no aquário do vovô.

Mariana e eu nos entreolhamos e rimos por conta da sua inocência. E preocupada com as palavras da mãe, Sofia nos obrigou a ir até onde o bendito aquário ficava para poder verificar se os peixes ainda estavam e ficou aliviada ao constatar que sim.

— Tá vendo, mamãe? Eles gostam de bolinho também.

— Estou vendo sim, mas não faça isso de novo, tudo bem? Lembre-se do que eu disse, peixinhos só podem comer ração.

Meu pacotinho assentiu e ficou curiosa quando dissemos a ela que tínhamos uma novidade para contar.

— É um segredo, *cabói*? — ela perguntou baixinho em meu ouvido.

— Não, nada de segredos para a senhorita, porque você não sabe guardar nada. — Ela riu, sabendo que era verdade. — O que sua mãe e eu queremos te contar é muito mais importante.

Eu a coloquei sentada no sofá e me abaixei para ficar a sua altura, com Mariana em pé logo atrás de mim.

— Você sabe o quanto eu te amo, não sabe, pacotinho? — Sofia balançou a cabecinha sorridente.

— Como os papais amam as filhinhas, não é? — a sua pergunta pegou a mim e a Mariana de surpresa.

— Sim... como os papais amam as filhinhas. E é por isso que quero que você e a sua mãe se casem comigo. Porque eu amo muito vocês duas.

— A gente também ama você, *cabói*, não é, mamãe? — Sofia buscou pela afirmação da mãe, que assentiu ainda emocionada.

— Sim, meu amor... nós amamos muito o caubói.

O restante da conversa saiu melhor do que eu poderia ter imaginado. Sofia disse que não via a hora de se *casar comigo* e vir morar no haras do vovô dela, que agora era nosso.

E assim como eu fiz com a Mariana, eu tirei do bolso outra caixinha e mostrei o pequeno anel que eu havia comprado para o meu pacotinho, e esse em especial, tinha sido mandado fazer especialmente para combinar com o que eu havia dado a Mariana. Por isso o joalheiro tinha feito a maior questão de vir trazê-lo pessoalmente para mim.

Não preciso nem dizer que a reação que Sofia teve acabou comigo, ela abriu a boquinha tão surpresa com o presente, e assim como a minha morena, ela também caiu no choro.

A emoção foi tanta que meu pai e a Fátima foram obrigados a vir ver o que eu estava fazendo com as duas na sala, porque elas não paravam mais de chorar. Quando se deram conta que o *chororô* era porque elas estavam apenas felizes, eles nos felicitaram e a Fátima logo sugeriu abrir uma garrafa de champanhe para comemorar a notícia.

De volta a sala, ela serviu a mim e ao meu pai, e na vez da Mariana sussurrou algo baixinho e se negou a dar a bebida a ela, que ficou sem entender o seu comportamento, mas que de tão feliz, nem se importou.

Passamos o restante da noite comemorando, minhas duas garotas tinham conseguido se recuperar e não cabiam em si de tanta empolgação. E mais do que sentir, eu podia ver nos olhos de cada uma o imenso amor que tinham dentro delas.

E era por esse amor que eu passaria a vida inteira agradecendo.

No final da noite, depois que meu pai e a Fátima se retiraram para dormir, eu percebi que Sofia queria me dizer alguma coisa. Ela olhava para mim com aqueles olhinhos verdes, como se estivesse buscando coragem para falar comigo. Eu a observei me rodear e rodear, até que no instante em que sua mãe a mandou para cama, meu pacotinho, mais do que depressa, pediu para que fosse eu, a levá-la essa noite... E foi o que eu fiz.

— A *fômiga* ganhou um filhinho, não é? — ela perguntou sem um pingo de sono, após me escutar contar uma de suas histórias preferidas.

— Sim, ela ganhou. — Mordendo a pontinha do lábio, Sofia me encarou timidamente.

— E todo mundo foi feliz *pra* sempre, não foi?

— Foi.

— Você quer ganhar uma filhinha também, *caubói*? Se você quiser, eu deixo você ser... o meu papai... e a gente pode ser feliz *pra* sempre, igual a *fomiguinha* foi.

Confesso que o amor que eu sentia por essa garota era tanto que escutá-la dizer isso acabou comigo. De uma maneira muito boa, mas acabou.

— Não tem nada nesse mundo que eu queira mais, do que ser o seu papai, pacotinho. Nada.

MARIANA

Uma semana depois...

Sacudi a cabeça enquanto assistia Sofia andando de um lado para o outro dentro do nosso banheiro, tão ou mais nervosa do que eu. Suas perninhas curtas ainda estavam tampadas pelo seu pijama de peixinhos e ela nem mesmo tinha me deixado prender o seu cabelo essa manhã. Observá-la era uma distração muitíssimo bem-vinda enquanto eu esperava, nervosa, pelos tais cinco minutos do teste.

— Você está me deixando tonta, meu amor. — E era verdade, pensei enquanto tentava controlar meu enjoo matinal. Esperei por mais dois minutos e pensei em como esse pingo de gente havia mudado a minha vida.

Mais ainda, pensei no quanto esse bebezinho que eu tinha certeza estar carregando mudaria tudo. Mas, dessa vez, eu não estaria sozinha. Agora eu teria o meu caubói ao meu lado em cada momento, além, claro, do meu anjinho que parecia ansiosa para ter um irmãozinho.

Eu não tinha palavras para descrever a sensação boa que era ver minha filha feliz dessa maneira, e há alguns dias, quando Guilherme veio me contar todo emocionado que o nosso pacotinho havia perguntado se ele queria ser o papai dela, eu me derreti ainda mais pela pessoinha que eu havia colocado no mundo.

Meu caubói ficou extremamente tocado naquele dia, e desde então o vínculo entre os dois ficou ainda mais forte. Se é que isso era possível.

Distraída, demorei a perceber que os cinco minutos já haviam passado e fiquei completamente em choque ao ver a segunda linha aparecer no teste.

Ah meu Deus, eu sabia!

Sentindo a minha apreensão, Sofia parou de andar e colocou as mãozinhas na minha perna, olhando para mim curiosa.

— Então, mamãe, a gente vai ter ou não um bebezinho? Eu *tô nevosa*... — ela perguntou, cheia de expectativa enquanto eu sorria emocionada.

— Si-sim, meu amorzinho, nós vamos ter um bebê.

No finalzinho da tarde, mais precisamente no exato momento em que Guilherme entrou em seu apartamento, Sofia e eu nos entreolhamos nervosas. Meu pingo de gente era tão sensível, que sentia perfeitamente a importância desse momento.

Nós paramos de trabalhar no álbum de recortes que eu estava montando para ela e olhamos ao mesmo tempo para o nosso caubói. Como o homem da minha vida era capaz de perceber, mesmo a quilômetros de distância, quando algo estava errado? E comigo aqui na cidade durante o dia e ele no haras eu tinha quase certeza de que ele conseguiu detectar algo de diferente em minha voz quando nos falamos ao telefone mais cedo.

Eu estava emocionada, nervosa e... completamente ansiosa para dar a ele a notícia do nosso bebê. Sofia, ele e essa pessoinha dentro de mim eram a minha família agora. A família que eu amava mais do que tudo nesse universo.

— Por que eu tenho o pressentimento de que vocês duas estão aprontando alguma coisa? — Guilherme falou em um tom de voz divertido e Sofia olhou para mim com uma expressão que me dizia que ela não estava se aguentando em si de tanta vontade de contar a novidade.

Não tinha jeito mesmo, ela era horrível em manter segredos.

— A minha mamãe tá *gávida, cabói*. Eu vou ter um irmãozinho... bebê! — ela falou tão rápido que as palavras saíram emboladas uma atrás da outra.

Eufórica, Soff correu para os braços do Guilherme, que mesmo a pegando no colo, não tinha conseguido desviar seus olhos dos meus após escutar a notícia. Eu podia ver dentro dele o quanto a *novidade* o havia pegado de surpresa. Mas também podia ver toda a sua felicidade no incrível sorriso surgindo lentamente em seu rosto, conforme ele assimilava a informação.

— Isso é verdade? — Ele moveu os lábios sem voz e eu confirmei com um único movimento da cabeça. Sorrindo mais amplamente, Gui murmurou um *Eu te amo*, dessa vez com aquela voz rouca que era capaz de fazer meu coração derreter e pulsar mais forte. Tudo ao mesmo tempo.

Sem conseguir disfarçar, eu o olhei com adoração e também corri para os seus braços, como uma garotinha prestes a ter o seu final feliz.

Eu beijei meu caubói apaixonadamente e me aconcheguei no cantinho oposto ao da minha filha, sabendo com toda a certeza que esse era o meu lugar preferido no mundo.

E, Deus, eu amava tanto esses dois que chegava a doer. Sofia era a minha vida, a minha pequena

estrela brilhante. E o Guilherme, bem, o Guilherme era a minha cura.

FIM

Confira um trecho do segundo livro da trilogia Os Montenegro, que conta a história do Marcos.



DOCE PRISÃO

MARCOS

Apertei o volante do meu *Alfa Romeo* com mais força do que o necessário, dividido entre a raiva e a euforia de finalmente ter descoberto o paradeiro da Rachel. Foram praticamente dois meses desaparecida, mais precisamente cinquenta e seis dias...

E agora, depois de todo esse tempo, eu sabia exatamente todos os porquês dessa história. E devia isso estritamente ao profissionalismo do Ric, o meu chefe de segurança, que não só me entregou um relatório completo a respeito dela, como também um bom número de fotos que deixava claro que ela não estava levando a vida que supus.

A casa que alugava atualmente, além de precária, tinha um aluguel baixíssimo e ficava em uma das regiões mais carentes de Florianópolis. E diferente de como acontecia quando estava sob os meus cuidados, agora ela fazia uso de transporte público quase que diariamente para se locomover entre o Centros de Oncologia e o emprego miserável de garçonete que ela tinha arranjado.

Imaginei então que os cem mil que recebeu para poder desaparecer não tinham ajudado muito, já que de acordo com a administração do hospital, o valor que ela ainda devia pelo tratamento do seu pai era exorbitante, e tudo me levava a crer que Rachel tinha gastado cada mísero centavo daquela mixaria tentando diminuir a sua dívida.

Não que isso a redimisse sob os meus olhos, e meu lado orgulhoso, muito comum aos Montenegro, ainda não conseguia engolir o fato de que ela, a mulher a quem eu dei meu tempo e dinheiro, preferiu aceitar suborno de um filho da puta, a abaixar a cabeça e vir pedir minha ajuda.

Mesmo assim não podia deixar de imaginar o quanto deveria estar sendo difícil para a minha ratinha lidar com tudo isso sozinha. Porque até eu, que nem ao menos conhecia seu pai, estava tendo dificuldade em aceitar o diagnóstico dado pelo seu oncologista essa manhã.

E durante a breve conversa que tivemos, eu descobri que, apesar dos caros tratamentos feitos com o fim de controlar o desenvolvimento da doença, a equipe médica não estava obtendo sucesso e há pouco menos de um ano, em um exame de rotina, eles acabaram descobrindo que o câncer havia se espalhado para dois outros órgãos. Um operável e o outro não.

Recordei vagamente os últimos meses, da maneira irritadiça e sensível em que ela andava, sempre cansada e no limite. Rachel tinha errado de tantas maneiras diferentes, que eu não podia nem dizer se estava mais irritado pela história do suborno ou pelo fato de não ter confiado seus problemas a mim.

Afastei os pensamentos sombrios da minha mente, sabendo que eles só me deixariam mais furioso e eu não precisava de mais estímulo para a amargura que sentia. Não quando eu estava prestes a confrontá-la.

Em vez disso, passei a mão pelo meu cabelo rapidamente e acelerei pela estrada que me levava a Florianópolis, passando a pensar na conversa que tinha tido com a Mariana na noite passada.

Foi preciso muito controle da minha parte escutá-la dizer o motivo pelo qual ela e o Guilherme tinham decidido antecipar o casamento, eu não sabia se a chegada de um bebê nesse momento era o melhor dos acontecimentos, mas a julgar pela empolgação da minha sobrinha e a felicidade do casal, tudo levava a crer que estavam todos muito contentes com a novidade.

E eu confesso, em meio ao caos que minha vida estava no momento, a notícia de que em breve teríamos mais um integrante Montenegro no mundo me fez repensar algumas de minhas antigas decisões.

Com meus trinta e oito anos, não era como se eu não quisesse ter meus próprios herdeiros, eu os queria, o problema era que eu ainda não me achava preparado para abrir mão da Rachel em prol de uma vida exemplar ao lado da mulher correta para mim.

Só que eu, melhor do que ninguém, conhecia as minhas responsabilidades e sabia que isso seria necessário. Esse era o meu destino. E como presidente da Montenegro, todos sempre esperariam o melhor de mim, o melhor casamento, a melhor esposa e melhores filhos...

Talvez fosse esse o motivo pelo qual meu corpo se incendiava de desejo cada vez que as cenas tórridas, protagonizadas por mim e pela Rachel, tomavam conta dos meus pensamentos. Porque lá no fundo, no íntimo do meu ser, eu sabia que o momento de deixá-la para trás estava se aproximando.

E antes que esse dia chegasse e eu precisasse dizer adeus definitivamente, eu estava disposto a fazer uma concessão, passando por cima do meu orgulho, e aceitando-a de volta em minha cama com o maior prazer.

E quando tudo terminasse... seria por decisão minha e não dela.

Irrequieto, eu reduzi a velocidade ao entrar no centro da cidade e consultei meu GPS, buscando por informações sobre o precário local em que Rachel trabalhava atualmente. Segundo as informações encontradas no relatório do Ric, esse era um emprego informal que ela tinha aceitado por estar aparentemente desesperada.

Levei apenas alguns minutos para encontrar o lugar com a ajuda das coordenadas, e assim como calculei, a lanchonete estava a ponto de fechar, o que significava que muito em breve eu a veria sair por aquela porta... Esperei, já sem muita paciência e praticamente xinguei ao ver os primeiros pingos de chuva caírem sobre o vidro escuro do meu carro.

Joinville estava debaixo de um temporal quando saí da cidade e errei ao achar que teria mais sorte ao pegar a estrada, só que infelizmente a tempestade parecia ter decidido me acompanhar até Floripa.

Vinte minutos depois, faltando apenas dez minutos para às seis da tarde, a porta da lanchonete se abriu e uma figura miúda, usando um vestido vinho com avental branco, saiu e logo se viu envolvida pelos pingos da chuva. Eu a reconheci pelo longo rabo de cavalo que balançava conforme ela tentava se decidir se enfrentava ou não a chuva.

Mesmo de longe era possível ver o quanto a minha ratinha tinha emagrecido, e era tão raro vê-la assim, vestida de maneira simples e sem os saltos que eu tanto gostava, que isso a fez parecer exatamente o que ela era. Uma garota no auge da sua juventude e que tinha a mesma idade que a minha irmã. Claro que eu podia ver a ironia disso tudo, porque se fosse o contrário, se fosse a Mariana a estar em uma relação como essa que eu Rachel e eu compartilhávamos, eu seria o primeiro a interferir.

Percebendo que ela havia decidido encarar a chuva, eu saí rapidamente do meu carro e fui em sua direção, fechando a jaqueta de couro que eu tinha por cima da camisa social. Rachel estava de costas para mim, sem nada que pudesse cobri-la enquanto a chuva que caía fazia com que a roupa grudasse em sua pele, acentuando suas deliciosas curvas.

Porra! A lembrança do seu corpo se contorcendo e vibrando, enquanto eu investia nela com uma força animal, me afligi momentaneamente, fazendo-me desejar o prazer quente e úmido que me dominava quando estávamos juntos, e que nenhuma outra mulher era capaz de me dar.

Não era como se eu não tivesse tentado apagar as marcas que ela havia deixado em meu corpo, pensei cheio de amargura ao recordar as inúteis tentativas de repetir com Pierla o desejo violento que só Rachel me fazia sentir.

Inesperadamente, ela pareceu notar que alguém a seguia e apressou seus passos pela estreita calçada. Não tinha um centímetro dela que não estivesse molhada, assim como não havia em mim. Afastei os fios úmidos e grossos de minha testa e caminhei com ferocidade.

Eu não tinha passado três horas na estrada para deixá-la escapar assim, quando eu já quase

podia sentir seu cheiro e gosto...

Um coletivo parou no ponto quando ela acenou para o primeiro ônibus que apareceu, e antes que pudesse dar outro passo eu a alcancei, agarrando seu braço e a puxando para trás.

Rachel estremeceu sob o meu toque, e grunhiu baixinho um doloroso *não* do fundo de sua garganta. Completamente amedrontada, eu a observei se virar e me olhar enquanto sacudia a cabeça em total descrença.

— Ma-Marcos? — Meu nome saiu estremecido de seus lábios carnudos.

— Ah, ratinha... você pensou mesmo que conseguiria fugir de mim?

Obras da autora



ACONTECEU VOCÊ

Série *Aconteceu Você* – Vol. 1

>> [Compre agora com 1-Clique](#) <<

Aconteceu Você conta a história de Helena, uma estudante de dezenove anos que se tornou garota de programa para poder fugir do seu passado. Cansada dos abusos e humilhações que passou na infância, ela acabou descobrindo que essa seria a melhor maneira de se distanciar da sua família e sobreviver.

Do outro lado da cidade está David, um advogado bem-sucedido e ambicioso, que, aos trinta e seis anos, está prestes a assumir o controle de um dos maiores escritórios de advocacia de Londres. Orgulhoso, autoritário e arrogante, David não sabe o que é ser contrariado, por isso quando Helena rejeita a sua estranha proposta, ele promete não deixar por menos e a chantageia, não lhe deixando outra alternativa a não ser ceder.

E mesmo com a atração explosiva entre eles, os dois irão lutar arduamente para não se deixar queimar por todo esse fogo e desejo que os envolve.

David e Helena sabem que é um risco insistir e que, no final, um dos dois sairá perdendo. O que eles ainda não sabem é que já é tarde demais para voltar atrás.



EU PERTENÇO A VOCÊ

Série *Aconteceu Você* – Vol. 2

>> Compre agora com 1-Clique <<

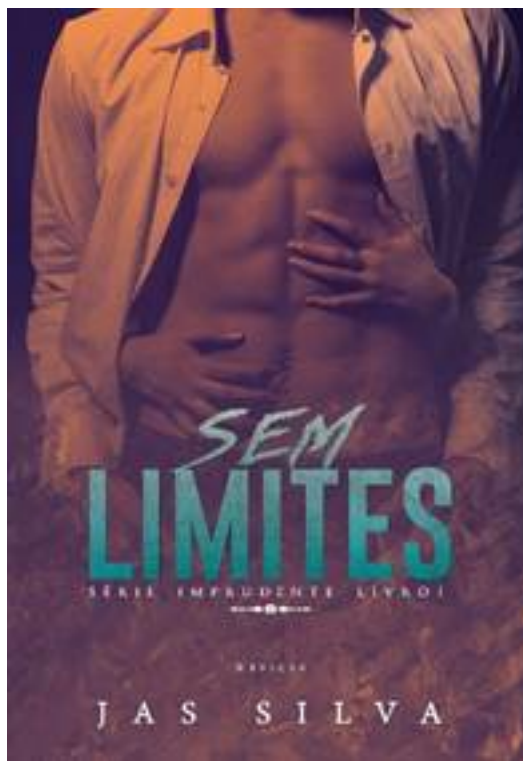
Uma noite é o suficiente para fazer Matheus e Jéssica se envolverem em um acordo fadado ao fracasso.

Matheus é um fotógrafo de 27 anos que foge do estereótipo de CEO poderoso. Porém, não pode negar que é um mulherengo. Dono de um estúdio fotográfico, ele está acostumado a sair com as mais belas modelos e não vê o menor problema nisso. Só que depois de uma única noite com Jéssica, seu controle e suas regras são jogados para o alto e uma paixão avassaladora surge. Matheus se vê envolvido pela *baixinha* teimosa que, por sinal, é sua assistente recém-contratada.

Jéssica é uma garota independente, divertida e muito talentosa. Após sofrer uma grande decepção amorosa, ela decide que está na hora de seguir em frente, mas não esperava terminar a noite na cama do próprio chefe...

Será que Jéssica abrirá seu coração para um novo amor? E Matheus, por trás do seu jeito conquistador, mostrará que pode se tornar um homem apaixonado, intenso e disposto a tudo para proteger a mulher que ama?

“Eu Pertenco a Você” é uma história emocionante que vai te emocionar desde a primeira página. Venha se apaixonar também!



SEM LIMITES

Série *Imprudente* – Vol. 1

>> [Compre agora com 1-Clique](#) <<

O que você faria se, de repente, sua vida virasse de cabeça para baixo?

Bianca teve todo o seu mundinho sacudido após ser desmascarada e, ainda por cima, perder seu namorado em um grave acidente de carro.

Egoísta e irresponsável, ela se vê obrigada a ir morar em Nova Iorque com seu pai, sua madrasta – que ela odeia – e com seu meio-irmão gato, que não a suporta.

Porém, por mais que Bianca tente, ela não consegue se ver livre dos problemas que a perseguem onde quer que vá.

Entre intrigas, traições e um amor não correspondido, essa garota acostumada a ter tudo e todos aos seus pés, irá aprender que no amor e na guerra nem sempre vale tudo...

Biografia

JAS SILVA

JAS SILVA é capixaba e formada em Publicidade e Propaganda pela Universidade Vila Velha (UVV). Apaixonada por séries, cinema clássico e livros, ela se aventurou no mundo literário e se encantou pela escrita. *Aconteceu Você*, seu romance de estreia, foi sucesso no Wattpad e vendeu mais de mil e-books na Amazon. Também publicou *Sem Limites*, o primeiro livro da série *Imprudente*; e *Eu Pertença a Você*, o segundo volume da série *Aconteceu Você*.

Atualmente a escritora está trabalhando na trilogia *Os Montenegro* e acaba de lançar o primeiro livro da série: *Ilusão*, que também teve destaque no Wattpad.

Contato

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

E-mail: jassilva.escritora@gmail.com

Facebook: <https://www.facebook.com/jas.silva.escritora>

Tumblr: <http://jassilvaescritora.tumblr.com/>

Instagram: <https://instagram.com/escritorajassilva/>

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

^[1] Puro-sangue Inglês

Table of Contents

<u>Prólogo</u>
<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Capítulo 22</u>
<u>Capítulo 23</u>
<u>Capítulo 24</u>
<u>Capítulo 25</u>
<u>Capítulo 26</u>
<u>Capítulo 27</u>
<u>Capítulo 28</u>
<u>Capítulo 29</u>
<u>Capítulo 30</u>
<u>Capítulo 31</u>
<u>Capítulo 32</u>
<u>Capítulo 33</u>
<u>Capítulo 34</u>
<u>Capítulo 35</u>
<u>Capítulo 36</u>
<u>Capítulo 37</u>
<u>Capítulo 38</u>
<u>Capítulo 39</u>
<u>Capítulo 40</u>

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Epilogo](#)

[Obras da autora](#)

[Biografia](#)

[Contato](#)

[\[1\]](#)